



IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROZARIO
E SÃO BENEDITO DOS PRETOS DA CAXOEIRA
(DO SUL – RS)
AS ARTES DA DEVOÇÃO AFRO-CATÓLICA

Henrique Melati Pacheco | Paulo Roberto Staudt Moreira
Camille Chies Baldasso | Marina Camilo Haack



A irmandade dos pretos da Caxoeira era prenhe de dores, afetos, recordações, contentamentos, atritos, acolhimentos mediados pela devoção e pelo abraço comunitário, afastamentos e chegadas, boatos sendo ali gestados ou trocados. Quantas agências de escravizados, escravizadas, negros e negras livres, forros e libertas foram ali naquele espaço pensadas e potencializadas. Alforrias, fugas, amizades, compartilhamento de conhecimentos. O orgulho e o gozo das festas, procissões e altares bem compostos, ornados com paixão, sensibilidade e cuidado. O espaço da devoção afro-católica ou do catolicismo africanizado era um nicho imprescindível de afeto, de trabalho coletivo, de trocas variadas, uma face ainda pouco compreendida das experiências afro-diaspóricas. Ali, homens e mulheres negras construía(m) de forma individual e coletivamente “um jeito de estar no mundo” (Toni Morrison, *Compaixão*, 2009, p. 49).

Henrique Melati Pacheco

Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos (2022), com a dissertação “As cores da devoção: um trabalho histórico relacional com as irmandades leigas da Vila da Cachoeira (do Sul – RS, séc. XIX)”. Pai da Helena.
Contato: contatomelati@live.com

Paulo Roberto Staudt Moreira

Professor titular da Unisinos. Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001). Exerceu o cargo de Coordenador do PPGH-Unisinos (2010 a 2014). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 2.
Contato: moreirast@terra.com.br

Camille Chies Baldasso

Mestranda em História pela Unisinos com bolsa CNPq. Durante a graduação foi bolsista FAPERGS vinculada ao projeto de pesquisa “Sob as Bênçãos do Rosário e São Benedito: Ações políticas, identidades, sociabilidades e as artes da resistência (as irmandades de pretos de São Leopoldo e Cachoeira – RS)”.
Contato: camillebaldasso@gmail.com

Marina Camilo Haack

Mestre em História pela Unisinos (2019) com a dissertação “Sobre silhuetas negras: Experiências e agências de mulheres escravizadas (Cachoeira, c. 1850-1888)”. Uma das idealizadoras e coordenadoras do grupo NEFIG – Núcleo de Estudos Feministas Interseccionais e de Gênero. Doutoranda na USP / História Social.
Contato: marina.haack@gmail.com

**Irmandade de Nossa Senhora do
Rozario e São Benedito dos Pretos
da Caxoeira (do Sul – RS)
As artes da devoção afro-católica**

Grupo de Pesquisa Malung@s (irmandades)

Camille Chies Baldasso
Giane Caroline Flores
Giovana de Oliveira Silva
Henrique Melati Pacheco
Isabella Marini Horst
Luana Batista Amaral
Lucas Eduardo Müller Silva
Marina Camilo Haack
Matheus Jacoby
Michele dos Santos
Mônica Yumi Makiyama
Paulo Roberto Staudt Moreira
Priscilla Almaleh
Samile Ritter Ribeiro de Mello
Vinicius Furquim de Almeida

**Henrique Melati Pacheco
Paulo Roberto Staudt Moreira
Camille Chies Baldasso
Marina Camilo Haack**

**Irmandade de Nossa Senhora do
Rozario e São Benedito dos Pretos
da Caxoeira (do Sul – RS)**
As artes da devoção afro-católica

E-book



São Leopoldo
2022

© Dos autores – 2022

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da capa: Foto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul

Revisão final: Paulo Roberto Staudt Moreira

Diagramação e arte-final: Jair de O. Carlos

Impressão: Allprint

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Bolsista de Produtividade CNPq)

Marluza M. Harres (Unisinós)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Centro Universitário São Camilo)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

169 Irmandade de Nossa Senhora do Rosario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul – RS): as artes da devoção afro-católica. E-book. / Henrique Melati Pacheco, Paulo Roberto Staudt Moreira, Camille Chies Baldasso e Marina Camilo Haack– São Leopoldo: Oikos, 2022.

579 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-5974-105-2

1. História – Rio Grande do Sul – Associação Religiosa. 2. Religiosidade popular. 3. Escravidão. 4. Irmandade de Nossa Senhora do Rosario. 5. Irmandade São Benedito dos Pretos. I. Pacheco, Henrique Melati. II. Moreira, Paulo Roberto Staudt. III. Baldasso, Camille Chies. IV. Haack, Marina Camilo.

CDU 981.652

Catalogação na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Toda Maria tem outro nome,
porque Maria não é nome, é sinônimo de mulher.
(Paulina Chiziane. *Alegre Canto da Perdiz*. 2018, p. 16).

Em geral, quando pessoas falam sobre a “força” de mulheres negras, referem-se à maneira como percebem que mulheres negras lidam com a opressão. Ignoram a realidade de que ser forte diante da opressão não é o mesmo que superá-la, que resistência não deve ser confundida com transformação.
(bell hooks. *E Eu não sou uma Mulher?* 2019, p. 25).

Entender os outros não é uma tarefa que comece nos outros.
O início somos sempre nós mesmos, a pessoa em que acordamos nesse dia. Entender os outros é uma tarefa que nunca nos dispensa. Ser os outros é uma ilusão. Quando estamos lá, a ver aquilo que os outros vem, a sentir na pele a aragem que outros sentem, somos sempre nós próprios, são os nossos olhos, é a nossa pele. Não somos nós a sermos os outros, somos nós a sermos nós. Nós nunca somos os outros.
Podemos entendê-los, que é o mesmo que dizer: podemos acreditar que os entendemos. Os outros até podem garantir que estamos a entendê-los. Mas essa será sempre uma fé. Aquilo que entendemos está fechado em nós. Aquilo que procuramos entender está fechado nos outros.
(José Luiz Peixoto. *Em teu ventre*. 2017, p. 39).

SUMÁRIO

Abreviaturas	8
De Sororidades e Dororidades	9
Escrivães e tesoueiros do Rosário dos Pretos da Caxoeira	22
Marco José do Canto	27
Velocino de Araújo Bastos	27
José Agostinho Ferreira (1888/1889)	40
João Alberto Xavier, o primeiro tesoureiro	42
Estevão Cândido de Carvalho	50
Gonçalo Teixeira de Carvalho, o senhor do Rei Miguel	55
Os Peixoto de Oliveira: Narciso e Antônio	62
Joaquim dos Santos Xavier Marmello	65
Manoel Homem de Oliveira, o irmão do padre	70
Francisco Rodrigues Trilha, um pardo tesoureiro	77
Rafael Pinto Bandeira, em dívida com o preto Mathias da Silva	83
Iziquiel da Cunha, preto, baiano, pedreiro, devoto	92
Os escravizadores do baiano Iziquiel	103
“Por se achar em lugar suspeito, depois do sinal de silêncio”: o batuqueiro baiano Manoel Valentim	112
O Consistório, o pátio, o arquivo e as escrituras dos Pretos do Rosário	117
O arquivo dos pretos da Cachoeira	125
Os Capitães do Mastro	137
Adão [Custódio Leal]	140
Torquato Correia de Oliveira (1873)	142
Os Gomes de Oliveira (1829 e 1848)	142
Manoel Vicente Ramos (1870)	145
O capitão do mastro Manoel (1853)	146
O africano caçanje Antônio Monteiro (1828)	147
O capitão do mastro Domingos (1860)	155
O carpinteiro Inocêncio da Silva Prado (1871)	159
O carpinteiro João Mathias (1872)	162
O carpinteiro João (1830)	163

Januário (1851)	163
Os devotos africanos Pedro & Rogério	165
As Receitas & Despesas dos Pretos da Cachoeira	181
Conclusão ou “Superstição é a religião do outro”	262

Anexos

Anexo 1 – Quicumbi. Uma dança secular afro-rio-grandense revivida em uma localidade do interior do município de Taquari (Fotos e Texto de J. C. Paixão Cortes)	275
Anexo 2 – Livro 2º de Receita e Despesa da Irmandade de N. S. do Rosário desta Vila de Cachoeira (1834/1863)	281
Anexo 3 – Livro 3º de Receita e Despesa da Irmandade de N. S. do Rosário desta Vila de Cachoeira (1863/1875)	463
Referências	560

ABREVIATURAS

[a] – Assinatura

AHCMCS – Arquivo da Cúria Metropolitana de Cachoeira do Sul

AHCS – Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul

AHCMPSA – Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre

AHRS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

ANRJ – Arquivo Nacional – Rio de Janeiro

APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

CHC-SCMPA – Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre

FN – Filh@ natural;

FL – Filh@ legítimo;

N. do E. – Nota do Editor

PNSCCS – Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira do Sul

DE SORORIDADES E DORORIDADES

A vila Nova de São João da Cachoeira deve ter se imobilizado e sua população silenciado, naquela cálida terça-feira, para ouvir e ver o suplício do preto Tibúrcio. Aos 17 dias do mês de novembro de 1857, o Doutor Juiz Municipal Júlio Armando de Castro, acompanhado do escrivão de órfãos Estevão Cândido de Carvalho, foi até a cadeia de justiça municipal e lá comunicou que, no dia anterior, fora intimada a sentença “que condenou a sofrer a pena de morte ao réu Tibúrcio, escravo de Clarimundo José Pinto”¹.

Segundo o que determinava o Código Criminal do Império, a pena de morte era *dada na forca*, e o réu “com o seu vestido ordinario, e preso” deveria ser conduzido “pelas ruas mais publicas”, acompanhado da autoridade judiciária, do escrivão e “da força militar, que se requisitar”. O enforcamento deveria ser efetivado no dia seguinte à intimação, mas nunca na “vespera de domingo, dia santo, ou de festa nacional”. Até a pena de morte requeria certo pudor e, por isso, “na mulher prenhe não se executará a pena de morte, nem mesmo ella será julgada, em caso de a merecer, senão quarenta dias depois do parto”. O preto Tibúrcio era um homem de 31 anos de idade, solteiro, nascido nessa mesma província sulina, trabalhador rural que, segundo ele, vivia “do trabalho que por seu senhor lhe [era] é dado para fazer”².

O “funesto sucesso” que levou Tibúrcio ao cadafalso ocorreu na tarde do dia 12 de setembro de 1855 na fazenda da Boa Vista, pertencente ao capitão e subdelegado de polícia Olivério Antônio de Ataídes no distrito do Pau Fincado, 5º distrito de Cachoeira do Sul. Às 14 horas daquele dia estavam trabalhando, a umas 2 quadras da casa senhorial, três cativos de Clarimundo José Pinto – os crioulos Tibúrcio e Basílio (22 anos, solteiro) e o *cabra* Jerônimo –, ocupados em serviço de roça, na *capina* e “preparação da terra para cultura”. Os três parceiros trabalhavam juntos, e Jerônimo atuava como capataz, quando uma discussão entre ele e Tibúrcio tumultuou os

¹ ANRJ – Série Justiça – Gabinete do Ministro – IJ1581 – Ofícios da Presidência da Província do RGS dirigidos ao Ministério dos Negócios da Justiça – 1857, ofício nº 51, de 12.12.1857, do presidente da província Ângelo Muniz da Silva Ferraz para o Conselheiro Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, Ministro e Secretário de estado dos Negócios da Justiça.

² APERS – Cartório Civil e Crime de Cachoeira, Tribunal do Júri, Processo nº 3015, réu: Tibúrcio; autora: a Justiça.

ânicos. As enxadas deixaram de ser instrumentos de trabalho e passaram a ser armas mortais. Caindo Jerônimo ao chão, Tibúrcio atacou-o com uma faca que trazia na cintura, a qual foi segura desesperadamente pela lâmina pelo capataz. Aquele impasse foi resolvido quando Tibúrcio retirou da cintura de Jerônimo uma faca que ele também trazia e a cravou duas vezes no desafeto, uma diretamente no coração e outra logo abaixo da costela, fugindo logo em seguida.

O inspetor do primeiro quarteirão daquele distrito, José Bernardino Braga, que chegou primeiro ao local do infortúnio, ficou chocado com o ocorrido. Segundo seu ofício, Jerônimo morreu instantaneamente, mas Tibúrcio, levando “sua sede de sangue ao ponto de, depois de se ter evadido” voltar à casa de seu senhor e também “faquear” Basílio. Afinal, o assassino “entendeu que seria preciso mais sangue para poder ser contado na lista dos malvados”. Ou seja, ao anoitecer, o corpo de Jerônimo estava sendo velado na sede da propriedade em um quarto ao lado da cozinha por dois parceiros escravizados, o africano Marçal (35 anos) e Basílio, mais a *china* ou *indiática* Leonor Cardosa (30 anos, solteira, dessa província), descrita como *assalariada* e que disse em seu depoimento *viver de seu salário*. Basílio estava encostado na porta, olhando para dentro do recinto, quando foi atacado por Tibúrcio, não sendo morto por mover-se rapidamente e receber *apenas* uma facada no quadril direito.

A assalariada *china* Leonor estava na casa de seu patrão naquela tarde fatídica, quando Basílio chegou contando da briga entre os parceiros e da cena de sangue que presenciara. Pelo jeito, Basílio fugiu, receoso por sua vida, sem ao menos tentar dar atendimento a Jerônimo. Leonor, então, partiu com a maior pressa para o local, mas já encontrou o capataz morto, esvaído em sangue. O africano Marçal chegou apenas de noite na casa senhorial e foi acompanhar o velório; assim, é provável que Leonor tenha se responsabilizado por trazer o cadáver para casa, velá-lo e providenciar o enterro em um cemitério que ficava em terras do vizinho Ricardo de Souza, onde depois o cadáver foi exumado e um auto de corpo de delito feito. Mais um caso de como o *cuidado* acabava recaindo sob a responsabilidade de mulheres não brancas, no caso uma *indiática*, que, além de seus afazeres laborais diários, desempenhava várias tarefas, entre elas ministrar curativos e organizar o luto pela perda dos trabalhadores – livres e escravizados – da casa.³

³ O inventário post-mortem do capitão Clarimundo José Pinto correu pelo Cartório de Órfãos e Ausentes de Santa Maria em 1866 com sua viúva Maria Helena da Fontoura Pinto atuando

Voltando ao dia 17 do mês de novembro de 1857, notamos que as autoridades seguiram com precisão a cartilha do que determinavam as regras judiciárias a respeito do ritual político de imposição e afirmação da autoridade imperial através dos corpos negros. Acostumado ao trabalho no campo, Tibúrcio deveria sentir-se estranho e incomodado na cela estreita da cadeia municipal. Talvez tenha gozado certo alívio quando saiu da prisão e, mesmo acorrentado, sentiu o sol acalentando o seu corpo e, um pouco incomodado, percebeu a quantidade de pessoas que o aguardavam do lado de fora. Além das autoridades judiciárias e da guarda policial, 30 homens da Guarda Nacional tinham sido convocados especialmente para aquele ritual. Tibúrcio e sua comitiva, então, seguiram pela rua dos Paulistas em direção à Igreja Matriz, “precedidos pelo pregoeiro Ciriaco Bento Barboza, que em altas vozes publicava a sentença que se hia executar”.

A montagem do cenário da execução de Tibúrcio começou com bastante antecedência. Onze dias antes, em 6 de novembro, a Câmara Municipal de Cachoeira passou portaria autorizando o seu procurador Joaquim Gomes de Carvalho a despender as despesas necessárias – “para fazer levantar a forca no lugar de costume nesta vila, logo que chegue de Porto Alegre o condenado escravo Tibúrcio, que tem de ser aqui executado”. Ele então comprou 10 varas de corda de linho a 160 réis cada de Felisbino Inácio Soares, pagou cinco mil réis ao carrasco Domingos Pereira, 18\$ para Rafael Pinto Bandeira armar e desarmar a forca, 4\$ para o serviço dos serventes, 1\$ de um pedaço de ferro para a forca, 1\$ de ½ tábua para composição da escada. Em 12 de novembro, o juiz Júlio Armando atestou:

[...] a impossibilidade em que se acha o Carrasco que tem de executar o preto Tibúrcio, de suportar as algemas nos braços, os quais se acham bastante inflamados, autorizo o carcereiro da cadeia pública desta vila a comprar

como inventariante. Ele era filho de Dona Ricarda Gomes dos Santos e Constantino José Pinto e deixou uma fazenda na margem direita do arroio Sarandi, 2º distrito de Santa Maria, assim como terras em Itaqui, além de centenas de cabeças de gado. Foram listados nove trabalhadores e trabalhadoras escravizadas e entre eles ainda constava o crioulo Basílio, com 40 anos de idade, um dos mais valorizados cativos daquela unidade rural. O subdelegado e capitão Olivério Antônio Ataídes, que investigou o caso funesto de 1855, ainda continuava ligado à família e, ostentando a patente de Major, devia ao falecido a quantia de 1:600\$ réis (APERS – Cartório de Órfãos e Ausentes de Santa Maria, Inventário nº 66). Olivério casou em 21.05.1834 na matriz da Cachoeira, pelas 9 horas da noite, com Joaquina Gomes de Oliveira. A noiva era filha legítima de Constantino José Pinto, falecido, e Ricarda Gomes dos Santos. Olivério era filho natural de Guilherme Antônio de Ataídes e de mãe incógnita (AHCMCS – Livro 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul, folha 91v).

uns grilhões para os pés do referido Carrasco, pagando o cofre municipal a despesa com as mesmas feita. Cachoeira, 12 de novembro de 1857.

Carrasco e condenado deveriam compartilhar por algum tempo as mesmas algemas e grilhões como medida de segurança, e como o carrasco era já um senhor idoso, os seus incômodos de saúde oneraram os cofres municipais em 16 mil reis, “importe dos grilhões e despesa de pô-los e tirar do carrasco”, pagos ao carcereiro Claudino Fortunato.

Finalmente, mesmo que o enterro de Tibúrcio devesse ser sem pompa, ele teria que ser conduzido ao túmulo de alguma forma. Assim, a Câmara ainda desembolsou 4 mil réis, pagos ao procurador da Irmandade do Rosário dos Pretos da Cachoeira, Rafael Pinto Bandeira, do aluguel do esquife para conduzir “o corpo do penitente”. Mesmo Tibúrcio não estando matriculado na irmandade, parece-nos ter havido algum tipo de solidariedade dos devotos e devotas do Rosário e São Benedito com seu infortúnio.⁴

No quesito da anunciação do enforcamento e do motivo para o mesmo, o Código Criminal estipulava que “ao acompanhamento precederá o Porteiro, lendo em voz alta a sentença, que se fôr executar”. Mesmo nesse detalhe, as autoridades de Cachoeira agiram corretamente, já que Ciriaco aparece como Porteiro dos Auditórios do município desde pelo menos 1840, e nas sessões do Tribunal que julgou os assassinos do Comendador Vicente da Fontoura em 1861 ele aparece tocando o sino como Porteiro do Júri.⁵ Como se olharam e que sentimentos ligaram aqueles dois homens não temos condições de imaginar, mas ambos eram negros e egressos do cativoiro: um pela morte que o esperava e outro pela alforria.⁶ Nonagenário, Ciriaco piscou seus olhos pela última vez naquela mesma cidade da Cachoeira aos 16 dias de abril de 1879, e o padre Marcolino da Maia Firmo anotou que ele era africano, preto e liberto.⁷ Quando bosquejamos os docu-

⁴ AHCS – Registro Geral da Câmara Municipal de Cachoeira do Sul, livro 2, folhas 178v e 179. O tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila da Cachoeira, Estevão Cândido de Carvalho, registrou a entrada desses 4 mil réis em 28 de outubro daquele ano de 1857, sem especificar para quem foi usado esse importante equipamento – “Outubro, 28. Idem. Idem de Aluguer de um Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000”.

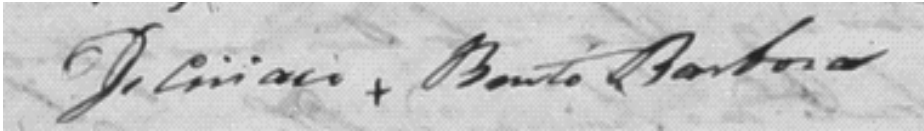
⁵ AHCS – Atas das Irmandades conjuntas do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição; MOREIRA; RIBEIRO; MUGGE, 2016.

⁶ Em 6 de março de 1856, meses antes da reunião do júri que condenaria Tibúrcio a morte, o fazendeiro Clarimundo oficiou ao subdelegado avisando que ele *desistia do direito* que tinha naquele escravizado, entregando-o para a punição da justiça. Acreditamos que isso correspondia a uma alforria; assim, Tibúrcio foi enforcado já livre do cativoiro.

⁷ AHCMCS – Livro 6 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1873 a 1886), folha 41.

mentos do oitocentos, percebemos a todo momento encontros como esse, verdadeiras encruzilhadas de vidas afro-diaspóricas.

Assinatura do africano liberto Ciriaco Bento Barbosa



Das calçadas e janelas pessoas miravam curiosas e contritas o cortejo que passava. Algumas foram atraídas pelo tropel dos cavalos, outras foram distraídas de seus afazeres diários pelos gritos do velho pregoeiro. Tibúrcio comportava-se como? Caminhava acorrentado e conformado pela vida que em breve se extinguiria? Pensava em seus afetos e nas pessoas que não reencontraria mais em vida? Olhava de soslaio os becos da cidade, pensando em suas frágeis opções de fuga, que redundariam em um mergulho no rio Jacuí? Fosse o seu caminhar irresoluto ou vacilante, era uma vida negra que se desvanecia no triste cenário da escravidão racializada moderna.

A Guarda Nacional e a força policial, representando a majestade imperial e precavendo qualquer ato de solidariedade para com a vítima da justiça dos brancos, intimidavam e intimidavam as pessoas a desobstruir a rua. Pelo trajeto Tibúrcio ouvia como uma algaravia a insistência do pregoeiro e, aos poucos, nem mais percebia com nitidez o que era dito. No rosto das pessoas ele percebia uma mistura desordenada de impressões e sentimentos. Ele se intimidava em atrair tanta atenção e se mirava nos rostos que o viam passar: nuns via a raiva e o medo, o reflexo do medo do negro violento e assassino⁸. Em outros, a mágoa, o pesar, a solidariedade.

Conforme a certidão da execução da pena, redigida pelo escrivão e remetido à autoridade máxima da província sulina e desse ao Ministro da Justiça, o condenado assistiu à missa na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição no centro da vila, “até tocar a Santos”, depois do que o cortejo seguiu até a rua dos Louretos, onde se achava colocada a forca, “que nesse dia se havia levantado na Praça do Pelourinho”. Após a missa, o condenado passou a ser acompanhado em sua derradeira caminhada pelo Reverendo Coadjutor Antônio Homem de Oliveira, “que exortava o Reo a sofrer a

⁸ Recomendamos o capítulo 11 (Estupro, Racismo e o Mito do Estuprador Negro) do livro de Ângela Davis (2016) e o livro *Onda Negra, Medo Branco*, da historiadora Célia Azevedo (1987).

morte com resignação, como Christão que era”. A força não permanecia exposta diuturnamente no centro das vilas imperiais; era *levantada* quando necessário, já que a sua materialidade projetava uma representação do poder que poderia ser interpretada como despotismo ou vingança racializada, gerando ódio e não respeito pela autoridade. O cenário do supliciamiento era operacionalmente montado, sendo mesmo o corpo dos enforcados entregue a “seus parentes, ou amigos, se os pedirem aos Juizes que presidirem á execução; mas não poderão enterral-os com pompa, sob pena de prisão por um mez á um anno”. Essa censura à *pompa* funerária traz embutida uma firme percepção da importância dos rituais fúnebres naquela sociedade.⁹

A certidão da execução da sentença de morte de Tibúrcio é sucinta e não nos diz se ele se pronunciou em algum momento, seja na cadeia, ouvindo a leitura da derradeira intimação da pena, durante a caminhada na *via mais pública* da vila, na missa, andando com o padre ou já no cadafalso. Se confissões, lembranças, demonstrações de raiva, palavras de arrependimento foram pronunciadas, nada disso foi registrado. O que sabemos é que o juiz mandou que o africano pregoeiro, novamente e pela última vez, alardeasse a sentença e logo depois ordenou que o carrasco Domingos Pereira cumprisse o seu ofício, encerrando a sina daquele homem negro.¹⁰ Com as mãos amarradas às costas e com a cabeça coberta por um saco de pano, Tibúrcio sentiu quando o cadafalso foi aberto e seu corpo ficou suspenso no ar. Até que a falta de oxigênio trouxesse o alívio da inconsciência e a morte, os esgares do enforcado devem ter sido ouvidos por breves instantes naquela praça, gerando uma impressão geral de mau agouro. Os ecos daqueles gemi-

⁹ Sobre a pena de morte no Brasil, ver: AL-ALAM, 2008 e 2013; ETCHEVERRIA, 2000; FRANCO, 2002; PIROLA, 2013; RIBEIRO, 2005. Recomendamos também FOUCAULT, 1988.

¹⁰ Na *Acta de Resolução acerca do Seminterio, de 21.10.1827*, que analisaremos adiante e que está registrada entre as escrituras da irmandade dos pretos da Cachoeira, consta a presença de um Domingos Pereira. Temos também o registro do cumprimento da sentença de morte em Cachoeira do escravizado Noé, do Tenente Coronel Joaquim Severo Fialho. Em um posto da fazenda do Tenente Coronel Joaquim Severo Fialho, em setembro de 1849, onde alguns trabalhadores escravizados *costeavam* o gado, foi assassinado a facadas o capataz João de Moraes. Foi acusado e condenado como autor do crime o moçambicano Noé, com 30 anos de idade, o qual assumiu o crime, alegando que o capataz o acusava injustamente de ter carneado uma vaca do seu senhor e pretendia castigá-lo uma segunda vez pelo roubo. O africano Noé foi batizado em Cachoeira em 19.04.1829, aos 12 anos de idade, e teve como padrinho o preto baiano e liberto Izaquiel da Cunha (APERS – Cartório Civil e Crime de Cachoeira do Sul, Comarca de Rio Pardo, Tribunal do Júri, 1849, processo nº 2944, autora: a Justiça, réu: Noé; AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul; ANRJ – Série Justiça – Gabinete do Ministro – IJ1581 – Ofícios da Presidência da Província do RGS dirigidos ao Ministério dos Negócios da Justiça, ofício nº 50, de 10.06.1851).

dos devem ter ressonado nas mentes dos que os ouviram por muito tempo e, talvez atualmente, quando as noites de Cachoeira forem bem quietas, ainda se possa escutar aquelas lamúrias de dor e denúncia.

O padre Antônio Homem de Oliveira e o supliciado preto Tibúrcio já se conheciam. Não sabemos quantas missas o agora finado assistiu naquela igreja, mas muito anos atrás Homem de Oliveira ministrou sacramento em uma cerimônia em que Tibúrcio estivera presente. Isso foi em 13 de dezembro de 1844, quando foi levada até a pia batismal a crioula Carlota, nascida em 4 de novembro daquele mesmo ano, do ventre escravizado de Vitória. O escravizador daquela mãe era Joaquim Correia de Oliveira, e o pai da inocente, mesmo que estivesse presente, foi descrito na anotação eclesiástica como *incógnito*, já que aquela criança não era fruto de uma relação consagrada pela Igreja Católica. Tibúrcio compareceu no importante papel de padrinho ao lado da madrinha Catarina, ele escravizado de Clarimundo e ela do mesmo senhor da mãe e da criança então batizada.¹¹

Os passos do ritual ou processo de execução da pena capital encontram-se estipulados no Título II do Código Criminal de 16 de dezembro de 1830 no seu capítulo I, intitulado “Da Qualidade das Penas, e da Maneira como se hão de Impor, e Cumprir” (artigos 38 a 43). Mas nesses dispositivos legais não se cita a participação do condenado em missas e mesmo a presença de padres. Já as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, editadas em 1707, em seu título XXV (90) mandavam que “aos condenados à morte por justiça se administre o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, ao menos um dia natural antes de padecerem, tendo-se antes confessado, como se requer” (VIDE, 2010, p. 167). Como vimos e consta na certidão redigida pelo escrivão de órfãos Estevão Cândido de Carvalho, Tibúrcio assistiu à missa “até tocar a Santos” e depois saiu da igreja, seguindo para seu derradeiro destino. A expressão refere-se ao toque da campanha pelo sacristão, anunciando a consagração pelo padre da hóstia e do cálice, corpo e sangue de Cristo, o *augustíssimo sacramento da Eucaristia*:

[...] instituído como um sustento e manjar espiritual com que se alimentam
nossas almas, obra nelas, falando com proporção, aqueles efeitos que em

¹¹ AHCMCS – Livro 2º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul – 1847/1852. No momento do batismo foi registrada a doação de Catarina para a filha do senhor, Ricarda Maria de Oliveira. Em 16 de janeiro de 1836, mas registrada em cartório apenas em 15.03.1853, Clarimundo José Pinto emitiu uma carta de alforria para a parda Rufina com 36 anos de idade, recebida de herança de sua mãe, por dela receber a quantia de 256 mil réis (APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 6º de Transmissões e Notas, folha 64).

nós costuma causar o sustento dos corpos: acrescenta a vida espiritual da alma e a sustenta e conforta; aviva a fé, alenta a esperança, dá novos fervores à caridade, reprime os vícios e apetites desordenados, diminui as tentações e, por seu modo, preserva de pecados e tem outros inumeráveis efeitos, que expendem os Santos Padres (VIDE, 2010, p. 163/164).

Ao que parece, Tibúrcio abandona a igreja naquele momento, antes, portanto, do ritual de compartilhamento da comunhão. Não teria ele participado, então, daquele sacramento que “entre todos é o mais excelente, divino e soberano, pois não só contém a graça, como os mais sacramentos, mas encerra em si real e verdadeiramente o autor da mesma graça e instituidor de todos os sacramentos”? (VIDE, 2010, p. 162). As Constituições Primeiras chamam a atenção de que as almas que receberem a comunhão devem chegar *dignamente dispostas*, “com a consciência pura e limpa de todo o pecado mortal” (VIDE, 2010, p. 164). O que nos alerta que talvez Tibúrcio tenha se negado a confessar, não se arrependendo de seus pecados e, principalmente, do crime que o levou ao cadafalso. Isso torna ainda mais forte nossa curiosidade em saber o que ele e o padre Homem de Oliveira conversaram, se foi um monólogo teológico ou um diálogo, naquela derradeira caminhada daquele homem negro ao cadafalso.

Tibúrcio permaneceu 10 dias foragido após supostamente matar Jerônimo e ferir Basílio, apresentando-se apenas em 22 de setembro de 1855 na fazenda do Capitão João David de Medeiros, onde apadrinhou-se e lá foi preso pelo subdelegado, sendo desarmado de uma faca grande que trazia, considerada a arma do crime. Óbvio que um homem negro escravizado, ao qual fosse imputado um crime qualquer (principalmente de assassinato), sofreria maus-tratos quando de sua prisão, sendo amarrado, surrado, torturado. Isso talvez explique por que ele acompanhou os depoimentos das testemunhas, sempre evitando contestá-las, apático, alegando que diziam a verdade quando o apontavam como criminoso.

Mas na sessão do tribunal do júri na Casa da Câmara da Cachoeira em 19 de julho de 1856, ele mudou de comportamento. Tibúrcio talvez estivesse desgastado com a prisão e os maus-tratos e depôs dizendo que não sabia a sua própria idade nem há quanto tempo vivia naquele distrito do Pau Fincado (antes relatara que ali morava há cinco anos). Disse ao juiz que não sabia do que era acusado nem conhecia as testemunhas, as quais teriam sido *compradas a dinheiro* para o acusar. Quanto ao momento do crime, contou que estava na roça e que Jerônimo começou a *ralhar* com ele sem motivo e tentou agredi-lo com uma enxada, correndo atrás dele e cain-

do sobre uns paus, onde se *lastimou*. Quanto ao parceiro Basílio, nega tê-lo ferido nem reconhece a faca que lhe apresentam.

O júri, composto de homens brancos e provavelmente a maioria de escravistas, decidiu por unanimidade que Tibúrcio era culpado, e o juiz emitiu a pena de morte. O pedido de graças que subiu ao imperador não sensibilizou ninguém e, como vimos, a pena de morte foi executada. Quem sabe, Tibúrcio estava com a sua saúde mental abalada ou talvez na prisão tenha decidido não participar daquele teatro, montado por uma sociedade que o tratou (e a sua família) a vida inteira como uma mercadoria e que agora o julgava como um homem, consciente e responsável, pelo crime que cometeu. Não poderia esquivar-se completamente a ser um ator daquele cenário judiciário, mas se furtou a fazer a confissão e com isso repudiou a comunhão que lhe ofereciam. Concluindo, mesmo que o esquife do Rosário tenha conduzido o cadáver do preto Tibúrcio, não sabemos onde ele foi enterrado, pois seu óbito não aparece no livro eclesiástico correspondente ao período de sua morte, que seria o livro 3º, que abarca o período de 1827 a 1860.

* * * * *

Sororidades e dororidades são noções que transversalizam as experiências plurais das devoções dos pretos da Caxoeira. Faces da mesma moeda, lâminas duplas do mesmo machado.¹²

Optamos por começar este livro pelo suplicio do preto Tibúrcio justamente por exteriorizar a violência praticada nos e através dos corpos negros escravizados. Além disso, nossa ficção controlada historicamente¹³ buscou especular sobre os sentimentos presentes naquele ato de extrema crueldade, acontecido no centro em um dia da semana e em horário comercial de uma vila razoavelmente populosa pelos padrões oitocentistas sulinos.

Notemos os vários espaços conectados pela descrição acima o campo, a cadeia, o tribunal, as ruas mais públicas da cidade, a igreja, a praça, o cadafalso. Imaginemos o momentâneo estardalhaço com a chegada daquele numeroso grupo na igreja da Conceição. Talvez tenham sido recepcionados pelo padre Homem de Oliveira, o qual teria certamente pedido recato,

¹² Segundo Vila Piedade (2017, p. 16), sororidade e dororidade são conceitos interligados: “um conceito parece precisar do outro. Um contém o outro. Assim como o barulho contém o silêncio. Dororidade, pois, contém as sobras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo. E essa dor é preta”.

¹³ Sobre exercícios de imaginação histórica, ver: GINZBURG, 1989, 1991, 1993, 2007.

silêncio e respeito, para que a missa não fosse prejudicada e que os habituais crentes não fossem perturbados em suas rezas. Isso antes do padre iniciar o culto, que na época era ministrado em latim e com o sacerdote de costas para o público.¹⁴ Talvez Tibúrcio tenha sido desacorrentado para seguir os rituais de genuflexão necessários, vigiado constantemente pela força pública, que não o deve ter abandonado nem naquele momento de devoção. O idoso africano Ciriaco, o porteiro-pregoeiro, deve ter também assistido à missa, um pouco a distância do condenado, quem sabe trocando com ele ocasionais olhares de acolhimento e compreensão mútua.

Aquele templo católico era um ponto nodal (não o único) das devoções afro-diaspóricas locais. Alguns dos devotos habituais ali presentes naquela última missa do campeiro Tibúrcio provavelmente eram irmãos de devoção da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da vila da Cachoeira. É a esse núcleo de associativismo negro religioso que dirigiremos nossas atenções daqui para a frente. Quem sabe Ciriaco Bento Barbosa não deu uma escapada discreta até o consistório da irmandade dos pretos para saber das novidades, ajoelhando-se brevemente no altar de Nossa Senhora do Rosário para pedir proteção para si, familiares e amigos.

Tibúrcio era um trabalhador de campo¹⁵, e isso denuncia o caráter fortemente rural daquela vila, cenário das devoções que trataremos neste livro. Isso fica evidente no relatório com que o Presidente da Província Cansansão de Sinimbu abriu a Assembleia Legislativa provincial em 1854:

Município da Cachoeira. A criação de gado é a principal indústria desse Município, que a exporta em parte para as charqueadas do Triunfo e a maior quantidade para Pelotas. A cultura do trigo é limitada e as colheitas muito escassas. No rincão de São Pedro, cujas terras são férteis, cultivava-se também a mandioca, cuja farinha é exportada para Alegrete e outros pontos da Fronteira.

O comércio principal do termo da Cachoeira é com esta capital, donde são remetidas todas as mercadorias importadas, parte das quais se distribuem no mesmo Termo, e outras vão pela nova picada do Botucaraí para o município da Cruz Alta e fronteira da nova Província do Paraná; o sal é o ramo que mais alimenta esse comércio do interior, em troca do qual trazem as tropas a erva-mate e os produtos do gado. O comércio para esta capital faz-se por meio de canoas que vêm Jacuí abaixo conduzindo de 600 a 700 arrobas: e o maior obstáculo que se oferece a essa navegação são as numerosas cachoeiras que existem no Jacuí entre Rio Pardo e a mesma vila, conhecidas pelo nome

¹⁴ Agradecemos à habitual generosidade do historiador S. J. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues em compartilhar os seus conhecimentos históricos e teológicos conosco.

¹⁵ Sobre os campeiros: FARINATTI, 2010; OSÓRIO, 2007; MATHEUS, 2021 e 2012.

de D. Marcos, Comprida, Vellozo, Negra, Almas e Fandango. Um exame nessas cachoeiras no maior abatimento das águas é trabalho importante, e que esta Presidência se reserva mandar fazer no presente verão.

Uma ponte (já decretada) no passo do Rufino sobre o Santa Bárbara, e outra no São Sepé, em lugar já explorado pelo Engenheiro Messa, são muito necessárias para o trânsito de São Gabriel, e outra no arroio das Palmas muito conveniente para o trânsito de Caçapava.

Neste Termo existem terras devolutas nas fraldas da Serra Geral distante da Vila 8 a 9 léguas, e no lugar do Serro Agudo, mui próximas do Jacuí, ricas de madeira de construção que no inverno podem descer pelo mesmo Jacuí. Além dessas há também terras devolutas sobre a estrada que conduz a Cruz Alta, nas quais tem a Câmara da Cachoeira o patrimônio de uma légua, concedido pelo Alvará de sua criação, que nunca fez demarcar por falta de meios¹⁶.

Como se perceberá nas páginas seguintes e foi tratado no livro anterior que escrevemos a respeito da irmandade dos pretos da Cachoeira¹⁷, essa vila não se diferenciava das demais do período. Tratava-se de uma localidade fortemente escravista e plurirracial, cujas elites resistiram bravamente aos avanços do abolicionismo, mesmo em sua face mais gradualista.

Quando da proclamação da chamada Lei do Ventre Livre em 28 de setembro de 1871, por exemplo, o jornal do Partido Liberal *A Reforma* publicou um artigo vindo de Cachoeira mostrando desagrado com aquela medida legislativa (BAKOS, 1982, p. 53), destacando dois pontos básicos. Um deles era a legalização do pecúlio por parte dos escravizados e escravizadas, pois incitaria ao roubo, decorrendo disso o “pronto depreciamento da escravatura e da fortuna particular”. O outro ponto referia-se ao cessamento da prestação de serviços dos ingênuos antes do prazo estipulado dos 21 anos: “Se, por sentença do Juiz, reconhecer-se que os senhores das mãos os maltratam, infligindo lhes castigos excessivos ou faltando à obrigação de os criar e tratar”. Segundo os liberais oitocentistas, isso prejudicaria os escravistas, já que não haveria problemas em “fazer-se uma denúncia de que tal ingênuo é maltratado para que a pessoa que o tem em locação seja autuada e enfrente testemunhas que, na maior parte das vezes, sairão de suas próprias cozinhas, autorizando assim o desrespeito dos escravos e uma completa luta entre estes e seus senhores, dando em resultado final a anarquia

¹⁶ AHRS – A.7.03 – Relatório do Presidente da Província João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 2 de outubro de 1854.

¹⁷ PACHECO, Henrique Melatti; MOREIRA, Paulo; HAACK, Marina. *Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul – RS)*. (In)visibilidade negra, devoção, memória e as artes da resistência. São Leopoldo: Oikos, 2020.

no seio das famílias”¹⁸. Percebemos que o medo denunciado pelos escravistas estava voltado às testemunhas saídas das próprias cozinhas senhoriais, e sabendo da feminilização do serviço doméstico oitocentista, constatamos que eram as agências das mães dos ingênuos que os apavoravam. Os direitos e reivindicações ligadas ao exercício da maternidade tensionavam o poder senhorial.¹⁹

A irmandade dos pretos da Caxoeira era prenhe de dores, afetos, recordações, contentamentos, atritos, acolhimentos mediados pela devoção e pelo abraço comunitário, afastamentos e chegadas, boatos sendo ali gestados ou trocados. Quantas agências de escravizados, escravizadas, negros e negras livres, forros e libertas foram ali naquele espaço pensadas e potencializadas. Alforrias, fugas, amizades, compartilhamento de conhecimentos. O orgulho e o gozo das festas, procissões e altares bem compostos, ornados com paixão, sensibilidade e cuidado. O espaço da devoção afro-católica ou do catolicismo africanizado era um nicho imprescindível de afeto, de trabalho coletivo, de trocas variadas, uma face ainda pouco compreendida das experiências afro-diaspóricas. Ali, homens e mulheres negras construíam de forma individual e coletivamente “um jeito de estar no mundo” (MORRISON, 2009, p. 49).

Óbvio que comunidades étnico-raciais e/ou de devoção não aponham, de nenhuma maneira, um agrupamento idílico de pessoas que se amam incondicionalmente e que confraternizam em todos os momentos em que se encontram ou que os seus interesses convergem. As relações comunitárias não são só caracterizadas pela homogeneidade, mas pela heterogeneidade de seus integrantes, e as relações existentes entre eles são dotadas de tensões, harmonias, desacordos, mesquinhas e atos de generosidade. Talvez no que uma comunidade mais se empenhe, principalmente por parte de seus membros mais destacados, seja no gerenciamento dos conflitos, mui-

¹⁸ Lembrando que o texto da lei de 28.09.1871 determinava: “Art. 1º Os filhos de mulher escrava que nascerem no Império desde a data desta lei, serão considerados de condição livre. § 1º Os ditos filhos menores ficarão em poder e sob a autoridade dos senhores de suas mães, os quaes terão obrigação de criá-los e tratá-los até a idade de oito annos completos. Chegando o filho da escrava a esta idade, o senhor da mãe terá opção, ou de receber do Estado a indemnização de 600\$000, ou de utilizar-se dos serviços do menor até a idade de 21 annos completos. [...] § 6º Cessa a prestação dos serviços dos filhos das escravas antes do prazo marcado no § 1º, se, por sentença do juizo criminal, reconhecer-se que os senhores das mães os maltratam, infligindo-lhes castigos excessivos”.

¹⁹ Sobre a Lei de 1871: CHALHOUB, 1990 e 2003; MACHADO; BRITO; VIANA; GOMES, 2021. E também especificamente sobre Cachoeira do Sul: HAACK, 2019.

tos deles gerados pela disputa por recursos limitados, tanto materiais como imateriais (como o prestígio e o respeito social). O convívio entre *brancos* e *negros* está longe de esgotar as fontes dessas desavenças, já que diferenças de condições (escravizados, forros e livres), *procedências* (africanos, crioulos, *nações*), vaidades individuais também são variáveis que demandam atenção. Mas os conflitos não desmerecem as comunidades eles são inerentes aos agrupamentos humanos, e gerenciá-los com competência e sensibilidade mostra a maturidade de seus membros e, principalmente, da pertinência das ações de suas lideranças. Supomos que esses líderes deveriam ser o público mais frequente nos enterros e procissões, quando a comunidade se materializava publicamente.

Neste livro, investiremos nos livros de receitas e despesas das irmandades, percebendo os principais gastos e de onde vinham as rendas que permitiram que essa sociedade funcionasse durante várias décadas. Foi no ano da graça de 1812 que uma irmandade consagrada a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito foi pensada e criada em Cachoeira na Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul. Não temos o seu compromisso, mas sabemos que ele foi feito em novembro de 1813, aprovado por Carta Régia de 04.08.1820 e por Provisão de 13.10.1824 do Visitador-Geral Antônio Vieira da Soledade. Em 24.08.1864, o Bispo Laranjeira aprovou algumas alterações propostas pelos irmãos, tendo já em janeiro daquele ano mexido em alguns artigos daquele compromisso (LOPES, 1891, p. 190).

ESCRIVÃES E TESOUREIROS DO ROSÁRIO DOS PRETOS DA CAXOEIRA

Os livros de escrituração da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos pretos da Cachoeira foram os motivadores deste projeto de pesquisa. Encontrando essas raras fontes de pesquisa acessamos indícios de autonomia, resistência, práticas de acolhimento e devoção, numa explosão de nomes individuais e familiares, enredados em vínculos e contatos sociais diversos. Um potente e plural coletivo aflorou, mostrando investimentos devocionais, identitários e assistenciais (difícilmente discerníveis separadamente). O enlaçamento da devoção é o fenômeno gerador das identidades raciais sociorreligiosas assumidas pelos irmãos e irmãs da irmandade negra da Caxoeira. Contemporaneamente, em contato com uma parte dos livros de escrituração da irmandade do Rosário e São Benedito dos Pretos de Cachoeira, elaboramos uma história da devoção e do afeto confrarial afro-diaspórico, através de caligrafias muito diversas, disformes ou caprichosas, brancas, pardas ou negras.

Assim, pensamos que seria conveniente entender um pouco mais sobre os indivíduos que redigiram os livros da irmandade, registrando em suas páginas o cotidiano daquele associativismo negro religioso. Conforme já explicou a historiadora Lucilene Reginaldo (2005, p. 108):

Os cargos de tesoureiro e escrivão eram geralmente ocupados por homens brancos. O não domínio das letras, uma certa inserção social e a posse de um patrimônio minimamente considerável impossibilitaram, durante muito tempo, o acesso dos irmãos de cor a estes cargos. Desde o século XVIII, entretanto, tanto na América Portuguesa, quanto na metrópole, os homens de cor foram paulatinamente conquistando o direito a esses prestigiados cargos.

Mas evidentemente que esse pertencimento racial e social não dotava os brancos ou socialmente brancos que assumiram estes cargos – de tesoureiro e escrivão – de poderes absolutos nos negócios da irmandade. Como já afirmou a historiadora Liane Müller (2013), as atividades desenvolvidas por esses sujeitos eram vigiadas pelos demais devotos, principalmente os irmãos de mesa, sendo exigidas regularmente prestações de contas. Portan-

to, esses cargos eram dotados de importância no gerenciamento dos negócios da irmandade, mas os seus ocupantes eram os mais fiscalizados.

Esta branquitude dos tesoureiros e escrivães, por vezes, se exteriorizavam em racializações difíceis de aceitar em uma irmandade de pretos, como quando eram indicadas as cores de eventuais trabalhadores que eram encarregados de tarefas específicas em jornadas. Como em 21 de fevereiro de 1839, quando foi registrado pelo escrivão Estevão Cândido de Carvalho o pagamento de 84\$640 réis pelo tesoureiro João Alberto Xavier, de *jornal* aos *pretos* que conduziram uma carga de cal no Passo das Carretas. Ou em 30 de julho de 1839, quando se anotou o pagamento de 300 réis “para um prêto conduzir o Caixão para o Consistorio” e mais mil réis “com um prêto, para abrir uma sepultura para o filho da irmã Lucianna”. Também em 1º de janeiro de 1862, o tesoureiro Francisco Gonçalves da Fontoura comunicou o gasto de 240 réis “com o jornal de um Preto para cervir na Festa no dia vinte seis do meis passado”. Ou seja, o fato de que as escriturações da irmandade dos pretos de Caxoeira serem feitas por homens brancos que ocupavam os cargos de escrivães e tesoureiros, fez com que mesmo estes registros não estivessem isentos de racializações esporádicas.

Nossa intenção em transcrever os documentos com a sua grafia original foi também evidenciar os diferentes graus de acesso à cultura letrada, mesmo entre estes indivíduos *brancos*. Como veremos, muitos ocupavam cargos burocráticos, exercitando em suas atividades profissionais diárias a escrita e mesmo a contabilidade. Mas outros demonstravam um conhecimento mais vulgar ou ordinário da escrita ou quem sabe um menor capricho no registro escrito das atividades devocionais afro-diaspóricas.

Por outro lado, não podemos pensar na inserção desses indivíduos tesoureiros ou escrivães como uma via de mão única, onde devotos brancos afirmavam a sua devoção ajudando caritativamente os irmãos pretos. Esses indivíduos estavam ali com interesses próprios, que iam além da devoção, mas cogitavam vantagens (econômicas, políticas) advindas daquele forte coletivo afro-católico. Negociantes, por exemplo, atuavam como tesoureiros por terem relações pretéritas com os devotos, cujas famílias eram seus clientes. Não podemos também desconsiderar que esse coletivo devocional negro movimentava a economia local com compras e vendas diversas, nas quais estabelecimentos comerciais e seus proprietários atuavam como locais privilegiados de suprimentos diversos aquela devoção afro-católica. Talvez esses indivíduos estivessem respondendo a expectativas morais e religiosas, mas dificilmente estavam vinculadas *apenas* a essas irmandades

mantidas e organizadas por pretos (portanto com forte presença negra e, além do mais, de escravizados e forros). Geralmente podemos encontrá-los em outras associações religiosas, de corte não-negro.

Não temos o compromisso desta irmandade dos pretos da Cachoeira, mas no arquivo histórico local encontram-se alguns papéis manuscritos incompletos que podem nos orientar a respeito.

Saibam os irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, brancos e toda a condição e sexo, que este virem, que no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo, de 1818, ao primeiro dia do mês de novembro, nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, Fronteira da Vila do Rio Pardo, Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, os eretores abaixo assinados, vindos e conformes acordaram, em dispor um novo compromisso para o bom regime desta Irmandade, evitando-se com isso muitas desordens e corruptelas, não só no temporal, mas ainda no espiritual, que servem de entibiar em alguns de nossos Irmãos o ardente zelo e devoção, com que devem servir a Puríssima Senhora do Rosário. E desejando nós quanto é da nossa parte ascender, e avivar das mesmas cinzas, em que se lamenta amortecido o fogo de amor, que é justo abrase os corações, dos que nos gloriamos com a excelência de filhos da Senhora do Rosário, para deste modo participarmos com maior influência as copiosas bênçãos que Deus costuma Repartir-nos pelas liberalíssimas mãos de uma Mãe tão Santa e Pura, pareceu-nos necessário resolver em Mesa o estabelecer Leis, por meio das quais seja restabelecido em nós o primeiro fervor, compondo por ela as nossas ações, emendando as nossas vidas, e reformando os nossos costumes, que só Deus como primeira Regra de todas as ações honestas, é o que há de conservar, reger e levar adiante em seu Santo serviço, e de sua Imaculada Mãe e Senhora Nossa do Rosário esta Nossa Irmandade.

Primeiramente com a mais profunda submissão rogamos a Sua Majestade El Rei Nosso Senhor queira Dignar-se mandar confirmar e autorizar este nosso Compromisso com aqueles Privilégios e Isenções que costuma e são necessárias para que [tenha] sua inteira validade e se cumpram assim e da maneira que [tudo] nele se contém, mediante o favor de Deus, e da mesma Mãe Santíssima do Rosário.

No capítulo primeiro afirma-se que a irmandade tinha como finalidade tratar da “festa de Nossa Senhora do Rosário, que deve realizar-se em dia próprio com a maior solenidade possível”. Como veremos, essa era uma primorosa atividade da irmandade, desempenhada com afincamento e carinho, mas não era o único investimento daqueles devotos, como podemos ver nos livros da tesouraria ou de receita e despesa.

Já o capítulo seguinte, o segundo, explicita a composição da mesa:

Dos Juizes, Oficiais e Irmãos de que se há de compor a mesa:

Um Juiz, uma juíza, duas juízas do ramallete de Nossa Senhora (para acompanhar as juízas nos atos públicos), um escrivão, um tesoureiro, um procu-

rador e 12 Irmãos de mesa. Além desses Juizes e Juizas por devoção, para ajudarem com suas esmolas no gasto da festa, dois andadores, um rei, uma rainha e um capitão do mastro.

Seguem descrições das funções estipuladas para cada função:

Capítulo III

Obrigação do Juiz

Primeiro e principal cargo da mesa, tendo nela o lugar de primazia em presidência, depois do Capelão.

Capítulo IV

Obrigação do Escrivão

Registrar a entrada de irmãos, receita e despesa, conservar o arquivo, lavrar termos.

Capítulo V

Obrigação do Tesoureiro

Compete fazer as despesas da Irmandade e ter em seu poder as alfaias e os bens da mesma.

Capítulo VI

Obrigação do Procurador

O Procurador terá cuidado em procurar todos os bens da Irmandade.

Avisar os irmãos nomeados para saírem às esmolas.

Visitar os irmãos doentes e se lhe parecerem muito pobres comunicar a mesa.

Avisar o Juiz e mais Oficiais a morte de algum irmão para tratar do seu funeral.

Capitão VII

Das obrigações dos andadores ou zeladores

Deverão estar disponíveis para cumprir qualquer tarefa que lhe fosse solicitado.

Como dissemos, infelizmente este compromisso está incompleto, mas podemos cogitar que algumas das funções acima faziam parte das atividades concretas ou esperadas de cada cargo. Ao escrivão, por exemplo, era incumbida a preservação e guarda do *arquivo* da irmandade, conservado certamente no armário localizado no consistório do Rosário, no interior da Igreja da Conceição, no centro de Cachoeira. A esse espaço e acervo voltaremos depois, quando tratarmos do consistório. Cotejando principalmente os livros que registraram as eleições e as respectivas atas das reuniões, listamos os irmãos que assumiram os cargos de escrivães e tesoureiros:

Escrivães

Nome	Anos
Acácio Joaquim de Castro	1886/1887
Antônio da Costa Rocha	1862/1864, 1872/1874
Constantino José Ferreira de Vasconcelos	1867
Estevão Cândido de Carvalho	1852/1857
Ezequiel Rodrigo de Niza e Castro	1844/1851
Francisco das Chagas Lima	1863
Francisco Gonçalves da Fontoura	1859/1860
Francisco Rodrigues Trilha	1865/1866, 1869/1870
João José de Brito	1865
João Justino Ribeiro	1879/1880
João Pereira Borges	1892
Joaquim dos Santos Xavier Marmelo	1827/1833, 1835/37
José Agostinho Ferreira	1888/1889
José Martins Beltrão Filho	1861
Luiz Francisco da Rocha	1871/1873, 1875/1876, 1879/1880
Manoel Homem de Oliveira	1870/1871
Narciso Peixoto de Oliveira Filho	1863
Venâncio Erico da Trindade	1888

Tesoureiros

Nome	Período
Acacio Joaquim de Castro	1888/1889
Antônio dos Santos Falcão	1853/1857
Antônio Peixoto de Oliveira	1860
Estevão Cândido de Carvalho	1857/1859, 1863
Eufrásio de Paula Guedes	1892
Francisco Gonçalves da Fontoura	1861/1864
Francisco Rodrigues Trilha	1865
Gonçalo Teixeira de Carvalho	1852
João Alberto Xavier	1827/1833, 1835/1837, 1844/1851
João de Araújo Bastos	1886/1888
Lorenço Vallone	1892
Marco José do Canto	1869/1870
Rafael Pinto Bandeira	1865/1866
Velocino de Araújo Bastos	1867, 1870/1876, 1879/1880

Como percebemos nas listas acima, são vários indivíduos que atuaram como tesoureiros e escrivães. Cruzamos vários documentos para tentar mapear os seus arranjos sociofamiliares, cores, inserções profissionais, patrimônios acumulados, mas, infelizmente, e como já era esperado, para vários deles achamos apenas poucos indícios. Isso pode significar que a nossa mostra visibilizou principalmente membros de grupos sociais remediados ou da elite que, como sabemos, legaram mais abundantes registros documentais. Mas temos que assumir os limites de nossas pesquisas e as variáveis condicionantes de nossos resultados. Por outro lado, a invisibilidade documental de muitos desses indivíduos nos aponta para a inserção nos quadros da irmandade de sujeitos de grupos sociais intermediários e/ou populares, provavelmente não-brancos, pardos, pretos, etc.

Marco José do Canto

O irmão Marco José do Canto militou alguns anos no Rosário antes de ser votado como tesoureiro. Ele aparece como irmão de mesa nos anos de 1854 e 1855, juiz em 1856, novamente como irmão de mesa em 1857 e 1858, procurador em 1860, capitão do mastro em 1865, irmão de mesa nos anos de 1865/1866, tesoureiro em 1869/1870, irmão da mesa em 1871, 1872, 1873 e 1874, juiz em 1875/1876 e novamente irmão da mesa em 1879/1880 e 1892. Para nossa felicidade de pesquisadores/as, Marcos José do Canto foi chamado como testemunha em um processo de 1865, quando apareceu como *pardo*, alfaiate, casado, com 34 anos de idade, natural desta província. Assim como nas escrituras do Rosário dos Pretos esse alfaiate pardo assinou o seu depoimento.²⁰

Velocino de Araújo Bastos

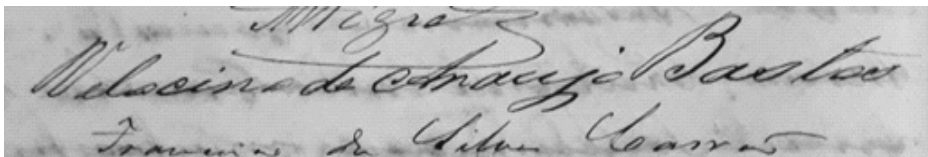
Como notaremos ao longo deste texto, os processos criminais são ótimas fontes para localizar dados de indivíduos de matizes diversas, mas demandam um esforço de pesquisa considerável. O escrivão José Martins Beltrão Filho [Júnior] aparece como subdelegado de polícia em um processo de 1875, que investiga o assassinato de um *alemão desconhecido* que pro-

²⁰ APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.379, auto crime n° 2518, autor: Afonso Borges da Fontoura, réu: Manoel Vicente ramos, 1864. Marcos também depôs em outro processo, relativo ao ano de 1857, quando se apresentou com 28 anos de idade, solteiro, natural desta província, alfaiate e assinou o depoimento (APERS – Juízo Municipal de Rio Pardo, Caixa: 007.0409, Processo criminal n° 3046, Autora: justiça, réu: o comerciante José Pedro Goeres, 1858).

curava comprar terras.²¹ Em outro processo, de 1856, José Martins Beltrão é descrito como *branco*, casado, natural da Bahia, negociante, com 44 anos e assinou o depoimento.²²

O tesoureiro Velocino de Araújo Bastos, por exemplo, compareceu como testemunha no processo que investigou o padre Francisco da Silva Carrão, em 1876, por estelionato. O Padre Carrão teria vendido um cativo que não lhe pertencia, em Rio Pardo, pertencente a sua amásia.²³ Velocino é descrito como *pardo* e disse ser casado, marceneiro, com 43 anos de idade, natural desta província, residia em Cachoeira e sabia ler e escrever. A alfabetização de Velocino, que tinha uma linda assinatura, e os anos em que desempenhou o cargo de tesoureiro, nos inclina a pensar que ele tinha uma pequena ou média oficina de marcenaria, na qual também trabalhava com a sua arte, ao lado de outros funcionários livres assalariados e, quem sabe, escravizados. Velocino foi irmão de mesa nos anos de 1854 a 1860, 1862 a 1867, 1869 a 1872, 1875/1876, 1879/1880, e tesoureiro em 1867, de 1870 a 1876 e 1879/1880.

Assinatura do Tesoureiro pardo Velocino de Araújo Bastos



²¹ APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3190, autor: A Justiça, Réu: Serafim Antônio da Rosa, 1875. Já aparece em processo do ano anterior em uma investigação sobre o ferimento a tiro recebido por outro alemão. APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3180, autor: A Justiça, Réu: Agostinho Ferreira, 1874.

²² APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.377, autos de justificação nº 2400, Justificante: Cândido Pacheco de Moraes Castro, 1856.

²³ APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3193, autor: a justiça, Réu: Padre Francisco da Silva Carrão, 1876. O Padre e professor público Francisco da Silva Carrão foi acusado e depois inocentado de uma acusação de estelionato, em 1876. Segundo a promotória, quando ele veio para esta cidade da Cachoeira (como era “de notoriedade pública”) trouxe consigo, como sua amásia, a viúva Laura Jacques, com a qual vieram duas filhas desta, de nome Laura e Maria Angélica, e mais o seu escravizado Lúcio. Laura tinha alguns bens de raiz em Canguçu e faleceu dois anos antes do processo, sem deixar testamento, ficando suas duas filhas na casa do padre e dois outros filhos homens, maiores, no Estado Oriental (João e Francisco Vieira). Sem prestar conta aos herdeiros legítimos, o Padre Carrão teria vendido o crioulo Lúcio (preto, de 18 anos de idade) em Rio Pardo, por 1 conto de réis. No seu auto de qualificação o padre disse ser filho do Conselheiro João da Silva Carrão, ter 45 anos, celibatário, sacerdote, brasileiro, natural de Curitiba e saber ler e escrever (APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3193, autor: A justiça, Réu Padre Francisco da Silva Carrão, 1876).

O lugar social ocupado pelo tesoureiro *pardo* Velocino começou a ser um pouco mais elucidado quando nos deparamos com o registro de seu casamento. Mais ou menos às quatro horas da tarde, do dia 3 de junho de 1859, casaram na igreja matriz de Cachoeira Velocino de Araújo Bastos e Maria José de Carvalho. Ele foi descrito como filho natural de Celestiana Monteiro Torres, **escravo** de João Tomás de Menezes e morador nesta freguesia. A noiva Maria José era filha natural de Vitória Maria de Carvalho, também natural desta freguesia²⁴.

Aos tres dias do mez de Junho do anno de mil oito centos e cincoenta e nove nesta Freguezia de Nossa senhora da Conceição da cachoeira pelas quatro horas da tarde, depois de proclamados, e feitas as mais diligencias do estilo, e sem algum impedimento canônico, em minha presença e das testemunhas João Joze de Leão e Francisco Pedro Sertorio Leite; com palavras de presente, se receberão em Matrimonio Velocino de Araujo Bastos, filho natural de Selestianna Monteiro Torres **escravo** de João Thomaz de Menezes, morador desta freguesia; com Maria Joze de Carvalho, natural desta Freguezia: E receberão as bençãos nupciaes, e para constar mandei fazer este asento que assigney. O Vigário [a] Jose Teixeira da Cunha Louzada Sobrinho [grifo nosso]

Confessamos que o registro acima nos impactou e paralisou durante algum tempo. Não pelos noivos serem filhos naturais, o que indica que suas mães os tiveram solteiras ou envolvidas em relacionamentos consensuais. Mas pela palavra que destacamos – escravo –, condição que nunca nos passou pela cabeça que ele ainda estivesse, já que desfilava pelos livros da irmandade e pelos documentos judiciais com nome e sobrenome, redigindo e assinando papéis. Sua cor parda o enunciava para a sociedade da época em que viveu e para nós pesquisadores como um indivíduo negro egresso do cativo, mas não como um homem ainda escravizado. Outra coisa que nos confundiu um pouco é que o sobrenome de Velocino não tinha nada a ver com o de seu suposto senhor e nem com o de sua mãe, anunciando uma história complexa e rica de nuances.

Vidas como a de Velocino, praticamente desde o parto, enfrentavam situações limítrofes (SPITZER, 2001), potencializadoras de traumas e violências de várias ordens e que exigiam sabedoria, criatividade, resiliência. Esses interstícios ou entre-lugares compunham aqueles viveres afro-diaspóricos, fornecendo “o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e

²⁴ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4 de Cachoeira do Sul, f. 94.

postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20).

O senhor de Velocino, o Capitão João Tomás de Menezes, casou na vila da Cachoeira com a filha de um casal de poderosos locais. Sua noiva Maria Perpétua de Souza era filha de Alexandre Manoel da Cunha e Souza e Dona Joaquina Perpétua de Figueiredo e ela recebeu de dote pelo casório, um conto de réis em dinheiro, meio faqueiro de prata (61\$) e duas escravizadas (Maria e Florinda). Não sabemos quando, se antes ou depois do matrimônio, mas o capitão Menezes instalou casa de negócios em Porto Alegre, em cujos cartórios encontramos várias cobranças de dívidas promovidas por ele, desde 1797, com ele atuando como comerciante e negociando fazendas, escravizados, canoa, secos e molhados em geral, além de lucrar também com o aluguel de imóveis próprios.²⁵

Nos cartórios de Porto Alegre existem quatro documentos de liberdade passados por este capitão comerciante. Em 14 de março de 1817 ele alforriou a parda ou cabra Eufrazia, mediante o pagamento, pela escravizada, de 204\$800 réis. Anos depois, em 1º de janeiro de 1833, o capitão João Tomás de Menezes passou carta de liberdade para o mulatinho de 18 meses Leopoldo, em atenção aos serviços prestados pela sua mãe, a parda **Celestiana** – “para que de hoje em diante viva e o conheçam como forro que é”. No mesmo ano de 1833, aos 9 dias de setembro, foi alforriado o africano mina Félix, o qual desembolsou 153\$600 réis pela sua liberdade. Finalmen-

²⁵ APERS – Juízo Ordinário, Termo de assinatura de dez dias, nº 4108, Réu: Joao Rodrigues de Campos, autor: João Thomaz Menezes – 1799; Juízo Ordinário, Autos de Assinação de dez dias, nº 4460, Réu: Manoel dos Santos Xavier, autor: João Thomaz Menezes – 1799; 1º Cartório do Civil de Porto Alegre, Ação Executiva nº 1117, Réu: Manoel dos Santos, Autor: João Thomaz Menezes – 1797; Juízo de Fora do Geral, Ação de Assinação de dez dias, nº 4691, Réu: Antônio Pereira da Silva Guimarães, Autor: João Thomaz Menezes – 1809; Juízo de Fora do Geral, Ação de Assinação de dez dias, nº 4714, Réu: João José de Souza Maçarelos, Autor: João Thomaz Menezes – 1809; 1º Cartório do Civil de Porto Alegre, Ação Executiva nº 1404, Réu: Joao Luiz Cardoso, Autor: João Thomaz Menezes – 1814; 2º Cartório do Civil de Porto Alegre, Ação Execução nº 2355, Réu: Bento José Vianna, Autor: João Thomaz Menezes – 1818; Juízo de Fora do Geral, Ação de Crédito nº 4872, Réu: Jose Gomes Claro, Autor: João Thomaz Menezes – 1820; 2º Cartório do Civil de Porto Alegre, Ação Executiva nº 2370, Réu: José Peixoto de Miranda, Autor: João Thomaz Menezes – 1821; Juízo de Fora do Geral da Vila Nova da Cachoeira, Ação Execução nº 1123, Executado: João Pinto de Marques Miranda, Executante: João Thomas de Menezes – 1823; Juízo Municipal e de Direito de Porto Alegre, Ação de Assinação de Dez Dias 5015, Autora: Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre, Réus: João Thomas de Menezes e José Manoel de Leão, 1833; Juízo Municipal de Porto Alegre, Ação de Assinação de Dez Dias 2489, Executados: José Gomes Junqueira e João Gomes Junqueira (filhos e herdeiros do falecido José Gomes Junqueira), Executante: João Thomas de Menezes, 1833.

te, na véspera do natal de 1842, aos 23 dias de dezembro, foi redigida uma carta de alforria para a parda Celestiana, mediante o pagamento do:

[...] legado [deixado] de 600\$ para libertar-se a minha escrava parda Celestiana que recebi do Senhor Capitão José Custódio Coelho Leal como testamenteiro do dito falecido Estevão [Monteiro Torres] a mencionada quantia a qual me foi entregue por mão de João Ferreira de Assis em moeda corrente, assim como recebi mais da indicada parda Celestiana perfazem a soma de 700\$, porque ajustei e pelos bons serviços conceder-lhe a sua alforria.²⁶

A própria alforriada foi ao cartório e tratou de registrar a carta, com isso dando quitação ao testamenteiro, pelo cumprimento da verba testamentaria das últimas vontades de Estevão Monteiro Torres, falecido na vila da Cachoeira. Ou Seja, o capitão José Custódio Coelho, agindo como testamenteiro do falecido Estevão Monteiro Torres, forneceu a quantia suficiente (600 mil réis) para garantir a liberdade daquela mulher escravizada, que passou a assumir o nome de forra de Selestianna Monteiro Torres, mãe do tesoureiro Velocino. Como vemos, ela assumiu como sobrenome de mulher liberta do cativo o do senhor que legou o dinheiro para a sua alforria.

Mas vamos continuar ainda em Porto Alegre mais um pouco, olhando outros documentos que nos falam da gente escravizada por João Tomás de Menezes. Chamamos a atenção de algo que já mencionamos, que ele era negociante, de produtos em geral e de pessoas mercantilizadas. Nos registros que acumulavam os óbitos dos escravizados e escravizadas do senhor João Tomás Menezes, anotados nas paróquias locais, encontramos também os indícios de sua progressão na carreira militar. No ano de 1824 seu nome é acompanhado pela insígnia de Sargento, em 1827 passa a Sargento Mor, em 1830 para capitão e depois de 1840, capitão mor. Não localizamos o inventário post-mortem deste sujeito e nem de sua esposa, assim, não sabemos da sua escravaria, mas a lista abaixo acreditamos que mostra vestígios enlutados de sua acumulação de capitais com a comercialização de carne humana.

²⁶ APERS – 1º Tabelionato de Porto Alegre, Livro de Transmissões e Notas nº 10, 18/03/17, folha 79 e 02/01/1835, 175v; 1º Tabelionato de Porto Alegre, Livro de Registros Gerais nº 12, 10/09/1833, folha 7v; 2º Tabelionato de Porto Alegre, Livro nº 10 de Registros Gerais, 24.12.1842, folha 88v.

**Quadro nº 01 – Óbitos de escravizad@s de João Tomás de Menezes
(Porto Alegre)**

Data	Nome	Dados	Causa Morte
06.03.1821	Antônio	45 anos	Disenteria
20.05.1821	Ursula	6 meses, FN da parda Florinda	Não consta
23.06.1823	Isidoro	68 anos	hepatite
17.07.1823	Pacifica	7 meses, FN de Maria	Disenteria
26.02.1824	Ignacio	Da Costa, preta, 40 anos	Hidropisia
14.04.1824	Pasqua	4 anos, Fn da preta Justina (da Costa)	Disenteria
24.06.1824	Manoel	15 dias, FN da preta Luiza (da Costa)	Defluxo
03.01.1825	Brás	Inocente, FN da parda Florinda	Febre
11.05.1825	Nicolau	10 meses, FN da parda Celestiana	Disenteria
02.10.1826	Manoel	Cabinda, preta, 25 anos	Amputação
07.11.1826	Joana	26 anos	Tísica
27.01.1827	Manoel	África, preta, 20 anos	Ética
04.03.1827	José	Da Costa, preta, 30 anos	Ética
24.11.1827	Clemência	9 meses, FN da parda Maria	Sarampo
08.05.1830	Maria	Da Vila da Caxoeira, 43 anos	Moléstia interna
13.09.1830	Adão	Da Costa, preta, 40 anos	Diarréia
27.09.1830	José	Cabundá, 50 anos	Hidropisia
26.06.1832	Manoel	9 dias, FN de Luiza	Constipação
26.08.1838	Francisco	Cabinda, 30 anos	Apoplexia
18.01.1840	Dezidéria	Crioula, 60 anos	Moléstia interna
21.04.1848	Florinda	Parda, 40 anos	Tétano

Referência: AHCOMPA – Livros de Óbitos da Paróquia de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, nº 3 e 5.

Dos 21 defuntos escravizados acima, 13 eram adultos (61,9 %), sendo 6 explicitamente citados como africanos. O restante eram crianças com 4 anos ou menos, duas nascidas do ventre da parda Florinda, dois da parda Maria, um da preta da costa da África Justina, dois da preta da costa Luiza e um da parda Celestiana, que supomos ser a mãe de Velocino. Vinte e um cadáveres escravizados nos parecem um número excessivo para o funcionamento de uma escravaria normal, por isso advogamos que muitos dos adultos vieram para o Brasil meridional para serem negociados e acabaram

falecendo em função dos desgastes físicos e psicológicos do processo de escravização.²⁷

Óbvio que esta escravaria, da qual não sabemos as dimensões exatas, também aumentava via reprodução endógena. Na mesma paróquia da Madre de Deus do quadro acima, localizamos três batizados de escravizad@s do capitão Menezes. Em 21 de janeiro de 1835 foi batizada a parda Ana, filha natural da parda Celestiana, que foi apadrinhada por José Gomes e Dona Ana Perpétua de Menezes. No ano seguinte, em 13 de setembro, foi batizado Procópio, nascido em 13.02.1835, filho natural da parda Raquel, acompanhado na pia batismal por seu padrinho Antônio dos Santos Lara e dona Felicidade Perpétua de Oliveira.²⁸

Além destes dois momentos de introdução de inocentes na Igreja Católica pelo sacramento do batismo, temos um terceiro registro relativo aos cativos sob o jugo do capitão João Tomas de Menezes que nos interessa destacar.

Velucindo. Aos vinte e hum dias do mez de Janeiro de mil oitocentos trinta e cinco annos nesta Matriz de Nossa Senhora Madre de Deos pôz os Sanctos Oleos o Reverendo Coadjutor Ludovico Ennio Homem da Costa, em Velucino, nascido a vinte e trez de Janeiro de mil oitocentos trinta e dous annos, e baptizado em caza por perigo de vida pelo Reverendo José da Cunha e Souza, filho natural de Sebastiana Monteiro, parda, escrava do Capitão Mor João Thomaz de Menezes, forão padrinhos João Evangelista França, e Donna Anna Perpetua de Menezes. E para constar fiz este assento. [assinado] Thomé Luiz de Souza, Paroco Encomendado

Eis o futuro pardo tesoureiro Velocino [Velocindo] de Araújo Bastos, recebendo os santos óleos do batismo *em casa por perigo de vida*, para que não morresse pagão, ficando sua alma a salvo dos perigos do inferno, caso viesse a falecer. Ele nasceu em 23.01.1832 e foi batizado apenas três anos depois, em 21.01.1835. Sua mãe consta já com sobrenome – Monteiro – mesmo que a sua alforria tenha sido efetivada anos depois, em 23 de dezembro de 1842. Ou seja, sete anos antes da alforria oficial, a mãe de Velocino portava nome e sobrenome, mostrando ocupar um lugar invulgar naquela escravaria, sendo necessário destacar que o sobrenome que ostentava naquele documento público não era o do senhor e nem do estoque católico, mas da família que a ajudaria a se alforriar.

²⁷ Em 20.02.1804, por exemplo João Tomás de Menezes vendeu Gonçalo para Antônio José Pereira Machado (APERs – Tabelação do município de Porto Alegre, livro nº 32, página 108).

²⁸ AHCMPA – Livros de Batismos da Paróquia de Nossa Senhora da Madre de Deus, folhas 101 e 131V.

Como já vimos, Velocino teve alguns irmãos, como o pardo Nicolau (que infelizmente morreu de disenteria com apenas 18 meses de idade), o mulatinho Leopoldo (alforriado na mesma idade em que seu irmão faleceu, em 1º de janeiro de 1833) e a parda Ana, batizada em 21 de janeiro de 1835. O batismo em casa de Velocino é um poderoso indício dos perigos do parto e da elevada mortalidade infantil entre mulheres negras escravizadas, mesmo que ele tenha escapado da prematura morte que ceifou seu irmão Nicolau.

É hora de embarcarmos em um lanchão no cais de Porto Alegre e navegar pelo rio Jacuí até a vila de Cachoeira, trajeto que Velocino também fez, não sabemos se junto com sua mãe ou sozinho. Se sua mãe não esteve ao seu lado, quem sabe o seu ingresso na irmandade dos pretos, lá em Cachoeira, não teve também o sentido dele tentar reconectar-se com aquele afeto que deixara para trás?

Lá em Cachoeira vivera o sujeito que forneceu o dinheiro que garantiu a alforria da mãe parda de Velocino, Estevão Monteiro Torres. Ele assinou o documento de instalação da Vila da Cachoeira, em 5 de agosto de 1820, estando sua assinatura no 32º lugar. Assinou ainda, em 22.11.1823, como testemunha, “o auto de abertura dos pelouros e publicação da eleição das novas justiças que servirão no futuro ano de 1824”, desta vez no 16º lugar. Em 05.05.1824, sua assinatura aparece em 17º lugar no “auto de juramento ao projeto de constituição política do Império”, e em 16/7/1828, em 16º lugar, assinou o “auto de eleição para os juizes de paz e seus suplentes para a freguesia desta vila, e termo, e para as capelas filiais”. No dia seguinte, assinou o “auto de abertura dos pelouros das novas justiças dos juizes de paz e seus suplentes para esta vila e capelas filiais”, em 14º lugar.²⁹

Na Relação de Moradores do distrito de Cachoeira, de 1784, aparece um Estevão Monteiro, de posse de uns campos que “foram do falecido Domingos Torres, os quais rematou em praça no Juízo Eclesiástico Manoel dos Santos, porém não consta o primeiro domínio que teve neles o dito falecido; nem menos o como o dito rematante Manoel dos Santos os passou ao sobredito Monteiro”. Constando que Estevão e sua família vivia da criação de animais, tendo de gado 200 cabeças, 2 bois, 12 cavalos, 400 éguas, 24 mulas, 3 burros, 2 burras (AHRs – Fazenda, F-1198). Nessa relação não

²⁹ Estas e outras informações inestimáveis foram fornecidas pelas funcionárias do Arquivo Municipal de Cachoeira do Sul e em especial agradecemos a gentileza e competência da pesquisadora Mirian Ritzel. Ver naquele arquivo o códice – CM/OF/TA-008.

se procurou saber o número e identificação dos trabalhadores e trabalhadoras escravizadas que ali existiam, mas 4 anos depois, em 1788, a Coroa portuguesa ordena a fatura de outra relação sobre a posse de cativos e nela encontramos Estevão Monteiro com três escravizados:

- Brás, 40 anos, pardo, de Coritiba;
- Gonçalo, 20 anos, benguela;
- Antônio, 16 anos, benguela;

Estevão Monteiro Torres talvez tenha assistido ou acompanhado alguma procissão do Rosário de Cachoeira, mas ele nunca foi irmão desta devoção local. Entretanto, nós o encontramos entre os devotos da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, em 1823. O seu escravizado Gonçalo (aquele benguela da relação de 1788), entretanto, tornou-se irmão do Rosário em 27.12.1818, assumindo como procurador em 1827/1828, andador no biênio seguinte e irmão de mesa nos anos de 1835, 1836 e 1837. Gonçalo não sabia ler nem escrever e por isso durante toda a sua passagem pela irmandade outra pessoa assinou a seu rogo, mas seu nome se alterou algumas vezes. Em seu ingresso na irmandade ele apenas foi chamado pelo prenome, trazendo ao lado seu status e o nome do escravizador. Quando assumiu como procurador (1827), andador (1829) e irmão de mesa (nos anos de 1836 e 1837) ele “assinava” como Gonçalo Monteiro. A exceção foi o ano de 1835 quando ele foi o irmão de mesa Gonçalo Monteiro Torres e inclusive, em 31 de agosto daquele ano, entregou 3\$700 réis para o Irmão Tesoureiro João Alberto Xavier “de esmola da caixinha” sendo mencionado com essa denominação.

O preto liberto Gonçalo Monteiro, de nação guiné, caminhou sob o vigoroso calor do dia 20 de janeiro de 1830 até a Igreja Matriz da Conceição da Cachoeira. Dessa vez ele não ia para alguma reunião ou cerimônia com os pretos do Rosário, mesmo que muitos de seus parceiros e parceiras de devoção provavelmente estivessem esperando-o naquele templo para abraçá-lo. Às 9 horas da manhã, o padre casou o africano Gonçalo com Bernardina da Conceição, filha de pais incógnitos e natural daquela freguesia, sendo a cerimônia testemunhada por José Francisco Alves e Antônio dos Santos Xavier.³⁰

Como percebemos, Gonçalo já aparece alcunhado como Monteiro em 1827, nas escrituras do Rosário, e em 1830, quando ele casa, já seu

³⁰ AHCMCS – Livro nº 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul, 1823-1849, folha 60v.

status é declaradamente de liberto. Mas, ao contrário do documento que libertou a mãe de Velocino, não encontramos a carta de Gonçalo nos cartórios de Cachoeira. É que ele foi libertado por verba constante no testamento de seu senhor Estevão, o qual foi aberto em 22 de maio de 1832, quando apresentado para a autoridade judicial pelo alferes Tristão da Cunha e Souza.³¹

Em 7 de outubro de 1825, o senhor Estevão Monteiro Torres verteu ao papel suas últimas vontades, provavelmente por sentir-se doente e vulnerável, sentindo que seu tempo se extinguiu e que ele precisava acertar algumas contas e promessas. Ele inicia o texto justamente dizendo que se encontrava na casa de morada do capitão Joaquim Gomes Pereira, “alguma coisa molesto e hoje já restabelecido, do que dou graças ao supremo criador e muito em meu perfeito juízo e claro entendimento”, mas querendo deixar a sua “casa bem desembaraçada e sem ativo de dúvidas e controvérsias”, pediu que José Francisco Duarte escrevesse o que ele lhe ditava. Ele se apresenta como nascido em Portugal, natural da Freguesia de São Pedro de Sanfins, termo de Monte Alegre, comarca de Chaves, filho de Manoel Alves Torres e Josefa Monteiro, ambos já falecidos.

Estevão conta que casou nesta vila de cachoeira com Josefa Bernarda de Figueiredo, já falecida quando da redação do testamento, de cujo matrimônio nasceram três filhos: Manoel e Joaquim (prematuramente mortos) e Maria Josefa Monteiro, que se achava ausente desta vila, casada com o Tenente Coronel Francisco de Castro Matutino Pita, a qual é apontada como a sua única herdeira. Estevão nomeia como seus testamentários em primeiro lugar o capitão José Custódio Coelho Leal (“por haver sido meu sócio e por achar nele toda a probidade e lisura”) e em seguida o capitão Joaquim Gomes Pereira e Gonçalo Teixeira de Carvalho “também pelas suas honras e capacidades conhecidas”.

Estevão diz que os seus bens eram bem conhecidos, mas adverte que em Porto Alegre ele teve uma sociedade com José Martinho de Faria Pinto, “a qual foi tratada amiudamente de palavras, pela confiança que cada um de nós fazia do outro”. Informa que era irmão das irmandades do Santíssimo Sacramento e de São Miguel desta matriz e pede um enterro com a

³¹ APERS – Cartório de Órfãos e Ausentes da Vila da Cachoeira, falecido: Estevão Monteiro Torres, inventariante apelante: o Coronel Francisco de Castro Matutino Pita, por seu procurador Tristão da Cunha e Souza, 1833 (o coronel era cabeça de casal de sua esposa, Maria Josefa Monteiro), inventário nº 77.

“menor pompa possível”, sendo no dia seguinte ao seu falecimento rezada uma missa de corpo presente, além de missas para as almas de sua falecida mulher e de seus pais.

Devemos destacar que este inventário post-mortem começa considerando o falecido abintestado e sem herdeiros presentes, portanto, as autoridades ordenam o depósito dos seus bens. No auto de arrecadação e depósito dos bens de Estevão, feito em 07.10.1832, o juiz dos órfãos e Ausentes Manoel Alves Ferraz nomeia como depositário Joaquim Gomes Pereira e são listados materiais diversos localizados na sua *loja*, como gamelas, baús, oratório com 2 imagens, dois pares de botas, ponche pardo de baeta, um cobertor velho, coletes, duas opas de seda velhas, um calção, camisas, meias, duas bombas de prata, dez sacos de farinha de mandioca, duas barricas com milho, uma barrica com feijão, dois taboleiros, 22 bexigas de graxa uma e meia arrouba de pimenta, mil chifres de bois e vacas, uma barrica de bacalhau, rolo com doze libras de fumo, etc.

No mês seguinte, em novembro de 1832, a herdeira Maria Josefa Monteiro, através de seu marido Francisco de Castro Matutino Pita, se apresentou a justiça comunicando que Estevão morrera em Cachoeira, em outubro de 1832, e que deixara testamento. Segundo a informação fornecida pela pesquisadora Mirian Ritzel, Estevão Monteiro Torres faleceu em 17.10.1832, aos 66 anos, viúvo, tendo uma filha viva, sendo apontado no registro de seu óbito que deixara testamento, sendo sepultado dentro da Igreja Matriz³². Curiosamente, Estevão (representando a irmandade do Santíssimo Sacramento) e o benguela Gonçalo (como procurador do Rosário dos pretos) estiveram ambos em uma reunião ocorrida em 21.10.1827, na matriz da Conceição, a fim de impor a proibição do enterro nas igrejas e a construção de um cemitério. Cinco anos depois, em 1832, contrariando o que ele mesmo acordou, seu cadáver foi depositado naquele tempo santo.

No seu testamento, Estevão evita descrever a totalidade dos seus bens, dizendo que eram bem conhecidos de seus testamenteiros, mas aponta uma morada de casas coberta de telha na rua da Igreja “em cuja casa mantenho a muitos anos negócio de molhados”. Essa morada de casas tinha 4 portas na frente e foi avaliada por seiscentos mil réis. Além dos produtos já citados, Estevão tinha uma boa quantia em dinheiro, certamente proveniente

³² AHCMCS – Livro de Óbitos n° 3, folha 30.

de sua loja: 1:350\$ réis em papel, 53\$760 em patações e 23\$420 em moedas de cobre, tudo produzindo um monte mor de 2:530\$450 réis.³³

Depois ele passa a listar algumas esmolas que ele deixava para pessoas e instituições diversas. Primeiro, deixou 50 mil réis de esmolas a sua afilhada e sobrinha Ana Monteiro (filha de João Francisco de Araújo) e a afilhada Clara (filha de José Inácio dos Santos). Deixa também esmolas a duas órfãs honestas, para a irmandade de Nossa Senhora da Conceição e para a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Em seguida Estevão acerta as contas com duas pessoas escravizadas. Em primeiro lugar com seu escravizado da costa da África Gonçalo, o qual ele deixa forro *desde já*, sem condição alguma, “em retribuição do bem que me tem servido e trabalhos que comigo tem feito nas minhas enfermidades”. Assim, a impressão que temos é que Gonçalo passou a agir como alforriado a partir da confecção desse testamento, já que dois anos depois, em 1827, ele se apresenta no Rosário dos pretos com o sobrenome Monteiro.

Pensando ter acertado as contas com o africano Gonçalo, Estevão então passa a tratar do caso de outra escravizada, justamente a mãe do tesoureiro Velocino de Araújo Bastos:

Declaro que o Capitão João Tomás de Menezes, morador em POA, possui uma escrava parda de nome Celestiana, que havendo justos motivos para se a Libertar do Cativo, nunca seu senhor quis anuir em o fazer, e por isso que lhe deixo de esmola para a dita Liberdade aquela quantia em que ela for avaliada na ação do primeiro Inventário a que se proceder na casa do dito Capitão, quer por falecimento dele, quer de sua mulher, para que, entrando com ela na ocasião da Partilha, possa ser libertada, e partilhada a sobredita quantia, visto que naquela ação se lhe não pode negar, digo, se lho não pode negar, só pelo muito que a Lei favorece as Liberdades, como porque ali se verifica o seu justo valor; cujas diligências fará o meu testamenteiro [...] porém quando o senhor da mencionada parda se resolver antes do caso acima declarado libertá-la, o meu testamenteiro o fará sem delongas.

Neste tópico do testamento do português Estevão Monteiro Torres ele demonstra estar comprometido moralmente com a alforria da mãe de

³³ Difícil saber desde quando existia a casa de negócios de Estevão Monteiro Torres, mas encontramos duas ações dele, cobrando dívidas. Em 1806, residindo em Cachoeira, ele cobra 10\$630 réis de Joaquim Antônio Cardoso, morador em Caçapava. Em 1814, um requerimento de Estevão Monteiro Torres & Cia. cobra 28\$250 réis de Bento José da Cunha, através do procurador e solicitador de causas José da Cunha e Souza, mas a dívida original, segundo a promissória feita em Cachoeira em 01.08.1809, tinha sido com José Custódio Coelho Leal e Cia. (APERS – 1º Cartório do Civil de Porto Alegre, ação de execução nº 1257, 1806; APERS – Juízo Ordinário da Vila do Rio Pardo, assinatura de 10 dias nº 742, 1814).

Velocino, que como os leitores já devem ter percebido, aparece com algumas alterações em seu nome nos documentos cotejados. Pena ele ter silenciado sobre os *justos motivos* que Celestiana/Salustiana teria para ser liberta do cativo. Teria sido essa parda amante ou amásia de alguém de uma destas famílias senhoriais? Seria Velocino, então, filho bastardo mestiço de algum desses senhores? A mãe de Velocino, como vimos, assumiu o sobrenome Monteiro, manejando a mesma inclinação de gênero que aparece em outros familiares de Estevão, como sua falecida esposa e filha, podendo indicar um agradecimento nominativo a quem lhe forneceu os recursos para a alforria ou algum afeto mais íntimo. Seria Celestiana/Salustiana parteira ou curadora e exercendo essas habilidades teria ajudado na saúde e sobrevivência senhorial?

Isso tudo nos sugere que a inserção da palavra – escravo – no registro de casamento de Velocino, no ano de 1859, foi um erro ou malevolência do sacerdote ou um indicativo que a sua liberdade ainda estava em litígio. O testamento de Estevão é de 1825 (aberto em 1832), o batismo de Velocino é de 1835 e a alforria de sua mãe ocorreu no ano de 1842. Apesar da verba testamentária pedir que o preço da alforria de Salustiana fosse o de sua avaliação no inventário dos seus senhores, João Manoel estava ainda vivo quando passou o documento de liberdade. Lembremos outro detalhe importante: Velocino nasceu em 1832, mas foi batizado apenas em 1835 e nesse documento eclesiástico sua mãe aparece ainda como escravizada do Capitão Mor João Tomás de Menezes, mas com nome e sobrenome – Sebastiana Monteiro. O retardamento do batismo e a inserção do sobrenome não seriam indicativos de que ela estava gerenciando a sua busca por liberdade, aguardando os desdobramentos do testamento lá da Cachoeira? Não estaria ela movendo uma ação na justiça e a liberdade ou cativo de seu filho (pelo menos de um deles...) dependeria dessa resolução?³⁴ Essa corajosa mulher não estava sozinha, contava com certos laços e relações comunitárias e sua luta pela liberdade do filho Velocino foi vitoriosa.

A forma polifônica como pensamos a irmandade dos pretos da Cachoeira mistura afetos, religiosidades, identidades, ações políticas. A militância de Velocino de Araújo Bastos nesse associativismo negro toma outro sentido quando entendemos um pouco mais a sua história. Cada documento que ele escrevia e assinava e cada cargo que ocupava era uma forma dele

³⁴ O fato de não encontrarmos a ação de liberdade movida por Salustiana não nos surpreende, pois boa parcela destes documentos foram destruídos no ano de 1936.

reivindicar a sua liberdade e autonomia, contando com o apoio daquele coletivo, que sonoramente testemunhava e abonava a sua liberdade.³⁵

Mas deixemos Velocino descansar um pouco e encerremos este tópico a seu respeito. Com o número 87, Velocino de Araújo Bastos aparece listado na Guarda Nacional da Cachoeira, em 1863, descrito com 28 anos, casado, vivendo de Agências, com renda de 250 mil réis anuais, residindo no 1º quarteirão do 1º distrito da Cachoeira. Pertencer a Milícia Cidadã era mais um degrau na afirmação desse homem negro como livre, naquela sociedade em que parte dela o queria escravizado.³⁶

José Agostinho Ferreira (1888/1889)

Sobre o escrivão José Agostinho Ferreira, que desempenhou este cargo nos anos de 1888 e 1889, justamente quando a abolição da escravidão e a proclamação da República ocorreram, temos trilhas históricas de sua trajetória, trazidas pela pesquisa da historiadora Aline Sonego (2022). Ele aparece como irmão de mesa em 1892 e em 1917 atuava como orador oficial do Club Aliança dos Operários de Cachoeira e, dez anos depois, como assinante do jornal negro *O Astro*, periódico que circulou por Cachoeira nos anos de 1927 e 1928. Segundo o jornal *O Comércio* de 28.11.1928, ele teria falecido no arrabalde da Aldeia, em Cachoeira:

[...] às 16 horas do sábado penúltimo [...] solteiro, 64 anos de idade. O extinto era marceneiro de profissão, trabalhando durante muitíssimos anos, na marcenaria do sr. João Araújo de Bastos. Tocou também durante muitos anos na banda musical Estrella Cachoeirense, da qual era contramestre. O sepultamento de seus despojos mortais realizou-se domingo penúltimo, sendo bem concorrido (SONEGO, 2022, p. 214/215).

Estes traços um tanto episódicos da trajetória de Agostinho conectam a irmandade do Rosário dos *pretos* com a imprensa negra de Cachoeira e com o movimento operário, delineando experiências afro-diaspóricas que dialogavam entre si. Pelos dados fornecidos em seu obituário, José Agostinho Ferreira era marceneiro, empregado na marcenaria do senhor João de Araújo de Bastos, além de músico.

³⁵ A família do ex-senhor de Velocino tinha um representante em Cachoeira, mas nunca os encontramos juntos em quaisquer documentos e, portanto, não sabemos se tinham relações: João Tomás de Menezes Filho atuou como juiz municipal na década de 1850 em Cachoeira, além de ser irmão da irmandade do Santíssimo Sacramento local.

³⁶ RIBEIRO, 2005; MUGGE; COMISSOLI, 2011; MUGGE, 2016.

Um nome leva ao outro e este caleidoscópio vai compondo redes étnico-raciais e laborais com larga continuidade temporal. O dono daquela marcenaria em que laborava Agostinho foi militante do Rosário dos pretos da Cachoeira, atuando como tesoureiro em 1886/1888, irmão em 1888 e 1889 e capitão do mastro em 1892. Pelo sobrenome, podemos cogitar que tivesse vínculos familiares com o também marceneiro Velocino de Araújo Bastos.

O cotidiano laboral destes profissionais-artistas manuais exigia bastante mobilidade espacial, forjando contatos pessoais com os mais diversos segmentos sociais da cidade. Essas características os tornavam personagens frequentes nos cenários policiais e judiciários, atuando na maioria das vezes como testemunhas, contando o que viram ou ouviram, dando pitacos sobre a vida alheia. João de Araújo Bastos atuou como testemunha em um processo movido contra o farmacêutico e capitão Policarpo Álvares da Cruz, por ter receitado errado um remédio, causando o falecimento de uma criança³⁷. Naquele ano de 1885, João de Araújo Bastos tinha 25 anos de idade, era casado, morava em Cachoeira, era natural dessa província e sua profissão era de marceneiro. Ele assinou o depoimento.

O que informações como estas nos evidenciam é que existiam muitos trabalhadores manuais, principalmente os mestres das profissões, com cultura escrita suficiente para assumirem os encargos de escriturar as atividades daquela irmandade afro-diaspórica.

O escrivão João Justino Ribeiro (1879/1880) foi irmão de mesa em 1886, 1887, 1888 e 1889. Ele testemunhou em um processo de 1885, quando tinha 29 anos e ainda era solteiro e contou que trabalhava como marceneiro e nascera nesta província. Antônio da Costa Rocha foi irmão de mesa nos anos de 1853 a 1857 e de 1869 a 1871, assumindo como escrivão em 1862/1864 e depois em 1872/1874, além de juiz em 1879/1880. Ele testemunhou em um processo, no ano de 1866, quando estava preso na cadeia de Cachoeira, acusado da morte de Jacinto José de Almeida. Antônio tinha então 44 anos de idade, era natural do Rio de Janeiro, marceneiro e assinou o depoimento.³⁸

³⁷ APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, Caixa 011.0148, auto: 3281, Autora: Justiça, réu: Capitão farmacêutico Policarpo Alvares da Cruz, 1885.

³⁸ APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1885/1887. Caixa 011.0149, auto: 3293, Autora: a justiça, réu: João Francisco, 1885; Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.413, auto crime nº 3123, autora: a justiça, réu: Antônio Pedro de Araújo, 1866.

No quesito específico das cores também os documentos criminais podem nos trazer informações excelentes, principalmente quanto aos indivíduos livres, apesar da relevante questão da crescente invisibilidade da cor nas fontes judiciárias (CASTRO, 1995). A inexistência de uma agremiação religiosa de pardos em Cachoeira, deve ter feito com que não-brancos participassem da devoção do Rosário e São Benedito. Em maio de 1874 o tesoureiro da irmandade anotou ter recebido a quantia de 26\$456, relativa a “esmolas mandadas tirar pelo irmão de meza Manoel Zacarias da Cunha, notta nº 8”. No ano anterior, 1873, esse irmão testemunhou em um processo criminal, onde se descreve como solteiro, seleiro, com 17 anos, natural desta província, morador em Cachoeira e *pardo*.

Sendo tendo consciência de que:

A categoria “pardo” era, assim, um termo ambíguo que, dependendo da ocasião, do lugar e do sujeito que a utilizava, podia ser tanto um marcador de diferença dotado de conotações positivas ou negativas, quanto usado como uma categoria de autoidentificação que sublinhava, na sua distância da “cor preta”, um índice de distinção social, e de dissociação com um passado escravista (LIMA, 2020, p. 253).

Mas vejamos alguns indivíduos para os quais conseguimos cruzar fontes diversas, obtendo quadros biográficos um pouco mais complexos.

João Alberto Xavier, o primeiro tesoureiro

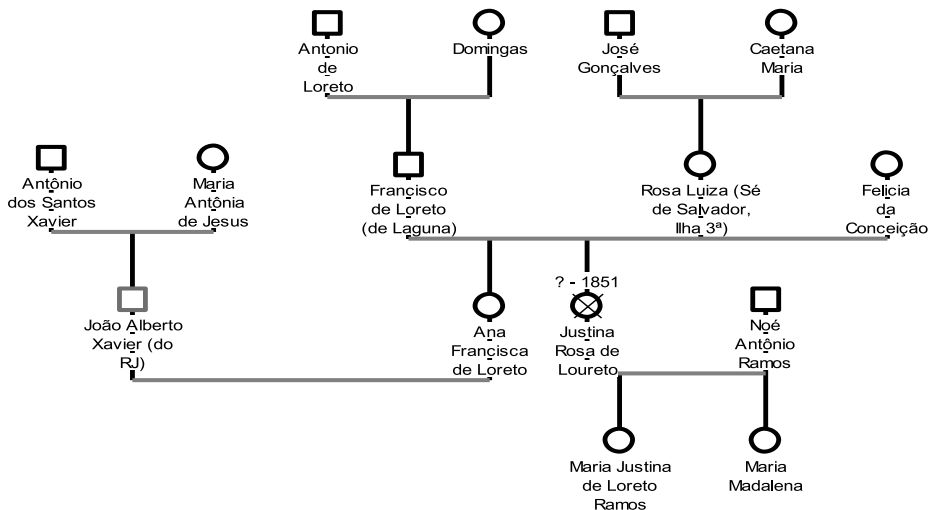
João Alberto Xavier foi o primeiro indivíduo matriculado na irmandade do Rosário e São Benedito de Cachoeira, em 1º de julho de 1812, dando de entrada 640 réis, constando os seus pagamentos anuais até 1852. No livro de matrícula de irmãos consta que ele faleceu em 20 de outubro de 1856, sendo rezadas as missas solicitadas. Ele foi tesoureiro da irmandade por um período de 18 anos, de 1827 a 1851, sendo o indivíduo com a mais longeva participação no desempenho desse cargo.

Tão logo faleceu o tesoureiro João Alberto Xavier, a sua viúva encaminhou o respectivo inventário post-mortem.³⁹ Como ele foi precavido e redigiu um testamento com as suas últimas vontades, possuímos alguns dados pessoais a seu respeito. O testamento foi redigido na própria vila da Cachoeira, em 31 de maio de 1846, sendo o testador morador no distrito da Estiva

³⁹ APERS – Juízo Municipal da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, inventário nº 348, inventariado: João Alberto Xavier, Inventariante: Ana Francisca de Loreto, 1857. O inventário foi aberto pela viúva, Ana Francisca de Loreto, em abril de 1857, e quem assinou o requerimento para o Juiz Municipal e Órfãos foi Cândido Teixeira de Carvalho e Silva.

(“arroio tributário do [rio] Vacacai-mirim e passo no município de Cachoeira” (FARIA, 1914, p. 138). *Temendo a morte, pendão da vida*, João Alberto Xavier escreveu de próprio punho suas últimas vontades, contando que era natural da Corte do Rio de Janeiro e filho legítimo de Antônio dos Santos Xavier e Maria Antônia de Jesus, ambos já falecidos. Ele casou na Igreja Católica com Ana Francisca de Loreto, e esse consórcio não gerou descendentes.⁴⁰

Árvore genealógica de João Alberto Xavier



Ele pedia um enterro *sem pompa alguma*, mas que fossem rezadas 25 missas pela sua alma, 4 pela alma de seu pai e igual número pela de sua mãe e mais 6 missas pelas almas de seus irmãos, a saber: Antônio, José e Manoel. A respeito das questões fúnebres, ele acrescenta que era irmão das Irmandades do Santíssimo Sacramento, São Miguel e Almas e de Nossa Senhora do Rosário, todas de Cachoeira. Ou seja, ele participava da irmandade dos pretos, mas estava bem inserido nas das elites também.

O testamento certifica que o casal fez algumas doações, sempre compostas de escravizados e escravizadas, sendo os mais beneficiados os inte-

⁴⁰ Ana também era irmã do Rosário e São Benedito, tendo sido admitida em 25 de setembro de 1817, dando de entrada 640 réis e pagando os anuais até o ano de sua morte. Ela morreu em 23.10.1862, no 3º distrito de Cachoeira do Sul (APERS – Juízo de Órfãos da Cidade da Cachoeira, nº inventário: 246, inventariada: Ana Francisca de Loureto, inventariante: José Ignacio Xavier, 1862, comarca de Rio Pardo).

grantes do casal composto pela afilhada Ana Francisca Xavier e José Inácio Xavier (sobrinho e compadre do testador). Ana e José receberam de doação “um crioulo cria de casa”, de nome Antão e três de suas filhas também foram privilegiadas por doações de escravizadas: a afilhada Ana Rosa recebeu a crioula Catarina; para a afilhada Maria Carolina foi doada a cabrinha cria da casa Vicência; e para Francisca foi doada a também cabrinha e cria da casa Luiza.⁴¹

A mesma afilhada, Ana Francisca Xavier, foi nomeada por João Alberto Xavier sua herdeira universal, sendo indicados como testamenteiros, em primeiro lugar, a viúva Ana Francisca de Loreto, em segundo o sobrinho José Inácio Xavier e em terceiro o senhor Gonçalo Teixeira de Carvalho.

A viúva assumiu de inventariante de seu finado esposo e nomeou como seu procurador Francisco Loreto de Carvalho e Silva. Mesmo que os inventários sejam uma espécie de retrato do patrimônio da família inventariada, carecendo, portanto, de grande dinamismo, servem para nos fornecer indícios sobre as atividades desenvolvidas naqueles domicílios⁴². As partes indicaram dois avaliadores para estimarem os bens do casal, o coletor Francisco de Paula Pereira da Silva indicou David José de Barcelos e o procurador da viúva selecionou Francisco Loreto de Carvalho, sendo arrolados:

Patrimônio do tesoureiro João Alberto Xavier (1857)

Bens de raiz	
Estabelecimento com casa de pau a pique, coberta de madeira, com arvoredos, curral e pequeno pedaço de campo, tudo na Restinga Seca, termo desta vila;	700\$000
Morada de casas com dois lances, na rua do Loreto, desta vila, com terrenos no fundo a rua de Santo Antônio, já bastante velha;	1:000\$000
Bens móveis e submóveis	
Máquina de ralar e tocada por corda	66\$000
Uma Prensa nova	56\$000
Duas Prensas novas	60\$000
Forno de cobre para torrar farinha	60\$000
Mesa velha em mau estado	8\$000
2 Caixinhas	10\$000

⁴¹ Uma outra sobrinha, Leocádia Rosa de Oliveira, recebeu 50 mil réis de herança.

⁴² Sobre os inventários e os seus usos, ver: FRAGOSO (2001) e FARINATTI (2008).

Mesa grande	12\$000
10 cadeiras de assento de palha usadas	30\$000
Armário de madeira	16\$000
Oratório com imagens	20\$000
6 colheres de prata, com 62 oitavas de prata	17\$280
Cama de armação usada	8\$000
16 reses de criar mansas	160\$000
4 bois mansos	112\$000
Escravidão	
Simião (pardo, 42 anos, doente)	750\$000
Libânio (40 anos)	700\$000
Nicolau (crioulo, 16 anos)	800\$000
Pedro (crioulo, 10 anos)	600\$000
Maria Madalena (crioula, 23 anos)	750\$000
Isabel (crioula, 19 anos)	750\$000
Paulina (crioula, 14 anos)	750\$000

A soma de todos os bens acima, o chamado monte-mor, atingiu 7:435\$280 réis, sendo então descontadas as dívidas, no valor de 726\$160, chegando a um monte-menor ou monte-partível de 6:709\$120 réis. Se considerarmos o monte-mor como base, veremos que cerca de 68,5 % do patrimônio daquela família oitocentista estava imobilizado em pessoas escravizadas. A expressão *cria da casa*, usada acima, quando tratamos das doações feitas pelo casal de senhores, expressa como o patrimônio daquela família dependia da exploração de mulheres negras escravizadas e da apropriação dos frutos dos seus ventres. As *crias da casa* eram as crianças nascidas de ventres escravizados da própria casa, não sendo, portanto, comprados, mas geradas pelas relações sexo-afetivas ocorridas na própria senzala, não descartando, obviamente, eventuais abusos cometidos por membros da família senhorial.

O *crioulo cria da casa* Antão foi batizado em 6 de janeiro de 1829 na pia batismal da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, da vila da Cachoeira, fruto do ventre da africana guiné Luzia.⁴³ Já a crioula Catarina e as

⁴³ AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul (1799/1842). Padrinhos: Feliciano Machado de Souza e Isabel Antônia de Jesus. Luzia ainda gerou Lucas, nascido em 18.10.1831 e batizado em 16.12.1831, de pai incógnito e apadrinhado por Joaquim José de Barcelos e Inácio Francisco Xavier dos Santos.

cabrinhas Vicência e Luiza eram filhas do ventre afro-diaspórico da também guiné Tereza. Notamos que nenhuma das duas africanas da guiné – Luzia e Tereza – constam da lista dos bens arrolados no inventário de 1857. A primeira, Luzia, cogitamos ter falecido por volta de 1839, mas Tereza foi beneficiada pela *caridade* senhorial, que certamente a premiou pelos trabalhos que realizou e pela *produção* de seu ventre.

O casal João Alberto Xavier e Ana Francisca de Loreto redigiram uma carta de alforria em 8 de abril de 1847 beneficiando Tereza, indicando naquele documento de liberdade que ela era casada com Simião, casal escravizado pertencente aos mesmos senhores.⁴⁴ Tereza conquistou a liberdade aos 45 anos de idade, pagamento 300 mil réis aos seus escravizadores, “com a condição de ainda me servir 2 anos mais contados da data deste, sem que o que esta não terá vigor”. Ou seja, era uma alforria que mesclava um pagamento em dinheiro e mais uma cláusula de prestação de serviços não-remunerados por mais dois anos. O documento consta como sendo protagonizado pela senhora, a qual, por ser analfabeta, pediu que Gonçalo Teixeira de Carvalho redigisse a carta e assinasse a rogo. Notemos que a carta foi redigida, a mando da senhora Ana Francisca de Loreto, no ano seguinte a redação do testamento por seu marido, o que talvez indique que ela naquela ocasião estivesse administrando os bens da família e que seu marido estivesse incapacitado por motivos de saúde, vindo a falecer alguns anos depois.

Boa parte do patrimônio da família de João Alberto Xavier derivou do ventre escravizado da africana da guiné Tereza. Sabemos que ela desposou o pardo Simão junto a Igreja católica, mas não localizamos ainda o registro desse casamento. Localizamos 11 batismos de filhos de Tereza, sendo os cinco primeiros, que receberam os santos óleos de 1834 a 1839, anotados como filhos ilegítimos, de pai incógnito. Nada impede que a relação familiar de Tereza e Simão fosse mais antiga do que as bênçãos católicas, mas só a partir do ano de 1841 é que os batizados passam a constar como seus filhos legítimos.⁴⁵

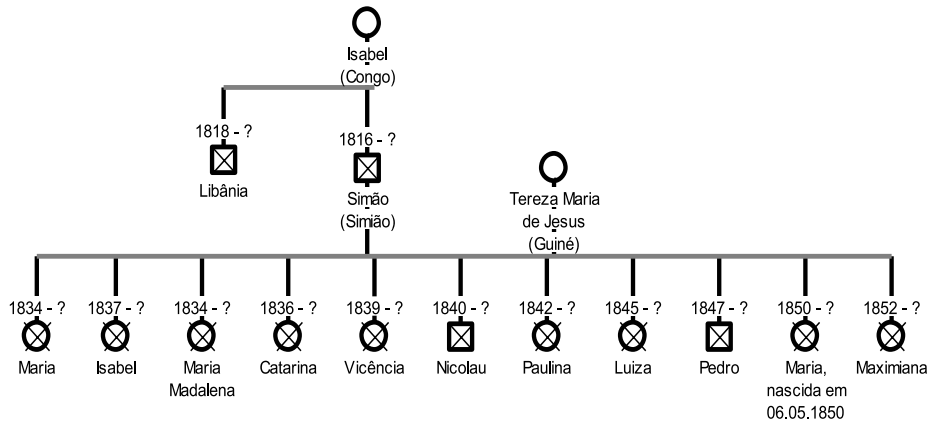
⁴⁴ APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 5º de Transmissões e Notas, folha 68v, 11.04.1849.

⁴⁵ AHCMCS – Livros 1º (1799/1842) e 2º (1842/1853) de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul.

Quadro nº 2 – Batismos de filhos e filhas da africana Tereza

Nome	Batismo	Nascimento	Padrinhos
Maria	27.09.1834	22.07.1834	Não consta ⁴⁶
Isabel	04.06.1838	04.12.1837	José (escravo de João Alberto Xavier) e Rosa (escrava de Isidorio José de Barcelos)
Maria Madalena	08.05.1838	22.07.1834	Noé Antônio Ramos
Catarina	03.05.1838	09.03.1836	Francisco de Loreto Carvalho e Ana Franca de Carvalho (batismo realizado em 15.07.1836)
Vicência	17.05.1839	22.01.1839	Libânio (de João Alberto Xavier) e Laura (de Gonçalo Teixeira de Carvalho)
Nicolau	23.01.1841	06.12.1840	Tomas (de João Alberto Xavier) e Maria (de Maria Felícia da Conceição)
Paulina	23.11.1842	22.07.1842	Libânio (de João Alberto Xavier) e Firmina (de Maria Constantina dos Reis)
Luiza	26.01.1846	16.12.1845	Miguel Teixeira de Carvalho e Ana Rosa de Oliveira Xavier
Pedro	08.03.1848	29.06.1847	José Inácio Xavier e Ana Francisca Xavier (casados)
Maria	04.05.1850	06.05.1850	Noé Antônio Ramos e Maria Madalena
Maximiana	01.11.1852	15.06.1852	Manoel José Dorneles e Maria Francisca do Carmo Pena

Árvore genealógica de Tereza Guiné e o pardo Simão



Como era conformada a vida familiar e a maternidade da africana Tereza é difícil de saber. Percebemos que ela foi alforriada em 1847 mediante pagamento em dinheiro (proveniente certamente das economias-pecúlio dela

⁴⁶ Batismo realizado em casa por Noé Antonio Ramos.

e de seu esposo), mais o cumprimento de dois anos de trabalho não-assalariado. Em 1857 seu companheiro Simião seguia escravizado, passado dos quarenta anos e doente. Junto com ele ainda permaneciam escravizados os filhos Nicolau, Isabel, Pedro, Maria Madalena e Paulina, enquanto outras três – Catarina, Vicência e Luiza –, foram doadas para parentes do núcleo familiar senhorial. Difícil imaginar que a guiné Tereza tenha abandonado seus afetos e partido em busca de autonomia, mais fácil é imaginá-la ainda trabalhando na casa dos ex-senhores, ou nas suas proximidades, de maneira que pudesse cuidá-los de alguma forma, recebendo em troca iguais cuidados, já que a diáspora transatlântica, o cativo, os partos, os mandos e desmandos senhoriais já deviam tê-la fragilizado bastante. A ancianidade se aproximava e o afago dos filhos e filhas faria diferença na forma como enfrentaria a senioridade.

Mesmo localizado em região fronteiriça, de expansão agrária, na parte mais meridional do Império brasileiro, o fogo daquele tesoureiro do Rosário – João Alberto Xavier – conectava-se com o Atlântico negro pela presença de várias vítimas diretas do tráfico transatlântico. É provável que o companheiro da guiné Tereza, Simião, tenha nascido em 21 de abril de 1816 e sido batizado na pia batismal da Igreja Matriz de Cachoeira dez dias após, apadrinhado/amadrinhado por Albino José Gonçalves e Francisca Maria das Chagas. Ele veio ao mundo escravizado pela família de João Alberto Xavier, o qual era proprietário de sua mãe, a africana do congo Isabel, a qual também deu a luz a Libânio, em 6 de setembro de 1818, batizado no mesmo local em 25 do mesmo mês, do ano seguinte.⁴⁷ Localizamos ainda o batismo de Maria, uma africana adulta mina, com 16 anos, em 1º de agosto de 1813, do mesmo senhor, mas não localizamos nenhum filho ou filha deste ventre afro-diaspórico.⁴⁸

O casal Tereza e Simião não foram importantes apenas para o enriquecimento de seus senhores, mas também estiveram no centro de relações sociais horizontais forjadas nas senzalas locais. Principalmente a africana Tereza, acompanhada por seu companheiro ou não, forjou relações de compadrio amadrinhando escravizados e escravizadas de outras senzalas.

⁴⁷ Sendo padrinhos o preto forro Manoel Ribeiro e sua esposa, Narcisca.

⁴⁸ Atuaram como padrinhos/madrinhas os escravizados Anastácio e Ana.

Quadro 03 – Amadrinhamentos da africana Tereza

Nome	Batismo	Nascimento	Mãe	Dados da mãe
Merenciana	01.12.1845	08.08.1845	Maria	Crioula
Padrinho/madrinha: o crioulo Libânio e a africana Tereza, ambos escravizados de João Alberto Xavier				
Nome	Batismo	Nascimento	Mãe	Dados da mãe
Matias	16.04.1846	De nação		
Senhor: José Ferreira de Vasconcelos, padrinhos: Simão e Tereza (de João Alberto Xavier);				
Nome	Batismo	Nascimento	Mãe	Dados das mãe
Vicência	18.04.1846	05.04.1846	Maria Cecília	Africana
Senhor: Gonçalo Teixeira de Carvalho, pai incógnito, padrinhos: idem acima;				
Nome	Batismo	Nascimento	Mãe	Dados da mãe
Balbina	22.04.1846	adulta, de nação		
Senhor: José Ferreira de Vasconcelos, pai: incógnito, padrinhos: idem acima;				
Nome	Batismo	Nascimento	Mãe	Dados da mãe
Geralda	02.11.1852	24.09.1852	Catarina	Preta
Senhor: Pedro Celestino Álvares de Souza. Padrinhos: Simião (de João Alberto Xavier) e a liberta Tereza. ⁴⁹				

Outros escravizados e escravizadas do primeiro tesoureiro do Rosário e São Benedito aparecem acompanhando rebentos até a pia batismal. Libânio apadrinhou Luiza em 26.05.1856 e Lina em 20.10 do mesmo ano, sendo no primeiro batismo acompanhado de uma escravizada do mesmo João Alberto Xavier, Maria, uma das filhas da guiné Tereza.⁵⁰ No mesmo ano de 1856, aos 30 dias do mês de março, ingressou na cristandade pelas águas do batismo Adolfo (nascido em 18 de julho de 1854), filho natural da crioula Catarina, escravizados de Pedro Celestino Alves, tornando-se afilhado de Nicolau e Isabel, escravizados de João Alberto Xavier.

Além de João Alberto Xavier e de sua viúva, apenas uma de suas escravizadas aparece como devota do Rosário. A escravizada Luzia, provavelmente a africana guiné mãe dos crioulos Antão e Lucas, ingressou na

⁴⁹ Livro 7 de Batismos de livres de Cachoeira (1847-1854), folha 159v.

⁵⁰ Lina nasceu em 22.09.1855 e era filha natural de Libânia, mãe e filha escravizadas de Antônio Pires de Almeida Júnior. A madrinha, nesse batismo, foi Maria, escravizada de Antônio José da Cunha. Já Luiza não consta a sua data de nascimento, mas ela era filha natural de Rita, escravizadas de Balbino José Alves de Lima.

irmandade aos vinte e seis dias de Dezembro de mil oito centos e vinte e sete, dando a mesma quantia dada por sua senhora de entrada, 640 réis, e pagando os anuais até o ano de 1839, ano que cogitamos tenha falecido e quando foram rezadas as missas fúnebres.

Estevão Cândido de Carvalho

O escrivão do juizado de órfãos Estevão Cândido de Carvalho já apareceu neste livro, logo em seu início, acompanhando o Juiz Municipal até a cadeia municipal e intimando o trabalhador rural Tibúrcio sobre o seu justicamento na força.

Cachoeira do Sul, ou só Cachoeira como era chamada no oitocentos, possuía um núcleo urbano com residências e comércio, prédios públicos e um amplo templo, o qual era compartilhado por várias irmandades religiosas. A urbanidade daquela vila era padrão com outras do mesmo período, com limites porosos com as áreas suburbanas e rurais. Tratava-se de uma cidade importante, mas cuja população não raramente se entrecruzava, por isso não é raro que vários dos personagens habituais nas escriturações da irmandade dos pretos da Cachoeira apareçam juntos nas fontes que manejamos.

Tristão da Cunha e Souza possuía uma casa na rua da Praça da Igreja Matriz de Cachoeira, onde residia a sua sobrinha Dona Esmerilda Perpétua de Menezes. Na noite do dia 1º de abril de 1857, estiveram nessa residência reunidas algumas pessoas, ocorrendo uma *desavença* entre o então Serventuário vitalício do ofício de Órfãos de Cachoeira Estevão Cândido de Carvalho e Manoel Homem de Oliveira, sem que, naquela ocasião, houvesse algum *mau resultado*.⁵¹ No dia seguinte, Estevão foi a mesma casa acompanhado de sua esposa, de onde recolheu-se por volta das 22 horas, mas, quando chegava na esquina de sua residência, foi atacado por Manoel Homem de Oliveira, “emponchado com uma espada em punho”, que o atacou e feriu em uma mão e como era “noite de luar” foi reconhecido perfeitamente por ele e a esposa.

Não sabemos que paixões motivaram esta desavença, se questões amorosas, políticas, de negócios, mas Estevão sentiu-se ultrajado e mobilizou a justiça para vingar a afronta recebida em uma via pública. O auto de corpo de delito realizado no dia seguinte ao da agressão, na residência do Juiz Municipal, o Doutor Júlio Amando de Castro, estando presente o Doutor Baylet, constatou a existência de um ferimento com instrumento cortante

⁵¹ APERS – Vara Civil e Crime de Cachoeira, Processo crime nº 3031, Réu: Não consta, Vítima, Estevão Candido de Carvalho, ano: 1857, comarca de Rio Pardo.

na mão direita do ofendido.⁵² A esposa de Estevão, Dona Maria Cândida de Oliveira Carvalho, confirmou que eles saíram da casa de Tristão das 9 e meia para as 10 horas da noite e que no caminho para casa apareceu o réu armado de espada, “por sinal enferrujada”, e disse – “agora me pagas patife o que dissestes ontem”. O ourives Belizário da Cruz Lima testemunhou que estava na varanda de sua casa com os filhos e ouviu a voz do ofendido gritando – “não me mate senhor Manoel Homem”. O Coletor das Rendas Gerais e Provinciais Francisco de Paula Pereira da Silva (homem branco, 33 anos, solteiro, natural de Porto Alegre) nada sabia ao certo do ocorrido, mas naquela noite estava em uma casa vizinha e ouviu a voz da senhora do ofendido gritando – “é Manoel Homem”. O alemão Carlos Mohr, homem branco, solteiro, 29 anos, que vivia de sua arte de pintor, protestante (“em razão do que não prestou juramento”), relatou que na noite do atentado viu dois homens encostados junto a Igreja Matriz, mas não pode “distingui-los”, recordando haver pegado uma pedra para atirar-lhes, mas nada sabe da desavença entre autor e ofendido porque “com poucos fala”.

O indivíduo apontado como o agressor, que portaria uma *espada enferrujada*, foi qualificado em 14.04.1857 com o nome de Manoel Homem de Oliveira, filho de Gaspar Machado de Freitas e Maria Inês de [Jesus], com 43 anos de idade, casado, português da Ilha dos Açores, proprietário/chacareiro e alfabetizado. Ele depôs que vivia naquela vila há 10 anos e no momento do conflito de que o acusam estava em sua casa deitado na cama, “em uso de remédios”. Esse Manoel Homem de Oliveira provavelmente é o mesmo que assumiu como escrivão da Irmandade do Rosário de Cachoeira em 1871, era irmão do padre Antônio Homem de Oliveira e casado com Ana Júlia da Silveira.⁵³ O ferimento na mão de Estevão não era grave e “pelos pedidos de seus amigos”, ele desistiu da ação movida contra esse açoriano.

Alguns indivíduos, pela confiança que gozavam entre os devotos, pela sua reconhecida cultura e por sua atuação social local, ocuparam mais de um cargo na irmandade do Rosário e São Benedito que estudamos. Um desses foi Estevão Cândido de Carvalho, sujeito fácil de se localizar nas fontes documentais daquela cidade ao longo do século XIX. Estevão foi irmão de mesa em 1849, 1851, 1860, 1865 e 1866, escrivão no período de 1852 a 1857, passando

⁵² O Doutor Pedro Baylet prestou depoimento dizendo que “estava na casa de Santiago”, ouviu gritos e foi atender os ofendidos, sendo descrito como homem branco, solteiro, 43 anos, natural da França.

⁵³ APERS – Juízo Municipal de Órfãos de Cachoeira, Inventário nº 230, Inventariante: Antônio Homem de Oliveira, Inventariado: Manoel Homem de Oliveira, 1861, Comarca de Rio Pardo.

a tesoureiro em 1858, 1859 e 1863. Ele se tornou um dos irmãos do Rosário da Cachoeira aos 26 dias de dezembro de 1835, quando a guerra civil farroupilha começava seus atropelos, constando os seus pagamentos de anuais até 1860.⁵⁴

No processo de 1857, Estevão Cândido de Carvalho se apresenta como Serventuário vitalício do ofício de Órfãos de Cachoeira, mostrando como ele atuava no funcionalismo público. Não sabemos exatamente quando ele morreu, mas seu inventário foi aberto em 1888, computando um montemor de 15:714\$440 réis.⁵⁵ Tratava-se de um inventário amigável, que compreendia os bens de Estevão e de suas duas mulheres, também falecidas – Emília Matildes da Silva e Maria Cândida de Oliveira⁵⁶.

Entre os bens, temos arrolados alguns móveis, dois cavalos inferiores e, principalmente, bens de raiz:

Quadro 04 – Patrimônio de Estevão Cândido de Carvalho (1888)

Imóveis	Valor
Prédio nº 15, com 3 janelas e uma porta, na Praça da Conceição, esquina da rua General Câmara, com terrenos no fundo, até a rua 1º de março, com árvores frutíferas, comprado a Inocêncio Ferreira Bica	1:400\$000
Prédio nº 77, com 40 palmos de frente, assoalhado e forrado, construído em fevereiro deste ano, na rua do Imperador	1:800\$000
Prédio nº 79, na rua do Imperador, esquina da Andrade Neves	1:600\$000
Prédio nº 87, 3 portas de frente, assoalhado e forrado e o terreno murado junto a casa, armazém coberto de zinco, na rua sete de setembro	7:000\$000
Terreno na rua Saldanha Marinho	200\$000
Parte de campos e matos na margem do Arroio Taquari	500\$000
Meio lote colonial na Picada Trombudo – margem direita do Jacuí	600\$000
Parte do prédio na rua Sete de Setembro, esquina da General Osório	300\$000
Parte de terras e matos nas Águas Mornas, 1º distrito deste município, comprado a Delfina Maria de Jesus	250\$000
Corte de chácara no Capão da Cruz	32\$000
Corte de chácara no Passo da Ferreira	32\$000

⁵⁴ Sobre a Farroupilha, ver: GUAZZELLI, 2013; LEITMAN, 1979; RIBEIRO, 2005 e 2011.

⁵⁵ APERS – Juízo Municipal da Cidade de Cachoeira do Sul, inventário amigável nº 118, inventariado: Estevão Cândido de Carvalho, Inventariante: Cândida Peixoto de Carvalho, ano: 1888, comarca de Rio Pardo.

⁵⁶ Mencionada apenas pelo prenome, mas com a insígnia de prestígio social de – Dona Emília –, a esposa de Estevão faleceu em 02.04.1851, em Cachoeira, “com confissão”, aos 40 anos de idade (AHCMS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 144).

No inventário do escrivão de órfãos e tesoureiro/escrivão da Irmandade do Rosário e São Benedito Estevão Cândido de Carvalho não aparecem escravizados ou escravizadas, mas isso era esperado, pois ele foi aberto após a lei de 13 de maio de 1888, que aboliu a escravidão no Brasil. Entretanto, nas pesquisas que fizemos nos registros de óbitos, batismos, casamentos e alforrias de Cachoeira do Sul, não encontramos nenhum registro de um cativo ou cativa desse senhor. Seria ele um convicto antiescravista ou a nossa pesquisa foi deficiente? Não que não o tenhamos encontrado nessas fontes, como podemos ver nas notas abaixo, retiradas do livro 3º de Casamentos de Cachoeira do Sul, que abrange os anos de 1823 a 1849 (AHCMCS):

- 23.06.1833 – (folha 85) 9 horas da manhã – Miguel com Rosa, ambos de nação Guiné e escravizados de Zeferino Alvares de Carvalho. Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Antônio dos Santos Falcão e **Estevão Cândido de Carvalho**;
- 21.01.1834 – (folha 88v) 4 horas da tarde – [Tristão] Gonçalves (filho legítimo de Miguel Gonçalves e de Agostinha Minharó, natural de Buenos Aires) com Camila Perpétua de Souza (parda liberta, escravizada que foi do Capitão Bernardo Moreira Lirio, filha natural de Perpétua de Souza e pai incógnito, natural desta freguesia). Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Antônio dos Santos Falcão e **Estevão Cândido de Carvalho**;
- 04.02.1834 – (folha 89v) 8 horas da manhã – José com Tereza, ambos de nação Guiné e escravizados de Francisco Correia. Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Jacob Carlos Técher e **Estevão Cândido de Carvalho**;
- 11.02.1834 – (folha 90) 8 horas da manhã – Domingos com Tereza, ambos de nação Guiné e escravizados de Antônio Vieira dos Santos. Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Antônio dos Santos Falcão e **Estevão Cândido de Carvalho**;
- 12.01.1835 – (folha 94v) 8 horas da manhã – Jacinto (crioulo, escravizado do Tenente José Carvalho Bernardes) com Angélica (crioula, escravizada de José Carvalho Júnior). Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Antônio dos Santos Falcão e **Estevão Cândido de Carvalho**;
- 08.01.1838 – (folha 101v) 9 horas da manhã – Fortunato com Maria, ambos crioulos e escravizados de Sinfrônio Vieira dos Santos.

Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Antônio dos Santos Falcão e **Estevão Cândido de Carvalho**;

- 31.05.1838 – (folha 104) 9 horas da manhã – Salvador (preto, crioulo, escravo de Dona Prudenciana Maria do Carmo) com Delfina Maria do Rosário (natural desta Freguesia, filha legítima de Inácio Luiz, já falecido, e de Maria Inácia, todos de nação Guarani). Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Jacob Carlos Tequér e **Estevão Cândido de Carvalho**;
- 21.09.1838 – (folha 105v) 3 horas da tarde – Constantino da Rocha (pardo, liberto, natural desta freguesia, filho natural de Tomásia, parda, escravizada de Francisco Antônio de Bitencourt e de pai incógnito), com Maria Justina (filha legítima de Francisco Álvares Pedroso e Maria Rosa, natural da capela de Caçapava). Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos. Testemunhas: Jacob Carlos Tequér e **Estevão Cândido de Carvalho**.

Os registros acima, de 1833 a 1838, mostram Estevão Cândido de Carvalho testemunhando ou apadrinhando casamentos de casais de forros ou escravizados. Por que estava ali acompanhando aquelas cerimônias? Que tipo de relação tinha com os noivos? Sua boa cultura escrita e a inserção no funcionalismo judiciário o tornava pessoa boa para se ter por perto em específicas demandas, pensando na redação de requerimentos diversos e nos trâmites burocráticos necessários. Talvez fosse pessoa relativamente fácil de achar, circulando pelo templo matriz, participando de irmandades, procissões, festividades católicas. Entretanto, ainda temos a lacuna da posse de escravizados e escravizadas por ele. Em dois processos que pesquisamos, nos quais ele aparece testemunhando, relativos aos anos de 1855 e 1856, sua cor é sempre mencionada como *branca* e ele se apresenta como natural de Porto Alegre, casado, 41/42 anos de idade e escrivão de órfãos/empregado público.⁵⁷

Aliás, este é outro aspecto encontrado repetidamente, ou seja, o fato de muitos escrivães e tesoureiros serem empregados no serviço público. Ezequiel Rodrigo de Niza e Castro, que foi escrivão da irmandade de 1844 a 1851, anos antes de sua atuação na irmandade, em 1833, depôs na justiça, sendo descrito como branco, casado, 51 anos, 1º tabelião desta vila da Ca-

⁵⁷ APERS – Delegacia de Polícia de Cachoeira, processo criminal nº 3002, autora: Manoela Gomes de Escovar, réu: felicidade de Tal, 1855; APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.377, autos de justificação nº 2400, Justificante: Cândido Pacheco de Moraes Castro, 1856.

choeira. Francisco Gonçalves da Fontoura desempenhou o cargo de escrivão da irmandade no período de 1859/1860 e tesoureiro em 1861/1864, sendo já irmão de mesa em 1855/1856. Em 1856, a preta Esperança estava lavando roupa na fonte e potreiro do Martinho, nos arrabaldes de Cachoeira, ao lado da preta liberta Cesária, quando cobrou um dinheiro que emprestara a Joaquim Ferreira Soares, que em resposta a agrediu. No processo montado em função desses ferimentos, depôs Francisco Gonçalves da Fontoura, descrito como escrivão do juízo dessa vila, com 21 anos de idade, solteiro, morador e natural de Cachoeira. Luiz Francisco da Rocha foi juiz em 1867, irmão de mesa em 1869/1870 e 1874, escrivão em 1871/1873, 1875/1876, 1879/1880 e juiz interino em 1874/1874. Testemunhando em um processo, no mesmo ano da abolição da escravatura, Luiz Francisco da Rocha aparece com 53 anos, casado, natural desta província, residente em Cachoeira e empregado público.⁵⁸

Gonçalo Teixeira de Carvalho, o senhor do Rei Miguel

Aos oito dias do mez de Abril do anno de mil oitocentos e quinze nesta Igreja Parochial de Nossa Senhora do Rozario da Cachoeira sendo pelas oito horas da manha proclamadas e feitas as demais diligencias na forma do Estillo e sem impedimento algum Canonico em virtude de huma Provisão que me apresentarão do Muito Reverendo Vigario da Vara desta Comarca em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas forão recebidos em Matrimonio na face da Igreja com palavras na prezente forma do Sagra do Concilio Tridentino e Constituição do Bispado: **Gonçalo Teixeira de Carvalho** filho legítimo de **João de Carvalho** e de **Maria Teixeira** natural da Freguesia de Santa Marinha da Pedreira do Arcebispado de Braga com **Maria Francisca de Loureto** filha legítima de **Francisco de Loureto** e de **Roza Luiza** natural desta Freguesia e do Bispado do Rio de Janeiro e logo receberão as bençãos nupcias na forma do Ritual Romano, do que para constar mandei fazer este acento.

O Vigário [a] Ignacio Francisco Xavier dos Santos

[a] **Antonio dos Santos Falcão**

[a] **Antonio Xavier da Silva**⁵⁹

⁵⁸ APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, auto crime n° 3162, autora: a justiça, réu: pardo Vicente; APERS – Civil e Crime de Rio Pardo, processo n° 2870, autora: justiça, réu: Guilherme Correia da Silva, 1833); APERS – Tribunal do Júri da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Processo n° 3017, autor: Vasco Antônio de Gouveia, Réu: Joaquim Ferreira Soares, 1856); APERS – Juízo Civil e Crime de Cachoeira do Sul, justificação de ausência n° 2415, ausente: Fuileno Antônio Fagundes, Justificante: Dona Maria Antônia de Menezes Carvalho, 1888; APERS – Juízo Civil e Crime de Cachoeira do Sul, justificação de ausência n° 2415, ausente: Fuileno Antônio Fagundes, Justificante: Dona Maria Antônia de Menezes Carvalho, 1888).

⁵⁹ AHCMCS – Livro n° 2 de Casamentos de Cachoeira do Sul (1808-1823).

Gonçalo Teixeira de Carvalho (1788/1852) foi tesoureiro da Irmandade do Rosário dos pretos da Cachoeira em um único ano, 1852, morrendo logo em seguida, aos 65 anos de idade⁶⁰. Ele atuou como Juiz de Paz naquela vila e também foi vereador entre os anos de 1841 e 1844 (GIMENO, 2014, p. 89). Ele era português, casado em 1815 com a cachoeirense Maria Francisca de Loreto, filha de Francisco de Loreto e Rosa Luiza Gonçalves.

Sua viúva abriu o inventário em 1856, sendo apontado um montep-menor de 12:332\$681 réis⁶¹, composto de *trastes da casa* (400\$), a armação da loja (200\$) um terreno com 170 palmos de frente na rua de Santo Antônio (2 contos de réis) e uma morada de casas na rua do Loreto, com terrenos fazendo fundos com a rua de Santo Antônio (9:500\$)⁶². O casal Gonçalo e Maria Francisca gerenciava seu arranjo familiar contribuindo com dotes para o estabelecimento autônomo de seus filhos. Mesmo para um casal com investimentos patrimoniais urbanos, o usual naquela sociedade escravista era que os dotes incluíssem escravizados, ou melhor, escravizadas, que com seus trabalhos ajudassem o sustento dos seus senhores e cujos ventres contribuíssem para o enriquecimento das famílias escravistas. Isidoro José de Barcelos recebeu a escravizada Rosa (600\$) e mais 400\$ em dinheiro⁶³; Francisca Carolina de Carvalho foi dotada da escravizada Laura e mais 400 mil réis em dinheiro⁶⁴; Ana Francisca de Carvalho (casada

⁶⁰ AHCMCS – Livro nº 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 149.

⁶¹ APERS – Juízo Municipal de Cachoeira do Sul – Inventário amigável nº 17, maço 1, inventariado: Gonçalo Teixeira de Carvalho, Inventariante: Maria Francisca do Loreto, 1856, comarca de Rio Pardo.

⁶² Foram apontados como herdeiros e assinaram o termo de inventário amigável: Herdeiros: João Gonçalves de Carvalho e Silva (e sua mulher Dona Brígida Querina de Oliveira), Miguel Teixeira de Carvalho, Dona Rosa Luiza de Carvalho e Silva, Senhorinha Cândida de Carvalho, Isidoro José de Barcelos, Francisco Loreto de Carvalho e Silva (e sua mulher Dona Guilhermina Francisca Ilha), Joaquim Gomes de Carvalho (e sua mulher Dona Carolina Ferraz de Carvalho), Dona Francisca Carolina de Carvalho e Dona Ana Francisca de Carvalho (casada com Manoel Pires dos Santos).

⁶³ Encontramos dois batismos de filhos da guiné Rosa, escravizada por Isidoro José de Barcelos: (01) – 12.04.1838: Julia – nascida em 01.10.1837, padrinhos: José (de Manoel Gonçalves Borges) e Ana (de Gonçalo Teixeira de Carvalho); (02) – 31.05.1840 – Eva, nascida em 16.04.1840 – padrinhos: Miguel Teixeira de Carvalho e Ana Francisca de Carvalho. A preta Rosa faleceu ainda escravizada por seu senhor Isidoro, no inverno de 1857, aos 10 dias de julho, sem que a causa da morte fosse declarada (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 176 / Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul – 1799/1842).

⁶⁴ A preta africana Laura, aos 50 anos de idade, foi libertada *gratuitamente*, em 21.09.1868, por sua senhora Francisca Carolina de Carvalho. Por não saber ler nem escrever, a senhora pediu a Antônio Peixoto de Oliveira que redigisse a carta de alforria e assinasse a rogo. A falsa *gratuidade* da alforria senhorial *concedida* a africana Laura se denuncia no documento de liberdade

com Manoel Pires dos Santos) ganhou de seus pais, como adiantamento da herança, a escravizada Maria Antônia (600\$) e a mesma quantia em dinheiro recebida por seus irmãos e Dona Rosa Luiza de Carvalho e Silva não recebeu adiantamento em dinheiro, mas duas escravizadas: Maria Luiza (500\$), a qual levou em sua companhia a filha parda Balbina (500\$). O inventário do casal Gonçalo e Maria Francisca apresenta uma média escravaria, composta por 10 escravizados e escravizadas:

Quadro nº 05 – Escravaria de Gonçalo Teixeira de Carvalho (1856)

Nome	Dados	Avaliação
Antônia	Crioula	300
Bernardina	Parda	800
Eufrásia	Crioula	700
Joana	Costa	200
João	Costa	700
Maria Cecília		700
Mariana	Costa	350
Miguel	Costa	350
Pedro	Crioulo	300
Tereza	Crioula	800

Fonte: APERS – Juízo Municipal de Cachoeira do Sul – Inventário amigável nº 17, maço 1, inventariado: Gonçalo Teixeira de Carvalho, Inventariante: Maria Francisca do Loreto, 1856, comarca de Rio Pardo.

No total temos 4 africanos, todos genericamente denominados de *da Costa*, 5 crioulos e uma mulher sem referência de procedência, Maria Cecília. Mas a escravaria de Gonçalo e Maria Francisca, como toda comunidade humana, não se restringe a um momento específico, comportando uma dinamicidade que pode ser esboçada através do cruzamento com outras fontes documentais, como os batismos e óbitos.

passado no mesmo dia para a filha da mesma. A parda Joaquina, aos 26 anos de idade, filha do ventre escravizado de sua mãe Laura, também conquista a alforria em 21.09.1868, mas teve que indenizar a sua senhora com a elevada quantia de um conto e quinhentos mil réis. Laura trabalhou anos cuidando de seus senhores, seu ventre gerou acumulação de riquezas para seus escravizadores e seu núcleo familiar ainda teve que se desdobrar entregando suadas economias a sua senhora Francisca Carolina. Nisso se verifica também a eficiência para a família senhorial da estratégia do dote usada (APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro nº 11 de Transmissões e Notas, 22.09.1868, folha 130v).

Quadro nº 06 – Batismos de Escravizad@s de Gonçalo Teixeira de Carvalho

Batismo	Nome	Idade	Origem/filiação	Padrinhos/Madrinhas
31.11.1815	João	14 anos	Caçanje	Constantino José de Loureto
18.11.1825	Fortunato	9 anos	FN Rosa	João (preto, forro, que foi de Francisco Duarte) e Maria (de Francisco de Loureto)
01.01.1826	Antônio	10 anos	Angola	Domingos (de João Pereira de Monteiro) e Maria (de Francisco de Loureto)
19.11.1827	Eva		FN guiné Rosa	Não consta
30.02.1830	Faustino	15 anos	FN Rosa	Vicente (do Capitão Joaquim Gomes Pereira) e Maria (de Rosa Luiza)
22.04.1830	Manoel	16 anos	Guiné	Antônio Pereira Mafra
27.04.1832	Josefa	8 anos	FN Guiné Rosa	Iziquiel da Cunha (preto, forro) e Ângela (escravizada)

Fonte: AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos – 1799/1842 – Cachoeira do Sul.

Dos batismos arrolados acima, apenas o caçanje João está na lista do inventário de 1856, descrito como da Costa. Os demais devem ter sido transferidos para outros senhores (mediante venda ou troca) ou morrido sem registro oficial de seus óbitos. Percebemos que o início dessa escravaria parece depender da inserção de trabalhadores e trabalhadoras advindos do tráfico transatlântico (um caçanje, um angola e um guiné, todos jovens com idades entre 10 e 16 anos) e frutos dos ventres afro-diaspórico da guiné Rosa.

Quadro nº 07 – Óbitos de Escravizad@s de Gonçalo Teixeira de Carvalho

Data	Nome	Dados	Causa morte
24.07.1835	Teodora	11 meses, FN da africana da costa Rosa	Feridas na garganta
02.07.1846	Tomásia	Crioula, 5 meses	Diarreia
10.04.1847	Vicência	Crioula, 1 ano, FN de Maria Cecília	Tosse
03.05.1849	Luzia	De nação, 50 anos	Inflamação no estômago

Fonte: AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira, folhas 42v, 106v, 118, 135v.

Os registros de óbitos são fontes plenas de potencial investigativo para a história social em geral e da escravidão em específico. Eles nos trazem itens sobre a demografia (gênero, faixas etárias, procedências, cores) e as causas das mortes, que nos permitem pensar nas condições de vida daquelas populações. Evidentemente que temos que sempre ter presente que os

motivos dos óbitos são muitas vezes vagos, referências a sintomas e não diagnósticos exatos do que ocasionou os falecimentos. Termos vagos como *moléstias internas* aparecem sem que se saiba a que se referem. Acima vemos o falecimento precoce de 3 filhos de três filhas de ventres afro-diaspóricos, um sem a anotação do nome da mãe, outro da mesma africana Rosa que apareceu nos batismos e um de Maria Cecília. Junto com essas crianças vítimas da escravidão de suas mães, temos Luzia, uma africana de 50 anos, que encerrou sua diáspora transatlântica morrendo de uma inflamação no estômago, talvez fruto da ingestão de alimentos ou água de má qualidade.

Além destes escravizados e escravizadas acima, alguns dos quais aparecem no inventário de 1856, não podemos esquecer as cinco mulheres escravizadas que foram entregues para membros da família senhorial como dote – Rosa (para Isidoro), Laura (para Francisca Carolina), Maria Antônia (para Ana Francisca) e Maria Luiza e sua filha Balbina (para Rosa Luiza). Isso configura uma escravaria bem mais ampla do que aqueles dez cativos e cativas avaliadas em 1856.

Não encontramos a matrícula do tesoureiro Gonçalo Teixeira de Carvalho na Irmandade do Rosário da Cachoeira, mas sua esposa Maria Francisca de Loreto assinou o termo de ingresso naquela agremiação no dia seguinte ao natal de 1827, tendo seu marido assinado por ela, “por ela não saber escrever”. Deu de entrada os 640 réis usuais e continuou contribuindo anualmente até 1864, ano em que faleceu. Temos também, no livro de matrícula de irmãos disponível, que engloba os anos de 1812 a 1855, três escravizados e escravizadas de Gonçalo Teixeira de Carvalho. Miguel, que trataremos mais longamente adiante, ingressou no Rosário em 27 de setembro de 1831, contando com a *assistência de seu senhor*, o qual assinou por ele, sendo registrados pagamentos até 1856 e o seu falecimento em 20 de outubro de 1872. Aos 23 dias do mês de abril de 1843 afirmou sua devoção por Nossa Senhora do Rosário, tornando-se irmã, a escravizada Joana, sendo remida pelo pagamento da quantia de 10 mil réis, tudo registrado pelo escrivão Joaquim Gomes de Carvalho, irmão de seu senhor Gonçalo, constando pagamentos até 1859. No mesmo ano de 1843, mas aos 8 dias do mês de dezembro, tornou-se também irmão do Rosário (e São Bendito) o escravizado João, subordinado ao mesmo senhor. João desembolsou 640 réis e pagou os anuais até 1861, falecendo em 29 de julho de 1880.

Os irmãos do Rosário e São Benedito Miguel, Joana e João aparecem na lista de 1859 acima, todos tendo a sua africanidade explicitada. Esse João devoto deve ser o caçanje de 14 anos que foi batizado em

31.11.1815, do qual não localizamos o óbito, mesmo tendo a data indicada no livro de matrícula de irmãos. Esse caçanje foi irmão de mesa em 1837, 1847 e 1852, e Capitão de Mastro em 1851.

A africana Joana recebeu uma baixa avaliação no inventário de 1856, indicando idade avançada, alguma deficiência de saúde ou as duas variáveis. Ela foi alforriada pela viúva de Gonçalo, Maria Francisca de Loreto, em 13 de julho de 1856, alcunhada de *velha*. A carta foi escrita em Cachoeira do Sul e *concedia liberdade* “em retribuição aos bons serviços prestados”, ou seja, aparentemente *gratuita*. Como a senhora era analfabeta, pediu que Antônio José Ferreira de Vasconcelos a assinasse a rogo. Nenhuma palavra foi dita a respeito da sobrevivência da *velha* devota do Rosário em liberdade, se continuaria na casa senhorial, viveria da caridade pública ou alguém de sua família e/ou comunidade afro-diaspórica cuidaria dela.⁶⁵ O livro de matrícula não fornece a data da morte de Joana e encontramos os registros de três óbitos compatíveis com os dados que dela temos: em 04.07.1865 morreu de *moléstia desconhecida* a preta africana e forra Joana; em 04.08.1869 se finou de *velhice* a liberta Joana; e em 07.08.1869 faleceu a liberta Joana, sem a indicação da causa da morte.⁶⁶

Em 20 de outubro de 1872 morreu o africano forro Miguel, com 60 anos de idade, sendo o registro assinado pelo padre Marcolino da Maia Firmo, mesmo eclesiástico que sacramentou as duas últimas Joanas forras acima. Não foi indicada a causa da morte, talvez porque a idade desse indivíduo afro-diaspórico tornava tal indicação desnecessária, sendo ele enterrado no cemitério daquela paróquia, muito provavelmente acompanhado pelos irmãos pretos do Rosário e São Benedito.⁶⁷ Como mencionamos acima, Miguel, escravizado de Gonçalo Teixeira de Carvalho, fez sua matrícula na Irmandade do Rosário dos Pretos da Cachoeira aos 27 dias do mês de setembro de 1831. Dos registros dos livros de escrituração dessa agremiação religiosa temos uma verdadeira militância afro-católica desse africano devoto. No mesmo ano de sua matrícula ele tornou-se irmão de mesa, posto ao qual ele retornou em 1846 e 1848, assumindo como juiz em 1849, 1850, 1853 e rei em 1867, 1868, 1870 e 1871.

⁶⁵ APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira – Livro nº 7 de Transmissões e Notas, folha 116v, 08.08.1856.

⁶⁶ AHCMCS – Livro 4 de Óbitos de Cachoeira (1860 a 1868), folha 28; Livro 5 de Óbitos de Cachoeira (1860 a 1873), folha 29.

⁶⁷ Livro 5 de Óbitos de Cachoeira (1860 a 1873), folha 45.

Temos no quadro abaixo as vezes em que o africano Miguel compareceu na pia batismal da Igreja de Nossa Senhora da Conceição conduzindo crianças para serem batizadas:

Quadro nº 8 – Afilhados do africano Miguel (Gonçalo de Carvalho):

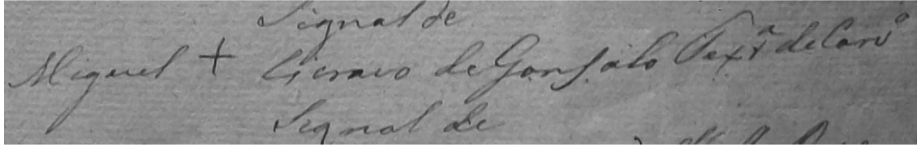
Batismo	Nome	Nascimento	Filiação
27.05.1832	Sebastião	06.02.1832	FL dos guinés Jacinta e Gildo
Escravizados de Antônio José de Menezes, padrinhos: Miguel (de Gonçalo Teixeira de Carvalho) e Maria (de Rosa Luiza);			
26.10.1832	Dionísia	09.10.1832	FN da parda Maria
Escravizadas de Joaquim Gomes Pereira; padrinhos: Miguel (de Gonçalo Teixeira de Carvalho) e Domingas (de Inocência Coelho Leal);			
25.03.1835	Januária	20.02.1835	FN da africana da costa Francisca
Escravizadas de Constantino José de Loureto, padrinhos: Miguel (de Gonçalo Teixeira de Carvalho) e a parda liberta Felícia;			
08.01.1846	Tomásia	28.12.1845	FN da crioula Eufrásia
Escravizadas de Gonçalo Teixeira de Carvalho; padrinhos: Miguel (de Gonçalo Teixeira de Carvalho) e Joana (do mesmo senhor);			
22.08.1845	Bárbara	Bárbara	FN da crioula Vitoriana
Escravizadas de José Domingues Severo, padrinhos: Miguel (de Gonçalo Teixeira de Carvalho) e Angélica.			

Fonte: AHCMCS – Livro 2º de Batismos de Escravos – 1847/1852 – Cachoeira do Sul.

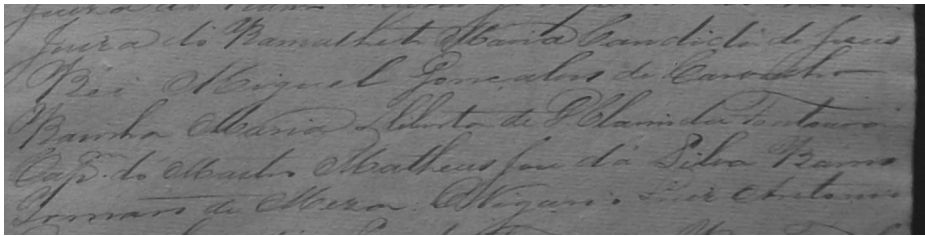
Percebemos que no ano seguinte ao seu ingresso na irmandade, 1832, Miguel apadrinhou duas crianças. Cruzando com os dados que temos da matrícula de irmãs, só encontramos a madrinha de Tomásia, Joana, escravizada também por Gonçalo Teixeira de Carvalho, como irmã do Rosário. Consideramos que certamente a participação nessa irmandade extrapolava os efetivamente matriculados, já que muitos outros devotos negros deveriam frequentar os cultos, procissões e mesmo ajudar anonimamente no funcionamento daquela comunidade afro-católica.

Vimos que Miguel encerrou sua sina afro-diaspórica em 1872, sendo descrito como forro, mas não localizamos a sua carta de alforria. No inventário de 1859 ele é listado como uma das mercadorias semoventes daquele casal escravista, mas quando ele assumiu como rei, em 1867, foi registrado nos livros do Rosário como “liberto de Gonsálo Teixeira de Carvalho” e nas vezes seguintes (1868, 1870 e 171) como Rei Miguel Gonçallo de Carvalho. Talvez a sua denominação não tenha incorporado como sobrenome – Teixeira de Carvalho – pois já havia um seu ex-senhor moço com essa

alcunha. Além das vezes em que ele assumiu cargos, ele aparece em várias atas tendo sua assinatura ali a rogo, mas sem que participasse das eleições, aparentando apenas comparecer para prestigiar ou apoiar o esforço coletivo dos pretos do Rosário.



Handwritten signature: Miguel + Gerardo de Gonfalo Peixoto de Lari



Handwritten text listing names and titles, including Gerardo de Marmatete, Manoel Pires dos Santos, and others.

Os Peixoto de Oliveira: Narciso e Antônio

Antônio Peixoto de Oliveira era tabelião em Cachoeira e citado na pesquisa do historiador Alejandro Jesus Fenker Gimeno (2014, p. 18) como “um dos personagens principais do comércio de terras na cidade de Cachoeira”.

Dona Maria Constança de Barcellos, filha de Isidoro José de Barcellos e Maria Luiza de Carvalho, casou-se com Antônio Peixoto de Oliveira em 1856, na Igreja Matriz da Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira. Ela, neta de um dos fundadores da Vila de Cachoeira, membro da Câmara Municipal por várias legislaturas, era membro de uma família de tradição na localidade. Essa família, constituída pelos Loreto e pelos Barcellos, desde cedo ocupou posição de destaque em Cachoeira, pois seus membros eram fundadores da comunidade e proprietários de terra. As terras da família eram originárias de concessões. Suas propriedades em 89 sesmarias davam o status necessário para quem pretendia fazer parte de uma elite econômica. Além disso, a participação dos membros dessa família na Câmara Municipal de Cachoeira os tornava também uma parte da elite política local (GIMENO, 2014, p. 88/89).

O casório de Antônio Peixoto e Dona Maria Constança ocorreu na Igreja da Conceição, em Cachoeira, aos 26 dias de janeiro de 1856, testemunhado por Estevão Cândido de Carvalho e Manoel Pires dos Santos⁶⁸. Antônio Peixoto de Oliveira era de ascendência menos importante que a de

⁶⁸ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4, 1849-188, folha 5v.

sua esposa, sendo filho do farmacêutico Narciso Peixoto de Oliveira e Maria Narcisa de Oliveira. Ele teria sido aprovado, em 1853, para o cargo de escrivão de Órfãos da vila de Alegrete, mas parece que não assumiu, permanecendo em Cachoeira no cargo de escrivão do Eclesiástico, envolvido nos Registros Paroquiais de Terras, no qual permaneceu até a conclusão, em 1857 – “Concomitantemente, Antônio passou a exercer o cargo de Escrivão Ajudante no 1º Tabelionato de Cachoeira, onde veio a se estabelecer como Tabelião Interino e mais tarde como Tabelião” (GIMENO, 2014, p. 90). Capitalizado pelos bens herdados de seu pai Narciso, Antônio Peixoto de Oliveira teve papel nodal nas compras e vendas de terras da região, até o seu falecimento, em 1888.

Os bens arrolados no inventário do Tabelião Peixoto de Oliveira chamam a atenção, pois eram três quartos de légua de terras compradas de Gaspar José de Freitas, na margem do arroio Mello, na mesma região, divididas em 23 lotes, no valor de 500 mil réis cada um; 60 prazos coloniais comprados de Miguel Martins Pinto, no valor de 300 mil réis cada prazo; e ainda constavam 30 lotes contratados com diversos, ou seja, lotes vendidos a prazo e que ainda dependiam de quitação por parte dos compradores, todos localizados nas proximidades da Colônia Silveira Martins e da Colônia de Santo Ângelo. Além destas terras, estavam arroladas no inventário duas áreas de 206 e 222 hectares na serra geral do “Jacuhyzinho”, município de Soledade, e ainda a terça parte das terras da posse de Theodoro Hermógenes de Almeida, com cerca de 200 hectares, o qual não havia conseguido legitimar (GIMENO, 2014, p. 92).

O farmacêutico Narciso Peixoto de Oliveira passou a fazer parte do grêmio dos devotos do Rosário de Cachoeira aos 7 dias do mês de dezembro de 1840, sendo o seu ingresso comprovado por termo preenchido pelo escrivão interino Joaquim Gomes de Carvalho. Ele deu os usuais 640 réis de entrada e continuou pagando os anuais regularmente até o ano de 1853, quando consta ter falecido. Ele consta como irmão de mesa nos anos de 1845 e 1847.

Narciso Peixoto de Oliveira desposou Rita Maria de Assunção, em Cachoeira, em 28 de maio de 1853, às *quatro horas da madrugada*. Ambos os noivos eram viúvos, ela de Agostinho Francisco Ilha e ele de Joana Elizia de Oliveira e o casório foi testemunhado por Estevão Cândido de Carvalho e Manoel José da Costa Soares.⁶⁹

⁶⁹ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4 de Cachoeira do Sul, f. 29. Em 1861 houve uma desordem na casa de negócio do português Manoel José da Costa Soares, que disse ter 50 anos, negociante, viúvo e cidadão brasileiro (APERS – Tribunal do Júri da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, auto crime nº 3078, autora: a justiça, réu: o pardo Pedro Luciano, 1861).

Narciso Peixoto de Oliveira Filho casou em 29 de setembro de 1855, às cinco horas da tarde, com Antônia Emilia de Carvalho, sendo o casório testemunhado por Alexandre Coelho Leal e o capitão João Tomás de Menezes Filho. Narciso era filho legítimo de Narciso Peixoto de Oliveira e Maria Narcisa de Oliveira e Antônia era filha de Estevão Cândido de Carvalho e Emília Matildes da Silva⁷⁰.

Às oito horas da noite de 26.01.1856, casaram na matriz da Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira e Dona Maria Constança de Barcelos, matrimônio testemunhado por Estevão Cândido de Carvalho e Manoel Pires dos Santos. A noiva era filha legítima de Isidoro José de Barcelos e Maria Luiza de Carvalho (já falecida) e o noivo filho legítimo de Narciso Peixoto de Oliveira e Maria Narcisa (já falecida).⁷¹

Também não encontramos a matrícula na irmandade de Antônio Peixoto de Oliveira, mas ele aparece nos livros como tesoureiro em 1860, juiz da festa em 1870/1871 e irmão de mesa nos anos de 1861, 1865/1866 e 1871/1872. Ele faleceu em Cachoeira, às duas e meia horas da tarde, de “septicemia consecutiva e uma cistite” aos 29 dias de setembro de 1888. Seu prestígio é também impresso no registro de sua morte, já que ele é o único defunto do livro que traz como insígnia a profissão, no caso, de tabelião público. Ele faleceu como 55 anos de idade, casado e consta ser natural desta província⁷².

Não localizamos o inventário post-mortem de Narciso e o de Antônio Peixoto de Oliveira, como vimos, é posterior a abolição da escravatura. Certamente por suas atividades burocráticas ligadas a escrita, Antônio Peixoto de Oliveira aparece em várias cartas de alforria registradas em cartório, redigindo e/ou assinando os documentos de liberdade a pedido dos senhores e senhoras. Mas em nenhum desses documentos de liberdade os Peixoto de Oliveira são os senhores outorgantes da liberdade. Dificilmente essa família aparece em registros eclesiásticos de escravizados e escravizadas, por isso não temos uma noção exata da dimensão da presença de cativos nesses fogos.

De Antônio Peixoto de Oliveira temos apenas um óbito, do crioulo Maurício, que aos 16 anos de idade, em 28 de abril de 1869, faleceu de tísica tuberculosa.⁷³ Já Narciso providenciou o enterro da crioula Faustina,

⁷⁰ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4 de Cachoeira do Sul, f. 53v.

⁷¹ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4 de Cachoeira do Sul, f. 55v.

⁷² AHCMCS – Livro 7 de Óbitos de Cachoeira do Sul.

⁷³ AHCMCS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1860 a 1873), folha 26v.

que morreu de hidropisia em 3 de novembro de 1845.⁷⁴ Nos batismos, aparecem apenas dois registros de escravizados pertencentes a Narciso:

- 07.03.1840 – Paulo, nascido em 23.02.1840, crioulo, FN da crioula Felisberta, padrinhos: Joaquim Anastácio de Souza e a parda Inácia (de Manoel Antônio Simões Teixeira), padre Inácio Francisco Xavier dos Santos;
- 10.03.1842 – Eva, nascida em 16.10.1841, FN da crioula Felisberta, padrinhos: o pardo liberto Lino Francisco Bueno e Inácia (de Manoel Antônio Simões Teixeira), padre Antônio Homem de Oliveira.⁷⁵

A família Peixoto de Oliveira ainda estava representada por outros indivíduos naquela sociedade religiosa. Um outro filho de Narciso, chamado Narciso Peixoto de Oliveira Filho, atuou como irmão de mesa nos anos de 1860 e 1861 e escrivão em 1863. Assim, também dois filhos de Antônio participaram daquela agremiação, Generosa Peixoto de Oliveira foi 4ª mordoma em 1886/1887 e o advogado Severo de Oliveira Peixoto também atuou como mordomo na 2ª novena, em 1889 (GIMENO, 2014, p. 90).

Voltando ao uso dos processos, encontramos Antônio Peixoto de Oliveira em dois processos de 1856, arrolado como testemunha. Nos dois ele aparece, obviamente, descrito com quase todas as mesmas características – *branco*, 23 anos de idade, casado, natural de Porto Alegre –, mas na questão da profissão, em um aparece como negociante e em outro como escrivão eclesiástico.⁷⁶

Joaquim dos Santos Xavier Marmello

Em setembro de 1837, com a guerra civil farroupilha tumultuando a província mais meridional do império, o tesoureiro João Alberto Xavier despendeu a quantia de 5\$760 réis com seis missas, “para a Alma do Irmão falecido Joaquim dos Santos Xavier Marmello”, sendo tal gasto religiosamente anotado pelo escrivão Estevão Candido de Carvalho.

⁷⁴ AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 99.

⁷⁵ AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul (1799/1842). Eva foi doada para Maria Cândida de Oliveira, filha de Narciso Peixoto de Oliveira.

⁷⁶ APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.377, autos de justificação nº 2400, Justificante: Cândido Pacheco de Moraes Castro, 1856; APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.377, processo crime nº 2446, Autora: a justiça, réu: Rafael, escravo de José Custódio Coelho Leal, 1856.

O falecimento da *vida presente* de Marmelo foi anotado nos livros eclesiásticos da paróquia pelo vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos, em 29 de junho de 1837, tendo o defunto a oportunidade de receber os sacramentos da penitência e extrema-unção. Ele teria morrido de *moléstia das ourinas*, com 67 anos de idade e era viúvo de Luiza Joaquina da Conceição.⁷⁷ Marmello adentrou na irmandade dos pretos da Cachoeira no 1º dia do mês de julho de 1812, sendo o segundo indivíduo a constar na matrícula dos irmãos, na sequência do tesoureiro João Alberto Xavier. Aliás, o termo de sua matrícula foi escrito e assinado por ele mesmo, atuando de escrivão. Marmello pagou regularmente os anuais da irmandade até 1834, falecendo três anos depois, em 29 de junho de 1837, quando consta que “Forão ditas as missas”.

Encontramos dois documentos que mostram a inserção de Marmello na burocracia colonial, sendo mais um funcionário a contribuir com a escrituração daquela agremiação religiosa. Em 29 de março de 1813 foi registrada nos livros da fazenda uma Provisão passada a Joaquim dos Santos Xavier Marmello, para servir o emprego de Escrivão da Recebedoria dos Selos da comarca eclesiástica da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira. Dois anos depois, em 15 de março de 1815, foi anotada nos mesmos códices manuscritos uma Provisão passada a Marmello, para continuar a servir como Escrivão dos novos impostos das Seges, Lojas e Embarcações da Cachoeira.⁷⁸ Quando da instalação da Câmara Municipal de Cachoeira, no município criado pelo Alvará de 26 de abril de 1819, Marmello era o 1º Tabelião e Escrivão da Câmara.⁷⁹

Ele aparece também com o posto de alferes antecedendo o seu nome, mostrando que desempenhou atividades militares. O alferes Joaquim dos Santos Xavier Marmello era casado com Dona Luiza Joaquina de Assunção, ambos naturais da Ilha do Desterro, atual Florianópolis, em Santa Catarina. Ele foi batizado em 17.12.1770 e seu casório ocorreu em 1795, ainda na província catarinense. O casal teve cinco filhos: Felicidade Joaquina dos Santos, Joaquim dos Santos Falcão⁸⁰,

⁷⁷ AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, f. 53.

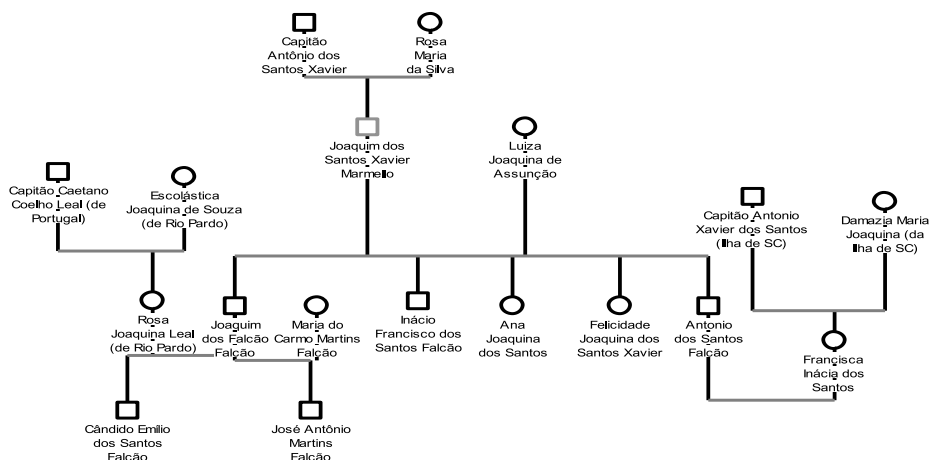
⁷⁸ AHRS – Fazenda, códices F-1211, folha 22v e F1239, folha 299).

⁷⁹ FORTES & WAGNER, 1963, p. 178. Disponível em: <<https://arquivohistoricodocachoeiradosul.blogspot.com/2013/08/5-de-agosto-instalacao-da-vila-nova-de.html?zx=6c79db77588751c6>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

⁸⁰ Joaquim era casado com Rosa Joaquina Leal e o casal perdeu o filho Joaquim, de 6 anos e 4 meses, vitimado pela escarlatina, em 31.05.1837 (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 55).

Inácio Francisco dos Santos Falcão, Antônio dos Santos Falcão e Ana Joaquina dos Santos.⁸¹

Árvore Genealógica de Joaquim dos Santos Xavier Marmello



O alferes e escrivão Joaquim dos Santos Xavier Marmello atuou como escrivão da irmandade do Rosário dos pretos da Cachoeira durante um longo período, entre os anos de 1827 a 1837. Enquanto no livro de matrícula da irmandade consta que Marmello faleceu em 29.06.1837, no seu inventário post-mortem o inventariante informa que a morte ocorreu aos 12 dias de setembro daquele mesmo ano, abintestado.⁸² No inventário constam os seguintes bens:

Quadro nº 09 – Bens de Joaquim dos Santos Xavier Marmello

Terreno de chácara nos subúrbios desta cidade, entre estes e a Várzea de Nossa Senhora	2:000
Pequeno terreno alagadiço na margem do Arroio das Pedras	30\$
Pequena casa arruinada com terreno na rua Bela, nº 302	350\$
Terreno urbano na rua Bela, nº 302	60\$
Direito hipotecário sobre uma data de terras, abandonada antes de 1835, título extraviou-se	20\$
Dinheiro proveniente da liberdade da escravizada Florinda	300\$
Total:	2:760\$

⁸¹ Ver a pesquisa de Mirian Ritzel em: <<http://www.museucachoeira.com.br/index.php?area=municipio&id=219>>.

⁸² APERS – Cartório de Órfãos e Ausentes de Cachoeira do Sul, comarca de Rio Pardo, Inventário nº 332, inventariado: Joaquim dos Santos Xavier Marmello, inventariante: Manoel Marques Santos Torres, 1871.

A escravizada Florinda, anteriormente citada, ingressou na irmandade do Rosário dos pretos de Cachoeira no dia seguinte ao Natal de 1833, sendo logo em seguida eleita para o cargo de juíza do ramo:

Protetor o Reverendo Vigario **Ignacio Francisco Xavier dos Santos**.

Juiz o Irmão **Manoel Gomes** Liberto. com 6 Votos

Rey o Irmão **Joze Antonio Mina**. 5 Votos

Rainha a Irma **Maria Antonia** – Liberta.

Juiza da Vara a Irma **Maria Benedita**. 5 Votos

Juiza do Ramo a Irma **Florinda** Escrava do Alferes **Joaquim dos Santos**. 5 Votos

Dita do Ramo a Irma **Maria** Escrava de Dona **Antonia Maria dos Santos**. 5 Votos

Procurador o Irmão **Izaquiel da Cunha**. 5 Votos

Capitão do Mastro o Irmão **Francisco Alves**. 5 Votos

Andador o Irmão **Francisco** Escravo de **Antonio Simois Teixeira**. 4 Votos

Não sabemos que atropelos retardaram a execução do inventário post-mortem de Marmello, mas a carta de alforria da parda Florinda evidencia tais dificuldades. O que transparece no documento de liberdade passado em 8 de agosto de 1860 pelo Juiz Municipal e de Órfãos Júlio Armando de Castro, é que Florinda seria arrematada em praça pública, provavelmente para pagamento de dívidas, mas ela conseguiu reunir o capital suficiente e propôs o pagamento de sua avaliação, obtendo então a liberdade. A carta foi concedida pelo Juiz Dr. Júlio em razão de a escrava ter requerido a sua liberdade, através:

[...] de sua petição por seu curador Fideles Simões de Alencastro, que achando-se sequestrada por parte de Tenente Coronel José Joaquim de Assunção, e sendo avaliada na quantia de 700\$ para ser vendida em Praça Pública, e desejando ser liberta me pediu lhe mandasse depositar a referida quantia, o que se procedeu [como] consta do Termo o depósito junto aos autos, e como seja por direito a liberdade garantida.⁸³

Ainda durante a vida de Marmello, encontramos vestígios documentais da autonomia de outra mulher negra por ele escravizada. A parda Maria, em 1827, pagou ao seu senhor, o alferes Joaquim dos Santos Xavier Marmello, a quantia de quatrocentos mil réis e obteve a liberdade:

Registro da Carta de Liberdade que o Alferes Joaquim dos Santos Xavier Marmello passou a sua Escrava parda Maria.

Digo eu Joaquim dos Santos Xavier Marmello que Sou Senhor e possuidor de uma Escrava Parda de Nome Maria, cuja Escrava a liberto pelo preço e

⁸³ APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, livro nº 8 de Transmissões e Notas, folha 15, 11-08-60. APERS, 2006, p. 204.

quantia de quatrocentos mil réis, preço por que foi avaliada por Ordem do Ilustríssimo Senhor Doutor Ouvidor, ficando esta quantia livre de qualquer pensão ou direito nacional, por verdade do referido passo a presente Carta de Liberdade por mim feita e assinada. Vila da Cachoeira, 13 de Outubro de 1827. [assinatura] Joaquim dos Santos Xavier Marmello.⁸⁴

Mesmo que o inventário post-mortem de Marmelo mencione apenas a escravizada Florinda, outros documentos, além dos documentos de liberdade acima, evidenciam a posse de cativos por esta família. Abaixo listamos os batismos encontrados de crias da casa de Joaquim dos Santos Xavier Marmello:

- 20.12.1802 – Maria, parda, nascida em 25.11.1802, FN da parda Rosa, padrinho: Inácio Custodio de Sousa Lobo;
- 09.05.1805 – Felipe, nascido em 05.05.1805, FN de Rosa, padrinho: José Gomes Porto;
- 18.04.1807 – Maria, parda, nascida em 03.04.1807, FN da parda Rosa, padrinhos: Francisco Cardozo & Maria Eufrásia;
- 06.05.1824 – Rufino, pardo, 5 anos, FN da parda Maria, padrinho: Paulo José Pereira e Felicidade (filha do senhor);⁸⁵

A filha de Marmelo, denominada Felicidade Joaquina dos Santos Xavier, que amadrinha no último registro acima o pardo Rufino, entrou na irmandade do Rosário de Cachoeira em 30 de setembro de 1817, apresentada por seu pai e persistiu pagando os anuais até o ano de 1834. Outro filho de Marmelo também foi ativo na mesma associação religiosa. Antônio dos Santos Falcão nasceu na vila da Cachoeira e aparece bastante nos livros da irmandade do Rosário da Cachoeira, agremiação na qual ele ingressou em 26.12.1835, assumindo os cargos de irmão de mesa (1845, 1848, 1850) e tesoureiro (de 1853 a 1857). Falcão aparece *tirando* esmolas para a caixinha da irmandade e entregando para o tesoureiro João Alberto Xavier em 30.03.1848 (10\$360 réis) e 20.12.1850 (7\$700).

Assim como seu pai, Antônio dos Santos Falcão também foi empregado da Câmara Municipal de Cachoeira, aparecendo como procurador da mesma pelo menos nos anos de 1839 e 1840⁸⁶. Ele casou na Igreja de

⁸⁴ APERS – Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 1 de Registros Diversos, folha 65.

⁸⁵ Fonte: AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos – 1799/1842 – Cachoeira do Sul, padre Inácio Francisco Xavier dos Santos.

⁸⁶ Pelas nove horas da noite de 30 de dezembro de 1839 foi exposta na porta da casa de José Álvares Ferreira Macieira a exposta Francisca. Ela foi descrita como branca e na mesma noite foi apresentada ao Procurador da Câmara Antônio dos Santos Falcão, que a recolheu para

Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira às 19 horas do dia 24 de novembro de 1822 com Francisca Ignacia dos Santos, filha legítima de Antônio Xavier dos Santos e Damásia Maria Joaquina, natural da ilha de Santa Catarina e deste Bispado do Rio de Janeiro. O matrimônio foi testemunhado por José Francisco Alves [ilegível] e Jacob Carlos Pequier e o sacramento ministrado pelo Vigário Ignacio Francisco Xavier dos Santos.⁸⁷

Manoel Homem de Oliveira, o irmão do padre

Nas pesquisas de história social que usam abundantemente documentos de lavra eclesiástica, os padres são figuras nodais, mas muitas vezes pouco conhecidos e analisados. Suas famílias, então, são ainda mais opacas nas análises historiográficas do que eles. Nos documentos que pesquisamos sobre a vila de Cachoeira, alguns padres são quase onipresentes, assinando documentos, ministrando sacramentos, testemunhando eventos.

Um destes personagens, sem dúvida, é o padre Antônio Homem de Oliveira, sujeito que atravessou o Atlântico afastando-se de quase toda sua família e terminou os seus dias em Cachoeira do Sul, rezando missas, ministrando sacramentos e curando. Ele, juntamente com o carrasco Domingos Pereira, ouviu as últimas palavras do condenado Tibúrcio, enforcado no centro de Cachoeira, em 1857. Antônio nasceu em 24 de janeiro de 1793 na freguesia de Santiago da Ribeira Seca, na Ilha de São Jorge, no arquipélago dos Açores, reino de Portugal. Filho legítimo de Gaspar Machado de Freitas e Maria Inês de Jesus, o Padre Antônio Homem de Oliveira foi pároco de Caçapava (RS), entre 1832 e 1836. Foi transferido para Cachoeira em 1842, como coadjutor do padre Francisco Inácio Xavier dos Santos (atuando junto com o padre Marcelino Lopes Falcão). Com a morte de Xavier dos Santos, em 1844, Homem de Oliveira assume como páro-

criar em sua casa, apadrinhando-a junto com a sua esposa Francisca Inácia dos Santos. Francisca estava envolvida em uma camisa velha, “huma Coeira de bacta amarella velho, hum pano velho, trouxe huma toca de caça velha” (AHCS, Câmara Municipal, Secretaria, Serviço de Expediente. Matrícula dos Expostos. [manuscrito]. ME, 001. Localização: Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul, folha 44 / ver: SILVA, 2018).

⁸⁷ AHCMCS – Livro de Casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição nº 2 (1808-1823). Antônio dos Santos Falcão e sua esposa Francisca passaram carta de alforria para o preto Simão, de 3 anos de idade, filho da sua escravizada Vitória, já falecida naquela ocasião. A carta foi emitida “sem cláusula ou condição” e João Silveira da Fontoura assinou a rogo da senhora, pois ela não sabia ler nem escrever (APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul – Livro 6 de Transmissões e Notas, folha 15, 12/06/1854).

co, cargo em que permanece até 1850, retornando nos anos de 1853 e 1860, falecendo nessa mesma vila em 13 de abril de 1860⁸⁸.

No ano seguinte ao falecimento do padre Antônio Homem de Oliveira, foi organizado o seu inventário post-mortem.⁸⁹ Por esse documento ficamos sabendo que os seus pais já haviam falecido e que ele tinha cinco irmãos:

- Manoel Homem de Oliveira, casado com Ana Júlia da Silveira;
- Rosa de São Pedro, casada com José Silveira;
- Maria, viúva;
- Isabel, casada com Manoel Machado de Oliveira;
- Tereza, casada com Manoel de Tal.

O inventariante deste padre foi seu irmão Manoel, que também vivia em Cachoeira. As demais irmãs residiam em Portugal, mas em lugar desconhecido. Manoel tentou comunicar suas irmãs por carta, mas nenhuma delas respondeu ao seu comunicado da morte do irmão, o que comprova que os laços familiares não foram mantidos íntegros ao longo do tempo de emigração. Assim, dada a dificuldade de contato, é solicitada a justiça para ser citado o Cônsul português Francisco José Belo.

Os avaliadores, o Capitão Lourenço José da Silva Bandeira e Antônio José Nunes de Castro, examinaram e atribuíram preços aos bens do falecido padre Antônio Homem de Oliveira⁹⁰. Ele tinha uma morada de casas velhas, na rua de São João, em Cachoeira, avaliada por dois contos de réis, uma junta de bois mansos pretos (28\$) e um cavalo zorrilho (10\$). O padre era servido por dois homens escravizados, ambos descritos genericamente como da costa da África: Marcelino, com 30 anos de idade, ofício de trabalhar em olaria de telhas e tijolos (1:600\$) e o sexagenário José (100\$). Por ser considerado velho, José não teve a profissão apontada, mas certamente Marcelino devia ser alugado pelo religioso, como uma forma de complementar a renda recebida como sacerdote e curador. Provavelmente na casa da rua São João, o padre Antônio Homem de Oliveira tinha os seguintes móveis:

⁸⁸ Entre 1852/1853 foi pároco de São Sepé (RUBERT, Volume II, 1994, p. 48 e 65).

⁸⁹ APERS – Juízo Municipal de Órfãos de Cachoeira, Inventário n° 230, Inventariado: Antônio Homem Oliveira, Inventariante: Manoel Homem de Oliveira, 1861, Cachoeira, Comarca de Rio Pardo.

⁹⁰ Lourenço José da Silva Bandeira era natural do Rio Pardo, filho legítimo do português José Lourenço da Silva e da porto-alegrense Dona Clara Antônia de Oliveira Bandeira. Ele desposou em Cachoeira, em 04.09.1850, Florisbela Violante de Alencastre, nascida em Porto Alegre, filha natural do Brigadeiro Joaquim Antônio de Alencastre (natural de Porto Alegre). O casório foi celebrado pelo padre Antônio Homem de Oliveira. (AHCMCS – Livro de Casamentos de Cachoeira do Sul n° 4, p. 13v). Em 1856 ele era presidente da Câmara Municipal da Cachoeira.

Quadro nº 10 – Móveis do Inventário do Padre Antônio Homem de Oliveira (1860)

Item	Valor
Piano velho desconcertado	120\$000
Armário envidraçado com gavetas	32\$000
Baú usado	3\$000
Marquesa	12\$000
Estante para livros com 3 gavetas	3\$000
Banca	2\$000
Gamela de banho	1\$500
Cadeira de braços com acento de palhinha	7\$000
8 cadeiras de pau americanas usadas	8\$000
Uma mesa grande de janta muito velha	6\$000
2 bancas de 4 pés e 2 gavetas cada uma	10\$000
Bengala velha de cana da Índia	1\$000
Frasqueira com 6 frascos grandes e pequenos usados	10\$000
Marquesa usada	4\$000
Selim com manta e freio de metal [de príncipe] tudo usado	12\$000
Relógio americano de mesa	12\$000
Relógio caixa de ouro de algibeira	100\$000
Relógio caixa de prata velho	5\$000
Corrente de ouro francesa com 17 e meia oitavas, a 2.500 a oitava	43\$750
Carretilha puxada a bois usada	80\$000
Botica homeopática com 16 medicamentos	4\$000
Livros	
Dois volumes de Melo Moraes homeopático ⁹¹	6\$000
Um volume de bixel	3\$000
Dois volumes de Clorane	10\$000
Um dito de Mure ⁹²	2\$000

⁹¹ Trata-se, provavelmente, da obra – *Matéria médica, ou patogenesia homeopática, contendo a exposição científica e prática dos caracteres e efeitos dos principais medicamentos homeopáticos, coligida e posta ao alcance do povo* Rio de Janeiro: E.H. Laemmert. 1852 (e volumes), de José Alexandre Melo Moraes, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia.

⁹² João Vicente Martins (1844). *A pratica elementar da homoeopathia pelo Doutor Mure ou Conselhos Clínicos, para qualquer pessoa, estranha completamente à medicina, poder tratar-se, e a muitos doentes, conforme os preceitos da homoeopathia, confirmados pelas experiencias dos Doutores Aegide, Alther [...].* Dois Volumes. Rio de Janeiro, Tipografia de Pinheiro.

Três ditos de Chernowitz alopatia ⁹³	10\$000
Um Volume do formulário da alopatia ⁹⁴	4\$000
Um volume da Matéria Médica Vegetal ⁹⁵	2\$000
Três volumes de Teologia Moral do Monte ⁹⁶	10\$000
Um volume do Novo Método da Língua Francesa ⁹⁷	4\$000
Um Volume Guia de Conversação Francesa ⁹⁸	2\$500
Um Volume do Mestre Francisco ⁹⁹	2\$500
Dois volumes as Mulheres da Bíblia em francês ¹⁰⁰	10\$000
Um volume Imitação de Jesus Cristo em francês ¹⁰¹	1\$000

Os bens listados acima denunciam alguns hábitos e gostos daquele eclesiástico oitocentista. Apreciava o francês, possuindo pelo menos dois livros nesta língua, possuía uma biblioteca de 20 volumes, acondicionada certamente na *estante para livros com 3 gavetas* e costumava curar, paralelamente ou complementarmente, ao desempenho de suas atividades religiosas. Notemos

⁹³ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorias*. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

⁹⁴ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *A Grande Farmacopéia Brasileira*. Formulário e Guia Médico. Um Guia das Plantas Mediciniais Brasileiras. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda., 1996.

⁹⁵ MARTIUS, Karl. *Systema de materia medica vegetal brasileira*. Contendo O Catalogo E Classificação de Todas as Plantas Brasileiras Conhecidas. Rio de Janeiro: editora Laemmert, 1854.

⁹⁶ ARAUJO, Manoel do Monte Rodrigues d'. *Compendio de Theologia Moral*. Para o uso do Seminario de Olinda em Pernambuco. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Agostinho de Freitas Guimarães & Cia., 1853.

⁹⁷ BURGAIN, Luiz Antônio. *Novo Método Prático e Teórico da Língua Francesa* ou Arte Fácil de aprender com perfeição e em pouco tempo a falar, traduzir e escrever o francês. 2 volumes. Rio de Janeiro, Editora E. H. Laemmert, 1849 (2ª edição em 1853). (ARRIADA, 2007, p. 104).

⁹⁸ BURGAIN, Luiz Antonio. *Novissimo Guia de Conversação em francez e em portuguez*: com a pronuncia figurada desde o principio até o fim seguido de uma escolhida colleção de proverbios e anexins de ambas as linguas e de novos Exercicios praticos sobre os verbos irregulares e defectivos, francezes e portuguezes. Rio de Janeiro: B. L. Garnier.

⁹⁹ MESTRE Francez ou Novo Methodo para Aprender com Perfeição, e ainda sem Mestre a LinguaFranceza por meio da Portugueza, confirmado como exemplos escolhidos e tirados dos Melhores Authores, offerecidoá estudiosa Mocidade Portugueza por F.B.D.L. Lisboa, 1781. Divisão de Obras Raras. OR PERI 0023, séc. XVIII.

¹⁰⁰ Talvez: Darbois, Georges. *Les femmes de la Bible*. Principaux Fragments d'une Histoire du Peuple de Dieu. Avec Collection de Portraits des Femmes Celebres de L'ancien et du Nouveau Testament Graves par les Meilleurs Artistes, d'apres Les Dessins de G. Staal. Paris : Garnier freres, 1853.

¹⁰¹ Trata-se do livro Imitação de Cristo, de Tomás de Kempis.

nos bens arrolados no inventário post-mortem do padre Antônio Homem de Oliveira que ele tinha uma *frasqueira com 6 frascos grandes e pequenos usados* (10\$) e uma *botica homeopática com 16 medicamentos* (4\$ réis). Segundo Vera Marques (1999, p. 172) era comum se encontrar à época a chamada *caixa de botica*, uma “arca de madeira em cujo interior era encontrado um certo número de medicamentos”. Aliás, o próprio *Diccionario de Medicina Domestica e Popular*, do doutor Theodoro J. H. Langaard, que se apresentava como uma obra “principalmente destinada para um público não profissional e habitante longe dos grandes centros” –, recomendava que existisse nas casas das famílias, uma *botica doméstica*, “contendo os principais remédios cujo emprego se aconselha na presente obra”. Além desses equipamentos, percebemos que o padre adquirira livros que o auxiliavam na cura através da homeopatia. Podemos aventar que pelo fato do curador ser um religioso, as curas que ele propugnava podiam possuir uma dupla eficácia, as drogas propriamente ditas e a espiritualidade de quem as ministrava (WEBER, 2019).

Infelizmente, pouco sobrou do patrimônio do padre Antônio Homem de Oliveira, já que seu monte-mor de 4:280\$750 réis foi abatido drasticamente com as despesas feitas pelo falecido:

Quadro nº 11 – Dívidas passivas do Padre Antônio Homem de Oliveira (1860)

Descrição	Valor (réis)
Para Dona Ana Elizia da Cunha, crédito de 13.12.1859	700\$000
Para Antônio José Nunes de Castro, crédito de 30.11.1857	1:800\$000
Para Antônio José Nunes de Castro, de remédios supridos da sua botica para a enfermidade do inventariado	74\$860
Para Laurindo José de Siqueira, boticário	46\$260
Para João José Rodrigues, gastos em sua loja e padaria ¹⁰²	36\$120
Para Pedro Vitorino dos Reis gastos em sua loja	10\$180
Para Maria José Sertório Leite, gastos em sua loja	13\$840
Para Israel Vieira da Cunha gastos em sua loja	8\$520
Para Jacinto Franco de Godoy, dinheiro de empréstimo	100\$000

¹⁰² Testemunhando em um processo no ano de 1858, em Cachoeira, João José Rodrigues aparece como *branco*, viúvo, 46 anos, negociante, desta província, residente em Cachoeira, assinou o depoimento (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.378, auto crime nº 2457, autora: a Justiça, réu: João Silveira da Fontoura, 1858).

Para Francisco Loreto de Carvalho e Silva, gastos de sua loja e dinheiro emprestado	107\$000
Enterro e funeral	180\$860
Caixão e cartas de convites para o enterro	74\$360
Música para o enterro	100\$000

Como dissemos no começo deste subitem, o padre Antônio Homem de Oliveira aparece constantemente nos documentos eclesiásticos da vila de Cachoeira, incluindo aí as escrituras da irmandade dos pretos do Rosário e São Benedito. Em várias atas ele aparece como protetor daquela irmandade, em 22.01.1850 foi contratado como o seu capelão, recebendo 64\$ réis anuais e em 25.09.1854 o tesoureiro o embolsou de 8\$640 réis “por seis missas pela alma do Irmão João Escravo de Antônio Ferreira Prestes a mil quatrocentos e quarenta réis cada uma”.

Em 1843, no ano anterior aquele em que o padre Antônio Homem de Oliveira assumiu como pároco de Cachoeira, o seu escravizado José, aquele africano descrito no inventário post-mortem de 1860 como *velho*, ingressou na irmandade do Rosário local. Isso ocorreu aos 8 dias do mês de dezembro, no interior da Igreja Matriz da Conceição e José declarou, como praxe, “que pela devoção que tem com Nossa Senhora do Rosário, queria ser irmão; e Servir na mesma Irmandade e para isso tinha obtido Licença de seu Senhor”. Foram pagos os 640 réis de entrada e, no ano seguinte, a *mesada* de 1\$280 réis, quando José assumiu como irmão de mesa. A saga afro-diaspórica do africano José se encerrou no frio do inverno de 1864, aos 25 dias de agosto, sendo seu padecimento justificado pela *velhice*. O padre Luiz Gonçalves dos Santos teve tempo de ministrar a penitência e a extrema-unção e José foi enterrado no cemitério das irmandades, e esperamos que em sua última viagem tenha sido acompanhado pelos devotos pretos do Rosário e São Benedito. Ele não constava mais como escravizado do padre Antônio, mas de seu irmão e inventariante Manoel Homem de Oliveira.¹⁰³

No subitem que falamos do escrivão e tesoureiro Estevão Cândido de Carvalho mencionamos uma agressão que ele sofreu no centro da vila de Cachoeira, em uma noite do mês de abril de 1857. O agressor foi Manoel Homem de Oliveira, que naquela noite de luar, “emponchado com uma espada em punho”, machucou seu desfeto, que andava acompanhado da es-

¹⁰³ AHCMCS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1860 a 1873), folha 12.

posa, recolhendo-se a sua residência. Este indivíduo que resolveu suas diferenças com o desafeto desferindo golpes com uma *espada enferrujada*, era o irmão do padre Antônio. Ele foi preso, e na qualificação que foi feita pela polícia, consta que se chamava Manoel Homem de Oliveira, filho de Gaspar Machado de Freitas e Maria Inês de [Jesus], com 43 anos de idade, casado, português da Ilha dos Açores, proprietário e chacareiro, alfabetizado. Manoel contou que residia em Cachoeira há 10 anos, talvez tendo se mudado para essa vila acompanhando o deslocamento do irmão padre. Ele negou ter causado o ferimento na mão de Estevão e mesmo ter circulado pelo centro naquele dia e horário, pois estava de cama, medicado talvez pelo próprio irmão.

Este Manoel Homem de Oliveira é o mesmo que assumiu como escrivão da Irmandade do Rosário de Cachoeira nos anos de 1870 e 1871, aparecendo no ano seguinte como irmão de mesa, quando inclusive entregou ao tesoureiro *pardo* Velocino de Araújo Bastos, em 30 de março daquele ano, as “esmollas da Caixinha” mensais, no valor de 25\$850:

Elleição do Juiz, Juizas e mais Officiaes e mezarios que tem de servir na Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, no prezente anno de 1870 a 1871. Ao primeiro dia do mez de Outubro de mil oito centos e setentta annos nesta Parochia de Nossa Senhora da Conceição nesta Cidade da Cachoeira e no Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, reunida a meza da mesma Irmandade, sob a prezidencia do Reverendo Vigario o Doutor Marcolino Maria da Maia Firme, Juiz da mesma Irmandade, procedeo-se a elleição dos novos officiaes e mais mezarios, que devem servir no prezente anno de mil oito centos e setentta a mil oito centos e setentta um, e forao elleitos os seguintes.

Juiz da Festa Antonio Peixoto de Oliveira.

Juiza da Festa Dona Maria Joze Florence do Prado.

Procurador Manoel Antonio Ferreira da Silva.

Thezoureiro Velocino de Araujo Bastos.

Juiza do Ramo – Julia Maria Christina.

Capitao do Mastro Manoel Vicente Ramos.

Escrivao Manoel Homem de Oliveira.

Sabemos que em 1857 Manoel Homem de Oliveira era *proprietário e chacareiro*, mas consta que ele vendeu uma chácara, avaliada por 4:500\$ réis, em 1871, para a família dos Ferreira de Vasconcelos.¹⁰⁴ Interessante

¹⁰⁴ No ano de 1848, Manoel Homem de Oliveira e sua mulher moveram uma ação contra Agostinho Francisco Ilha, por questões de terras. Ele se apresentou como possuidor de uma chácara nos subúrbios de Cachoeira, comprada de Antônio Alves de Oliveira a muitos anos (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.377, ação de força e esbulho n° 744; APERS – Juízo Municipal de Cachoeira, Inventário n° 56, falecida: Ana Constantina Ferreira de Vasconcellos, Inventariante: José Joaquim Pacheco, 1871, comarca de Rio Pardo).

que em dois momentos ele aparece agenciando o acompanhamento musical para atividades da irmandade: em 02.10.1854 recebeu 88 mil réis do tesoureiro Antônio dos Santos Falcão, “da muzica de Vozes e Instrumentos”, e em 09.02.1873 mais 280 mil réis “com a música para a festa”, do tesoureiro Velocino de Araújo Bastos. Seria apenas um agenciador ou atuaria ele também como músico e maestro?¹⁰⁵

Francisco Rodrigues Trilha, um pardo tesoureiro

Em 12 de junho de 1859, em um domingo, foi preso o preto Jorge, escravizado de Firmiano Pereira Soares, e quando era conduzido para a cadeia, passando “em frente a Casa do Teatro”, foi a patrulha atacada pelo *cabra* Antônio Trindade Júnior, o qual só foi detido com a ajuda de várias pessoas. O réu era filho de Antônio Trindade e Maria, tinha 24 anos de idade, casado, jornalista, natural de Rio Pardo e não sabia ler nem escrever.¹⁰⁶

Francisco Rodrigues *Trelha* esteve envolvido nesta confusão domin-gueira e quando foi chamado para prestar depoimento, se apresentou como solteiro, com 22 anos de idade, natural e residente em Cachoeira, disse que vivia de seu ofício de carpinteiro e assinou o depoimento. Francisco Rodrigues relatou que estava em sua casa quando foram lhe contar que o réu estava *fazendo motim*, e ele então “vestiu a farda” (provavelmente da Guarda Nacional, porque os que foram atacados eram desta corporação) e foi ao *lugar do barulho*, intimar o réu a prisão. As autoridades lhe perguntaram se ele sabia se o réu estava sob o efeito do álcool no momento do entrevero e ele respondeu resolutamente que sim “e tanto que ainda ficou devendo a ele testemunha dois meios quartilhos de vinho, pois foi ele testemunha que lhe vendeu a bebida em um botequim que tem e por isso afirma estar ele embriagado”. Na justiça, quando ele repetiu o seu testemunho, as autoridades acrescentaram, ao lado do seu nome, a qualidade de – *parido*.

Temos então um jovem homem negro, trabalhador manual especializa-do, que sabia ler e escrever, mantinha um botequim e era qualificado na

¹⁰⁵ Em 18 de janeiro de 1862, junto com Luiz Francisco da Rocha, Manoel Homem de Oliveira testemunhou o casamento do pardo pernambucano Antônio, de Firmiano Pereira Soares, com a parda baiana Maria Luiza (ex-escravizada do mesmo senhor), ambos moradores nesta freguesia há muitos anos (AHCMCS – Livro de Batismos de Cachoeira, n° 9B [1860/1862]).

¹⁰⁶ Aos 30 dias de maio daquele mesmo ano de 1859, às 4 horas da tarde, Antônio Trindade Júnior e Adão Fortes, testemunharam o enlace matrimonial do escravizado Sebastião (de Celestino Tomás Soares e da liberta Maria Tereza (AHCMCS – Livro de Casamentos n° 4, 1849-1881); APERS – Juízo Municipal de Rio Pardo, vila da Cachoeira, Caixa: 007.0409, Sumário Crime n° 3052, autora: justiça, réu: Antônio Trindade Júnior, 1859.

milícia cidadã (Guarda Nacional). Como ele se apresentou como carpinteiro, acreditamos que o seu botequim era de pequenas dimensões, não comportando ser chamado de *casa de negócios*.

Durante a vigência da Guerra do Paraguai, em 1866, Francisco Rodrigues atuou como personagem em uma contenda judiciária, sendo arrolado como testemunha. Ele não teve a cor apontada, uma invisibilidade comum no período naquele tipo de fonte, mas se apresentou como natural de Cachoeira, onde residia, com 29 anos de idade e assinou o depoimento. Quanto aos seus meios de ganhar a vida, disse “viver do comércio”, o que nos parece indicar que ele se dedicava a várias inserções profissionais, dependendo das oportunidades surgidas no mercado de trabalho e que provavelmente ainda mantinha o seu botequim funcionando.¹⁰⁷

Anos depois, na noite de 17 de agosto de 1874, na venda do italiano Carlos Partecheli (solteiro, 22 anos), houve uma contenda entre dois soldados do 1º regimento de artilharia a cavalo e um ferreiro veterano da Guerra do Paraguai. A briga ocorreu na frente da venda, localizada na rua do Imperador, saindo ferida a praça José Gomes Jardim (solteiro, 30 anos, analfabeto), o qual apontou como agressor o ex-Voluntário da Pátria Manoel Hipólito Olse, “a quem conhece por ter servido com ele no Exército”.

Os Corpos de Voluntários da Pátria foram criados pelo império brasileiro em 7 de janeiro de 1865, para reforçar os contingentes militares para a Guerra do Paraguai. Essa estratégia deu certo, pois trazia recompensas materiais e simbólicas para os que se apresentassem voluntariamente para o embate (DORATIOTO, 2002; FERREIRA, 2006; IZECKSOHN, 1992; SALLES, 1990; MOREIRA, 2010). Após o conflito, a denominação foi usada para nomear vários logradouros urbanos, procurando angariar o capital simbólico que esse esforço coletivo acumulou.

Olse (32 anos, solteiro, natural de Cachoeira do Sul) disse que vários soldados estavam naquele estabelecimento de Carlos Italiano, de noite, e que Jardim lhe pediu o cigarro que tinha na mão e, com sua negativa em

¹⁰⁷ Em outros indivíduos que ocuparam cargos na mesa diretora da irmandade encontramos esta adaptabilidade ao mercado de trabalho da época. Constantino José Ferreira de Vasconcelos aparece como irmão de mesa em 1865, escrivão em 1867 e novamente como irmão de mesa em 1870/1871. Depondo em um processo de 1872, a respeito de umas brigas durante uma festa de entrudo, Constantino aparece como *branco*, casado, com 26 anos, natural desta província. Ele assinou o depoimento e disse que vivia de suas agências (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.413, auto crime nº 3123, autora: a justiça, réu: Antônio Pedro de Araújo, 1866).

cedê-lo, sacou uma faca de ponta, ocorrendo a briga. Jardim estava tão bêbado que o sargento Ramos, chamado para acalmar os ânimos, o “pôs em tronco de laço para melhor conte-lo”. O réu depôs que achou que era tudo uma *caçoada* do soldado, pois eram amigos, mas mesmo assim foi levado a júri, que o absolveu por 11 votos, certamente contando na absolvição o seu capital simbólico pela participação como voluntário da pátria na Guerra do Paraguai.¹⁰⁸

Como testemunha referida, depôs Francisco Rodrigues Trilha, que contou que chegou na casa de negócio do italiano, de noite, e que ali já estavam vários soldados, parecendo-lhe que queriam jogar, mas o dono do estabelecimento os mandou sair. Nesse momento, Jardim tomou um relho de Olse e disse que só o devolveria quando ele pagasse o que lhe devia. Antecipando-se ao conflito, o dono mandou fechar a venda e Trilha, provavelmente por ser cliente habitual, ficou do lado de dentro, ouvindo barulho de brigas do lado de fora.

Francisco Rodrigues Trilha foi tesoureiro da irmandade do Rosário em 1865, passando no ano seguinte para escrivão, cargo que exerceu também em 1869. No processo de 1874 ele informa que era músico, casado, natural desta província e com residência em Cachoeira do Sul, e a sua cor é citada como *parda*. A referência de Francisco Rodrigues Trilha como pardo enuncia um específico lugar social e racial. Francisco Rodrigues era músico, mas, quando da prisão do réu Manoel Hipólito Olse na praça Matriz de Cachoeira, em 6 de março de 1874 – “o qual entregou-se fielmente entregando o facão que trazia” – o atestado de recolhimento dele a prisão local foi assinado pelo carcereiro Francisco Rodrigues Trilha. Temos então um indivíduo que se apresentou como músico, mas que ocupava um cargo da burocracia local.

Os carcereiros eram empregados da justiça e sua nomeação era regida pelo Regulamento nº 120 de 31 de janeiro de 1842, que determinava sobre “a execução da parte policial e criminal da lei nº 261 de 3 de dezembro de 1841”. Nos seus artigos 46 e 47, esse regulamento ordenava que os “Carcereiros e mais Empregados das Cadeias da Corte e das Capitais das Províncias” seriam escolhidos e nomeados pelos respectivos Chefes de Polícia. Nas cadeias das cidades e vilas das comarcas os mesmos funcionários também passariam pela nomeação dos Chefes de Polícia, mas os nomes seriam propostos pelos delegados locais, sendo a escolha “acompanhada

¹⁰⁸ APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1873/1889. Auto 3177, Autora: Justiça.

de circunstanciada informação sobre as qualidades e circunstâncias dos propositos” (AL-ALAM, 2013).

O historiador Caiuá Al-alam (2013) considerou que, evidentemente, os carcereiros gozavam de algum prestígio social local, mas não estavam, a grosso modo, inseridos nas elites paroquiais. Eles faziam parte de grupos sociais intermediários e recebiam remuneração próxima a um trabalhador especializado, um artista.

Eram funcionários públicos de baixo escalão que não dependiam apenas dos vencimentos pagos pelo Estado. De fato, a profissão de carcereiro era precária e estes deveriam criar provavelmente outras formas de ganhar a vida, tanto em serviços particulares e em outros ramos, como também dentro da própria instituição prisional (AL-ALAM, 2013, p. 199).

No caso específico do carcereiro Francisco Rodrigues Trilha a precariedade salarial era compensada com o exercício da profissão de músico. No oitocentos. o campo musical, principalmente em cidades do interior e marcadas pelas atividades agropecuárias, constituía-se em boa parte de atividades na esfera religiosa, nas irmandades, nas procissões, nas missas e festas religiosas especiais (MARQUES, 2017; BOHRER, 2014). Trataremos das despesas e receitas da irmandade do Rosário de Cachoeira mais adiante, mas adiantamos que a música compunha sempre parte importante dos gastos com a festa do Rosário, mesmo que, infelizmente, poucos detalhes fossem fornecidos.

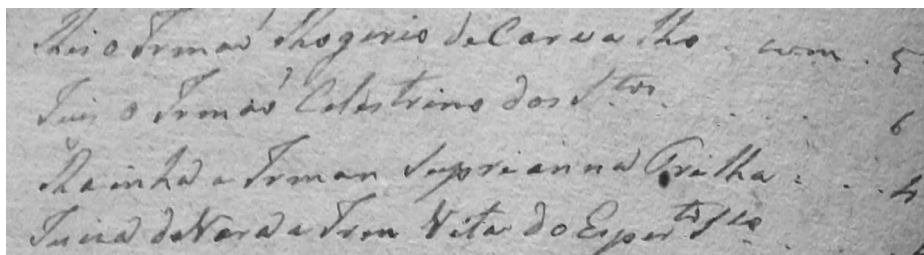
Encontramos Francisco Rodrigues Trilha como irmão de mesa em 1860, 1861, 1863, 1864 e 1867. Ele atuou como escrivão interino em 1864 e 1868 e efetivo em 1865/1866, e tesoureiro em 1869, cargo ao qual foi eleito no ano seguinte, mas ele não aceitou exercê-lo novamente, assumindo então Manoel Homem de Oliveira. No mês de junho de 1860, o irmão Francisco Rodrigues Trilha arrecadou esmolas para o Rosário no valor de 8\$800 réis, fazendo o mesmo em fevereiro de 1864 (11\$560) e novembro de 1867 (14\$240). Aos 22 dias de maio do ano de 164, às 4 horas da tarde, por proposta do reverendo vigário, foi formada uma comissão de três membros para “redigir a alteração do Compromisso que julgar conveniente, sendo o primeiro o Ilmo. Senhor Reverendo Vigário Luiz Antônio Gonçalves dos Santos, Jose Francisco da Silva e Francisco Roiz Trilha”.

O músico, carpinteiro, carcereiro e bodegueiro Francisco Rodrigues Trilha era pardo e isso remete a uma situação social bastante frequente na história brasileira, marcada pela violenta escravidão de africanos e seus descendentes e pela miscigenação. A cor parda:

[...] reveste-se de um **conteúdo social** especialmente interessante, na medida em que era usada para qualificar homens e mulheres livres de ascendência africana que já estavam relativamente distanciados do mundo da escravidão, mas não eram necessariamente mestiços (VIANA, 2007, p. 36) (grifo nosso).

Qual a distância e relação que este músico e sua família tinham do cativo não sabemos, mas ponderamos que ele deve ter nascido como um homem negro livre, mesmo que socialmente sua mobilidade fosse restringida pelos limites impostos a um não-branco. A demografia e a estrutura social de Cachoeira do Sul não produziram uma agremiação religiosa específica de pardos, assim, o músico Francisco Rodrigues Trilha buscou no Rosário e São Benedito acolhimento e um espaço onde pudesse manifestar sua espiritualidade, ingressando em uma comunidade devocional demarcada pela presença negra. Ficamos ponderando que sentimentos ambíguos e ambivalentes assomariam, quanto ao seu pertencimento étnico-racial, quando ele participava de cerimônias e procissões guiadas por pretos Reis e pretas Rainhas?

Não-brancos de alcunha Trilha já circulavam pela irmandade dos pretos da Cachoeira antes deste músico e carcereiro pardo. No dia seguinte ao natal de 1835, declarou que queria servir Nossa Senhora a escravizada Suprianna, contando com a concordância de sua senhora Josefa Maria Trilha, a qual permaneceu na irmandade até a sua morte em 1844. Suprianna foi juíza do ramallete em 1836 e no mesmo ano de sua morte foi eleita pelos irmãos como Rainha (ao lado do rei Rogério de Carvalho), já sendo chamada de Suprianna Trilha, demonstrando com o uso de sobrenome que provavelmente já era liberta.¹⁰⁹



A mesma senhora acima, Josefa Maria Trilha, afiançou o ingresso de outra de suas escravizadas na irmandade dos pretos da Cachoeira. No pri-

¹⁰⁹ Supriana ou Cipriana amadrinhou em 10 de março de 1835 a Gabriel, filho natural da africana da costa Rita, de José Marcelino de Carvalho. Ela estava acompanhada na pia batismal por João dos Santos (AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos – 1799/1842 – Cachoeira do Sul).

meiro dia do ano de 1845, a crioula Maria afirmou a sua devoção a Nossa Senhora do Rosário e seu desejo de ser irmã e servir aquela irmandade, constando seus pagamentos até o ano de 1864. Justamente nesse último ano de pagamento de anuidades, 1864, ela aparece no livro de contas relativo os anos de 1863 a 1875, como Maria Trilha. Em 1848 e 1860 Maria Trilha atuou como Juíza do Ramalhete, sendo que nesse último ano apareceu como Maria Josefa Trilha, tendo ao seu lado, como irmão de mesa, o pardo Francisco Rodrigues Trilha.¹¹⁰

Na primeira eleição registrada no livro respectivo, que estabeleceu quais irmãos deveriam servir de 1827 para 1828, foi eleito como protetor o Reverendo Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos e mais 21 indivíduos assumindo cargos na mesa diretora, e entre eles a liberta Joana Trilha, que assumiu como 2ª Juíza do Ramo. A escravizada Joana, de Josefa Trilha aparece amadrinhando alguns rebentos na vila da Cachoeira:

Batismo	Nome	Mãe	Senhr@
20.05.1809	Julião	FN Joaquina	Catarina do Espírito Santo
Padrinhos: João e Joana (ambos de Josefa Trilha)			
07.01.1821	Narciso	FL Maria e José	José Rodrigues
Padrinhos: Antônio (de José Gomes Porto) e Joana (de Josefa Trilha);			
09.02.1824 ¹¹¹	João	FN Joaquina	Daniel José Marques
Padrinhos: Izequiel (de Joaquina Perpetua de Figueiredo) e Joana (de Josefa Trilha)			
26.03.1824	Ireno	FN guiné Rita	Antonia Gonçalves de Siqueira
Padrinhos: Joaquim (do falecido Manoel Cardoso Ferreira) e Joana (de Josefa Trilha);			
28.02.1825	Rosa	FN Rita	Joaquim Severo Fialho Filho
Padrinhos: Anastácio da Paixão e Joana (de Josefa Álvares Trilha) – Inácio Francisco Xavier dos Santos;			
20.03.1826	Quirino	FL Francisca e Jacinto	Gaspar Francisco Gonçalves
Padrinhos: José e Joana (ambos de Josefa Trilha)			

Fonte: AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul – 1799/1842.

¹¹⁰ Na eleição para o ano de 1837 consta recebendo 6 votos e sendo eleita Juíza do Ramo a irmã Maria, escravizada de Dona Josefa Maria Trilha. Supomos tratar-se da mesma pessoa, apesar de que ela consta como matriculada na irmandade apenas anos depois.

¹¹¹ Nascido em 20.01.1824.

Outro interessante observatório fornecido pelos documentos judiciais foi o processo movido por José Silveira Goularte contra o comerciante alemão José Pedro Goeres, em 1857, pelas injúrias por ele proferidas contra a sua mãe. Nesse processo testemunharam o alfaiate Marcos José do Canto e o carpinteiro Francisco Rodrigues Trilha e ambos contaram que estavam juntos na casa do escravizado Adão, e lá viram o réu debruçado na janela do autor do processo, chamando a sua mãe de “cachorra, malcriada e mandando-a a fonte limpa, e que ele dava de comer a brasileiros, e brasileiros não lhe davam nada”.¹¹² O interessante nesse processo é flagrar os pardos Marcos e Francisco juntos, na casa de um homem escravizado, mostrando-os entretendo relações que depois serão amadurecidas no consistório dos pretos da Cachoeira.

Mas Francisco Rodrigues não teve uma vida longa. Ele foi vitimado pela tísica pulmonar (tuberculose), morrendo em Cachoeira, aos 28 dias de fevereiro de 1880, aos 40 anos de idade e casado.¹¹³ Morte prematura que remete, talvez, a precariedade estrutural da liberdade dos não-brancos do Brasil (CHALHOUB, 2010). O pardo Francisco Rodrigues Trilha, afinal, não teve sua história confundida com as dos escravistas e senhores brancos, ou socialmente brancos de Cachoeira. Francisco avolumou, porém, durante sua curta existência, os quadros da devoção negra cachoeirense, abrihantou as festas, participou das devoções e contribuiu com a secular história afro-diaspórica da Senhora do Rosário da Caxoeira.

Rafael Pinto Bandeira, em dívida com o preto Mathias da Silva

O irmão do Rosário e São Benedito Rafael Pinto Bandeira ocupou vários cargos na mesa diretora da irmandade dos pretos de Cachoeira do Sul. O primeiro ano em que ele aparece como irmão de mesa foi em 1854, continuando atuando assim em 1855, 1856, 1858, 1860 e 1861. Nos anos de 1857, 1859 e 1865 ele exerceu o cargo de procurador, em 1862 de Capitão do Mastro, em 1863 de Juiz e, finalmente, em 1866, de tesoureiro.

A viúva de Rafael, Constança Maria Pena, deu início ao inventário post-mortem de seu marido no ano de 1866.¹¹⁴ Ele morreu em 22 de junho de 1866, em Cachoeira, de Gastroduodenite crônica, com 40 anos de ida-

¹¹² APERS – Juízo Municipal de Rio Pardo, Caixa: 007.0409, Processo criminal nº 3038, Apelante: José Pedro Goeres, Apelado: José Silveira Goularte, 1857.

¹¹³ AHCMCS – Livro de Óbitos nº 6 de Cachoeira do Sul, f. 48v.

¹¹⁴ APERS – Juízo de Órfãos de Cachoeira, Inventário: 286, Inventariante: Constança Maria Pena, Falecido: Raphael Pinto Bandeira – 1866, Cachoeira, comarca de Rio Pardo.

de, casado, natural desta província e foi sepultado no cemitério local, depois de encomendado pelo Padre Luiz Antônio Gonçalves dos Santos.¹¹⁵ Constança era analfabeta e pediu que José Joaquim Cidade assinasse a seu rogo o requerimento de inventariante, o qual também atuou como perito avaliador dos bens do casal, juntamente com o pardo Velocino de Araújo Bastos¹¹⁶. A viúva Constança também era irmã do Rosário, pois consta o seu pagamento, em 11 de setembro de 1864, de anuais e joias, juntamente com seu marido. O patrimônio do casal era composto de alguns móveis e quatro bens de raiz urbanos:

- morada de casas na rua Sete de Setembro – 4:600\$;
- meia água na rua de São Jerônimo, com terreno ao lado – 860\$;
- terreno na rua de São João – 50\$;
- terreno na rua Bela – 64\$.

O monte-mor do casal era de 6:521\$700 réis, mas algumas dívidas o diminuiriam substancialmente. Anexo ao inventário encontramos os documentos abaixo, que nos anunciaram promissoras descobertas de laços sociais desse irmão do Rosário e outros membros da comunidade afro-diaspórica local:

Dizem Antônio Ferreira da Silva, Antônio José Ferreira Vasconcelos, **por si e por seu escravo Mathias**, Francisco Ribeiro da Fonseca, que o casal do finado Rafael Pinto Bandeira é devedor aos suplicantes da quantia de 4:845\$888 réis, constante dos documentos juntos.

A um ano preciso, contado da data desta minha única via de Letra, pagarei eu ou quem minhas vezes fizer, ao **Preto Mathias da Silva** escravo do Senhor **Antônio José Ferreira de Vasconcelos**, ou a sua ordem, a quantia de trezentos e trinta mil réis, valor de outra igual quantia que do mesmo preto recebi em onças de ouro, a trinta e dois mil réis cada uma, e no dia de seu vencimento pagarei e farei pronto pagamento, como é do costume na mesma moeda e valor que recebi, e não o fazendo no dito tempo me obrigo a pagar-lhe o prêmio de 2 por % ao mês, cujo prêmio será pago no fim do mês por todo o mais tempo que decorrer do dia de seu vencimento até seu completo embolso. [assinado] Raphael Pinto Bandeira.

Recebi do **preto Mathias da Silva** a quantia de cem mil réis para pôr a prêmio a dois por cento ao mês e receberá o dito prêmio mensalmente; e cuja quantia de 100 mil réis eu fico obrigado e responsável até seu embolso. Cachoeira, 19 de março de 1866. [assinado] Raphael Pinto Bandeira [grifos nossos]

¹¹⁵ AHCMCS – Livro 4 de óbitos de cachoeira, f. 39.

¹¹⁶ José Joaquim Cidade testemunhou em um processo em 1861 (desordens ocorridas dentro da Igreja Matriz de Cachoeira durante as eleições), quando disse que era casado, tinha 52 anos, natural desta província, morador desta vila da Cachoeira, onde vivia de fiscal da Câmara Municipal e solicitador de causas (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, auto crime nº 3074, autora: a justiça).

O preto Matias, de nação, aos 50 anos de idade, obteve a liberdade mediante documento redigido por seu senhor Antônio José Ferreira Vasconcelos em 8 de abril de 1867, registrado em cartório doze dias depois. Matias teve que indenizar seu escravizador com a elevada quantia de um conto e cem mil réis, mesmo que para os padrões daquela sociedade oitocentista já pudesse ser considerado um trabalhador idoso.¹¹⁷ Supomos que o africano Matias tenha sido aquele indivíduo de nação, escravizado por José Ferreira de Vasconcelos, batizado na Igreja da Conceição de Cachoeira em 16 de abril de 1846. Recém chegado daquela diáspora transatlântica, que não se esgotava nos portos do litoral brasileiro, mas se estendia em rotas pelo interior do império, Matias foi acompanhado na pia batismal pelo casal afro-diaspórico Simão e Tereza, escravizados de João Alberto Xavier.¹¹⁸

Se o batismo de 1846 e a alforria de 1867 se referirem a mesma pessoa, então temos um africano trabalhando para uma família senhorial por 21 anos. No que se ocupava Matias para que ele conseguisse gerar um pecúlio desse montante não sabemos, mas certamente era um profissional habilidoso no que fazia. Para os devidos efeitos sociais, o africano Matias era um escravizado, sujeito aos ditames de seu senhor e da família senhorial, sua vida e sobrevivência dependiam do estrito cumprimento do papel que a compulsória diáspora transatlântica lhe ditava. Mas as suas habilidades profissionais, o respeito que angariou junto aos seus escravizadores, o esmero com que manejava a etiqueta social naquela sociedade escravista oitocentista meridional o dotou de uma margem de autonomia bastante flexível. Mais que isso, e infelizmente temos poucos detalhes a respeito, ele conseguiu acumular pecúlio suficiente para emprestar para indivíduos brancos ou pelo menos socialmente brancos. Esses dinheiros emprestados eram investimentos financeiros, onde Matias angariava alguns dividendos, mas também reforçava e construía vínculos sociais com indivíduos brancos.

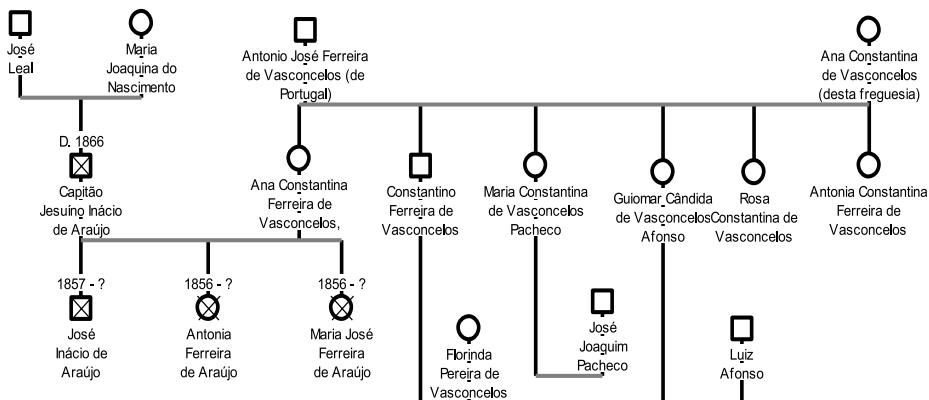
O africano Matias não aparece na escrituração da irmandade dos pretos da Caxoeira, o que não quer dizer que ele não participava das missas, procissões, festividades, *alevantamentos* do mastro, coleta e oferecimento de esmolas, acompanhamentos de féretros ao cemitério. O palco disposto por essa irmandade afro-diaspórica era amplo o bastante para comportar diferentes tipos de atuações, dependendo das disponibilidades e interesses dos respectivos devotos.

¹¹⁷ APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 11 de Transmissões e Notas, folha 51.

¹¹⁸ AHCMCS – Livro 2º de Batismos de Escravos – 1847/1852 – Cachoeira do Sul.

O senhor de Matias, o português Antônio José Ferreira de Vasconcelos, redigiu seu testamento em Cachoeira, em 16 de agosto de 1867, e neste documento registrou suas últimas vontades e se apresentou como natural da cidade do Porto, disse que os seus pais eram “a muito tempo falecidos”, que era casado com Ana Constantina Ferreira de Vasconcelos e que o casal tinha seis filhos. Ele afirma sua condição de comerciante, quando diz que teve negócios em Cachoeira e com a praça de Porto Alegre.¹¹⁹ Esse lusitano não aparece nos códices do Rosário e São Benedito, mas um de seus filhos estava ali presente. Constantino José Ferreira de Vasconcelos foi irmão de mesa em 1865, escrivão em 1867 e novamente mesário em 1870 e 1871.

Árvore genealógica do português Antônio José Ferreira de Vasconcelos



Em 1871, no juízo municipal de Cachoeira do Sul, foi executado o inventário amigável dos bens de Ana Constantina da Conceição, chamada também de Ana Constantina Ferreira de Vasconcelos, viúva do senhor do africano Matias.¹²⁰ São listados como filhos e genros da falecida os seguintes indivíduos, que também aparecem na – certamente parcial – árvore genealógica acima:

- Ana Constantina Ferreira de Vasconcelos;¹²¹

¹¹⁹ APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, testamento n° 31.

¹²⁰ APERS – Juízo Municipal de Cachoeira, Inventário n° 56, falecida: Ana Constantina Ferreira de Vasconcelos, Inventariante: José Joaquim Pacheco, 1871, comarca de Rio Pardo.

¹²¹ O capitão Jesuíno Inácio de Araújo, casado com Constantina, morreu em 16.11.1866 no exército em luta contra o Paraguai (APERS – Juízo de Órfãos de Cachoeira do Sul, comarca de Rio Pardo, inventário n° 300, inventariante: Ana Constantina Ferreira de Vasconcelos, 1868.

- José Joaquim Pacheco e sua mulher Maria Constantina de Vasconcelos Pacheco;
- Luiz Afonso e sua mulher Guiomar Cândida de Vasconcelos Afonso;
- Rosa Constantina de Vasconcelos;
- Antônia Constantina Ferreira de Vasconcelos;¹²²
- Constantino José Ferreira de Vasconcelos e sua mulher Florinda Pereira de Vasconcelos.¹²³

Este inventário amigável exterioriza um patrimônio respeitável, com um monte-mor de 37:242\$000 réis, do qual sendo abatidas dívidas no valor de 5:194\$240, restou um monte-menor de 32:047\$760. Como bens de raiz temos:

– Morada de casas na rua Sete de Setembro, esquina das travessas do Sinimbu e Santo Ângelo, com fundos a Igreja;	11:000\$
– Morada de casas na rua Sete de Setembro com fundos a Santo Antônio;	3:000\$
– Casa na rua São José, com terrenos;	1:000\$
– Casinha de meia água no Caminho do Porto desembarque desta cidade;	120\$
– Chácara com casas de moradia e campos, comprada de Manoel Simões de Alencastre ¹²⁴ ;	4:500\$
– Meio quarto de légua contíguo a chácara;	2:000\$
– Terreno no Caminho do Porto de desembarque;	200\$
– Chácara comprada de Manoel Homem de Oliveira.	4:500\$

Os bens acima configuram o retrato de um patrimônio que mescla bens de raiz urbanos e rurais, sendo o bem mais valioso a morada de casas localizada no centro da vila de Cachoeira, onde provavelmente a viúva e alguns membros da família viviam. Mas existem outros imóveis urbanos que deviam ser alugados, gerando renda, além da chácara e dos campos contíguos. Não consta no inventário qualquer tipo de gado (bovino, equino, muar), mas provavelmente algum dos filhos/filhas ou genros tinham

¹²² Antônia Constantina casou na Cachoeira em 4 de novembro de 1875 com Carlos Francisco Accioli de Gouveia, sendo testemunhas do casório Jacinto Franco de Godoi e Estevão Francisco de Araújo (AHCMCS – Livro 4 de Casamentos de cachoeira do Sul, f. 241).

¹²³ Em 21 de novembro de 1868 casaram na matriz da Conceição da Cachoeira os noivos Constantino José e Florinda Maria Pereira, naturais e moradores desta freguesia. Ela filha legítima de José Pereira Simião e Delfina Maria Pereira. Foram testemunhas: Bento Porto da Fontoura e Luiz Francisco da Rocha (AHCMCS – Livro 4 de Casamentos de Cachoeira do Sul, f. 169).

¹²⁴ Vitimado de *lesões de inervação*, faleceu em 08.11.1868 Manoel Simões de Alencastre, aos 65 anos de idade, casado, natural desta província (AHCMCS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira do Sul, f. 23v).

seus rebanhos e plantações naquelas terras da família. O patrimônio desta família era ainda composto de três mulheres negras escravizadas:

- Sabina, africana, 40 anos – 300\$;
- Joaquina, africana, 50 anos, doente – 300\$;
- Teodora, parda, 4 anos – 400\$.

A parda Teodora, listada acima, foi batizada em 25.01.1868, tendo nascido em 10.09.1867, filha natural de Benta, atuando como padrinho José Inácio de Araújo e madrinha Antônia Ferreira Leal.¹²⁵ Temos mais sete batismos de crias da casa desse casal de senhores ou de indivíduos chegados do trânsito transatlântico:

Quadro nº 12 – Batismos de Escravizad@s de Antônio José Ferreira de Vasconcelos

Batismo	Nome	Idade	Origem/filiação	Padrinhos/Madrinhas
16.04.1846	Matias	NC	África	Simão e Tereza, escravizados de João Alberto Xavier
12.12.1847	Domingos	Adulto	África	O casal de pretos João (de Antônia Capané ¹²⁶) e Maria (forra)
07.12.1847	Manoel	Adulto	África	Idem acima;
03.10.1847	Anastácio	07.09.1847	FN da africana Sabina	Os pretos José (de Carolina Alves Ferraz) e Joana (de Gonçalo Teixeira de Carvalho)
15.12.1849	Catarina	15.11.1849	FN de Libinda	Matias (de Antônio José Ferreira de Vasconcelos) e Catarina (de Antônio José do Loreto) ¹²⁷
23.04.1852	Eufrásia	13.03.1852	FN de Sabina	José e Eufrásia (ambos de Gonçalo Teixeira de Carvalho)
24.11.1858	Antônia	13.06.1856 Joaquina	FN da preta	O casal de pretos forros Antônio e Vicência

Fonte: Livro 2º de Batismos de Escravos – 1847/1852 – Cachoeira do Sul (padre Antônio Homem de Oliveira); Livro 3 de batismos de escravos de Cachoeira do Sul (vigário João Teixeira da Cunha Louzada).

¹²⁵ Consta como senhor Antônio José Ferreira de Vasconcelos, sendo o padre Luiz Antônio Gonçalves dos Santos (AHCMCS – Livro de Batismos de Cachoeira, nº 11 (1867/1869), folha 11v.

¹²⁶ Capané é nome de um local em Cachoeira do Sul e de um “arroio tributário da margem direita do rio Jacuby”. Talvez Antônia fosse uma mulher indígena (FARIA, 1914, p. 86).

¹²⁷ Além de Matias, temos mais um escravizado desse mesmo senhor que aparece como padrinho. Trata-se do pardo Jacinto, que em 28.02.1837 apadrinhou Maria, nascida em 02.05.1836, filha da parda Angelica (de José Carvalho Bernardo) (AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos – 1799/1842 – Cachoeira do Sul).

O primeiro do quadro acima é justamente Matias, o africano que supomos ser o agiota-financista que emprestou recursos para o tesoureiro do Rosário. No ano seguinte temos o mesmo senhor introduzindo em sua escravaria mais africanidade, através da chegada de mais dois africanos adultos. Depois, 4 rebentos advindos de ventres afro-diaspóricos recebem os santos óleos da Igreja Católica, sendo dois da africana Sabina, um de Libinda e outro da também africana Joaquina. Infelizmente, a recém-nascida Eufrásia, filha de Sabina faleceu poucos meses depois, em 28.11.1852, não constando o motivo de sua morte. Se o africano Matias nos deu provas de agências laborais e financeiras, a sua parceira e também africana Sabina também se mostrava desenvolvida e confiante. Numa sexta-feira, em 30 de agosto de 1867, ela foi no quartel cobrar uns vinténs que ela emprestou para o Guarda Nacional Justino, chamando-o de “Filho da puta! Corno! Ladrão!” (HAACK, 2019, p. 214). O africano Manoel, batizado em 1847, sucumbiu aos males da escravidão apenas em 12.04.1865, portanto servindo compulsoriamente seus senhores por 18 anos. Temos ainda mais dois óbitos desse senhor: em 02.09.1846 padeceu de pneumonia a africana Maria, então com aparentes 45 anos de idade, e em 30.03.1858 morreu de *maligna* Sebastiana.¹²⁸

Nos tabelionatos de Cachoeira do Sul apenas localizamos a carta de alforria passada por Antônio José Ferreira de Vasconcelos para o africano Matias, em 1867, já mencionada. Pelo jeito a alforria não era uma parte intrínseca das políticas senhoriais daquele casal. Mas encontramos três documentos de liberdade nos quais o analfabetismo senhorial é driblado através da assinatura a rogo desse mesmo Ferreira de Vasconcelos, o que aventa uma proximidade dele com essas famílias que outorgavam a liberdade, provavelmente através dos contatos que partiam de sua casa de negócios: (01) – descrito como preto e cego, Manoel foi alforriado por seu bondoso senhor Antônio Pereira Mafra em 12.08.1842, “sem mais ônus ou pensão”¹²⁹; (02) – aos 40 anos, a preta da costa da África Maria Josefa recebeu alforria de seu senhor João Félix, em 06.01.1846, mediante o pagamento, por ela,

¹²⁸ Segundo o dicionário do doutor Langaard (v. 2, 1872, p. 225), febre maligna era o “nome dado por alguns autores a febre tifoide, por causa de sua marcha insidiosa, e do perigo que a acompanha” (AHCMS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, f. 111v, 149v, 183; Livro 5 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1860 a 1873), f. 13).

¹²⁹ Testemunhando na justiça em 1832, Antônio Pereira Mafra declarou ser casado, viver de negócios, ser casado, com 40 anos de idade (APERS – Civil e Crime de Rio Pardo, processo nº 2860B, autora: justiça, réu: o pardo Manoel Antônio, 1832).

de cem mil réis; (03) – a *velha* Joana foi alforriada em 13.07.1856 por sua senhora Maria Francisca de Loreto, em retribuição aos bons serviços prestados. Nessas três cartas, como já explicamos, Antônio José Ferreira de Vasconcelos aparece redigindo e assinando os documentos em nome (a rogo) dos senhores e senhora.¹³⁰

Óbvio que ao ler pela primeira vez o nome deste procurador, capitão do mastro e tesoureiro do Rosário de Cachoeira lembramos imediatamente do Brigadeiro, Governador, contrabandista e latifundiário Rafael Pinto Bandeira, falecido em 1795. Seu inventário mostrou um dos maiores patrimônios do período, com um monte-mor de 75 contos de réis, incluindo 72 escravizados e escravizadas (KÜHN, 2006, p. 172; SILVA, 1999; GIL, 2003). Se o nome desse irmão era apenas uma coincidência nominativa ou de que maneira ele e sua família se inseriam na família ou bando dos Pinto Bandejas, ainda não sabemos.¹³¹

Encontramos Rafael Pinto Bandeira apadrinhando três rebentos:

- Batismo em 14.10.1852 de Rafael, nascido em 27.07.1852, filho natural de Júlia, não consta o senhor, padrinhos: Rafael Pinto Bandeira e Feliciano dos Santos, padre: Antônio Homem de Oliveira;
- Batismo em 28.12.1853 de Lúcio, nascido em 15.04.1853, filho legítimo de Deolinda e Manoel, escravizados do senhor Inácio Cardoso Parreira, padrinhos: Rafael Pinto Bandeira e Firmina Rosa da Conceição, padre Antônio Homem de Oliveira; o senhor libertou no ato de batismo o escravo.
- Batismo em 25.05.1856 de Benedito, filho natural de Bárbara, escravizada de Domingos José Correia Pinto, padrinhos: Rafael Pinto Bandeira e Joana (escravizada de Jacinto Lopes Falcão), padre: João Teixeira da Cunha Louzada;¹³²

Rafael Pinto Bandeira em vários documentos assinou a rogo por outros irmãos do Rosário, analfabetos, entre eles um que tinha um nome muito próximo ao seu – Rogério Pinto Bandeira, o qual foi irmão de mesa em 1847, 1848, 1850, 1854, 1855, 1856, 1863, 1864 e 1865. Deste Rogério, do

¹³⁰ APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Transmissões e Notas – Livro 4 (03.12.1842 / folha 131v e 26.01.1846 / folha 170) e Livro 7 (08.08.1856 / folha 116v).

¹³¹ Na Relação de Moradores do distrito da Cachoeira, de 1784, encontramos com nº 108 João Correia Madrid, que habitava um campo que não chegava a ter uma légua de comprimento e 1/4 de largo, que havia recebido de dote do falecido Manoel Pinto Bandeira, onde tinha 2 bois, 4 cavalos e 40 éguas (AHRS – Fazenda, F-1198).

¹³² AHCMCS – Livro 2º e 3º de Batismos de Escravos – 1847/1852 – Cachoeira do Sul.

qual possuímos alguns traços interessantíssimos de suas experiências sociais, trataremos no item dos Capitães do Mastro.

No caso dos apadrinhamentos de Rafael Pinto Bandeira, acima citados, em nenhum deles aparece alguma referência a ele não ser branco e livre. Mas seria isso um fato ou indícios de uma mobilidade social positiva que invisibilizou a referência ao passado no cativeiro de sua família? Qual o parentesco de Rafael e Rogério, ambos Pinto Bandeira? É curioso não termos encontrado nenhum escravizado ou escravizada pertencente a esse senhor Rafael.

O inventário post-mortem de 1866, como vimos, nos apresenta imóveis urbanos, transparecendo tratar-se de uma família de proprietários que vivia também do recebimento de aluguéis. Mas em 30 de dezembro de 1854 o tesoureiro Antônio dos Santos Falcão despendeu 107\$240 réis “com Raphael Pinto Bandeira, das fazendas pretas, Galoens, tochas, o feitio de dous Cachoens grandes e 1 para Anginho, tafetá e morim”. Lá no início desse livro vimos quando a municipalidade pagou 18\$ para Rafael armar e desarmar a forca. Finalmente, nas “Atas das Irmandades conjuntas do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição Padroeira” da vila da Cachoeira, associação que reunia comunidades brancas e socialmente brancas das elites locais, encontramos referências aos trabalhos realizados pelo mestre carpinteiro Rafael Pinto Bandeira. Assim, Rafael era mais um artista a compor a elite devocional afro-diaspórica da Cachoeira.

Esta dívida de Rafael Pinto Bandeira com o africano Mathias da Silva indica como a participação de brancos ou socialmente brancos naquela irmandade, também comportava um cálculo deles quanto a importância de alguns dos membros daquelas comunidades negras cachoeirenses. Aquela irmandade era uma promotora de eleições, festas, missas, enterros, atividades de grande importância social, que moviam a economia e a vida social local, com a compra e venda de produtos diversos. Esses empreendimentos promoviam e solidificavam vínculos sociais diversos, dando inclusive oportunidade a que alguns senhores brancos obtivessem empréstimos de indivíduos negros endinheirados.

IZIQUIEL DA CUNHA, PRETO, BAIANO, PEDREIRO, DEVOTO

Quando pesquisamos com certa continuidade um assunto, é normal que alguns nomes se tornem recorrentes nas fontes que manejamos, aparecendo em tipologias documentais das mais diversas. Parece então aflorar entre o pesquisador ou pesquisadora e esses insistentes personagens um sentimento de simpatia e afinidade, uma curiosidade sobre as suas experiências de vida e sentimentos. Mais do que uma alegre coincidência, trata-se, sem dúvida, de indivíduos cujas vidas constituíram densos enredamentos sociais. Segui-los, mais do que um prazer quase literário e existencial, é uma promissora via de acesso a tempos, arranjos sociais e culturas pretéritas. Torná-los nossos informantes ou guias é uma ladina estratégia de pesquisa, pois eles não estavam fortuitamente naqueles papéis deformados pelo tempo, mas esses registros apontam os seus agenciamentos sociais, investimentos, relacionamentos, afetos, contrariedades.

Quando pesquisamos grupos populares ou subalternizados, principalmente escravizados ou egressos do cativo, temos que ter a sensibilidade e consciência de que podemos encontrar os indivíduos destes grupos interagindo socialmente e portando denominações plurais. O baiano Izaquiel de Figueiredo e Souza adentrou a Irmandade dos Pretos da Caxoeira dois dias após o Natal do ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1828. A sua matrícula foi feita na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira e Joaquim dos Santos Xavier Marmello anotou que ele disse “que pella devoção que tem com Nossa Senhora do Rozario queria Ser Irmão e Servir a mesma Senhora nesta Irmandade”. Praticamente até o seu óbito, que ocorreu em 1865, esse devoto manteve o pagamento de seus anuais e as joias de quando assumiu cargos diversos da mesa diretora daquela unidade do associativismo negro religioso. Abaixo do termo de sua matrícula estão anotadas quitações dos pagamentos anuais até 1860, incluindo o pagamento da entrada de 640 réis e o registro do seu falecimento, sem a indicação da data.¹³³

¹³³ AHCS – Livro de Entrada de Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Freguesia da Cachoeira (1812/1855), folha 48v.

Logo no primeiro ano de sua associação, Izequiel da Cunha e Souza foi eleito irmão de mesa, e ao lado de seu nome foi anotada a palavra – *liberto*. Esse foi o único momento de sua longa vida de irmão do Rosário em que o seu status de ex-escravizado foi acionado, o que nos serve para avaliar o seu crescente prestígio social. Óbvio que a sua cor preta fazia com que a sua liberdade fosse sempre dotada de precariedade, já que como um não-branco sempre era visto como um escravizado em potencial, mas pelo menos nas escriturações daquela preta devoção sua plena liberdade estava assegurada, era inquestionável (CHALHOUB, 2010; LIMA, 2005). No ano seguinte, 1829, ele passou a atuar como procurador, cargo que ele ocupou até o ano de 1854, com exceção dos anos de 1838 a 1843, quando a irmandade aparentemente cessou seu funcionamento em razão da guerra civil farroupilha (1835/1845). Não temos, ainda, o compromisso integral dessa irmandade de Cachoeira, mas no Arquivo Histórico Municipal de Cachoeira do Sul existe documentos manuscritos de uma reformulação desse item, em 01.11.1818. Ali os irmãos discriminam algumas das responsabilidades dos cargos diretivos, entre eles o de procurador:

Capítulo VI

Obrigação do Procurador

O Procurador terá cuidado em procurar todos os bens da Irmandade.

Avisar os irmãos nomeados para saírem às esmolas.

Visitar os irmãos doentes e se lhe parecerem muito pobres comunicar a mesa.

Avisar o Juiz e mais Oficiais a morte de algum irmão para tratar do seu funeral.

Se enormes responsabilidades repousavam sobre os ombros dos procuradores, podemos imaginar a boa impressão que causava na sociedade local aquele baiano, que exerceu este cargo por 25 anos! Sua atividade, zelo e prudência foram reconhecidos pelos irmãos e irmãs do Rosário por praticamente um quarto de século. Percebemos nas incumbências acima um alto grau de sociabilidade, envolvendo contatos com irmãos e irmãs enfermas e famílias enlutadas.

Findo esse longo período, Izequiel assumiu o cargo de zelador, no qual permaneceu dois anos, em 1855 e 1856. Recorrendo novamente a reformulação do compromisso feita em 1818, vemos que os zeladores:

Capitão VII**Das obrigações dos andadores ou zeladores**

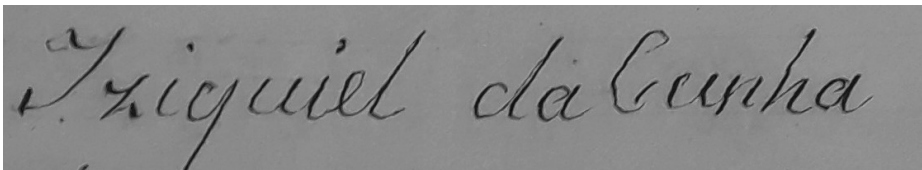
Deverão estar disponíveis para cumprir qualquer tarefa que lhe fosse solicitado.¹³⁴

Na eleição para o ano de 1857, Iziquiel não concorreu, ausente da cidade, doente ou muito ocupado em seus afazeres profissionais. No ano seguinte e no próximo – 1858 e 1859 – ele volta a assumir o cargo de irmão de mesa. Talvez começando a enfrentar as deficiências e senilidades comuns a sua avançada idade ele não pudesse mais assumir muitas responsabilidades, mas insistia em ajudar aquele coletivo com a sua presença. Já envelhecido e talvez com a saúde comprometida, Iziquiel da Cunha compareceu a sua última reunião no consistório da irmandade do Rosário e São Benedito no dia de Natal de 1859, quando foram eleitos os irmãos que dirigiriam a agremiação no ano seguinte. Ele daquela vez não se candidatou a qualquer cargo, mas estava lá, como comprova a sua assinatura na ata respectiva. Quis prestigiar aquele importante momento com a sua influente presença, quiçá sabendo que podia ser a última vez que se aquilombava, digo, se reunia, com seus parceiros de preta devoção.¹³⁵

¹³⁴ O compromisso da Irmandade do Rosário e São Benedito de São Leopoldo, de 1854, especificava que: “Os Irmãos Zeladores tem a seu Cargo, zelar, e fazer zelar tudo aquillo, que pertencer a irmandade, tanto relativo aos bens e alfaias, como o Culto Divino nos dias de Festividades, Procissões, e enterros; e elles devem ser os primeiros que compareção na Sacristia para a distribuição das opas, alfaias, insignias, pelos Irmãos que forem chegando, coadjuvando em tudo com os Irmãos Procuradores, e Thesoureiro. Terão cuidado, que as alas da Corporação da Irmandade, nos actos de Procissão e enterros, vão sempre bem reguladas e que não haja extravio de cera; He igualmente de seus deveres acompanhar aos Procuradores, quando houverem de sahir pelas casas dos Irmãos na cobrança das joias e annuaes; e por tanto para este cargo se elegerão sempre pessoas de actividade, e zelosas do Culto Divino, e que se interessem no augmento da Irmandade”.

¹³⁵ Comparar as reuniões, agências e territorialidades da irmandade destes pretos com as práticas quilombolas não é prática historiográfica abusiva e nem demanda cogitarmos da inexistência de quilombos na região, como ocorreu em todas as regiões escravistas e mesmo perdura nos tempos atuais com as comunidades remanescentes de quilombos. No ano de 1859 estava recolhido a cadeia de Cachoeira o preto quilombola Joaquim, escravizado de José Pedro de Moraes, o qual era alcunhado de *capataz de quilombo*, por aliciar cativos e cativas para fugir e se aquilombar, promovendo “roubos e depredações” em reses e saqueando roças de milho, feijão, abóboras, mandioca e melancias. O quilombo mudava-se “amiudamente de pouso”, mas sempre nos matos de Moraes. O quilombola Joaquim disse para as autoridades que não conhecia seus pais e nem sabia a sua idade, era solteiro, trabalhador de enxada, analfabeto e Moçambique. O outro têu do processo era Francisco, de Antônio Xavier da Silva, que também não sabia de quem era filho, 40 anos de idade, solteiro, natural da Costa da África, analfabeto (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.378, auto crime nº 2470, autor: Francisco José da Silva Moura, réus: Joaquim & Francisco, 1859).

Na matrícula de 1828 o nome deste baiano aparece como Izaquiel de Figueiredo e Souza e a sua assinatura, feita de próprio punho como em todos os documentos que temos dele na irmandade, é Iziquiel de Figueiredo. Como veremos, esse baiano estava dando os primeiros passos na sua vida em liberdade e parece que ele estava testando a melhor denominação nominal que lhe apetecia. Em muitas oportunidades, entretanto, não temos a sua assinatura nas atas, apenas o nome com que o escrivão o registrou. No primeiro ano que assumiu como procurador (1829) o escrivão o chamou de Izaquiel de Figueiredo e Souza, mas no ano seguinte (1830) aparece Izaquiel da Cunha Figueiredo e em 1831, Izaquiel de Figueiredo. A partir de 1832 ocorre uma padronização, com o nome Izaquiel ou Iziquiel da Cunha sendo constante, com exceção de 1835 quando reaparece – Izaquiel de Figueiredo e Souza. Se na matrícula de 1828 esse baiano devoto assinava como Iziquiel de Figueiredo, desde a ata de 1844, em que os eleitos passaram sistematicamente a assinar, por suas próprias mãos ou a rogo de terceiros, temos a assinatura de Izequiel da Cunha, alcunha que doravante não se alterou.



Em vários momentos, nas escriturações da irmandade, encontramos Iziquiel desempenhando o seu ofício de pedreiro e sendo bem pago pelos serviços prestados. Em 20.03.1853, por exemplo, o escrivão Estevão Cândido de Carvalho anotou que o tesoureiro Antônio dos Santos Falcão despendeu com Iziquiel a quantia de 3\$920 réis, “para feichar a Catacumba em que foi sepultada a Irmã Vita do Espírito Santo”. Em 04.01.1854, Iziquiel da Cunha recebeu 20 mil réis de “gratificação d’armação da Igreja para festa de Nossa Senhora”.

Aos dez dias do mês de junho de 1855 os Irmãos de Meza do Rosário reunidos no consistório da irmandade, tomaram algumas decisões, e entre elas a autorização ao tesoureiro para que ele firmasse contrato visando a construção de 4 catacumbas. Estando presente ali o mestre pedreiro Iziquiel da Cunha, na época ocupando o cargo de zelador, se ofereceu para tal serviço, mediante a quantia de duzentos mil reis, sendo naquele momento firmado um *Termo de Contracta*.

Aos dez dias do mes de Junho de mil oito centos e cincuenta e cinco annos, nesta Villa Nova de Sam Joam da Cachoeira, em o Concistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, reunidos os Irmãos de Meza abaixo assignados, achando se presente o mestre pedreiro Iziquiel da Cunha, com este a Irmandade contractou a factura de quatro Catacumbas debaixo das condiçoens seguintes; Primeira. Que o mestre Pedreiro Iziquiel da Cunha, se obriga a construir no Cimiterio desta Villa quatro Catacumbas no Chao contiguo ao terreno dos herdeiros do fallecido Adrianno Jozé Talvares, para as dar prompta ate o dia 31 de Dezembro do Corrente anno, em caso contrario pagará úma multa de dez mil reis por cada uma Catacumba que não estiver prompta, cuja a multa digo promta no tempo aprazado; cuja multa será aplicada para as despesas desta Irmandade, e só poderá ser aliviado da multa se provar perante a mesma Irmandade, que essa falta proveio de cazos frutuitos. Segunda. Que a Irmandade, se obriga a pagar ao referido Iziquiel da Cunha a quantia de duzentos mil réis pela factura das mesmas Catacumbas: Terceira. Que o dito Iziquiel se obriga a tirar todos os restos das pessoas sepultadas nas Catacumbas da Irmandade, e sepulta-los nos alicerces das Catacumbas que hora se vai construir, sem que para isso possa exigir indinição alguma: Quarta. Que o respectivo Thezoureiro pagará todos os materiaes que forem postos no lugar da Obra, a vista dos recibos passados pelo mestre pedreiro, assim como pagará tambem as pessoas que trabalharem, cobrando recibo para a sua descarga. Quinta finalmente. Que depois de concluida á obra e que nella não tenha algum deffeito, pagará o respectivo Thezoureiro ao mencionado Iziquiel a quantia que faltar para completo dos duzentos mil reis. E por esta forma houve a Irmandade esta contracta por bem feita e assignarã todos os referidos perante mim, Estevão Candido de Carvalho, Escrivão que escrevy e assigney. [a] Joaquim Gomes de Carvalho [a] Iziquiel da Cunha

Na reunião da mesa do Rosário de 15.10.1856 o pedreiro Iziquiel alegou que a quantia acima, de 200\$ réis, era *muito diminuta*, “atenta a carestia em que se achava os materiaes, e mesmo por ter ainda de abrir varias Catacumbas da Irmandade, para tirar os restos mortaes de varios Corpos para serem consumidos nos alicerces das Catacumbas que ora se vai edificar” e, assim, pedia o aumento para 216 mil réis.

No mesmo consistório do Rosário, em 08.09.1857, os irmãos de mesa discutiram o estado do “telhado do Consistorio da dicta Irmandade que se acha estragado e bem assim as madeiras do mesmo que estão bastante arruinadas”. Estando presente o mestre pedreiro Iziquiel da Cunha ele se obrigou:

[...] a fazer todo o retelho e mao de obra de pedreiro por cento e vinte e oito mil reis; e dando o thezoureiro por conta a quantia de trinta e dous mil reis, ficando autorizado ao Thezoureiro autorizado digo Thezoureiro de gastar athé a quantia de trezenta e cincoenta mil reis para toda a oubra.

Finalmente, em 21.08.1859, os irmãos trataram da compra de quatro catacumbas “que se acham feitas no Cimiterio desta Villa colocadas pelo

lado esquerdo do mesmo, do lado de fora (digo o lado esquerdo de quem sai do Cimiterio)”, de propriedade de Iziquiel da Cunha, as quais foram adquiridas pelo valor de 40\$ cada, totalizando 160 mil réis.

O arquivo da Cúria Metropolitana de Cachoeira do Sul não permite fotografias do seu acervo e estes documentos eclesiásticos não se encontram no maravilhoso site dos mórmons (<https://www.familysearch.org>). Assim, mediante pagamento, conseguimos montar algumas planilhas com dados eclesiásticos que fomos coletando em diversas visitas àquela instituição. Tirando o inerente prazer que emana do acesso a esses livros manuscritos, obviamente trata-se de um labor demorado, pejado de contentamentos, cansaços e frustrações. Uma dessas frustrações decorreu do longo tempo que ficamos com a impressão de que não acharíamos o registro do óbito de Izequiel da Cunha, seja por nossa imperícia investigativa ou por ele simplesmente ter se perdido. Daí, um dia, nos surpreendemos com a constatação que já tínhamos coletado essa informação, mas que não a tínhamos lido corretamente.

Em 29 de julho de 1865 foi anotado pelo padre Luiz Antônio Gonçalves dos Santos a morte do baiano forro *Izaquiel* da Cunha Coimbra, com a venerável idade de 95 anos de idade. A causa do óbito foi apontada como sendo a velhice e o cadáver desse pedreiro devoto do Rosário e São Benedito, certamente acompanhado por seus irmãos e irmãs de devoção, foi enterado no cemitério das irmandades, *depois de encomendado*.¹³⁶ Assim terminava a afro-diáspora daquele egresso do cativo, o qual mesmo que não tenha atravessado o atlântico para ser explorado pelos escravistas, passou pelo desenraizamento familiar e pelas variadas violências da escravidão dentro mesmo do Brasil e seu deslocamento e experiências de vida dialogaram com as dispersões compulsórias negras do período.

O caso de Iziquiel da Cunha é também valioso, pois ele contesta e relativiza o uso do conceito de elites negras. Evidente que esse baiano conseguiu uma venturosa mobilidade social, desprendendo-se dos laços da compulsoriedade escravista e instalando-se naquela sociedade oitocentista com sólida projeção, ainda mais considerando os embaraços que teve que superar em sua vida. Iziquiel visivelmente gozava de um prestígio social que

¹³⁶ AHCMCS – Livro 4 de Óbitos de Cachoeira (1860 a 1868), folha 28v. Alguns anos antes, em 1862, Ezequiel ainda compareceu na justiça como testemunha, sendo descrito como *pardo*, viúvo, com 84 anos de idade, pedreiro, natural da Bahia (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.379, recurso crime nº 2496, Recorrente: José Ferreira Neves, queixoso: capitão Maurício José de Almada, 1862).

não se limitava aos seus parceiros étnico-raciais mais imediatos, sendo percebido, mesmo pela sociedade branca/livre, como um profissional talentoso e indivíduo merecedor de confiança. Era, sem dúvida, uma liderança etnorreligiosa que com seu trabalho angariou recursos materiais e simbólicos, mas o final de sua vida foi marcado pela precariedade característica das experiências negras do período, falecendo indigente.

Acalenta o sentimento dos pesquisadores, principalmente nos tempos ríspidos e permeados de manifestações de insensibilidade em que estamos vivendo, constatar que uma das demandas daqueles devotos negros era a assistência, em caso de doença ou desemprego, dos irmãos ou irmãs momentaneamente fragilizadas. Óbvio que era impossível para aquela agremiação negra distribuir recursos aleatoriamente, por isso a assistência era dada preferencialmente àqueles em que se constatava um estado físico realmente precário e cujos familiares não conseguiam atender convenientemente. Essa constatação empírica da saúde de irmãos e irmãs deveria ser feita pelas mulheres negras que participavam da irmandade, as quais imaginamos que também estendiam os *cuidados* (DAMASCENO, 2019) que elas aplicavam a seus núcleos familiares (e aos senhoriais, no caso de escravizadas) ao grupo de parentesco devocional. Claro que não estamos apostando na anomia social dos devotos e devotas adoentadas, que deveriam contar com seus familiares e parentes imediatos, mas as pretas do Rosário certamente iam até as casas ou senzalas del@s, constataavam a gravidade ou não da situação e eventualmente ajudavam no gerenciamento das enfermidades, talvez com a limpeza das residências, lavagem das roupas, com a feitura de alimentos, com o fornecimento de água, chás, curativos, etc.

Não sabemos o nome das irmãs que foram até a casa do baiano Izequiel para atestar a sua enfermidade e ajuda-lo no que fosse necessário, mas temos o registro de que o tesoureiro da Irmandade do Rosário Rafael Pinto Bandeira despendeu uma quantia acima dos valores usuais para atendê-lo. Isso é o que consta nos registros de 30 de junho e 31 de julho, do ano de 1865, do livro 3º da tesouraria daquela agremiação religiosa:

Junho 30

Despendeo o actual Thezoureiro dinheiro que deo ao Irmão **Izequiel da Cunha** por deliberação da meza e por se achar em indigencia em sua enfermidade a quantia de deis mil reis (Documento Nº 5).

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira**

10\$000

Julho 31

Despendero o actual Thezoureiro dinheiro que deo ao Irmão disvallido **Izequiel da Cunha** a quantia de deis mil reis.
10\$000¹³⁷

Infelizmente não temos as atas deste período, já que os irmãos passaram do registro da reunião do dia 01.11.1864 para o da de 03.09.1865.¹³⁸ Mas chamou a atenção que o valor fornecido a Izequiel da Cunha era bem superior aos demais encontrados nas escriturações da irmandade, parecendo que houve aí um favorecimento feito a uma liderança étnico-religiosa considerada especial. Talvez tenha influenciado a decisão dos diretores o longo período de filiação a irmandade, os vários cargos ocupados na mesa diretora e mesmo ocasionais serviços prestados gratuitamente pelo adoentado irmão. Logo em seguida segue outro registro que achamos pertencer ao mesmo indivíduo:

Julho 31 [1865]

Idem com as despesas de [hum] Enterro segundo a nota dada pelo Procurador Documento n° 6 = a quantia de seis mil e quatro centos. 6\$400

Desditosamente, os documentos mencionados nos registros da tesouraria não devem existir mais. Eram certamente notas fiscais e outros documentos comprobatórios das despesas feitas, com detalhes individualizados, assinaturas, etc. As duas parcelas de dez mil réis fornecidas para Izequiel, sendo uma delas registrada no livro após o seu falecimento, devem ter ajudado no pagamento de remédios, alimentos, no pagamento de contas atrasadas.

Este prestigioso mestre pedreiro nasceu de um ventre escravizado materno na distante capitania da Bahia, por volta de 1770, se é que a idade que consta em seu óbito estava certa. Nada sabemos de sua infância, os nomes de sua mãe e pai nos são desconhecidos e a data de sua transferência para o Continente de São Pedro é uma incógnita. Não sabemos se gozou e o quanto gozou do afeto materno, se teve irmãos e irmãs, como foram seus primeiros anos de vida e de que maneira conseguiu vingar até uma idade tão avançada. O que sabemos é que ele em algum momento obteve o aprendizado da profissão de pedreiro, atingindo a habilitação de mestre, tornan-

¹³⁷ AHCMCS – Livro 3º de Receita e Despesa da Irmandade de N. S. do Rosário desta Vila de Cachoeira [1863/1875], folha 17.

¹³⁸ As Atas desta irmandade pode ser encontradas anexas ao livro: PACHECO, Henrique Melati; HAACK, Marina Camilo; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul – RS): (in)visibilidade negra, devoção, memória e as artes da resistência. [E-book] / – São Leopoldo: Oikos, 2020.

do-se “o homem que ensina alguma ciência ou arte” (SILVA, Volume 2, 1922, p. 294). Tornando-se um artista pedreiro, Iziquiel da Cunha aprimorou a sua capacidade de obter sustento para si e para a família, construindo, consertando e ensinando outros como ele, talvez também egressos do cativo. Ser mestre pedreiro gerava recursos materiais, mas também alimentava uma autoimagem positiva e a honradez daquele trabalhador manual especializado.

No inverno de 1825, aos 26 dias do mês de julho, se dirigiram até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no centro da vila da Caxoeira, duas pessoas escravizadas buscando o sacramento do matrimônio. No registro desse casório, conforme era padrão na época, constam apenas os prenomes dos noivos – Izequiel e Maria – e a informação de que ambos eram escravizados de Dona Joaquina Perpétua de Figueiredo, sendo testemunhas daquela cerimônia dois homens brancos, Antônio dos Santos Xavier e Antônio dos Santos Falcão.¹³⁹

Mesmo ainda escravizado, Iziquiel da Cunha gozava de certo prestígio, mostrando gozar de boa posição naquela hierarquia de senzala, certamente por ser integrante da escravaria de uma das primeiras famílias a se instalar em Cachoeira do Sul no século XVIII. Como Izequiel, sem sobrenome, escravizado de Dona Joaquina Perpétua de Figueiredo, ele participa dos seguintes batizados:

- 27.12.1822 – Adão, crioulo, filho natural de Maria, da Costa, senhor: Alferes Inácio Adolfo Charão, pai Incógnito, Madrinha: Maria (escravizada da mesma senhora do padrinho);
- 17.06.1823 – Rosa, 15 anos, da África, senhora: Dona Helena Cândida de Vasconcelos, pai incógnito, madrinha: Maria (escravizada de Joaquina Perpetua de Figueiredo);
- 09.02.1824 – João, nascido em 20.01.1824, filho natural de Joaquina, senhor: Daniel José Marques, pai incógnito, madrinha: Joana (escrava de Josefa Trilha);
- 20.07.1825 – Josefa, 12 anos, Guiné, senhor: José Pereira da Silva, madrinha: Inácia (escravizada de José Duarte);
- 03.06.1825 – Eufrazia, 1 ano, filha natural de Maria, senhor: Tenente Coronel José Inácio da Silveira, pai incógnito, madrinha: Paula (escravizada de Manoel Antônio de Oliveira Porto);

¹³⁹ AHCMCS – Livro nº 3º de Casamentos da PNSCCS.

- 25.06.1825 – Rita, 10 anos, crioula, filha natural de Maria, da Guiné, senhor: Capitão José Custodio Coelho Leal, pai incógnito, madrinha: Maria (do Tenente Coronel José Inácio da Silveira);
- 08.11.1825 – Rosaura, crioula, filha natural da crioula Vitorina, senhora: Dona Maria Joaquina da Conceição, pai incógnito, madrinha: Maria (de Joaquina Perpetua de Figueiredo);
- 24.02.1826 – Manoel, da Guiné, 16 anos, senhor: reverendo José da Cunha e Souza, madrinha: Maria (de Joaquina Perpetua de Figueiredo);
- 23.06.1826 – Desiderio, pardo, nascido em 23.05, filho natural de Joaquina, crioula, senhor: José Custodio Coelho Leal Filho, pai incógnito, madrinha: Eufrazia (parda, Escrava do capitão Joaquim Gomes Pereira);

O padre de todos os batismos acima foi o mesmo, o reverendo Inácio Francisco Xavier dos Santos. Notemos que em 4 dos 9 batismos acima, Iziquiel está acompanhado de Maria, escravizada da mesma senhora, provavelmente sua amásia e depois, em 1825, esposa, mostrando como provavelmente já formavam um casal antes da sacralização católica.¹⁴⁰ A partir de 1829, existe uma mudança no status do padrinho Iziquiel:

- 03.04.1829 – Jacinto, Guiné, senhor: Joaquim Severo Fialho, padrinho: Iziquiel da Cunha;
- 17.04.1829 – Gaspar, Guiné, senhor: Joaquim Severo Fialho, padrinho: Iziquiel da Cunha;
- 18.04.1829 – Noé, 12 anos, africano, senhor: Joaquim Severo Fialho, padrinho: Iziquiel da Cunha;
- 18.04.1829 – Benedito, Guiné, senhor: Joaquim Severo Fialho, padrinho: Iziquiel da Cunha;
- 20.04.1829 – Miguel, Guiné, senhor: Joaquim Severo Fialho, padrinho: Iziquiel da Cunha;
- 23.05.1829 – Matheus, Guiné, senhor: Luiz Machado, padrinho: Iziquiel da Cunha e sua mulher Maria Rosaura de Jesus;

¹⁴⁰ Encontramos outros três batismos em que este baiano aparece como padrinho, mas como não aparece o nome da senhora resolvemos não os computar: (01) 24.12.1814 – Quitéria, nascida em 08.09.1814, filha natural de Joana, senhor: Damásio Antônio de Brum, pai incógnito, padrinhos: os escravizados Iziquiel e Joana; (02) – 25.09.1819 – Rafael, nascido em 15.09.1819, filho natural de Maria, senhor: José Custódio Coelho Leal, pai incógnito, padrinhos: Izequiel & Tomasia; (03) – 25.06.1820 – Estevão, nascido em 20.12.1819, filho natural da crioula Cecília, senhor: João Caetano de Souza, pai incógnito, padrinhos: os escravizados Izequiel e Perpetua.

- 27.04.1832 – Josefa, 8 anos, filha natural da Guiné Rosa, senhor: Gonçalo Teixeira de Carvalho, pai incógnito, padrinho: Iziquiel da Cunha (preto, forro) e Ângela (escravizada de Antônio);
- 23.02.1833 – Romana, nascida em 20.11.1832, filha natural da crioula Joana, senhora: Isidoria Pereira da Silva, pai incógnito, padrinho: Iziquiel da Cunha (preto, liberto) e Maria (escravizada de José da Silveira Gularte);
- 24.06.1835 – Basílio, nascido em 06.04.1835, filho natural da crioula Margarida, senhor: José Pereira da Silva, pai incógnito, padrinho: Iziquiel da Cunha (preto, liberto) e Mariana (escravizada de Feliciano Pereira Fortes);¹⁴¹

Como não encontramos a carta de alforria de Iziquiel da Cunha e de sua amásia/esposa Maria, os registros acima exteriorizam que a mudança de status, a passagem da escravidão para a liberdade, deve ter ocorrido entre 1826 e 1829. Notamos que a partir de abril de 1829 ele passa a ostentar um sobrenome, da Cunha, resquício de um lugar social marcado pela presença da família de ex-senhores. No batismo do guiné Mateus, em 23 de maio de 1829, ele vai até a pia batismal acompanhado de sua esposa, que ostenta também um nome composto – Maria Rosaura de Jesus. Rosaura talvez fosse referência genealógica a mãe ou madrinha da esposa de Iziquiel, e Jesus um indício de que o campo afro-católico já era importante referencial em suas vidas.¹⁴²

Localizamos também Iziquiel da Cunha apadrinhando três casamentos de afro-descendentes em Cachoeira do Sul.

- 05.06.1857 – Policarpo (escravizado de Joaquim Fidelis da Silva) e Joana (escravizada do mesmo senhor). Testemunhas: Iziquiel da Cunha;
- 09.12.1858 – 4 horas da tarde – Manoel (crioulo) e Catarina (escravizados de Joaquim Correia de Oliveira). Testemunhas: Adão (escravizado de D. Inocência Coelho Leal) e o preto Izequiel da Cunha;
- 14.02.1860 – Manoel Francisco (filho de Manoel Domingues e Eufrásia Leandra) e Rita (liberta de Pedro Pereira Fortes). Testemunhas: Adão Pereira Fortes e Ezequiel da Cunha. (assinado por Ezequiel e a rogo de Adão, por Luiz Francisco da Rocha).¹⁴³

¹⁴¹ Fonte: AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul (1799/1842).

¹⁴² Sobre práticas de nomeação, ver: WEIMER, 2008 e 2015.

¹⁴³ AHCMCS – Livro nº 4 de Casamentos de Cachoeira do Sul, 1849-1881.

Os escravizadores do baiano Iziquiel

Dona Joaquina Perpétua de Figueiredo, ex-senhora de Iziquiel e sua esposa Maria, faleceu em 09.11.1827 na capital da província, Porto Alegre, de icterícia, recebendo todos os sacramentos. Ela tinha 64 anos de idade, era natural da vila de Rio Grande, viúva do Sargento Mor Alexandre Manoel da Cunha e Souza e fez testamento.¹⁴⁴

O defunto marido de Joaquina Perpétua foi um dos primeiros povoadores brancos de Cachoeira do Sul, sendo encontrado na Relação dos Moradores, de 1784 (OSÓRIO, 2007), onde ele disse ao capitão do distrito que ocupava sobras do campo do defunto Rogério Manoel da Cunha, com uma légua de comprimento e meia de largo, por despacho do Brigadeiro Figueiredo, de 05.04.1780. Nessas terras ele vivia da criação de animais, tendo 600 cabeças de gado vacum, 11 bois, 10 cavalos, 200 éguas, 3 burros, 8 burras.¹⁴⁵

Em 1790, ostentando o posto de Tenente da Cavalaria Auxiliar do Distrito de Jacuí, Alexandre requereu ao Vice-rei um Rincão por sesmaria, o qual, segundo ele, se achava devoluto, “ao qual chamam as Vacas Gordas, que confronta pelo Norte com o Rio Vacacai, pelo sul com o Arroio São Sepé, e pelo Leste um boqueirão entre uns matos, e pelo oeste outro boqueirão de donde nascem duas vertentes, uma para o Norte, e desagua em Vacacai, e outra para o sul, e desagua em São Sepé”.¹⁴⁶ No mesmo ano de 1790, em 6 de fevereiro, ocorre o registro de uma data de terras concedida ao Cabo-de-esquadra do Regimento de Dragões Alexandre Manuel da Cunha e Souza, do outro lado do rio Irapuá, tendo ao sul o rio Camaquã.¹⁴⁷ Em 1795, o Capitão de Auxiliares Alexandre Manuel da Cunha requereu ao Conde de Rezende a sua reforma.¹⁴⁸

Naquela relação de 1784 não constava a posse de escravizados por este capitão, mas este não era o interesse prioritário da Coroa Portuguesa

¹⁴⁴ AHCMPA – Livro 4 de Óbitos da Paróquia de Nossa senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, folha 154. Icterícia: “Moléstia que se manifesta pela cor amarela geral da pele e que ordinariamente consiste da alteração orgânica, ou em qualquer outra afecção do fígado e suas dependências” (LANGGAARD, livro 2, p. 577); “Moléstia caracterizada pela cor amarela da pele, produzida pela passagem no sangue das moléstias corantes da bÍlis. A icterícia pode sobreviver na cólica hepática, na inflamação do fígado, nas afecções dos órgãos vizinhos do fígado (pulmões, pleura, peritônio), na febre amarela, na mordedura dos animais venenosos, etc.” (CHERNOWIZ V. II, 1890, p. 189).

¹⁴⁵ AHRS – Fazenda – F-1198.

¹⁴⁶ AHRS – Sesmaria – Caixa 1, maço 1, nº 16, 1790, Alexandre Manoel da Cunha e Souza.

¹⁴⁷ AHRS – Fazenda, F-1246/49v, 50, 50v.

¹⁴⁸ AHRS – Fazenda – F-1248/74v, 75.

naquele momento, mas uma investigação sobre quem ocupava terras neste extremo da América portuguesa e sob quais autorizações. Alguns anos depois, novamente os capitães de distrito foram acionados para buscar informações sobre os proprietários locais, mas desta vez com ênfase nas escravarias, já que a preocupação era a influência dos limites com a Coroa espanhola na questão do tráfico de cativos. Naquele ano de 1788, o então Tenente Alexandre Manoel da Cunha e Souza informou que se achavam matriculados no livro da Freguesia de São Nicolau da Cachoeira os seguintes cativos:

**Quadro nº 13 – Escravizad@s do Ten. Alexandre da Cunha e Souza
(Cachoeira, 1788)**

Nome	Idade	Cor	Origem
Ana	5 anos	Não consta	Rio Pardo
Anastácio	8 anos	Pardo	São Paulo
Caetano	38 anos	Não consta	Benguela
Constantino	1 ano	Pardo	Cachoeira
Damásio	10 anos	Pardo	Rio Pardo
Jacinto	36 anos	Não consta	Rio Grande
João	1 ano	Pardo	Cachoeira
Joaquim	32 anos	Não consta	Rio Grande
Jose	20 anos	Não consta	Benguela
Lourenço	18 anos	Não consta	Angola
Maria	1 ano	Não consta	Cachoeira
Silvéria	18 anos	Pardo	Rio de Janeiro
Sotério	8 anos	Pardo	Rio Pardo ¹⁴⁹

Naquela região de fronteira com os castelhanos e indígenas (NEUMANN, 2004; GARCIA, 2007), encontramos escravarias como a do quadro acima, que evidencia a reprodução endógena, com a consistente presença de crianças escravizadas. Dos 13 cativos e cativas acima, sete tinham até 10 anos de idade. Três homens adultos são africanos da mesma região,

¹⁴⁹ Fonte: ANRJ – Série Justiça – Africanos. Código do Fundo “AM”, Seção de guarda “CODES”, notação “IJ6”, maço 934. “Relações dos Escravos das freguesias de São Nicolau da Cachoeira, Triunfo (1788/1789) e Mostardas (1787)”;

MATHEUS & MOREIRA, 2013.

2 benguelas e 1 angola. Dentre os crioulos, a maioria é originários dessa capitania, 3 de Rio Pardo, 3 de Cachoeira e 2 de Rio Grande. De fora, temos 1 de São Paulo e 1 do Rio de Janeiro. Como vemos acima, Iziquiel ainda não fazia parte daquela comunidade de senzala, mas a sua amásia/esposa Maria pode ser aquela com apenas 1 ano de idade, natural da própria vila de Cachoeira.

Não sabemos quando morreu o Sargento Mor Alexandre Manoel da Cunha e Souza e nem temos o seu inventário post-mortem, mas a sua viúva Joaquina Perpétua oficiou ao Desembargador Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca – José Maria de Sales Gameiro de Mendonça Peçanha, em 1826, comunicando ter cumprido as disposições testamentárias do seu defunto marido, “a exceção, porém, de algumas disposições condicionais que em tempo oportuno só podem ser satisfeitas, como consta do referido testamento”.^{150 151} O interessante é que o defunto Alexandre Manoel da Cunha e Souza, além do testamento propriamente dito, deixou um *caderno*, “para nele declarar qualquer disposição que se me ofereça fazer, aumentando ou diminuindo qualquer disposição ou legado que declaro no meu testamento”. O testamento foi redigido em 20 de outubro de 1815, em Cachoeira, e o caderno foi aberto um pouco depois, em 01.12.1815. Alexandre escreveu de próprio punho que estava em sua “perfeita saúde, de pé e sem moléstia alguma e com meu perfeito Juízo e Entendimento que Deus me deu”, que era natural da Vila de São Pedro do Rio Grande, Bispado do Rio de Janeiro, filho legítimo do Tenente Manoel da Cunha e Souza e de Maria Gomes Ferreira, ambos falecidos, casado com Dona Joaquina Perpétua de Figueiredo, com a qual teve sete filhos:

- Maria Perpétua de Souza, mulher do Capitão João Thomas de Menezes;
- Reverendo José da Cunha e Souza
- Joaquina Perpétua de Souza, mulher do Capitão Bernardo Moreira Lório¹⁵²;
- Alexandre José da Cunha e Souza;

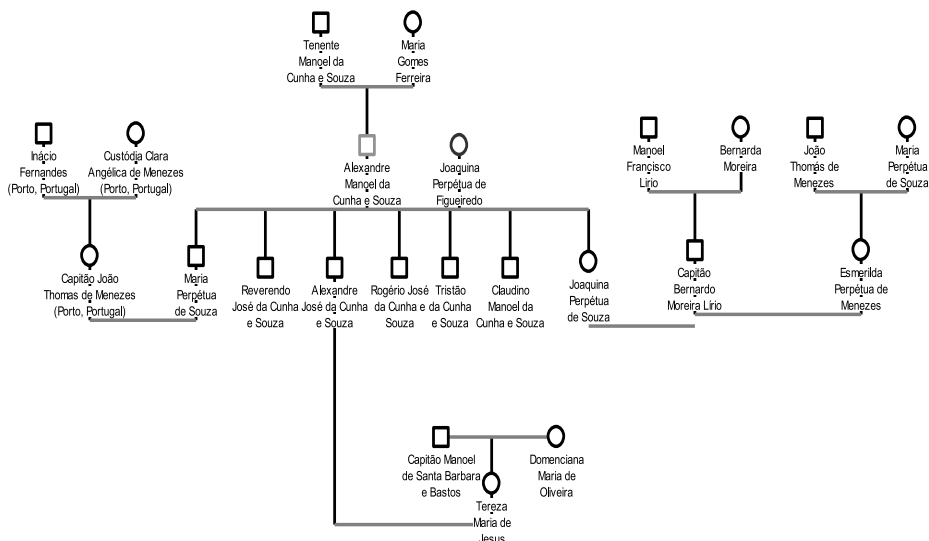
¹⁵⁰ APERS – Cartório da Provedoria de Porto Alegre, Testamento nº 1336, Testador: Alexandre Manoel da Cunha e Souza, Testamenteira: Joaquina Perpétua de Figueiredo, 1854.

¹⁵¹ Em 10.06.1822 o Alferes Alexandre José da Cunha e Souza ainda aparece em uma transação de venda, mercadejando o moleque ladino Francisco, por 204\$800 réis com Marinho de Cassas (ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2010, p. 311).

¹⁵² Aparece como Juiz de Paz Suplente em 1832 (APERS – Civil e Crime de Cachoeira, comarca de Rio Pardo, processo nº 2860, autora: justiça, réu: Manoel da Cunha (baiano), 1832.

- Rogério José da Cunha e Souza;
- Tristão da Cunha e Souza;
- Claudino Manoel da Cunha e Souza.

Árvore genealógica da família de Alexandre Manoel da Cunha e Souza



O testamento informa ainda que Alexandre era irmão das confrarias que existiam na vila da Cachoeira e também das irmandades de Rio Pardo, “que são do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora das Dores e das Almas” e que se morresse em uma destas cidades “será meu corpo acompanhado pelas ditas Irmandades e pelo Reverendo Pároco e todos os mais Sacerdotes que na ocasião houverem, e será meu corpo envolto no Hábito de São Francisco”. Mas se o falecimento for em “parte remota”, que o corpo seja envolto em um lençol e que os padres rezem missas pela sua Alma, da esmola de \$800, e sem “ostentação de vaidade no meu enterramento e muito menos ofícios”. No dia de seu enterro, o fazendeiro Alexandre pedia que a sua testamenteira desse de esmola pela sua alma – 50\$ réis a cinco pobres:

[...] que não sejam mendicantes, sendo dadas a Donzelas ou Viúvas que tenham boa nota, a Eleição da minha Testamenteira ou Testamenteiro, e a todos os pobres que acompanharem meu corpo a sepultura se dará duas patacas a cada um para rezarem pela minha alma, digo, no dia de meu enterro.

Na sequência de suas últimas disposições, Alexandre não economiza em missas para a salvação de sua alma, pedindo 500 missas de esmola de

\$640 réis cada uma, 500 missas de esmola de \$480 réis cada uma e 500 missas de esmola de \$320 réis cada uma e “todas serão repartidas por diferentes Sacerdotes que as digam logo e que sejam de boa consciência e costumes”. Mas também preocupado pela redenção das almas de seus familiares pede mais 700 missas de esmola de \$320 réis cada uma pelas seguintes almas: 200 pela alma de seu pai, 200 pela alma da mãe, 100 pela alma do tio José Gomes Penha, 50 pela alma do tio Antônio Ferreira Gomes, 50 pela alma do irmão Rugerio Manoel da Cunha e Souza, 50 pela alma do irmão Manoel Francisco, 25 pela alma do avô José Gomes Penha, 25 pela alma da avó Tereza Ferreira, “e assim mandará rezar mais 100 pelas almas do Purgatório da mesma esmola de \$320 réis cada uma”.

Pede ainda que a testamenteira desse de esmola pela sua alma 400 reses de criar “para se casarem 4 órfãs pobres, que sejam de boa conduta, dando 100 a cada uma delas, que serão dadas as que ela eleger que sejam capazes”. Deixa 200\$ réis para as obras de Nossa Senhora da Conceição, mais 100\$ “quando se fizer o retábulo do Santíssimo Sacramento, desta Matriz” e finalmente 100\$ em gado de criar para a obra do Hospital da Caridade de Porto Alegre.

O Sargento Mor Alexandre indica como seus testamenteiros, em primeiro lugar a sua mulher, em segundo o genro Capitão João Thomás de Menezes e em terceiro outro genro, o Capitão Bernardo Moreira Lírio, deixando 150\$ réis para quem aceitasse este encargo e o prazo de 3 anos para ser feito. Quanto ao seu patrimônio Alexandre Manoel da Cunha e Souza listou os seguintes bens de raiz:

- Três moradas de casas nesta freguesia, “todas cobertas de telhas”, uma delas é a sua residência, “com vários trastes, móveis, que nela se acham”;
- Seis terrenos “para algumas moradas de casas, entrando nestes os que tenho no fundo do meu quintal com a frente pela outra rua, que de todos tenho títulos”;
- Duas fazendas de criar, ambas povoadas com animais vacuns e cavalares (“que todos tem a minha marca”).

Se na lista de 1788 o patrimônio escravista de Alexandre era composto de 13 cativos e cativas, 27 anos depois, em 1815, ele possuía 37 escravizados, “entre grandes e pequenos”, sendo que nesse número não estavam incluídos dois “mulatos que andam fugidos, um por nome Damásio, nos Domínios de Espanha, e outro por nome Narciso, oficial de Alfaiate”. Esse Damásio talvez seja o pardo de 10 anos, nascido em Rio Pardo, listado na

matrícula de 1788. Desse número consistente de escravizados e escravizadas, o sargento mor apenas beneficia com a alforria um indivíduo, o mulato Anastácio, o qual logo que o testador falecesse deveria receber a sua carta de alforria “em atenção ao muito e bem que me tem servido”. Esse Anastácio deve ser aquela criança de 8 anos, descrita como parda e natural da capitania de São Paulo, da lista de 1788.

Se os escravizados e escravizadas não mereceram a generosidade daquele senhor, o mesmo não ocorreu com seus filhos e filhas, que obtiveram dos pais auxílio para a constituição de suas vidas com certa autonomia:

Filho/filha	Dote
Maria Perpétua de Souza	1:000\$ réis em dinheiro, meio faqueiro de prata (61\$) e 2 escravizadas (Maria e Florinda);
Reverendo José da Cunha e Souza	550\$ da “morada de casas que lhe dei para o seu Patrimônio, que isso me custaram” e mais 250\$ no valor do escravizado João, “que ele tem”; ¹⁵³
Joaquina Perpétua Lírio	1:600\$ em dinheiro, meio faqueiro de prata (64\$) e 3 escravizadas mulheres e uma mulatinha;
Alexandre José da Cunha e Souza	150\$ para “princípios seu negócio” e depois mais 150\$ e o moleque Antônio (134\$400);
Rogério José da Cunha e Souza	230\$ “lhe dei para princípios seu negócio” e mais um cabra sapateiro de nome Adriano;
Tristão da Cunha e Souza	260\$ em dinheiro pra “princípios seu negócio” e o mulatinho Fermiano;
Claudino Manoel da Cunha e Souza	186\$ “lhe dei para princípios seu negócio em trigo” e “que navegue por sua conta e risco para a Cidade do Rio de Janeiro”. ¹⁵⁴

¹⁵³ No caderno anexo ao testamento, o defunto deixa a sua sela e mais “preparos” ao Padre José da Cunha e Souza. Uma provisão de 22 de janeiro de 1817 nomeia esse eclesiástico como Coadjutor da freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre (AHRS – Fazenda, F-1212).

¹⁵⁴ No caderno anexo ao testamento este filho Claudino recebe mais 200 mil réis em dinheiro – “em atenção aos bons serviços que lhe tem feito”. Claudino Manoel da Cunha e Souza faleceu em 20.07.1844, em Cachoeira, de apoplexia, aos “quarenta e tantos anos”, tendo sido casado duas vezes, com Juliana Simões de Alencastro (com quem teve “quatro filhos, três fêmeas e um maxo”) e depois com Ana Cândida de Souza Menezes (com quem teve uma filha). Não deixou testamento (AHCMCS – Livro 3 de óbitos de cachoeira do Sul, folha 81v). O casamento de Claudino com Juliana ocorreu na matriz da Cachoeira em 20.08.1824, ela filha legítima de Manoel Antônio Simões Teixeira e Dona Felicidade Perpétua Joaquina de Alencastro, natural desta freguesia, como seu esposo. O seu casamento com Ana Cândida ocorreu no mesmo templo, pelas 8 horas da noite de 30.04.1839, filha legítima do Capitão João Tomás de Menezes e Maria Perpétua de Souza, depois dos noivos serem dispensados “do impedimento canônico de consanguinidade em segundo grau misto ao primeiro em linha colateral” (AHCMCS – Livro 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul, folha 109v).

Trata-se, como estes dados apontam, de um arranjo familiar eficaz e vigoroso, baseado em um patrimônio sólido e com aparente bom gerenciamento¹⁵⁵. O nome de Iziquiel da Cunha não aparece em nenhum momento, já que não se trata do inventário post-mortem e, portanto, não temos a lista individual daquela escravaria. Mas certamente ele fazia parte dessa comunidade de senzala, na qual ingressou em data desconhecida, deslocado contra a sua vontade da capitania baiana. Na verdade, as inúmeras vezes em que aparece apadrinhando crianças e adultos (africanos recém chegados) mostra como ele desempenhou papel importante nos arranjos sociofamiliares daqueles núcleos escravizados e mesmo no gerenciamento das *propriedades* humanas daqueles senhores.

O sargento mor Alexandre ainda lega escravizados para alguns parentes: deixa um moleque para a afilhada Joaquina, filha de Fabiano Pinto da Costa “quando tomar estado” e 60\$ réis em fazendas “para se vestir”; deixa duas escravizadas a neta e afilhada Demesiana e uma escravizada a neta Joaquina, ambas filhas de seu filho Alexandre, “porém nunca para ele as poder vender, nem serem sujeitas a dívida que ele deva”. Por fim, ele nomeia suas universais herdeiras: metade a sua mulher e a outra metade as 3 netas, filhas do Capitão João Tomás de Menezes – Esmerilda, Feveronia e Alexandrina, “dando-se igual parte a cada uma delas, isto se fará se eu não revogar na última hora e caso o faça hei de declarar no meu Caderno, que neste meu testamento declaro que será a minha última vontade o que nele declarar”.

No livro 1º de batismos de escravos de Cachoeira do Sul, que abarca o período de 1799 a 1842, encontramos as anotações abaixo, relativas a cativos desta família senhorial:

¹⁵⁵ “Declaro que tenho em meu poder um livro em que faço os meus assentos do que se me deve ou eu possa dever que não está em créditos, que a minha testamenteira ou testamenteiro por ele poderá cobrar o que estiver em assento e não pagará dívida alguma que se lhe peça, que nele não achar lançada e só se lhe apresentarem Crédito que esteja assinado pelo meu próprio punho”. Além desse livro de escrituração, como já dissemos, o falecido deixou um caderno com 8 folhas, rubricadas por ele, “em o qual poderei declarar qualquer cousa que se me oferecer, e acrescentar ou diminuir legados, nomear nossos testamenteiros e derogar os que aqui tenho nomeados e tudo que no mesmo Caderno se achar por mim escrito e assinado se dará inteiro cumprimento por que será a minha Última vontade, e será o que a minha testamenteira ou testamenteiro deverá seguir e observar”. Nesse caderno, ao contrário do testamento, a assinatura do sargento mor Alexandra está visivelmente tremida, denunciando a debilidade de seu estado de saúde.

Quadro nº 14 – Batismos de escravizados e escravizadas do Capitão Alexandre Manoel da Cunha e Souza

Batismo	Nome	Nascimento	Mãe	Padrinhos/madrinhas
16.10.1799	Verissimo	01.10.1799	Silvéria	Bento Correia e Beatriz Lopes
27.09.1804	Zeferino	26.08.1804	Silvéria	Antônio Correa e Eufrásia (escrava de João Tomás de Menezes)
19.10.1804	Fermiano	12.09.1804	Ana	Jacinto Lopes Falcão e Francisca Inácia do Canto
19.09.1806	Cecilia	Não consta	Maria	João Francisco de Araújo
15.08.1807	Maria	Não consta	Ana	João (escravo da viúva Lourença)
14.10.1807	Clemência	24.09.1807	Silvéria	Clemente da Silva Rosa
26.09.1811	Custódia	Não consta	Maria	Joaquim Antônio de Sá
26.12.1813	Margarida	27.11.1813	Maria	José Joaquim Hermenegildo Borges

Fonte: AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira (1799/1842).

Acima temos 8 novos rebentos que enriqueceram ainda mais o patrimônio do casal Alexandre e Joaquina Perpétua, frutos de 3 ventres crioulos escravizados, Silvéria, Ana e Maria. É possível que elas sejam aquelas homônimas da lista de 1788: a parda Silvéria, com 18 anos, natural do Rio de Janeiro, Ana com 5 anos, natural de Rio Pardo e Maria, com apenas 1 ano de idade, nascida na própria Cachoeira. Se essa Maria era a esposa-amásia do pedreiro baiano Iziquiel, seriam Cecília, Custódia e Margarida filhas do casal, quando ainda escravizado?

As pistas nominais dos subalternizados por vezes são escorregadias, sujeitas a múltiplas interpretações, parecendo oscilar e momentaneamente se encaixar em hipóteses aparentemente admissíveis. O certo é que não achamos os óbitos, alforrias ou registros de venda de nenhuma dessas três escravizadas – Cecília, Custódia e Margarida. Mas encontramos uma Custódia Maria de Jesus, nascida nesta vila da Cachoeira, parda, solteira e com 16 anos de idade, que faleceu de tísica (tuberculose) em 08 de abril de 1828.¹⁵⁶ A idade fecha com a filha de Maria, batizada em 1811 e a composição nominal pode aventar ser filha de uma Maria Rosaura de Jesus. Mas claro que pode ser uma coincidência, como a juíza eleita na irmandade do Rosário e São Benedito dos pretos da Caxoeira, em 1845, chamada também

¹⁵⁶ AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul.

Custódia Maria de Jesus, que se matriculou naquela agremiação dois anos antes, em 07.12.1843, com apenas a indicação de que era solteira. Talvez essas possibilidades não passem de divagações, já que a própria Maria Rosaura de Jesus, esposa de Iziquiel, sumiu sem deixar pistas após aquela fugaz aparição, amadrinhando o guiné Mateus, em 23.05.1829.

“POR SE ACHAR EM LUGAR SUSPEITOSO, DEPOIS DO SINAL DE SILÊNCIO”: O BATUQUEIRO BAIANO MANOEL VALENTIM¹⁵⁷

Aguça o paladar dos ogro-historiadores saborear os pequenos petiscos dispersos nos arquivos da escravidão e do poder estatal, que permitem parcial e precariamente reconstituir aquela encruzilhada afro-diaspórica que era a vila da Cachoeira oitocentista. Obviamente, em muitos casos, são anotações fugidias, reunidas em dossiês compostos por poucas folhas manuscritas, produzidos pela burocracia voltada para o controle social. Nesses papéis, por vezes difíceis de ler (dificuldade que integra o prazer de os decifrar) apreendemos opiniões, crenças, rituais e líderes etnorreligiosos, tudo mascado e condicionado pela vontade de seus produtores de restringir os espaços de autonomia dos não-brancos.

Como verão os leitores e leitoras que se dispuserem a saborear este livro, muitas destas migalhas documentais por vezes nos deslocaram para espaços e práticas alheias a irmandade do Rosário e São Benedito. Nos afastamos um pouco daqueles devotos, das suas escrituras e consistório, mas não os esquecemos, apenas procuramos captar o entorno em que habitavam, os entre-lugares de suas vivências diaspóricas afro-brasileiras.

No Rio Grande do Sul, conforme Dante de Laytano (1984, p. 198), batuque não é simplesmente uma dança e nem deve ser reduzido a uma festa ou “simplesmente uma cerimônia coreográfica”, mas pode ser usado como sinônimo de “religião de negro”. Batuque, segundo o antropólogo Ari Pedro Oro:

[...] apoia-se em elementos mitológicos, axiológicos, linguísticos e simbólicos das tradições banto e sobretudo jêje-nagô. É o caso do Candomblé da Bahia, do Xangô de Recife, do Tambor de Mina do Maranhão e do batuque do Rio Grande do Sul. Seus cultos centram-se nos orixás, [...] divindades

¹⁵⁷ APERS – Subdelegacia de Polícia da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Sumário crime nº 2860, autora: a justiça, réu: baiano Manoel Valentim, 1832.

que representam concomitantemente elementos ou forças da natureza (pedra, chuva, trovão, vento, terra, fogo, ar, água) e atividades humanas elementares (caça, guerra), que regulam o funcionamento de determinados órgãos do corpo humano e que se relacionam com determinados tipos psicológicos. A cada orixá, ‘de Bará a Oxalá’, atribui-se competências e qualidades próprias, são simbolizados por determinadas cores e objetos, sendo-lhes ofertados determinados animais e comidas e todos de alguma forma mantêm correspondências sintéticas com santos católicos (ORO, 1994, p. 47/48).

A lei provincial nº 539, de 30 de abril de 1863, aprovou o Código de Posturas da Câmara Municipal da cidade da Cachoeira, que em seu artigo 91 determinava:

Ficão prohibidos os candombes ou batuques e danças de pretos, tanto em casas como na rua, sob pena de 10 mil reis de multa ao dono da casa ou o chefe do batuque, e sendo escravo 5 mil reis pagos pelo senhor, dissolvendo-se a reunião.

Sigamos em frente e conheçamos, pelo menos a silhueta, do preto baiano e oficial de pintor Manoel Valentim, um batuqueiro que morou no centro de Cachoeira no início da década de 1830.

A ronda dos guardas municipais de Cachoeira, na noite do dia 13 para 14 de fevereiro de 1832, foi especialmente tensa. Os policiais patrulhavam o centro da povoação, mais ou menos das 11 horas para a meia-noite, quando encontraram o Juiz de Paz suplente Bernardo Moreira Lirio. Essa autoridade lhes orientou a patrulhar com atenção o beco ou travessa da praça do Loreto, principalmente umas águas em que moravam uns “poucos pretos baianos” e que ordenassem o fechamento da porta daquela casa, localizada defronte ao portão do Alferes Tristão da Cunha e Souza, “casa esta que se conserva aberta quase toda a noite e onde há muito ajuntamento dos ditos Baianos com bastante assoada”.

Os policiais atenderam a ordem recebida e encontraram a tal casa com as portas abertas, intimando o inquilino da mesma, chamado Manoel Valentim, a cerrá-las. Valentim confrontou a patrulha, se negando a fechar as portas, alegando que ele e seus parceiros estavam “a fresca e eram em número de 4”. A patrulha, talvez em número inferior, se retirou e depois, perto da uma hora da madrugada, encontrou o juiz de paz, escutando nesse momento um grande motim. O juiz, então, renovou a ordem inicialmente dada, mandando a casa de onde provinha o alarido três policiais – Isidoro Pereira da Silva, José Pereira da Silva e José Lourenço.

Os depoimentos dos três policiais coincidem, com algumas pequenas variações. Eles nos contam que chegaram ao “canto da travessa da praça ao

pé da casa de Tristão da Cunha e Souza” e ouviram uma grande *assoada* na casa do preto baiano Manoel Valentim. Acatando as ordens do juiz, esses três *cidadãos* viram naquela casa um homem branco, que lhes dissera ser militar, envolto em um:

[...] lençol ou vestidura branca, com um pano encarnado na cintura e outro na cabeça cobrindo o cabelo, com três velas acesas, uma na frente e uma em cada lado, sentado em um banco ou mocho, sendo acompanhado de dois Pardos Baianos, Manoel Valentim e outro que se ignora o nome, estando um à direita e outro à esquerda do que estava ao meio das luzes e estes cantando a maneira de cantochão.

Completando o cenário religioso que os policiais presenciaram, havia um preto de nome Pedro de Alcantara, “o qual estava na frente com um pau na mão, a maneira de quem fazia compasso”. Novamente foi dada ordem para que as portas fossem fechadas e Valentim tornou a insistir que não fechava, pois estava na sua casa e apenas se divertia. O juiz então mandou que ele fosse preso, ao que Valentim retorquiu “que não se dava a prisão, porque estava em sua casa” e no conflito que se seguiu, os policiais acharam uma espada *direita* desembainhada, debaixo de uma esteira que estava fora da porta da rua.

Ao que parece, apenas Manoel Valentim foi preso ou então ele foi o único a ser interrogado, sendo o alvo preferencial da irritação do juiz de paz, por ser o responsável pela casa em questão e por ter acintosamente defendido seus direitos junto a polícia. Ele depôs dizendo ser natural da província da Bahia, ter 31 anos e trabalhar como oficial pintor. Certamente querendo rotular Valentim de vadio, o juiz indagou “em que obra estava trabalhando sobre a sua arte” e ele respondeu que “por hora não tinha obra para trabalhar”, tendo chegado na vila da Cachoeira em setembro do ano passado. O juiz, então, quis saber de que maneira ganhava para sua subsistência, “visto não ter o que fazer pela sua Arte”, respondendo Valentim que trabalhara desde sua chegada a essa vila dois meses e 3 dias e, fora disso, os seus patrícios o ajudavam a se sustentar. Curioso sobre o que presenciaram naquela casa de portas abertas, o juiz indagou que “procedimento” era aquele e a “que fim era dedicado”, ao que Valentim se esquivou dizendo que “não se dedicava a coisa alguma e sim para se divertirem e que ele interrogado ignorava que fizesse algum mal”. Foi indagado ainda a Valentim, porque quando foram admoestados pela patrulha não fecharam a porta e continuaram com *assoada*? Ao que aquele pintor baiano alegou que apenas estava “a fresca junto com outros companheiros” e que não fechava a porta

porque estava em sua casa e “não andava passeando”.

Logo após o depoimento, naquela mesma manhã de 15 de fevereiro de 1832, o juiz Moreira Lirio determinou que até o dia 17, ao meio-dia, Manoel Valentim havia de *despejar* a vila, sob pena de proceder contra ele de acordo com a lei. Dias depois, o comandante da 1ª esquadra das guardas municipais de Cachoeira, Oliverio Antônio de Ataídes, comunicou ao Juiz de Paz que o pardo forro Manoel Valentim for preso, “por se achar em lugar suspeito, depois do sinal de silêncio” e ele foi condenado as penas máximas dos artigos 4º e 7º da lei de 26 de outubro de 1831:

LEI DE 26 DE OUTUBRO DE 1831 – Prescreve o modo de processar os crimes publicos e particulares e dá outras providencias quanto aos policiaes. Art. 4º As penas impostas contra os vadios no art. 295 do Codigo ficam elevadas de um a seis mezes de prisão com trabalho, e ao duplo na reincidencia. [...]

Art. 7º Qualquer tumulto, motim ou assuada, não especificados no Codigo Criminal, serão punidos com um a seis mezes de prisão com trabalho.

O Juiz Ordinário Joaquim Severo Fialho, sem explicações, *minorou* a pena de Valentim em quatro meses de prisão com trabalho.

Antes que a silhueta do pardo Manoel Valentim se dissipasse antes os nossos olhos, ele ainda redigiu um requerimento para a justiça, dizendo que o tempo marcado para sua sentença já se findara “por isso requer o Alvará de Soltura que, segundo as Leis que regem o Império do Brasil, nada o pode servir de obstáculo a conservá-lo na prisão sem infringimento da lei”. O mesmo juiz Fialho, em 25 de junho de 1832, passou o alvará de soltura e Valentim foi cuidar de sua vida, a qual esperamos ter sido longa e que ele tenha conseguido manter e praticar a sua fé.

As ínfimas pistas que este documento nos traz, permitem poucas possibilidades interpretativas. Parece provável que esse *pardo* ou *preto* Manoel Valentim mantinha algum tipo de culto em sua residência, localizada na parte urbanizada da vila da Cachoeira. O fato dele estar desempregado e dizer que seus *patrícios* o ajudavam em seu sustento, parece apontar para uma autoridade religiosa, que angariava de sua comunidade de fiéis algumas formas de retribuição de trabalhos feitos. A espada desembainhada encontrada debaixo de uma esteira, fora da casa, que foi apontada pela polícia como uma arma, talvez ali estivesse como peça litúrgica, quem sabe indicando culto a ogum. Lembrando que o orixá ogum é *de rua*, necessitando que as portas fiquem abertas. Assim, nesta questão das portas abertas, destaca-se a insistência daquele pintor baiano na sua privacidade residencial.

Ele insiste que não andava *de passeio*, mas fazia o seu *divertimento* em seu lar, local cujo aluguel era pago por ele e provavelmente por sua comunidade afro-brasileira. O enfrentamento desse baiano negro à intromissão da polícia e do juiz em sua intimidade, transmite um anseio de cidadania, nesse caso específico dialogando com a autonomia religiosa.¹⁵⁸

Já insistimos, baseados em pesquisas anteriores, que Cachoeira era uma região de fronteira agrária, espaço onde se defrontaram, conviveram e se hidridizaram vários grupos étnicorraciais. Mas Manoel Valentim nos mostra como era também uma fronteira religiosa e que talvez esse baiano batuqueiro estivesse aqui para confortar espiritualmente seus patrícios para cá degredados, seja como soldados ou escravizados e escravizadas.

¹⁵⁸ Agradeço aos amigos historiadores e batuqueiros Vinicius Pereira de Oliveira e Raul Rois Scheffer Cardoso por me ajudarem a tecer alguns comentários sobre estes indícios religiosos.

O CONSISTÓRIO, O PÁTIO, O ARQUIVO E AS ESCRITURAS DOS PRETOS DO ROSÁRIO

Precisamos de ajuda das coisas
para nos recordarmos uns dos outros.

(ALMEIDA, Djaimilia Pereira

Esse Cabelo. 2022, p. 28).

A escravidão é o avesso do acolhimento, a insistência na subalternização, na desumanização, no desrespeito, no investimento na construção de alteridades negativas. Se a escravidão é o avesso do acolhimento, espaços como o Consistório da irmandade do Rosário, construído e mantido como território comunal e de comunhão de devotos negros, congregou parcerias, engendrou lembranças compartilhadas, serviu de local educativo e politizador, onde se forjaram e consolidaram lideranças étnico-raciais.

Pesquisando a Irmandade do Rosário de Porto Alegre (RS) a historiadora Liane Muller (2013, p. 33) discutiu a importância de prestarmos a atenção nos “significados da ocupação dos espaços internos das igrejas”. Ela destacou a hierarquia interna nas igrejas, com as associações de altar-mor e as que ocupavam os altares secundários, mostrando o esforço despendido por associações negras na edificação de templos próprios. Hoje em dia existe uma pequena capela do Rosário, em Cachoeira do Sul, na esquina das ruas José Gomes Porto e Conde de Porto Alegre (bairro Marques Ribeiro), mas durante o período de vigência efetiva da irmandade, os irmãos se reuniam em um *consistório*, dentro da Igreja Matriz da Conceição.



Compreendemos que o empenho em solidificar e expandir um espaço próprio, onde se pudesse entreter relações comunitárias e devocionais sem intervenções externas e em relativa autonomia, é anterior a edificação de templos próprios. Ainda dentro das igrejas matrizes, as irmandades investiam em nichos, altares e consistórios, nos quais podiam gerenciar suas alfaías, produzir e preservar suas atividades escriturárias, promover reuniões para fins diversos. Os livros dos pretos do Rosário de Cachoeira nos auxiliam a melhor dimensionar a cartografia do espaço religioso da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira.

Esta cartografia, evidentemente, não se esgotava no templo católico, mas se espalhava pelas ruas por onde as procissões desfilavam seu garbo, alegria e devoção e se complementava com o cemitério, com as catacumbas abrigando os ancestrais, bem conservadas, caiadas, em bom número, instaladas em um local limpo, arejado. O cuidado transcende a vida carnal e as missas e orações aos irmãos e irmãs falecidas presentificavam indivíduos que eram também emblemas comunitários de afeto e identidade. Os pretos do Rosário e São Benedito coloriram o espaço urbano de Cachoeira com outras cores, fora das pretensões das elites brancas.

Desde os nossos primeiros contatos com as escrituras da irmandade dos pretos da Cachoeira o consistório nos atraiu a atenção e percebemos que, se ele aparecia reincidentemente nas fontes, era porque os irmãos e irmãs valorizavam aquele recinto, de pequenas dimensões físicas, mas que resumia em si as expectativas e desejos comunitários. Os códices manuscritos da irmandade nos ajudam a historicizar a existência, a permanência e a transformação daquele espaço, fruto de manobras engendradas com sutileza e insistência.

Em sua pesquisa sobre “duas irmandades leigas surgidas na cidade de Porto Alegre/RS no início do século XIX, a irmandade (e posteriormente ordem terceira) de Nossa Senhora das Dores, e a confraria da Santa Casa da Misericórdia”, o historiador Pedro von Mengden Meirelles encontrou pistas sobre o consistório de uma delas. No período denominado por esse pesquisador de *primórdio* das Dores (1801-1812) foram encontradas despesas de pouco mais de 513 mil réis com “obras para aprontar o seu Consistório, localizado em uma estrutura anexa à matriz” (MEIRELLES, 2021, p. 117). Meirelles data o consistório das Dores de 1801, alucinando-o, corretamente, de *sala de reuniões particular*, local onde, inclusi-

ve, eram fixados em um quadro o resultado das eleições (MEIRELLES, 2021, p. 150).¹⁵⁹

No livro de matrícula de irmãos, que abarca 1812 a 1846, não se encontra referência ao consistório da irmandade, mas somente a Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Cachoeira, templo em cujo interior ocorriam as inscrições dos devotos. O escrivão da irmandade Joaquim dos Santos Xavier Marmelo, em 2 de janeiro de 1835, vésperas do início da guerra civil farroupilha, relatou a prestação de contas feita pelo tesoureiro João Alberto Xavier, comunicando estarem no “Consistório da Igreja Matriz desta Vila Nova de São João da Cachoeira”, reunidos o Reverendo Vigário, Capelão e Juiz, e mais oficiais de mesa Velha e Nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, parecendo tratar-se de uma *sala de reuniões* da igreja.

A Ata de Resolução acerca do Cemitério (1827) trata de uma reunião convocada pelo Provedor da Comarca Candido Ladislau Japiassu, a qual ocorreu no consistório da Irmandade do Santíssimo Sacramento, sob a orientação do Reverendo Vigário Ignacio Francisco Xavier dos Santos. Nessa reunião, consta o comparecimento de irmãos das quatro irmandades então existentes – do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição Padroeira, Nossa Senhora do Rozario dos Pretos e São Miguel e Almas. Ao que parece, estas irmandades se unificaram no ano de 2009.

Já no Livro das eleições dos Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Cachoeira, que compreende um período mais largo, de 1827 a 1892, as atas começam com a mesma referência generalizante da igreja matriz, mas em 21 de dezembro de 1847 o termo se refere ao “Comcistorio da Igreja Matris de Nossa Senhora da Conceicao da Cachoeira”. Entretanto, é a partir do “Termo da Elleição de Rei, Rainha, Juiz, Juizas, e mais Irmaos de Meza para o fotoro anno de 1849”, de 21.12.1848, que percebemos o início da referência a um local específico para a atuação das confrarias locais – o “Consistorio destinado para Irmandade na Igreja Matris”. Entretanto, somente no Natal de 1851, o Termo de Eleição se refere especificamente a um espaço reservado, demarcando que o processo elei-

¹⁵⁹ O historiador Matheus Batalha Bom (2017, p. 121/122) encontrou pistas documentais a respeito da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Jaguarão, fundada no ano de 1860, composta de livres, libertos e escravizados. Ele relata que em 20 de março de 1870, o juiz da irmandade, chamado João do Espírito Santo, alertou as autoridades sobre o arrombamento da “Casa do Consistório da Irmandade”, que parece que não ficava dentro e nem mesmo anexa a igreja local.

toral ocorreu no “Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Freguezia desta Villa Nova de Sam Joam da Cachoeira”, momento em que foram eleitos, além dos irmãos de mesa:

Rei Felipe, Escravo de Dona Florianna.
Rainha Severina Maria da Conceição.
Juiz da Vara Rogerio Antonio de Almada.
Juiza da Vara Joanna Maria Joaquina, do finado Elleuterio Correia Vidal.
Juizas do Ramallete Maria Jacinta, Escrava do Reverendo Vigario.
Juiza do Ramo Balbina da Conceição, do Brigadeiro Joaquim Antonio de Alencastre.¹⁶⁰
Capitao do Mastro Joao, Escravo do finado Manoel de Souza.
Procurador Iziquiel da Cunha.
Andador Joao Gomes Congo.

O Livro 1º das Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, que registra reuniões de irmãos de mesa de 1846 a 1885, começa com uma ata sem especificação de local, apenas a menção de que ocorria na vila da Cachoeira. A ata seguinte, datada de 10.01.1849, é justamente para a “compozição de hum Consistorio para a Irmandade de Nossa Senhora do Rozario”. Nesse documento se informa a obtenção de uma licença do Reverendo Vigário para “fazer a compozição de huma parte do consistório para a reuniao da mesma, se devia fazer hua parede com porta para acautelar as alfaias da mesma Irmandade bem como para os trabalhos da mesma que devem ser secretos”, sendo então autorizado o tesoureiro João Alberto Xavier para fazer a obra “apresentando as contas legalizadas das despesas que se fizerem”. No mesmo ano de 1849, aos 12 dias do mês de maio, os irmãos ordenaram ao mesmo tesoureiro que abrisse uma porta “pela parte de fora ao fundo onde o mesmo consistorio faz sua frente, afim de ficar emcomunicavel pela Sachristia”, assim como também uns degraus pela parte de fora para a entrada dos irmãos. Autorizado pela mesa diretora, o tesoureiro João Alberto Xavier, em fevereiro de 1849, efetuou vários gastos, todos para a *feitura do consistório da irmandade dos pretos do Rosário*:

10 de fevereiro de 1849:
Despendido ao Irmão Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de seis mil réis, proveniente de uma portalada para o novo Consistório da Irmandade.

¹⁶⁰ O brigadeiro Alencastre faleceu em Cachoeira em 16.11.1869 e era casado com Dona Maria Aldina de Alencastre. Ele era natural desta província, tinha 78 anos, gastro-entero-hepatocolite aguda e deixou testamento. Seu cadáver foi encomendado pelo Padre Antônio Homem de Oliveira (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 193v). O brigadeiro e Dona Maria Aldina casaram em Cachoeira, pelas cinco horas da tarde, em 19 de março de 1858, ele já viúvo de suas primeiras núpcias (AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4 de Cachoeira do Sul, p. 72).

Idem. Idem a quantia de vinte e oito mil réis, proveniente de mil tijolos e frete do mesmo para a feitura do mesmo Consistório.

Idem. Idem a quantia de oito mil réis, provenientes de quatro tábuas para a porta do mesmo Consistório.

Idem. Idem a quantia de mil e seiscentos réis, provenientes de uma carrada de areia para a feitura do Consistório.

Despendeu o atual Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de cinco mil duzentos e oitenta mil e vinte réis, provenientes de uma fechadura de broca, dobradiças e mais ferragens para a porta do Consistório da Irmandade.

Despendeu o atual Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de vinte mil réis, provenientes do serviço de carpinteiro para a feitura do Consistório.

Despendeu o atual Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de nove mil duzentos e oitenta réis, provenientes de sete alqueires e uma quarta de Cal para a obra do Consistório, sendo a mil duzentos e oitenta réis ao alqueire. Fevereiro, 16.

Despendeu o atual Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de dezesseis mil réis, provenientes do jornal de pedreiro para a feitura do Consistório.

Despendeu o atual Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de seis mil e quatrocentos réis, provenientes de quatro libras de alvaiade, uma quarta de flor de anil, cinco libras de óleo, duas de roxo terra e meia de secante para pintar o Consistório.

Despendeu o atual Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de dois mil trezentos e vinte réis, provenientes do jornal do pintor para pintar o Consistório.

Novembro, 30, 1850

Despendeu o atual Tesoureiro João Alberto Xavier a quantia de dezenove mil e sessenta réis, sendo com uma portalada de Ipê e um barroto para pranchas a quantia de nove mil e seiscentos réis. 9\$600

Com três tábuas de louro para a porta a dois mil réis. Seis mil réis. 6\$000

Com uma fechadura, dobradiças, pregos e um ferro pedrês três mil quatrocentos e sessenta réis. 3\$460

Novembro, 30, 1850

Despendeu mais o mesmo Tesoureiro a importância da obra da porta paga ao carpinteiro a quantia de vinte mil seiscentos e quarenta réis.

Dezembro, 3

Despendeu mais o mesmo Tesoureiro com a obra da escada de entrada para o Consistório do Rosário, e sentada das portadas, a quantia de vinte e seis mil duzentos e dez, a saber – com oito alqueires de cal preta a preço de quatrocentos e oitenta réis – três mil oitocentos e quarenta. 3\$840 Com três carros de areia a mil réis. Três mil réis. 3\$000 Com duzentos tijolos, quatro mil réis. 4\$000 Com um carro de pedra, mil e seiscentos.

1\$600 Com cinquenta telhas para o telhado. Dois mil duzentos e cinquenta.

2\$250 Com 16 alqueires de cal branca a setecentos e vinte. 11\$520

Março, 1º, 1851

Despendeu o atual Tesoureiro o Irmão João Alberto Xavier com o pintor para dar tintas nos portais e porta portão e porta do Consistório, esquite e armário da Senhora, a quantia de oito mil réis.

Março, 10

Despendeu o atual Tesoureiro com o marceneiro por um armário para guardar as alfaias de Nossa Senhora a quantia de catorze mil e quinhentos réis.

Março, 15

Despendeu o atual Tesoureiro com o pintor de pintar o armário das alfaias da mesma Senhora a quantia de dois mil quinhentos e vinte réis.

Talvez empolgados com a conquista de um espaço próprio dentro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no ano seguinte, em 21.01.1850, os irmãos, reunidos no consistório da irmandade, autorizaram o tesoureiro a mandar trazer da cidade da Bahia “hua Imagem de Nossa Senhora do Rozario de tres palmos de altura mais ou menos com menino e Coroas de prata propria para sahir em andor nas procicoens, e terços, ficando a sua dispozição qualquer quantia que fosse necessária para o indicado fim”¹⁶¹. No dia seguinte, os irmãos resolveram a contratação do Reverendo Vigário Antônio Homem de Oliveira para ser Capelão da Irmandade, com a remuneração de 64 mil réis anuais.¹⁶²

Imagem de Nossa Senhora atualmente na Capela do Rosário



¹⁶¹ A Irmandade da Conceição, criada no Desterro (SC), em 1855, como uma congregação de pardos, também trouxe da Bahia uma imagem da santa para suas liturgias (LIMA, 2020, p. 253).

¹⁶² Pela Ata de Resolução da Meza da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario”, de 09.05.1869, se decide o fim do vínculo com esse capelão, por falta de rendimentos, “entretanto, logo que a Irmandade possa fará novo contracto com o Reverendo Padre Antonio coadjutor dest’a Paróchia”.

Mas espaços de afeto e acolhimento precisam ser devidamente conservados e aos 8 dias de setembro de 1857 os irmãos debateram que o telhado do consistório estava “estragado e bem assim as madeiras do mesmo que estavam bastante arruinadas”, resolvendo a mesa autorizar o tesoureiro a comprar os materiais necessários e contratar a obra com o mestre pedreiro Iziquiel da Cunha, que como irmão da irmandade estava presente. Alguns anos depois, em 15.04.1860 novamente se discutiu e aprovou “compor o telhado do consistório”. Em 5 de fevereiro de 1860 os irmãos deliberaram que o Procurador mandasse “fazer dous bancos mais para assento dos Irmãos”, dispensou o pagamento de jóias de Reis e Rainhas e mandou o mesmo irmão procurador “roçar as capoeiras que existem no Cimiterio, e que imbaração o tranzito, e tambem limpar a frente do Consistorio”. No ano de 1864, aos 29 dias de maio, os irmãos circunscreveram ainda mais o espaço do consistório, atribuindo-lhe um pátio:

A meza deliberou mais em consequencia da immoralidade que efetivamente há atrás da Igreja, na entrada de seu Consistorio como o pouco asseio que nesse lugar se pode conseguir, a meza deliberou, por unanimidade de votos, fazer-se os muros com um Portão para evitar assim o que é impróprio, fazendo sciente a Irmandade do Santíssimo Sacramento, e pedindo-lhes a permissão para essa obra, e sua aprovação, e do Ilmo. Senhor Reverendo Vigário e nada mais avendo a deliberar deo-se por concluída. Eu [Folha 40v] Francisco Rodrigues Trilha, suprimdo a falta do Escrivão interino, lavrei a prezente acta que assigno.

Não sabemos que imoralidades ocorriam na parte de trás da Igreja, sendo talvez um ponto de encontros amorosos e efetivação de enlaces amorosos. Seriam pejorativamente tratadas como *imoralidades* alteridades religiosas praticadas atrás do templo católico? Mas isso justificou que os irmãos do Rosário e São Benedito cercassem a área (ou pátio) onde antes fora construída uma porta e alguns degraus, cercando-a com um muro e um portão de acesso, que certamente podia ser trancado e cuja chave ficaria com um dos irmãos da mesa. Sairia dali a realeza para a festa do Rosário, acompanhada dos irmãos dignamente vestidos com as suas opas?

O recinto chamado de consistório abrangia, então, uma área interna e uma externa, um pátio ou área, onde se abrigava uma pequena comunidade, ou melhor, representantes e ou líderes de uma comunidade de base afro diaspórica. Não conseguimos imaginar com precisão aquele espaço, mas pelas atas das reuniões cerca de 15 pessoas acompanhavam as assembleias. A existência do pátio atenta que alguns poderiam assistir dali o que era conversado e a leitura posterior das atas. Depois certamen-

te reproduziriam pelas ruas os assuntos, os nomes dos devotos doentes, a data das festas, etc.

Os locais ou lugares de memória não são dimensionados pelo seu tamanho, mas pelo esforço pela sua montagem/construção e manutenção, pela dedicação em sua preservação, nas agências que comportou e pelas lembranças de esforços coletivos que comportou enquanto existente e que sobreviveram quando aquele lugar se dissipou em reformas de embelezamento e embranquecimento. Homens e mulheres que com suas pujantes existências sempre recusaram a coisificação do escravismo, talvez soubessem como ninguém *dar vida e cor* a espaços que comportavam as suas esperanças, crenças e ímpetos de autonomia (mesmo que relativa).

O filósofo, teólogo, historiador e intelectual jesuíta Michel de Certeau (1994, p. 201) defendia que o “espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada”. Para ele, práticas humanas transformam o lugar, táticas os reinventam, daí o conceito de espaço praticado. A Igreja da Conceição seria um lugar, impregnado de doutrinação, poder, disciplina e fé, já o consistório, espécie de não-lugar, encarnava em si uma construção de sentidos, na medida em que é vivenciado, transformado, incorporado como patrimônio material e imaterial de uma comunidade: “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelo pedestre” (CERTEAU, 1994, p. 201). Sem as vivências e práticas do lugar não existiria espaço.

Podemos cogitar ou imaginar aquela porta dos fundos, que os devotos deviam ter a chave, como uma releitura das práticas de subalternização diuturnamente acionadas na sociedade escravista. Óbvio que a autoridade máxima do lugar-Igreja continuava a ser do padre, mas os devotos criaram um espaço étnico-racial e nele instalaram, produziram, guardaram e conservaram *coisas*, que se tornaram um patrimônio afro-diaspórico: imagens, toalhas, opas, códices manuscritos, caixas com recibos e documentos comprobatórios das receitas e despesas, mesa, armário, etc. A porta dos fundos ou lateral, do consistório, conectava o interior da igreja com o seu exterior, sendo que o muro que cercava aquela pequena área do lado de fora, delimitava um espaço de autonomia relativa, que comportava relevantes práticas culturais. Podemos imaginar os reis e rainhas *montando* suas representações de realeza naquele espaço, ajudados pelos irmãos e irmãs de mesa, preparando a saída para as ruas com graça e capricho.

A pedra fundamental da Igreja Matriz de Cachoeira do Sul foi colocada em 6 de outubro de 1793, sendo o projeto do engenheiro militar Francisco João Roscio, ficando concluída em 30 de setembro de 1799. Se recor-

remos ao primeiro livro de casamentos de Cachoeira, que compreende os enlaces ocorridos entre 1779 e 1808, verificamos que o primeiro casal a procurar aquele sacramento era de negros escravizados. Como a igreja ainda não existia, a cerimônia foi na casa do Tenente Manoel Carvalho da Silva, onde o vigário encomendado da freguesia José Antônio de Mesquita levantou altar “enquanto não se concluí a Matriz”. O casório ocorreu aos 10 dias de novembro de 1779 e uniu pelo sacramento católico José e Bárbara escravizados do dono da casa, sendo a cerimônia testemunhada por Alexandre Manoel da Cunha e Souza e Alexandre da Silva [Bernardes].¹⁶³

Reformas foram feitas naquele tempo católico, sendo as maiores em 1929 e 1963 e o consistório que descrevemos sumiu. O espaço não está mais lá, a reforma desapropriou a comunidade afro-diaspórica de seu nicho, de sua mesa, armário, escadinha, pátio. Mas as palavras escritas no arquivo da irmandade preservam a existência daquele local compartilhado durante anos pelos devotos. Como explica Aleida Assmann (2011, p. 347), “um local – está claro – só conserva lembranças quando as pessoas se preocupam em mantê-las”.

O arquivo dos pretos da Cachoeira

Em um armário localizado no consistório da Irmandade ficavam os livros com as escrituras da irmandade. Desse arquivo afro-diaspórico sobreviveram 5 códices manuscritos, os quais transcrevemos nesses dois livros que publicamos. Lembrar que esses códices foram tocados pelas mãos e olhos daqueles devotos, muitos deles sobreviventes da diáspora transatlântica, provoca um sabor/saber especial (FARGE, 2009). A materialidade desses manuscritos, suas formas de escrita, suas assinaturas de próprio punho ou a rogo, as rasuras, os pingos de tinta, os traços de desgaste pelo uso nas páginas e lombadas, o tipo de papel, não pode ser integralmente transmitida aos leitores de suas transcrições paleográficas. Mas os livros originais estão guardados sob a custódia do Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul e quem quiser, e puder, pode ainda tocá-los, cheirá-los e lê-los, sabendo que terá de diante de si um suporte material insubstituível da diáspora transatlântica.

O livro mais antigo que temos é o *Livro de registros para a entrada de irmãos na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Freguesia da*

¹⁶³ AHCMCS – Livro nº 1 de casamentos (1779-1808). Voltaremos a este proprietário Manoel Carvalho da Silva no item dos Capitães do Mastro.

Cachoeira (1812/1846), que não possui mais a capa original, estando protegido por um invólucro de papel neutro. No seu termo de abertura, consta:

Hade servir este Livro, para entrada dos Irmaons da Irmandade de N^a Sr^a do Rozario dos Pretos da Freguesi^a da Caxoeira. E vai por mim numerado e rubricado com a rubrica = Rocha = de que uzo. Rio Pardo 8 de julho de 1812.

[assinatura] Antonio Monteiro da Rocha

Não se assentará por irmão escravo algum sem Licença de seu Senhor.

O termo de abertura acima foi redigido e assinado pelo bacharel Antônio Monteiro da Rocha, que era Corregedor da Comarca de Rio Pardo, município ao qual Cachoeira era vinculada. Já em 24 de julho de 1804, ele recebeu uma provisão do Tribunal da Junta da Real Fazenda desta Capitania para servir o emprego de Procurador da Real Coroa e Fazenda e Deputado da dita Junta. No mesmo ano, em 30 de julho, outra provisão o nomeava Inspetor do Papel Selado desta Capitania. Em 31 de agosto de 1814 ele recebeu uma carta de títulos de chãos na vila de Rio Grande.¹⁶⁴

O segundo códice em antiguidade é o das eleições dos irmãos da irmandade e abrange os anos de 1827 a 1892. Ele também não tem mais a capa original e é igualmente protegido por uma embalagem de papel neutro, trazendo o seguinte termo de abertura:

Este livro ha de servir para nelle se escrever as eleições dos Irmaos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos da Freguesia desta Villa leva no fim o enserramento do costume. Cachoeira 4 de outubro de 1824.

[assinatura] Candido Ladislau Japi Assú Provedor da Comarca

Este códice está regularmente preenchido até a folha 60v e depois segue em branco até a 120, em que existe um “Ato de Resolução acerca do Cemitério”, que versa sobre os enterramentos dentro da igreja e que já foi publicado no livro anterior sobre essa irmandade. O provedor da Comarca Japiassu estudou leis em Coimbra no tempo da independência e através do periódico – *O Brasileiro em Coimbra* – “defendeu a legitimidade da causa brasileira”, atuando como juiz de fora de Porto Alegre entre 15/06/1825 a 01.03/1828 (COMISSOLI, 2011, p. 113 e 115). Em 18 de janeiro de 1828 o juiz Cândido Ladislau Japiassu, Ouvidor Geral e Corregedor interino da

¹⁶⁴ SCHMACHTENBERG, 2012, p. 79; PACHECO, 2022. AHRS – Fazenda, F-1240, folhas 128 e 128v; F-1250, folhas 119v e 121; AHRS – Sessmaria – Caixa 10, n° 450, ano: 1814, nome: Antônio Monteiro da Rocha.

Comarca do Rio Grande de São Pedro, expediu carta de alforria para a parda Basília, por ela ter depositado em juízo seu *justo valor*.¹⁶⁵

Interessante notarmos, nos termos de abertura acima, a racialização da irmandade, anotada para a posteridade pelo corregedor Antônio Monteiro da Rocha e pelo provedor da comarca Cândido Ladislau Japiassu, quando descrevem a irmandade como – de Nossa Senhora do Rosário dos **Pretos**. Para essas autoridades públicas imperiais era natural anunciar a cor daquela agremiação religiosa, mesmo que ela fosse, como vimos, também composta de elementos brancos ou socialmente brancos. Nesses termos de abertura essas autoridades imperiais denunciavam a visão da sociedade sobre a pretidão daquela comunidade devocional e a cor dos devotos que a mantinham ativa.

O provedor Ladislau, em *correição* no ano de 1827, momento em que revisa se os livros estão sendo preenchidos corretamente, aponta algumas falhas e irregularidades do códice de entrada de irmãos:

Os Irmãos que entram devem assignar termo e si for escravo (atentta a tolerancia) deve o seu Senhor assignar tãobem para prova de que lhe deu a devida licença – Deve-se declarar circunstanciadamente o estado da Irman que entrar, se é filha família, viúva, etc etc – Cada uma lauda deve conter um so termo de entrada para fixar logar aonde se notem todas as alteraçoes, que dizem respeito aos Irmaos; e no caso de ser de irman, deve-se notar a folha em que se acha o termo de seu Marido, Pai, Tutor, Curador, etc e vice e versa a do marido referindo-se a folha do da mulher etc. deve-se igualmente notar o falecimento do Irman ou Irman, referindo-se a folha do livro dos obitos.

[assinado] Ladislau

Os termos de abertura e encerramento e as *correições* mostram como havia um controle público sobre aquelas escritas, que deviam seguir, mas muitas vezes não seguiam, certas padronizações. Os livros tinham que ser selados, abertos e encerrados por autoridades públicas, suas contas eram revisadas. Isso sem considerar a vigilância eclesiástica, a qual os devotos às vezes reagiam abertamente, salvaguardando a sua autonomia, mesmo que relativa.

Um códice cuja capa sobreviveu é o – Livro 1º das Actas da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario – que abrange os anos de 1846 a 1885, o qual não possui termos de abertura ou fechamento.

Infelizmente, o livro que seria o primeiro dos registros contábeis da irmandade se perdeu. Como veremos adiante e os leitores e leitoras pode-

¹⁶⁵ APERS – 1º Tabelionato de Porto Alegre, registros gerais volume 9, folha 34, 30.01.1828.

rão apreciar nos documentos transcritos anexos, essas anotações, rotineiras e por vezes aborrecidas de serem lidas, trazem o dia-a-dia do gerenciamento feito pelos devotos, a proveniência dos recursos obtidos e o destino que era dado aos mesmos. Felizmente temos dois códices com esse conteúdo: o – Livro 2º de Receita e Despesa da Irmandade de N. S. do Rozario desta Villa de Cachoeira – que tem este título manuscrito na capa e que abrange os anos de 1834/1863, mas que não possui termos de abertura e encerramento. Também temos outro em cuja capa está anotado à mão – Livro da Tesouraria da Irmandade de N. Sra. do Rozario dos Pretos – que compreende registros de 1863/1875 e cujo termo de abertura explicita:

Este livro é destinado a lançamento das contas da receita e despesa da irmandade de N. Sra. do Rozario. Suas folhas vão numeradas e por mim rubricadas com a minha assinatura que é = Pereira Junior = Cachoeira 9 de novembro de 1863.

[assinatura] Sebastião Jose Pereira Junior, Juiz municipal

No mesmo dia do termo de abertura, o Provedor de Capelas e Resíduos Doutor Sebastião José Pereira Júnior escreveu nas primeiras páginas do livro acima uma longa descompostura aos irmãos do Rosário:

Vistos os livros de prestação de contas, os de alfaias, de eleições e de óbitos, bem com os documentos que me foram apresentados e o livro de compromisso etc. Julgo por sentença as contas prestadas até 7 de maio deste ano por acha-las regulares e sem cousa que dúvida faça, passe-se quitação aos respectivos tesoureiros se for pedida. Pelo exame dos livros conclui-se que a Irmandade vai em progressiva decadência, e não tardará a extinguir-se se alguma circunstância não despertar os irmãos do letargo em que caíram, e não fizer reviver o fogo de fé que foi extinto. É talvez por um indiferentismo que vão todos mostrando pelo serviço da Igreja, que nenhuma providência tomou a Irmandade para conseguir a revogação da Portaria do Exmo. Senhor Bispo suspendendo a Irmandade na parte espiritual. Não pode ser livre de censura esse proceder da Irmandade e cujo fim principal é todo espiritual. Do livro das Atas não consta que houvesse reunião da Mesa no dia 30 de Setembro de 1862, entretanto, no livro de eleições aparece a dos atuais empregados, como feita naquele dia. Não consta do termo dessa eleição o motivo da ausência do Juiz e Capelão e nem declara-se quem presidiu a mesa, quantos irmãos a ela compareceram, quantos votos obtiveram os eleitos, deixando-se assim de cumprir não só o compromisso, como as terminantes disposições do Provimento lançado no Livro de Eleições a folha 3, pelo que anulo a sua eleição feita em 30 de Setembro de 1862 e determino que no primeiro Domingo que seguir-se a publicação deste se proceda a nova eleição, na qual deverão ser escrupulosamente observadas as disposições do compromisso e Provimentos existentes. Recomendo muito critério na escolha dos empregados, e principalmente [folha 1v] destes que dependem a prosperidade, escolham-se pessoas de sã consciência e animados de verdadeiro desejo de bem servir. Seja para Escrivão escolhido pessoa habilitada para fazer a

escrituração com regularidade e asseio. À vista da letra e espírito do Capítulo 5º do Compromisso deverá ser nomeado Tesoureiro pessoa residente na cidade ou seus mais próximos arrabaldes a fim de poder ser o guarda e conservador das alfaias, e estar pronto para qualquer necessidade de momento, pois o compromisso não autoriza que os eleitos deleguem a outro o cargo que devem servir. Recomendo que haja toda atividade da cobrança das dívidas e joias e anuais atrasados. Haja todo possível esforço em conseguir um Capelão para celebração dos officios religiosos. A Irmandade tem por fim principal render cultos a Santíssima Virgem, e desde que este não sejam rendidos com a devida decência não satisfaz ela o objeto de sua instituição. Sejam entregues os papéis e livros recebidos, assim como a quantia apresentada em juízo, que será recolhida ao cofre da Irmandade. Pague a Irmandade as custas. Caxoeira, 9 de Novembro de 1863. [assinatura] Sebastião José Pereira Júnior

Como sabemos, o vaticínio pessimista e alarmista do Doutor Sebastião não vingou – *que a Irmandade vai em progressiva decadência, e não tardará a extinguir-se se alguma circunstância não despertar os irmãos do letargo em que caíram, e não fizer reviver o fogo de fê que foi extinto* – e os devotos continuaram com suas atividades por décadas. Nas primeiras linhas do texto do juiz ficamos sabendo que ele teve em mãos um livro de alfaias, um de enterros/óbitos, livros de prestação de contas, documentos avulsos e o livro de compromisso. Esse deveria ser o *arquivo* da irmandade naquele ano de 1863.

Nos alongamos na questão do espaço-consistório, por ele comportar o *arquivo* daquela irmandade afro-diaspórica. As *cousas* ali conservadas devem ser consideradas como “significativos artefatos” e através deles podemos nos empenhar para captar “diferentes significados atribuídos aos artefatos escritos por distintos grupos humanos ao longo da história” (LYONS; MARQUILHAS, 2018, p. 11 e 13). Nesses códices podemos captar habilidades de escrita díspares, perceptíveis nos vários escribas que contribuíram para o preenchimento destes livros manuscritos. Tais disparidades são reveladas com maior precisão graças a regra paleográfica que seguimos, de não atualização ortográfica. Com isso seguimos orientações advindas dos arquivos, de historiadores e arquivistas que nesses lugares de memória desempenham suas operações historiográficas, os quais nos provocam que:

Cuando estudian documentos del pasado en busca de dados de este tipo, los historiadores concentran su atención en el contenido referencial de esos textos, más que em el modo en que encarnan las competencias textuales, la destreza para escribir, la capacidad lectora o el discurso implícito sobre el lenguaje y la comunicación. [...] Los documentos escritos no son meras ventanas abiertas al pasado; es necesario entenderlos también a la luz de las condiciones materiales y culturales de la producción textual en cualquier contexto histórico, y a la luz de los cambiantes soportes materiales de la

escritura: papiro, pergamino o papel, pedra, corteza, bambú, o seda” (LYONS; MARQUILHAS, 2018, p. 11).

Os objetos escritos podem e devem ser observados em três dimensões: “como objeto material, como prática social e, inevitavelmente, como texto” (LYONS; MARQUILHAS, 2018, p. 15). Essa análise mais sensível dos registros escritos nos permite, por exemplo, pôr em questão as próprias estatísticas que apontam os índices de alfabetização de uma determinada população, as quais:

[...] jamás discriminaron claramente la capacidad de leer de la capacidad de escribir. Em Europa, hasta el siglo XIX, se las consideraba competencias distintas, que se enseñaban de manera independiente. Además, la capacidad de escribir era menos frecuente que la de leer. De hecho, había dos tipos de ‘alfabetización’ (Chartier, 2001), y la distribución social de cada una de ellas era definitoria em cuanto a la geografía, la clase social y el género. En muchas regiones de Europa y de América, se enseñaba a leer oralmente porque los estudiantes aprendían a identificar las letras y las sílabas cantándolas; enseñar a escribir era una tarefa más exigente (LYONS; MARQUILHAS, 2018, p. 17).

É preciso levar em consideração as práticas educacionais do período, já que existia uma “hierarquia pedagógica” formada pela leitura, escrita e aritmética.

Las estadísticas oficiales sobre alfabetización ocultaron durante mucho tempo la brecha que había entre la competencia lectora y la escritura, y escondieron el hecho de que había muchas personas capaces de leer que no sabían escribir. En particular, muchas mujeres lectoras jamás cruzaron el umbral de la escritura. Si eran protestantes, se les enseñaba a leer la Biblia; si eran católicas, a recitar el catecismo, pero no se procuraba que aprendieran a escribir. Se concebía la lectura como algo passivo y receptor, mientras que la escritura parecía brindar independencia y creatividad: desde el punto de vista de las autoridades podía ser una actividad peligrosa. Por eso mismo, se entendía que escribir era una prerrogativa de los varones. Es posible que muchas mujeres que delegaban em otros el acto de firmar o que firmaban con una cruz fueran lectoras competentes que no sabían escribir (LYONS; MARQUILHAS, 2018, p. 18).

Escritas com finalidades práticas e rotineiras, listas de compras, pequenos bilhetes, explicitam outras formas de letramento e mesmo a produção de documentos escritos de uma forma mais coletiva. Lembremos que principalmente as atas das reuniões e eleições deveriam ser lidas em voz alta ao final de sua confecção, para receberem a concordância e assinatura (mesmo que à rogo) de todos os presentes. Com isso percebemos que a questão da oralidade era componente orgânico da confecção dessas escrituras, sendo os seus conteúdos, posteriormente, compartilhados pelas ruas,

casas, festas, novenas, terreiros... Como explica Robert Darnton, a leitura possui uma história, ela é uma prática cultural materializada em diferentes hábitos muitas vezes coletivos, como uma atividade social realizada em casas de família, tavernas, locais de lavagem de roupa e coleta de água, barcos, cozinhas, ruas, consistórios. Segundo ele, o que deve ser ressaltado é que, ao longo da história, os textos impressos tiveram “mais ouvintes que leitores. Foram mais ouvidos do que vistos” (DARNTON, 1992, p. 200/216).

Temos usado insistentemente a palavra *arquivo* para nomear os documentos e materiais depositados no armário da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Cachoeira, mas para não correr o risco de *naturalizar* este acervo e o seu significado, lembremos que esse conceito já foi definido por vários autores e legislações. Segundo a lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, que – Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências – os arquivos foram definidos como “os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos”.¹⁶⁶

Entretanto, para que não caiamos na *sedução das fontes privadas*, temos que sempre considerar, dentro do possível, o “processo sociológico de constituição destes arquivos” (HEYMANN, 1997, p. 42). Nesse sentido, existe um componente histórico-social na acumulação, preservação e dispersão desses acervos, que ajuda a explicar a manutenção de parte dos documentos produzidos pelo funcionamento orgânico de uma associação e as *lacunas documentais* que ele comporta, afinal existem “várias instâncias de produção dessa memória” (HEYMAN, 1997, p. 45). Nós temos relativo conhecimento sobre os agentes que produziram esses documentos (e aqui não estamos nos referindo apenas aos que os redigiram, mas aqueles cujas experiências sociais estão ali impressas), mas faltaria investigar os contextos, os “acidentes de percurso”, os descasos e os descartes, as pessoas e instituições que sentiram que esse acervo, ou o que sobrou dele, deveria ser preservado e monumentalizado, ou simplesmente jogado no seletivo “lixo racializado” da história. Produzidos e acumulados, inicialmente, por motivações funcionais e burocráticas, a sua preservação demanda uma valorização da memória histórica ali contida, de seu valor testemunhal. Nesse sen-

¹⁶⁶ Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8159.htm>. Acesso em: 15 mar. 2022.

tido, devemos ponderar que o descaso e a preservação são, na maioria dos casos, atos deliberados e intencionais, em um país cuja memória e identidade nacional esteve na maior parte de sua história permeada de investimentos na invisibilidade dos seus componentes negros, indígenas, afro-diaspóricos. Nesse sentido, aqueles artefatos ou suportes materiais, cujo crescimento se efetuou “de uma maneira orgânica, automática, no exercício das atividades” (FARGE, 1999, p. 78) daquela associação de pretos, representa também os esquecimentos e invisibilidades propositais dirigidos a alteridades preteridas na comunhão nacional e atualmente emergentes, como das mulheres, dos negros, dos oprimidos, das experiências LGBTQIA+.¹⁶⁷

Difícil não contemplarmos, nestes exemplos de apagamento de espaço e de ocultamento das escrituras dos pretos do Rosário da Cachoeira, como algo dentro do marco do *epistemicídio*, o qual a filósofa Suely Carneiro, bebendo nos escritos do intelectual Boaventura Santos (1995), explica que se:

[...] constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento (CARNEIRO, 2005, p. 96).

O Livro da Tesouraria da Irmandade de N. Sra. do Rozario dos Pretos, que compreendia os anos de 1863/1875, carrega um carimbo dizendo que ele foi comprado originalmente no – Estabelecimento de Fazendas, Livros e Miudezas de Joaquim Alves Leite. Rua da Praia nº 210. Porto Alegre.

Descrito como *branco* pelos funcionários da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, o negociante Joaquim Alves Leite faleceu naquela cidade aos 50 anos de idade, de lesão orgânica do coração, em 18 de maio de 1877. No mesmo ano a sua viúva Leonor Sarmiento Leite abriu o seu inventário post-mortem. No “balanço geral de tudo que compõe o ativo e passivo da casa comercial de Joaquim Alves Leite, cita a rua dos Andradas nº 224 e 225, extraído em 30 de junho de 1877”, temos uma oferta sortida de produtos, como vassouras, capachos, bustos de gesso, malas, chapéus, salva-vidas impermeáveis, mamadeiras, campainhas, Lei da reforma eleitoral (239 exemplares), retrato do Barão do Triunfo, enxovais para batizados, novelos de fios de algodão, metros de Bretanha, ganga encarnada, flanela

¹⁶⁷ Ver: MENEZES, 1992; VERAS & PEDRO, 2014; SCHMIDT, 2018; WEIMER, 2021 e 2021a; GREEN, 2003.

branca, mas também artigos para escriturações diversas, como tinteiros, “livros para facturas”, resmas de papel, copiadores, “livros impressos brochados” (43.232 unidades), livros impressos (1.736 unidades), “cadernos papel holanda”, folhas de papel holanda e de linho, etc.¹⁶⁸

A longa lista de produtos da casa comercial de Joaquim Alves Leite mostra que um amplo leque de gostos e necessidades poderia ali ser satisfeito por uma clientela residente na capital, seus arredores e mesmo em cidades do interior, mas o carimbo fixado na contra capa daquele livro custodiado no armário da irmandade dos pretos da Cachoeira explicita três itens – *fazendas, livros e miudezas*. Essa aparente miscelânea se explica se analisarmos mais detidamente o suporte material daquelas escrituras do Rosário.

Mais ou menos do século XIII a meados do XIX, houve ampla utilização do que foi chamado de *papel de trapo*, técnica criada originalmente na China e de lá transmitida para a Pérsia e, na sequência, para a península arábica e ao mundo pan-islâmico “que entre los siglos VIII y XII incluía a la península ibérica” (GAGNÉ, 2018, p. 79).

[...] era essencialmente um produto reciclado. Em uns recipientes gigantes cheios de cal vivo para separar as fibras, se machacaban trozos de tela de hilo, trapos (por lo geral utilizados antes en la vestimenta), cuerdas de cáñamo y lino sin processar. Luego el contenido se enjuagaba com agua. Después, se hacía pasar esa mezcla nodosa por un cedazo” (GAGNÉ, 2018, p. 78).

Este processo ajuda a entender porque fazendas e livros ficavam confortavelmente juntas nas estantes das casas de negócio do período, já que: “Todo este proceso implicaba que las industrias del papel y de la ropa estaban íntimamente vinculadas, y que la industria textil fue um fator que incremento la producción de papel” (GAGNÉ, 2018, p. 79). Segundo John Gagné existiam diferenças de qualidade notáveis entre um produtor de papel trapo e outro e mesmo sobre a durabilidade desse suporte em comparação a, por exemplo, o pergaminho. Nesse sentido, essa técnica teria estimulado “a reflexão cultural acerca do efêmero, da degradação e do esquecimento, inclusive sobre a história e o tempo” (GAGNÉ, 2018, p. 84).

Podemos imaginar aquele pátio ou área que compunha o consistório como um local de conversas, intercâmbio de informações e afetos, fofocas.

¹⁶⁸ Em 30 de janeiro de 1865, a mesa de qualificação eleitoral, reunida no consistório da Catedral da Madre de Deus de Porto Alegre, qualificou o negociante Joaquim Alves Leite, então com 37 anos e solteiro, como votante (AHRs – Eleições, maço 1). APERS – 1º Cartório de Órfãos de Porto Alegre, inventário nº 2148, inventariado: Joaquim Alves Leite, Inventariante: Leonor Sarmento Leite, 1877; CHC-SCMPA – Livro 14 de Óbitos de Livres (1877/1878), reg. 20282.

O ativista político angolano Mário Pinto de Andrade, tornado personagem do romance *Milagrário Pessoal*, escrito por seu conterrâneo José Eduardo Agualusa, assim respondeu sobre a sua relação com as línguas que manejava, o português e o quimbundo:

[...] Mário Pinto de Andrade costumava explicar que, quando criança, o português era a língua de casa e o quimbundo o idioma de quintal. No conforto burguês da sala de estar – e reparem na expressão “sala de estar”, não “sala de ser” –, falava-se apenas português. No quintal, com os empregados e os amigos, utilizava-se o quimbundo. Portanto, Mário era lusófono na sala de estar, ao passo que no quintal se achava banto, ou quase banto. (...) Em Luanda, no Dundo, na Chibia, os quintais foram desde sempre *espaços amáveis de convívio e de permuta* (AGUALUSA, 2010, p. 157/158).¹⁶⁹

Em uma pesquisa sobre o quilombo do Manoel Padeiro, que incendiou a Serra dos Tapes, nas cercanias da vila de Pelotas, por volta de 1835, chamou a atenção a existência de uma *tasca* ou taberna gerenciada por dois africanos forros, Simão Vergara e Tereza Vieira da Cunha, onde os quilombolas compravam armas, alimentos, bebidas e obtinham informações. Testemunhas descrevem esse lugar como ponto de circulação de notícias e que a dona da casa, a africana Tereza, conversava com os clientes em língua africana:

Tereza, ao exercitar a sua língua africana, matava as saudades de sua gente, que perdera materialmente na violência da diáspora transatlântica, mas carregava sentimental e afetivamente na sua memória. Entre a casa e a rua existem espaços ambíguos, como os pátios e algumas tabernas, domínio dos temperos, dos remédios caseiros, das conversas e ajudas mútuas entre vizinhos e patrícios. Podemos chamá-los metaforicamente de *quintais culturais*, territórios de pequenas dimensões físicas, onde memórias circulavam, idiomas eram transmitidos, identidades mescladas e recriadas. Se estes quintais culturais não eram exclusivamente *espaços amáveis de convívio e de permuta* é porque o papel que desempenhavam era complexo e os *iguais* que ali se encontravam tinham também as suas diferenças (de status, de gênero, de etnia, localização hierárquica na comunidade) e disputavam os mesmos recursos, que não eram abundantes (PINTO; MOREIRA; AL-ALAM, 2020, p. 104).

Os leitores e leitoras que acharem que estamos superdimensionando aquele espaço do consistório e os patrimônios materiais e imateriais que nele eram preservados, compartilhados e negociados, encontrará na leitura dos documentos escriturários várias outras provas a respeito, mas perma-

¹⁶⁹ Interessante também notar como o historiador Vinicius Oliveira analisa e descreve o quintal da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, em seu estudo sobre a trajetória do africano Manoel Congo, fugitivo do último desembarque clandestino de escravizados em costas gaúchas (em 1852, em Capão da Canoa) (OLIVEIRA, 2006, p. 183/184).

neçam tranquilos em resguardar a sua própria opinião a respeito. Não conseguimos dissociar o espaço do consistório de outras *arenas identitárias étnico-religiosas*, as quais “permitiram uma constante afirmação de alguns de seus referenciais religiosos e a elaboração de diferentes estratégias de negociação da inserção e visibilidade” das comunidades negras afro-diaspóricas. Na ausência de um templo próprio, o consistório gerava a “oportunidade de comunicarem a existência dessa rede de pessoas que alimentavam, em comum, suas identidades religiosas” (GAMA, 2020, p. 243 e 245). Era uma das *trincheiras etnoculturais* que a resistência afro-diaspórica construiu e manteve, em paralelo aos territórios quilombolas, aos terreiros, etc.¹⁷⁰

Soldados em trincheiras podem resistir por anos, num campo de batalha que envolve negociações estratégicas e bastante persistência. Além disso, num ambiente desses, as negociações ainda podem resultar na transformação de antigos adversários em potenciais aliados. (GAMA, 2020, p. 268)

O consistório e as coisas que preservava representavam a manutenção de suportes de memória diaspórica, sendo os livros repletos de africanidade, com as menções aos congos e minas que ali se presentificavam, adquirindo e legando para a posteridade a sua visibilidade, presentificando os parceiros e parceiras mortas.

Como percebemos no estoque da casa comercial de Joaquim Alves Leites, ali se adquiria livros impressos, isso certamente aponta a falta de lojas especializadas nestes artigos, como as livrarias. Óbvio que o arquivo da irmandade do Rosário dos pretos de Cachoeira não era uma biblioteca, já que seu acervo era composto dos registros das atividades daquele associativismo negro. Mas por tudo que estamos tentando explanar nos parece que aqueles códices manuscritos carregavam em si uma importância como suporte de memória considerável, afinal, “Portar, armazenar, citar e mesmo esconder um livro, em uma sociedade iletrada, representava uma forma de

¹⁷⁰ Em setembro de 1847, o capitão de mato Manoel Vicente de Carvalho bateu um quilombo na Serra Geral, nele encontrando três pretos – José, Antônio e Maria. Os dois primeiros eram escravizados de João Antônio Dias, e Maria de Estevão Cândido de Carvalho. Havia outros moradores no quilombo, mas o preto Caetano, de Francisco José da Silva Moura, fugira dias antes da chegada dos meganhas, pois havia assassinado sua companheira, a preta Antônia, de Agostinho Francisco Ilha. O cadáver de Antônia jazia em uma *sepultura recente* com a *cabeça quebrada*. Os moçambiques Antônio e Joaquim, ambos com 30 anos de idade, relataram a mesma estória, que em uma noite ouviram gritos no *ranch*o de Caetano e Antônia e ao acudirem ao barulho viram ele dando bordoadas e a matando, e perguntando porque agira assim, ele disse que ela é que o convidara para fugir da casa de seu senhor e ele agora estava arrependido (APERS – Subdelegacia de Polícia da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Sumário crime nº 2931, Autora: a justiça, réu: preto Caetano, escravo de Francisco José da Silva Moura, 1847).

poder simbólico” (ALMEIDA, 2018, p. 47). Aquele arquivo, nessa perspectiva, era um signo de poder e dotava individualmente seus guardiões e produtores e coletivamente aquela associação de pretos de prestígio social.

A participação e o comprometimento comunitário nos rituais rotineiros da escrituração empoderavam aquele acervo, transformando-o quase em instrumentos litúrgicos, como as imagens e alfaias. A confecção, valorização e preservação daqueles códices manuscritos não apontam um diálogo restrito ao comunitário, mas ao conjunto do social. Eleições, arrecadações de recursos e gastos pecuniários, organizações de festas e de funerais, contratações de capelães, etc., são lançamentos que caracterizam ações políticas e sua escrita, num certo sentido, “representa uma ação cidadã, porque ela é memória” (MANGUEL, 2021, p. 157).

OS CAPITÃES DO MASTRO

[O mastro] É o sentido concreto da verticalidade, unindo Terra e Céu, vivos e mortos, corpo e alma. [...] Aquele que toca e beija o mastro terá muita sorte, receberá muitas graças¹⁷¹.

O Capitão do Mastro é ator nodal na festa do Rosário e São Benedito, nos maçambiques, congadas, festas do Divino, estando sob sua responsabilidade a preparação do mastro, o seu ornamento com pinturas, flâmulas e símbolos religiosos e o seu levantamento. Em algumas irmandades, encontramos termos como mordomo ou alferes do mastro, o qual era geralmente feito na própria casa do capitão, de onde era conduzido nos ombros por vários devotos, em um cortejo (ou procissão do mastro) liderado pela Rainha e Rei, tendo o capitão do mastro ao lado. O mastro geralmente era levantado em local estratégico, geralmente na frente da igreja, sendo benzi-do pelo padre, tornando-se um dos instrumentos litúrgicos das festas do Rosário. Geralmente esse mastro trazia na sua extremidade a bandeira da festa, no caso de Cachoeira, de Nossa Senhora do Rosário, sendo visto de longe e demarcando o início das festividades. Com o *alevntamento* do mastro se instaurava o “tempo sagrado” (PRASS, 2009).

Temos 43 nomes no livro de eleições da irmandade da Cachoeira de capitães do mastro, no período de 1827 a 1892, sendo que quatro indivíduos assumem o cargo por duas vezes. Nem sempre o status acompanha os não-escravizados, até porque o período extrapola em 4 anos a abolição da escravatura, mas entre esses capitães do mastro temos 16 explicitamente citados como escravizados, compondo 35% do total, e do restante dos homens eleitos, certamente muitos eram egressos do cativeiro ou negros livres, como João Gomes Congo e o liberto Manoel Carvalho. Portanto, era um cargo intimamente ligado ao pertencimento afro-diaspórico, talvez pouco propenso a ser ocupado por homens brancos, talvez por envolver algum esforço físico, a participação em danças.

¹⁷¹ Disponível em: <<https://www.unicamp.br/folclore/folc7/relatori/relatorio.html>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

Quadro nº 15 – Capitães de Mastro do Rosário e São Benedito da Cachoeira (1827 a 1892)

Ano	Nome	Dados	Senhor/senhora
1827	Antônio	Escravo	Dona Felícia Pires
1828	Francisco Alves Martins		
1829	Antônio	Escravo	José Gomes de Oliveira
1830	João	Escravo	João Pereira Carpes
1832	João	Escravo	Lourenço Freitas
1835	Rogério	Escravo	Inácia Joaquina de Almada
1837	Francisco	Escravo	Inácio Alves da Silva
1844	Manoel	Escravo	Dona Margarida
1845	Pedro	Escravo	David José de Barcelos
1846	Inácio	Escravo	José Lourenço da Silva Bandeira
1847	João	Escravo	Gonçalo Teixeira de Carvalho
1848	João Gomes de Oliveira	[Liberto]	
1849	Silvestre	Escravo	João Tomas de Menezes Filho
1850	Manoel Carvalho	Liberto	
1851	Januário	Escravo	Daniel José Marques
1852	João	Escravo	Manoel de Souza (finado)
1853	Manoel	Escravo	Dona Umbelina Cândida Rodrigues
1854	João Gomes Congo	[Liberto]	
1855	Sebastião Alves dos Santos		
1856	Sebastião Alves dos Santos		
1857	Firmino Antônio da Silva		
1858	Francisco Antônio da Cunha		
1859	Adão Custódio Leal		
1860	Domingos	Escravo	Noé Antônio Ramos
1861	Euzébio Antônio Simões		
1862	Rafael Pinto Bandeira		
1863	José Vicente Barcelos		
1864	José Vicente Barcelos		
1865	Marcos José do Canto	Pardo, alfaiate	
1866	Pedro Antônio de Barcelos		
1867	Mateus José da Silva Ramo		
1869	Mateus Gomes Pereira		
1870	Manoel Vicente Ramos		Negro, tanoeiro, baiano
1871	Inocência da Silva Prado		
1872	João Matias		

1873	Torquato Correia de Oliveira	Negro livre	
1875	Manoel Joaquim do Espirito Santo		
1879	Francisco da Silva		
1886	Luciano Gomes Pereira		
1887	Lucas Vieira		
1888	Lucas Vieira		
1889	Manoel José Bernardino		
1892	João de Araújo Bastos		

A palavra *capitão* fazia parte do vocabulário afro-diaspórico, aparecendo em várias hierarquizações comunitárias. No levante dos malês, de 1835, na Bahia, o historiador João José Reis encontrou referência a nomeação de *capitães* para cada freguesia da cidade. Segundo Reis (2003, p. 75), esses capitães, “eram provavelmente capitães de *cantos*, termo com que se designavam os grupos que reuniam trabalhadores escravos e libertos dedicados ao ganho urbano: carregadores de fardos, barricas, cestos, cadeiras de arruar, vendedores de comida, panos-da-costa e outros produtos consumidos em especial pelos próprios africanos”. Em uma província, como a do Rio Grande do Sul, com um cotidiano tão voltado para períodos marcados pelos conflitos armados e pela presença militar, o termo capitão também remete ao posto militar. Mas em uma cidade localizada na beira do rio Jacuí, como Cachoeira, capitão remete também aos comandantes de embarcações.

Paulo Dias (2001, p. 869) trata os levantamentos e descimentos de mastros como “passagens de grande sacralidade” nas festas de padroeiras como Nossa Senhora do Rosário. Analisando os “significados políticos e identitários do Congado da cidade de Oliveira, em Minas Gerais, que é uma festa de devoção à Nossa Senhora do Rosário, desde os anos de 1950 até aos dias atuais”, Fernanda Rubião coletou várias informações sobre a questão dos mastros. Nas suas pesquisas, o mastro é levantado um mês antes da festa e os reis congos deveriam se preparar para o seu levantamento, com abstinências alimentares e sexuais (RUBIÃO, 2010, p. 107). O levantamento do mastro era “o momento em que os congadeiros pedem licença à Nossa Senhora para o começo dos preparativos da festa” (RUBIÃO, 2020, p. 117). Ao final da festa do Rosário correria o *descimento do mastro*, ponto final dos festejos.

Já mencionamos acima como este cargo da mesa diretora daquela irmandade dos pretos da Cachoeira era impregnado de afro-diasporidade,

com muitos escravizados, libertos e negros livres assumindo os encargos materiais e espirituais da preparação, alevantamento e descida do mastro. O historiador Carlo Ginzburg é um dos nomes sempre citados quando se pensa na micro-história, principalmente em seu modelo italiano. Ginzburg defende o que ele chama de *investigação micronominal* ou *método onomástico*, uma inquirição que não prescinde da pesquisa serial, mas opta pela análise mais qualitativa das fontes, usando o *nome* como pista:

[...] o centro de gravidade do tipo de investigação micronominal que aqui propomos encontra-se noutra parte. As linhas que convergem para o nome e que dele partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido (GINZBURG, 1989, p. 175).

Entretanto, como esta pesquisa abrange um universo social caracterizado pela presença da escravidão, devemos salientar que tratar os nomes como “fios condutores” não esgota o problema, afinal: “Quando nos propomos à análise das práticas de nominação, os ‘nomes’ perdem seu caráter de mero fio condutor e revelam-se um problema de investigação histórica” (WEIMER, 2013, p. 38).

Foi difícil pensar em uma forma de apresentar os resultados de nossa pesquisa nominativa, para que ela transmitisse aos leitores e leitoras não só os dados objetivos alcançados, mas um pouco do sabor e dos saberes que tal investigação envolve. Cientes de que outras alternativas eram possíveis, optamos por confeccionar verbetes desproporcionais uns aos outros, expondo vicissitudes biográficas dos indivíduos que deixaram vestígios nos documentos por nós alcançados.

Adão [Custódio Leal]

E isso nos leva ao capitão do mastro Adão. Esse sujeito negro aparece como irmão de mesa da Irmandade do Rosário e São Benedito de Cachoeira, pela primeira vez, no ano de 1853, mencionado apenas pelo prenome e escravizado de Inocência Coelho Leal. Nos anos de 1854, 1855 e 1857 ele consta novamente como irmão de mesa, chamado de Adão Custódio, sem menção ao seu status de cativo, forro ou livre. Nos anos de 1856 e 1860 o irmão Adão, cativo de Inocência Coelho Leal, volta a ser mencionado como irmão de mesa. Mas no que nos interessa nesse momento, em 1859, foi eleito o capitão do mastro Adão Custódio Leal. Esse Adão Custódio Leal, em 30 de novembro de 1860, é responsável pela arrecadação da quantia de 41\$020 réis em esmolas. Pensamos, ou melhor, cogitamos, que

se trata da mesma pessoa, que na sua nomeação evidencia o caráter poroso dos limites entre escravidão e liberdade.

Mais ou menos no mesmo período, o juiz municipal e de órfãos de Cachoeira, Júlio Armando de Castro, quase tomou uma sova de látigo de um desafeto. Ele indeferiu dois requerimentos, por ilegais, de João Silveira da Fontoura e este invadiu a sua casa e só não chicoteou aquela autoridade judiciária, pois teve o braço seguro pela esposa do juiz. Essas horríveis ocorrências se deram no ano de 1858 e uma das testemunhas foi justamente Adão, escravizado de Dona Inocência. Nesse documento judiciário ele se apresenta como crioulo, com 40 anos de idade, natural do Rio de Janeiro, analfabeto e sapateiro.¹⁷²

Aos 72 anos de idade faleceu Dona Inocência Coelho Leal, de um *cancro latente do estômago*, sendo enterrada depois de devidamente encomendada, no cemitério de Cachoeira. Ela casou na matriz de Cachoeira às 11 horas da manhã de 09.05.1825, com José Custódio Coelho Leal Filho, natural desta freguesia, filho legítimo do Capitão José Custódio Coelho Leal e Dona Maria Joaquina do Amor Divino. Inocência nasceu em Rio Pardo e era filha legítima do Capitão Caetano Coelho Leal e Dona Escolástica Joaquina da Natividade. Os noivos foram dispensados “do impedimento de consanguinidade em 3º grau desigual em linha colateral” e assinaram como testemunhas Joaquim dos Santos Xavier Marmelo e João Antônio de Carpes.¹⁷³

Infelizmente, não temos o registro em cartório da carta de alforria do capitão Adão, mas sabemos que ele casou com Maria Francisca da Rosa na Igreja da Conceição, em Cachoeira do Sul, em 3 de outubro de 1858, sendo testemunhas deste matrimônio Isidoro José de Barcelos e Miguel Pereira de Barcelos.¹⁷⁴ Em 9 de dezembro daquele mesmo ano de 1858, às 4 horas da tarde, Adão voltou aquele templo religioso e tornou-se compadre dos noivos Manoel e Catarina, escravizados de Joaquim Correia de Oliveira.¹⁷⁵ Ao lado de Adão estava o preto Iziquiel da Cunha, ambos devotos do Rosário e São Benedito.¹⁷⁶

¹⁷² APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.378, auto crime nº 2457, autora: a Justiça, réu: João Silveira da Fontoura, 1858.

¹⁷³ AHCMCS – Livro 6 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 31.

¹⁷⁴ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4, 1849-1881, folha 85v.

¹⁷⁵ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4, 1849-1881.

¹⁷⁶ Em 9 de setembro de 1877 a senhora Inocência Coelho Leal passou carta de alforria para o pardo Eduardo, “com a condição, porém, de me acompanhar e só gozar da sua liberdade depois de minha morte” e em remuneração aos bons serviços prestados (APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livros Notariais de Transmissões e notas nº 21, 19/09/1877, folha 76v).

Torquato Correia de Oliveira (1873)

No ano seguinte ao em que desempenhou o cargo de Capitão de Mastro, Torquato Correia de Oliveira enterrou um filho, chamado de Marcolino, no cemitério de Cachoeira. Tratava-se de um menino negro de apenas 18 dias de idade, descrito como pardo e livre, falecido aos 17 dias de maio de 1874, sendo a causa morte a *icterícia dos recém-nascidos*. O nome da mãe não aparece, mas sim o do senhor do inocente morto (João Ferreira Barbosa), o que indica que se tratava de um ingênuo e que, portanto, Torquato tinha uma relação com uma mulher ainda escravizada. Em vários registros eclesiásticos de Cachoeira do Sul, não aparece explicitamente a condição de ingênuo, mas nas margens das anotações consta a abreviatura – V. L. – menção a serem de *Ventre Livre*.¹⁷⁷

Torquato Correia de Oliveira aparece como irmão de mesa, de 1854 a 1857, voltando em 1867/1868 e 1872/1873 e, finalmente, assumindo como Capitão do Mastro em 1873/1874, sempre com alguém assinando a rogo por ele, mostrando ser analfabeto. Em 30 de junho de 1868, ele entrega ao tesoureiro a quantia de 12\$420 réis “de esmolas das caixinhas tiradas” por ele. Em nenhum momento das escrituras do Rosário da Cachoeira o nome de Torquato vem acompanhado de cor ou status, cogitamos, assim, que se tratava de um liberto ou negro livre.¹⁷⁸

Os Gomes de Oliveira (1829 e 1848)

Na lista dos capitães do mato aparece duas vezes o sobrenome “Gomes de Oliveira”, primeiramente com o escravizado Antônio, em 1829, e depois, em 1848, com João Gomes de Oliveira. Isso aparece reincidentemente nas escrituras do Rosário, mostrando certas comunidades de senzala que tinham mais de um representante nesse associativismo afro-diaspórico, talvez fruto de estímulos mútuos que gerem essas parcerias devocionais.

O senhor João Gomes de Oliveira morreu na vila da Cachoeira em 8 de agosto de 1842, legando-nos um testamento feito pouco antes, em 21 de

¹⁷⁷ AHCMCS – Livro 6 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1873 a 1886), folha 4.

¹⁷⁸ A única alforria cartorial que temos com o nome de Torquato descreve um homem negro *pardo*, escravizado de Antônio Pereira da Silva e Ana Francisca Rodrigues Pereira. O documento de liberdade foi expedido em 20/05/1871, com a condição de o escravizado continuar a servir ao senhor, a contar da data de concessão da alforria, até 28-08-72. Considerando a cronologia, temos certeza que não se trata, portanto, do capitão do mastro do Rosário (APERS – Livro 12 – APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, livro nº 12 de Transmissões e Notas, 02.06.1871, folha 64v.

junho do mesmo ano. Ele era natural da Vila de Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco Xavier do Sul, “território que julgo hoje pertencer a Província da Ilha de Santa Catarina”, filho legítimo de José Gomes de Oliveira e Bárbara Pereira de Lima, ambos falecidos. Era viúvo de Maria Joaquina do Nascimento, a qual casara em primeiras núpcias com Manoel Monteiro, mas não tiveram filhos, sendo que os filhos do primeiro casamento de sua esposa receberam a partilha quando do seu inventário post-mortem, “por isso me considero desobrigado de qualquer encargo a tal respeito”. Depois de enviuar de Maria Joaquina, João Gomes de Oliveira entreteve relações com outra mulher: “Declaro que depois de viúvo tive amizade com uma mulher solteira de nome Marcelina Josefa da Silva, e desta amizade provieram alguns filhos, dos quais existem somente Emerenciana Gomes de Oliveira [viúva de Ricardo José de Ávila, residente nesta vila] e Ana Gomes de Oliveira [casada com Manoel Moreira de Carvalho], [...] as quais reconheço por minhas legítimas filhas e herdeiras de meus bens”.

João indicou como testamenteiros, em primeiro lugar, o genro Manoel e em segundo o seu compadre Francisco de Barros Lima, deixando a cargo de quem assumir este encargo o seu funeral “na certeza de que obrará em tudo conforme a Caridade e Religião, dispensando tudo quando vulgarmente se chama luxo”.

Seu inventário mostra um padrão de vida socialmente remediado, pelo menos naquele momento da vida, em que aquele senhor deveria ter já uma idade avançada. Ele faz questão de informar que possuía uma morada de casas nesta vila da Cachoeira (com sotéia, na rua do Imperador – 6:000\$) e uma chácara nas suas imediações, admitindo que estava “em mau estado” (casa, benfeitorias e campo “que se acha dentro dos valos e divisas conhecidas” – 1:300\$). O total do patrimônio listado chegou a 9:979\$920 e a um monte-menor ou partível de 8:791\$908 réis. Aos valores da chácara e da morada de casas foram somados alguns móveis de ambas residências e 500 mil réis em dinheiro, proveniente da liberdade do escravizado Miguel.

Quanto aos escravizados daquela família senhorial o testamento menciona duas mulheres dadas como dote para as filhas¹⁷⁹ e mais três homens:

¹⁷⁹ A filha Emerenciana, como dote de casamento, recebeu a escravizada Maria Justa, e Ana, “ainda no estado de solteira”, a escravizada Maria Rosa, sendo as cativas consideradas na quantia de 400 mil réis cada uma. A cozinheira africana Maria Rosa, aos 59 anos de idade, foi alforriada “sem indenização alguma”. Isso ocorreu em 11 de junho de 1881, em decorrência do falecimento de Manoel Moreira de Carvalho, sendo a carta passada por sua viúva Ana Gomes Moreira e demais herdeiros (APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro nº 15 de Transmissões e notas, 06.07.1881, folha 17).

Joaquim (com 45 anos), Miguel e o crioulo Francisco. Sobre Francisco, João Gomes de Oliveira deixa transparecer certa mágoa, pois ele trocou o jugo senhorial pelos batalhões farroupilhas, na guerra civil de 1835/1845.

[...] este, em consequência de ter se rebelado, passou ao Serviço das Armas contra o Governo Imperial, existindo em meu poder um título que prova está rebeldia, os quais os meus herdeiros lhe darão o uso que parecer de Justiça.

[...] Importância por que foi vendido o escravo Francisco, que obtive recebido de entre os rebeldes, que foi preso e que fui obrigado a vende-lo para fora da província – 467\$980".¹⁸⁰

A fuga e ingresso de Francisco nas falanges farroupilhas, certamente incrementando os batalhões de lanceiros negros, mostra como existiam diferentes tomadas de decisões na mesma escravaria, alguns ingressando entre os devotos do Rosário e São Benedito e outros optando pela fuga. Evidente que essas opções não eram estanques, mas tomadas e implementadas dependendo de contextos específicos, num misto de agência e estrutura (COSTA, 1990 e 1998), de ânimo e desânimo, etc.

Quanto ao preto Miguel, ele conquistou a alforria durante o inventário post-mortem de seu senhor. No documento redigido em 31 de janeiro de 1846 e registrado em cartório no mesmo dia, ele já aparece com nome e sobrenome – Miguel Gomes. O documento de liberdade foi expedido pelo Juiz Municipal e Órfãos Joaquim Antônio de Alencastro:

[...] atendendo ao que me enviou a dizer por sua petição o preto Miguel, escravo que foi da herança do finado João Gomes de Oliveira, por seu curador Estevão Cândido de Carvalho, haver contraído o empréstimo da quantia de 500\$, valor por que foi avaliado para a Partilha dos bens da dita herança, e haver depositado a referida quantia no depósito ordenado por este Juízo [e sendo citados os herdeiros e co-herdeiros] dei por bem em conformidade dar por isso em legislativo protetores da liberdade dos cativos, conceder a liberdade ao mencionado preto Miguel.¹⁸¹

Como percebemos, o capitão do mastro João não aparece no inventário post-mortem acima. Quando ele assumiu o cargo, em 1848, seu senhor já havia falecido seis anos antes, não deixando nenhum herdeiro. É que o seu senhor o havia vendido ao negociante Antônio Vicente da Fountoura, em data por nós desconhecida, e esse o alforriou “livre de ônus ou pensão” em 10 de julho de 1838. Nessa carta de alforria, registrada em

¹⁸⁰ APERS – Cartório de Órfãos e Ausentes de Cachoeira do Sul, Inventário n° 119, Inventariante: José Gomes de Oliveira, Inventariado: Manoel Moreira de Carvalho, 1846.

¹⁸¹ APERS – 2° Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 4 de Transmissões e Notas, folha 170v.

cartório no mesmo dia em que foi expedida, Fontoura explica que João fora comprado de José Gomes de Oliveira, descrevendo-o como preto e da Costa, ou seja, esse capitão do mastro era egresso do cativo e africano.¹⁸²

Manoel Vicente Ramos (1870)

O comerciante Antônio Euzébio da Fontoura não suportou as ofensas recebidas por seu caixeiro e foi queixar-se na delegacia. O ano era 1864, véspera da guerra do Paraguai, e ninguém podia ainda imaginar as turbulências que ocorreriam nos próximos anos, por isso se dedicavam a questões mezinhas. O queixoso morava na rua 7 de Setembro, em Cachoeira, e sua irritação dirigia-se ao tanoeiro Manoel Vicente Ramos, que residia na mesma cidade, na rua de São João. Manoel Vicente comprara na casa de negócio de Fontoura um violão em prestações, ficando a dever um resto de dois mil réis. Para cobrar essa pequena quantia, foi a casa de Manoel Vicente o caixeiro Gabriel Pinto da Mota, sujeito de menor idade, o qual não só não conseguiu obter o dinheiro devido ao seu patrão, como tomou uma grande descompostura do inadimplente, que o insultou de *filho da puta* e “ameaçou de puxar as orelhas”.

O comerciante queixoso racializou o seu desafeto de *preto*, o qual ao depor na polícia se apresenta como filho de José e de Maria Joaquina Mota, com 36 anos, solteiro, tanoeiro, natural da província da Bahia e diz não saber ler nem escrever. Apesar da pequena quantia e das ameaças algo pueris dirigidas ao jovem caixeiro, o delegado Sebastião José Pereira Junior condenou o futuro capitão do mastro a dois meses de prisão e a multa correspondente e custas (05.03.1864), mas nove dias depois o queixoso perdeu o réu.¹⁸³

Aquele ano de 1864 foi turbulento para Manoel Vicente. Talvez por ele estar a apenas 19 meses na cidade, por sua cor, baianidade e do ofício manual que exercia, ele tornava-se um perfeito alvo para as suspeitas racistas cidadinas. E foi outro comerciante que tratou de queixar-se contra ele. Afonso Borges da Fontoura tinha comércio no mesmo logradouro em que morava o nosso capitão do mastro, na rua São João, e no dia 18 de fevereiro de 1864 saiu a passeio até a casa do seu cunhado Gaspar Xavier da Silva, no 2º distrito, e lá ficou sabendo que fora arrombado o seu quarto, sofrendo roubo de algumas onças de ouro e que Manoel era apontado como autor

¹⁸² APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira – Livro 3 de Transmissões e Notas, folha 150.

¹⁸³ APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.379, auto crime nº 2510, autor: Antônio Euzébio da Fontoura, réu: Manoel Vicente Ramos, 1864.

do crime. Na queixa feita por Fontoura, Manoel Vicente é racializado como *crioulo*. O réu apresenta em sua defesa um papel assinado a rogo por várias pessoas que moravam com ele e que atestavam ter ele dormido na casa a noite inteira em que ocorreu o roubo. Dessa feita, o mesmo delegado Sebastião acreditou em Manoel Vicente e julgou a queixa improcedente.¹⁸⁴

O capitão do mastro Manoel (1853)

No primeiro dia do ano de 1853, os irmãos do Rosário e São Benedito de Cachoeira se reuniram para eleger “Rey, Rainha, Juiz, Juizas e mais irmãos de meza” que serviriam naquele ano. Além do rei Ignácio e da rainha Marcelina, ambos escravizados, foi eleito capitão de mastro Manoel, escravizado de Dona Umbelina Cândida Rodrigues e procurador o nosso conhecido forro baiano Iziquiel da Cunha.

Não temos informações adicionais a respeito do capitão do mastro Manoel, mas da sua senhora podemos tratar um pouco mais detalhadamente e através dela especular alguns detalhes de sua vida. Dona Umbelina morreu sem deixar testamento na cidade de Cachoeira em 16 de março de 1856, solteira e sem ascendentes ou descendentes¹⁸⁵. O juiz municipal e de órfãos comendador Antônio Vicente da Fontoura foi a autoridade responsável pelo inventário post-mortem dessa senhora, sendo listados como seus herdeiros os irmãos Francisco Antônio Rodrigues (casado com Rufina Maria da Silva) e Maria Joaquina Rodrigues (maior de 21 anos), além da sobrinha órfã Francisca (com apenas 6 anos de idade, filha do falecido João Antônio Rodrigues).

O patrimônio de Dona Umbelina descrito no seu inventário post-mortem materializava uma vida remediada, transcorrida no próprio meio urbano de Cachoeira, chegando o seu monte-mor a 1:579\$820 réis. Os bens dividiam-se em alguns móveis (armário, cama, baús, mesas cadeiras, chaleira, tabuleiro) avaliados em 50\$960 réis, um cativo (o crioulo Benedito – 700\$)¹⁸⁶, uma dívida ativa com Pacífico Antônio de Carvalho (no valor de

¹⁸⁴ APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.379, auto crime nº 2518, autor: Afonso Borges da Fontoura, réu: Manoel Vicente ramos, 1864.

¹⁸⁵ APERS – Juízo Municipal e de Órfãos de Cachoeira, Inventário nº 198, Inventariada: Umbelina Cândida Rodrigues, Inventariante: Francisco Antônio Rodrigues, 1856.

¹⁸⁶ A preta velha Cesária foi alforriada *gratuitamente* por Dona Umbelina, em 28 de agosto de 1855, em retribuição aos bons serviços prestados. Ela foi recebida de herança da falecida mãe da senhora, Cristina Maria Monteiro. Por não saber escrever, Umbelina pediu a Manoel Alves Ferraz que redigisse o documento de liberdade e assinasse a seu rogo (APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 7 de Transmissões e Notas, 03.09.1855, folha 51).

500 mil réis) e uma parte nos dois lances de casas contiguas ao terreno do finado cirurgião mor Gaspar Francisco Gonçalves, que ela herdou por falecimento de sua mãe Cristina Maria Monteiro (avaliada em 400 mil réis).¹⁸⁷

A família pagou ao tesoureiro da irmandade do Rosário a quantia de 16 mil réis de aluguel do caixão da irmandade – “para nele se conduzir ao cemitério o cadáver de Dona Umbelina Cândida Rodrigues” e o preto baiano Iziquiel da Cunha também recebeu treze mil réis pelo aluguel da ęa.

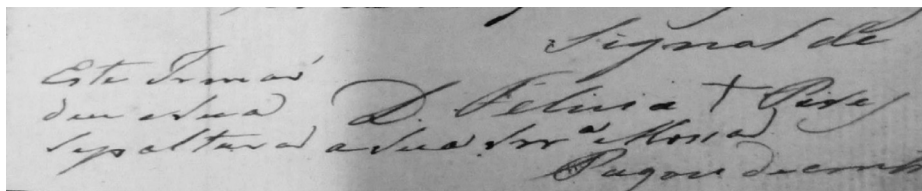
Como percebemos, Manoel, o capitão do mastro de 1853, não apareceu incluído no patrimônio de Dona Umbelina, mas não sabemos o seu destino, se morreu, foi vendido, fugiu ou obteve uma alforria sem registro de documento no cartório local. Sua senhora era uma pequena proprietária de escravizados e Manoel provavelmente era um de seus arrimos, que a sustentavam com o seu trabalho, provavelmente relacionado com o mercado de trabalho urbano. Uma possibilidade era que ele também fosse, como outros capitães do mastro, um carpinteiro.

O africano caçanje Antônio Monteiro (1828)

Outro que procurou na comunhão devocional dos pretos da Cachoeira um jeito de estar no mundo foi o africano Antônio. Ele ingressou na irmandade do Rosário e São Benedito da Cachoeira um dia após o Natal de 1827 e já naquela primeira eleição foi eleito para desempenhar, no ano seguinte, o cargo diretivo de capitão do mastro, ao lado do rei Caetano (escravizado) e da rainha liberta Aguida da Conceição.

Sentindo conforto e acolhimento naquela agremiação devocional, o africano Antônio continuou a desempenhar cargos nos próximos anos. Foi rei em 1829/1830, juiz em 1832, andador em 1848, irmão de mesa nos anos de 1831, 1835, 1845 e 1848 e voltou a usar a coroa de rei em 1851. Quando da sua matrícula na irmandade, na Igreja Matriz da Vila de *Sam João da Caxoeira*, o escrivão Joaquim dos Santos Marmelo anotou que ele era escravizado de Dona Felícia Pires, a qual por não saber escrever assinou com uma cruz:

¹⁸⁷ O cirurgião-mor Gaspar Francisco Gonçalves morreu em 25.05.1838, em Porto Alegre, *de repente*, com 50 anos de idade, marido em segundas núpcias com Dona Margarida Rosa de Souza. O segundo de Gaspar ocorreu em 13.08.1825 na matriz da Cachoeira, onde aparece como viúvo de Carlota Joaquina do Espírito Santo. Sua noiva Margarida era filha legítima de Antônio da Rocha e Souza e Constantina Maria do Nascimento e nascera em Cachoeira (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 58v; Livro 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul, folha 14).



Nas margens da matrícula de Antônio consta o pagamento da entrada de 640 réis e dos anuais até 1856, incluindo as joias de irmão de mesa (1850) e de rei (1851). Logo após o registro do pagamento de anual do ano de 1856, o escrivão anotou que ele havia falecido, sem dizer a data exata e mais abaixo consta a frase – “Este Irmão deu a sua sepultura a Sua Senhora Moça”.

Considerando o ano de 1856 como referência, fomos atrás do registro de óbito deste capitão do mastro e o localizamos. O africano Antônio Monteiro faleceu em 2 de abril de 1857, sem a indicação de sua idade, mas consta que já era forro e morrera de meningite cerebral. Os sacramentos foram ministrados pelo padre Marcelino Lopes Falcão e ele foi enterrado no cemitério local.¹⁸⁸ O tesoureiro da irmandade, Estevão Candido de Carvalho, anotou no dia 1º de maio de 1857 o gasto da quantia de 4\$800 réis com “cal, feixo da Catacumba e servente para sepultar-se o finado Irmão Antônio Monteiro da Silva” e em 24 de abril foi contabilizada a despesa de dois mil réis, com “um Par de Sapatos preto para enterrar o finado Irmão Antônio Monteiro da Silva”. Esse gesto de carinho, da compra dos sapatos pretos, parece indicar que os irmãos não queriam que o defunto fosse enterrado parecendo um homem escravizado, lembrando que os pés descalços eram uma marca do cativo. O alemão Hörmeyer, descrevendo Porto Alegre nos primeiros anos da década de 1850, escreveu que “o sinal de distinção, consagrado pelo uso, entre o moreno livre e o escravo, consiste em que o último não pode usar calçado” (HÖRMEYER, 1986, p. 78/79).

A questão do nome do africano falecido se resolve quando entendemos um pouco mais a genealogia de seus senhores. O vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos presidiu ao ritual religioso que casou, na Igreja de Cachoeira do Sul, o casal Estevão da Silva Monteiro e Felícia Pires. O consórcio ocorreu em 30 de agosto de 1817, às três horas da tarde, e tanto o noivo quanto a noiva, estavam em suas segundas núpcias, eram viúvos e

¹⁸⁸ AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 174.

naturais deste Bispado do Rio de Janeiro. A cerimônia foi testemunhada por dois homens, Jacob Carlos Pequier e Antônio Xavier da Silva.¹⁸⁹ Ou seja, o liberto Antônio manejava uma construção nominativa, optando pelos sobrenomes de seu senhor e não de sua senhora, talvez aí ocorrendo uma opção marcada pelo gênero ou quem sabe ele originalmente compunha a escravaria de Estevão.

Estevão da Silva Monteiro estava estabelecido em Cachoeira desde o século XVIII. Em 15 de maio de 1798 foi registrada uma Carta de Sesmaria passada pelo Ilmo. e Exmo. Sr. Conde de Rezende, em nome de Sua Majestade, ao Alferes Estêvão da Silva Monteiro, do outro lado do passo de São Lourenço, às margens do rio Jacuí¹⁹⁰. Na já citada relação de 1784, Estevão aparece com quatro cativos:

Quadro nº 16 – Escravaria de Estevão da Silva Monteiro (1788)

Nome	Idade	Cor	Origem
João	12	N/C	Angola
Juliana	8	Parda	Rio Pardo
Jose	20	N/C	Benguela
Jose	19	N/C	Benguela

Fonte: ANRJ – Série Justiça – Africanos. Código do Fundo “AM”, Seção de guarda “CO-DES”, notação “IJ6”, maço 934.

O que temos acima é um pequeno núcleo de escravizados, que deveria trabalhar naquela unidade rural juntamente com outros trabalhadores de campo e roça livres. Três deles são africanos, provenientes da mesma região congo-angola, na África central-atlântica. Alguns anos depois, dois deles foram até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira e o padre Manoel Marques de Sampaio os casou. Isso ocorreu às 3 horas da tarde de 22 de janeiro de 1794 e o casal consagrado pela igreja católica era formado pelo preto de nação angola José e a parda natural de Rio Pardo Juliana, ambos escravizados do senhor Estevão Monteiro da Silva.¹⁹¹

Antes de desposar Felícia Pires, Estevão foi casado, em primeiras núpcias, com Escolástica Joaquina da Silva. Não sabemos quantos filhos

¹⁸⁹ AHCMCS – Livro de Casamentos nº 2 da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (1808-1823).

¹⁹⁰ AHRS – Fazenda, F-1248, p. 261, 261v, 262, 262v.

¹⁹¹ AHCMCS – Livro nº 1 de Casamentos de Cachoeira do Sul, 1779/1808.

foram gerados nesse primeiro matrimônio, mas às 9 horas da manhã de 29 de maio de 1817 casaram naquela mesma igreja da Cachoeira, Joaquim Antônio de Oliveira e Maria Joaquina da Silva. O noivo Joaquim era filho legítimo de Francisco Antônio de Oliveira e Gertrudes Rodrigues da Luz, natural da Vila de Santo Antônio da Lapa, Bispado de São Paulo. Já a noiva, natural dessa freguesia, era filha legítima de Estevão e Escolástica. Foram testemunhas do casório Manoel Ferraz e José Rodrigues de Moraes e o vigário ministrante foi Inácio Francisco Xavier dos Santos.¹⁹²

No registro de seu óbito, de 2 de abril de 1857, o africano Antônio Monteiro aparece já alforriado. Sua senhora, Felícia Pires da Silva, era analfabeto, e por isso solicitou a João Marcelino Rodrigo Martins que escrevesse um documento de liberdade e a seu rogo assinasse. O documento foi expedido no Rincão de Santa Catarina, localizado no 5º distrito de Cachoeira do Sul, em 30 de julho de 1852, e registrado no cartório local dois anos depois, em 23 de maio de 1854. O beneficiado foi descrito apenas pelo prenome – Antônio –, além do fornecimento de outros dados pessoais que ajudavam a identificá-lo, como ser africano, preto, casado e ter mais de 50 anos de idade. Felícia topou libertar seu cativo já idoso, mas fez isso condicionalmente, pois ele teria que servir até a morte da senhora, “em atenção ao muito que me tem servido, com submissão, fidelidade e zelo”.¹⁹³

Ou seja, o africano Antônio era tão importante para sua senhora que ela o manteve escravizado até que sua vida findasse, zelando por ela, cuidando de sua casa e de sua família. Não sabemos exatamente onde ficava o rincão de Santa Catarina, mas encontramos uma referência a um banhado tributário do rio Vacacaí, nos limites entre os municípios de Santa Maria e São Gabriel, “também chamado Banhado Grande” (FARIA, 1914, p. 341). Se o registro do documento de liberdade em cartório, em 23.05.1854, tem relação com a efetivação da liberdade de Antônio (e com a morte de Dona Felícia), então ele conseguiu viver apenas uns três anos em liberdade e ter

¹⁹² AHCMCS – Livro de Casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição n° 2, 1808/1823.

¹⁹³ APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro n° 6 de Transmissões e Notas, p. 7r. Encontramos batismos de outros dois filhos de Escolástica e Estevão em Cachoeira: Manoel foi batizado em 30.07.1787 e Ana em 14.08.1788. Nos dois registros os dados genealógicos são praticamente iguais: Estevão era natural do Rio de Janeiro, batizado na Freguesia de Nossa Senhora da Candelária e filho de Estevão da Silva Monteiro e Ana Francisca da Cruz. Escolástica era filha do Capitão Manoel Carvalho da Silva e Faustina Correia Peres (Natural de Viamão) e em um batismo aparece como natural e batizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário do Rio Pardo e em outro que nascera em Lisboa.

tido calçados os pés de seu cadáver toma um significado mais relevante, pois afirmava uma autonomia obtida a pouco tempo. Os pretos devotos da Senhora do Rosário e São Benedito queriam apagar qualquer vestígio que lembrasse o longo cativeiro que seu irmão de devoção sofrera.

Não localizamos os inventários post-mortem de Dona Felícia e do alferes Estevão, mas eles eram proprietários rurais e talvez possuísem residência na vila de Cachoeira, o que explicaria a presença assídua de Antônio na devoção afro-diaspórica local.

Lendo o sucinto registro do matrimônio de Antônio nos livros eclesiásticos de Cachoeira, nos arriscamos a pensar que o vigário açoriano Antônio Homem de Oliveira não deu muita importância aquele momento, talvez em decorrência da *qualidade* dos noivos, ou então estava distraído ou letárgico naquele dia. Quem sabe o padre levantara cedo ou não dormira bem e naquele horário, 9 horas da manhã, seus 55 anos de idade pesavam. Sabemos apenas que no dia 17 de junho de 1848 casaram Antônio Monteiro com Vicência Maria, sem que testemunhas, padrinhos ou madrinhas fossem citadas. Antônio aparece com sobrenome, sem indicação de status, mas mesmo que fosse um trabalhador importante e valorizado por sua senhora, ainda era escravizado de Dona Felícia. A noiva Vicência Maria já era liberta e isentamos o vigário Homem de Oliveira de mais críticas, pois ele verteu no papel uma informação relevante, noivo e noiva eram caçanjes.¹⁹⁴ Ou seja, possuíam não só uma trajetória afro-diaspórica semelhante, como eram naturais/provenientes de locais próximos no continente africano, quem sabe falando entre si na intimidade (e talvez no consistório do Rosário em São Benedito) a língua de seus grupos étnicos e familiares. Lembrando que os caçanjes ou cassanjes compunham um subgrupo dos ovimbundos, “grupo étnico banto disseminado ao sul do rio Cuanza, ocupando a zona meridional e central de Angola e cujo idioma é o Umbundo” (LOPES, 2004, p. 150 e 504).

O casório ter se realizado em junho de 1848 provavelmente teve relação com outro acontecimento muito importante na vida deste casal caçanje, a alforria da noiva Vicência. A senhora ou dona, Cristina Maria Monteiro, também era analfabeta e recorreu a João Manoel Figueira Duarte para que ele escrevesse um documento de liberdade e também assinasse a seu rogo. O papel foi redigido em Cachoeira, no dia 31 de março de 1848, e

¹⁹⁴ AHCMCS – Livro n° 3 de casamentos (1823-1849), folha 222.

logo no dia seguinte foi registrado no cartório local. A preta Vicência foi beneficiada por sua senhora com a liberdade, mas isso não custou pouco. Vicência e Antônio já eram amásios, envolvidos em uma relação consensual, e das árduas e dificultosas economias ou pecúlios do casal eles sacaram 600 mil réis para indenizar Dona Cristina Maria. Com isso, Vicência comprava a si própria de sua escravizadora, tornava-se, assim, dona de si e o casamento com seu amásio foi mais um passo na sua afirmação como uma mulher negra livre.¹⁹⁵

A senhora da caçanje Vicência, Cristina Maria, nasceu e foi batizada em Cachoeira do Sul, filha legítima de Manoel da Silva Monteiro e Maria Joaquina do Nascimento. O vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos não foi preguiçoso no registro do seu casório, que ocorreu em 21 de outubro de 1809, no final do dia, às 17 horas da tarde. O noivo Antônio Luiz Rodrigues era português, da freguesia de Avis, arcebispado de Braga, filho legítimo de Francisco Antônio Rodrigues e Gertrudes Clara de Abreu e Silva. Compareceram como padrinhos Inácio Custódio dos Santos e Rogério José da Cunha e Souza.¹⁹⁶

Cristina Maria era mãe de Umbelina Cândida Rodrigues, que já mencionamos pouco tempo atrás, como senhora do capitão do mastro Manoel (1853) e que alforriou em 1855 a preta velha Cesária, recebida de herança de sua progenitora. Descrita como *velha* em sua alforria, a crioula Cesária tinha longa ficha de serviços a família senhorial. Em 7 de maio de 1835 ela perdeu seu filho Adão, com apenas 9 meses de idade, de moléstia de barriga, aparecendo como cativa de Cristina Maria Monteiro.¹⁹⁷

Dona Cristina Maria Monteiro ou Monteiro morreu em 7 de junho de 1855, nesta mesma vila da Cachoeira, com 66 anos de idade, de gastroenterite tifóide¹⁹⁸ e o juiz de órfãos teve que notificar dona Umbelina, filha da falecida, para fazer o inventário em 8 dias, “com a pena de infalível sequestro”. O valor total dos bens atingiu uma quantia de 2 contos e 500 mil réis, destacando-se dois imóveis urbanos: a casa onde residia a falecida, descrita como de dois lances na rua da Igreja (1:600\$) e parte de uma casa na mesma rua, canto da rua dos Pecados (400\$).

¹⁹⁵ APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira – Livro nº 5 de Transmissões e Notas, p. 50v.

¹⁹⁶ AHCMCS – Livro nº 2 de Casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição (1808-1823).

¹⁹⁷ AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 41v.

¹⁹⁸ APERS – Juízo Municipal e de Órfãos da Vila de Cachoeira do Sul, inventário nº 185, falecida: Christina Maria Monteiro, Inventariante: Umbelina Cândida Rodrigues, 1855; AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 162v.

A escravaria de Dona Cristina era composta de dois indivíduos, justamente o Manoel, com 60 anos de idade, achacado de doenças (200\$) e Cesária, também de *avançada de idade* (100\$). Esse Manoel foi o capitão de mastro de 1853, que exerceu aquele cargo já em propecta idade. Dona Cristina dotou suas filhas com escravizados, provendo-as de algumas condições para suas vidas de adultas: para Maria Joaquina Rodrigues, casada com José Pedro de Moraes, ela entregou a crioula Manoela (400\$) e para a inventariante, Dona Umbelina, o crioulo Manoel, avaliado por igual quantia.

Umbelina pagou ao tesoureiro Antônio dos Santos Falcão, da Irmandade do Rosário, dezesseis mil réis pelo aluguel do caixão de tampa, e mais 2\$500 para Iziqel da Cunha de “sinais para Dona Cristina Maria Monteiro”.

No início da década de 1830 a família de Dona Cristina Maria tinha um armazém ou loja de molhados na vila da Caxoeira, mas os desequilíbrios causados provavelmente pelo alcoolismo de seu marido Antônio Luiz Rodrigues, danificaram bastante o patrimônio familiar, chegando ao ponto dela assinar um Termo de Curadoria e Administração dos bens de seu marido em 05.10.1832. Naquela data ela pediu um balanço do estoque de mercadorias (fazendas, etc.) da loja de molhados que era administrada por seu marido, chegando os bens a 516\$150 réis. Segundo as testemunhas arroladas no caso e mesmo o depoimento da angustiada esposa, Rodrigues passava dias apenas bebendo, sem se alimentar ou mudar de roupa e ameaçava sua esposa de morte portando armas de fogo, forçando-a até a fugir de casa com os filhos menores. Quando em junho de 1831 o juiz de órfãos mandou um oficial de justiça e um jurado até a residência daquela família, encontraram Rodrigues, depois de ter feito *grandes motins com sua família*, trancado em um quarto fechado a chave por sua esposa.¹⁹⁹ Interrogada, Cristina Maria relatou que a mais de dois anos era ela, com as suas quitandas, “que veste e sustenta a seus filhos”, pois seu marido, mesmo quando lhe dava algo, era com muita mesquinhez. Conta que seu marido já estava com a saúde estragada e que ela se sentia completamente amargurada e que nem saía a rua, nem aparecia a janela, só indo a casa de uma amiga, sem dar desgosto ao seu marido.²⁰⁰

¹⁹⁹ APERS – Juízo dos Órfãos da Vila de Cachoeira do Sul, inventário n° 75, falecido: Antônio Luiz Rodrigues, Inventariante: Cristina Maria Monteiro, viúva, 1833.

²⁰⁰ Rodrigues faleceu em 12 de julho de 1833, em Cachoeira, recebendo todos os sacramentos, sem deixar testamento, sendo a morte causada por *moléstia interior*. Ele tinha 47 anos de idade e consta como casado com Cristina Maria e ter deixado “3 filhos e 4 filhas. Foi encomendado pelo padre Inácio Francisco Xavier dos Santos. O inventario de seus bens encontrou um montemor de 7:914\$836 réis (AHCMS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 34).

A africana Vicência também compartilhou com seu companheiro afro-diaspórico Antônio a devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Em 31 de outubro de 1862, o tesoureiro Francisco Gonçalves da Fontoura contabilizou a entrada da receita de 3\$520 réis, “de Anuaes da Irmã Joaquina [escravizada] do Finado Anastacio e da Irmã Anna Francisca de Loreto e da Irmã Vicencia Cristina”.

O padre Marcolino da Maia Firmo anotou em 18 de fevereiro de 1875 o fim da trajetória afro-diaspórica da africana Vicência Maria da Conceição, com aparentes 70 anos de idade, vitimada por uma lesão orgânica no coração e enterrada no cemitério desta cidade²⁰¹. Mas sua sina diaspórica não terminou de forma solitária e em descaso. O tesoureiro pardo Velocino de Araújo Bastos mandou limpar o cemitério em 28 de fevereiro de 1875, pagando seis mil réis. Logo adiante, em 29 de abril daquele mesmo ano, ele afirmou ter despendido 11\$500 réis com:

[...] o enterro da irmã Vicencia escrava de Dona Christina, a saber:
6 pessoas para Carregar o Corpo. 6\$000
Idem para abertura de uma Catacumba. 5\$000
Idem da condução do Caixão. \$500

Pena ela ter sido registrada ainda como escravizada, status que não era mais o seu a cerca de 27 anos, mas sua propecta idade talvez a impedisse de frequentar o consistório e as procissões e com isso aquele tesoureiro desconhecesse sua liberdade, duramente conquistada e paga! A militância de Vicência no Rosário dos pretos da Cachoeira era mais longeva que a sua liberdade, pois lá no ano de 1846 ela foi eleita juíza do ramallete, numa diretoria formada majoritariamente de negros e negras ainda escravizadas e libertas:

Termo de Elleição para Juiz, Rei, Rainha e Juizas e mais Irmaos de Meza que hao de Servir no anno fucturo de 1846.
Aos vinte e hum dias do mes de Dezembro de mil oito centos e quarenta e cinco annos nesta Igreja Matris de Nossa Senhora da Conceicao da Villa da Cacheira, onde se achava o Reverendo Vigario Capellao, Juiz, Rei e mais Irmaos de Meza para o efeito de se proceder a Elleição em a qual forao nomeados os seguintes
Protetor o Reverendo Vigario Antonio Homem de Oliveira.
Rei Joze de Dona Carolina Alves Torres.
Juiz Pedro de David Joze de Barcellos.
Juiza Ignacia de Manoel Antonio Simois Teixeira.
Rainha Clarinda de Francisco Jose da Silva Moura.

²⁰¹ AHCMCS – Livro 6 de Óbitos de Cachoeira (1873 a 1886), folha 9.

Juizas do Ramalhete

Vicencia de Dona Christina Maria Monteiro.

Zeferina Antonia de Amorim.²⁰²

Capitao do Mastro Ignacio de Joze Lourenço da Silva Bandeira.

Procurador Izequiel da Cunha.

Andador Francisco de Sá. [...]

O capitão do mastro Domingos (1860)

Pelo menos dois escravizados do comerciante Noé Antônio Ramos ingressaram na mesa diretora da irmandade do Rosário de Cachoeira. A crioula Brígida foi juíza do ramalhete em 1853 e seu parceiro Domingos, também crioulo, foi irmão de mesa nos anos de 1857, 1862 e 1863, andador em 1859 e, finalmente, capitão do mastro em 1860.

Noé Antônio Ramos enviuvou em 22 de outubro de 1851, quando faleceu sem testamento a sua esposa Justina Rosa de Loureto, deixando duas filhas adultas solteiras: Maria Justina de Loreto Ramos (22 anos) e Maria Madalena (19 anos).²⁰³ Nomeados como avaliadores dos bens no inventário post-mortem de Dona Justina, Antônio Vicente da Fontoura e Antônio Pereira Fortes encontraram um patrimônio familiar de 10:498\$988 réis. Noé e Justina casaram na matriz da cachoeira em 31.12.1829, ele era filho legítimo de Francisco Fernandes Ramos e Germana Maria da Conceição, natural da vila do Rio Grande. Ela filha legítima de Francisco de Loureto e Rosa Luiza, natural de Cachoeira.²⁰⁴

O casal possuía dois bens de raiz: uma morada de casas na rua de Loureto. fundos na rua de Santo Antônio (1:500\$ réis) e um terreno na mesma rua de Santo Antônio, com fundos para a sanga da Inês (180\$)²⁰⁵. Em sua pesquisa sobre as elites mercantis de Cachoeira do Sul nos anos de

²⁰² Zeferina Antônia de Amorim faleceu aos 4 dias de novembro do ano de 1865, de moléstia desconhecida, e foi sepultada no cemitério desta cidade, *depois de encomendada* (AHCMS – Livro 4 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 33).

²⁰³ APERS – Juízo Municipal e de Órfãos de Cachoeira, Inventário nº 168, falecida: Justina Rosa de Loureto, inventariante: Noé Antonio Ramos, viúvo.

²⁰⁴ AHCMS – Livro 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul, folha 59v.

²⁰⁵ Sobre a sanga da Inês, a historiadora Aline Sônego (2022, p. 48) explica: “Publicada no jornal O Commercio, de 1918, outra crônica traz elementos interessantes para pensar as representações sobre a população não-branca e suas experiências sociais. A narrativa trata sobre a rivalidade pelo amor de um homem entre duas mulheres, a preta Inês e a cabocla Micaela. A primeira, paupérrima, morreu de desgosto ao saber do envolvimento de seu amor com Micaela, dita como adepta de feitiços e bruxarias, que teriam causado a morte do amante. As duas sangas, onde, nas suas proximidades, residiam as referidas mulheres, foram posteriormente denominadas Sanga da Inês e Sanga da Micaela”.

1845 e 1865, a historiadora Rosicler Fagundes (2009, p. 79 e 99) cita Noé Antônio Ramos como comerciante e pelo que transparece no inventário de sua esposa, eles possuíam uma ferragem, cujos produtos foram avaliados em 5:460\$558 réis. As dívidas ativas do casal montavam a 239 mil réis e havia uma dívida de 626\$590 réis com o ferragista de Porto Alegre Joaquim José Ferreira Barbosa. Além de alguns móveis (cômoda, oratório de jacarandá, bombas de prata de tomar mate, etc.), o casal tinha uma pequena biblioteca formada pelo dicionário de Moraes em dois volumes (16\$), o dicionário de sinônimos de Fontoura e mais quatorze livros de diversos portes (18\$). Tratava-se, assim, de um fogo nitidamente urbano, no qual viviam e labutavam cinco cativos:²⁰⁶

- Brigida – crioula, 54 anos – 400\$;
- Francisca – 44 anos – doente, quase cega – 250\$;²⁰⁷
- Antônio – Crioulo, 18 anos, aprendendo a marceneiro – 700\$;²⁰⁸
- Domingos – crioulo, 17 anos – 700\$;
- Vicente – 13 anos, crioulo – 600\$.²⁰⁹

O núcleo familiar senhorial acima comportava mais uma mulher escravizada, mas ela foi alforriada na véspera do falecimento de Justina. A preta crioula Maria, com 60 anos de idade, uma idade avançada para o período, foi amparada por um documento de liberdade expedido em 15 de outubro de 1851, em retribuição ao “zelo e desvelo com que sempre nos tem servido”. Como a senhora Justina faleceu uma semana depois da expedição dessa carta de alforria, achamos que esse documento foi um acerto de contas dela com essa mulher escravizada. A carta de alforria foi assinada por Noé por seu próprio punho e a rogo de Justina por João Inácio de Carvalho, por ela não saber ler nem escrever. O *zelo e desvelo* deve fazer referência as crias fornecidas pelo ventre de Maria para aquela família senhorial, lembrando que o aprendiz de marceneiro Antônio era seu filho. Também aos trabalhos por ela desempenhados dentro e fora da casa dos

²⁰⁶ Foi listado ainda um cavalo, selim, e mais pertences de montaria (40\$).

²⁰⁷ A crioula Francisca faleceu em 02.04.1860, de Lesão orgânica no coração (AHCMCS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira).

²⁰⁸ Na verdade Antônio, filho natural da crioula Maria, foi batizado em 16.09.1837, tendo nascido em 10.05.1837, sendo seus padrinhos o cativo Francisco (de Antônio Marcos da Cunha) e a preta liberta Maria – padre: Inácio Francisco Xavier dos Santos (AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos – 1799/1842 – Cachoeira do Sul).

²⁰⁹ Aos 22 anos de idade, o crioulo Vicente faleceu, em 20.04.1862, de uma angina gangrenosa (AHCMCS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira).

seus senhores, incluídos aí os desvelos com a prole de Noé e Justina e o zelo com a sua senhora adoentada.²¹⁰

Infelizmente as avaliações acima prescindiram da descrição dos ofícios em que se empregavam aqueles trabalhadores e trabalhadoras escravizadas. Isso com exceção de Antônio, que os avaliadores anotaram que estava aprendendo o ofício de marceneiro. Pelo cruzamento que conseguimos realizar com os documentos eclesiásticos de Cachoeira, as idades listadas acima pelos avaliadores não são muito exatas. Domingos e Vicente eram irmãos, ambos filhos naturais da guiné Joaquina. Domingos foi batizado com 3 anos de idade em 27.02.1838, apadrinhado por membros da família senhorial: Francisco Loureto de Carvalho e Francisca Carolina de Carvalho. Já Vicente, nasceu em 20.02.1841 e foi também batizado na matriz da Conceição da vila da Cachoeira em 12 de março daquele mesmo ano, apadrinhado pelos escravizados Pedro (de David José de Barcelos) e da futura juíza do ramallete Brígida (de Noé Antônio Ramos).

O ventre afro-diaspórico da guiné Joaquina ainda gerou Manoel (batizado em 17.01.1832, com um ano de idade, apadrinhado pelos escravizados Silvano e Maria, ambos de Rosa Luiza de Loureto) e Claudina (que morreu aos 6 anos de idade, em 06.04.1841, de diarreia de sangue). Brígida amadriñou também, em 26.01.1843, a crioula Tereza, nascida em 17.01.1843, filha natural de Eufrásia, escravizada de Gonçalo Ferreira de Carvalho. Ao seu lado estava o quase onipresente preto forro Ezequiel da Cunha.²¹¹

O comerciante Noé também se meteu na política, aparecendo como vereador em 1860. Naquele ano, em 27 de outubro, ocorreu uma sessão extraordinária na Câmara Municipal da Cachoeira em função do sétimo dia do “deplorável e infausto passamento do Comendador Antônio Vicente da Fontoura”. Lembremos que o Comendador Fontoura foi agredido violentamente com uma facada no ventre no dia 6 de setembro de 1860, em plena igreja da Conceição, no centro de Cachoeira, quando trabalhava na mesa eleitoral (MOREIRA; RIBEIRO; MUGGE, 2016). Procurando associar-se ao luto municipal e:

[...] recordando que o Comendador Fontoura era um dos mais distintos e beneméritos filhos do Rio Grande, pelas suas qualidades, pelas suas virtudes e sobretudo pelo inolvidável serviço que prestou a esta Província e ao Brasil

²¹⁰ APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 5 de Transmissões e Notas, folha 146v, 12.12.1851.

²¹¹ AHCMCS – Livro 2º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul; Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul, 1799/1842; Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folhas 65).

inteiro, sendo o mais ativo, inteligente e dedicado promotor da gloriosa Pacificação de 1845, decidem:

1º Tomando luto por 8 dias, a contar do presente;

2º Enviando uma comissão de três membros para apresentar a viúva e filhos do ilustre finado, um voto de sentimento e pêsames em nome do município;

3º e, por último, dirigindo ao Exmo. Presidente a participação deste doloroso acontecimento, recordando quanto é ele sensível e quão grande a perda que fez ao município, a província e ao Brasil inteiro na pessoa daquele Cidadão. Aprovado unanimemente. [assinado] Fermiano Pereira soares – Noé Antônio Ramos – Fidêncio Pereira Fortes – João Alvares de Almeida.²¹²

Em termos de associativismos religiosos, encontramos o senhor Noé atuando em uma irmandade que congregava as elites de Cachoeira do Sul, a Irmandade Conjunta do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição, desde pelo menos 1833.²¹³ Enquanto isso, seus dois escravizados passeavam devocionalmente pelo consistório dos pretos do Rosário, gozando de alguns momentos de autonomia relativa, de conforto espiritual e psicossocial.

O irmão, andador e capitão do mastro Domingos aparece mais vezes nos livros disponíveis militando na irmandade, do que a sua madrinha Brígida. No mês de dezembro de 1857 ele foi o responsável pela arrecadação das “esmoladas tiradas neste mez da cachinha” e o tesoureiro Estevão Cândido de Carvalho anotou que ele entregou para a tesouraria da irmandade a quantia de 9\$640 réis. Já em 30 de junho de 1862, o tesoureiro Francisco Gonçalves da Fontoura recebeu 13\$660 réis “das esmoladas da caixinha tirada pelo Irmão Domingo do Noé”. O uso apenas do prenome do senhor de Domingos não denota desrespeito, mesmo que não esteja acompanhado de uma insígnia de prestígio, indica sim intimidade, conhecimento de que Noé possuía uma reputação pública notória.

Em 30 de setembro de 1864, o tesoureiro Estevão Cândido de Carvalho contabiliza o recebimento de anuais e joias no valor de 18\$560 réis:

[...] dos irmãos seguintes = Barbara do finado Fontoura, Rogerio Pinto Bandeira, Maria Francisca de Loureto, Francisca Correia de Veiga, Brigida de Noé Antonio Ramos, Domingos de Noé Antonio Ramos, Anna Teixeira de Oliveira, Francisca Joaquina de Oliveira, Balbina da Conceição, Maria Trilha, Paulo Joaquim Claro, Margarida do finado Fontoura, Antonio de Fer-

²¹² AHCS – CM/OF/A-005. A ligação de Noé com Antônio Vicente da Fontoura sugere o envolvimento dele com a facção farroupilha durante a guerra civil de 1835 a 1845 (ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, 2020, CV-10.123).

²¹³ AHCS – Atas da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição Padroeira da Matriz de Cachoeira, 44v e 73v.

miano Pereira Soares, Teresa Soares, Marcos Jose Roiz, Ignacia que foi de Manoel Simoes, Inocencia [...].

É possível que, assim como constatamos com o preto baiano Iziquiel da Cunha, a frequência entre os devotos dos pretos da Cachoeira, tornasse os sujeitos padrinhos ou madrinhas preferenciais. Isso talvez ajude a explicar a presença de Domingos apadrinhando/testemunhando um casamento realizado na Matriz da Conceição, em Cachoeira, às 9 horas da manhã de 27 de dezembro de 1859. Os noivos eram Januário e Josefa, ambos escravizados de Dona Joaquina Pires e ao lado de Domingos estava o cativo Pedro, de D. Maria Constantina.²¹⁴

As trajetórias dos personagens que perseguimos são lacunares, prenes de vazios existenciais relativos a momentos incontornáveis de suas vidas. No caso de Domingos não sabemos se conseguiu desvencilhar-se da escravidão, quando morreu, como organizou sua vida profissional e/ou afetiva. O que sabemos, além dos detalhes citados até agora, é que ele foi eleito no dia de Natal de 1859 para exercer o cargo de capitão do mastro no ano seguinte. Naquele ano não tivemos a eleição de rei e rainha, mas ao lado de Domingos estavam a Juíza do Ramo Barbara, escravizada do Comendador Antônio Vicente da Fontoura e os andadores José, do senhor Joao Thomaz de Meneses e Lourenço, escravizado de Joao Lopes de Moraes Magalhães. Coube ao filho da guiné Joaquina, com a qual deveria compartilhar formas afro-diaspóricas de *estar no mundo*, alevantar o mastro com a bandeira de dupla face, que trazia Nossa Senhora do Rosário de um lado e São Benedito do outro.

Quanto a juíza do ramallete Brígida, madrinha e irmã de devoção do capitão do mastro Domingos, ela conseguiu pelo menos morrer em liberdade. Descrita como preta e crioula, e com a idade de 66 anos, foi alforriada “pelo zelo e desvelo” com que sempre serviu seu escravizador Noé Antônio Ramos, por carta de 07.05.1863, registrada em cartório no dia seguinte.²¹⁵

O carpinteiro Inocêncio da Silva Prado (1871)

Vários indícios apontam que o recrutamento dos capitães do mastro passava pelo componente afro-diaspórico, mas também existem fortes indícios de que muitos deles tinham habilidades profissionais específicas, eram

²¹⁴ AHCMCS – Livro de Casamentos n° 4, 1849-1881.

²¹⁵ APERS – 1° Tabelionato de Cachoeira do Sul – Livro n° 9 de Transmissões e Notas, folha 1v.

marceneiros ou carpinteiros, ofícios que os municiam nas competências necessárias ao bom desempenho desta função (como o tanoeiro Manoel Vicente Ramos).

O capitão do mastro Inocência da Silva Prado, que ocupou este cargo em 1871, nos brindou aparecendo em dois processos criminais, nos quais conseguimos algumas informações interessantes a respeito dele, já que não localizamos inventários post-mortem dele ou de sua esposa.

Na madrugada previsivelmente fria de 18 de julho do ano de 1876, um sujeito saía de uma casa na Praça da Conceição, no centro da vila da Cachoeira, quando foi agredido violentamente por um homem, com uma tranca de porta, sofrendo graves ferimentos. Naquela casa ou taberna de onde a vítima saía ocorria um jogo de cartas à dinheiro e a briga teve origem em seu interior, sendo a discussão motivada por uma dívida de valor bastante ínfimo. O ofendido foi o “talhador de carne” ou “profissão agências” João da Silva Dutra, nascido nesta província sulina, casado, com 26 anos de idade, filho de Israel Antônio Dutra, alfabetizado. Dutra contou que, antes daquele violento espancamento, ele só havia tido *passageiras* discussões com seu agressor, mas naquela noite, as bordoadas cessaram apenas quando se supôs que ele estava morto.

A taberna ou casa de negócio, “donde há jogos públicos”, era de propriedade de Belizário da Cruz Lima Júnior, na época com 40 anos de idade, casado e que em um depoimento diz ser fiscal da Câmara Municipal e em outra empregado público²¹⁶. Não temos ideia se esse estabelecimento de *jogos públicos* era autorizado pela Câmara ou se a atuação de seu proprietário como funcionário público o dotava de certa proteção.²¹⁷ Belizário comprovou que alguns homens jogavam cartas em seu estabelecimento e que uma discussão começou com uma cobrança de dívidas e que o agressor empunhou uma tesoura e depois uma cadeira, não conseguindo efetivar a agressão pela intermediação dos presentes.

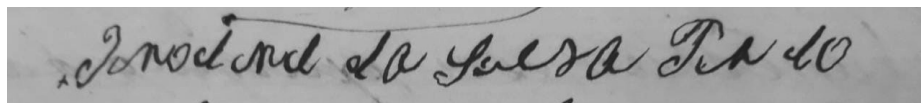
O agressor foi identificado como sendo o marceneiro ou carpinteiro Inocência da Silva Prado, com 37 anos de idade, casado, analfabeto, natu-

²¹⁶ Belizário aparece no processo montado pela agressão a Estevão Cândido de Carvalho e em seu depoimento, naquele ano de 1857, disse ser ourives. Ele casou em 18.09.1869 com Listarda Joaquina de Alencastre, na matriz de Cachoeira. Ele era filho legítimo de Belizário da Cruz Lima e ela de Fernando Simões Pereira (AHCMCS – Livro 4 de Casamentos de Cachoeira do Sul, p. 176).

²¹⁷ APERS – Civil Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3189, autor: a Justiça, réu: Inocência da Silva Prado.

ral desta cidade, filho de Brígida Maria das Dores. João lhe teria cobrado uma dívida de nove fichas de jogo, que naquela casa de jogos valiam duzentos réis e ele achava-se devedor de apenas 4 e meia, sendo daí chamado pelo ofendido de – ladrão. Inocência insistiu em sua inocência da agressão cometida fora daquela taberna e que foi dali direto para a sua casa. Quanto ao ofendido, ele não era amigo nem inimigo do ofendido, “falavam-se no ato de se encontrarem”. Os homens reunidos como juízes de fato em 24 de outubro daquele mesmo ano de 1876, por 7 votos, consideraram que Inocência não havia cometido a agressão e ele acabou sendo absolvido.

Inocência da Silva Prado aparece também, mas como testemunha, no processo que investigou o assassinato de João Luiz Francisco da Silva, ocorrido em 19.09.1880, um domingo. Inocência declarou ter 41 anos, marceneiro, casado, morador nesta cidade, natural desta província. No processo de 1876 ele disse não saber ler nem escrever, mas nesse ele assina com uma assinatura trêmula, mostrando certo avanço na cultura escrita:

A photograph of a handwritten signature in cursive script, which reads "Inocência da Silva Prado". The ink is dark and the handwriting is somewhat shaky, consistent with the text's description of it as a "trêmula" (trembling) signature.

Na noite do crime ele estava na taberna de Antônio Alves de Carvalho e correu atrás do criminoso, do qual não viu o rosto, apenas *achava* que era o pardo *do norte* João Antônio, morador do outro lado do Passo da Areia.²¹⁸ Inocência foi chamado novamente para depor pelo Delegado de Polícia Capitão Delfino Gomes Porto, que lhe perguntou se fora procurado por alguém para ele mudar o seu depoimento, o que ele confirmou, dizendo que Bento Porto da Fontoura falou sobre seu depoimento:

[...] disse-lhe mais que tinham escrito palavras demais e pedir-lhe para negar alguns pontos, dizendo-lhe na mesma ocasião que alguns já tinham negado, ele testemunha respondeu que o seu interrogatório estava conforme, por ter ouvido ler e ter assinado e que não alterava o que já tinha dito.

Interessante no trecho do depoimento acima Inocência ter destacado que *ouviu* lerem o seu depoimento e que o *assinou*, mostrando orgulho pelo aprendizado obtido.²¹⁹ Confirma-se nesses documentos judiciais que Ino-

²¹⁸ APERS – Cartório Civil e Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3246, autor: a justiça, réus: João Antônio do Amaral, Alfredo Eleutério Ferreira Neves e Arlindo José Ferreira Neves, 1881.

²¹⁹ APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1882/1884. Caixa 011.0147, auto nº 3266, autora: Justiça, réu: Inocência da Silva Prado, 1883. Existe ainda um outro documento em que Inocência também aparece como oficial de carpinteiro. Em 1º de julho de 1883, João

cência da Silva Prado exercia o ofício de carpinteiro, frequentando espaços de sociabilidade populares e era fruto do ventre de uma mulher solteira (Brígida Maria das Dores). Entretanto, mesmo que fizesse parte do heterogêneo grupo dos populares da vila de Cachoeira, em nenhum documento até agora encontrado a sua cor é mencionada.

O carpinteiro João Mathias (1872)

No ano de 1872, João Mathias assumiu o cargo de responsável pelo mastro do Rosário e São Benedito da Cachoeira. No início da década seguinte, em 1882, o *carpinteiro* João Matias morava em um quarto, do qual saiu para ir trabalhar na obra do mercado público. Sorrateiramente, Maria Lina da Conceição (com 25 anos de idade, solteira, natural desta província, sem meios de vida) adentrou o domicílio de João e roubou de uma caixa a quantia de 96\$ réis, comprando vários objetos que com ela foram encontrados quando foi presa (duas camisas bordadas para senhora, uma saia, uma peça de amorim, uma peça de algodão, duas peças de renda, 2 peças de tiras douradas, sapatos, chapéu de sol, etc.), restando com ela apenas um mil réis. João Matias voltou para casa, da obra do mercado, somente às 6 horas da tarde e lá encontrou, frustrado, a sua caixa arrombada, indo imediatamente se informar com a sua vizinha Constância, que relatou que vira Maria Lina “descer para o lado da fonte e entrar pelos fundos do quintal”. Mostrando que os envolvidos se conheciam e mantinham relações de amizade e vizinhança, João foi logo até a casa de Lina e ela assumiu o roubo, mas contou que durante o dia já gastara a maior parte do dinheiro. O carpinteiro João Matias sentiu-se obrigado a queixar-se na polícia, sendo interrogado e dizendo ter 36 anos de idade, solteiro, filho de João Adão, natural desta província, carpinteiro. Em nenhum momento a sua cor ou status foram mencionados.²²⁰

Jorge Krieger & Henrique Muller, com loja de fazendas e miudezas e fábrica de selins em Cachoeira, denunciaram que Inocêncio, às 3 horas da tarde, roubara duas bandanas acolchoadas e um couro de pele de cabra montês. Inocêncio voltou a loja, assumiu o roubo e pediu perdão, dizendo que “naqueles dias tinha perdido a cabeça”. Um destes produtos surrupiados foi entregue na casa de negócio de Carlos Francisco Accioli de Gouvêa, em pagamento de uma dívida que Prado tinha.

²²⁰ APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1882/1883. Caixa 011.0146, auto: 3253, Autora: Justiça, ré: Lina Maria da Conceição. Em um processo de 1872, Inocêncio de novo aparece testemunhando: 32 anos, casado, marceneiro, assinou o depoimento (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, auto crime nº 3163, autora: a justiça, réu: João Alves de Oliveira, 1872).

O carpinteiro João (1830)

João, capitão do mastro em 1830, era escravizado por João Pereira Carpes, o qual faleceu da vida presente em 28.11.1837, em Cachoeira, de moléstia interna. Tinha então 73 anos de idade, não deixou testamento e ficaram três filhos menores, frutos de seu consórcio com Dona Maria Angélica²²¹. Na documentação que temos da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição Padroeira ele aparece como mestre carpinteiro (1831), o que nos sugere que seu escravizado talvez o ajudasse nesse ofício.

Januário (1851)

Só aqueles que já enfrentaram pesquisas nominais sabem como elas trazem cargas consistentes de prazer e frustração. Por vezes ficamos satisfeitos com pequenas pistas, indícios, rastros, que evidenciam específicas experiências e dinâmicas sociais, abrindo frestas sobre os indivíduos que tenazmente perseguimos. Sobre o capitão do mastro Januário, por exemplo, que exerceu o cargo em 1851, só sabemos, até agora, que ele era escravizado de um sujeito chamado Daniel José Marques.

Daniel faleceu em 26 de maio de 1856, tendo escrito suas últimas vontades, em testamento, em 13 de maio de 1856, na cidade onde nasceu e morreu, Cachoeira. Ele era filho legítimo de Daniel José Marques e Clarinda Francisca Marques, está já falecida, e casara na Igreja Católica com Josefina Maria Pereira Marques, com quem não teve filhos. O seu inventário post-mortem não tem escravizados, consta apenas alguns móveis, uma parte da casa e terreno no caminho do Passo do Amorim (1 conto) e um terreno imediato a chácara do finado José Pereira Fortes (35\$). Daniel esteve doente algum tempo e durante esse período de fragilidade ele contraiu dívidas com várias pessoas, as quais ele fazia questão de ressarcir. Entre os indivíduos citados, apenas um tem cor, o “mulato Velocino, marceneiro”, que lhe emprestou a não desprezível quantia de 21\$640 réis.²²² O *mulato* Velocino era o *pardo* tesoureiro Velocino de Araújo Bastos que já mencionamos anteriormente. Receber um empréstimo significa uma relação de certa proximidade e mesmo duração, mas mencionar o credor pela cor trans-

²²¹ AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 56.

²²² APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, autos de inventário nº 347, 1857, Inventariante: Josefina Maria Pereira Marques, inventariado: Daniel José Marques.

parece um distanciamento e denuncia que a população daquela vila, via Velocino como um não-branco. Quiçá a relação entre Daniel e o *mulato-pardo* Velocino não tenha se estreitado através do capitão do mastro Januário, já que esses dois negros eram devotos do Rosário da Cachoeira...

O irmão Januário em duas oportunidades auxiliou na arrecadação das esmolas da caixinha da irmandade: em 30 de junho de 1851 entregou ao tesoureiro a quantia de 1\$420 réis e no ano seguinte, em 31 de julho de 1852, a quantia de 8\$540 réis. Nas duas oportunidades ele aparece como escravizado de Daniel José Marques.

Em 1866, quando o recrutamento para a Guerra do Paraguai preocupava recrutadores e recrutados, dois pardos forros foram remetidos para Porto Alegre, de Cachoeira. Eles seguiram pelo rio Jacuí em um lanchão e foram entregues em uma casa de negócios na capital da província, ficando proibidos de sair a rua até serem embarcados para o Rio de Janeiro. Eles achavam que com isso fugiriam do recrutamento feito em Cachoeira pelo Coronel Hilário Pereira Fortes, mas, na verdade, o bilhete que os acompanhou os mencionava como escravizados. Trata-se de um caso que evidencia a famigerada *precariedade da liberdade* e que não teve um horrível desfecho porque os dois irmãos pardos denunciaram o caso ao chefe de polícia, quando suspeitaram que seriam reescravizados.²²³

Os irmãos pardos forros se chamavam Liberato Francisco Marques (19 anos, solteiro, alfaiate) e João José Marques (que não sabia ao certo a sua idade, mas julgava ter 14 anos, solteiro, marceneiro). Os dois eram filhos da parda forra Maria Francisca da Conceição e naturais da cidade da Cachoeira, família escravizada de Daniel José Marques. Eles contaram que moravam como livres em Cachoeira, junto com sua mãe e uma tia e que só toparam o deslocamento para a capital com o ensejo de não marcharem para o front e citaram como testemunhas de seu alforriamento duas pessoas que já mencionamos nesse livro: Antonio Peixoto de Oliveira e Estevão Cândido de Carvalho.

Liberato e João foram desprevenidos e deixaram as cartas de alforria em Cachoeira, justamente com o sujeito acusado de tentar escravizá-los e que pedira estes documentos da mãe dos dois, a parda Maria. Mas, felizmente, os documentos de liberdade haviam sido *lançados em notas* e as autoridades conseguiram cópias dos mesmos:

²²³ APERS – Juízo Municipal e Delegacia de Polícia de Cachoeira, Processo Crime nº 3128, autora: a justiça, réu: Capitão Miguel Cândido da Trindade, 1867.

Carta de alforria de João (Pardo/Mulatinho, “2 a 3 anos”), senhor: Daniel José Marques, 18/04/1853, Cachoeira – A carta foi concedida em razão de “por esquecimento do padrinho se não assentou no batistério por liberto [...], sendo obrigado seu padrinho [Daniel Francisco Marques, filho do senhor] quando ele tenha idade mandar ensinar ao mesmo algum ofício em que para o futuro possa ganhar a sua vida ficando o dito mulatinho em companhia a seu padrinho até a idade de 21 anos e desta data em diante, quando não queira estar mais em companhia de seu padrinho poderá seguir o destino que quiser. **APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira – Livro nº 8 de Transmissões e Notas, 11.01.1859, f. 53v.**

Carta de alforria de Liberato (pardinho, 7 anos), senhor: Daniel José Marques, 18/04/1853, Cachoeira, A carta foi concedida em razão de “por esquecimento do padrinho se não assentou no batistério por liberto [...], sendo obrigado a se conservar na companhia de seu padrinho [Francisco José Marques, filho do senhor] até a idade de 21 anos, e o mesmo padrinho lhe mandará ensinar algum ofício em que para o futuro possa ganhar a vida findo este tempo se não quiser estar na companhia a seu padrinho poderá seguir o destino que lhe convier. **APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira – Livro nº 8 de Transmissões e Notas, – 11/01/1859, f. 54.**

Carta de alforria da parda Maria, senhor: Daniel José Marques (e sua mulher), 18/04/1853. A carta foi concedida com a condição de a escrava “acompanhar sua senhora enquanto ela existir, visto ela mesma a ter criado, e por morte dela não querendo estar na companhia de nenhum de seus senhores moços, pode seguir o destino lhe convier”, e em retribuição ao “bem que nos tem servido, e criado a todos os nossos filhos, com amor e desvelo próprio de uma mãe, lhe damos a sua liberdade”. A escrava foi recebida de herança da mãe e sogra dos senhores, Felícia Pires de Silva. **APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira – Livro nº 8 de Transmissões e Notas, 11.01.1859, f. 53.**

Os devotos africanos Pedro & Rogério

O passado não é inerte nem dado. As histórias que contamos sobre *o que então aconteceu*, as correspondências que discernimos entre hoje e tempos passados, os desafios éticos e políticos dessas histórias recaem no presente. Se a escravidão parece próxima em vez de remota e a liberdade parece cada vez mais esquiva, isso tudo tem a ver com nossos próprios tempos sombrios. Se o fantasma da escravidão ainda assombra nosso presente, é porque ainda estamos buscando uma saída da prisão (Saidiya Hartman. *Perder a Mãe*. 2021, p. 169).

Pedro, escravizado de David José de Barcelos, adentrou o templo consagrado a Nossa Senhora da Conceição, pedindo para ser irmão da devoção de pretos que ali se abrigava, aos 8 dias do mês de dezembro de 1843. Consta no texto da matrícula que para isso, “obteve a licença de seu Senhor”, sendo o termo assinado a seu rogo por Anastácio de Souza, porque o senhor David não estava presente ou era analfabeto.

Pedro aparece no livro de eleições como mesário em 1844, capitão do mastro no ano seguinte, juiz em 1846 e novamente irmão nos anos de

1847, 1850, 1852 e 1853. Pedro foi entronizado rei do Rosário e São Benedito dos pretos da Cachoeira em 1854. Em todos esses anos, ele sempre foi citado como escravizado de David José de Barcelos, mas em 10 de junho de 1860, esse africano devoto do ambivalente e ubíquo Rosário obteve a liberdade e o texto do documento explicitava que a senhora o despossuía “sem mais condição alguma”. A senhora Maria Constantina da Conceição era viúva de David José de Barcelos e por não saber escrever, pediu que Antônio Peixoto de Oliveira redigisse a carta e a assinasse a seu rogo.²²⁴

Logo no ano seguinte, Pedro aceitou ser reempossado na mesa diretora daquele núcleo associativo, mas pediu que seu nome fosse registrado diferente, constando Pedro David de Barcelos. A partir daí, apareceram diferentes versões do nome público ou de papel desse homem negro africano e agora liberto (CANDIDO, 1964; WEIMER, 2013). No período de 1862/1863 ele retomou a coroa, sendo chamado de Pedro Antônio José de Barcelos, em 1865/1866, consta o capitão do mastro Pedro Antônio de Barcelos e, em 1867, assumiu o irmão de mesa Pedro Barcelos. Não sabemos o nome comunitário desse africano liberto, mas ele exercitava várias denominações, fazendo de tudo para não ser citado apenas pelo prenome e certamente recusando o status de escravizado. Esses são, certamente, traços de afirmação de um homem africano liberto no precário mundo da liberdade oitocentista brasileira.

Para o nosso júbilo e encantamento de pesquisadores/as, em uma das vezes que vasculhávamos os papéis custodiados pelo Arquivo Público do Estado do RS, encontramos a mão pesada da justiça oitocentista encostada neste Capitão do Mastro, e por esta janela judiciária pudemos observá-lo com um pouco mais de detalhamento, refletindo com quem ele andava entretendo relações.²²⁵

O delegado Jacinto Franco de Godoi mobilizou os recursos a sua disposição para tentar apurar os fatos a respeito dos ferimentos, feitos em 30 de maio de 1852, um domingo, no paraguaio José Maria Ruidia. Para tanto, ele tratou de recolher ao cárcere o preto forro Rogério Pinto Bandei-

²²⁴ Assinaram a carta, junto com a viúva, os demais herdeiros do falecido David: Isidoro David de Barcelos, João Ferreira Barbosa, Miguel Pereira de Barcelos, Pacífico José de Meneses, Constantino José de Barcelos e Joaquina Idalina Pereira (APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul – Livro nº 8 de Transmissões e Notas, folha 18, 10/06/1860 – 10/06/1860).

²²⁵ APERS – Civil e Crime de Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, autos de sumário nº 2972, ferido: o paraguaio José Maria Ruidia, réus: Rogério Pinto Bandeira e Pedro, escravo de David José de Barcelos, 1852.

ra e Pedro, escravizado de David José de Barcelos, suspeitos de serem os atores das agressões.²²⁶

O primeiro a depor foi sucintamente descrito na delegacia como o *preto Sebastião, escravo de Dona Josefa*. Não dimensionamos o grau do constrangimento que o jovem Sebastião sentia, defrontado com os policiais, mas a sua narrativa transmitia verossimilhança e foi coincidente com a dos demais indivíduos negros envolvidos naquele episódico, com os quais compartilhava companheirismo. Ele narrou que estava na casa de negócios do *preto* Rogério, na qual estava também o escravizado Pedro (de David José Barcelos) e Adão (de Maria Narcisa) – “conversando antes familiarmente” – quando chegou o paraguaio José Maria, “alguma coisa embriagado” e persuadido, ao que parece, que se riam dele ou que a conversa que viera interromper era a seu respeito, principiou a “descompor com palavras injuriosas” o preto Rogério, dono da casa, o qual lhe disse várias vezes que se retirasse e ele sem se retirar sacou uma faca e desafiou-o para sair de casa. Rogério então agarrou um rebenque e saíram e o paraguaio tentou feri-lo com a faca, mas o dono da casa de negócios agarrou uma tranca e desferiu uma pancada, provocando o ferimento. Pedro então, percebendo o barulho, saiu da casa e os apartou. Respondendo aos policiais, Sebastião disse que não sabia de desavenças pretéritas entre Rogério e o paraguaio.

Sebastião, escravizado de dona Josefa Gomes dos Santos, foi irmão da mesa do Rosário da Cachoeira no ano de 1859. Ele era marceneiro, crioulo e quando tinha 24 anos de idade, a senhora Josefa passou documento de liberdade, em 7 de outubro de 1859, com a condição dele servi-la até a sua morte.²²⁷ Josefa parece ter falecido em 1874 e no seu testamento não cita mais nenhum escravizado.

Essas escrituras dos devotos do Rosário e São Benedito que disponibilizamos para a pesquisa, trazem uma gama de informações de incalculá-

²²⁶ Jacinto Franco de Godoy foi tesoureiro da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição (1862), era casado com Zulmira Fioravante de Godoy, filho legítimo de Roque Franco de Godoy e Juliana Maria de Jesus. Seu pai Roque era natural da província de São Paulo e filho legítimo de Bartolomeu Franco de Godoy e Dona Rita Pires de Moraes. Jacinto tinha uma irmã: Maria Franca de Godoy, casada com Joaquim dos Santos Carpes (APERS – Juízo de Órfãos de Cachoeira do Sul, inventário nº 257, inventariado: Roque Franco de Godoy, Inventariante: Jacinto Franco de Godoy, 1862; APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, testamento nº 62. Roque Franco de Godói fez seu testamento em Cachoeira, em 16.11.1861, “avançado de idade e temendo da morte”).

²²⁷ A senhora pediu a seu cunhado, Jacinto Lopes Falcão, que confeccionasse a carta e assinasse a seu rogo (APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul – Livro nº 8 de Transmissões e Notas, 23.01.1860, f. 108v).

veis potencialidades e que demandarão outras pesquisas, de outros pesquisadores e pesquisadoras. Percebe-se que esses registros nos fazem navegar pelas moveidas áreas das práticas da nomeação e das fronteiras porosas entre escravidão e liberdade. No ano anterior ao do documento de liberdade, Sebastião Gomes dos Santos assume como irmão de mesa, para o período de 1857/1858, mas no ano seguinte consta o capitão do mastro Sebastião, ainda escravizado de Dona Josefa. A partir de 1872 aparece um Sebastião Domingos dos Santos, irmão de mesa em 1872/1873/1874/1875/1876, e andador em 1879/1880. Pelo que percebemos, os andadores eram, geralmente, indivíduos ainda escravizados ou forros. Seriam a mesma pessoa ou apenas gostaríamos que fosse? Por vezes as “fabulações críticas” (HARTMAN, 2020 e 2021) e a imaginação histórica ou controlada (CHALHOUB, 1990, p. 18; GINZBURG, 1991) nos levam encantados por labirintos nominativos, deliciosos de percorrer, mas cheios de armadilhas e frustrações.

Aquele entrevero de 1852 ocorreu em um domingo, dia *santo* no qual os senhores costumavam liberar seus escravizados e escravizadas, os quais se dedicavam a afazeres próprios, trabalhando, descansando, bebendo, rezando, namorando. A casa de negócios do preto Rogério era um espaço frequentado por indivíduos afro-diaspóricos, onde eles exercitavam seus pertencimentos, suas africanidades, suas masculinidades, suas memórias. O próximo a depor, depois de Sebastião, foi o *preto* Adão, de Maria Narcisa, o qual também estava naquela tasca, com Rogério, Pedro e Sebastião, “em ocasião que conversavam com o preto velho *chamchão*”. Adão é o único a mencionar esse preto velho, que passa pela narrativa incólume, sem atrair a atenção dos meganhas. Adão repete quase sem nuances a narrativa de Sebastião: chegou o paraguaio alcoolizado interrompendo a conversa recheada de risadas, que erroneamente achou que eram sobre ele e passou a ofender Rogério, o qual, mesmo insultado, “procurava com boas maneiras convencê-lo”, mas o paraguaio atacou-o com uma faca, recebendo duas pancadas com a tranca em um braço.

Duas testemunhas que não estavam no interior da casa de Rogério foram arroladas. Eram vizinhas de Rogério e os depoimentos transparecem que mantinham boas relações com ele. O carpinteiro português José Pereira Guimarães, *branco* e de 42 anos de idade disse que estava em sua casa e ouviu *bulha* na casa de seu vizinho, o preto Rogério, e foi ver o que era, vendo na rua o paraguaio no chão ferido e o preto Rogério dando-lhe uma bordoadada, mas imediatamente voltou para dentro de casa. Não sabia

de desavenças entre os contendores, os quais eram até amigos, e que atribuiu isso a embriaguez do paraguaio.²²⁸

A parda Micaela Antônia do Amorim era solteira, tinha 40 anos de idade, nascera na vila da Cachoeira e vivia de seu trabalho. Ela estava na casa da testemunha acima e ouviu *bulha* na casa do preto Rogério, “que é ali muito próximo”, viu a agressão e correu a dar assistência ao ferido, trazendo-o para a casa de Guimarães, mas não sabe o motivo da briga. Ou seja, se o português carpinteiro assistiu pelo menos parte da briga e entrou para a sua casa sem querer se intrometer, e se os pretos Pedro e Rogério voltaram para o interior da casa de negócio, coube a parda Micaela recolher o paraguaio do chão e assumir o seu *cuidado*.

Pedro se apresentou como escravizado de David José de Barcelos, com 30 anos de idade, casado, e em um depoimento disse que *vivia de seu trabalho* e em outro que trabalhava no que lhe empregava seu senhor.²²⁹ Afirmou e reafirmou que era natural da costa da África, que *não sabia o nome de seus pais* e que vivia naquela vila a 14 anos. Não repetiremos a sua versão do entrevero, porque ele praticamente repetiu o que disseram Sebastião e Adão. Na sua narrativa, o que destacamos, é que ele insistentemente referencia o preto Rogério como *seu compadre*, repetindo isso pelo menos cinco vezes, talvez querendo evidenciar para os policiais, que naquela casa de negócio existia parentesco, em um clima de afeto e familiaridade, portanto, nada de anomia social. Aliás, combinando com a versão do preto Sebastião, que afirmou que, antes da chegada do *espiritualizado* paraguaio, aqueles homens negros estavam “conversando antes familiarmente”.

Mas a atenção do delegado foi atraída para o dono daquela casa de negócio, o qual as testemunhas reconheciam ter dado com uma tranca no paraguaio. Nos dois depoimentos que deu, Rogério Pinto Bandeira disse ter 35 anos de idade, que era casado, e que vivia de um pequeno negócio

²²⁸ O português Joaquim José Pereira Guimarães escreveu seu testamento em 02.03.1864, apresentando-se como filho legítimo de José Pereira Guimarães e Ana Maria, já falecidos, casado com Ana Joaquina, com quem teve 3 filhos: Joaquim, Antônio e Josefa (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, Testamento nº 65).

²²⁹ Talvez Pedro tenha casado duas vezes. Em 7 de outubro de 1844 o padre Homem de Oliveira casou o congo Pedro, com a crioula Josefa, ambos escravizados de David José de Barcelos, sendo o casório testemunhado por José do Prado Lima e Ludovico Martins Pinto. Em 31 de janeiro de 1871 casaram Pedro David de Barcelos (natural da Costa da África) com Maria Joaquina da Conceição (filha legítima de Demião Xavier), sendo testemunhas José Joaquim Cidade e Claudino Moura (AHCMCS – Livro nº 3 de casamentos (1823-1849), Livro de Casamentos nº 4, 1849-1881).

que tinha e de seu trabalho (“vivia de seu trabalho e de seu negócio”). Como se vê, ele não se apresentou como negociante ou comerciante, demonstrando consciência de que as autoridades não lhe dariam prestígio social suficiente para se apresentar assim ou também pelas reduzidas dimensões de seu empreendimento, que não lhe isentava de ter que *viver de seu trabalho*. Quanto a sua filiação e origem, ele nos brinda dizendo que “não sabia o nome de seus pais, por ter vindo muito pequeno de sua terra” e que era natural da Costa da África, “de um lugar que lhe chamam munjóllo”.

Quanto a briga e ao seu cenário, o dono da casa de negócio diz que conhecia as testemunhas a muito tempo (principalmente seu *compadre* Pedro) e que inclusive se dava muito bem com o paraguaio, mas naquele dia ele chegou e o descompôs, atacando-o com uma faca, e ele se defendeu com uma tranca, batendo-lhe em um braço para desarmá-lo. O delegado Jacinto implicou com Rogério Pinto Bandeira e talvez querendo punir aquele antro de autonomia negra que ele mantinha, o considerou incurso nas penas do artigo 201 do Código Criminal do Império:

SEÇÃO IV – Ferimentos, e outras offensas phisicas

Art. 201. Ferir ou cortar qualquer parte do corpo humano, ou fazer qualquer outra offensa phisica, com que se cause dôr ao offendido.

Penas – de prisão por um mez a um anno, e multa correspondente á metade do tempo.

Rugério Pinto Bandeira sabia do risco que seu pequeno negócio corria com a sua ausência, mesmo que por um curto período, por isso oficiou (através de Francisco da Silva Lemos) ao Juiz Municipal e Delegado Jacinto, dizendo que estava sendo julgado preso por um “ferimento leve” que fizera em José Maria Paraguai e por isso pedia para responder em liberdade, pagando fiança.²³⁰ Rogério fez bem em pedir a sua liberdade afiançada, pois o júri se reuniu apenas no ano seguinte, em 1853, no dia 1º de abril. Os

²³⁰ Código do Processo Criminal (29.11.1832) – Capítulo VIII – Das Fianças. [...] Art. 101. A fiança não terá lugar nos crimes, cujo máximo da pena for: 1º morte natural: 2º galés: 3º seis anos de prisão com trabalho: 4º oito anos de prisão simples: 5º vinte anos de degredo. Testemunhando em um processo de 1848, Francisco da Silva Lemos disse ser viúvo, morador em Cachoeira, natural do Reino de Portugal, com 30 anos, viver do comércio e assinou o depoimento. Em 1857 foi investigado o tiro recebido pelo pardo Sebastião, escravizado de Francisco da Silva Lemos, disparado acidentalmente pelo preto Januário (de Gaspar Juvêncio de Loreto), quando conversavam na frente da casa de negócio do *velho* Antônio Sampaio (APERS – Juízo Municipal de Rio Pardo, Caixa: 007.0032, Processo criminal nº 4647, Queixoso: Manoel Ribeiro de Barroza Viana, réu: o juiz municipal Antônio Francisco de Carvalho, 1848; APERS – Delegacia de Polícia de Cachoeira, Autos de sumário crime nº 3033, autora: a justiça, 1857).

jurados ouviram a leitura dos autos e, acompanhados dos quesitos propostos pelo juiz, se enclausuraram em uma sala, vigiados por um oficial de justiça, que ficou postado na porta.

O júri se aferrou a uma versão específica, na qual aqueles juízes de fato votaram sempre unanimemente: Rogério Pinto Bandeira fez o ferimento, mas “cometeu o crime em defesa de sua pessoa”, tendo “certeza do mal que se propôs evitar” e com “falta absoluta de outro meio menos prejudicial”, sem que houvesse “provocação ou delito da parte do réu que ocasionasse o conflito”. O juiz Francisco Pereira Monteiro, então, absolveu o réu, que pôde voltar a cuidar de seu pequeno estabelecimento.

A casa do preto forro Rogério Pinto Bandeira, que talvez se confundia com a sua casa de negócios, foi palco de outro acontecimento delituoso e sanguinolento, mas desta vez ele foi apenas testemunha dos fatos.²³¹ Chamado para apurar os fatos, o Juiz de Paz do 2º distrito da Cachoeira, Carlos Augusto Nogueira da Gama, organizou um auto de corpo de delito, em 18 de janeiro de 1846, para examinar o cadáver de Tomás Batista Magalhães. Isso ocorreu no interior da casa do preto forro Rogério, “que foi do falecido Manoel Carvalho da Silva”, no passo do Capané. O arroio Capané rega o município da Cachoeira, sendo “tributário da margem direita do rio Jacuí [...] Nasce perto do arroio Vargas e próximo à serra de Santaninha ou do Quintana e conta um curso aproximado de 14 léguas” (FARIA, 1914, p. 86). Como não havia facultativo no local, o juiz recrutou como perito um sujeito chamado Antônio Rodrigues Florence, que encontrou no cadáver um ferimento causado por um tiro na altura do umbigo, a “queima buxa”. Assim, o documento ficou permeado do vocabulário rural corriqueiro, sendo a tradução da expressão provavelmente uma referência a ser um tiro disparado de pequena distância, junto ao estômago.

De posse do auto de corpo de delito, o juiz de paz encaminhou o documento ao juiz municipal, informando os indivíduos que deveriam ser chamados a depor, por terem presenciado a alteração – o “preto Baiano, que se acha preso, o Índio Lourenço, o Preto Rogério, a Xina Maria, o crioulo Inácio, de Alexandre Guedes, que dizem estar forro”. Assim, os habitantes daquele fogo foram devidamente racializados pela autoridade pública, mostrando como era percebido como um insidioso e ameaçador

²³¹ APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul, Comarca de Rio Pardo, Sumário crime nº 2915, Autora: a justiça, réu: José Rodrigues, 1846.

antro de convergência de experiências diaspóricas, perigosíssimo justamente por sedimentar essas experiências sociais que deveriam ser marcadas pela transitoriedade. Tratava-se, como esses nomes e seus qualificativos denunciavam, um fogo pluriétnico.

O primeiro a depor foi, justamente, o responsável por aquele fogo. Rogério disse não ter reconhecido o assassino, por estar de noite e chovendo, mas ele montava cavalo *ouveiro*²³², vestia ponche azul e chapéu branco, e ele supunha ser José Rodrigues, “por ter prometido ao morto de o matar com uma bala”, e que o preto Manoel Gregório, morador na casa do Tenente Joaquim Antônio Rabelo, também sabia disso.²³³

Os testemunhos seguem na direção da versão de Rogério, parecendo que todos optaram em não comprometer ninguém diretamente, talvez tentando privatizar a resolução do conflito, mantendo distância das autoridades, sendo as descrições bastante vagas. O casal de guaranis Lourenço Maria e Maria Margarida, que morava naquela mesma casa, disse que apareceu um vulto de pé na parte da cozinha, do lado de fora, e nesse momento o falecido Tomás Batista pediu-lhes uma faca e saiu da casa, levando o tiro.²³⁴

Os dúbios depoimentos acima se cruzaram com os de dois outros depoentes, que afirmaram contundentemente que o réu José Rodrigues não havia saído naquela noite da casa em que morava. O alemão João Jacob, analfabeto e com 66 anos de idade, afirmou inclusive que ele e o réu tinham passado a noite tocando viola. O juiz, então, mandou soltar José Rodrigues, em 29.02.1846, e o crime, aparentemente, ficou impune.

O preto Rogério Pinto Bandeira, dono da casa em que o crime ocorreu, naquela noite chuvosa, se apresentou para as autoridades (e para nós!) como casado, natural da Costa da África e que tinha 40 anos de idade, cinco anos a mais do que declarou naquele processo de 1852. A questão da diferença etária não nos fez questionar serem dois Rogérios diferentes, mas apenas explicita a diferença da contagem dos anos de vida nas culturas africanas e no Brasil escravista e o violento trauma causado na mente de uma criança pela violência do tráfico transatlântico.

²³² Oveiro: “Diz-se do animal que tem o pelo do corpo de uma cor com malhas ou manchas de outra. As manchas parecem um remendo sobre o pelo” (BOSSLE, 2003, p. 363).

²³³ Manoel Gregório da Silva: preto, solteiro, soldado do 2º Batalhão de Caçadores, 36 anos, não sabia ler nem escrever.

²³⁴ Lourenço Maria e Maria Margarida disseram morar no 2º distrito da Cachoeira, serem naturais de Missões, de nação guarani, com 40 anos de idade, analfabetos e que viviam de seus trabalhos. Lourenço afirmou ser casado e Maria disse que era viúva, assim, supomos que estivessem envolvidos em uma relação familiar consensual de amasiamento.

Mas as fontes, quando escutadas corretamente (e com alguma dose de sorte), nos trazem saborosas e substanciais migalhas. Como apontamos acima, o juiz de paz Nogueira da Gama, no verão de 1846, denunciou o crime ocorrido na casa do preto forro Rogério, “que foi do falecido Manoel Carvalho da Silva”, no passo do Capané. Com essa informação gentil e gratuitamente fornecida por aquela autoridade, voltamos aos registros cartoriais e encontramos a alforria passada por Manoel Carvalho Silva ao preto Rogério, então descrito com 23 anos de idade, em 7 de novembro de 1841, com a condição do escravizado servir até a morte do seu senhor.²³⁵

O irmão Rogério Pinto Bandeira aparece duas vezes nas escrituras da tesouraria da irmandade recolhendo esmolos, sempre entregues ao tesoureiro Antônio dos Santos Falcão. Em 30.11.854 a quantia foi de 10 mil réis – “do rendimento das Esmolas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão Rogerio Pinto Bandeira” – e em 30 de junho de 1855, de 8 mil e 200 réis. Não temos o termo de entrada ou matrícula do irmão Rogério, mas acreditamos que ele assumiu como rei em 1844 e irmão de mesa no ano seguinte. Ele voltou para a mesa da irmandade dos pretos da Cachoeira em 1847, 1848, 1850, 1854, 1855, 1856, 1864, 1865, e 1866. Quando assumiu a coroa em 1844 e também na eleição do ano seguinte, ele aparece nos livros como Rogério Carvalho, mas, a partir de 1847, ele passa a ser chamado de Rogério Pinto Bandeira. Os sobrenomes – Carvalho e Pinto Bandeira – talvez possam ser tomados como indicativos nominais da proximidade e distanciamento desse *preto forro* com a ex-família senhorial e da tutela que teve que aceitar durante um certo lapso de tempo e da autonomia que finalmente conquistou.

Já tratamos de Manoel Carvalho da Silva no nosso primeiro livro relativo a irmandade dos *pretos* da Cachoeira. Segundo declarado e anotado na Relação de Moradores de 1784, o Tenente Manoel Carvalho da Silva vivia da criação de animais em duas léguas de terreno de comprido e légua e meia de largo, propriedade comprovada por documento passado pelo Governador José Marcelino de Figueiredo, em 03.04.1780. Além disso, apresentou três papéis de venda de campos, passados por Domingos Martins Pereira, o Tenente Alexandre Luiz de Queiroz e de Nicolau Inácio da Silveira e sua mulher.²³⁶ Na casa deste tenente, como já vimos, foi realizado o

²³⁵ APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul – Livro nº 4 de Transmissões e Notas, 20.11.1841, f. 22v.

²³⁶ AHRS – Fazenda, F-1198.

primeiro casamento de Cachoeira, em 10 de novembro de 1779, dos africanos José e Bárbara, seus escravizados.

Encontramos outros habitantes das senzalas do capitão Manoel Carvalho da Silva nos quadros da irmandade do Rosário da Cachoeira. Em 1º de setembro de 1812 tornou-se devoto do Rosário, João Lirio, escravizado do Capitão Manoel Carvalho, que pagou assiduamente todas as suas taxas até 1828, falecendo em 14 de outubro de 1835.

Aos 27 dias do mês de dezembro de 1822 foi até a matriz da Conceição da Cachoeira para pedir ingresso na irmandade dos pretos da Cachoeira o negro Manoel, escravizado do Capitão Manoel Carvalho da Silva. Ele pagou as taxas regulares até 1862, quando faleceu, constando que continuou “em seu lugar, a sua mulher Januária, escrava de Dona Florinda. Pagou até 1864”²³⁷. Manoel assumiu como irmão de mesa em 1827/1828, 1833, 1836, 1837 e 1846, sempre como escravizado, nos dois primeiros mandatos do capitão Manoel Carvalho e nos seguintes da sua viúva Flauviana. No seu mandato como capitão do mastro, em 1850, ele já aparece como liberto, alcunhado de Manoel Carvalho, seguindo assim como irmão de mesa nos anos de 1851, 1852 e 1853.

O crioulo Manoel Carvalho, Capitão do Mastro em 1850, foi alforriado por Flauviana Flora de Carvalho Prates (viúva do Capitão Mor Manoel Carvalho da Silva) em 28.12.1838, com a condição dele servir até a morte da senhora, em retribuição aos bons serviços prestados. Como a senhora era analfabeta, pediu que José Rodrigues de Moraes a fizesse e assinasse a rogo.²³⁸

Em 10 de agosto de 1850, durante o rigoroso inverno sulino, foi conduzido a pia batismal da Igreja da Conceição, no centro da vila da Cachoeira, o inocente Rugério, nascido em 31 de abril daquele mesmo ano, fruto natural do ventre da crioula Juliana, escravizada por Felisbina Maria do Rosário. O padre Antônio Homem de Oliveira conduziu a celebração daquele importante sacramento e ao seu lado estavam os padrinhos, o casal de pretos forros Rogério Pinto Bandeira e Severina Maria. O nome do bati-

²³⁷ O forro Manoel e a escravizada Januária casaram na matriz da Conceição da Cachoeira em 24 de outubro de 1852, sendo a cerimônia ministrada pelo Vigário José Tavares de Bastos Rios (AHCMCS – Livro de Casamentos nº 4, 1849-1881, folha 22v).

²³⁸ APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 4 de Transmissões e Notas, 23.06.1845, folha 119v. Pelo testamento do irmão do falecido senhor de Rogério, Felipe Carvalho da Silva (de 24.09.1832), sabemos que eles eram filhos legítimos do Capitão Manoel Carvalho da Silva e de Dona Faustina Pires, ambos já falecidos (APERS – Juízo Municipal da vila do Rio Pardo, Petição nº 40, Desistente: Flaubiana Flora de Carvalho Prates, 1835).

zando devia ser uma homenagem a seu padrinho.²³⁹ Na mesma igreja, mas no verão, aos 7 dias de janeiro de 1854, casaram Manoel Gonçalves da Trindade e Cândida Marcolina da Conceição. Noivo e noiva foram descritos como pretos e forros, sendo Manoel africano e Cândida natural desta mesma freguesia. Testemunharam aquele enlace, os indivíduos Pedro Ferreira Álvares e Rogério Pinto Bandeira.²⁴⁰

O rei do Rosário e São Benedito Rogério Pinto Bandeira, naquele entrevero ocorrido em sua casa de negócio, em 1852, quando foi chamado a delegacia, forneceu para as autoridades públicas impressões interessantes sobre a sua afro-diasporidade. Como já citamos acima, ele contou para aqueles homens brancos que o interrogavam que ele “não sabia o nome de seus pais, por ter vindo muito pequeno de sua terra” e que era natural da Costa da África, “de um lugar que lhe chamam munjôllo”. Munjolo ou Monjolo era um local no norte do reino do Congo, o que localiza Rogério na nação banto.²⁴¹ Essa informação específica dos lugares de origem e nascimento não é comum de encontrar nos arquivos da escravidão e do tráfico, por isso nos alegra muito encontrar. Processado em 1851 por agressões físicas cometidas contra a preta Umbelina, o escravizado João, do padre Antônio Homem de Oliveira contou que ignorava quem eram seus pais e não estava certo da sua idade, sendo natural de Moçambique, natural de Quilimane.²⁴²

Que espécie de memória seletiva percebemos nestes casos? É possível, mesmo para uma criança, esquecer o nome dos pais, mas manter a recordação do nome do local onde nascera? Pesquisando as experiências afro-diaspóricas da mina-nagô Maria Rita, que viveu na vizinha Rio Pardo, a historiadora Bruna Letícia de Oliveira dos Santos chama a atenção de que em seu depoimento na justiça, esta africana disse para as autoridades brancas que não sabia o nome de seus pais, “por não terem sido batizados”.

A primeira possibilidade de interpretação que nos vem à cabeça é: se ela conhecia o nome dos pais, quis preservar aquilo que, talvez, de mais íntimo

²³⁹ AHCMCS – Livro 2º de Batismos de Escravos – 1847/1852 – Cachoeira do Sul. Só temos uma Severina recebendo alforria, a qual foi registrada em cartório. A escravizadora Maurícia Clara Oliveira passou carta de alforria para a crioula Severina, em 04.09.1843, em Capané, concedida mediante pagamento, pela escravizada, de 256\$ réis “e não lhe passo a Carta de Liberdade por não haver na ocasião quem saiba passar, o que farei logo que chegue em lugar que possa fazer” (APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 4º de Transmissões e Notas, 20.11.1841, folha 22v; 1º Tabelionato de Cachoeira – Livro 4º de Transmissões e Notas, folha 77v).

²⁴⁰ AHCMCS – Livro de Casamentos de Cachoeira do Sul nº 4, 1849-1881, folha 35r.

²⁴¹ CASTRO, 2001, p. 289; LOPES, 2004, p. 446; SWEET, 2003, p. 36; SCHERER, 2008, p. 110.

²⁴² APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul, comarca de Rio Pardo, processo nº 2967, queixosa: Inocência Maria Pacheco, Indiciado: João, escavo de Manoel Homem de Oliveira, 1851.

lhe pertencesse antes da escravização, sendo essa uma possível forma de lidar com o trauma do tráfico e da condição social que havia a privado de si mesma. O fato dela não reconhecer os seus pais pelo nome de batismo, ou seja, nomes portugueses, poderia servir como um elemento de ligação ao seu lugar de origem e a condição de não escravização. Neste sentido, o importante é perceber que ela sabia quem eles eram e isso a remetia a um passado próprio na reconstrução/preservação de identidade. Do mesmo modo, não dizer o nome deles era reivindicar humanidade diante dos homens das leis escravocratas e poderia ser uma estratégia para que não tomassem dela quem ela era. O que pode evidenciar que Maria Rita vivia nesta margem do atlântico ligada à outra, onde estava preservada a sua humanidade. Desse modo os nomes iorubás que lhe pertenciam possuíam um significado de liberdade e por isso ela não compartilhava com quem não estabelecia relação de pertencimento (SANTOS, 2020, p. 78/79).

A historiadora afro-americana Saidiya Hartman em seu livro – *Perder a mãe. Uma jornada pela rota atlântica da escravidão* (2021) –, entrelaça várias provocações sobre diálogos possíveis entre memórias e esquecimentos, desde a escravização e a diáspora transatlântica até o presente. Segundo ela, os escravistas procuravam fomentar o esquecimento e a amnésia entre os escravizados, pois assim seriam melhor controlados e não amaldiçoariam os seus algozes. Cruzar algumas matas e rios, dar a volta em torno de certas árvores, a ingestão de plantas específicas, induziam ao esquecimento aos que tomavam o caminho do degredo escravista.

Todos os locais na África Ocidental que traficaram escravos, possuíam seus próprios *Lethe* – rios e córregos cujas águas faziam os escravos esquecerem o seu passado, densas matas que enganavam antigas memórias numa teia de folhas e pedras que obstruíam a entrada do passado, amuletos que ensurdeciam um homem quanto à língua-mãe e santuários que podavam e apartavam o tempo de forma que somente o agora era o que restava (HARTMAN, 2021, p. 197).

Nestas explicações e intenções que partiam dos corações e mentes dos escravizadores e traficantes, o esquecimento era sempre induzido, não uma opção: “nunca a cativa optou por esquecer; ela era sempre induzida, enganada ou enfeitada para esquecer. Amnésia, como um acidente cerebral ou um golpe de má sorte, não era nunca um ato voluntário” (HARTMAN, 2021, p. 196). Mas vejamos, entre todas as pessoas envolvidas nesse complexo processo de escravização e violência racializada, – “o escravo parecia a única pessoa que deveria desconsiderar o próprio passado” (HARTMAN, 2021, p. 195).

Mas as pistas que recolhemos nos depoimentos dados na justiça por africanos escravizados ou já forros, parecem ecoar uma memória que era

seletiva com relação ao público com quem ela era compartilhada. O ato enunciativo da recordação e do deslembro dependia dos espaços em que se davam, e se estruturavam com um componente sensivelmente dialógico. Ou seja, certos espaços evidentemente provocavam as lembranças e estimulavam as revivências das experiências passadas, através do acionamento das memórias, muitas delas cautelosamente enterradas como forma de sobreviver aos traumas afro-diaspóricos. Esses espaços podiam ser terreiros, quilombos, a tasca do africano Rogério Pinto Bandeira, o consistório da irmandade dos pretos da Cachoeira, etc. Nesses lugares de memória, esses indivíduos contrariavam as expectativas e investimentos em seu deslembro e exercitavam o fraterno (e doloroso) recordar, mas coletivamente. Os nomes dos pais não se enunciavam na frente de qualquer um.

* * * * *

O que nos impele a pensar que a feitura do mastro era responsabilidade dos capitães respectivos, é que nos livros de receita e despesa existem poucas referências a respeito deste objeto, parecendo ser encargo que raramente onerou a tesouraria da irmandade. No livro da tesouraria de 1834 a 1863, a palavra mastro ou a expressão capitão do mastro aparece apenas duas vezes. A primeira em 2 de agosto de 1858, quando o capitão do mastro Francisco Antônio da Cunha pagou a joia relativa ao seu cargo na diretoria da irmandade, no valor de 2 mil réis. A segunda foi apenas em 2 de fevereiro de 1863, quando o tesoureiro Francisco Gonçalves da Fontoura gastou seis mil réis em vários quesitos – “pintura de trinta e seis tochas de pau e seis cabos de lanternas e um mastro de guião e de uma astia da cruz”. Já no livro da tesouraria ou receita e despesa de 1863 a 1875, localizamos quatro menções ao mastro e ao seu capitão. Em 16 de março de 1864 o tesoureiro Estevão Cândido de Carvalho anota ter gastado 800 réis com a “compustura do mastro do guião da irmandade”. Em 20 de setembro de 1865, o tesoureiro Rafael Pinto Bandeira anotou o gasto de 2\$800 réis, “com o levantar do Mastro para a Festa, por não se achar no lugar o Capitão do Mastro”. No mesmo ano, em 29 de outubro, o mesmo tesoureiro teve que arcar com a despesa de 800 réis “com o arrancar o Mastro da Irmandade”. Em 18 de abril de 1873, o tesoureiro Velocino de Araújo Bastos despendeu 640 réis “para tirar-se o Mastro de Nossa Senhora”.

A ausência do capitão de mastro Marcos José do Canto da cidade, em 1865, permite percebermos que era realmente responsabilidade dos indivíduos que assumiam este cargo o levantamento do mastro. Se esse obje-

to era confeccionado todos os anos ou se era reutilizado, não temos como saber. Mas na descrição das alfaias da irmandade que consta na ata da mesa diretora, em 6 de janeiro de 1852, encontramos “úma Bandeira do mastro com o retrato de úma parte de Nossa Senhora do Rozario, e da outra o retrato de Sam Benedicto”, assim sabemos o que constava no cimo daquela importante peça, erigida como passo primordial da festa. Essa bandeira deveria ser abençoada pelo padre no início da festa, talvez após a celebração da missa específica, como veremos a seguir.

O dilema em captar as nuances das atividades sob a responsabilidade do capitão de mastro foi suavizado com a gentileza e competência do historiador Vinicius Pereira Oliveira. Esse professor do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, IFSUL (Pelotas) desenvolve o projeto de pesquisa “Agô: uma análise histórica sobre as religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul: séculos XIX e XX” e entre as fontes orais e de arquivo que tem manejado, Vinicius acessou o acervo do folclorista Carlos Galvão Krebs. Nesse acervo privado consta um encarte da Revista da Globo, em seu número de 20 de fevereiro de 1954, com um artigo do também folclorista João Carlos Paixão Cortes, intitulado – “Quicumbi. Uma dança secular afro-rio-grandense revivida em uma localidade no interior do município de Taquari”.

Paixão Cortes inicia o seu artigo lembrando o 1º Congresso Nacional de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, “quando se reuniram estudiosos de nossos motivos populares vindos do norte, centro e sul do Brasil”, sendo o Rio Grande do Sul representado pelo “35 – Centro de Tradições Gaúchas”.²⁴³ Nesse evento, segundo Paixão Cortes, foi possível perceber “pela primeira vez” a “perfeita distinção entre as características das danças rio-grandenses e das nortistas, não só por intermédio de seus instrumentos, como também quanto aos motivos coreográficos”:

As danças gaúchas caracterizam-se principalmente por dois aspectos: o respeito à mulher e a teatralidade do dançarino, enquanto que as nortistas, de um modo geral, pela sensualidade e por uma figura coreográfica de indiscutível procedência africana – a umbigada. Essa distinção deve-se especialmente a contribuição dos elementos étnicos que mais influíram na formação do tipo brasileiro.

Membro de uma geração de pesquisadores que invisibilizou a presença negra no Rio Grande do Sul, Paixão Cortes defendia “a ausência da contribuição direta do negro nas canções e danças gaúchas”:

²⁴³ Sobre Paixão Cortes e o tradicionalismo, ver: NEDEL, 2005.

Talvez a contribuição do índio tenha sido maior do que a do próprio negro, pois praticamente foi insignificante a quantidade de negros que para aqui vieram, em comparação com a de outras regiões do Brasil. Isso se justifica até certo modo, pela facilidade com que se executou a abolição dos escravos entre nós. Enquanto em outras capitanias o índio não dava conta do serviço de lavoura, fazendo com que os senhores proprietários reclamassem a importação de escravos da África, o índio se adaptou aqui à principal indústria da terra e se tornou um elemento útil.

Óbvio que o pensamento que defendia esta esparsa presença negra no Brasil meridional já foi criticado ao longo das últimas décadas, principalmente pelo esforço dos movimentos sociais negros e pelas pesquisas acadêmicas e não-acadêmicas (LEITE, 1996 e 2004; BARCELLOS e outros, 2004). Mas a própria realidade tratou de desmentir os argumentos desse folclorista, que ao viajar pelo *hinterland* foi abalroado pela cultura afro-católica. Isso ocorreu em Bom Retiro, então distrito de Taquari, em 1951.²⁴⁴ Segundo Paixão Cortes, ali ele encontrou “em plena colônia alemã, uma manifestação africana”.

O folclorista então registrou aquele quicumbi mediante a observação das atividades que ali se desenrolavam e de entrevistas, dando destaque ao seu Paulino da Rosa, que com seus 70 anos de idade, era chamado por ele de “reliquia humana”!

O senhor Paulino da Rosa contou como aquelas *concentrações* ocorriam em Taquari, durante as festas de Nossa Senhora do Rosário, reunindo irmandades dos municípios de Triunfo, Santo Amaro, Osório, Rio Pardo, Venâncio Aires.

Nas datas festivas, para as danças do Quicumbi, os figurantes compunham-se dos seguintes elementos: 12 “dançantes”, 12 irmãos da opa, 1 procurador, uma “juíza do ramo”, um “juiz e uma juíza da vara”, um alferes da bandeira, um “capitão do Mastro”, o “Rei do Congo” e “Rainha Ginga”.

Segundo ele, o capitão do mastro “levava uma faixa colorida à ‘meia ‘espalda’”. Os ensaios e preparativos começavam dois ou três meses antes da data específica, mas a festa começava mesmo 8 dias antes:

[...] com a implantação de um mastro de cerca de 35 palmos de altura, todo colorido (branco, verde e vermelho), o qual deve ser enterrado a 30 palmos de distância da porta principal da paróquia. Depois de uma série de soleni-

²⁴⁴ A cidade de Bom Retiro do Sul emancipou-se de Taquari em 31 de janeiro de 1959. Sobre a presença negra em Taquari, ver: PIRES, 2021; CHRISTILINO, 2004; MOREIRA; MUGGE; SCHEFER, 2019.

dades, o cura benze um quadro de Nossa Senhora do Rosário, o qual é hasteado no Mastro.

No dia da festa, Paixão Cortez descreve os tambores e pandeiros e como a comitiva da irmandade ia até a igreja assistir a missa, ocupando lugares pré-determinados. Na saída da missa, o padre “abençoava a irmandade do Rosário e solenemente coroava o ‘Rei do Congo’ e a ‘Rainha Ginga’” e as danças seguiam na frente da Igreja e em volta do mastro.

* * * * *

As mãos que falquejavam, enfeitavam, carregavam e alevantavam os mastros eram calejadas, acostumadas ao trabalho duro manual na madeira. Eram mãos negras habilidosas, que conheciam a arte de escolher a madeira, falquejá-la e enfeitar o mastro. A forma natural como modelavam a madeira, talvez permitisse que eles acompanhassem os movimentos com rezas repetitivas. Começamos o livro com o *levantamento* da forca e aqui valorizamos e tentamos conhecer aqueles que *alevantavam* o mastro. A forca era o símbolo da dor e do despotismo racializado, e não era à toa que as autoridades não a deixavam o tempo todo ereta, pois ela transmitia muito sofrimento e revolta. Já o mastro acionava a fruição negra da festa, o coletivo que graciosamente bailava e orava, conectando ancestralidade e os desejos de um futuro sem cativo e racismo.

AS RECEITAS & DESPESAS DOS PRETOS DA CAXOEIRA

Por meio de pesquisas realizadas no Museu Municipal Edyr Lima e no Arquivo Histórico de Cachoeira do Sul tivemos acesso aos livros de escrituração da Irmandade do Rosário e São Benedito dos pretos da Vila da Cachoeira. Dentre esses livros, estão os registros de receita e despesa, ou seja, os códices onde eram anotadas as transações relativas ao gerenciamento econômico dessa associação religiosa. Esses códices passavam por inspeções de autoridades públicas, portanto, tinham que ser criteriosamente preenchidos, com os registros individuais das saídas e entradas de recursos e com fechamentos sempre que eram eleitas novas mesas diretoras e, com elas, novos tesoureiros e secretários.

Estes dois livros manuscritos foram transcritos, sendo posteriormente revisada a transcrição paleográfica. Percebemos, então, a riqueza do material que tínhamos em mãos, já que ele nos indicava através daqueles lançamentos contábeis o cotidiano daquela associação, com os irmãos e irmãs tentando equilibrar as receitas e despesas e planejando como se daria a arrecadação das rendas e os respectivos gastos. Todas essas transações econômicas demandavam acertos internos e externos, tornando obrigatórias habilidades políticas que equilibrassem os dissensos e consensos entre os irmãos e irmãs, mas também competências mercantis na negociação com comerciantes, fornecedores e trabalhadores especializados diversos. Essa irmandade era, portanto, além de um espaço de devoção e manejo identitário, uma escola de aprimoramento e transmissão de habilidades imprescindíveis a qualquer associativismo: a argúcia em ouvir as opiniões alheias e saber opinar, a compreensão das etiquetas do convívio social, o aprendizado das eleições, a escolha dos gastos e a parcimônia na utilização dos limitados recursos, o bom desempenho das funções de irmãos e irmãs de mesa e dos respectivos cargos, o contato com autoridades públicas, etc.

Os livros de Receita e Despesa das escriturações dos pretos da Cachoeira não desvelam somente as estruturas financeiras de uma associação privada, pois a irmandade do Rosário e São Benedito foi responsável pela

circulação, acumulação e manutenção de parte da economia eclesial e civil da vila oitocentista da Caxoeira. Entre as compras de caixões, tochas, tecidos, opas, o aluguel de catacumbas, mastros, músicos, o valor obtido por meio da doação de esmolas, os pagamentos de irmãos e irmãs, a confraria negra cachoeirense movimentou a economia colonial e imperial local. De acordo com o historiador Gilian da Silva (2019, p. 213), “todas as rendas e despesas [anotadas nos livros de irmandades leigas] eram obrigatoriamente conferidas pelo tesoureiro e escrivão, que prestavam contas ao provedor e aos demais membros da Mesa dirigente”. Porém, as irmandades também mantiveram algumas especificidades financeiras. No que se refere ao corte racial, como escreveu Gilian Silva (2019, p. 223) – e se confirmou no estudo dos *archivos* das irmandades cachoeirenses (PACHECO, 2022) – “enquanto as irmandades brancas, representativas das elites locais, possuíam casas e gado, as irmandades de africanos e seus descendentes possuíam menos bens”.

Nos focaremos agora nos livros 2º e 3º de receita e despesa da Irmandade, que abrangem o período de 1834 a 1875, enfatizando quais eram as formas de arrecadação do caixa da Irmandade, como este dinheiro era gasto e para quais fins, salientando o papel social e político dessa associação, partindo do modo como ela se organizava. Ao focar no funcionamento desta instituição e nas necessidades dos seus membros (sejam elas espirituais ou materiais) percebemos como se deu tamanha sociabilidade na cidade e as formas de legitimação e reconhecimento social que estas Irmandades traziam para aqueles que as escolhiam. Assim como a história por muitos séculos foi contada a partir do ponto de vista masculino, ela também foi monopolizada pela narrativa das partes dominantes da sociedade, sejam elas a Igreja, a Coroa, a burguesia, a elite, os senhores de escravos ou os grandes proprietários de engenho. Tudo depende, é claro, do contexto histórico da colocação, mas foi apenas recentemente que a historiografia começou a abranger certos aspectos – já previamente estudados – porém enxergando-os com uma outra perspectiva: através de determinados grupos que não tiveram a chance de escrever sua própria história ou que não foi devidamente registrada. Ao tirar o foco da análise dos socialmente privilegiados e reposicioná-la naqueles que muitas vezes foram considerados incapazes de influenciá-la, a história se transforma, vista “ao rés-do-chão”, sob o ponto de vista das classes e categorias de grupos subalternizados.

Como dissemos, investimos na transcrição paleográfica dos livros de escritura desta irmandade e, após este prazeroso, cuidadoso e algo penoso

trabalho coletivo, extraímos um a um os registros da tesouraria dos pretos da Cachoeira e os inserimos individualmente em um banco de dados (Excel), classificando-os em categorias pré-estabelecidas para que pudessem ser trabalhados separada e quantitativamente. Assim, foi necessário criar subcategorias para definir e analisar melhor toda essa documentação, que totalizou **1.784 lançamentos de receitas e despesas** ao longo dos 41 anos de escrituras que temos à disposição, de julho de 1834 a julho de 1875. Desses lançamentos, **649 eram de despesas e 1.135 de receitas**, configurando fechamentos anuais sempre superavitários, como se percebe no quadro abaixo:

Quadro nº 17 – Saldos anuais da tesouraria da irmandade do Rosário dos pretos da Caxoeira (1835 a 1875);

Ano	Receita	Despesa	Saldo	Ano	Receita	Despesa	Saldo
1835	705\$831	205\$080	500\$751	1856	964\$419	279\$400	684\$719
1836	595\$900	48\$080	547\$821	1857	835\$459	496\$720	338\$739
1837	619\$171	49\$760	565\$631	1858	781\$099	727\$786	53\$313
1838	638\$951	34\$560	638\$951	1859	915\$633	721\$880	193\$753
1839	660\$071	519\$700	140\$371	1860	578\$313	346\$740	231\$573
1840	190\$931	52\$000	138\$931	1860	821\$253	407\$040	414\$213
1841	104\$720	35\$520	69\$200	1861	777\$193	261\$500	515\$693
1842	188\$800	28\$800	170\$000	1862	566\$473	95\$240	471\$233
1842	603\$411	105\$600	497\$811	1863	549\$333	377\$360	171\$973
1844	610\$291	144\$680	465\$611	1864	489\$313	400\$080	89\$233
1846	813\$151	81\$130	733\$021	1865	969\$253	802\$730	166\$523
1847	880\$441	824\$460	55\$981	1866	361\$62	138\$500	223\$120
1848	1:063\$221	48\$180	1:015\$041	1867	409\$36	63\$000	346\$360
1849	1:233\$241	170\$860	1:062\$381	1868	634\$650	331\$440	303\$210
1850	1:195\$461	541\$310	654\$151	1869	340\$550	185\$280	155\$270
1851	1:038\$331	282\$290	801\$041	1870	789\$840	689\$780	100\$060
1852	1:095\$721	197\$250	898\$471	1871	506\$710	237\$120	269\$590
1853	1:148\$471	663\$186	485\$285	1872	738\$770	98\$420	640\$350
1854	939\$925	905\$647	34\$278	1873	1:231\$780	945\$380	286\$400
1855	834\$238	256\$800	577\$438	1874	1:588\$310	1:017\$320	570\$990
				1875	2:009\$090	1:602\$940	406\$150

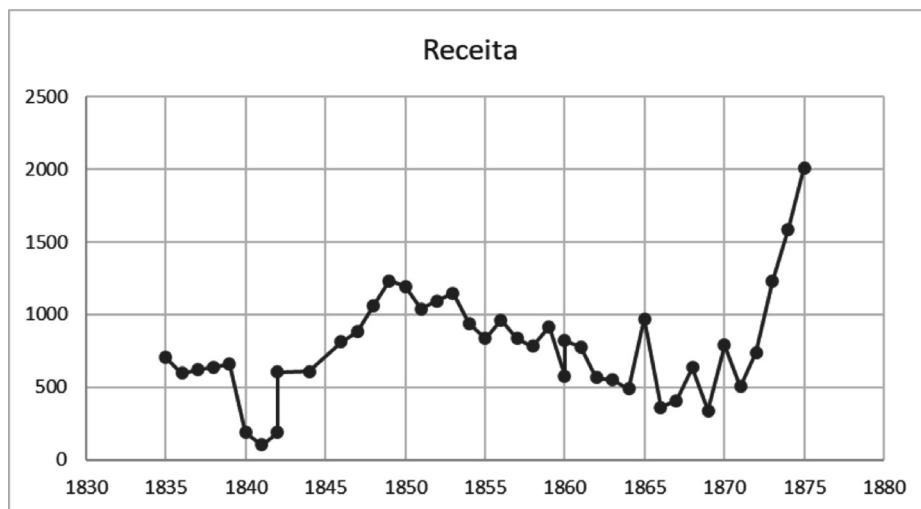
O quadro acima demonstra um salutar equilíbrio contábil, não aparecendo déficit no saldo em nenhum dos anos para os quais possuímos

estes dados. Percebe-se com nitidez que os recursos à disposição daquela irmandade não eram de grande volume, sendo os anos de 1874 e 1875 os de maior acúmulo de receitas, respectivamente 1:588\$310 e 2:009\$090 réis. Tratava-se de um núcleo associativo criado e mantido por indivíduos e famílias negras, que investiram parte de seus poucos recursos e pouco tempo livre nas artes da devoção afro-diaspórica. Artes devocionais que não se esgotavam nas práticas eminentemente litúrgicas, mas que estendiam essa liturgia para o acolhimento das famílias fragilizadas por doenças, desempregos e lutos. Mesmo manejando moderados recursos, esses irmãos e irmãs negras se esforçaram muito para que o culto da Senhora do Rosário e São Benedito fosse praticado com capricho, respeito e orgulho étnico-racial. Como destacou a historiadora Magna Magalhães (2017, p. 12), que pesquisou o Clube Cruzeiro do Sul, em São Leopoldo (RS):

Cumprindo um importante papel no processo de constante formação de uma identidade racial, o associativismo permitiu aos negros inventarem ou reforçarem laços de solidariedade, forjarem valores compartilhados, protagonizarem diferentes ações coletivas e granjearem visibilidade na sociedade à medida que uma imagem positiva do grupo era esculpida e divulgada publicamente.

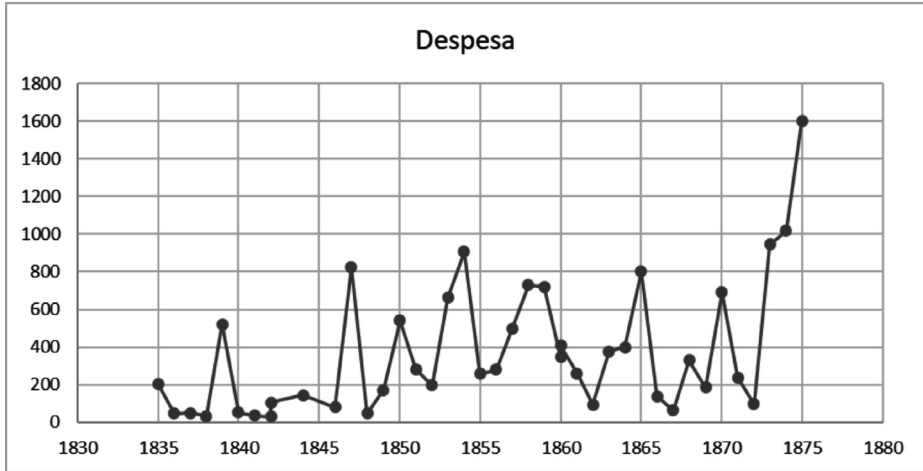
Com os dados inseridos na planilha, organizamos os dois gráficos abaixo, um relativo as receitas e outro das despesas da irmandade em análise:

Gráfico nº 01 – Receitas da Irmandade do Rosário (Cachoeira)



Fonte: – Livro 2º de receita e despesa da Irmandade de N. Sra. do Rosário da Cachoeira (1834/1863); – Livro 3º de receita e despesa da Irmandade de N. Sra. do Rosário da Cachoeira (1863/1875);

Gráfico nº 02 – Despesas da Irmandade do Rosário (Cachoeira)



Fontes: Mesmas do gráfico anterior.

Percebemos que as receitas e despesas da irmandade declinam justamente nos dois períodos de maior perturbação bélica da província sulina, a guerra civil farroupilha (de 1835 a 1845) e a guerra do Paraguai (1865 a 1870). Como os recursos eram moderados, qualquer despesa ou receita de um pouco maior monta provocava alterações de certa consistência na tesouraria e, portanto, nos gráficos acima.

É importante ressaltar que as categorias que subdividem as receitas e despesas foram pensadas para facilitar a análise e criadas de acordo com as nomenclaturas e as informações coletadas diretamente dos códices manuscritos da irmandade, pretendendo assim uma maior precisão e autenticidade em relação aos termos. Entretanto, impossível evitar um certo caráter arbitrário nessas subdivisões, já que em muitos casos era difícil separar uns dos outros. Todos esses aspectos nos auxiliarão no processo de compreensão do papel social e político que a irmandade exerceu durante aquele período e como ela se relacionava e se adaptava à comunidade local da cidade de Cachoeira e a outros pontos comerciais da província e mesmo fora dela, viabilizando aos seus irmãos e irmãs uma sociabilidade que lhes permitia exercer um papel essencial dentro destas instituições e da sociedade escravista na qual estavam inseridos.

As receitas

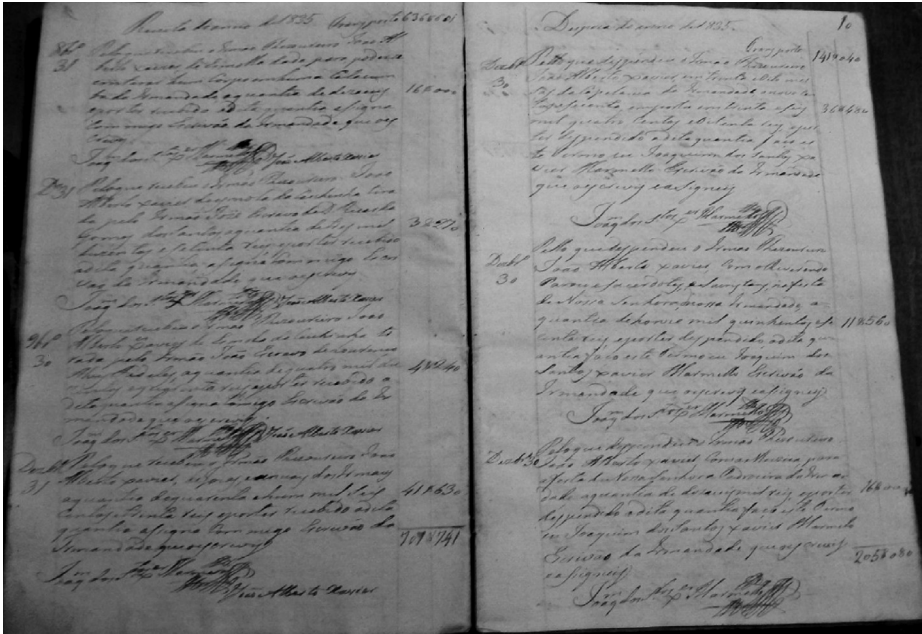
Como se sustentava uma irmandade? Como ela se organizava economicamente? Quais eram as atividades que mais traziam recursos para a Irmandade? De que forma essas atividades funcionavam? Essas são as questões centrais que tentaremos abranger neste subitem, fazendo uso dos registros de receita e despesa encontrados no museu e arquivo municipal de Cachoeira do Sul e sabendo que estas análises serão somente o início de uma pesquisa que tem muito a ser aprofundada, devido a quantidade de informações e complexidades presentes nos livros de escritura dos irmãos e irmãs *pretas* do Rosário.

Além do compromisso, e de uma extensa documentação composta pela correspondência enviada e recebida de autoridades civis e eclesiásticas, as irmandades costumavam possuir vários livros para registros de natureza diversa. Esta documentação, com alguma variação, geralmente compunha-se: de uma brochura que servia de ata das reuniões ordinárias e extraordinárias, do livro de assentos das entradas dos irmãos, de um para o lançamento das eleições, um outro para inventário dos bens e, finalmente, um livro de receita e despesa. Apesar do grande número de livros acumulados no decorrer da existência de uma confraria, é raríssimo, nos dias de hoje, ter-se em mãos algum destes manuscritos. O desaparecimento da maioria das confrarias católicas ocasionou a dispersão e destruição da quase totalidade de seus registros internos (REGINALDO, 2005, p. 206).

A raridade dos documentos com os quais estamos tratando é considerável, pois além destes registros terem sido elaborados pelos próprios membros dessa associação, eles também ficavam sob a guarda da própria irmandade. Não há indícios de que os irmãos precisassem enviar cópias as autoridades, transformando-os em materiais ainda mais valiosos e ainda mais difíceis de se obter.

Os livros de receita e despesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos *pretos* da Cachoeira eram organizados da seguinte forma: nas folhas do lado esquerdo do livro localizavam-se sempre a descrição das receitas, enquanto nas folhas do lado direito as despesas. No topo da página encontra-se a denominação receita/despesa, seguida do ano na qual estava sendo escrita. As anotações das receitas e despesas são sucintas e ao mesmo tempo descritivas o suficiente para nos dar muitas informações sobre o que estava sendo adquirido. No canto da página sempre é inserido o mês e o ano, seguida da breve descrição, a assinatura do tesoureiro que a escreveu e a quantia em réis que entrou ou saiu da irmandade.

Figura 01 – Imagem do 2º Livro de Receita e Despesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos pretos da Cachoeira (1834-1863)



Receita do ano de 1835	Despesa do ano de 1835
<p>Outubro, 31 Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier de esmola dada para poder se enterrar um corpo em uma Catacumba da Irmandade, a quantia de dezesseis mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello [a] João Alberto Xavier 16\$000</p>	<p>Dezembro, 30 Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em trinta e oito missas da Capelania da Irmandade a nove centos e sessenta, importa em trinta em seis mil quatrocentos e oitenta reis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 36\$480</p>
<p>Outubro, 31 Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier de esmola da caixa-tirada pelo Irmão José escravo de D. Ricarda Gomes dos Santos, a quantia de tres mil duzentos e setenta reis, e por ter</p>	<p>Dezembro, 30 Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier com o Reverendo paroco e sacerdotes, e Sacristãos na festa de Nossa Senhora, da Nossa Irmandade, a quantia de onze</p>

<p>recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$270</p> <p>Novembro, 30 Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier de esmola da caixa tirada pelo Irmão João Escravo de Lourenço Alves Fideles, a quantia de quatro mil duzentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 4\$240</p> <p>Dezembro, 31 Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier de joias e anuais dos Irmãos a quantia de quarenta e um mil seiscentos e trinta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello [a] João Alberto Xavier 41\$630 [Total] 701\$741 [folha 10]</p>	<p>mil quinhentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 11\$560</p> <p>Dezembro, 30 Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier com a Música para a festa da Nossa Senhora Padroeira da Irmandade a quantia de dezesseis mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello 16\$000 [Total] 205\$080 [folha 10v]</p>
---	--

Outro aspecto a ser observado sobre esta documentação é que, ao final de cada ano eram contabilizados o valor total das entradas em contraponto ao das saídas para se efetuar a prestação de contas junto aos demais irmãos e irmãs, atestando o estado das contas da irmandade, o bom desempenho do cargo pelos tesoureiros e se existia algum recurso em caixa. Através dos registros entende-se que este momento era essencial para o gerenciamento associativo da irmandade e percebe-se a responsabilidade e vigilância que recaia sobre os devotos que eram considerados os responsáveis pela administração e guarda do dinheiro dessa instituição. A seguir temos um exemplo do registro padrão que era feito pelos irmãos no fechamento de cada ano:

Aos sete dias do mês de janeiro de mil oitocentos e cinquenta em o Consistório da Irmandade na Igreja Matriz desta Vila Nova de São João da Cachoeira, onde se achavam presentes o Muito Reverendo Vigário Capelão, Juiz, e mais oficiais da Mesa velha e nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, receberam-se as contas do Tesoureiro da mesma irmandade, João Alberto Xavier, e conferindo a receita de folhas 69v com a despesa de folha 70, achou-se ficar líquido em benefício da Irmandade de Nossa

Senhora do Rosário a quantia de um conto, sessenta e dois mil, trezentos e oitenta e um réis, cuja quantia fica na mão do mesmo Tesoureiro João Alberto Xavier, que continua no referido cargo. E para constar faço este termo em que assinaram o Muito Reverendo Capelão, Juiz e oficiais de Mesa. Eu Estevão Candido de Carvalho, Escrivão interino que o escrevi no impedimento do atual.

Vigário [a] Antônio Homem Oliveira
Pelo Juiz Francisco [escravizado] de Maria de Chaves
[a] Iziquiel Rodrigo de Nina e Castro
[a] João Alberto Xavier
[a] Iziquiel da Cunha
[a] Antonio dos Santos Falcão

Nos referimos ao registro acima como “registro padrão”, por constatar que todos seguiam basicamente o mesmo formato, mudando somente os dados numéricos – datas, números das folhas e quantias – e as pessoas envolvidas no dia da realização do documento, que eram as mesmas que o assinavam no final. Como podemos observar, se faziam presentes nesse determinado registro seis envolvidos, entre eles o Vigário, o Juiz, o escrivão e o tesoureiro da irmandade, mas em muitos casos todos os irmãos de mesa estavam ali presentes e mesmo alguns devotos sem cargos específicos. Após este fechamento das contas do ano, o dinheiro ficava sob os cuidados do atual tesoureiro e os registros recomeçavam a partir do mês de janeiro do ano seguinte. Eis um exemplo de entrada do ano de 1834:

Junho, 30

Pelo que recebeu o Irmão tesoureiro João Alberto Xavier de esmolas da caixinha tiradas pelo Irmão Antônio, escravo de Dona Felícia Pires, a quantia de três mil quatrocentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo, Escrivão da Irmandade, que o escrevi.

[a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello [a] João Alberto Xavier
3\$440

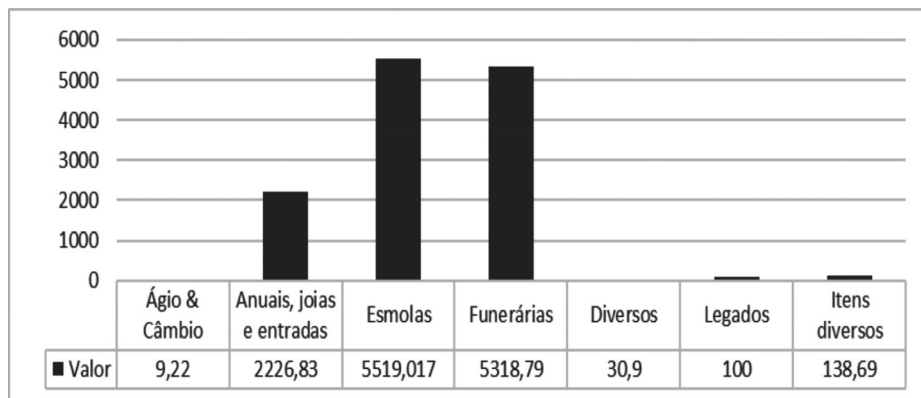
Em cada um dos registros era especificado quem era o tesoureiro responsável, quem era o irmão ou irmã envolvido na ação – e se este irmão ou irmã fosse escravizado também era citado o seu senhor/senhora –, o que exatamente estava sendo recebido ou despendido e a quantia recebida ou despendida naquele processo. No total foram contabilizados 649 registros de receitas da irmandade, entre os anos de 1834 a 1875, os quais foram reunidas em sete categorias:

**Quadro nº 18 – Receitas da Irmandade do Rosário de Cachoeira
(1834/1875)**

Receita	Registros	Valor (réis)
Ágio & Câmbio	15	9\$220
Anuais, joias e entradas	210	2:226\$830
Esmolas	459	5:519\$017
Funerária	416	5:318\$790
Catacumba (aluguel)	108	1:721\$080
Catacumba (aluguel e caixão)	5	148\$800
Catacumba (aluguel para anjinhos)	26	197\$900
Catacumba (venda)	1	62\$620
Caixão com tampa (venda)	9	744\$000
Caixão (venda)	7	480\$000
Caixão (aluguel)	18	212\$000
Caixão com tampa (aluguel)	37	576\$000
Caixão para anjinho (aluguel)	13	36\$100
Caixão grande (aluguel)	2	13\$000
Caixão inferior (aluguel)	1	5\$000
Caixão pequeno (aluguel)	15	49\$800
Caixão sem tampa (aluguel)	53	336\$280
Caixão velho (aluguel)	2	8\$000
Caixão e esquife (aluguel)	1	38\$000
Esquife (aluguel)	51	187\$400
Sepultura (aluguel)	1	22\$500
Tochas e caixão (aluguel)	3	55\$040
Carregadores	1	3\$000
Laje para uma sepultura	1	1\$330
Licenças e emolumentos	5	35\$500
Vestimenta para anjo	1	11\$000
Tochas (aluguel)	53	347\$300
Regíveis & diversos	4	30\$900
Legados (deixas) deixados para a irmandade	1	100\$000
Venda de itens diversos	1	138\$690
Venda de itens diversos	1	6\$000
Venda de itens diversos (carradas de pedras)	1	1\$200
Venda de itens diversos (cera)	16	114\$970
Venda de itens diversos (telhas)	2	1\$720
Venda de itens diversos (tijolos)	1	4\$800
Venda de itens diversos (varas de renda)	1	1\$600
Venda de itens diversos (foguetes)	3	8\$400

Percebemos acima que as receitas da irmandade provinham de três categorias básicas: dos pagamentos de anuais, joias e anuidades dos próprios irmãos e irmãs do Rosário e São Benedito, da arrecadação de esmolas e do gerenciamento de questões funerárias

Gráfico nº 03 – Receitas da Irmandade do Rosário da Cachoeira (1834/1875)



Quadro nº 19 – Receitas da Irmandade do Rosário da Cachoeira (1834/1875)

Receita	Valor	Laç. ²⁴⁵	%
Ágio & Câmbio	9\$220	15	0,07
Anuais, joias e entradas	2:226\$830	210	16,68
Esmolas	5:519\$017	459	41,36
Funerárias	5:318\$790	416	39,85
Diversos	30\$900	4	0,23
Legados	100\$000	1	0,07
Venda de itens diversos	138\$690	1	1,04

Nestes dois livros de tesouraria localizamos apenas uma anotação de uma *deixa* legada para a irmandade através de um testamento e da execução de um inventário post-mortem. Em 28 de fevereiro de 1875, o tesoureiro pardo Velocino de Araújo Bastos anotou o recebimento da quantia de

²⁴⁵ Número de lançamentos.

cem mil réis, de “úma deixa feita pela Fallecida Dona Francisca Carolina de Carvalho a Irmandade de Nossa Senhora do Rozario. 100\$000”. Como já vimos, existiam outras irmandades na vila da Cachoeira – Santíssimo, Conceição e São Miguel e Almas – e a estas provavelmente os endinheirados locais optavam em deixar seus legados. Francisca Carolina já apareceu neste livro. Era filha legítima do português tesoureiro da irmandade, juiz de paz e vereador Gonçalo Teixeira de Carvalho e Maria Francisca de Loreto.

Analfabeta, Francisca Carolina pediu, em 18 de dezembro de 1871, que Liberato Vieira da Cunha vertesse no papel as suas últimas vontades. Isso ocorreu na própria vila de Cachoeira, na casa de residência de dona Francisca Carolina, encontrando-se ela “com saúde” e em seu “perfeito juízo e claro entendimento”. Ela nasceu naquela mesma vila e entreteve matrimônio duas vezes, a primeira com o Capitão João Pinto da Fonseca Guimarães e em segundas núpcias com o tenente coronel Joaquim Severo Fialho, e com nenhum deles teve filhos.²⁴⁶ Seus bens eram imóveis urbanos e quatro escravizados: a parda Rosa (30 anos), a parda Libânia (30 anos), o pardo João (filho de Libânia, de 4 anos) e a africana Rita (de 50 anos).²⁴⁷

Sem filhos, Francisca Carolina parece ter criado certa intimidade senhorial e mesmo dependência com os trabalhadores e trabalhadoras escravizadas que serviam a sua casa e cuidavam dela e de sua família. Para Rosa, Ismael e o *seu* liberto Balbino, ela legou a casa da rua de Santo Antônio. Além desse bem material, ela legou dinheiro a cada um dos cativos: 40\$ para Rosa, 30\$ para Ismael, 30\$ para o ex-escravizado Gaspar, 30\$ para a ex-escravizada, a parda Joaquina, quantias de 10\$ para Laura, Libânia, João, Paulo e Rita e, finalmente, 30\$ para Balbino, “liberto por mim”.

Ela legou a liberdade imediata a todos eles, mas conectou alguns condicionalmente a certos herdeiros: Libânia deveria ainda trabalhar seis anos

²⁴⁶ APERS – Provedoria de Cachoeira do Sul, testamento nº 42, testadora: Francisca Carolina de Carvalho Fialho, 1874. Testemunhando em um processo de 1848, João Pinto da Fonseca Guimarães disser ser casado, morador em Cachoeira, natural da cidade de Campos, ter 36 anos e viver de seu negócio (APERS – Juízo Municipal de Rio Pardo, Caixa: 007.0032, Processo criminal nº 4647, Queixoso: Manoel Ribeiro de Barroza Viana, Antônio Francisco de Carvalho (Juiz Municipal), 1848).

²⁴⁷ Benz de raiz: (01) – uma morada de casas com 4 lances na rua Sete de Setembro, com frente a leste e fundos a meia quadra; (02) – outra morada de casas na mesma rua, com frente a oeste e fundos a rua Moron; (03) – 140 palmos de terreno na mesma rua, com fundos a rua de Santo Antônio; (04) – morada de casas a acabar na rua Santo Antônio. Ela nomeou testamentários: Henrique Manoel de Silva Barros, Antônio Peixoto de Oliveira e Francisco Loreto de Carvalho e Silva.

para a irmã da testadora, Senhorinha Cândida de Carvalho Ilha; e João deveria servir até os 25 anos a Ernesto (filho legítimo de Henrique Manoel da Silva Barros, casado com a sua filha adotiva Percília Carolina da Fonseca Guimarães). Ela deixou libertas Ismael, Rosa e a africana Rita, “esta última com a cláusula de acompanhar a minha filha adotiva Percília Carolina, a quem peço que tenha com ela e com os outros Rosa, Ismael e Balbino, os cuidados que eu teria, servindo-lhes de amparo naquilo que lhe for possível, e o mesmo peço aos meus parentes, especialmente aqueles que são meus legatários”.

Parte importante nos registros testamentários das últimas vontades, Francisca Carolina pede a seu testamenteiro que o seu enterro fosse:

[...] feito com toda a simplicidade, e meu corpo conduzido por pessoas pobres, a quem meu testamenteiro dará de esmola o que entender, mandando dizer missa de corpo presente, de sétimo dia e mais 4 ou 6 por minha alma, de meus maridos e de meus pais. [...]
deixo a Nossa Senhora da Conceição, a quantia de cem mil réis, para a compra de uma alfaia para a mesma Senhora.
Deixo a Nossa Senhora do Rosário a quantia de cem mil réis, para o mesmo fim acima.

Em 16 de janeiro de 1848 o irmão tesoureiro João Alberto Xavier declarou ter recebido 39\$600 réis de Dona Prudenciana Maria do Carmo, “pela esmola deixada por sua Irman Francisca Rodrigues da Silva a favor de Nossa Senhora”, tornando possível entendermos que às vezes as entradas de legados ou deixas fossem registradas como esmolas. Mas, pelo menos no período de abrangência dos dois livros de tesouraria que temos, não percebemos o impacto significativo desse tipo de receita.

Na categoria “venda de itens diversos” inserimos as negociações ocasionais que a irmandade fazia com pessoas físicas e com as outras irmandades da cidade. Os itens comercializados eram geralmente sobras de materiais que os devotos haviam comprado para realizar reformas ou construções de algumas benfeitorias, seja no consistório ou no cemitério (carradas de pedras, telhas, tijolos). Também foram negociados pela irmandade alguns produtos por ela comprados para finalidades litúrgicas nas casas de comércio local, de Porto Alegre ou Rio Pardo e que foram vendidos, quem sabe, com algum lucro. Eram produtos essenciais para o bom desempenho de atividades devocionais, provavelmente adquiridos em grande volume e por isso algum excedente pôde ser vendido, como cera, varas de renda e foguetes.

Abril, 1

Recebeu o atual Tesoureiro da importância de cinquenta telhas que sobram da obra do Consistório da Irmandade, que foram vendidas pela quantia de quatro mil réis.

[a] Estevão Candido de Carvalho [a] Francisco Gonçalves da Fontoura
4\$000

Representando a parte mais expressiva de todas as receitas, com cerca de 42 % do total, as esmolos eram parte essencial do gerenciamento da irmandade e constituíam a base da arrecadação. Apesar de serem expressivos em quantidade, são registros muito simples que seguem a mesma descrição, variando somente em quantia e nos irmãos e irmãs envolvidos. Segue um exemplo da entrada de esmolos, do ano de 1858:

Janeiro, 30

Recebido o atual Tesoureiro Estevão Candido de Carvalho de esmolos da caixinha tiradas neste mês pelo Irmão Pedro Vitorino dos Reis a quantia de onze mil setecentos e sessenta réis.

[a] Estevão Candido de Carvalho [a] Francisco Gonçalves da Fontoura
11\$760²⁴⁸

Em inúmeros registros de entrada de esmolos é mencionada esta caixinha, que é citada no trecho extraído acima. Imagina-se que existiam duas caixinhas, feitas exclusivamente para o uso da arrecadação das esmolos da irmandade, seja em momentos específicos, como nas suas procissões e festas, ou colocadas e controladas no espaço da Igreja. A única descrição e listagem que temos das alfaias da irmandade, de 6 de janeiro de 1852, menciona – “duas Caixinhas com que se tirão as esmolos” – ficando uma provavelmente fixa no templo da matriz da Conceição e outra móvel, usada nas festas e procissões, e também levada pelos irmãos esmoleiros pelas ruas, angariando demonstrações pecuniárias da caridade dos moradores e dos viajantes. Como veremos na análise das despesas da irmandade, existiram esmoleiros pagos pela irmandade, mas na maioria dos registros de esmolos, eram irmãos que ficavam responsáveis pela coleta das esmolos em meses específicos.

Célia Maria Borges (2005), ao analisar a irmandade do Rosário de Minas Gerais, também encontrou registros de arrecadação de esmolos e das mais variadas formas que as irmandades a faziam: “Abria o cortejo a bandeira de Nossa Senhora do Rosário; atrás homens enfeitados com indu-

²⁴⁸ Testemunhando em um processo de 1858, Pedro Vitorino dos Reis aparece como branco, casado, negociante, 47 anos, natural de Marseille, residia nesta vila, assinou o depoimento (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.378, auto crime n° 2457, autora: a Justiça, réu: João Silveira da Fontoura, 1858).

mentárias coloridas dançavam e entoavam cantigas que tinham as letras de um pedido de esmola. Quando recompensados, agradeciam a oferenda, sempre através do canto, acompanhados por instrumentistas”. As esmolos poderiam ser destinadas para os mais diversos tipos de serviços e objetos, mas é possível notar através da importância que era atribuída a festa de Nossa Senhora do Rosário, que um dos grandes motivos do esforço e empenho contínuo dos devotos para a arrecadação de esmolos era possuir saldo suficiente para a organização e realização da sua tão importante festa. Isso também justifica a quantidade e a regularidade dos registros de entrada de esmolos, fazendo com que arrisquemos a colocá-la como uma das formas mais sutis e efetivas das estratégias de resistência que a irmandade do Rosário de Cachoeira possuía ao seu alcance e utilizava com sucesso.

Novembro, 30

Idem idem das esmolos para ajuda da Festa dada pelos empregados da mesa, segundo consta na ata lavrada em seu livro competente, folha vinte e nove a quantia de quinze mil réis.

[a] Francisco Gonçalves da Fontoura [a] Antônio da Costa Rocha
15\$000

Em pelo menos um registro os escriturários da irmandade deixaram aflorar a questão das promessas. Em 30 de abril de 1863, o tesoureiro Francisco Gonçalves da Fontoura anotou ter recebido 12\$240 réis – “das esmolos da caixinha tirada neste mês por promessa pelo Irmão Fortunato Carpes”. Isso nos evidencia que esse associativismo muitas vezes deve ter sido usado como meio no cumprimento de promessas diversas feitas pelos devotos e devotas.

As entradas relacionadas aos aspectos funerários somam cerca de 40 % do total das obtenções de recursos, sendo a segunda maior categoria dos registros de receita. Encontramos 416 anotações contábeis que se referiam a questões ligadas a questões fúnebres, destacando-se o aluguel e venda de catacumbas e caixões (para adultos e crianças, os chamados *anjinhos*). Entre 1855 e 1862, o aluguel de um caixão com tampa estava orçado em 16 mil réis, já um sem tampa era alugado por quantias entre 4 a 6 mil réis. Esses preços se referiam a caixões para adultos, sendo os para crianças / anjos geralmente orçados na metade desses valores. Os caixões tinham algumas diferenciações de preço, dependendo se eram *velhos*, pequenos, grandes.

Pesquisando a Irmandade de Nossa Senhora das Dores de Porto Alegre, o historiador Pedro Meirelles (2021, p. 120) comenta sobre o esquife, descrevendo-o como uma “espécie de bandeja aberta na qual o corpo era

conduzido, carregado no ombro dos irmãos, no percurso entre a casa do falecido, a igreja, e desta para o cemitério”. Meirelles comenta que o esquife, nessa irmandade das elites da capital da província, era de uso exclusivo dos irmãos da mesma. No caso do Rosário da Cachoeira, o esquife também era alugado, gerando renda para aquela associação devocional. O esquife, de 1841 a 1862, era alugado pelo mesmo valor, de 16 mil réis. Pesquisando as irmandades de Porto Alegre, Mara Nascimento (2006, p. 201) também encontrou menções ao esquife:

O esquife, uma das peças-chave do aparato fúnebre, era objeto de disputas entre as irmandades, assim como de desejo entre os testadores. As irmandades que não o possuíam alugavam-no de outras, sendo, portanto, uma fonte de renda. **Espécie de tábua forrada com pano branco**, foi pouco a pouco se sofisticando entre as irmandades porto-alegrenses. Até o século XVIII somente a das Almas e a do Rosário o possuíam e no século XIX, já há referência também sobre este nos testamentos dos irmãos da Santíssimo e das Dores. Entre os anos de 1814 e 1815 a irmandade do Rosário de Porto Alegre possuía dois esquifes, um já usado e outro novo, mais sofisticado, em madeira dourada e com maçanetas nas extremidades.

Pouquíssimos caixões eram vendidos, sendo a imensa maioria, alugados. Assim, nos parece que os cadáveres eram conduzidos até o cemitério nesses caixões da irmandade e depositados nas catacumbas apenas amortalhados. Talvez os esquifes fossem o equipamento de carregamento dos cadáveres das residências para a missa de corpo presente na igreja. Em alguns documentos, principalmente testamentos, encontramos a expressa vontade, signo de humildade e desprendimento, de que os cadáveres fossem enterrados no solo e não em catacumbas. Mas o destaque nos livros de receita e despesa eram as arrecadações e os gastos com as catacumbas, que eram “enterros em vãos feitos nas paredes, proporcionados aos cadáveres” (SILVA, vol. 1, 1922, p. 359).

As receitas adquiridas com estes serviços fúnebres nos dão a ideia de que a irmandade atuava como uma espécie de agência funerária, alugando e vendendo objetos para os velórios e também gerenciando as suas catacumbas no cemitério local. Alguns irmãos, como o preto baiano Zeferino da Cunha, trabalhavam por conta própria, alugando eças e agenciando outros serviços funerários. Só em um caso encontramos uma catacumba sendo comprada, sendo a grande maioria alugada. O preço do aluguel de uma catacumba acompanhava o dos aluguéis dos caixões, com algumas variações, mas geralmente sendo de 16 mil réis para um adulto e a metade para um *anjinho*.

Representando cerca de 17% das receitas totais, os pagamentos realizados pelos irmãos e irmãs do Rosário eram estabelecidos nos deveres do compromisso da irmandade e obrigatórios para qualquer um que quisesse entrar e permanecer na mesma. Os valores dos pagamentos variavam, assim como o tipo de pagamento realizado. Os pagamentos poderiam ser de entradas, anuais e joias, sendo que, por vezes, esmolos apareciam misturadas a essas entradas de recursos. É quase impossível subdividir essas receitas, já que geralmente apareciam nos livros da tesouraria computadas juntas.

Pelo livro de matrícula de irmãos, que atende o período de 1812 a 1846, percebemos que o custo da entrada permanece sempre a mesma, de 640 réis, sejam os novos irmãos ou irmãs livres, forros ou ainda cativos.

Janeiro, 10

Pelo que recebeu o Irmão Tesoureiro João Alberto Xavier de entrada da Irmã Maria Luiza de Carvalho a quantia de seiscentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] Estevão Cândido de Carvalho [a] João Alberto Xavier
\$640

Observando os livros de contas da irmandade notamos oscilações nos valores recebidos de entrada de irmãos e irmãs, o que aponta um certo aumento na segunda metade do oitocentos, mas também uma percepção de que alguns irmãos e irmãs pagavam espontaneamente um acréscimo, pensando em ajudar as finanças da Senhora do Rosário.

Quadro nº 20 – Entradas de Irmãos e Irmãs na Irmandade do Rosário da Cachoeira

Ano	Descrição	Quantia
1850	Um irmão	\$960
1852	Um irmão	\$800
1854	Antônio Joaquim de Brito	\$640
1854	Firmina Rocha da Conceição)	\$640
1854	Preta Comba, de Maria Gomes dos Santos	\$640
1854	Preta, Josefa, de Tristão da Cunha e Souza	1\$000
1858	Um irmão	2\$000
1859	José Cirino	2\$000
1859	Maria Jose da Silva	2\$000
1859	Rita Umbelina de Cássia	2\$000

1859	Um irmão	2\$000
1860	Delfino Antônio de Siqueira	2\$000
1860	Eusébio Antônio Simões	2\$000
1860	Marcos José Reis	2\$000
1860	Maria Luiza	2\$000
1861	Manoel Cardoso	2\$000
1862	Amaro, de Lobério da Silva Bandeira	1\$600
1862	Inácio, de Isaías Baptista	2\$000
1864	Um irmão	2\$000
1865	Florinda	2\$000
1865	João Antônio Nepomuceno Filho	2\$000
1865	Maria Isabel Francisca	2\$000
1866	Nepomuceno	2\$000
1868	Júlia Maria Cristina	2\$000
1868	Silvéria	2\$000
1869	Manoel José do Nascimento ²⁴⁹	2\$000
1869	Manoel Zacarias	2\$000
1870	Dois irmãos	4\$000
1870	Frauzina de Oliviera	5\$000
1870	Leonor Maria Cândida e seu filho Francisco	4\$000
1870	Manoel Antônio	2\$000
1871	Bernarda	2\$000
1871	Duas irmãs	4\$000

Fonte: Livro de Matrícula de Irmãos e Livros 2º e 3º de Receitas e Despesas.

Também, na maioria do tempo, os valores dos anuais permaneceram os mesmos, computados em 320 réis, isso certamente porque a maioria dos irmãos eram de condições materiais remediadas e precárias.

²⁴⁹ O *preto liberto* Manoel José do Nascimento estava parado na porta de uma casa de negócio, em 12 de fevereiro de 1872, no centro da vila da Cachoeira assistindo o *jogo do entrudo*, quando testemunhou o espancamento de um escravizado que não queria participar dos festejos. Ele disse ser solteiro, ter 50 anos de idade, viver do seu trabalho, residir naquela vila e não saber escrever. Ele deu dois depoimentos, no primeiro foi identificado pelas autoridades como *preto liberto* e no segundo, na justiça, seu status não aparece, mas continua impressa a sua “cor preta” (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, auto crime nº 3162, autora: a justiça, réu: pardo Vicente, 1872).

Janeiro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Tesoureiro João Alberto Xavier de anual da Irmã Ignacia a quantia de trezentos e vinte réis, e de como recebeu comigo assinou. [a] Iziquiel Rodrigo de Nina e Castro [a] João Alberto Xavier
\$320

Quadro nº 21 – Anuais de Irmãos e Irmãs na Irmandade do Rosário da Cachoeira

Ano	Pagador	Valor
1846	Irmã Inácia	\$320
1859	Irmã Margarida, de Antônio Vicente da Fontoura	\$320
1859	Irmão Francisco do Liberato	\$320
1861	Irmão Jacinto	\$320
1862	Irmão Jacinto Bandeira	\$320
1862	Irmã Albina	\$320
1864	Um Irmão	\$320
1864	Um Irmão	\$320
1864	Um Irmão	\$960
1865	Um Irmão	1\$000
1865	Um Irmão	1\$000
1866	Irmã Florinda	1\$000
1866	Irmã Maria Angélica dos Santos	6\$000
1866	Um Irmão	1\$600
1868	Irmã Balbina	2\$000
1868	Irmã Joaquina	5\$000
1869	Uma irmã	2\$000
1868	Irmão Mateu	1\$280
1868	Irmão Afonso Borges do Canto	4\$000
1868	Irmão Euzébio Antônio Simões	4\$640
1869	Irmão Manoel	2\$000

Já as joias, eram pagas quando os irmãos ou irmãs assumiam um cargo na mesa diretora:

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1855. Receita [...]
Maio, 27

Recebeo o mesmo Thezoureiro da Irmã Firmianna Romana de Jezus, por conta de sua Joia de Juíza de Vara de 1854, a quantia de dous mil reis. [a] Antônio dos Santos Falcão [a] Estevão Candido de Carvalho 2\$000

Quadro nº 22 – Joias de Irmãos e Irmãs na Irmandade do Rosário da Cachoeira

Nome	Joia	Valor	Cargo
José, do padre Antônio Homem de Oliveira	1844	1\$280	Mesário (mesada)
Maria, de Josefa Maria Trilha	1848	3\$640	Juíza
Joao Congo Gomes	1847	1\$440	Capitão do Mastro
João, de Antônio Ferreira Prestes	1848	1\$280	Mesário (mesada)
Joao, de Benta Maria de Oliveira	1853	1\$280	Mesário (mesada)
Miguel, de Gonçalo Teixeira de Carvalho	1854	1\$280	Mesário (mesada)
Firmiana Romana de Jesus	1855	2\$000	Juíza de Vara
De um irmão	1858	2\$000	Capitão do Mastro
D. Maria Francisca de Loureto	1860	10\$000	Juíza
Francisco Antônio da Cunha	1860	1\$280	Mesário (mesada)
Marco José Rodrigues	1862	1\$280	Mesário (mesada)
De um irmão	1865	32\$000	Juiz
Um irmão	1865	1\$280	Mesário (mesada)
Velocino de Araújo Bastos	1866	2\$000	Mesário (mesada)
De uma irmã	1866	12\$000	Juíza da Vara
De um irmão	1868	7\$000	Rei
Balbina	1866	5\$000	Mesário (mesada)
Isabel	1868	2\$000	Mesário (mesada)
Jacinta	1868	2\$000	Mesário (mesada)
Ana	1868	3\$000	Mesário (mesada)
Antônio Peixoto de Oliveira	1871	20\$000	Juiz
De uma irmã	1871	10\$000	Mesário (mesada)
Claudina, de Dona Basília	1875	2\$000	Mesário (mesada)
Firmina, de Dona Bento Porto)	1875	2\$000	Mesário (mesada)
Josefa Mina	1875	2\$000	Mesário (mesada)
Ismael Bemfica	1875	2\$000	Mesário (mesada)

Fontes: Livro de Matrículas de Irmãos e 2º e 3º de receitas e despesas.

Certas anotações evidenciam que alguns devotos ou devotas, ao pagar as quantias devidas a irmandade, excediam os valores usuais, parecendo com isso querer contribuir como recursos na forma de doações ou esmolas. Francisca Carolina de Carvalho, *dona* já mencionada anteriormente, ingressou na irmandade da Senhora do Rosário de Cachoeira em 8 de dezembro de 1843, pagando de entrada dois mil réis, mais do que o dobro do que a quantia usual de 640 réis. No ano de 1859 ela pagou aos cofres da irmandade a quantia de 20 mil réis, como joia por ter assumido o cargo de juíza e, em 1870, quando reassumiu o mesmo cargo, entregou para o tesoureiro a polpuda quantia de 32 mil réis. Para deixar bem clara sua posição de mulher de uma família de elite em uma irmandade marcada pela presença negra, Francisca Carolina também ofereceu um rosário de ouro para aquela associação. Essas quantias a mais, além da vontade de auxiliar nas várias iniciativas associativas, também demarca a presença de uma mulher branca, cujos compromissos financeiros com a Senhora do Rosário foram pagos em excesso, para demarcar a sua especial presença naquele investimento afro-diaspórico.

Vale ressaltar que muitas vezes estes irmãos e irmãs eram escravizados e, sendo assim, permanece uma incógnita a forma como eles realizavam este pagamento e de onde exatamente vinha o dinheiro necessário para adentrar e participar de uma irmandade. Neste registro de 1862, por exemplo, atestou-se o pagamento de anuais atrasados de um irmão escravizado:

Junho, 14

Recebeu de anuais que devia o Irmão Manoel Escravo de Alexandre Coelho Leal a quantia de cinco mil cento e vinte réis.

5\$120

Este tipo de acontecimento nos faz refletir sobre o reconhecimento e a legitimação social que o pertencimento a uma irmandade religiosa atribuía aos seus irmãos e irmãs *pretos*, e que automaticamente também refletia nos senhores dos mesmos. Dentro dessa sociedade plural e complexa repleta de hierarquias raciais, sexuais e sociais, era perfeitamente possível que os senhores usassem a irmandade do Rosário como um instrumento para o aumento do seu status social. Isso não significa de forma alguma que os escravizados estivessem participando destas confrarias passivamente ou por imposição senhorial, pois isto anularia completamente a sua capacidade de agenciamento social e o uso de estratégias de resistência que viemos tentando salientar durante todo este trabalho. Mesmo que os senhores utilizassem a irmandade do Rosário e São Benedito dos *pretos* da Cachoeira para

benefício próprio e como um meio de aumentar o seu prestígio social perante a comunidade, ela continuava sendo um espaço de luta no qual os seus devotos recebiam apoio mútuo, exerciam funções de liderança, estabeleciam relações sociais autônomas e desenvolviam agências através dos resquícios de liberdade que somente essas associações eram capazes de lhes proporcionar.

As despesas

Quais eram os gastos que a irmandade administrava? Quais eram os objetos e serviços que mais faziam com que a Irmandade precisasse despende o dinheiro que arrecadava através das suas receitas? Qual era a importância destas despesas para a irmandade e seus devotos? Por quais motivos e para quais fins se despendia o valioso dinheiro que a irmandade arrecadava com o seu forte agenciamento e mobilização social? No quadro abaixo, assim como fizemos com as receitas, procuramos estabelecer uma descrição ampla das despesas daquele associativismo religioso negro.

Quadro nº 23 – Descrição geral das despesas da Irmandade do Rosário da Cachoeira (1834 a 1875)

Despesa	Nº	Valor
Altar (consertos & ornamentos)	32	116\$920
Andor (consertos & ornamentos)	12	248\$830
Assistência	20	146\$550
Consistório (consertos, obras)	49	731\$610
Diversos	29	624\$700
Escrituração	22	506\$520
Festa de Nossa Senhora	121	4:262\$006
Armação da Igreja e aluguel de roupa para os anjos	1	112\$000
Armação da Igreja e andadores	1	194\$000
Armação da Igreja	4	76\$000
Armação do altar e capela mor	1	92\$000
Armação do altar	1	24\$000
Mastro (levantar)	1	2\$800
Mastro (confecção)	1	\$640
Mastro (arrancar)	1	\$800
Cera	11	267\$110

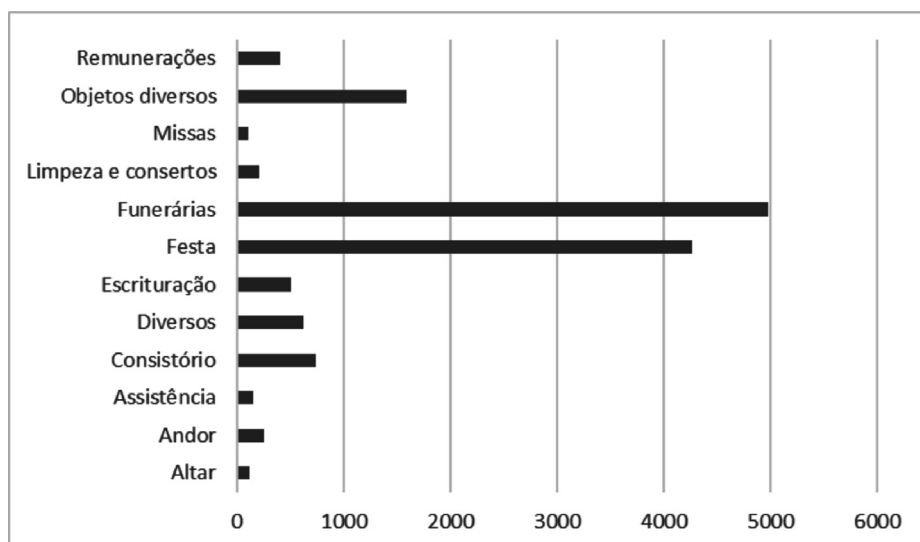
Ceras e foguetes	1	78\$400
Ceras e velas	4	117\$360
Diversos	4	79\$720
Foguetes e fogueteiro	1	87\$400
Foguetes	12	366\$446
Incenso	1	1\$200
Missa cantada	5	80\$000
Missas	1	15\$000
Miudezas	1	38\$120
Música	25	1:090\$710
Padre e acólitos	24	1:014\$160
Preto para servir na festa	1	\$240
Registros	1	58\$000
Servente e flores	1	1\$600
Servente	1	1\$500
Vários objetos	1	87\$000
Velas	3	122\$300
Funerárias	247	4:974\$276
Encomendação	1	6\$320
Catacumbas: abertura e fechamento	20	71\$940
Catacumbas: areia	7	62\$240
Catacumbas: cal & caiar	11	133\$780
Catacumbas: compra	1	160\$000
Catacumbas: consertos	8	144\$180
Catacumba: fechamento	1	4\$640
Catacumbas: pedreiro para tirar ossos	1	4\$000
Catacumbas: terra	1	44\$800
Catacumba: tijolos para a feitura	16	334\$280
Catacumbas: numeração das	1	3\$600
Catacumbas: feitio	6	384\$000
Catacumbas: pedras	1	19\$200
Catacumbas: pedreiro para caiar	1	15\$740
Catacumbas: pedreiros para feitio	1	85\$000
Carpinteiros	1	\$800

Caixões: feito & consertos	7	455\$320
Caixão: cobrir	1	12\$000
Caixão com tampa: compra	1	75\$600
Caixão grande: compra	2	154\$000
Caixão sem tampa: compra	2	32\$240
Caixão: compra	4	301\$000
Caixão para anjinho: compra	3	48\$330
Caixão: condução	3	\$960
Caixões e catacumbas: conserto	1	152\$200
Cemitério: limpeza/capinação	6	48\$046
Cemitério: conservação	26	399\$840
Encomendações – vigário	1	4\$000
Enterro e opas	1	13\$200
Enterro	4	31\$920
Enterros, encomendações – abertura da catacumba	2	8\$000
Enterros, encomendações – condução do caixão	5	7\$940
Enterros, encomendações – mortalha	1	2\$800
Enterros, encomendações – pároco	4	21\$980
Enterros, encomendações – pedreiro	2	10\$000
Enterros, encomendações	7	48\$120
par de sapatos para um defunto	1	2\$000
Esquife: tiras para o	1	1\$100
Esquife: conserto	6	29\$230
Esquife: travesseiro para o	1	\$960
Missas pela alma de irmãos falecidos	39	769\$560
Limpeza e consertos de espaços da irmandade	6	205\$500
Missas	6	106\$000
Objetos diversos	45	1:589\$007
Objetos (feito da chave)	1	1\$000
Objetos (tecidos)	2	62\$920
Objetos diversos	1	\$360
Objetos diversos (capas dos objetos da banquetta)	1	3\$860
Objetos diversos (carretas)	1	1\$320
Objetos diversos (chave da caixinha de esmolos)	1	2\$000

Objetos diversos (compra de cera)	5	101\$820
Objetos diversos (conserto da caixinha)	1	1\$000
Objetos diversos (opas)	9	57\$107
Objetos diversos (tochas)	8	417\$660
Objetos diversos (ornamentos)	13	509\$540
Objetos diversos (banqueta e opas)	1	320\$000
Remunerações	84	409\$160
Remunerações (andador)	37	167\$860
Remunerações (capelão)	3	46\$000
Remunerações (esmoleiro / tirador de esmolas)	37	126\$300
Remunerações (procurador)	3	3\$000
Remunerações (zelador do cemitério)	2	10\$000

Ao compararmos as receitas da irmandade com as despesas, percebemos que – apesar de constituírem um número menor de registros totais – as despesas possuem uma gama maior de especificações, sendo, portanto, divididas em um número maior de categorias para facilitar o entendimento dos leitores e leitoras e para que a pluralidade de cada uma destas despesas possa ser trabalhada de forma satisfatória.

Gráfico nº 04 – Despesas da Irmandade do Rosário da Cachoeira (1835 a 1875)



Como já dissemos, as subdivisões acima são bastante arbitrárias, já que as anotações contábeis muitas vezes misturam as causas dos gastos, além de trazerem poucas informações, já que o detalhamento das mesmas estava nos documentos avulsos (notas fiscais, recibos, orçamentos), os quais não tivemos acesso. Quanto a porcentagem de cada categoria de despesa no cômputo geral, percebemos que o altar compreendia 0,84 %, o andor 1,79%, a assistência 1,06 %, o consistório absorveu 5,26% dos gastos, a escrituração 3,64%, remunerações 2,94%, a festa 30,62% e o atendimento fúnebre dos irmãos e irmãs 35,73%.

Os registros das despesas seguiam a mesma estrutura daqueles feitos para as receitas, indicando a data da mesma, quem eram os irmãos ou irmãs envolvidas, que tipo de objeto ou serviço estava sendo despendido e o valor da quantia que estava sendo gasta. Acredita-se que as despesas sejam mais específicas justamente por representarem de que forma o dinheiro da irmandade estava sendo gasto, ou seja, era necessário que ficasse claro o motivo daquela quantia precisar ser retirada e de que forma ela seria aplicada e traria benefícios à confraria. Isso ressalta a excelência destes irmãos e irmãs *pretos* do Rosário no que diz respeito ao agenciamento e organização da sua irmandade. Eis um exemplo de um registro de despesa do ano de 1854:

Maio, 19

Despendeu o atual Tesoureiro Antônio dos Santos Falcão, do resto do importe de duzentas e quarenta e sete libras de velas de cera de três em libra; e vinte e quatro tochas, e cento e dezessete côvados e uma terça de tafetá branco para opas que do Rio de Janeiro mandou buscar José Martins Beltrão, para a Irmandade, a quantia de cento e vinte e quatro mil oitocentos e sete réis. Documento n° 1º.²⁵⁰

[a] Estevão Candido de Carvalho
124\$807

Escrituração

As despesas de escrituração dizem respeito aos gastos que os irmãos e irmãs do Rosário possuíam com os livros da irmandade, tanto os materiais necessários para a sua manutenção, quanto os valores despendidos para o pagamento do Selo Nacional. Eis um exemplo de registro, de 1834:

²⁵⁰ José Martins Beltrão depôs em um processo que envolvia uma agressão ocorrida durante a festividade do entrudo, em 12 de fevereiro de 1872. É descrito como branco, casado, negociante. 38 anos, desta província, reside nesta cidade, assinou o depoimento (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, auto crime n° 3162, autora: a justiça, réu: pardo Vicente (pardo livre, oficial de marceneiro) – 1872).

Julho, 30

Pelo que despendeu o Irmão Tesoureiro João Alberto Xavier em o custo deste livro, para esta Escrituração, por ter findo o Livro primeiro, a quantia de três mil e duzentos réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello

3\$200

Vale lembrar que as irmandades possuíam diversos livros, não somente os de receita e despesa, e estes livros eram de suma importância para o bom funcionamento e gerenciamento da irmandade dos *pretos* do Rosário. Apesar de representar pouco percentualmente, a quantia total com a escrituração chega a meio conto de réis, por isso achamos conveniente que fosse criada uma categoria apenas para os gastos de escrituração, por eles não se encaixarem em nenhum dos demais verbetes. Além disso, um item assim a parte nos ajuda a imaginar a estrutura do controle mantido por aqueles devotos de sua contabilidade.

No mês de julho de 1834, a irmandade adquiriu dois livros para sua escrituração, um deles por 3\$200 réis, sem especificar para que tipo de registros serviria, mas que provavelmente seria o livro 2º de contas, e outro por 2\$240, esse sim comprado para as anotações das atas. Em janeiro de 1846 o tesoureiro despendeu 3\$360 réis na compra de um códice que provavelmente constituiu o Livro 1º das Atas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Em 15 de novembro de 1863, a irmandade comprou por 2 mil réis um outro códice, que se tornou o Livro 3º de Receita e Despesa da Irmandade do Rosário. Em outubro de 1870 foram gastos 20 mil réis em um livro para despesas da irmandade e, cinco anos após, em setembro de 1875, mais 24\$700 réis em *livros e selos*. Provavelmente esse volume comprado em 1875 tornou-se o Livro 4º de Receitas e Despesas, o qual, infelizmente, não possuímos.

Mas o caixa da irmandade também tinha que se responsabilizar com a compra de equipamentos mais mezinhas para a escrituração e o trabalho dos tesoueiros e escrivães. Em 1857 são comprados, sem especificação individual, pelo Tesoureiro Interino Estevão Candido de Carvalho, “utensílios para a escrituração da Irmandade na quantia de vinte mil oitocentos e vinte réis. Documento nº 3. 20\$820”. E, no mesmo ano, uma régua para a escrituração da irmandade, por 500 réis. Em 1864 foi adquirida por 2\$400 réis uma garrafa de tinta para escrever, em 1868, penas e cadernos por 200 réis, em 1869, pena e papel por 240 réis e, em 1871, papel para o procurador escrever assentos por 160 réis.

Mas os livros não serviam nada para a escrituração da irmandade se não recebessem a chancela estatal e por isso aqueles dois livros adquiridos no ano de 1834, na véspera da guerra civil farroupilha, receberam o selo nacional: o das atas por 2 mil réis e o outro por 4 mil réis. O mesmo ocorreu com o Livro 1º das Atas da Irmandade, adquirido em 1846 e selado por 12 mil réis. Em 1863 aparecem mais duas anotações de pagamento de selos, uma por 800 réis e outra por seis mil réis. Em 1863 o Livro 3º de Receita e Despesa teve que ser todo rubricado pelo juiz municipal Sebastião Jose Pereira Junior, em suas cem folhas, para ser considerado válido, pagando os irmãos do Rosário 4 mil réis, quantia que devia incluir os termos de abertura e encerramento do livro. Quantia que subiu substancialmente no ano de 1875, quando o Juiz Municipal rubricou o livro 4º de contas do Rosário (o qual não temos), por 20 mil réis.

Este Livro é destinado ao lançamento das contas da receita e despesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario. Todas as folhas são por mim rubricadas com a minha rubrica que é = Pereira Junior =. Cachoeira 9 de Novembro de 1863.

[assinado] Sebastião Jose Pereira Junior Juiz Municipal

Mesmo aquela polpuda e generosa deixa legada por Francisca Carolina de Carvalho, em 1875, de cem mil réis, foi drasticamente reduzida com o pagamento de impostos a coletoria, no valor de 20\$200 réis.

Inválida no fundo de uma cama: a assistência

As irmandades de *pretos* eram locais de agenciamento social onde a população negra exercitava formas de acolhimento e autonomia relativa, que iam além e tensionavam as intermitências entre cativo e liberdade. Isso se fazia possível, em grande parte, pelo apoio que as irmandades recebiam e proporcionavam aos seus devotos. Dentro disso, estavam incluídas as assistências, uma das despesas que expressa em muito a qualidade das relações sociais que ali residiam e as hierarquias internas daquelas comunidades afro-diaspóricas. Eis um registro de uma assistência praticada em 1834:

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Tesoureiro João Alberto Xavier, em assistência da esmola suprida ao Irmão Miguel Arcanjo, que caiu em pobreza e doente, segundo determina o Compromisso no Artigo Sexto, de que se arbitre a quantia de cem réis por dia, desde o dia trinta de julho até o último deste a quantia de quinze mil réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello
15\$000

A partir deste registro podemos afirmar que no compromisso da irmandade (o qual não localizamos) eram estabelecidas, no artigo 6º, as diretrizes para a concessão da assistência de esmola, determinando em quais casos ela se aplicava e qual seria o valor dado ao irmão ou irmã que estava passando por problemas financeiros ou doenças. A constatação de que existiam entidades religiosas que zelavam por seus devotos negros escravizados, forros ou livres, em casos de dificuldades financeiras ou de doença, é de extrema importância para a ampliação das perspectivas sobre as populações de cor e a forma como as vemos dentro dos processos de construção da sua própria história.

Se essa população foi capaz de construir uma rede de relações sociais e religiosas que provesse a alguns de seus membros de apoio financeiro em casos de extrema necessidade, não é possível dizer que estes irmãos e irmãs do Rosário não eram agentes de sua própria história e que viviam em anomia social. Por mais que estivessem inseridos em um contexto que os escravizava e os colocava na base da pirâmide social, o apoio e a autonomia que davam e recebiam dentro das irmandades nos mostra o quanto essas associações não-brancas influenciaram a sociedade no Brasil colonial e imperial.

Considerando os dois livros de contas que temos da irmandade do Rosário da Cachoeira, neles encontramos 20 lançamentos relativos ao fornecimento de assistências aos irmãos e irmãs fragilizados por doenças e desempregos.

Quadro nº 24 – Assistências fornecidas as irmãs e irmãos do Rosário da Cachoeira (1834 a 1875)

Ano	Mês	Dia	Assistência / esmola	Quantia
1834	Dezembro	31	Irmão Arcanjo, que caiu em pobreza e doente;	25\$000
1835	Março	31	Irmão Miguel Arcanjo, que caiu em pobreza e doente – cem réis por dia;	9\$000
1846	Maio	31	Irmão Francisco de Sá, por estar doente;	7\$680
1846	Junho	22	Irmão Francisco de Sá, por estar doente;	7\$680
1846	Julho	30	Irmão Francisco de Sá, por estar doente;	5\$840
1850	Maio	26	Irmã Eufemia em sua enfermidade: 2\$000 supridos a Irmã falecida, um alqueire de cal para a sepultura por \$800, ao pedreiro e servente de fechar a catacumba 2\$720, e ao Vigário pela encomendação da falecida 4\$000 réis;	9\$520
1853	Março	14	Irmã Vita do Espírito Santo, que se achava na indigência, em seis dias até o dia de seu falecimento;	2\$400

1858	Fevereiro	28	Irmão Inválido Joaquim Anastasio de Souza, para o tratamento de sua enfermidade;	8\$000
1858	Agosto	31	Irmã enferma Vicência;	8\$00
1861	Março	28	Irmã enferma Ignacia Simões;	2\$550
1862	Janeiro	19	Irmão invalido Francisco Correia;	4\$000
1864	Abril	30	Irmã Vicência – subsistência na enfermidade;	8\$000
1864	Maio	31	Irmã Vicência – subsistência na enfermidade;	8\$000
1865	Junho	30	Iziquiel da Cunha, indigência em sua enfermidade;	10\$000
1865	Julho	31	Imão desvalido Iziquiel da Cunha;	10\$000
1868	Julho	22	Irmã Ana Maria da Conceição;	6\$000
1868	Agosto	21	Irmã Ana Maria da Conceição;	6\$000
1873	Novembro	30	Irmã Manoela Maria Tavares, falta de recursos na sua doença;	3\$000
1875	Setembro		Irmão Mateus, esmola na sua enfermidade;	2\$880
1875	Maio	30	Tia – Nica – por seu estado de pobreza e doente;	3\$000

Estes exemplos de assistência certamente estavam longe de serem todos os casos em que a irmandade cuidou de seus irmãos e irmãs, mas na maioria das vezes isso deveria ocorrer sem a intermediação pecuniária, com os fragilizados pela doença e velhice sendo amparados mediante outras iniciativas, principalmente por visitas aos irmãos e irmãs mais fragilizados, os quais recebiam apoios diversos, na limpeza das casas, fornecimento de alimentos e medicamentos, afetos e cuidados. Mas vejamos um pouco mais detalhadamente os casos acima, para apreendermos a lógica assistencial daquela irmandade.

Como já vimos no início deste subitem, o tesoureiro João Alberto Xavier supriu o irmão Miguel Arcanjo, em 31 de dezembro de 1834, da quantia de 15 mil réis. Provavelmente essa quantia foi entregue não ao irmão adoentado, que talvez estivesse de cama e impossibilitado de sair de sua casa, mas a alguém de sua família ou grupo de convívio, que dele cuidava naquele momento de fragilidade. Essa não foi a única quantia despendida pela irmandade em favor daquele devoto do Rosário enfermo, que julgamos já ser de avançada idade:

Março, 31 [1835]

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em assistencia da esmola suprida ao Irmão Miguel Arcanjo, que caiu em pobreza e doente, segundo determina o Compromisso no Artigo Sexto, em virtude do qual se arbitrou de tres mil reis por mes, desde o primeiro de janeiro do corrente ano ate o ultimo de Março deste, a quantia de nove mil reis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 9\$000

Somando os dois lançamentos, temos 8 meses arbitrados a quantia de 3 mil réis mensais, de agosto de 1834 a março de 1835, que somaram 24 mil réis gastos pelos cofres do Rosário e São Benedito, para cuidar e confortar um irmão nos seus últimos momentos de vida. Miguel Arcanjo integrou a mesa diretora da irmandade em dois momentos, 1827 e 1828, desempenhando a função de andador.

Ele e a sua mulher Catarina de Jesus ingressaram no Rosário da Cachoeira aos quinze dias do mês de agosto de 1812, e o escrivão Joaquim dos Santos Xavier Marmelo não fez referência a cores ou status dos novos associados. No livro de matrícula de irmãos e irmãs, consta o pagamento conjunto de anuais do casal até 1825, quando aparentemente a irmã Catarina faleceu, em 29 de junho daquele ano. Miguel Arcanjo segue pagando os anuais até o ano seguinte a sua atuação como andador, 1829, quando está anotado que ele caiu “em pobreza e está na graça do artigo 11 do Compromisso”, uma isenção provavelmente reservada aqueles irmãos e irmãs que não tinham condições de pagar anuidades. Viúvo, Miguel Arcanjo faleceu em 24 de abril de 1835, sendo que missas foram rezadas pelo falecimento dos dois devotos. Mesmo que não tenhamos localizado os óbitos de Catarina e Miguel Arcanjo, onde estas informações provavelmente apareceriam, supomos que eles fossem egressos do cativoiro.

Pouco mais de um ano após o fim da guerra civil farroupilha, aos dez dias do mês de maio de 1846, os irmãos do Rosário e São Benedito se encontraram no interior da Igreja Matriz da Conceição da Cachoeira para suas solenes deliberações. Na ata final redigida,

[...] foi participado pelo Procurador Iziquel da Cunha que o Irmão Francisco de Sá se achava gravemente enfermo sem o minimo socorro, por ficar inteiramente pobre; em vista do que se rezolveo de se lhe dar, digo, de se lhe socorrer para sua subzistencia com trezentos e vinte reis diariamente, durante a sua enfermidade na forma do Capitulo Sexto do Compromisso, do que para constar se lavrou este termo, em que assignou a Rogo do Juiz por não, digo, do Juiz Pedro, Escravo de David²⁵¹, assignou Joaquim Anastacio de Souza, e eu Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro, Escrivão, o escreveu.

O irmão Francisco de Sá foi eleito para ocupar o cargo de andador por três vezes, desempenhando este cargo nos anos de 1844, 1845 e 1846:

²⁵¹ Trata-se de Pedro, juiz, escravo de David José de Barcelos.

Cargo	1844	1845	1846
Protetor	Padre Antônio Homem de Oliveira	Antônio Homem de Oliveira	Antônio Homem de Oliveira
Rei	Rogério de Carvalho	Inácio [escravizado]	José [escravizado]
Juiz	Celestino dos Santos	Manoel de Campos	Pedro [escravizado]
Rainha	Supriana Trilha	Thereza [escravizado]	Clarinda [escravizado]
Juíza de Vara	Vita do Espirito Santo	Custodia Maria de Jesus	Inácia [escravizado]
Juíza do	Margarida [escravizada]	Belbina, mulher de José	Vicência [escravizada]
Ramalhete	e Joaquina Maria de São José	Antônio Mina e Eufemia [escravizada]	e Zeferina Antonia de Amorim
Capitão do Mastro	Manoel [escravizado]	Pedro [escravizado]	Inácio [escravizado]
Procurador	Iziquiel da Cunha	Iziquiel da Cunha	Iziquiel da Cunha
Andador	Francisco de Sá	Francisco de Sá	Francisco de Sá
Tesoureiro	João Alberto Xavier	João Alberto Xavier	João Alberto Xavier
Escrivão	Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro	Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro	Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro

Foi, portanto, no desempenho da função de andador que Francisco de Sá foi acometido de grave enfermidade, não podendo trabalhar e ficando *inteiramente pobre*. Certamente tratava-se de um trabalhador manual e a enfermidade o privou de exercer seu ofício. O tesoureiro do Rosário João Antônio Xavier anotou nos livros da irmandade a saída de recursos para assistência do irmão Francisco de Sá por três vezes

Despesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos pretos do anno de 1846 o seguinte

[...] Março, 31

Pelo que despenceo o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier com o Irmão Francisco de Sá por se achar doente e não ter meios de subsistir a quantia de sete mil seiscentos e oitenta reis. 7\$680

[...] Junho, 22

Pelo que despenceo o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier com o Irmão Francisco de Sá por se achar doente e não ter meios de Subsistir, a quantia de sete mil oito centos e quarenta reis. 7\$840

Julho, 30

Pello que despenceo o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier com o Irmão Francisco de Sá por se achar doente, e não ter meios de Subsistir, athe a sua morte a quantia de sinco mil oitocentos e quarenta reis. 5\$840

Somando os três lançamentos acima, chegamos a 21\$360 réis, o que dá cerca de 67 dias de auxílio, considerando a quantia de 320 réis diários. O irmão Francisco de Sá encerrou seus dias em 27 de julho daquele ano de 1846, sendo descrito pelo padre Antônio Homem de Oliveira como forro,

preto e com 80 anos de idade. Com essa provecta idade não houve muita atenção a causa de sua morte, sendo anotado genericamente – *moléstia interna*. Além desses dados, o eclesiástico acrescentou no registro de óbito, que Francisco de Sá foi casado com a parda Antônia, escravizada de Antônio Simões Teixeira.²⁵²

Antônio Simões Teixeira foi um dos primeiros povoadores brancos a ocuparem terras na região de Cachoeira. Na Relação dos Moradores de 1784 ele aparece ocupando vasta propriedade fundiária, recebida parte como concessão do governador Figueiredo em 03.04.1780 e parte comprada do Cap. de Dragões Carlos José da Costa e Silva, em 30.12.1782. Nessa fazenda ele criava um rebanho de 3.000 animais, 20 bois, 7 cavalos, 1.500 éguas, 100 potros, 20 mulas, 15 burros, 30 burras.²⁵³ Antônio Simões Teixeira casou com Dona Jacinta Maria de Jesus, a qual, ao enviuvar, contraiu segundas núpcias com o Capitão Bernardo José Alves.

Na lista de senhores escravistas do distrito da Cachoeira produzida a mando da Coroa portuguesa em 1788, encontramos os cativos e cativas abaixo, de Antônio Simões Teixeira, mas a Antônia e o Francisco que ali consta não são, certamente, os que nos interessam.

Quadro nº 25 – Escravizados e escravizadas de Antônio Simões Teixeira (Cachoeira, 1788)

Nome	Idade	Cor	Origem
Ana	40	s/r	Rebolo
Antônia	13	s/r	Rio Pardo
Antônio	24	s/r	Benguela
Domingos	26	s/r	São Paulo
Eusebio	13	s/r	Rio Pardo
Fabiana	15	s/r	Rio Pardo
Faustina	16	pardo	Rio Pardo
Francisco	43	s/r	Mina
Joao	20	s/r	Curitiba
Lucas	40	s/r	Angola
Manoel	14	s/r	Benguela

²⁵² AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 109.

²⁵³ AHRS – Fazenda, F-1198, nº 62.

Maria	22	s/r	Benguela
Maria	50	s/r	Congo
Perpétua	3	s/r	Cachoeira
Sebastião	66	s/r	Angola
Tomás	22	s/r	Benguela
Xavier	30	s/r	Benguela ²⁵⁴

O fazendeiro Antônio Simões Teixeira redigiu o seu testamento em Porto Alegre, aos 26 dias de junho de 1795, em seu perfeito juízo e entendimento. Ele se apresentou como natural da Ilha de São José da vila de Topo, no arquipélago dos Açores, onde foi batizado na freguesia de Nossa Senhora do Rosário. Era filho legítimo de Manoel da Cunha e Paula Maria, já falecidos e foi casado três vezes, primeiro com Barbara Maria (sem filhos), segundo com Rosa Margarida (com quem teve 8 filhos, sendo 6 falecidos) e por último com Jacinta Maria de Jesus (com quem teve 4 filhos).

Ele informa ter “duas estâncias povoadas de animais vacuns, cavalares, muares, burros e burras, uma das ditas estâncias cita entre São Sepé e Santa Bárbara e outra em Boturacá, cujas comprei”. Trabalhavam em suas propriedades trinta escravizados, “entre machos e fêmeas” e mais onze “que me furtaram os ladrões correntinos espanhóis e os levaram para Montevideú, e caso os meus testamenteiros tenham notícia os farão vir ainda mesmo a custa desta minha testamentária, afim de que eu os não perca”. Ele manda rezar várias missas em igrejas do Rio de Janeiro, mostrando ter deixado raízes e boas relações naquela cidade. Com relação ao seu enterro pede para ser acompanhado por “todas as irmandades que houverem, as quais se dará a esmola do costume” e deixa cem mil réis a cada uma das duas “irmandades que há na minha freguesia, do Santíssimo Sacramento e das Almas”. Esse portentoso fazendeiro não sabia ler nem escrever e o testamento foi redigido a seu pedido pelo tabelião Manoel dos Santos Pereira.²⁵⁵

O testamento de Antônio Simões Teixeira foi aberto em 20 de dezembro de 1797, quando de sua morte, tendo o monte-mor atingido

²⁵⁴ Fonte: ANRJ – Série Justiça – Africanos. Código do Fundo “AM”, Seção de guarda “CODES”, notação “IJ6”, maço 934. “Relações dos Escravos das freguesias de São Nicolau da Cachoeira, Triunfo (1788/1789) e Mostardas (1787)”; MATHEUS & MOREIRA, 2013.

²⁵⁵ APERS – Cartório de Órfãos e Ausentes de Porto Alegre, inventário n° 3953^a, Inventariado: Antônio Simões Teixeira, inventariante: Jacinta Maria de Jesus, 1807; APERS – 1° Cartório de Órfãos e Ausentes de Porto Alegre, inventário n° 3953, maço 147, Inventariado: Antonio Simões Teixeira, Inventariante: Jacinta Maria de Jesus, 1791.

42:787\$353 réis. Não nos alongaremos na longa lista do gado existente nas duas estâncias, onde também se plantava trigo e produzia farinha. O inventário post-mortem sofreu uma impugnação, ao que parece em função de problemas com um dos herdeiros, o filho Antônio Simões Teixeira, que era *demente*, sendo retomado apenas em 1807. Os trinta escravizados mencionados no testamento foram então devidamente listados, constando Francisco e Antônia descritos junto da propriedade rural existente em Cachoeira, entre os rios Jacuí e Botucarái, os quais foram legados a viúva Jacinta Maria, já então casada com o Capitão Bernardo José Alves.

Trinta e cinco anos antes de seu falecimento, Francisco e Antônia resolveram consagrar na Igreja a sua relação afetivo-familiar. Isso ocorreu na matriz da Conceição, no centro da vila da Cachoeira, aos 22 dias de abril de 1811, às 4 horas da tarde. Francisco aparece como natural e batizado na cidade do Rio de Janeiro e Antônia como natural e batizada na Capela Grande de Viamão, ambos escravizados do Capitão Bernardo José Alves. O casório foi apadrinhado por José Joaquim Borges e Tomás das Neves.²⁵⁶

Consideramos que a relação de Antônia e Francisco era bem anterior ao seu conagração na Igreja Católica, porque em 17 de outubro de 1801 Antônia deu a luz a uma criança do sexo masculino. Onze dias depois, ela levou seu filho natural até a matriz de Cachoeira para receber os santos óleos do batismo e pediu que ele fosse chamado de Francisco, talvez uma homenagem ao pai, quem sabe ali presente ao seu lado, mas invisibilizado no registro eclesiástico. O senhor da mãe e do fruto de seu ventre era o quartel mestre Bernardo José Alves e Antônia tornou-se naquele dia comadre do padrinho de seu filho, Antônio (escravizado do mesmo senhor) e da madrinha Clara (escravizada de Manoel Antônio Simões)²⁵⁷.

Agora sabendo que o andador Francisco Sá foi escravizado por Antônio Simões Teixeira, voltamos aos livros da Senhora do Rosário e encontramos a sua entrada aos 15 dias de agosto de 1812, ano seguinte de seu matrimônio. O escrivão Marmello anotou que “Francisco Escravo de Antonio Simois” queria “servir a mesma Senhora nesta irmandade” e o admitiu no seio daqueles devotos. Ele pagou as anuidades, mesadas e joias regularmente até 1835, estando anotado o seu falecimento em 26 de julho de 1846 e que “a Irmandade o supriu durante sua Molestia”.

²⁵⁶ AHCMCS – Livro 2 de Casamentos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira.

²⁵⁷ AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul, 1799/1842.

Já informamos anteriormente que o forro Francisco de Sá assumiu o cargo de andador por três vezes, em 1844, 1845 e 1846, mas “do anno de 1829 para o de 1830” ele atuou como irmão de mesa, aparecendo como “Francisco, Escravo de Antonio Simões Teixeira”. Em 1835, ele foi eleito como andador, mas já constava como “o Irmão Francisco Simões Libertato”, e isso se repetiu nos anos seguintes, 1836 e 1837, quando ele aparece simplesmente como Francisco Simões, sem indicação de ser egresso do cativo. Em função da guerra civil farroupilha, que durou de 1835 a 1845, não ocorreram eleições no Rosário da Cachoeira entre os anos de 1837 a 1844, mas reuniões continuaram ocorrendo, sendo que nas de 1840 e 1841 encontramos a assinatura a rogo de Francisco Simões ou Simoens²⁵⁸. Por esses registros, ficamos sabendo que ele se livrou do cativo entre os anos de 1830 e 1835, assumindo inicialmente o sobrenome senhorial, mas depois firmando-se com o nome de livre de – Francisco de Sá. Os registros do Rosário trataram de invisibilizar a sua ligação com o cativo, que o padre reafirmou, quando de sua morte.

Aos 20 dias de maio de 1850 os irmãos do Rosário se reuniram e desta reunião foi redigida uma ata “para a Irmandade assistir a Irmã Eufêmia com hua diaria por se achar enferma no estado de indigência”:

Aos vinte dias do mez de Maio do anno mil oito centos e sincoenta nesta Villa da Cachoeira em Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos achando-se reunida em Meza de Irmandade o Juiz Francisco de Chaves Thezoureiro Procurador comigo Escrivão, e alguns Irmaons de Meza, foi pelo Procurador declarado que a Irman Eufêmia Escrava que foi de Dona Josefa Gomes dos Santos hoje Liberta, que se achava bastante enferma e na ultima indigencia sem o minimo socorro, ao que a Irmandade fez os socorros digo fez as indagaçoens necessarias a respeito e conheceo ser verdadeira a informação e por isso se deliberou que o Thezoureiro da Irmandade assisti-se com hua diaria de trezentos e vinte reis para a sua subzistencia durante a sua Infermidade, ficando o Procurador incumbido de participar a esta Irmandade que logo que restabelecesse participasse a esta Irmandade para deliberar, obrando assim com o Artigo digo Capítulo Sexto do Compromisso o que faço este termo em que assignarão; e eu Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro, Escrivão o escrevui.

Pela ata acima, percebemos que, depois de ser avisada do estado de enfermidade e *última indigência* da irmã Eufêmia, a mesa diretora ainda realizou *indagações* antes de acionar o capítulo 6º do seu Compromisso e

²⁵⁸ Em 31.12.1836 e em 31.01.1838 o tesoureiro João Alberto Xavier anotou recebimentos de esmolos da caixinha tiradas pelo Irmão Francisco Simões, no valor de 4\$580 e 3\$420 réis.

passar a auxiliá-la com a diária de 320 réis. No livro 2º de contas da irmandade, consta a seguinte nota:

Maio, 26 [1850]

Despendeu o Actual Thezoureiro João Alberto Xavier com o suprimento feito a Irmam falecida Eufemia em sua enfermidade, a quantia de nove mil quinhentos e vinte reis; sendo dois mil reis suprido a Irmam falecida, um alqueire de Cal para a sepultura por oito centos reis, ao Pedreiro e Servente de feixar a Catacumba dois mil sete centos e vinte reis, e ao Vigário pela encomendação da falecida quatro mil reis.

[a] Miguel Teixeira de Carvalho, Escrivão interino 9\$520

Eufêmia, ainda escravizada de Dona Josefa Gomes Lisboa, pediu para tornar-se irmã do Rosário e servir a mesma Senhora, aos 27 dias de dezembro de 1831 e continuou pagando os anuais até 1848, tendo pago a joia de Juíza do Ramalhete, em 1845. Abaixo de sua matrícula está anotado que ela “Faleceo a 26 de Maio de 1850. Forao ditas as Missas – e a Irmandade lhe suprio durante sua Molestia”²⁵⁹. Escravizada e escravizadora eram analfabetas e quem assinou por ambas foi o cunhado da senhora, Jacinto Lopes Falcão. Logo de seu ingresso na irmandade, Eufêmia assumiu como 2ª Juíza do Ramalhete, cargo que reassumiu em 1845 e 1850, sempre como escravizada da mesma senhora.

Dona Josefa Gomes Lisboa, escravizadora de Eufêmia, redigiu seu testamento alguns dias antes de morrer. Ela estava morando em São Gabriel e verteu no papel suas últimas vontades em 7 de julho de 1874, sendo o testamento aberto no dia 25 seguinte. Ela contou que estava “doente e em avançada idade, porem no uso de todas as minhas faculdades intelectuais”, que era católica, natural desta província, filha legítima de Salvador Gomes Lisboa e Francisca Maria dos Santos, ambos já falecidos. Dona Josefa sempre viveu no estado de solteira, portanto não tinha herdeiros necessários. De bens ela só tinha duas moradas de casas na rua do Loreto, fundos com a de Santo Antônio, em Cachoeira, “sendo uma em que sempre residi”, que herdou dos finados pais e outra em que reside Velocino de Tal, provavelmente o pardo Velocino de Araújo Bastos.²⁶⁰

²⁵⁹ Examinamos o livro nº 3 de registros de óbitos de Cachoeira, que abrange o período de 1827 a 1860 e não encontramos a anotação do falecimento de Eufêmia.

²⁶⁰ Essa segunda casa ela deixou para o afilhado que morava em Mostardas, Evaristo Gomes Lisboa e a aquela em que ela residia deixou, em partes iguais, para as sobrinhas Francisca Gomes Lisboa (casada com Gabriel Pereira Fortes) e Clarinda Gomes dos Santos (casada com Joaquim Gomes Lisboa Filho). Dona Josefa pede um enterro sem pompa, mas com decência e indica como testamenteiros: Jacinto Franco de Godoi, José Soares de Almeida e o

Em 14 de março de 1853, o tesoureiro Antônio dos Santos Falcão registrou no respectivo livro de contas da irmandade do Rosário ter despendido 2 mil e 400 réis, “em virtude da Resolução da Irmandade, com suprimento feito a Irmã que se achava na indigência Vita do Espírito Santo, em seis dias thé o dia de seu falecimento, na razão de quatro centos reis diários”. O tesoureiro assim procedeu pois, como ele mesmo informou, assim foi deliberado pela mesa diretora daquela associação:

Aos catorze dias do mes de Março de mil oito centos e cincoenta e tres annos, nesta Villa Nova de Sam Joam da Cachoeira, no Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, reunida a meza da mesma Irmandade, foi pelo procurador della, Iziquiel da Cunha, dito, que a Irmã Vita do Espírito Santo, se achava gravemente enferma, sem o minimo soccorro, por se achar inteiramente pobre. Em vista do que rezolveo a mesa da mesma Irmandade, que o Thezoureiro socorresse a dita Irmã com a quantia de quatro centos reis diarios, durante a sua emfermidade, conforme dispõe o Capitulo Sexto do respectivo compromisso. E para constar se lavrou a presente acta que assignarão perante mim Estevão Candido de Carvalho, Escrivão da Irmandade o escrevy e assigney.

Vita do Espírito Santo assinou “com cruz por não saber escrever” o termo de sua matrícula na Irmandade do Rosário da Cachoeira, aos vinte e sete dias do mês de dezembro de 1828. Pagou os 640 réis de entrada e os anuais até o ano de 1850, constando na margem inferior de sua matrícula que – “Faleceu a 19 de Março de 1853 e forao ditas as Missas e a Irmandade lhe soprio dorante sua moléstia”. Vita (Maria) do Espírito Santo foi juíza do ramo em 1828/1829 e 1832, juíza de vara em 1844 e juíza do ramallete em 1850.

Já no dia 1º de agosto de 1858, reunidos no consistório da Senhora do Rosário dos pretos da Cachoeira, os devotos discutiram sobre a proposta do procurador da irmandade:

[...] que achando-se a Irmã Vicencia Liberta se achava no fundo de uma cama invalida e hera percizo que a Irmandade a socorrece, a vista disso resolveo a Irmandade que dece-lhe a quantia de oito mil reis mensalmente e para o que authorizou ao Irmão Thezoureiro de dar esse dinheiro, e assim mais que manda-se vir uma duzia de Toxas e uma caixa de cera que se faz muito percizo para a Irmandade e para constar fiz a presente acta em que assignarão perante mim Francisco Gonsalves da Fontoura, Escrivão da Irmandade que escrevy e assigno.

sobrinho Bernardino de Oliveira Porto (APERS – Provedoria de São Gabriel, Testamento nº 156, Testadora: Josefa Gomes dos Santos, Testamenteiro: Jacinto Franco de Godoy, 1874).

A ata acima certamente registrou as palavras do procurador da irmandade, que procuraram descrever o estado lastimável da irmã liberta Vicência, que se *achava no fundo de uma cama inválida*. Ao finalmente atingir o status de libertas, as mulheres tinham que gerenciar um corpo cansado e uma alma fatigada por décadas de violência escravista. Lembremos que as mulheres negras eram *duplamente escravizadas* (bell hooks, 2019, p. 19), sujeitas a duras rotinas de trabalho, má alimentadas, responsabilizadas pelo cuidado de sua família e da família senhorial (DAMASCENO, 2019) e sujeitas a vulnerabilidade sexual e a exploração reprodutiva.²⁶¹

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1858. Despeza.

Agosto, 31

Idem. Idem. suprimento feito a Irmã enferma **Vicencia** a quantia de oito mil reis. Documento N. 14. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 8\$000

Mas pelo jeito Vicência perseverou e conseguiu, com o auxílio dos irmãos e irmãs de devoção e cor, sobreviver a mais uma peleja. Seu corpo, que fraquejava, resistiu ainda mais alguns anos. Entretanto, seis anos após, a mesa diretora voltou a focar no seu caso, que mais uma vez exigia a atenção dos irmãos e irmãs do Rosário e São Benedito:

Aos vinte e douz dias do mez de Maio de mil e oitocentos e sessenta e quatro annos, as quatro horas da tarde, nesta Cidade da Cachoeira, no Consistório da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario [...] Foi dito mais pelo Juiz que achando-se a Irmã Vicencia Christina na Circunstancia do disposto do Capitulo sexto, mandou pelo Procurador da Irmandade concorrer com a quantia de oito mil por mez athe a deliberação da meza, o que passou na sessão de hoje e para constar passei a presente acta que assignarão comnigo Escrivão Interino da Irmandade.

[...]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário desta Cidade de São João da Cachoeira. Estevão Candido de Carvalho

1864 – Despesa

Abril 30

Despendeo o actual Thesoureiro com subsistencia e enfermidade da irmã pobre **Vicencia** a quantia de oito mil reis (Documento N° 10). 8\$000

Maior 31

Despendeo o actual Thezoureiro Estevão Candido de Carvalho com a subsistencia e enfermidade da irmã pobre Vicencia a quantia de oito mil reis (Documento N° 13°). 8\$000

²⁶¹ “A reprodução era opressora para todas as mulheres negras férteis escravizadas. Subnutridas, carregadas de trabalho, as mulheres raramente tinham uma condição física que proporcionasse um parto fácil e seguro” (bell Hook, 2019, p. 77).

Vicência, escravizada de Dona Christina, adentrou a comunidade da Senhora do Rosário em 8 de dezembro de 1843, e “para isso obtivera licença de sua Senhora”, sendo a matrícula assinada por Carlos da Costa Loureiro. Ela entrou para os cofres da irmandade com a entrada e os respectivos anuais até o ano de 1862, pagando em 1846 a joia de juíza do ramallete.

Percebemos que, na ata de 1858, Vicência era já chamada de liberta, e na de 1864 foi chamada de Irmã Vicência Christina, invisibilizando, assim, seu passado de escravizada. Supomos que essa Vicência fosse viúva de Antônio Monteiro, com quem casou em 1848, casal que já tratamos no item dos capitães de mastro. Ambos eram caçanjes e Vicência, para cumprir sua sina diaspórica em liberdade, teve que indenizar sua senhora Cristina Maria Monteiro, em 31.03.1848, com 600 mil réis, quantia 25 vezes superior ao que os irmãos e irmãs do Rosário tiveram que fornecer-lhe para sua doença. Escravizados e escravizadas tendo de indenizar seus ex-senhores e senhoras, que viveram da exploração de seus trabalhos e ventres durante décadas, parece um absurdo humanitário. Antes de executarem esses cruéis processos de autocompra, deveriam ter sido ressarcidos com medidas compensatórias, o que está colocado na agenda dos movimentos negros contemporâneos²⁶².

Outra assistência discutida e fornecida pela irmandade foi para a irmã Inácia Simões:

Aos vinte e um dias do mez de Abril de mil e oitocentos e secenta e um annos, no Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, nesta cidade de São João da Cachoeira, reunida a meza da Irmandade para deliberar sobre a Irmã desvalida Ignacia Simoes, do que a vista da informação que deu o Procurador da mesma Irmandade em vista do Capitulo sexto do compromisso, deliberarão darem diariamente a dita Irmã Ignacia a quantia de trezentos e vinte reis ate segunda deliberação. Deliberarão mais nao cobrar o aluguel de um Caixão que servio para a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição para mandar sepultar o cadaver da Irmã da mesma Irmandade Anna Narciza, do que para constar lavrei a prezente Acta que eu Antonio da Costa Rocha Escrivão da irmandade escrevi.

[...]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade da **Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura**
1861. Despeza. Transporte da despeza 10\$280
Abril, 28
Idem. Idem com o sofráje para a Irmam Imferma **Ignacia Simoes** a quantia de dois mil quinhentos e secenta reis. 2\$560

²⁶² APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira – Livro nº 5 de Transmissões e Notas, folha 32v.

A matrícula de “Ignacia, Escrava de Manoel Antonio Simoens” ocorreu no dia primeiro de janeiro de 1845 – “e por ella foi dito que pela devoção que tinha a Nossa Senhora do Rozario” queria ser irmã “para servir na Irmandade”, sendo a sua entrada averbada pela assinatura de seu senhor Manoel Antônio Simões Teixeira. Ela serviu a Senhora do Rosário pagando as anuidades até 1864, incluindo ainda duas joias de juíza da vara, em 1846 e 1861.

Na ata de 1861, mesmo ano em que desempenhava pela segunda vez o cargo de juíza da vara, ela aparece nomeada como Inácia Simões, sem acréscimo de cor ou status, mas deixando evidente que já era alforriada. Infelizmente não localizamos seu óbito, nem o registro cartorial de seu documento de liberdade. De seu senhor Manoel Antônio Simões Teixeira (filho legítimo de Antônio Simões Teixeira e Dona Jacinta Maria de Jesus) temos apenas uma carta de alforria registrada no cartório local em 24.05.1853 e redigida vários anos antes, em 25.11.1844, que beneficiava o pardo Paulo, que teve que desembolsar a elevada quantia de um conto de réis para adquirir a sua liberdade.²⁶³

Na verdade, esta elevada quantia não foi certamente paga pelo crioulo Paulo, pois ele era ainda uma criança na época. Paulo nasceu em 23 de fevereiro de 1840, filho natural da também crioula Felisberta, escravizados do farmacêutico Narciso Peixoto de Oliveira. Não sabemos quem era o pai de Paulo, mas ele foi apadrinhado por Joaquim Anastácio de Souza (que aparecerá em breve neste texto) e amadrinhado pela parda Inácia (de Manoel Antônio Simões Teixeira). Provavelmente o tempo transcorrido entre a redação da carta, em 1844, e o seu registro efetivo em cartório, em 1853, foi o necessário para que essa família, parentela e grupo de convívio reunisse o capital necessário para libertar Paulo do cativo. Certamente a juíza da vara Inácia Simões, madrinha daquela criança nascida escravizada, foi protagonista nesse embate contra o cativo.²⁶⁴

Aliás, o compadrio de Inácia e Felisberta se intensificou quando nasceu no ano seguinte, em 16 de outubro de 1841, a menina Eva. Levada a pia batismal em 10 de março de 1842, Eva foi amadrinhada por Inácia (de Manoel Antônio Simões Teixeira) e pelo pardo liberto Lino Francisco Bue-

²⁶³ APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro nº 5 de Transmissões e Notas, folha 190; APERS – Cartório de órfãos e ausentes de Cachoeira, inventário nº 58, inventariada: Dona Angélica Freire de Jesus, inventariante: Capitão José Raimundo da Cunha (viúvo cabeça de casal), 1831.

²⁶⁴ AHCMCS – Livro 1º de Batismos de Escravos de Cachoeira do Sul.

no. Que afetos antecederam o comadrio dessas duas mulheres negras? Inácia teria ajudado nesses dois partos? Teria sido uma ajuda ocasional ou ela atuaria como parteira? Podemos aventar que os irmãos e irmãs do Rosário e São Benedito pensaram que Inácia daria uma ótima juíza por ser reconhecida e respeitada comunitariamente como uma boa parteira? Atividades certamente diferentes, mas que exigiam nos seus desempenhos capricho, confiança comunitária, preocupação pelo outro. Esse raciocínio nos faz conjecturar que das mesas da irmandade não participavam apenas homens e mulheres negros, alguns ainda escravizados e outros já libertos, mas personalidades daquela comunidade afro-diaspórica, que se projetavam pelas experiências que acumulavam, principalmente em atos de recíproca generosidade e relevância comunitária.

Mas irmãos e irmãs necessitando do amparo daquela comunidade devocional não faltavam e esta era uma demanda frequente nas rodas de conversas do consistório, das ruas e da igreja, na saída das missas, na volta dos velórios e enterros. Em 1862, a mesa diretora discutiu o caso do irmão Francisco Correia:

Aos vinte nove dia do meis de Dezembro de mil e oitocentos e sessenta e um anno, no consistório da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario [...] e sendo proposto pelo Irmão procurador para ser socorrido o Irmão desvalido Francisco Correia achou a Irmandade que não estava no caso de ser socorrido, e nada mais houve, e por achar conforme lavrei esta Acta que dou fé Eu Antonio da Costa Rocha, Escrivão que escrevi e assignamos.

[...]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1862. Despeza

Janeiro, 19

Idem com o sufrajo ao Irmão desvalido Francisco Correia a quantia de quatro mil reis, documento N° 1.

Como percebemos acima, a assistência ao irmão Francisco Correia chegou a mesa diretora da irmandade pela primeira vez em dezembro de 1861, sendo proposta pelo procurador Joaquim Anastácio de Souza. Naquela ocasião os irmãos decidiram que Francisco “não estava no caso de ser socorrido”, mas não registraram em ata o que os levou a tal decisão, talvez por suas deficiências físicas não serem ainda tão graves e ele conseguir sobreviver, seja por seus próprios recursos ou de sua família ou grupo de convívio. Mas menos de um mês após, os mesários perceberam o agravamento da situação de fragilidade do seu irmão de devoção e o sufragaram – apoiaram – com a quantia de quatro mil réis.

O irmão Francisco Correia militou aguerridamente naquela irmandade afro-diaspórica, sempre como irmão de mesa. Ele aparece como me-sário entre 1847 e 1853, reiteradamente como escravizado de Joaquim Correia de Oliveira. Além disso, ele contribuiu para a saúde financeira daquele associativismo religioso:

1849. Receita. Outubro, 31

Recebeo o Irmão Thezoureiro João Alberto Chavier, de esmolla da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão Francisco, Escravo de Joaquim Correia de Oliveira, a quantia de seis mil nove centos e vinte reis. 6\$920

1851. Receita. Julho, 30

Recebeo o actual Thezoureiro importancia das Esmollas das Caixinhas, tiradas neste mês, pelo Irmão Francisco Escravo de Joaquim Corrêa de Oliveira, a quantia de seis mil e oito centos reis. [a] João Alberto Xavier [a] Estevão Cândido de Carvalho 6\$800

1852. Receita. Novembro, 30

Recebido de Esmola da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão Francisco escravo de Joaquim Correia de Oliveira, a quantia de quatro mil quinhentos e secenta reis. O Thezoureiro interino [a] Miguel Teixeira de Carvalho [a] Estevão Candido de Carvalho 4\$560

Notamos que na ata da mesa da irmandade de dezembro de 1861 e na anotação contábil do fornecimento da assistência de quatro mil réis, em janeiro do ano seguinte, o nome de Francisco consta como – Francisco Correia –, sem indicação de cor ou status. É que o bondoso senhor Joaquim Correia de Oliveira concedeu alforria ao seu escravizado preto Francisco, “sem cláusula ou condição”, em 7 de dezembro daquele ano de 1861, registrando o documento em cartório no mesmo dia. Como sabemos, os senhores tinham certas responsabilidades com seus trabalhadores escravizados, que afinal os sustentavam, aos quais deveriam atender em casos de doença e morte. Com a alforria, Joaquim Correia se desonerou do amparo devido ao seu escravizado, passando essa responsabilidade para aquele coletivo devocional. O preto Francisco Correia, infelizmente, gozou pouco de sua vida como liberto, falecendo em 28 de janeiro de 1862, de gastro hepatite crônica, e sendo enterrado no dia seguinte no cemitério local, certamente acompanhado da solidária comunidade afro-diaspórica que ele integrava.²⁶⁵

Alguns anos depois, o capítulo 6º do compromisso voltou a ser lembrado, desta vez com relação a irmã Ana Maria da Conceição:

²⁶⁵ APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Transmissões e Notas livro 9, folha 127; AHCMCS – Livro 4 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1860 a 1868), folha 9v.

Aos vinte e seis dias do mes de Junho de mil e oito centos cecenta e oito, no Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario [...] propos o Irmão Procurador que, no cumprimento do Capitulo sexto do Compromisso, visitou a Irmã Anna Maria da Conceição, que se acha gravemente enferma, e que se acha no cazo de receber a esmola que o mesmo Compromisso determina, e a mesa concordando com esta proposta determinou que elle procurador continuasse a suprir a mesma irmã enquanto estivesse enferma com a quantia de seis mil réis menças. Nesta ocasião entregou o Irmão procurador ao Irmão Thezoureiro os rendimentos dos mezes de Maio e Junho na importância de cemto e des mil sete centos e oitenta réis e não avendo mais nada a tratar lavrou-se a presente acta em que assignarão todos acima mencionados. Eu Francisco Rodrigues Trilha, no impedimento do Escrivão, lavrei esta.

[...]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, desta cidade de São João da Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1868 – Despeza.

Julho 22.

Importancia supprida a Irman Anna Maria da Conceição (Documento N° 6). 6\$000

Agosto 21

Importancia supprida a Irmaã Anna Maria da Conceição (Documento n° 10). 6\$000

Não encontramos muitos documentos sobre essa irmã, mas supomos que seja ela que assumiu o cargo de juíza do ramo, em 1851:

Eleição de Juiz, Juiza, Rey, Rainha, e mais Irmaos de Meza da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario que devem servir para o anno de 1851.

Rei Antonio, Escravo de Dona Felicia.

Rainha Dorothea dos Santos.

Juiz Miguel, Escravo de Manoel Machado.

Juiza da Vara Dona Francisca Carolina de Carvalho.

Juiza do Ramo Dona Joanna de Niza e Castro.

Dicta Anna Maria Conceição.

Capitao do Mastro Januário, Escravo de Daniel Joze Marques.

Procurador Iziquiel da Cunha.

Andador Joao Gomes.

Irmaos de Meza

1° Domingos da Fonceca.

2° Francisco de Chaves.

3° Constantino Gonçalves.

4° Joao, do finado Souza.

5° Joao, Escravo de Gonçalo Teixeira de Carvalho.

6° Francisco, Escravo de Joaquim Carvalho de Oliveira.

7° Manoel de Carvalho.

8° Manoel de Campos.

9° Joaquim Anastacio de Souza.

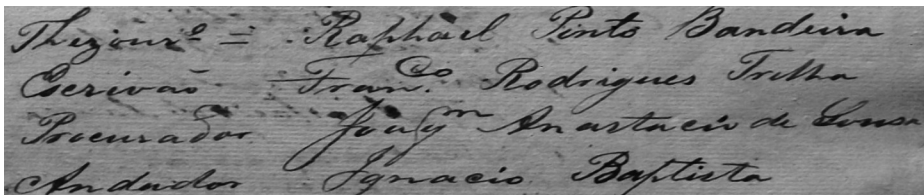
10° Carlos da Costa Loureiro.

11º Manoel Jose do Espirito Santo.
12º Estevao Candido de Carvalho.
[Folha 16v]
Thezoureiro Joao Alberto Xavier.
Escrivao Izequel Rodrigo de Niza e Castro.

Notamos na lista acima, que aparecem três mulheres assumindo o cargo de juízas, sendo que as duas primeiras têm o nome antecedido pelo símbolo de prestígio social de – Dona –, o qual não acompanha a nossa Ana Maria da Conceição. Isso aventa que ela fosse de uma família egressa do cativo, uma mulher negra forra ou já nascida livre. O nome desta irmã do Rosário, que foi juíza em 1851 e recebeu a assistência como *gravemente enferma* em 1868, também atrapalha a pesquisa, pois são muitas homônimas e o sobrenome Conceição compõe uma tradicional prática nominativa afro-diaspórica, tendo como origem o estoque católico (WEIMER, 2013; CAMILO, 2016; SANTIAGO, 2006).

Em 9 de abril de 1847, por exemplo, casaram às 8 horas da manhã, na igreja matriz de Cachoeira, o preto forro paulista Manoel Antônio e Ana Maria da Conceição. A noiva Ana não teve a sua cor ou status exteriorizados, apenas constando que ela era filha legítima de João Vicente e Ledovina Maria e natural da Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos de Viamão. A cerimônia foi presidida pelo padre Antonio Homem de Oliveira e não constam os nomes de testemunhas ou padrinhos.²⁶⁶ Talvez essa fosse a juíza do ramo Ana Maria da Conceição e ela fosse também, como seu noivo, afro-descendente, ou ainda gozasse de uma mestiçagem com a população indígena da Aldeia dos Anjos.

Um pouco acima tratamos do batizado do inocente Paulo, em 1840, filho da crioula Felisberta e que foi levado a pia batismal pela madrinha Inácia [Simões] e pelo padrinho Joaquim Anastácio de Souza. Esse Joaquim Anastácio é presença frequente nos documentos da irmandade do Rosário dos pretos da Cachoeira, ocupando cargos e assinando dezenas de vezes a rogo de outros irmãos e irmãs de devoção.



Thizieur? = Raphael Pinto Bandeira
Escrivao Fran. Rodrigues Trilha
Procurador Joao Anastacio de Souza
Ajudador Ignacio Baptista

²⁶⁶ AHCMCS – Livro nº 3 de casamentos (1823-1849), folha 199.

Entretanto, mesmo este hiperativo devoto, passou por uma fase de fragilidade social ditada pela momentânea falta de saúde. Trabalhadores manuais certamente eram ainda mais sensíveis a esse tipo de carência, ligada a impossibilidade que eles tinham em continuar exercendo os seus ofícios usuais, que dependiam de conhecimentos acumulados, mas também de força física. Mas se esses trabalhadores fossem negros, egressos do cativeiro, tais períodos podiam provocar graves e às vezes irreversíveis mobilidades sociais negativas, já que as famílias muitas vezes não conseguiam suprir a falta momentaneamente de alguns de seus membros, principalmente aqueles mais importantes em seus arranjos familiares. Em momentos assim, a ajuda do coletivo devocional era nodal.

Aos trinta e um dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e cinquenta e sete annos, nesta villa Nova de Sam João da Cachoeira e no Consistorio da Irmandade do Nosso Senhor do Rozario, achando-se reunidos os Irmãos abaixo assignados pelo Irmão Procurador Rafael Pinto Bandeira, pelo qual foi dito, que se achava enfermo e no estado de Pobreza o Irmão Joaquim anastacio de Souza, em vista do que rezolveu a meza que o Thezoureiro socorrece ao dito Irmão com a quantia de quinze mil reis menças, desde o, digo, de quinhentos reis diarios, contados de primeiro de Janeiro do futuro anno em diante, durante a sua emfermidade conforme dispôz o capitulo sexto do [Folha 22] respectivo Compromisso, e para Constar lavrei a presente Acta em que assinão perante mim Francisco Gonsalves da Fontoura o Escrivão da Irmandade que o escrevy e assigno.

[...]

Aos trinta e um dias do mez de Janeiro de mil oitocentos e cinco enta e oito annos, nesta villa Nova de Sam João da Cachoeira no Consistorio da Irmandade de Nossa Senhor do Rozario [...] e o Thezoureiro Estevão Candido de Carvalho, pelo qual foi dicto que a Irmandade nao estava em circumstancias de concorrer com a quantia de quinhentos reis diarios para o Irmão Joaquim Anastacio de Souza, a vista do que resolveu a Irmandade que concorre somente com a quantia de oito mil reis menças durante sua Infermidade, Do que para Constar lavro a presente Acta em que assignam comigo Francisco Gonsalves da Fontoura, Escrivão que o escrevy e assigno.

[...]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da Cachoeira Estevão Candido de Carvalho.

1858. Despezas. Fevereiro, 28.

Idem. Idem que se dependeu neste mez com o Irmão Inválido Joaquim Anastasio de Souza para o tratamento de sua Enfermidade a quantia de oito mil reis Documento n° 3. 8\$000

Percebemos acima a preocupação da mesa diretora da irmandade com a enfermidade e o estado de pobreza do irmão Joaquim Anastácio de Souza, mas também a dura constatação de que os cofres daquele coletivo

não tinham condições de arcar com a quantia que eles julgavam necessária para uma efetiva assistência. Assim, dos iniciais 500 réis diários pensados, a tesouraria propôs o fornecimento de 8 mil réis mensais, o que dá cerca de 267 réis diários.

Joaquim Anastácio de Souza tornou-se irmão do Rosário aos 8 dias de dezembro de 1843 e raramente imiscuiu-se de assumir cargos diretivos naquele associativismo religioso negro, atuando como irmão de mesa em 1844, 1847, 1849, 1851, 1853 e 1854, e de procurador de 1861 a 1866. Sua filha Joaquina Maria de São Jose também entrou na irmandade no mesmo dia que ele, sendo seu pai o responsável que assinou o termo de matrícula, por ela não saber escrever. Joaquina Maria foi 2ª Juíza do Ramo em 1844 e juíza do ramo em 1863 e 1864.

Assim como vimos com outros irmãos, Joaquim Anastácio esforçou-se para dotar aquela irmandade de sustentação financeira:

Receita do anno de 1851.

Março, 30

Recebeo o actual Thezoureiro Irmao João Alberto Chavier a importancia das esmolas da Caixinha, tiradas neste mes, pelo Irmao Joaquim Anastacio de Souza, a quantia de doze mil duzentos e oitenta reis. 12\$280

[...]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1853. Receita.

Agosto, 28

Recebeo o actual Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão Joaquim Anastacio de Souza, a quantia de quatro mil quinhentos e quarenta reis. [a] Antônio dos Santos Falcão [a] Estevão Candido de Carvalho 4\$540

[...]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1854. Receita.

Dezembro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, do rendimento das Esmollas da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmao Joaquim Anastacio de Souza, a quantia de nove mil e secenta reis. 9\$060

[...]

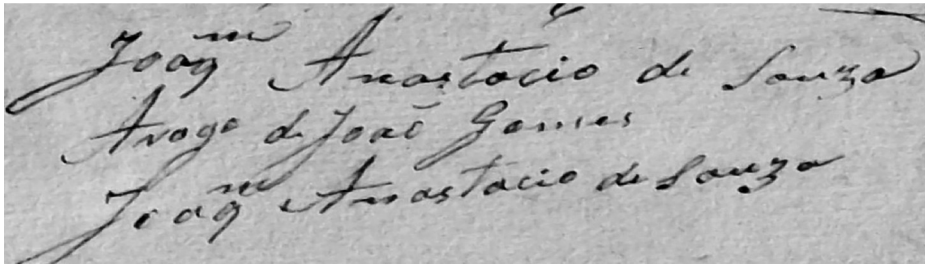
O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São João da Cachoeira Estevão Candido de Carvalho.

1864 – Receita

Agosto 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas da Caxinha tiradas neste mês pello irmão Joaquim Anastacio de Souza a quantia de doze mil e sem reis. [a] Estevão Candido de Carvalho [a] Francisco das Chagas Lima 12\$100

Como é comum em pesquisas a respeito de grupos populares, principalmente sobre indivíduos e famílias negras, temos dificuldades em garimpar fontes sobre questões diversas e, entre elas, destacam-se as inserções nos mundos do trabalho. No que se ocupava Joaquim Anastácio de Souza? Como já dissemos, dezenas de vezes ele assinou os livros de escritura da irmandade, a rogo de outros irmãos analfabetos. Parece com isso ostentar orgulhoso um bom letramento, o qual, infelizmente, não transmitiu a sua filha Joaquina Maria de São Jose.



A photograph of a handwritten signature in cursive script. The text reads: "Joaquim Anastácio de Souza", "Rogo de João Gomes", and "João Anastácio de Souza". The signature is written in dark ink on a light-colored, slightly textured paper.

Em 1854 uma anotação do tesoureiro Antônio dos Santos Falcão relata ter despendido a quantia de 7\$040 réis “com Joaquim Anastácio de Souza, do feitio de Onze Opas de Tafetá, a preço de seiscentos e quarenta reis cada Uma”. Isso indica que Joaquim Anastácio fosse alfaiate, já que as opas não foram compradas prontas, mas produzidas, sendo pago o *feitio* das mesmas. As contas da irmandade registraram, em 19 de maio daquele mesmo ano de 1854, o gasto de 124\$807 réis “do resto do importe de duzentas e quarenta e sete libras de Velas de Sera de tres em libra; e vinte e quatro Tochas, e cento e dezacete Covados e Uma Terça de Tafetá branco para Opas, o que do Rio de Janeiro mandou buscar Jozé Martins Beltrão, para a Irmandade”. Essas medidas de tafetá branco compradas no Rio de Janeiro foram entregues provavelmente ao alfaiate Joaquim Anastácio, para que ele costurasse as opas que os devotos usariam nas atividades públicas, ostentando com galhardia e capricho a potência daquele coletivo devocional.

Finalmente, depois de muito vasculhar nos documentos custodiados pelo Arquivo Público do Estado do RS, Joaquim resolveu aparecer e anunciar a sua inserção laboral. Em 1851, dona Inocência Maria Pacheco, moradora na vila de Cachoeira, se queixou que a mais de um ano estava “proibida de mandar a rua a sua preta Umbelina, fazer-lhe o serviço externo e mesmo o interno de sua casa, porque o preto João, escravo do padre Antônio Homem de Oliveira”, ameaçava matar sua cativa, esperando-a em diferentes lugares. “Chegando o seu atrevimento ao ponto de procura-la diver-

sas vezes a noite no próprio pátio da casa da residência da suplicante, armado de uma grande faca de ponta”, deixando a suplicante e sua família sobressaltada e passando “muitas noites sem dormir”. Várias *representações* a senhora tinha já feito ao padre, que prometia providências, mas nada fazia... Inocência reforça que, no dia 19 de dezembro de 1851, sexta-feira, ela viu-se “na extrema necessidade” de mandar Umbelina buscar um barril com água na fonte existente dentro da chácara de Joaquim Gomes de Carvalho, e mesmo sendo 11 horas do dia, “e tão público o lugar”, ela foi agredida pelo preto João, na frente da casa de Carlos da Costa Loureiro, com uma grande bofetada. O desafeto de Umbelina, João, ignorava quem eram seus pais e não estava certo da sua idade, vivia solteiro e de seus trabalhos em roças, proveniente de Moçambique, natural de Quilimane. Uma das testemunhas arroladas pela queixosa foi justamente Joaquim Anastácio de Souza, que disse ser solteiro, morador nesta vila da Cachoeira, ter 61 anos idade e trabalhar como alfaiate.²⁶⁷

Em 1863 encontramos um caso que mostra que este alfaiate gozava de prestígio social e da confiança das autoridades. Naquele ano, Joaquim Anastácio de Souza foi escolhido como depositário dos bens de um indivíduo ausente. Tratava-se de Antônio da Costa Machado, suspeito de um homicídio e que fugira da cidade, deixando seus bens para trás. O juiz municipal de órfãos e ausentes depositou os bens do suspeito em fuga sob a responsabilidade de Joaquim Anastácio, sendo os *trastes* guardados na residência em que morava o suspeito de homicídio, na rua Bela, na vila da Cachoeira.²⁶⁸

Mas qual a cor, o pertencimento étnico-racial deste irmão do Rosário? Novamente a documentação eclesiástica nos ajuda a dar cor a um indivíduo, cujo nome em nenhum documento das escrituras do Rosário da Cachoeira apareceu acompanhado de status ou algum elemento de racialização. Lembrando que racialização é um conceito que almeja “descrever um movimento de construção social de significados, indicando como as palavras designativas da cor das pessoas foram ganhando, na segunda metade do século XVIII, acepções indicativas da condição social e de uma

²⁶⁷ APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul, comarca de Rio Pardo, processo nº 2967, queixosa: Inocência Maria Pacheco, Indiciado: João, escavo de Manoel Homem de Oliveira, 1851.

²⁶⁸ APERS – Juízo da Provedoria de Ausentes da Cidade da Cachoeira, Arrecadação nº 1922, Arrecadante: Antônio da Costa Machado, arrecadado (curador): Joaquim Anastácio de Souza, 1863.

situação política” (LARA, 2007, p. 283). Ou, como explana Wlamyra Albuquerque, “racializar, ou seja: pôr a ideia de raça em ação, estabelecer distinções a partir de concepções de raça” (2010, p. 104). A invisibilidade da cor nos registros de indivíduos da elite devocional, considerando assim aqueles que ocuparam cargos na mesa diretora e, principalmente, os que fizeram isso reiteradamente, não dialoga com estratégias de embranquecimento, mas com a resistência a que eles ficassem subsumidos a categoria de egressos do cativo. A escravidão era parte de suas experiências individuais e familiares pretéritas, mas eles não se resumiam a ela, antes se identificavam com a sua superação.

No arquivo da cúria diocesana de Cachoeira do Sul estão depositados dezenas de livros que registram batismos, óbitos, casamentos. Cada códice manuscrito está em uma condição específica de conservação, alguns ainda com ótimas condições de leitura e outros nem tanto. A pesquisa nesse arquivo é paga e proíbe-se a fotografia, assim, cabe ao pesquisador transcrever os registros lentamente no próprio local, com a maior precisão possível. Nas prateleiras daquele arquivo, repousa o Livro 5º de Batismos de Livres de Cachoeira do Sul, que abrange o período de 1830 a 1841²⁶⁹. Conforme explicita o nome do códice, nele não encontramos batismos de escravizados, entre os quais sete alforrias batismais.

Lá na página 273 desse livro 5 encontramos um registro que tem escrito na margem – Manoel, Liberto – e trata do batismo do inocente Manoel, em 17 de setembro de 1836, nascido em 7 de julho daquele mesmo ano. O padre anotou que Manoel era filho natural de Joaquim Anastácio de Souza (natural da cidade da Bahia) e de Angélica Maria da Conceição (natural dessa vila da Cachoeira). Os avós maternos eram incógnitos, mas os avós paternos eram Joaquim Inácio de Souza e Inácia Ribeira da Silva, ambos também naturais da dita cidade da Bahia, atualmente Salvador. Mais um negro baiano mostrando os vínculos de Cachoeira com Salvador através de uma diáspora interna provocada por uma fronteira fundiária que, ao se dilatar, demandava trabalhadoras e trabalhadores livres e escravizados. Aproximavam-se pessoas, conectavam-se culturas, religiosidades, jeitos de estar no mundo. O padre ainda nos brinda com a informação de que todos os envolvidos naquele batismo, pai, mãe e batizando, eram pardos e liber-

²⁶⁹ AHCMCS – Livro 5 de Batismos de livres de Cachoeira (1830-1841), folha 273.

tos. Os padrinhos foram o vendeiro Manoel Antônio de Sampaio e sua mulher Ana Rodrigues Florência²⁷⁰.

Nos parece que o inocente Manoel nasceu livre, mas o padre fez questão que ele herdasse o status de liberto de seus pais, marcando-o como egresso do cativo, mesmo sem nunca ter sido escravizado. O baiano Joaquim Anastácio de Souza talvez já tivesse cultuado Nossa Senhora do Rosário e São Benedito lá em sua Salvador Natal e aqui tenha procurado os pretos do Rosário para garantir um lugar de afeto e devoção no mundo. Mas supomos que lá naquele ano de 1836, Joaquim Anastácio já gozasse de algum prestígio social, pois o padre registrou seu nome no batismo do filho, mesmo os pais não sendo casados regularmente na Igreja, daí Manoel ser descrito como *filho natural*. O normal seria a invisibilidade da paternidade daquele menino bastardo, mas a lãbia daquele baiano convenceu o pároco de anotar no papel o seu afeto paternal com a criança que recebia os santos sacramentos.

A enfermidade que enfraqueceu o *alfaiate* Joaquim Anastácio de Souza foi a pneumonia e em 20 de agosto daquele mesmo ano em que ele recebeu a assistência dos pretos do Rosário, 1865, o tesoureiro Rafael Pinto Bandeira gastou três mil réis “com o Fecho da Catacumba do Irmão procurador Joaquim Anastacio de Souza”. O último registro que temos desse irmão nas escrituras do Rosário da Cachoeira tem seu nome acompanhado do cargo que ocupava na ocasião, procurador, o que certamente era um símbolo de prestígio naquela comunidade. No registro do óbito na Igreja Católica, Joaquim é descrito como pardo, viúvo e com 66 anos de idade.²⁷¹

A fraqueza do corpo, ditada pela doença e pelas debilidades inerentes da idade, além dos desgastes de uma vida gasta em garantir o sustento da família senhorial, impedia que muitos libertos obtivessem alimento com o próprio trabalho. Difícil estipular um quadro das remunerações dos trabalhadores urbanos da vila da Cachoeira oitocentista, para que possamos contemplar o peso nas economias populares das assistências concedidas pela irmandade a seus irmãos e irmãs. São muitas variáveis e isso pode ser verificado em uma fonte rara de se encontrar e de enorme potencial analíti-

²⁷⁰ Em um processo de 1845 testemunhou o português Manoel Antônio de Sampaio, branco, casado, com 55 anos de idade, morador em Cachoeira, que vivia de seu negócio (tinha uma venda) e assinou o depoimento (APERS – Civil e Crime de cachoeira do Sul, comarca de Rio Pardo, sumário crime nº 2905, autora: justiça, réu: José de Ornelas (índio), 1845.

²⁷¹ AHCMCS – Livro 4 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1860 a 1868), folha 29v.

co, custodiada pelo Arquivo Municipal de Cachoeira do Sul. Trata-se do Livro de Registro de Contratos de Criados, relativo ao ano de 1889, criado em função da lei municipal aprovada em Cachoeira em 13 de dezembro de 1888 e que tentou regulamentar o serviço doméstico.²⁷² Abaixo inserimos uma tabela montada pela historiadora Giovana de Oliveira Silva (2021, p. 57) que nos parece fornecer uma variedade de remunerações de trabalhadores e trabalhadoras urbanos:

Quadro nº 26 : Remunerações de contratos de trabalhadores domésticos em Cachoeira (1889)

Função	Sexo	Remuneração
Vendedor de água	masculino	6\$000
Vendedor de água	masculino	12\$000
Vendedor de água	masculino	14\$000
Vendedor de água	masculino	14\$000
Vendedor de água	masculino	16\$000
Armazém	masculino	2\$000
Armazém	masculino	10\$000
Armazém	masculino	10\$000
Armazém	masculino	10\$000
Ama de leite	feminino	10\$000
Ama de leite	feminino	12\$000
Ama de leite	feminino	16\$000
Ama de leite	feminino	16\$000
Cocheiro	masculino	12\$000
Cocheiro	masculino	20\$000
Condução de malas de correio	masculino	10\$000
Matadouro e campo	masculino	14\$000
Matadouro e campo	masculino	16\$000
Vender quitanda	feminino	12\$000
Vender quitanda e engomar	feminino	13\$000

²⁷² Sobre o trabalho doméstico e os seus regulamentos: SILVA (2021), SÔNEGO (2011), BAKOS (1984), COSTA (2013), GRAHAM (1992), MOREIRA (2009), SILVA (2011 e 2013), SOUZA (2017), TELLES (2011).

Serviço de carroça	masculino	10\$000
Jornaleiro	masculino	12\$000
Serviço de fábrica	masculino	30\$000
Copeiro	masculino	4\$000
Boleiro	masculino	8\$000
Serviço de hotel	masculino	12\$000
Serviço externo	masculino	16\$000

Fonte: AHMCS – Livro de Registro dos Contratos, notas e observações referentes aos criados. 1889.

Trazemos as remunerações acima apenas com a finalidade ilustrativa de pensar as remunerações de ofícios populares, no período. Percebemos que as assistências fornecidas pela irmandade do Rosário aos seus irmãos e irmãs não tinha correlação absoluta com as remunerações do período, as quais os cofres daquela comunidade devocional não conseguiriam se equiparar. As assistências concedidas eram, na sua grande maioria, quantias que visavam permitir o mínimo de sobrevivência e dignidade aos devotos enfermos. Podemos perceber, nos casos que elencamos, que envolveram geralmente indivíduos negros idosos, cuja enfermidade não permitia que eles cuidassem de si com efetividade e que tivessem passado por cargos da mesa diretora, de preferência mais de uma vez. Aquele não era um aglomerado idílico de seres humanos, mas uma ação coletiva que se movia em um contexto prenhe de limitações, entre elas as de origem financeira. Não existia capacidade material para atender a todos os necessitados, assim, escolhas foram feitas. Essas assistências são algumas das pontas visíveis da proteção mútua que vicejava nas artes da devoção afro-diaspórica.

A parcimônia das atas raras vezes trai o ruído do afloramento e do apaziguamento dos humores que eventualmente se alteravam durante os encontros dos irmãos e irmãs. Os desacordos, as desavenças, as frustrações, os desabafos, os planos e gestos tomados sem dispêndio pecuniário pela irmandade poucos registros deixaram. Tudo isso em um mundo cujas regras estruturais eram ditadas pelo racismo, pelo escravismo e pelo sexismo. Um mundo no qual o afeto era um investimento perigoso e necessário, mesmo fundamental, pois dotava os que se afetavam mutuamente de humanidade. A diaspóridade daquelas existências era um miasma quase intransponível, permeado de rompimentos e de transitoriedades.

Os casos de assistência que encontramos visibilizam uma realidade ainda pouco conhecida nos estudos sobre a escravidão e o pós-abolição: a velhice. Estes velhos pretos e pretas não passaram incólumes pela escravidão. As violências que sofreram desgastaram, destruíram ou esgarçaram muitos laços familiares. Muitos filhos e filhas netos e netas, etc., se perderam, seja pela morte prematura, pela venda ou pelo afastamento ditado pela lógica do trabalho forçado. Eram vidas acostumadas a falta de assistência, para as quais o cuidado senhorial se limitava geralmente a garantir que continuassem vivos e trabalhando.

Remunerações

Cabe reforçar que as análises que estamos empreendendo, e que demandam cruzamentos com fontes não produzidas pela irmandade da Senhora do Rosário da Cachoeira, se baseiam principalmente nos dois livros de contas ou da tesouraria ou de receitas e despesas que temos dessa associação religiosa leiga. Esses dois códices manuscritos, que transcrevemos e disponibilizamos anexos a esse livro, começam no ano de 1834 e se estendem até 1875. Retiramos também informações preciosas, como vimos no item anterior relativo à assistência, dos livros de atas, entradas de irmãos e eleições.

Através destes dois livros de contas notamos que a Irmandade do Rosário e São Benedito dos pretos da Cachoeira também era uma instituição empregadora, encontrando cinco atividades que recebiam remunerações específicas: os andadores, capelães, esmoleiros / tiradores de esmolas, procuradores e o zelador do cemitério.

Remunerações	Registros	Valores (réis)
Andadores	37	167\$860
Capelães	3	46\$000
Esmoleiros / tiradores de esmolas	37	126\$300
Procurador	3	3\$000
Zelador do cemitério	2	10\$000
Total	84	409\$160

Começamos arbitrariamente pelo último, o zelador do cemitério. Essa despesa certamente poderia estar inserida nas despesas funerárias, mas temos que ela se dispersasse entre as demais. Esse gasto aparece apenas

duas vezes, sempre por intermédio do tesoureiro pardo Velocino de Araújo Bastos:

Despeza. 1875. [...]

Setembro 31.

Despendeu o actual Thesoureiro com o Emcarregado do Cemiterio como consta do Recibo. 5\$000 [...]

Outubro 30.

Despendeu o actual Thezoureiro com a gratificação ao irmão Luis Francisco da Rocha como Zelador do Cemiterio no prezente mez. 5\$000

Na Ata de Resolução da Irmandade, de 26 de setembro de 1875, foram tomadas duas decisões que afetam a questão das remunerações: o aumento da gratificação do irmão andador para 5 mil réis mensais e que se passasse a pagar a mesma quantia mensalmente ao senhor Luiz Francisco da Rocha:

[...] em consideração aos serviços que á muito tem prestado em beneficio a mesma Irmandade, assim como o mesmo Senhor fica, na sua alçada, demonstrar a Catacumba que se tiver de abrir para algum irmão ou alugada; para esse fim, o irmão Procurador lhe dará o Livro das Catacumbas para por elle o Senhor Luiz Francisco da Rocha se guiar [...].

O irônico desta ata fica por conta dela ter sido feita pelo próprio beneficiário – Luiz Francisco da Rocha, que atuava na época como escrivão – , que teve que anotar, talvez um pouco embaraçado, o elogio feito pelos demais irmãos a sua militância. Percebe-se no documento acima que a questão dos enterros e da ocupação das catacumbas tinha se complexificado, exigindo que um irmão assumisse essa demanda específica. Para isso, ele assumiria o controle do Livro das Catacumbas, onde eram anotados os túmulos ocupados por irmãos e irmãs e aqueles alugados, que aliás geravam excelente renda para a irmandade. No segundo pagamento da respectiva gratificação de cinco mil réis mensais, em outubro de 1875, como vemos acima, a mesa diretora parece criar um novo cargo, de zelador do cemitério.

Luiz Francisco da Rocha era daqueles nomes reiterativos nas escrituras do Rosário da Cachoeira. Ele aparece a primeira vez como juiz em 1867, depois mesário em 1869 e 1870, escrivão nos anos de 1871/1873, 1875/1876 e 1879/1880, sendo que, em 1873/1874, atuou como juiz interino. Atuando nesses cargos, ele se esforçou para arrecadar fundos para a irmandade através do recolhimento de esmolas:

O Thezoureiro [...] Velocino de Araujo Bastos

1867 – Receita – Outubro 31.

Recebeo mais de esmola que deo o Irmão Luiz Francisco da Rocha (1º Nota). 1\$000 [...]

O Thezoureiro [...] Marcos Joze do Canto
1870. Receita – Maio 15.
Idem, de esmólas tiradas no mez de Outubro de 1869 – pelo Senhor Luiz Francisco da Rocha. 22\$380 [...]
O Thezoureiro [...] Velocino de Araujo Bastos
1870. Receita. Dezembro 31.
Recebeo o actual Thezoureiro Velocino de Araujo Bastos, de esmolas tiradas no mez de Dezembro de 1870, pelo Irmão Luiz Francisco da Rocha. 21\$580
[...]
O Thezoureiro [...] Velucino de Araujo Bastos.
Receita. 1873. Novembro.
Recebeo o actual Thezoureiro as esmollas, mandadas tirar pelo irmão de Meza Luis Francisco da Rocha no presente mez. 25\$780

Como já apontamos em outros momentos, é complicado encontrar pistas sobre os afazeres laborais dos irmãos de mesa, fora da alçada da irmandade. Por vezes somos agraciados pela “sorte dos pesquisadores” e os encontramos em documentos eclesiásticos e/ou judiciários. Em um processo que correu pela justiça de Cachoeira, em 1888, por exemplo, encontramos Luiz Francisco da Rocha testemunhando.²⁷³ Antes de depor, ele se apresentou ou qualificou, dizendo ter 53 anos de idade, ser casado, natural desta província, residir nessa cidade da Cachoeira e atuar como empregado público. Infelizmente, não sabemos qual o emprego público exercido por Luiz Francisco, mas a cultura escrita demonstrada por ele nas escrituras do Rosário o habilitava a um cargo na estrutura estatal.

Era interessante para o tranquilo e eficiente funcionamento da irmandade, ter um padre que atuasse como seu capelão, desempenhando todas as atividades condizentes as liturgias católicas. Esse assalariamento também tornava essa autoridade eclesiástica mais inclinada a atender as demandas religiosas da irmandade, de forma mais obsequiosa e ágil.

Despeza do anno de 1850 – Dezembro, 31.
Despendeu mais o mesmo Thezoureiro a importancia dada ao Reverendo Vigário pelos servissos e obrigaçoens feitas a Irmandade na qualidade de seu Capelao, a quantia de dezaceis mil reis. [a] Miguel Teixeira de Carvalho 16\$000
[...]
O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São João da Cachoeira Estevão Candido de Carvalho.
1864 – Despesa – Outubro 10.

²⁷³ APERS – Juízo Civil e Crime de Cachoeira do Sul, justificação de ausência nº 2415, ausente: Fuileno Antônio Fagundes, Justificante: Dona Maria Antônia de Menezes Carvalho, 1888.

Despendero o actual Thezoureiro com o ordenado do Reverendissimo Capellão da irmandade Thomaz de Sousa Ramos de dois mezes vencidos de Agosto e Setembro ultimo, a quantia de vinte mil reis (Documento N° 17). 20\$000

[...]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira

1864 – Despesa – Novembro 3.

Despendero o athual Thezoureiro com o ordenado do Capellão da Irmandade o Reverendo Padre Thomas da Silva Ramos, do mêz de Outubro a quantia de deis mil (Documento N° 1). [a] Francisco Rodrigues Trelha [a] Raphael Pinto Bandeira 10\$000

Em 1878 o padre Tomás foi processado por ter permitido, enquanto vigário de Soledade, “receber o matrimônio a contraentes que se não mostrarem habilitados na conformidade das leis”. O padre alegava que casou as órfãs Ana Maria da Silva e Inácia Maria da Silva, a pedido do tutor de ambas, João Bento Ferreira, o qual queria que o casamento fosse no dia 26.11.1878 e para isso deu início aos processos de habilitação, pedindo dispensa das despesas por serem pobres. O tutor teve que enviar um documento comprovando a pobreza a Passo Fundo, o qual demorou a retornar. No dia 26 chegaram as órfãs, esposos e convidados a igreja e o padre realizou a cerimônia, para que todos não tivessem despesas com a mudança de datas. O Padre na época tinha 40 anos de idade, era vigário da Paróquia da Soledade, cidade em que estava instalado a 15 anos.²⁷⁴

O padre Tomás da Silva Ramos faleceu 30 anos depois de exercer a capelania da irmandade dos pretos da Cachoeira, em 27 de junho de 1894 – “ao atravessar o campo da batalha que nesse dia se feriu nas imediações da cidade do Passo Fundo, de onde ele se tinha retirado de mudança para esta capital, onde aliás já tinha colocado parte de seus haveres”. Grassava naquele período, de 1893 a 1895, a sanguinolenta guerra federalista e essa notícia de sua morte foi transmitida em um ofício do sobrinho do padre falecido, Jerônimo dos Santos Rocha, residente em Portugal, na cidade do Porto, filho do irmão germano do religioso falecido, Domingos dos Santos Rocha.²⁷⁵

²⁷⁴ APERS – Tribunal da Relação de Porto Alegre, Apelação Crime (Passo Fundo) nº 16, apelante: Padre Tomás de Souza Ramos, apelado: a justiça.

²⁷⁵ APERS – Juízo da 3ª Vara Civil de Porto Alegre, inventário nº 576, falecido: Padre Tomás de Souza Ramos, inventariante: Jerônimo dos Santos Rocha, 1895; Cartório Provedoria de Passo Fundo, Inventário nº 20, inventariado: Tomás de Souza Ramos, Inventariante: Pantaleão Ferreira Prestes, 1896. Sobre a guerra civil federalista, ver: HEINZ, 2006; PERUSSATTO & WEIMER, 2017; PESAVENTO, 1983; WEIMER, 2008.

No testamento redigido de próprio punho em Porto Alegre, em 27 de março de 1892, o Padre Tomás relata ser naturalizado brasileiro, ter nascido na freguesia de Souza, Conselho de Gondomar, 1º distrito do Porto, filho legítimo de Jerônimo dos Santos Rocha e Rita Ramos, falecidos, e que tem mais dois irmãos: Domingos dos Santos Rocha e Manoel dos Santos Rocha. Ele deixou 500 mil réis para as alfaias da Matriz de Nossa Senhora Aparecida do Passo Fundo, uma casa de tábuas coberta de telha e um poteirozinho na mesma cidade e uma pequena biblioteca, contendo o livro “francês sem mestre”, 3 volumes do breviário romano e mais 43 volumes de livros teológicos.

Pelo menos dois cargos da mesa diretora da irmandade do Rosário da Cachoeira recebiam gratificações, o andador e o procurador. Nos livros disponíveis encontramos três registros de dispêndios de fundos para a gratificação do procurador, sempre de valores baixos.

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.

1866 – Despesa – Março 24

Despendeo o actual Thezoureiro dinheiro que pagou a quem servio de Procurador por duas vezes a quantia de mil reis. 1\$000

[...]

Abril 8

Despendeo o actual Thezoureiro do dinheiro que pagou a quem servio de Procurador a quantia de hum mil reis. [a] Francisco Rodrigues Trelha [a] Raphael Pinto Bandeira

1\$000

[...] Maio 19

Despendeo o actual Thezoureiro do dinheiro que pagou a quem servio de Procurador a quantia de hum mil reis. [a] Francisco Rodrigues Trelha [a] Rafael Pinto Bandeira 1\$000

A irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da cidade de São Leopoldo, berço da colonização alemã, redigiu um compromisso em 5 de janeiro de 1853, e ao descrever no seu capítulo 2º a organização e composição de sua mesa diretora, apontou a existência de um andador, salientando “o qual será assalariado, e a quem a Meza mandará pagar o ordenado que com elle ajustar”. Infelizmente, ao longo do compromisso, os irmãos do Rosário de São Leopoldo não especificam as funções desse cargo assalariado. A historiadora Mara Nascimento (2006, p. 146), demonstrando a generosidade que se espera de uma boa pesquisadora, transcreveu em sua tese o compromisso de 1828 da Irmandade do Rosário de Porto Alegre. No seu capítulo 14º, esse compromisso descreve o cargo de andador:

Capítulo 14º

Do Irmão Andador [...]

Cento e Quarenta – Deve reunir zelo, prudência e submissão, além de desocupado.

Cento e Quarenta e Um – Fará todos os avisos de que for incumbido por qualquer dos Oficiais da Mesa, e terá a exatidão no cumprimento daqueles que pertencem à Mesa da Eleição por esta dever ser completa e sem falta de um só Irmão Mesário.

Cento e Quarenta e Dois – Nas sessões da Mesa estará fora da porta do Consistório para acudir ao toque da Campainha e fazer o que a Mesa lhe ordenar, tendo antes disposto tudo com asseio para este ato.

Cento e Quarenta e Três – Nas Festividades terá as tochas dispostas e acesas para entregá-las aos Irmãos de Capela na ocasião do Evangelho e Santos.

Cento e Quarenta e Quatro – Comparecerá todos os dias na Igreja, principalmente quando se adornarem os altares, para ajudar aos Irmãos de Capela e em todos os sábados, domingos e Dias Santos para o que for preciso.

Cento e Quarenta e Cinco – Pertence-lhe acompanhar aos Irmãos Escrivão, Tesoureiro e Procurador da Irmandade na arrecadação dos anuais.

Cento e Quarenta e Seis – Em suas obrigações sempre se comportará com exatidão, fidelidade e brandura.

Como não tivemos acesso ao compromisso da irmandade do Rosário da Cachoeira, estas informações de outras agremiações religiosas negras nos ajudam a entender o seu funcionamento interno. Encontramos o andador nas atas da Cachoeira atuando como mensageiro ou intermediário entre a mesa diretora e o vigário e também sendo responsável pela cobrança e recolhimento dos anuais dos irmãos e irmãs.

Em 9 de novembro de 1863, o juiz Sebastião José Pereira Junior fez a correição das escrituras da Irmandade do Rosário da Cachoeira, analisando os “Livros de prestação de contas, os de alfaias, de eleições, e de óbitos, bem como os documentos que me forão apresentados e o Livro de compromisso, etc.”, julgando por sentença que as contas até 7 de maio daquele ano estavam prestadas “por acha-las regulares e sem cousa, que duvida faça”. Depois de criticar o *indiferentismo* que, segundo ele, contaminava os irmãos e irmãs do Rosário, o juiz atacou a ausência, no livro de atas, do registro da reunião da mesa que teria ocorrido em 30.09.1862, tomando a decisão de cancelar aquela eleição.

Na dominga seguinte, 15 de novembro de 1863, a mesa diretora do Rosário cumpriu a ordem do juiz de capela Sebastião e se reuniu no seu consistório para efetivar a eleição, registrando em ata, porém “se bem que toda corporação estivesse satisfeita com a eleição feita em trinta de setembro”. O clima estava tenso e os irmãos não estavam para brincadeira, anotando em ata seu descontentamento e o acatamento compulsório que davam a ordem do juiz. A ata tem um – aditamento – onde a mesa explica que, notan-

do a ausência do Reverendo Pároco, mandou o andador da irmandade convidá-lo a assistir a nova eleição. O andador Bento Francisco de Andrada ou Andrade Neves saiu do consistório e foi até onde estava o Reverendo, entregando-lhe o ofício da mesa diretora. Bento Francisco ouviu a resposta dada pelo Reverendíssimo Vigário Luiz Antônio Gonçalves dos Santos e a transmitiu oralmente aos irmãos de mesa que a transcreveram no livro de atas:

[...] o qual trouxe por resposta que não comparecia por ser a irmandade de pretos e outras palavras emsultantes a vista do que a irmandade deliberou a proceder-se a elleição com ausencia do mesmo Parrocho, do que tudo dou fé eu escrivão Francisco das Chagas Lima que escrevi.

O andador Bento Francisco ouviu as ofensas racistas do reverendo padre e as transmitiu, certamente indignado, aos irmãos e irmãs de mesa. A vingança dos devotos do Rosário foi transcrevê-las nas escrituras da irmandade, imortalizando-as, tornando-as acessíveis para a pesquisa histórica. O arquivo do Rosário da Cachoeira ecoa até o presente os esforços coletivos pelo acolhimento e devoção, mas também a violência racista gritada no interior de um espaço de oração.

Bento Francisco foi andador da irmandade de 1862 a 1864 e de 1869 a 1872, além de participar como irmão de mesa em 1861, 1865, 1873 e 1874 e rei em 1863. Temos quase certeza de que ele era um egresso do cativeiro, até por ter assumido o cargo de rei, mas nada encontramos a seu respeito que nos possibilitasse construir uma mínima trajetória. Em alguns momentos, ele aparece registrado nas escrituras da irmandade como Andrada e outras vezes como Andrade Neves. Os Andrade Neves constituíram uma família de muita importância nos oitocentos, tendo a sua base na cidade vizinha de Rio Pardo, onde talvez Bento Francisco tenha sido escravizado (COSTA, 2006 e 2011).

O compromisso da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre, aprovado pela lei provincial nº 1471, de 07.11.1885, determina que ela teria seis empregados remunerados, a saber:

Cargo	Vencimento mensal
Reverendo Capelão	20\$000
Andador	30\$000
Sineiro	10\$000
Dois sacristãos	Cada um 10\$000
Organista	O que for convencionado

As remunerações ao andador que encontramos nos dois livros de contas da irmandade do Rosário de Cachoeira não chegam nem perto da quantia acima, paga em Porto Alegre por uma associação muito mais pujante do que a sua versão interiorana. Nos meses de outubro e dezembro de 1865, o andador de Cachoeira recebe apenas mil réis mensais e em fevereiro de 1866 a quantia cai pela metade, 500 réis. Na véspera da festa do Rosário, em outubro de 1866, a gratificação aumenta para 1\$600 réis, mas em janeiro do ano seguinte volta para os mil réis usuais. Em outubro de 1870, a gratificação estava em 4 mil réis, permanecendo neste valor até dezembro de 1872. Em novembro de 1872 e em fevereiro de 1873, além da gratificação mensal de 4 mil réis, o andador recebe mais 3\$200 réis “para tirar esmolas”. Em julho de 1875 o tesoureiro da irmandade paga 32 mil réis ao andador, mas certamente era uma quantia de gratificações acumuladas não pagas. E em agosto do mesmo ano, mais nove mil réis.

Já vimos no item relativo as receitas, a importância para a irmandade do recebimento de esmolas. O compromisso da Irmandade do Rosário de São Leopoldo determina que o irmão juiz, entre as suas incumbências, deveria:

[...] nomear dois Irmãos em cada mez para tirarem a Esmola em todos os Domingos, principiando esta tarefa por elle Juiz; em segundo os dous Irmãos Procuradores, seguindo-se os mais Irmãos de Meza: e por tanto logo que tomar posse de seu cargo mandará fazer huma Pauta na forma que fica dito, que se conservará no Consistorio da irmandade, para que cada hum conheça o mez que lhe cabe tirar a mesma esmola. No fim de cada mez a esmola que se tirar será pelos mesmos Irmãos entregue ao Irmão Thesoureiro, que cobrarão recibo para por elle se fazer a competente carga ao mesmo Irmão Thesoureiro.

No compromisso da Arquiconfraria do Rosário de Porto Alegre, de 1885, caberia ao irmão síndico tesoureiro: “§ 12º – Nomear uma pessoa de sua confiança para todos os domingos sair com a bolsa a pedir esmolas”. Já ao procurador dos subúrbios, competia: “§ Único – Encarregar-se da cobrança de joias, anuais e esmolas dos moradores dos subúrbios, recebendo do tesoureiro os recibos de anuais e joias, dando conta ao tesoureiro, quinze dias antes da festa, das quantias recebidas”.

Como já mostramos anteriormente, também no Rosário da Cachoeira os irmãos se esforçavam na arrecadação de esmolas, mas em 37 ocasiões encontramos o pagamento específico para esmoleiros ou tiradores de esmolas

**Quadro nº 27 – Lista dos esmoleiros/tiradores de esmolos
da Irmandade do Rosário da Cachoeira**

Ano	Mês	Descrição	Réis
1871	Fevereiro	Esmoleiro irmão Mateus	3\$200
1871	Março	Esmoleiro irmão Mateus	3\$200
1871	Julho	Esmoleiro irmão Mateus	4\$000
1871	Novembro	Esmoleiro irmão Mateus (por tirar esmolos pelo irmão João Moreira de Carvalho)	3\$200
1872	Junho	Esmoleiro (que tirou as esmolos pelo irmão João Isidorio Pinto)	4\$000
1872	Dezembro	Esmoleiro (tirador de esmolos)	4\$000
1872	Outubro	Esmoleiro irmão Mateus	3\$200
1872	Abril	Esmoleiro irmão Mateus (por tirar esmolos pelo irmão Afonso Borges do Canto)	3\$200
1872	Fevereiro	Esmoleiro irmão Mateus (por tirar esmolos pelo irmão Bernardo Marques de Souza)	1\$600
1872	Setembro	Esmoleiro irmão Mateus (por tirar esmolos pelo irmão Marcos José do Canto)	4\$000
1872	Maiο	Esmoleiro irmão Mateus (por tirar esmolos pelo irmão Vicente Militão da Silva)	3\$200
1873	Agosto	Esmoleiro	4\$000
1873	Outubro	Esmoleiro	3\$200
1873	Julho	Esmoleiro (irmão para tirar esmolos)	3\$200
1873	Julho	Esmoleiro irmão Mateus para tirar esmolos	4\$000
1874	Janeiro	Esmoleiro	4\$000
1874	Abril	Esmoleiro	3\$200
1874	Março	Esmoleiro / tirador	4\$000
1874	Julho	Esmoleiro / tirador	3\$200
1874	Agosto	Esmoleiro / tirador	4\$000
1874	Setembro	Esmoleiro / tirador	3\$200
1874	Novembro	Esmoleiro Amaro e velho Mateus	4\$300
1874	Outubro	Esmoleiro irmão Mateus	2\$400
1874	Dezembro	Esmoleiro preto Mateus	4\$000
1875	Março	Esmoleiro	3\$200
1875	Julho	Esmoleiro	4\$000
1875	Julho	Esmoleiro	4\$000
1875	Setembro	Esmoleiro	3\$000
1875	Agosto	Esmoleiro	4\$000

1875	Outubro	Esmoleiro	3\$000
1875	Novembro	Esmoleiro	3\$000
1875	Janeiro	Esmoleiro / tirador	4\$000
1875	Fevereiro	Esmoleiro / tirador	3\$200
1875	Maior	Esmoleiro preto Mateus	\$800
1875	Maior	Esmoleiro preto Simião	3\$000
1875	Abril	Esmoleiros	4\$600

Na grande maioria dos casos relatados nos livros de receita e despesa da irmandade, a atividade de recolher esmolos pela caixinha ou esmolar era aparentemente desempenhada pelos irmãos espontaneamente, sendo atividade regular esperada dos devotos, principalmente dos componentes da mesa. Entretanto, encontramos alguns casos em que irmãos eram pagos por essa atividade.

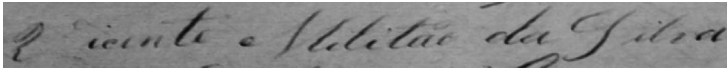
Em outubro de 1874, por exemplo, o *preto velho* Matheus recebeu 2\$400 réis para “tirar as esmolos do presente mez”, sendo o total arrecadado de 35\$600. No mês seguinte, foram pagos os irmãos Amaro e o *velho* Matheus para tirarem as esmolos (4\$300), sendo o total de 23\$670. Já em dezembro as esmolos geraram um capital de 23\$280 e o mesmo *prêto* Matheus foi recompensado com 4 mil réis. No ano seguinte, 1875, a prática continuou sendo registrada, com pagamentos a esmoleiros: em 30 de maio o *prêto* Simião recebeu 3\$ e o *prêto* Matheus 800 réis, sendo a soma total arrecadada de 16\$280 réis. Como podemos perceber, não parece existir uma lógica entre o valor pago aos esmoleiros e o total arrecadado, existindo um certo padrão pré-estabelecido nas gratificações.

A única alforria cartorial que temos condizente com o preto velho Mateus foi redigida em 31 de março e registrada em cartório em 2 de abril de 1862. O beneficiado era o preto de nação Mateus, então com 42 anos de idade e a carta foi concedida com a condição dele e do pardo Albino (de igual idade) servirem até a morte do senhor Mateus de Matos Machado. Em 10 de outubro de 1889, o africano Mateus, com 80 anos de idade chega ao fim de seus dias, solteiro e vitimado pela hipertrofia.²⁷⁶

Como vimos acima, em maio de 1872, o irmão Mateus tirou esmolos substituindo outro irmão, chamado Vicente Militão da Silva. Em agosto

²⁷⁶ APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro nº 10 de Transmissões e Notas, folha 10; AHCMCS – Livro 7 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1886 a 1915), folha 18.

daquele mesmo ano, o mesmo Vicente entrega ao tesoureiro pardo Velocino de Araújo Bastos “as esmollas do presente mez” no valor de 21\$730 réis. Naquele ano de 1872, Vicente aparece nas atas da irmandade como irmão de mesa, assinando seu nome.



Mas este ano de 1872 foi agitado para o irmão Vicente. Em 12 de fevereiro daquele mesmo ano de 1872, o pardo livre Vicente, andava pelas ruas da cidade da Cachoeira divertindo-se em *jogar o entrudo*. Ele estava inserido em um grupo bem numeroso, que pensava a diversão de uma maneira um tanto brusca, procurando obrigar as pessoas que encontrava a engrossar o bloco. Passando defronte a loja do marceneiro José Pita Pinheiro, o grupo encontrou o escravizado Severino, de Maria do Carmo Carvalho Porto, o qual acabou “barbaramente espancado”, por não querer compartilhar aquele momento de diversão.²⁷⁷ Durante a investigação preliminar Vicente foi chamado apenas pelo primeiro nome, acompanhado pelo status de pardo livre, mas na justiça ele agregou o nome completo – Vicente Militão da Silva, pais incógnitos, solteiro, marceneiro, brasileiro, natural desta cidade.

As irmandades se esforçavam tanto em adquirir recursos para atender seus irmãos e irmãs e abrilhantar as suas festas, que competiam entre si pelas esmolas dos moradores. A Câmara Municipal de Cachoeira conseguiu a aprovação da presidência da província, através da lei nº 260, de 26 de novembro de 1852, de um novo artigo para o seu código de posturas, que estipulava:

Artigo 4º. Fica adoptado o seguinte artigo de posturas da Camara Municipal da Villa da Cachoeira. = Art 1º Fica prohibido aos Festeiros das Irmandades do Divino Espirito Santo de qualquer Freguezia a agenciarem esmolas dentro deste Municipio, o que será permittido somente aos Festeiros ou Irmandades das Freguezias comprehendidas no mesmo Municipio, aos quais he igualmente prohibido transpor os limites de suas respectivas Freguezias. Aos contraventores se emporá a multa de vinte a trinta mil reis, e sessenta nas reincidências para os cofres da Camara. Aos Fiscais incumbe velar no cumprimento da presente postura representando para este fim a autoridade do lugar sempre que for necessário. Conforme. O Secretário [a] Fabiano Pereira da Silva.

²⁷⁷ APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, auto-crime nº 3162, autora: a justiça, réu: pardo Vicente, 1872.

No Código de Posturas da Câmara Municipal da cidade da Cachoeira, aprovado pela lei provincial nº 539 de 30 de abril de 1863, constava o capítulo 8º, que versava sobre “Providencias sobre vadios, mendigos, tiradores de esmolos, escravos e espectaculos”, determinando o artigo 84:

Fica expressamente prohibido tirar esmolos na cidade ou município para qualquer fim que seja, sem licença da Camara, sob pena de 10 mil reis de multa. Exceptuao-se porem as irmandade da parochia que tiverem existencia legal e os festeiros do Espirito Santo, e da Semana Santa.

Despesas funerárias: a cidadania dos mortos

Os mortos não morrem quando deixam de viver,
mas quando os votamos ao esquecimento. [...]
A vida é demasiado preciosa para ser esbanjada
num mundo desencantado
(Mia Couto, *Jesusalém*, 2009, p. 25 e 63).

O “Ilustre Doutor Provedor da Comarca Candido Ladislau Japiassu” tomou a iniciativa de convocar uma reunião, que ocorreu no dia 21 de outubro de 1827, “sexto anno da independencia do Imperio”, no interior da igreja matriz de cachoeira, no consistório da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Sob a presidência do respectivo provedor e do Reverendo Vigário Inácio Francisco Xavier dos Santos, reuniram-se representantes das quatro irmandades existentes naquela vila naquele momento: a do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora da Conceição Padroeira, de “Nossa Senhora do Rozario dos Pretos” e São Miguel e Almas.

O assunto era urgente e delicado e versava sobre o enterramento de cadáveres dentro daquele templo santo. “Em 17 de abril de 1805 foi emitida uma Ordem Régia determinando o fim do ‘gravíssimo dano’ de se sepultarem os mortos no interior das igrejas da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul” (MEIRELES, 2016, p. 484; KÜHN, 1996). Apesar dessa legislação, o hábito persistiu e uma provisão de 22.06.1809, ao mesmo tempo que aprovou “na maior parte” o compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Cachoeira, permitiu que seus irmãos continuassem sendo enterrados na Igreja “emquanto não Erigirem Seminterio”. Segundo a “Acta de Resolução acerca do Seminterio”, redigida ao final dessa reunião de 1827, outra provisão, datada de 04.08.1820, proibiu aos irmãos do Rosário dos Pretos da Cachoeira esse privilégio do enterramento no templo matriz. Entretanto, como o cemitério ainda não tinha sido cons-

truído, passados 18 anos da provisão de 1809, o abuso continuava a ser praticado. Segundo o Provedor:

[...] tendo tido muitas e diversas representações não só de cidadãos em geral mais ainda dos facultativos acerca deste abuso tão contrário à Salubridade Pública à qual há de sua obrigação promover para o bem estar dos Habitantes da Comarca de sua Jurisdição, e que tem delle além de tudo isto observado que o Templo do Senhor não tem por semelhante motivo a decência devida ao mesmo, e aos fins Sagrados para que nelles comcorrem os seus Fieis por se acharem empestados de podridão nas cidades digo da dezoção dos Corpos que nelle se tem emterrado e que sendo-lhe forsozo prover de remedio doença de tanto melindre e do qual depende a conservação da Saude do Povo desta Villa [...]

Interpelados sobre o motivo causador da omissão no cumprimento das provisões acima, os irmãos representantes das irmandades presentes decidiram que se edificasse – “de pronto” – o cemitério, o qual já estava parcialmente fechado com valas. Nesse Cemitério Geral se deveria:

[...] de emterrado todas as pessoas, digo, toda e qualquer pessoa, de qualquer condição que seja o estado no Terreno cito na Aldeya (adjacente a esta Paroquia) o qual foi duado pello Irmão do Santissimo o Capitam Bernardo Moreira Lirio a todas as Irmandades para nelle edeficarem as suas Catacumbas, e para ser emterrado todo e qualquer do Povo [...]

Como percebemos, a ordem régia de 1805 demorou a ser cumprida. Seguindo uma tendência bastante ampla (REIS, 2009), os enterros nas Igrejas, no ponto mais nodal das povoações, continuava sendo uma pretensão das pessoas “de qualquer condição que seja”, mesmo com os riscos à salubridade pública denunciados pelos médicos e pela indecência verificada no “Templo do Senhor”, com os “fins sagrados” sendo prejudicados pelo cheiro nauseabundo provocado pela decomposição dos cadáveres ali depositados (“por se acharem empestados de podridão [...] da dezoção dos Corpos que nelle se tem emterrado”). Mesmo que as igrejas tenham mantido consistente lugar nas práticas funerárias (com as missas de corpo presente e pela alma dos falecidos), o cemitério passa a merecer consistente e crescente atenção e investimentos associativos.

É provável que a “Acta de Resolução acerca do Seminterio” tenha sido transcrita separadamente nas escrituras de cada irmandade presente²⁷⁸. Na versão manuscrita que temos e que foi escrita na p. 120 do “Livro de

²⁷⁸ O “Auto de Resolução a Cerca da Edeficação do Seminterio” foi transcrito nas folhas 27 a 29 do livro de atas da irmandade do Santissimo Sacramento da Cachoeira, constando ao final as assinaturas do padre, do provedor Japiassu e da mesa diretora daquela irmandade.

Eleições da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da Freguesia da Cachoeira”, ela está assinada pelo provedor Cândido Ladislau, pelo padre Inácio Francisco Xavier dos Santos, pelo escrivão da irmandade Joaquim dos Santos Xavier Marmelo, pelo procurador Gonçalo Monteiro e pelos irmãos Domingos Pereira e Francisco do Carvalho. Esses dois últimos assinaram com uma cruz, por não saberem ler e nem escrever.

A ata de “Eleição de Juis, Rey e mais Irmaos que hao de Servir na Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Villa da Caxoeira do anno de 1827 para o de 1828” confirma a presença destes irmãos na mesa diretora, sendo os dois últimos escravizados:

O Irmão Domingos Escravo de Joao Pereira Carpes.

O Irmão Francisco, Escravo do Alferes Ignacio Rodrigues de Carvalho.

Domingos, escravizado de João Pereira Carpes, adentrou o seio da irmandade dos pretos da Cachoeira aos 27 dias do mês de dezembro de 1827, pagando a entrada, anuais e joias até 1850. Ele foi irmão de mesa em 1827/1828, 1829/1830, 1847, 1851 e 1852, atuando como Rei em 1850. Em 31 de janeiro de 1834 ele entregou ao tesoureiro João Alberto Xavier 3\$125 réis “de esmola da caixinha tirada”.

O mestre carpinteiro João Pereira Carpes morreu aos 28 dias do mês de novembro de 1837, na vila da Cachoeira, de moléstia interna, aos 73 anos de idade. Ele não deixou testamento, deixando órfãos de pai três filhos menores, frutos de seu casamento com Dona Maria Angélica²⁷⁹. Sua viúva Dona Maria Angelica de Oliveira tornou-se irmã do Rosário da Cachoeira em 30.12.1817, pagando religiosamente os anuais até 1848. Os escrivães que cuidaram dos seus registros associativos anotaram que ela “cedeu a sua Catacumba a seu marido Joao Pereira Carpes” e que faleceu em 16 de abril de 1849, quando “Forao ditas as Missas”.

Não encontramos o inventário post-mortem de João Pereira, nem de sua viúva Maria Angélica, mas os seus herdeiros emitiram uma carta de alforria libertando o preto Domingos. Isso ocorreu em 4 de agosto de 1849 e o texto daquele documento justificava a liberdade como uma retribuição aos “bons serviços que sempre lhe prestou e a toda família”.²⁸⁰ Assim, quando Domingos assumiu a coroa real da irmandade em 1850 já era liberto,

²⁷⁹ AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 56.

²⁸⁰ A carta foi passada pelos filhos e genros da senhora, João Antônio Carpes, Manoel Alves Ferraz, Jerônimo Alvares de Miranda e Fideles Simões de Alencastro (APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 5º de Transmissões e Notas, folha 55v).

ostentando o nome de Domingos Carpes da Fonseca, e nos dois próximos anos, 1851 e 1852, se manteve como irmão de mesa sendo chamado de Domingos da Fonseca, sem qualquer menção a seu passado escravizado.

Já o irmão Francisco, que assina – como uma cruz – a ata de resolução do cemitério de 1827, também teve larga militância naquela irmandade do Rosário. Francisco, escravizado do Alferes Ignacio Rodrigues de Carvalho, pediu para ser irmão em 26 de dezembro de 1827, militando como irmão de mesa em 1827/1828, 1832, 1833, 1834, 1846 e 1848, assumindo a coroa real em 1830/1831²⁸¹.

Os africanos Francisco e Josefa, talvez um casal envolvido em uma relação familiar de amasiamento, foram alforriados juntos em 1850 pelo senhor Inácio Rodrigues de Carvalho, por terem “servido a perto de 40 anos, com muito zelo, amor e cuidado nos incômodos de sua cansada velhice; e querendo recompensar-lhes este benefício pelo amor de Deus, e a humanidade [...] com ônus somente de lhe servirem e cuidarem até a sua morte”.²⁸²

A carta de alforria acima, que beneficiou os africanos Francisco e Josefa, mostra a “misericórdia arbitrária” dos senhores, usando a expressão da romancista angolana Djaimilia Pereira de Almeida. O alferes Inácio, mesmo admitindo que aquele casal de africanos servia compulsoriamente a sua casa a cerca de 40 anos, os prende a uma cláusula de o servirem e cuidarem até a sua morte.

É da mesma romancista angolana o subtítulo – “cidadania dos mortos”²⁸³ –, pois as escrituras do Rosário dos pretos da Cachoeira nos exteriorizam uma preocupação político-religiosa com relação ao cuidado com os mortos. Afinal, mostrar respeito aos irmãos falecidos, era exteriorizar o luto e exigir o respeito pela comunidade organizada que os celebrava. A aura de sacralidade das catacumbas não era, assim, dada apenas por estarem instaladas em um campo santo católico, mas por serem emblemas de uma autossatisfação comunitária de poderem dar um local de repouso e

²⁸¹ Este alferes foi vereador em Cachoeira me 1830.

²⁸² APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 5º de Transmissões e Notas, 20/09/1850, folha 106v. Em 30.10.1848, na matriz de Cachoeira, às 8 horas da manhã, casaram os pardos Bonifácio (escravizado de Dona Josefa Alexandrina) e Silvana Maria Francisca. A forra Silvana era filha de Francisco, escravizado de Inácio Rodrigues de Carvalho, sendo o casório testemunhado por Matias Antônio da Silva e José do Prado Lima (AHCMCS – Livro nº 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul – 1823-1849).

²⁸³ ALMEIDA, 2019, p. 194; ver também: CATROGA, 1999 e 2010.

rememoração digno aos ancestrais falecidos e também aos *anjos* prematuramente mortos.

Na “Acta da posse da nova Meza da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario” de 6 de janeiro de 1852, foi listado entre as alfaias daquela associação religiosa – “úm esquite com seos pertences”. Na mesma ocasião, o novo tesoureiro Gonçalo Teixeira de Carvalho, tão logo tomou posse, propôs a mesa um tópico que lhe parecia urgente:

[...] e sendo em seguida por elle proposto a meza, que muitas vezes falecem Irmãos pobres, e alguns Captivos, que seos senhores nao querem concorrer com as despezas de seu enterro e feixo de Catacumba, fazia-se por isso necessario que esta meza authorizasse a elle para fazer as despezas necessarias com o enterro de seos Irmãos necessitados, bem como para comprar tijolos, cal, para o feicho das Catacumbas, e pagar-se ao pedreiro, e servente para as feichar; o que sendo visto pelos Officiaes respectivos, ordenou ao dito Thezoureiro que para esse fim fizesse as despesas que julgasse necessarias, que lhe seria levado em conta quando tivesse de as prestar.

Novamente a *misericórdia arbitrária dos senhores* contabilizando a diminuição máxima de gastos com o trato de seus trabalhadores e trabalhadoras escravizadas. Ou seja, mesmo que os sepultamentos fossem uma obrigação senhorial, parecia óbvio aos irmãos do Rosário dos pretos que ela era desempenhada com desprezo pelas artes fúnebres e, conseqüentemente, pela memória dos falecidos. Cabia, portanto, a irmandade assumir o respeito devido aos irmãos e irmãs falecidas, principalmente os ainda cativos e os pobres (ai incluídos, sem dúvida, os libertos).

Na sequência da mesma ata, a irmandade autorizou o recém empossado tesoureiro a mandar:

[...] fazer um Caixão com tampa coberto de cetim cor de roza agalvado para condução dos Corpos dos filhos dos Irmãos ate a idade de sete annos, podendo tão bem ser alugado para augmento do rendimento da Irmandade. Pela mesma meza foi authorizado o Thezoureiro a mandar forrar por fora o esquite [...].

O antropólogo Jose Luiz grosso empreendeu uma leitura histórico-antropológica da “política nacional de des-etinización em Santiago del Estero”, na Argentina, mostrando como índios e negros “se muestran poderosamente presentes en su ausência, o, más aún: poderosamente ausentes” (GROSSO, 2008, p. 15).

Las políticas etnocidas, ni aún cuando producen una aniquiliación demográfica casi total, no logran matar las tradiciones simbólicas de los ‘otros’ no deseados. Éstos, al contrario, muestran un poder sub-reptício de simbolizar incluso el silenciamento, la demonización, la muerte (GROSSO, 2008, p. 235).

Esta *ausência poderosa* se reflete nas questões funerárias, com a interessante questão dos “mortos com dono” e “mortos sem dono”:

Los ‘muertos sin dueño’ se evidencian en el abandono de sus monumentos y em que no tienen quién les encienda unas velas. [...] Ser ‘dueño’ (de un muerto, o de la imagen de un Santo [...]) inscribe en una fuerte relación de reciprocidad con esta fuente de poder, que resulta peligrosa si no se cultiva con ella um vínculo de respeto y reconocimiento (GROSSO, 2008, p. 149).

No caso da irmandade dos pretos do Rosário e São Benedito configura-se, acima ou em torno das configurações mais afetivo-familiares, um *dono* coletivo, uma comunidade que cuidava de seus mortos, caiando as suas catacumbas, cultuando as suas almas, limpando o cemitério. Mas este *dono*, esse apossamento da alma e das memórias dos escravizados em vida, não era um novo cativo, tinha uma conotação de obtenção de dignidade, que atingia um amplo espectro de gente, desde a memória do irmão negro morto até a sua família ainda viva, seja consanguínea, de parentesco ou de devoção.

A importância político-religiosa-afetiva das questões voltadas a morte e ao culto dos mortos, justifica que esta fosse a maior despesa daquela comunidade, abrangendo 35,73 % do total. Cabe, mais uma vez, destacar as arbitrariedades que cometemos no desmembramento das receitas e despesas em categorias estanques de análise, já que elas dialogam inerentemente entre si.

Assim, ocupando o primeiro lugar das despesas, estavam os gastos funerários, ligados às questões dos sepultamentos e das cerimônias realizadas nos momentos de falecimento de irmãos e irmãs do Rosário. Esses tipos de despesa eram constituídos basicamente do cuidado com os caixões e esquife, construção, conservação e reforma das catacumbas, manutenção do cemitério, enterros, missas. Já apontamos anteriormente a importância das receitas funerárias e agora elas se estabelecem como a primeira nas despesas. Esse aspecto nos faz compreender ainda melhor o significado das cerimônias de boa morte dentro da irmandade e como as concepções de vida e morte dos devotos moldavam a forma como a irmandade era conduzida.

Assim como existem vários registros de irmandades que foram capazes de construir a sua própria capela, também existiram irmandades que construía suas próprias catacumbas. As despesas funerárias indicam que as cerimônias fúnebres eram bem organizadas dentro da irmandade, que adquiria “tijolos para fechamento das catacumbas”, gastava com a “capinação do cemitério” e providenciava tudo o que era necessário para a cerimônia, incluindo até roupas para alguns dos falecidos.

Os registros de despesas com missas geralmente trazem qual é o seu intuito, ou seja, para quem ela será dedicada, como neste exemplo do ano de 1835:

Abril, 20

Pelo que despendeu o Irmão Tesoureiro João Alberto Xavier em doze missas, sendo seis pela Alma do Irmão Miguel Arcanjo e seis pela Alma do Irmão Antônio escravo de José Gomes de Oliveira de que apresentou certidão, a quantia de onze mil quinhentos e vinte réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello

11\$520

A boa morte é um aspecto muito importante para conseguirmos compreender o modo como as irmandades funcionavam e a relação de seus devotos com as mesmas. Participar de uma confraria não significava somente obter suporte devocional, também dava aos seus irmãos a certeza de que, quando o momento chegasse, a comemoração de sua morte aconteceria através de um enterro seguido de cerimônias religiosas e o sepultamento no cemitério da irmandade. Essa importância dada aos ritos funerários vem da crença que, se caso estes ritos não forem realizados, o morto não seria capaz de seguir seu destino pós-morte, ficando preso entre a sua existência na terra e o mundo espiritual. Segundo a historiadora Mara Nascimento (2006, p. 243):

Os confrades do Rosário previam, portanto, um acompanhamento que se estendia primeiramente da saída da irmandade da sua igreja até a casa do falecido e, em segundo momento, percorriam o mesmo caminho de volta à igreja trazendo o corpo em seu esquife. Na igreja já se encontraria, provavelmente, o capelão ou o sacerdote para realizar a encomendação e, finalmente, o sepultamento. Desta forma, em nenhum momento, desde os primeiros instantes de seu último suspiro, o irmão estaria só.

Este associativismo religioso era inerentemente também um associativismo funerário, por isso o esmero com a compra/feitura, conservação e reforma de vários objetos usados nestas cerimônias. Encontramos a aquisição pela irmandade de caixões com tampa (75\$600 em 1864, por exemplo), sem tampa (16\$240 em 1868 e 16\$000 em 1871), para anjinho (de 14\$ a 20\$), além de reformas:

O Tesoureiro da Irmandade de nossa Senhora do Rosario desta cidade da Cachoeira Francisco Gonsalves da Fontoura

1863 – Despesa – 15 de Novembro

Idem Idem no dia onze de outubro com belbutina Olanda preta e de forrar e guarnecer o caixão sem tampa, a quantia de nove mil quatro centos e quarenta reis documento numero 8. 9\$440

Quanto ao esquite, já comentado anteriormente, não encontramos o registro de sua compra, mas em 1846 a irmandade já estava comprando dois côvados de bélbute²⁸⁴ para um travesseiro, a 960 réis; em 1848, duas e meia varas de algodão trançado para tiras; e em 1852 uma reforma completa foi necessária:

4 e 1/2 varas de algodão azul para o mesmo esquite	2\$520
5 varas de franjas de retros para o esquite	6\$500
5 varas de galão largo, para o esquite	1\$800
7 e meia varas de galão largo para o esquite	2\$700
8 côvados e uma quarta de belbutina preta para o esquite	8\$910
alfaiate para fazer as cortinas do esquite	6\$800

Mesmo que o cemitério pertencesse a municipalidade, a irmandade fazia a sua parte para a manutenção, limpeza, compra de materiais diversos, etc., além de, como já vimos, ter mantido um zelador para cuidar das suas catacumbas, mas certamente também para avisar de eventuais problemas naquele campo santo. O dinamismo dos irmãos pretos do Rosário também se fazia notar na questão das catacumbas. O mais antigo registro que temos das catacumbas é de 30 de julho de 1834:

Despesa do ano de 1834

Julho, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em 40 carradas de Pedra, para os Alicerces das Catacumbas que se vão a fazer, da Irmandade, a quantia de quarenta e quatro mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello 44\$800

[...]

Outubro, 18

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em cinquenta alqueires de cal para fatura das Catacumbas da Irmandade no cemitério a seiscentos reis o alqueire e toda em trinta mil réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello 30\$000

Novembro, 20

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em quatro mil e quatrocentos tijolos para a fatura das Catacumbas a dezesseis mil e quinhentos réis cada milheiro, que importam em setenta e dois mil e quatro-

²⁸⁴ Bélbute: “tecido de algodão aveludado” (LELLO, volume 1, s/dt, p. 298).

centos réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 72\$400

Setembro, 25

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em o carroto do tijolo da olaria, para a obra dez carradas a mil réis, dez mil réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 10\$000

Dezembro, 10

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em condução de doze carradas de areia para a obra das Catacumbas, a oitocentos réis cada uma, nove mil e seiscentos, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello 9\$600

Despesa do ano de 1835

Janeiro, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier mais em quatro carradas de areia para a obra das Catacumbas, a quantia de três mil e duzentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 3\$200

Janeiro, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier mais em mil e cinquenta tijolos para a obra das Catacumbas a quantia de vinte e um mil, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 21\$000

Janeiro, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro João Alberto Xavier em carretas de tijolo, areia e cal e água, aliás, de tijolo, cal e água a quantia de onze mil trezentos e vinte mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] Joaquim dos Santos Xavier Marmello 11\$320

A partir daí encontramos seguidas despesas com a abertura e fechamento das catacumbas da irmandade, pagamento de pedreiros e compra de materiais (tijolos, areia) para sua conservação e reforma, seguidas referências a compra de cal e a caiação, a numeração das mesmas, etc.

Em 30 de agosto de 1875, o tesoureiro pardo Velocino de Araújo Bastos anotou os gastos com o enterro do irmão Mateus:

Idem com o enterro do irmão Matheos, a saber:

Com a Mortalha. 2\$800

Emcommendação ao Parocho. 5\$620

Catacumba: ao Pedreiro. 3\$000

Carrêto do Caixão. \$560

A lista de despesas acima confirma algumas conclusões das prospecções arqueológicas feitas na Cúria Metropolitana de Porto Alegre, de onde, em 1850, foi retirado o cemitério municipal, que ali funcionou por algumas décadas.

O formato da sepultura era antropomórfico, indicando que fora escavada diretamente na terra e que, portanto, não havia o uso de caixões (Reis, 1991, p. 174-175).¹⁹ Nas laterais do corpo foram encontradas manchas esverdeadas, muito finas, resultantes da decomposição de alfinetes feitos com alguma liga de cobre (ver figura 9). Acreditamos, baseados na bibliografia sobre os enterramentos da época, que isto indique o uso de mortalhas presas com alfinetes (MEIRELES, 2016, p. 495).

O caixão servia para o derradeiro transporte do irmão ou irmã até o cemitério, onde o seu cadáver era depositado amortalhado (REIS, 2009; RODRIGUES, 1997). O que ainda não sabemos é onde eram depositados esses artefatos litúrgicos e fúnebres, caixões, esquifes, tochas, foguetes, eça, etc. Não nos parece que ficassem no consistório, quem sabe a igreja possuía um porão ou depósito para isso, ou então algum dos irmãos que tivesse oficina os mantivesse guardados quando não estavam sendo usados.

As catacumbas da irmandade, tão zelosamente cuidadas, compunham um conjunto de práticas honoríficas, memorialísticas, de respeito aos ancestrais e aos seus familiares. Eram homenagens concretas aos esforços daqueles homens e mulheres negras, monumentos fúnebres, compondo patrimônios materiais e imateriais daqueles militantes do associativismo afro-diaspórico.

A Festa da Senhora do Rosário

Era para dizer que nunca estávamos sozinhos,
porque Deus e os encantados sempre estariam ao nosso lado
(Itamar Vieira Jr., *Torto Arado*. 2018, p. 142).

Vinte e três de junho nunca é um dia qualquer, já que é véspera do dia de São João e, naquele dia específico, a plural população da cidade da Cachoeira estava ansiosa e animada para acordar o santo dorminhoco com estardalhaço, aguardando o repique dos sinos da igreja e as queimas de fogos do dia seguinte. Mas festa boa, mesmo religiosa, começa na véspera e a igreja católica nunca conseguiu impedir que as suas comemorações extrapolassem os objetivos ecumênicos e atraíssem prazeres e expectativas mais mundanas (ABREU, 1999). Já haviam transcorrido 10 anos do fim da guerra do Paraguai, mas naquele ano de 1880 a população ainda desfrutava o alívio com o fim dos recrutamentos, da chegada dos soldados inválidos, da carestia com o abastecimento das tropas.

Não sabemos quantas pequenas comemorações espocaram pela vila da Cachoeira naquela véspera do dia santo, mas temos registros manuscritos

tos de uma delas, e o motivo da preservação desta memória é que esta não acabou bem. As amizades por vezes extrapolam os status jurídicos, por isso não estranhamos encontrar o preto escravizado João Maria embriagando-se com o homem livre João Francisco Pereira de Lima.²⁸⁵

Depois de ingerirem algumas *bebidas espirituosas*, os dois homens passaram a se dedicar a uma tarefa algo arriscada. Impulsionados sem dúvida pelo clima festivo-religioso que contaminava a vila (imaginamos que a cidade já estava enfeitada para a ocasião), pela coragem que o álcool geralmente dota os seus consumidores e pela estupidez que caracteriza muitas das manifestações de cordialidade masculina, aqueles indivíduos brincavam com um revólver²⁸⁶. Na verdade, os dois andavam dando tiros de pistola com pólvora seca e farinha de mandioca, “como salvas de João, digo, de São João”, até que a munição acabou. João Maria, então, dirigiu-se a uma venda, onde comprou mais artigos para continuar a diversão e entregou-os ao amigo. Nesse momento é que ocorreu o *infeliz acaso*, pois o embriagado João Lima, ao pôr a espoleta, disparou a pistola por acidente, machucando o braço direito de seu companheiro de festejos. Mesmo tendo de receber atendimento médico, o escravizado João Maria isentou João Lima de culpa, declarando que isso ocorrera provavelmente pela arma estar quente dos repetidos disparos feitos, e que não havia qualquer inimizade entre eles.

Resumindo o infortúnio, João Maria foi ferido por acaso por João Lima, na véspera do dia de São João. Muitos Joãos envolvidos e sem dúvida somente o santo pode ser isento de qualquer responsabilidade, mas o cerne da questão que nos fez desviar por esta história de 23 de junho de 1880 é a paixão do período pelo barulho e pela luminosidade dos fogos, dos foguetes.

* * * * *

A historiadora Liane Müller, ao estudar a irmandade do Rosário de Porto Alegre, destacou as disputas estético-devocionais que envolviam as diversas confrarias de uma mesma cidade. Segundo ela, “as disputas, ou guerras de alfaias, giravam em torno do luxo e ostentação que cada uma das irmandades poderia manter. Aparecer mais bela nas festas e ritos, ter a

²⁸⁵ APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3236, autor: a justiça, réu: João Francisco Pereira de Lima, 1880. João Maria tinha 35 anos, solteiro, filiação desconhecida, natural desta província, escravizado de Joaquim Maria de Magalhães.

²⁸⁶ Sobre masculinidades, ver: BARBOSA, 2015; BLAY, 2014; BOURDIEU, 1999; CECCHETTO, 2004; CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013; SILVA DE CARVALHO, 2011.

igreja melhor decorada, ou mesmo a precedência nas procissões, foram objetivos que as irmandades de negros perseguiram onde quer que existissem” (MÜLLER, 2013, p. 172). Segundo o historiador Pedro Meireles, essas guerras de alfaías extrapolavam os momentos de festas e procissões, movendo *disputas visuais*, “da ordem do aparente, do vistoso, do visual, representado nas vestes dos confrades, nas roupas e joias ostentados pelas imagens devocionais, nos jogos de artifício usados nas festas” (MEIRELES, 2021, p. 107).

Mas a festa da santa ou santo de devoção era, certamente, o ápice da vida devocional das irmandades. Segundo Mara Nascimento (2006, p. 118):

Para uma irmandade, qualquer uma delas, o dia da festa em homenagem aos santos protetores constituía-se de momento propulsor de sua afirmação diante da população. Era, geralmente, nessas solenidades que as associações em foco aproveitavam não somente para angariar mais contribuições que viessem financiar seus objetivos assistenciais e caritativos, como igualmente exibir o melhor que podiam em termos de aparato cênico e rítmico. Neste último item em especial, os irmãos das confrarias de gentes de cor, espalhados pela América portuguesa, encontravam na festa a oportunidade mais que perfeita para marcarem uma posição social diante dos olhos dos demais fiéis.

Segundo Mara Nascimento, as festas do Rosário, em Porto Alegre, começavam com missa solene pela parte da manhã e procissão de tarde. As procissões sempre tinham acompanhamento de músicos, apesar dessa historiadora não ter encontrado nos registros de contas por ela pesquisados (de 1786 a 1824) qualquer menção a instrumentos específicos – oboés, zabumbas, clarinetes –, apenas uma *matraca*. Nascimento advoga que existiu um controle da Igreja e do Estado na restrição aos *sons mais africanizados* (NASCIMENTO, 2006, p. 119 e 121).

No caso da irmandade do Rosário e São Benedito dos pretos da Cachoeira, temos a presença constante do capitão do mastro, cuja eleição aparece ao longo de todo o período do livro de eleições que possuímos, 1827 a 1892. Assim, parece que em Cachoeira do Sul a festa era iniciada pelo *alevantamento* do mastro, que antecipava a beleza da festa que viria. A realeza da irmandade, acompanhada dos demais membros da mesa diretora e por grande número de irmãos e irmãs deveriam dirigir-se a casa do capitão do mastro e acompanhá-lo até o local onde seria erigida aquela haste, que trazia em seu cimo o guião ou bandeira com as faces de Nossa Senhora e de São Benedito.

A festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito era realizada pela irmandade uma vez ao ano e possuía uma importância

gigante para os seus devotos, que não hesitavam em despender o valor que fosse necessário, nos mais diversos serviços e objetos, que pudessem tornar a festa cada vez maior e melhor.

Talvez possamos considerar as festas de Nossa Senhora como os grandes momentos da Irmandade, quando a comunidade negra ali presente se substantializa como um coletivo devocional. Pensemos que, principalmente em uma terra onde se investiu tanto na invisibilidade da presença da população afrodescendente, a saída festiva e animada do povo da Senhora do Rosário e São Benedito era uma celebração de sua tangível existência para além dos mundos do trabalho. Além disso, as procissões sempre têm algo de mundano – ou mesmo profano – quando utilizam códigos devocionais plurirreligiosos: fogs, comidas, tochas (MOREIRA; MUGGE, 2018, p. 405).

Quadro nº 28 – Despesas da Irmandade dos pretos da Cachoeira com a festa da Senhora do Rosário (1834 a 1875)

Detalhes dos gastos	Registros	Valor (réis)
Armação da Igreja e aluguel de roupa para os anjos	1	112\$000
Armação da Igreja e andadores	1	194\$000
Armação da Igreja	4	76\$000
Armação do altar e capela mor	1	92\$000
Armação do altar	1	24\$000
Mastro (levantar)	1	2\$800
Mastro (confeção)	1	\$640
Mastro (arrancar)	1	\$800
Cera	11	267\$110
Ceras e foguetes	1	78\$400
Ceras e velas	4	117\$360
Diversos	4	79\$720
Foguetes e fogueteiro	1	87\$400
Foguetes	12	366\$446
Incenso	1	1\$200
Missa cantada	5	80\$000
Missas	1	15\$000
Miudezas	1	38\$120
Música	25	1:090\$710
Padre e acólitos	24	1:014\$160
Preto para servir na festa	1	\$240

Registros	1	58\$000
Servente e flores	1	1\$600
Servente	1	1\$500
Vários objetos	1	87\$000
Velas	3	122\$300
Total	121	4:262\$006

Muito além de ser uma simples celebração de religiosidade, o momento da festa também era o momento no qual a população negra tinha a liberdade de se manifestar e exercer todos os aspectos de sociabilidade e autonomia que conseguiam obter participando das irmandades:

Dezembro, 24, 1850.

Despendeu mais o mesmo Tesoureiro com dezoito e três quartas de cera em velas para a festa de Nossa Senhora do Rosário, a preço de 1.440 cada – vinte e sete mil.

[a] Miguel Teixeira de Carvalho
27\$000

Despendeu mais o mesmo Tesoureiro com quatro e meia dúzias de foguetes para a mesma festa, e cada a preço de dois mil setecentos e vinte réis.

[a] Miguel Teixeira de Carvalho
12\$240

Dezembro, 31

Despendeu mais o mesmo Tesoureiro a importância paga ao Reverendo Vigário pela celebração da Missa Cantada, e acompanhamento da procissão da Festa a quantia de trinta mil réis.

[a] Miguel Teixeira de Carvalho
30\$000

Despendeu mais o mesmo Irmão Tesoureiro a importância paga ao Reverendo Vigário pelo sermão da Festa, a quantia de quarenta mil réis.

[a] Miguel Teixeira de Carvalho
40\$000

No ano de 1850 foi gasto um total de cento e nove mil duzentos e quarenta réis com a festa da irmandade. Ao equipararmos isso com a despesa total do mesmo ano – quinhentos e quarenta e um mil trezentos e cinquenta réis –, atesta-se que em torno de 20% da despesa total daquele ano foi voltada somente para os gastos da festa da irmandade. Dentre as despesas mais frequentes estão o pagamento da música para a missa cantada e o pagamento dos padres e sacristãos para a missa e a procissão. As festas das comunidades religiosas eram tão importantes que muitas vezes elas existiam antes mesmo das irmandades se constituírem. É o que traz Lucilene Reginaldo ao analisar os rosários dos angolas na Bahia setecentis-

ta, dizendo que: “muitas comunidades devotas, antes de constituírem irmandades, patrocinavam as festas de seu santo. Estas comemorações foram, em muitas partes da capitania, pontos de partida para a criação de irmandades” (REGINALDO, 2005, p. 87).

Um gasto reiterado nos momentos de festa e que gostaríamos de ter mais informações era com música, mas infelizmente tratam-se de registros sucintos, que não trazem especificações dos instrumentos musicais e os nomes dos músicos.

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1854. Despeza. [...] Outubro, 2

Idem com Manoel Homem de Oliveira da muzica de Vozes e Instrumentos, a quantia de oitenta e oito mil reis. Documento nº 6º. 88\$000

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da Cachoeira Marcos Joze do Canto

1870. Despeza. Setembro 26.

Despendeo o actual Thezoureiro com a condução de dois muzicos para a festa da Senhora, documento nº 2. 17\$400

Outubro 2

Despendeo o actual Thezoureiro com a muzica da terra e de fóra para a festa de Nossa Senhora – documento nº 4. 168\$000

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos

Despeza. 1873. Abril.

Despendeu o actual Thesoureiro com o Muzico, Joaquim José da Silva para tocar na festa como consta do Recibo – nº – 4. 14\$000

Abril.

Despendeu o actual Thezoureiro Velucino de Araujo Bastos, com o Muzico Lino Emogenio como consta do recibo nº 5. 40\$000

Daquele Manoel Homem de Oliveira, que em 1854 recebeu 88 mil réis “da muzica de Vozes e Instrumentos”, nós já tratamos, pois foi escrivão da irmandade em 1870 e 1871. Do músico Joaquim José da Silva nós não encontramos nenhuma informação, mas percebemos nos registros relativos ao ano de 1870 que alguns músicos eram trazidos de fora do município. Esse deve ter sido o caso do músico Lino Emogenio, justamente remunerado e quem sabe recomendado pelo tesoureiro pardo Velocino.²⁸⁷

²⁸⁷ Indubitável que trazer músicos de fora não quer dizer que em Cachoeira não existissem músicos. Na noite de 25 de outubro de 1863, por exemplo, dois grupos com música perambulavam pela cidade, parando em algumas casas para as suas serenatas, mas acabaram trocando injúrias e agressões físicas na praça da Conceição (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, auto crime nº 3094, queixoso: Tristão da cunha sobrinho, réu: Rafael Antônio de Oliveira, 1863).

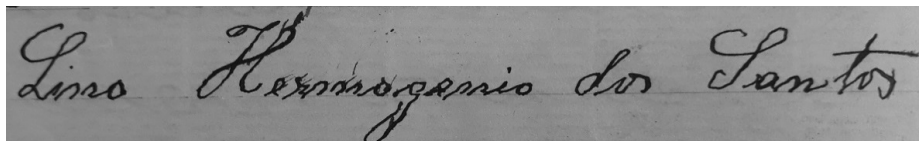
Em 10 de dezembro de 1928, o jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, enaltecia várias personalidades negras do campo musical, “como os Maestros Mendanha, Lino Carvalho, Lino Hermógenes, João Bandeira, Pedro Borges e ‘tantos outros professores de música’, que tantas contribuições ofereceram à música local” (BOHRER, 2014, p. 68). Segundo Bohrer, Lino Hermógenes era clarinetista e:

[...] foi um maestro afrodescendente que exercia a função de mestre da Banda de Música do 2º Batalhão da Brigada Militar quando faleceu em 1908. O maestro Lino Hermógenes também era integrante do clube negro Gonçalves Dias, fundado em 1905, para quem dedicou uma polca em homenagem. O poeta e jornalista Gonçalves Dias foi mencionado no caso do Jacobinismo Musical para exemplificar as participações e contribuições dos “homens de cor” para a construção e desenvolvimento da civilização no Brasil.

Parece-nos que aquele Lino Emogenio, que atuou na festa do Rosário de Cachoeira em 1873, seja este mesmo maestro negro e clarinetista de Porto Alegre. O associativismo constitui e reforça vínculos sociais, conectando indivíduos e grupos. Podemos imaginar esse músico negro desembarcando do barco que o conduziu de Porto Alegre pelo rio Jacuí, e sendo recepcionado no cais pelos pretos do Rosário da Cachoeira. Nos dias que ele passou em Cachoeira, as conversas geraram aproximações e simpatias, com trocas de informações e afetos. Um músico negro deve ter abrilhantado mais ainda a festa dos pretos da Cachoeira! O jornal republicano *A Federação*, em seu número de 13 de novembro de 1908 (folha 2), anunciou a morte do soldado da Brigada Militar Lino Hemogeneo, de cor parda, natural deste estado e com 63 anos de idade, “o finado pertencia a banda de música do 2º batalhão e era muito conhecido nesta capital”. Assim, ele na festa do Rosário da Cachoeira de 1873, teria por volta de 28 anos de idade.

Em 1897, o músico Lino Hermogeneo dos Santos se envolveu em um processo em Porto Alegre.²⁸⁸ Ele morava com sua filha Maria Eulina dos Santos, no Cristal, na zona sul de Porto Alegre, era casado, tinha 44 anos de idade, músico, brasileiro, nascido nesta cidade, sabia ler e escrever. Entre as testemunhas chamadas a depor encontramos brasileiros e italianos, agricultores, sapateiros e um empregado público, em meio a referências a matos e chácaras. Era, portanto, um arrabalde um pouco afastado do centro da cidade, com características rurais.

²⁸⁸ APERS – Tribunal do Júri em Porto Alegre, Processo n° 1948, Réu: Lino Hermogeneo dos Santos, 1898.

A photograph of a handwritten signature in black ink on a light-colored background. The signature reads "Lino Hermenegildo dos Santos" in a cursive script. The word "Lino" is written in a larger, more prominent hand, while "Hermenegildo dos Santos" follows in a smaller, more fluid cursive.

Em um segundo depoimento, Lino praticamente repete as mesmas informações de sua qualificação, mas diz que é *natural deste estado* e que morava em Porto Alegre há 4 anos, detalhes que ele reforça em um terceiro testemunho. Lino parece ter se separado da esposa, a qual morava com a mãe Maria Francisca de Lima em Cruz Alta. Sua filha Eulina nasceu nessa cidade de Cruz Alta em 1876, quando os pais já estavam separados, mas em 1896 retorna para Porto Alegre, pois queria morar com o pai²⁸⁹.

²⁸⁹ APERS – Órfãos e Ausentes da Cruz Alta, Inventário n° 197, Inventariado: Antônio Lopes Gavião, inventariante: Maria Francisca de Lima, 1876.

CONCLUSÃO OU “SUPERSTIÇÃO É A RELIGIÃO DO OUTRO”²⁹⁰

[...] ela resolveu fortificar-se costurando retalhos do que sua mãe havia lhe ensinado, antes de morrer em agonia. Contando com a memória e seus próprios recursos, ela emendou ritos esquecidos, misturou medicina europeia com nativa, escritura com lendas, e lembrou ou inventou, o significado oculto de coisas.

**Encontrou, em outras palavras,
um jeito de estar no mundo.**

[...] o resultado da aliança mútua
que vem de repartir tarefas

(Toni Morrison, *Compaixão*, p. 49 e 72).

Tia França, de início, ficou extremamente atemorizada. Afinal, dois homens invadiram a sua casa, na rua Saldanha Marinho, em Cachoeira, a amarraram e procederam a rigorosa revista em sua humilde residência. Reviraram o seu oratório, olharam embaixo dos santos, mexeram com o seu cachimbo, terminando por subtrair-lhe alguns mil réis de suas economias. Isso tudo ocorreu no dia 2 de abril de 1895.²⁹¹

A balbúrdia foi ouvida por uma vizinha, a qual, receosa dos invasores, não quis intervir, porém aceitou depor na polícia e na justiça sobre a violência sofrida por Tia França. A paraguaia Rosalina Maria da Conceição, com 42 anos de idade, testemunhou que ouviu Tia França chorar e lamentar-se em voz alta – “que era uma injustiça o que dizia o povo dela, e que a matassem de uma vez”.

Depois, quando rompeu o dia, o medo cedeu um pouco e Tia França resolveu defender seus direitos. Os dois homens que a amordaçaram e desrespeitaram sua casa, disseram ter autoridade para isso e então ela foi até a subdelegacia descobrir se eram realmente da polícia. Não eram. Da queixa

²⁹⁰ REIS, João José Reis, “Magia jeje na Bahia: a invasão do calundu do Passo de Cachoeira, 1785”, *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16 (1988), pp. 57-81.

²⁹¹ APERS – Vara Civil e Crime de Cachoeira do Sul, sumário de culpa nº 3425, autora: justiça, réus: Eloy José do Nascimento e José Fausto Pereira Fortes, 1895.

que fez, foi gerado um processo criminal, no qual Tia França se apresenta como Luiza de França, com 60 anos de idade, viúva, natural da Bahia e que se empregava “em vender bonecas, rendas e outros objetos que lhe confiam para esse fim, e do favor público”.

O promotor público denunciou os réus que invadiram e roubaram a casa da “velha crioula Luiza França” e anotou no papel a opinião pública de que ela era *dada a feitiçarias*. A autoridade judiciária, já no ofício que abre o documento custodiado atualmente pelo Arquivo Público do Estado do RS, racializa a Tia França de duas maneiras, descrevendo-a através de um termo que enuncia a sua cor e status de egressa do cativeiro – *crioula* – e associando-a a práticas religiosas não-católicas, apesar dos *santos* de seu oratório. Essas expressões dispersas no ofício, atestam e explicitam a negritude da queixosa e a *branquitude* da autoridade.

A própria Tia França não parece interessada em negar suas atividades religiosas e conta que conhecia os dois réus de vista. Ela contou para o delegado que duas semanas atrás, uma mulher chamada Antônia, que mora em casa de Quirino Simões, foi a sua residência lhe pedir, de parte de José Pereira, um dos seus agressores, “que acendesse umas velas a uma santa que a respondente possui, para o mesmo [...] fazer boa venda de umas terras que tem não sabe onde, dizendo-lhe a respondente que ele mesmo acendesse, por isso que a promessa era sua”. Dias depois, apareceu Eloy, o segundo dos malfeitores, pedindo que ela acendesse duas velas e lhe ensinasse uma oração, o que ela fez, prometendo-lhe ele uma arroba de charque gordo.

O réu Eloy, empregado público de 49 anos de idade, não negava ter invadido a casa de Tia França, mas alegava que sua intenção não era roubá-la, até porque ela era uma mulher *miserável*, que não tinha recursos. Ele argumenta que foi a casa da queixosa em busca de objetos que comprovassem que ela era metida com feitiçarias, por ela ter enganado um filho seu, supersticioso, tirando-lhe dinheiro para fins amorosos.

Não sabemos que santas e santos Tia França possuía em seu oratório, mas sabemos que ela foi escravizada de Dona Manoela de Adelaide Nogueira da Gama e, quando esta faleceu, os seus herdeiros lhe passaram uma carta de alforria, em 7 de setembro de 1872, sem explicitar qualquer condição ou indenização por parte da alforriada.²⁹² A senhora de Luiza

²⁹² A carta foi passada pelos irmãos e cunhados da senhora, Carlos Augusto Nogueira da Gama, Antônio Augusto Nogueira da Gama, Luiz Carlos Nogueira da Gama, Antônio Nunes de

França, Manoela Adelaide, era filha do Marechal de Campo Francisco Antônio de Paula Nogueira da Gama e de Dona Ana Bárbara Jesuína de Melo Gama e faleceu no dia 1º de novembro de 1866, em Cachoeira, sem ascendentes ou descendentes e sem deixar testamento.²⁹³ Não sabemos porque, mas seu inventário só foi aberto 8 anos após a sua morte, pelo seu irmão e tutor, o qual ficou de posse de seus bens. Ela deixou alguns móveis, 100 reses chucras, parte de uma casa na Praça da Conceição (200\$), parte de campo em uma fazenda (4:500\$), 662 mil réis em dinheiro, além de duas escravizadas: França, maior de 50 anos, já liberta (300\$) e Cândida, 18 anos, doente (800\$). Notemos que Luiza França aí aparece liberta, em função de sua alforria de 1872, mas com 50 anos, idade que faria com que ela, em 1895, tivesse 71 e não 60 anos, como declarou para as autoridades.

O irmão de Manoela Adelaide, Antônio, apresenta ainda três contas de despesas com a doença e o enterro de Manoela. Ele despendeu 504 mil réis com o Dr. José Pereira da Silva Goulart, de visitas domiciliares e remédios. Ao pardo Velocino de Araújo Bastos ele pagou 116\$ por “1 caixão com todos os preparos de superior qualidade para o repouso eterno da falecida senhora” e ao outro pardo músico Francisco Rodrigues Trelha, 18 mil réis, por “conta da música da encomendação solene feita a finada”.

Luiza França era mais uma egressa da diáspora baiana, que chegou ao Brasil meridional trazida pela cobiça escravista. Deduz-se que a liberdade de Luiza França, que tinha cerca de 37 anos no período, foi uma solicitação da falecida senhora ou uma recompensa de seus parentes, provavelmente cuidada em sua ancianidade pela diligente baiana. Quiçá os cuidados recebidos pela senhora Manoela iam além dos geralmente recomendados para pessoas idosas e adoentadas, e o conforto fornecido por Luiza incorporava suas artes de benzedeira e rezadeira. Nesse documento de liberdade, datado do ano seguinte a proclamação da lei do ventre livre, ela já aparece nomeada na carta como *Luiza França* e descrita como *preta*. Não

Meneses, João Carlos Nogueira da Gama, Nelson Augusto Nogueira da Gama e Arminda de Oliveira Gama (APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Livro 12 de Transmissões e notas, 13.09.1872, folha 139v). O alferes Carlos Augusto Nogueira da Gama era natural de Minas Gerais e foi casado com Manoela de Figueiredo Neves, nascida em Rio Pardo. Ele faleceu em Cachoeira em 04.07.1864, de pleuropneumonia, sendo descrito como *branco*, viúvo e com 58 anos de idade (Livro 4 de Óbitos de Cachoeira (1860 a 1868) – folha 23v).

²⁹³ Livro 7 de Batismos de livres de Cachoeira (1847-1854), p. 105; APERS – Juízo Municipal da Cachoeira, Inventário nº 372, Falecida: Manoela Adelaide Nogueira da Gama, Inventariante: Antônio Augusto Nogueira da Gama, 1874.

sabemos a proveniência do sobrenome – *França* – que talvez fosse uma referência ao seu companheiro, já que vimos que era viúva em 1895, ou uma recordação da Bahia, onde certamente deixou familiares e parentes. E a sua cor *preta* que os senhores lhe atribuíam, de onde vinha? Seria do ventre africano que pariu Luiza ou de suas preferências religiosas?

Ainda empilhando coisas que não sabemos da baiana Luiza Franca, desconhecemos também a dimensão da sua casa, em 1895, e se chegava a ser um terreiro, mas ficamos pensando nas atividades religiosas que ela descreveu fazer e na sua declaração de que também vivia do *favor público*, que talvez não reflita apenas uma vida sujeita a dificuldades, mas a aceitação comunitária de seus afazeres de curadora/benedeira/mãe-de-santo, que geravam retribuições espontâneas em dinheiro, mercadorias e favores (como proteções das autoridades) dos que a procuravam. Seu prestígio comunitário, aliás, fica comprovado por terem as autoridades levado os acusados até o tribunal e também pelas testemunhas – muitas delas mulheres – que foram angariadas por ela ou se ofereceram espontaneamente para depor a seu favor.

A frase que tia França gritou na cara dos malfeitores, e que foi transmitida aos autos judiciais pela paraguaia Rosalina, ecoa até hoje – “que era uma injustiça o que dizia o povo dela, e que a matassem de uma vez”. O desrespeito a casa de Tia França ocorreu em uma época cheia de mudanças estruturais, como a abolição da escravidão (1888), a proclamação da república (1889), a guerra federalista (1893/1895). A baiana sexagenária Luiza, que era uma mediadora religiosa afro-diaspórica, conectando culturas negras atlânticas e meridionais, devia sentir que o clima político era de desfrancanização do Brasil, o que significava o branqueamento compulsório de sua demografia e de suas culturas (MAGGIE, 1992). Seus santos católicos banhados em africanidades, suas práticas religiosas e a sua simples presença de uma mulher negra pitando seu cachimbo, enunciavam para as elites uma alteridade indesejada. Mas o *povo* que ela esbraveja querer eliminá-la, era uma figura polifônica, pois sua vizinhança e comunidade de clientes e afeiçoados mobilizou-se por ela e atraiu a atenção das autoridades. A *crioula* idosa Tia França não estava só. Aliás, a alcunha de *tia* mostra o respeito e carinho comunitário que ela angariou²⁹⁴.

* * * * *

²⁹⁴ MATHEUS, 2016, p. 267.

A tranquilidade da localidade de Capané, localizada no 2º distrito de Cachoeira do Sul, foi alterada na noite de 29 de agosto de 1877. A casa de negócio de José Bento Rodrigues (casado, natural desta província, 55 anos, negociante), foi arrombada, vários artigos e dinheiros foram roubados e os meliantes ainda jogaram ao chão fazendas que não puderam ou não quiseram carregar, manchando-as com tinta violeta, certamente almejando com isso torna-las imprestáveis, aumentando o prejuízo daquele comerciante.²⁹⁵

Alguns dias depois, o negociante assaltado oficiou ao subdelegado de polícia João Cândido de Carvalho Ourique, dizendo que um vizinho chamado Cesário Pereira Simões viu Antônio, filho de Antônio Joaquim, com alguns dos objetos roubados. O subdelegado então mandou dar busca na casa da família do suspeito, reunindo alguns moradores do local como testemunhas, o que foi realizado no dia 7 de setembro, na mesma localidade de Capané.²⁹⁶ O pai do suspeito não estava na residência da família, pois tinha saído do município, viajando a negócios. O suspeito também não se encontrava lá, mas foram encontradas a sua mãe, três irmãs e uma *mulata*, a única das mulheres da casa cuja descrição foi racializada, apesar de não ser uma escravizada.

- Joana Domingas da Silva – filha do finado João Joaquim da Rosa, 40 anos, casada com Antônio Joaquim da Silva, vive de seu trabalho, brasileira, de São Gabriel, não sabe ler nem escrever;
- Maria José da Silva – filha de Antônio Joaquim da Silva, 22 anos, solteira, vive com seus pais, de São Gabriel, não sabe ler nem escrever;
- Olímpia Alfonsina da Silva – filha de Antônio Joaquim da Silva, 21 anos, solteira, vive com seus pais, de Rio Pardo, não sabe ler nem escrever;
- Maria Cigina da Silva – filha de Antônio Joaquim da Silva, 11 anos, solteira, vive com seus pais, de Rio Pardo, não sabe ler nem escrever;
- Maria Carolina de Ávila: não conheceu seus pais, 40 anos, solteira, vive de seu trabalho, nasceu em São Jerônimo, não sabe ler nem escrever.

²⁹⁵ APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul, processo nº 3216, autor: a justiça, Réu: Miguel Arcanjo de Figueiredo, 1878; Cartório Civil e Crime de Cachoeira, processo 3210, autora: a Justiça, ré: Joana Domingas da Silva.

²⁹⁶ Capané: “arroio tributário da margem direita do rio Jacuí; rega o município de Cachoeira. Nasce perto do arroio Vargas e próximo à serra de Santaninha ou do Quintana e conta um curso aproximado de 14 léguas. Em suas margens se encontram grandes lavouras de arroz” (FARIA, 1914, p. 86).

Não somos informados da presença de homens da família na casa e podemos imaginar o susto causado por aquele grupo de indivíduos armados naquela residência habitada momentaneamente apenas por mulheres. Informadas do motivo da visita, segundo o auto de buscas, elas logo franquearam a entrada das autoridades. Revistada a residência, lá foram encontrados alguns produtos suspeitos, apontados como roubados da casa de negócios de Rodrigues. Dentro de um travesseiro estavam cinco maços de palha para cigarro, um pedaço de fumo, 14 vinténs em cobre, e na palha da casa dois pentes: um de cabeleira e um fino. E em uma gamela foram achados restos de tecidos queimados e apagados com água.

O Juiz Municipal de Cachoeira Miguel Arcanjo de Figueiredo teve depois que responder um processo por crime de responsabilidade, movido pela promotoria pública, por ter mandado prender quase toda a família do suspeito e deixando-a presa, à revelia da lei, por várias semanas, até 3 de outubro próximo. Ele se defendeu relatando que durante a busca feita, as mulheres da casa confessaram terem enterrado alguns objetos junto a um capão, os quais foram localizados pela polícia. Depois, foram intimadas sobre o restante dos objetos roubados e abaixo reproduzimos as próprias palavras escritas pelo juiz:

Descobertos estes objetos, as indiciadas, para se mostrarem alheias do crime (depois de o haverem confessado) lançaram mão de um meio supersticioso, que dão o nome de **adivinhação da peneira**, e executando a célebre adivinhação para ver se a santa peneira descobria mais alguma coisa (ou se descobria aquilo de que só elas tinham conhecimento) a bem aventurada peneira, fiel as palavras – **Por São Pedro, Por São Paulo** – disse-lhes que ainda havia em um banhado e em uma macega abaixo da fonte diversos pedaços de chita, que foram encontrados já alinhavados para colchas (talvez alinhavado também pela própria peneira!). Assim, foi a milagrosa peneira descobrindo tudo, até que, dias depois, descobriu-se nas proximidades da dita casa, o dinheiro em papel, o qual, não obstante as muitas chuvas, estava tão enxuto como se tivesse sido posto ali naquela ocasião! [Grifos Nossos]

O trecho abaixo transpira ironia, mas, mesmo assim, nos brinda com alguns detalhes importantes da religiosidade local e de um ritual específico. Joana, a mãe do suspeito, disse que os maços de palha, fumo e pentes achados em sua casa lhe foram entregues por seu filho Antônio Joaquim da Silva Filho, mandados pelo compadre Francisco Maria e por uma comadre, que mora do outro lado do Pequeri.²⁹⁷ Sobre os objetos enterrados ela

²⁹⁷ Pequeri: “arroio afluente do Jacuí. Nasce no município de Encruzilhada e depois limita-o do de Cachoeira, percorrendo este numa extensão de 12 léguas” (FARIA, 1914, p. 267).

alegou “que ignorava a existência deles, mas que fazendo a **adivinhação da peneira** é que descobriu que foi o filho dela” quem enterrou²⁹⁸. As autoridades então, fingindo acreditar ou genuinamente acreditando na adivinhação, perguntaram se apenas o filho esteve envolvido no roubo ou se teve compãheiro, respondendo ela que não sabia, “mas que fazendo a adivinhação, descobriu que foi entrado no roubo um escravo do mesmo José Bento Rodrigues, de nome Gaudêncio”²⁹⁹. Ela contou que seu filho estava em casa na noite em que foi arrombada a casa de Rodrigues, mas que ele podia ter saído despercebido. As autoridades lhe perguntaram, então, se não sabia “de mais nada oculto ou se a adivinhação não mostrara mais nada” e ela respondeu convicta “que fez a adivinhação e que não descobriu mais nada”.

Os documentos judiciais relatam que a adivinhação da peneira foi realizada por aquelas 5 mulheres *entre si*, o que aponta um ritual feminino, representando um cruzamento da religiosidade popular com os santos católicos (Por São Pedro, Por São Paulo), numa eloquente demonstração dos hibridismos culturais e religiosos deste plurirracial continente de São Pedro. Apesar de um certo cinismo transparecer no discurso do juiz, a descrição do que ocorreu durante o auto de busca contradiz o exposto. Policiais e testemunhas parecem ter achado legítimo que a busca fosse momentaneamente interrompida e que aquelas mulheres realizassem aquele ritual. Houve ali um compartilhamento de crenças, mesmo que disfarçado depois pelo cínico distanciamento exposto pelo acusado juiz. Joana foi levada a júri em 18 de dezembro daquele mesmo ano de 1877 e o Juiz Municipal Miguel Arcaño teve que declarar a sua absolvição, pois 11 dos 12 jurados decidiram que ela não havia recebido e nem ocultado os objetos roubados. Isso parece nos sugerir uma crença ou aceitação comunitária da adivinhação da peneira, já que esse foi o argumento nodal de Joana para saber da localização dos produtos roubados, sem que recaísse sobre ela a acusação de cumplicidade com o roubo perpetrado por seu filho.

* * * * *

²⁹⁸ Antônio Joaquim da Silva Filho era também analfabeto como sua mãe, tinha 19 anos de idade, solteiro, natural desta província e disse viver de seu trabalho. Assumiu a autoria do delito, mas alegou que se meteu neste roubo porque outros o convidaram – Romão, Malaquias e José Francisco, todos moradores na costa de Capané. Ele nega ter dado algo para a sua mãe e irmãs e disse que os objetos lá encontrados foram mandados por um compadre e uma comadre.

²⁹⁹ Gaudêncio tinha 19 anos de idade, solteiro e era natural desta província sulina. Ele depôs que na noite do arrombamento dormia em cima de uma porção de capim “que tem embaixo da ramada de seu senhor”. Sobre o suspeito, Gaudêncio assume conhece-lo, mas não é mais seu amigo, por ter-lhe roubado um pelego.

Improvável olhar os documentos relativos a Cachoeira do Sul, na segunda metade do século XIX, mesmo após 1888, e não esbarrar a todo momento com a charqueada do Paredão. Unidade produtiva fundada em 1872 pelo alemão Jorge Claussen e que, após a sua morte, foi administrada por sua viúva, viveu intimamente ligada ao braço escravizado até 1888 e, após, continuou sendo movida por trabalhadores negros, muitos dos quais moravam com suas famílias naquele estabelecimento (OLIVEIRA, 2013; SÔNEGO, 2011). Trata-se, assim, de um ótimo observatório social para quem quiser se aprofundar em detalhes sobre o pós-abolição.

Pois foram as estrepolias de um trabalhador e morador da charqueada do Paredão que movimentaram o final da tarde do dia 2 de janeiro de 1885. O palco do acontecimento foi a rua do Imperador, centro de Cachoeira, na frente da venda ou taberna do italiano José Scardiglia.³⁰⁰ O crioulo livre João Francisco, embriagado, fazia “provocações e desordens” e quando foi interpelado pela polícia, resistiu a prisão, ferindo o policial com uma faca.

Uma das testemunhas foi o italiano Cherobini Molenelli (28 anos, solteiro, negociante), sócio de Scardiglia na venda. Ele conta que João tentou entrar a cavalo na taberna e ele o repeliu, mas o mesmo insistiu e “com as patas de seu cavalo escangalhou o tabuleiro da preta Felícia, que com quitanda estava sentada na frente da referida taberna”.

Desde o século passado, com a ampliação dos programas de pós-graduação em história, as operações historiográficas incorporaram em suas lides o potencial dos documentos judiciais, principalmente os criminais. Nesse processo, por exemplo, nossa atenção foi alertada pela presença dessa quitandeira, instalada na frente de uma venda, no centro da vila da Cachoeira, vendendo para si ou para seu senhor, produtos alimentícios. Os clientes que procuravam aquele estabelecimento para comprar pequenos itens para as suas economias domésticas, podiam acrescentar ao cardápio familiar alguns doces daquela quitanda. Os homens que ali se embriaga-

³⁰⁰ APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1885/1887. Caixa 011.0149, auto: 3293, Autora: Justiça, réu: João Francisco, 1885. Esse processo se desdobrou em outro, no qual foi réu João Simões Marques, também trabalhador do Paredão, que quis obstar a prisão de seu companheiro de trabalho (APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1885/1887. Caixa 011.0149, auto: 3288). No ano seguinte, esse vendeiro italiano foi réu em outro processo, no qual se apresentou como José Scardiglia, filho de Ricardo Scardiglia, 49 anos, solteiro, negociante, italiano, nascido na província de Luca, alfabetizado (APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1885/1887. Caixa 011.0149, auto: 3300, autora: a justiça, 1886).

vam e socializavam, provavelmente também gostavam de adoçar o paladar com alguma guloseima da preta Felícia.

As quitandas potencializavam as economias e pecúlios das mulheres negras ainda escravizadas, livres ou forras. Exigiam habilidades que iam desde as culinárias, até o trato com os clientes e com o dono da venda na frente da qual se instalava, passando por negociações com as autoridades policiais e com fornecedores dos produtos necessários a produção dos quitutes. Era um empreendedorismo negro consistente que livrou muitas famílias da miséria e da escravidão, permitindo a resistência e a sobrevivência a um duro contexto.

Felícia, ou melhor, Maria Felícia, também foi chamada a dar a sua versão do fato e assim sabemos que aquela quitandeira tinha 48 anos de idade, era solteira, natural desta província e escravizada de Manoel Rodrigues Goulart. Ela nos conta que estava sentada na frente da taberna de José Scardiglia com um tabuleiro cheio de doces, que ela estava vendendo, “posto sobre a sarjeta que tem junto a calçada”. Ela ouviu quando João disse para outro homem que ela não conhecia, que “ele era capaz de passar a cavalo, pisando o dito tabuleiro”. O interlocutor de João duvidou da sua bravata e ele então passou por cima do tabuleiro de Maria Felícia, esbarrando o cavalo na venda.

Relembramos que o ano deste fortuito acontecimento foi 1885, quando o movimento abolicionista já incendiava o Brasil em geral e a província sul-rio-grandense em particular, mas senhores como o de Maria Felícia insistiam em continuar explorando suas mulheres cativas. Não achamos a alforria dessa quitandeira e não podemos deixar de pensar que talvez esse incidente tenha prejudicado seus planos de escapular do cativo, já que o tabuleiro e os produtos devem ter se perdido, escangalhados pelas patas do cavalo. Se ela era uma escravizada de ganho, dificilmente seu senhor a ajudaria a recompor seu negócio alimentício.

O senhor de Maria Felícia expirou em Cachoeira, no dia 27 de fevereiro de 1894, descrito como branco, natural desta mesma vila, casado com Maria Delfina Porto Goulart. Aos 70 anos de idade, ele foi vitimado pela cistite catarral crônica, e enterrado no cemitério desta cidade, sem sacramento “por não procurarem”.³⁰¹

De Maria Felícia não encontramos o óbito, talvez tenha se mudado de cidade, procurando fugir das cicatrizes da escravidão, instalando seu

³⁰¹ AHCMCS – Livro 7 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1886 a 1915), folha 57, padre Vicente Zeferino Dias Lopes.

tabuleiro de doces na frente de tabernas ou casas de negócios de outras cidades. Curiosamente também não encontramos batismos de seus filhos na cúria de Cachoeira, mas apenas dois óbitos de produtos de seu ventre:

- 24.12.1867 – Horácia, 3 meses de idade, filha natural de Felícia, de enterites aguda, enterrado no cemitério desta cidade, padre: Luiz Antônio Gonçalves dos Santos;
- 22.01.1878 – Otávia, crioula, ingênuo, 1 anos, filha natural de Felícia, Sem assistência médica, enterrado no cemitério desta cidade, padre: Marcolino da Maia Firmo.³⁰²

Segundo o Código de Posturas de Cachoeira do Sul:

3º. Os **quitandeiros e quitandeiras** que venderem nas ruas e Praças desta Villa, e mais Povoações do Termo pagarão annualmente pela licença nove centos e sessenta réis.

4º. Os **quitandeiros** que se propuserem a vender por menor tempo pagarão 80 réis por cada mez, e assim se declarara nas cautellas, que se lhes passar. [Grifos nossos]³⁰³

Não sabemos se Maria Felícia mantinha seu tabuleiro de doces de maneira formal ou informal, mas sua labuta naquele espaço público exterioriza africanidades.

Quitanda. Loja ou tabuleiro em que se vendem hortaliças, legumes, ovos, etc., bem como produtos da pastelaria caseira. Também, biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro. Do quimbundo *Kitanda*, “feira”, “mercado”, por sua vez derivado de *Kitânda*, “estrado de madeira utilizado para a exposição de mercadorias e como cama rústica” (LOPES, 2004, p. 554).

* * * * *

Um caleidoscópio de nomes, uma cartografia relacional difícil de remontar, às vezes prenhe de lacunas, outras vezes com conexões frágeis. Esses trânsitos diaspóricos são marcados pelos (des)enraizamentos e (des)territorialidades, forjando relações marcadas pela potencial fragilidade e necessidade constante de rearranjos relacionais e sentimentais. Conforme Eliane Marques (2022, p. 5):

³⁰² Em 02.01.1877 morreu Felício, ingênuo de 13 meses de idade, filho natural de Rosalina, de sífilis e ficamos pensando se a parceira Maria Felícia não estava sendo homenageada nesse nome (AHCMCS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira do Sul (1860 a 1873), folhas 20; Livro 1 de Óbitos de Ingênuos de Cachoeira do Sul (1874 a 1887), folhas 4 e 5v. O senhor citado era sempre Manoel Rodrigues Goulart.

³⁰³ AHMCS – Posturas Municipais de Cachoeira/RS.

Não há modernidade ou pós-modernidade sem a cultura da *plantation* sustentada pela escravidão racial. As diásporas atlânticas desafiaram o conceito de casa, de homem, de mulher, de trabalho, de divindade, desafiaram o conceito de literatura, de liberdade e de boa vida, desafiaram o conceito de parentesco, fundando uma concepção de identidade narrativa, cambiante, assentada num processo histórico e político e não em supostos essencialismos sanguíneos.

As diásporas afro-brasileiras comportam várias mortes, biológicas e sociais, que se configuram em plurais processos de desapropriação e desenraizamento. Usando uma expressão da historiadora afro-americana Saidiye Hartman (2021, p. 47), comentando um conto de W. E. B. Du Bois, percebe-se a criação de uma sensação de não se estar “em casa no mundo”.

Na procissão de nomes e histórias próprias de irmãos e irmãs do Rosário da Cachoeira, como colocar isto em ordem? Como dar sentido a massa documental que nos excede, prescindindo nosso investimento de pesquisa? Partimos de uma tentativa de colocar mais uma vez em movimento as festas, os foguetes, os mastros dos capitães, as coroas de Reis e Rainhas? O certo é que, em meio ao sabor do arquivo dos pretos da Cachoeira, nos assombremos com experiências afro-diaspóricas e com os saberes das irmandades. As artes que extrapolam a estética, exigem técnicas e habilidades sociais e profissionais. Entre os artistas, artesões e artesãs, as artes da resistência e da devoção. A militância ao Rosário dos Pretos, irmãos e irmãs, de cuidado e devoção, aquilombados e aquilombadas no Consistório da Irmandade.

A palavra que nos assombra desde o título do livro, afro-catolicismo, é operacional para o entendimento destas experiências? É correta teórica e metodologicamente? Dá conta desse esgarçamento de religiosidades, experiências místicas, sociabilidades e afetos que ali se cruzaram? Em entrevista para Martha Abreu e Ronaldo Vainfas, João José Reis (2001) relatou:

[...] eu já usei o termo afro-catolicismo em meus trabalhos. Não vejo problema. **Representava o modo negro de ser católico.** Isso não significa dizer que se tratasse de sincretismo, no sentido de representar uma terceira via [exterior a religião católica hegemônica]. Significa dizer que é uma religiosidade que se localiza na periferia do Catolicismo, onde se dão as trocas culturais mais intensas, nos casos trocas envolvendo o que vinha da África. Mas é catolicismo. Essas trocas não levam necessariamente à formação de outra coisa, porque pelo ângulo da identidade, os fiéis estão se definindo como católicos. Ocorre que podem não ser apenas católicos. O resultado é então uma vivência religiosa em que se verifica a circulação do indivíduo através de dois, três sistemas religiosos, em cada um dos quais ele assume uma identidade. Mas a integridade ritual, o protocolo de comunicação com o outro mundo, mantém a integridade básica específica de cada um (REIS, 2001, p. 256-257).

Não só o consistório dos pretos da Cachoeira, mas aqueles outros espaços, rituais e momentos praticados por aqueles negros e negras devotas, nos remeteram aos *entre-lugares* de experiências afro-diaspóricas (Homi Bhabha, 1998). A questão é ir “além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais”, percebendo as “articulações de diferenças culturais”, os *entre-lugares*, que “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20).

Muito já se discutiu dos motivos que levaram as populações negras afro-católicas a estimarem tanto o ubíquo rosário. Segundo a historiadora Mara Nascimento (2006, p. 46)

José Ramos Tinhorão tem a sua hipótese. Para o autor, a popularidade da Virgem estaria na ligação que os africanos estabeleceram desta com o orixá Ifá, por meio do qual era possível consultar o destino dos homens atirando, soltas ou unidas, as nozes de uma palmeira chamada Okpê-lifá. Tais nozes tinham o aspecto de pequenas rosas e constituíam o chamado “rosário de Ifá”, o que explicaria desde já a origem do nome da devoção. Durante a Idade Média, explica também o autor, as contas dos rosários não eram constituídas por esferas regulares e polidas, mas por pequenas rosas esculpidas em madeiras; o que conferia a esta espécie de colar um aspecto tosco e irregular, típico das peças forjadas artesanalmente⁶⁴. Vindo da África ou da Europa Ocidental, o Rosário, na versão apresentada, tem, pois, origem popular e certo fundamento mágico e pagão.

**Imagem conservada na Igreja da
Conceição, em Cachoeira do Sul,
pertencente a Irmandade de Nossa
Senhora do Rosário**



Esperamos que os leitoras e leitores tenham apreciado este afogamento em nomes proposital que fizemos, mostrando quantas existências podem ser visualizadas pelas escrituras do Rosário da Cachoeira. Trata-se de um material que enseja inesgotáveis potencialidades de pesquisa, mostrando essa vila situada no território mais meridional do território brasileiro como uma encruzilhada de viveres afro-diaspóricos.

Pelos dados que conseguimos coletar e juntar, percebe-se que eram devotos e devotas com perfil urbano, mesmo que seu arco de sociabilidade laboral e afetiva extrapole os limites da cidade e se espraie pelos arrabaldes da cidade e pelo meio rural, algo bastante próximo.

Estes viveres diaspóricos que conseguimos entrever através do arquivo da irmandade, nos remetem para investimentos pessoais e comunitários no sentido não só de construir lugares para estar e ser naquele mundo colonial, mas a possibilidade de que esses entre-lugares fossem coletivos. Essa algaravia afro-católica tensionava os padrões civilizados da branquitude, imiscuindo-se no interior e no entorno dos seus rituais mais nodais, criando, através do afeto, formas de amenizar as “alteridades do eu” sentidos por seres humanos marcados pelos desenraizamentos e pela violência racializada (BHABHA, 1998, p. 75). Trata-se de uma sabedoria que vem de indivíduos que:

[...] presenciaram o pesadelo do racismo e da opressão na luz banal do dia-a-dia. Eles representam uma ideia de ação e agência mais complexa do que o niilismo do desespero ou a utopia do progresso. Eles falam da realidade da sobrevivência e da negociação, que constitui o momento da resistência, sua tristeza e sua salvação, mas que é raramente mencionada nos heroísmos ou nos horrores da história (BHABHA, 1998, p. 351).

ANEXO [01]

QUICUMBI

Uma dança secular afro-rio-grandense revivida em uma localidade do interior do município de Taquari

Fotos e Texto de **J. C. PAIXÃO CORTES**

[REVISTA DO GLOBO – 20 / 2 / 1954 – acervo do folclorista
Carlos Galvão Krebs.]

QUEM teve oportunidade de assistir o 1º Congresso Nacional de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, em 1951, quando se reuniram estudiosos de nossos motivos populares vindos do norte, centro e sul do Brasil, satisfez muitíssimas curiosidades e mesmo pôde observar e tirar considerações quanto à variedade de motivos e características distintas apresentadas pelas delegações regionais que estiveram presentes na Quinta da Boa Vista. Os pernambucanos fazendo o “passo” de um “corrupio”, de um “sacacrolha”, de um “urubu malandro”, etc., movimentos de uma elasticidade espantosa que o “frevo” exige; os paulistas com seu “cururu”, dança que parece ter suas origens em motivos ameríndios, lançadas pelos jesuítas no período de catequização, na qual os dançarinos em frente a uma capelinha, executavam sapateados entremeados com batidas das mãos; os cariocas desceram o morro com seus apitos e cuicas, revivendo as genuínas canções da favela, através de suas famosas Escolas de Samba; não faltaram os desafios entre homens através da capoeira e da pernada baiana, verdadeiras demonstrações de malabarismo e agilidade; as danças dramáticas como o “Bumba-meu-boi”, com seus “tiradores” de canto, acompanhados do “boizinho”, do “capitão com seu cavalinho”, do “veado”, do “caetetu”, etc., emprestando um colorido curioso, belo e ao mesmo tempo humorístico.

Bem, mas o leitor certamente estará curioso em saber se o Rio Grande do Sul se fez representar; não é mesmo? – Sim, os gaúchos estiveram belissimamente representados pelo “35” Centro de Tradições Gaúchas atra-

vés de seus trovadores, declamadores, de suas danças, como a “tirana”, o “anu”, o “balaio”.

Tais festividades realizadas nesses congressos não deveriam ficar somente sob a órbita dos estudiosos. O ideal seria que também fosse dada oportunidade ao povo, para que ele pudesse aquilatar toda a beleza rítmica e coreográfica dos motivos dos mais distantes rincões da pátria. Se o Governo tomasse a si essa responsabilidade, estaria educando e incentivando ainda mais o culto do patrimônio folclórico nacional, tão ameaçado pelas influências vindas de além-mar. Surgiria uma personalidade mais brasileira em nossas canções, em nossos poemas e em nossas danças, sem a necessidade “imprescindível” de recorrermos a motivos estranhos a nossa terra.

Foi justamente pela primeira vez que pudemos observar a perfeita distinção entre as características das danças rio-grandenses e das nortistas, não só por intermédio de seus instrumentos, como também quanto aos motivos coreográficos.

As danças gaúchas caracterizam-se principalmente por dois aspectos: o respeito à mulher e a teatralidade do dançarino, enquanto que as nortistas, de um modo geral, pela sensualidade e por uma figura coreográfica de indiscutível procedência africana – a umbigada. – Essa distinção deve-se especialmente a contribuição dos elementos étnicos que mais influíram na formação do tipo brasileiro.

É o folclorista Renato Almeida que nos diz: “Os estudos de etnologia e de folclore têm mostrado não só o valor do canto que trouxeram os negros, como ainda a participação que eles têm tido na nossa música popular, através das transformações das vozes nativas e da adaptação de outras, no intenso caldeamento étnico da gente brasileira”. E mais adiante acrescenta. “Em tudo quanto se possa caracterizar como música brasileira, encontramos nítida e marcada, a influência negra.”

Mas o Rio Grande do Sul constitui uma exceção. Talvez a contribuição do índio tenha sido maior do que a do próprio negro, pois praticamente foi insignificante a quantidade de negros que para aqui vieram, em comparação com a de outras regiões do Brasil. Isto se justifica até certo modo, pela facilidade com que se executou a abolição dos escravos entre nós. Enquanto em outras capitanias o índio não dava conta do serviço de lavoura, fazendo com que os senhores proprietários reclamassem a importação de escravos da África, o índio se adaptou aqui à principal indústria da terra e se tornou um elemento útil.

Diversos são os fatores que justificam a ausência da contribuição *direta* do negro nas canções e danças gaúchas. Podemos citar: os de ordem numérica; as grandes distâncias (léguas e léguas) entre as sedes das estâncias e a distinção social de cor.

Não quer dizer, no entanto, que o “Moçambique”, o “Candonbê”, o “Quicumbi”, o “Bambarererê”, o “Batuque”, o “Quizumba”, etc., trazido pelos Nagôs, Bornom, Moçambiques, Caçangue, da África, não tenham sido dançados ou tenham sido completamente sufocados pelos brancos. Não. Até hoje continuam essas manifestações de cunho afro-rio-grandense, embora não com a mesma pomposidade e nem com o mesmo brilho de antanho, nos municípios de Rio Pardo, Osório, São Jerônimo e Taquari, rincões onde outrora a população negra esteve mais concentrada nos trabalhos de lavoura, do cultivo da cana, das xarqueadas, ou nos centros mais populosos, como é o caso de Porto Alegre. Em uma de nossas viagens de pesquisas folclóricas realizadas pelo nosso “hinterland”, deparamos com uma festa completamente desconhecida para nós! Eram os Quicumbis, realizados no município de Taquari, na localidade de Bom Retiro, no ano de 1952. Em plena colônia alemã, uma manifestação tipicamente africana. Esta dança que a folclorista Oneida Alvarenga, em seu livro *Música Popular Brasileira*, afirma ser “a única das nossas danças dramáticas da qual não ficou nenhum documentário musical”, estava ali diante de nossos olhos, através de seus dançarinos, de seus tocadores, de suas personagens. Não houve dúvida! Entramos em ação: com uma gravadora fazíamos o registro musical, enquanto que com o olho na ocular de uma filmadora acompanhávamos os curiosos movimentos dos “dançantes” e as cenas de um Pagamento de Promessa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, daquela localidade.

Ali estava o velho Paulino da Rosa que, apesar de seus 70 anos, ainda dava ordens e deixava qualquer um de boca-aberta, quando movimentava suas pernas, realizando, com uma agilidade notável, os passos de uma “Chúlia” ou “Mangueira”.

Essa relíquia humana, que fora também “tirador” de “*Candombê* (não *Candomble* como se pronuncia no norte do País), foi nos contando como se realizavam os “Quicumbis” no seu tempo de moço. Relatou as concentrações que se realizavam em Taquari, por ocasião das festas religiosas de Nossa Senhora do Rosário. Lá estavam representadas, por intermédio de seus reis, suas rainhas, seus “dançantes”, etc., as Irmandades do Triunfo, de Santo Amaro, de Osório, de Rio Pardo, de Venâncio Aires. Nessas festas realiza-

vam-se verdadeiros concursos musicais e coreográficos entre os dançarinos. Lá estavam as cuicas roncando, os reco-recos matraqueando, as violas tinindo, os tambores e os pandeiros soando. E lá também estavam os dançarinos executando malabarísticas figuras, exigidas pelos ritmos trepidantes dos “mancados”, dos “mangueiras”, das “marchas”, das “caídas”, das “chúlias”, das “marimbas”, etc.

Nas datas festivas, para as danças do Quicumbi, os figurantes compunham-se dos seguintes elementos: 12 “dançantes”, 12 irmãos da opa, 1 procurador, uma “juíza do ramo”, um “juiz e uma juíza da vara”, um alferes da bandeira, um “Capitão do Mastro”, o “Rei do Congo” e “Rainha Ginga”.

Os “dançantes”, que são também os músicos, são todos homens. Vestiam-se de calças brancas; um saiote branco por cima destas, que ia até a altura do joelho; um jaquetão bem folgado e um chapéu de papelão, enfeitado com espelhos e penas de pavão. Em cada uma das pernas, acima do joelho, usavam um guizo de bronze de tamanho comum. Quando em posição, no grupo, ficavam dispostos em filas de 2, constituindo 6 pares. A distinção entre os pares de uma fila e outra, está na cor do blusão e do chapéu, pois uns são azuis e outros vermelhos, com exceção do “mestre”, cuja vestimenta é toda branca. Os “Irmãos da opa” formavam também 6 pares. Usavam por cima da roupa comum uma opa branca. Do mesmo modo, vestia-se o “Alferes da Bandeira”. O “capitão do mastro” levava uma faixa colorida à “meia-espalda”. O “juiz e a juíza da vara”, em trajes simples, carregavam na mão um ramo. O “Rei do Congo” vestia-se semelhante aos reis do baralho com capa, e a “Rainha Ginga” com um vestido branco bem comprido. Ambos traziam à cabeça suas coroas.

Os preparativos para as festividades iniciavam-se de 2 a 3 meses antes da data marcada – primeiro domingo de outubro. Aos sábados e domingos íamos encontrar os dançantes a muitas léguas da vila, com sua “bandeira”, cantando e dançando, fazendo peditório (angariando fundos), para a festa de Nossa Senhora do Rosário. Ao aproximarem-se de um terreiro, assim cantavam:

Se o Rosário lhe pede oferta
Mas não é por precisar
Somos nós que lhe pedimos
Porque queremos festejar

Se despeça da “bandeira”
Que a “bandeira” vai embora
Do Rosário de Maria
Que é a Virgem Nossa Senhora
.....

Mas as festividades propriamente ditas iniciavam 8 dias antes da data fixada, com a implantação de um mastro de cerca de 35 palmos de altura, todo colorido (branco, verde e vermelho), o qual deve ser enterrado a 30 palmos de distância da porta principal da paróquia.

Depois de uma série de solenidades, o cura benze um quadro de Nossa Senhora do Rosário, o qual é hasteado no mastro.

Ao clarear do 1º domingo de outubro, era grande o movimento das residências de todos os componentes de “Irmandade.” Eram preparados doces, frios, bebidas, etc. para oferecerem aos “dançantes” que estavam se reunindo na residência do “proprietário”, isto é, na casa onde se encontravam todos os instrumentos, bandeiras, coroas e onde existia, em geral, um oratório com a imagem da padroeira da Irmandade, rodeada de santos. Ainda não se descortinavam as barras do dia, já se ouvia o soar dos tambores e o bater dos pandeiros, anunciando a grande data. Da casa do “proprietário” dirigiam-se para a residência dos demais componentes do grupo (“Rei, Rainha”, etc.) convidando-os em versos para incorporarem-se ao grupo, os quais os esperavam com “gulodices”.

O re re euá
O Carunga ro ê
Ou re re euá
O carunga ro ê
O re re euá
Levantei meus dançantes
Para formar o cordão
Com o canto de nossa Senhora
E a virgem da Conceição
.....

Reunido todo o “cordão”, tomavam uma formação especial e dirigiam-se para a Igreja, onde assistiam a Santa Missa. Dentro do templo ocupavam lugares previamente reservados. Terminado o ofício religioso, à porta da Igreja, o cura da paróquia abençoava a Irmandade do Rosário e sole-

nemente coroava o “Rei do Congo” e a “Rainha Ginga”. Então roncavam os tambores e os cânticos se elevavam em sinal de alegria e todos os ritmos (“Chúlia, Mancada, Mangueira, Caída, Marcha, Marimba”) eram dançados na frente da Igreja e ao redor do mastro, onde estava hasteado o quadro com a estampa de Nossa Senhora.

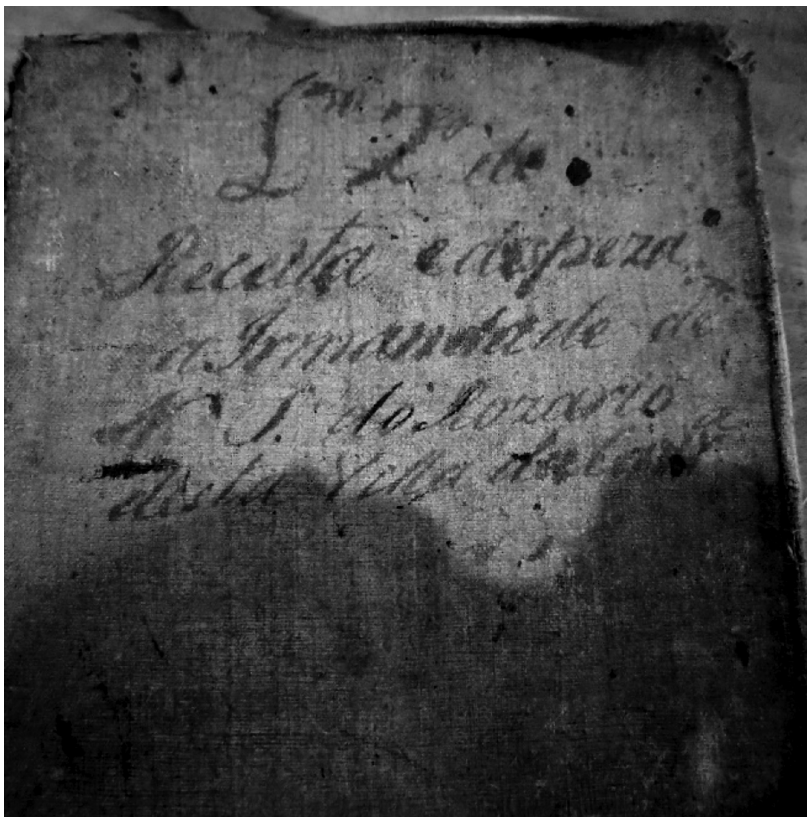
Deus te salve sobre casa
Aonde Deus fez a morada
Aonde esta o nosso vigário
Que tem a hóstia consagrada

Deus te salve nobre oratório
Todo coberto de flor
Aonde estão todos os santos
Que são apóstolos do Senhor

.....

A seguir a Irmandade ocupava a frente da procissão que estava formada por todos os fiéis, a qual percorria as principais ruas do lugar. Ao meio-dia, o grupo saboreava um suculento churrasco, com “acompanhantes”. Durante essa refeição eram entoadas rezas e louvores aos santos ao som de músicas. Em seguida os “dançantes” “trabalhavam”, isto é, cantavam e dançavam ritmos afro-rio-grandenses até as 6 da tarde, em um coreto especial. Antes de finalizar as comemorações, eram escolhidos os novos Reis e Rainhas, Juízes, etc., para os “Quicumbis” do próximo ano. A festa terminava na casa do “proprietário”. E altas horas da noite, completamente derreados, voltavam para suas casas, entoando os versos dessa dança, que a tradição oral foi capaz de conservar através de gerações e gerações. Entretanto os “Quicumbis” estão fadados a desaparecer, em virtude da incompreensão de determinadas pessoas, e até mesmo de representantes do clero, que ignorando a tradição dessas festas, as confundem com “batucarias”.

ANEXO [02]



Livro 2º de Receita e Despesa da Irmandade de N. S. do Rosário desta Vila de Cachoeira [1834/1863]

[folha 1v]

Receita do anno de 1834

Transporte do Livro 1º a folha 100, a quantia de 610\$010

Janeiro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Domingos**, escravo de **João Pereira Carpes**, a quantia de três mil cento e vinte e cinco réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$125

Fevereiro, 28

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada por **Domingos de Mello**, a quantia de seis mil, novecentos e sessenta e cinco réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 6\$965

Março, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Polidoro**, escravo de **Isidorio Pereira da Silva**, a quantia de quatro mil quatrocentos e sessenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 4\$460

Abril, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Ignacio**, escravo de **João de Melo Rego**, a quantia de quatro mil e setecentos réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 4\$700

[Total] 629\$260 [folha 2]

Despesa do ano de 1834

Julho, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em o custo deste livro, para esta Escrituração, por ter findo o Livro primeiro, a quantia de três mil e duzentos réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 3\$200

Julho, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em o direito do selo Nacional deste livro, a quantia de quatro mil réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 4\$000

Julho, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em 40 carradas de Pedra, para os Alicerces das Catacumbas que se vão a fazer, da Irmandade, a quantia de quarenta e quatro mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 44\$800

[Total] 52\$000 [folha 2v]

Receita do ano de 1834

[Transporte] 629\$260

Maio, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Miguel**, escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, a quantia de três mil oitocentos e sessenta e cinco réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 3\$865

Junho, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Antônio**, escravo de Dona **Felícia Pires**, a quantia de três mil quatrocentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$440

Julho, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Reinato**, escravo do **Reverendo Vigário**, a quantia de mil novecentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 1\$980

Agosto, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Manoel**, escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, a quantia de dois mil quinhentos e sessenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 2\$560

[Total] 641\$105 [folha 3]

Despesa do ano de 1834

Julho, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em dois côvados e meio de riscado para a cobertura do Altar, a quantia de mil réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 1\$000

Agosto, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em uma peça de Bertanha para toalhas do Altar e renda para uma a quantia de sete mil e duzentos réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 7\$200

Outubro, 18

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em cinquenta alqueires de cal para fatura das Catacumbas da Irmandade no cemitério a seiscentos

reis o alqueire e toda em trinta mil réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 30\$000

[Total] 20\$200 [folha 3v]

Receita do ano de 1834

Setembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João de Ramos**, a quantia de três mil quatrocentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo o Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 3\$480

Outubro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Matheus Nunes**, a quantia de três mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$000

Novembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Antônio Cardoso**, a quantia três mil duzentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$240

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João**, escravo de **Manoel Rodrigues de Ataides**, a quantia de dois mil e duzentos réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 2\$200

[Total] 653\$025 [folha 4]

Despesas do ano de 1834

Novembro, 20

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em quatro mil e quatrocentos tijolos para a fatura das Catacumbas a dezesseis mil e quinhentos réis cada milheiro, que importam em setenta e dois mil e quatrocentos réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 72\$400

Setembro, 25

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em o carroto do tijolo da olaria, para a obra dez carradas a mil réis, dez mil réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 10\$000

Dezembro, 10

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em condução de doze carradas de areia para a obra das Catacumbas, a oitocentos réis cada uma, nove mil e seiscentos, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 9\$600

[Total] 182\$200 [folha v4]

Receita do ano de 1834

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de joias, anuais e esmola que deram alguns devotos, a quantia de cinquenta e oito mil e quinze réis, apor ter, digo, que a conta acima declarada foi engano e só recebeu vinte e oito mil e duzentos réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 28\$200

[Transporte] 687\$221

Aos dois dias do mês de janeiro de mil oitocentos e trinta e cinco em o Consistório da Igreja Matriz desta Vila Nova de **São João da Cachoeira** onde se achava o muito Reverendo Vigário, Capelão e Juiz, e mais oficiais de mesa, Velha e Nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, recebeu-se as contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e conferida a receita a folhas quatro verso, com a despesa a folhas sete, achou-se ficar líquido em benefício da mesma Irmandade, a quantia de quatrocentos e vinte e um mil quatrocentos e sessenta e sete réis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo Cargo, e para constar faço este termo, Eu **Joaquim dos Santos Xavier** [folha 5v] **Marmello**, Escrivão da Irmandade e assinam o Mui Reverendo Capelão, Juiz e oficiais de mesa comigo Escrivão que o escrevi.

O Vigário [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Sinal de **Mireno** + escravo de **João Batista Fagundes**

Sinal de Sinal de

Manoel + de Ramos **Francisco + Nunes**

Sinal de Sinal de

Manoel + Gomes **João + Escravo de João Pereira Carpes**

Sinal de

Francisco + Escravo de Inácio Rodrigues de Carvalho

[folha 5]

Despesa do ano de 1834

Julho, 10

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em o custo de um livro para as Atas da Irmandade segundo determinou o Ilustríssimo Doutor Provedor dos Resíduos e Capela, no aditamento do despacho do Livro das Eleições da

Irmandade a folhas três verso, a quantia de dois mil duzentos e quarenta réis, e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 2\$240

Dezembro, 29

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em o selo de um livro para as Atas da Irmandade a quantia de dois mil reis e por ter despendido a dita quantia, faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 2\$000

Dezembro, 29

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em seis missas para a Irmã falecida **Roza Luiza**, a quantia de cinco mil setecentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier** [a] **Marmello** 5\$760

[Total] 122\$200 [folha 6]

Despesa do ano de 1834

Dezembro, 29

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trinta missas da Capelania da Irmandade a novecentos e sessenta cada uma, e todas na importancia de vinte e oito mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 28\$800

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em assistencia da esmola suprida ao Irmão **Miguel Arcanjo** que caiu em pobreza e doente segundo determina o Compromisso no Artigo Sexto de que se arbitre a quantia de cem réis por dia desde o dia trinta de julho até o último deste a quantia de quinze mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço este termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 15\$000

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** na festa de Nossa Irmandade, Pároco e mais sacerdote e sacristãos e ferro da banquetta, a quantia de treze mil e sete centos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 13\$760

[Total] 242\$760 [folha 6v]

Receita do ano de 1835

Janeiro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João Antônio Chaves** a quantia de dois mil e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$080

Fevereiro, 28

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco** escravo de **Ignácio Alves da Silva** a quantia de quatro mil cento e setenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 4\$170

Março, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Antônio** escravo de **Bento Antônio de Moraes** a quantia de quatro mil duzentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 4\$280

Abril, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João** escravo de **D. Benta Maria**, a quantia de cinco mil cento e vinte réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 5\$120

[Total] 441\$111 [folha 7]

Despesa do ano de 1834

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **José Alberto Xavier** com a Música para a festa da Irmandade a quantia de dez mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 10\$000

[Total] 259\$760 [folha 7v]

Receita do ano de 1835

Abril, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola dada a Irmandade para se poder enterrar um corpo em uma Catacumba da mesma Irmandade a quantia de dezesseis mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 16\$000

Maiio, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João** Escravo de **João Pereira Carpes**, a quantia de três mil duzentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$240

Maiio, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** dada por vários devotos, a quantia de cento e quarenta e cinco mil setecentos e sessenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 145\$760

Junho, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João da Silva Lira** a quantia de três mil oitocentos e noventa réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 3\$890

[Total] 610\$001 [folha 8]

Despesa do ano de 1835

Janeiro, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** mais em quatro carradas de areia para a obra das Catacumbas, a quantia de três mil e duzentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 3\$200

Janeiro, 15

Pelo que despendeu o Irmão **Thezoureiro João Alberto Xavier** mais em mil e cinquenta tijolos para a obra das Catacumbas a quantia de vinte e um mil, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 21\$000

Janeiro, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em carretas de tijolo, areia e cal e água, aliás, de tijolo, cal e água a quantia de onze mil trezentos e vinte mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 11\$320

[Total] 35\$520 [folha 8v]

Receita do ano de 1835

Julho, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco Nunes** a quantia de três mil e vinte reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$020

Agosto, 15

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de uma Catacumba para se enterrar um corpo digo Catacumba da Irmandade, a quantia de dezesseis mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 16\$000

Agosto, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Gonçalo Monteiro Torres** a quantia de três mil e setecentos réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$700

Setembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **José** escravo de D. **Escolástica Pedroza** a quantia de trez mil oitocentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 3\$880

[Total] 636\$601 [folha 9]
Despesa do ano de 1835

Janeiro, 20

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o pedreiro em [feitio] de dez Catacumbas para a Irmandade, a quantia de oitenta e cinco mil reis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 85\$000

Março, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em assistencia da esmola suprida ao Irmão **Miguel Arcanjo** que caiu em pobreza e doente, segundo determina o Compromisso no Artigo Sexto, em virtude do qual se arbitrou de tres mil reis por mes, desde o primeiro de janeiro do corrente ano ate o ultimo de Março deste, a quantia de nove mil reis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 9\$000

Abril, 20

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em doze missas, sendo seis pela Alma do Irmão **Miguel Arcanjo** e seis pela Alma do Irmão **Antônio** escravo de **José Gomes de Oliveira** de que apresentou certidão, a quantia de onze mil quinhentos e vinte réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 11\$520

[Total] 141\$040 [folha 9v]

Receita do ano de 1835

Outubro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola dada para poder se enterrar um corpo em uma Catacumba da Irmandade, a quantia de dezesseis mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 16\$000

Outubro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **José** escravo de D. **Ricarda Gomes dos Santos**, a quantia de tres mil duzentos e setenta reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$270

Novembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João** Escravo de **Laurenço Alves Fideles**, a quantia de quatro mil duzentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 4\$240

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de joias e anuais dos Irmãos a quantia de quarenta e um mil seiscentos e trinta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 41\$630

[Total] 701\$741 [folha 10]

Despesa do ano de 1835

Dezembro, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trinta e oito missas da Capelania da Irmandade a nove centos e sessenta, importa em trinta em seis mil quatrocentos e oitenta reis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 36\$480

Dezembro, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o Reverendo paroco e sacerdotes, e Sacristãos na festa de Nossa Senhora, da Nossa Irmandade, a quantia de onze mil quinhentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 11\$560

Dezembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a Música para a festa da Nossa Senhora Padroeira da Irmandade a quantia de dezesseis mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 16\$000

[Total] 205\$080 [folha 10v]

Receita do ano de 1835

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Cristóvão Pedreiro**, a quantia de quatro mil e noventa réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 4\$090

[Transporte] 705\$831

Aos seis dias do mês de janeiro do ano de mil oitocentos e trinta e seis em o Consistorio da Igreja Matriz desta Vila Nova de **São João da Cachoeira** onde se achava o Muito Reverendo Vigário, Capelão, Juiz e oficiais de mesa, Velha e Nova

da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, recebeu-se as contas com ao mesmo Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e conferida a receita a folhas dez verso, com a despesa a folha dez, achou-se ficar líquido em benefício da mesma Irmandade, a quantia de quinhentos mil setecentos e cinquenta e um réis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo Cargo, e para constar faço este termo, Eu **Joaquim dos Santos Xavier Marmello**, Escrivão da Irmandade em que assina o Muito Reverendo Capelão, Juiz e oficiais de mesa, comigo o Escrivão que o escrevi.

O Vigário [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier**

Sinal de

Sinal de

João + Antônio Ruivo **Felipe + Escravo de Floriana Maria Pereira**

Sinal de

Sinal de

Francisco + escravo de Francisco Alves da Silva **Manoel + Escravo de Flora Maria**

Sinal de

Antônio + escravo de Bento de Morais

Sinal de

Rugério + Escravo de Inacia Joaquina de Almada

Sinal de

Sinal de

João + escravo de Dona Benta Maria **João + da Silva Lira**

Sinal de

Sinal de

João + escravo de João Pereira Carpes **João + de Ramos**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[Total] 500\$751 [folha 11]

Despesa do ano de 1836

Março, 5

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em três varas e meio de Renda, para uma toalha do Altar, a quantia de quatro mil quatrocentos e oitenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 4\$480

Agosto, 14

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** no conserto da Imagem do Senhor do Altar, que se tinha quebrado, a quantia de dois mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 2\$000

Outubro, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em cal para as Catacumbas, a quantia de oito mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 8\$000

[Total] 14\$480 [folha 11v]

Receita do ano de 1836

Janeiro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Felipe** Escravo de Dona **Florianna Maria Pereira** a quantia de três mil cento e trinta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi.³⁰⁴ 3\$130

Fevereiro, 28

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Manoel** Escravo de Dona **Flora Maria** a quantia de três mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$000

Fevereiro, 28

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da Catacumba para **Floriano Maixado** a quantia de vinte mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 20\$000

[Total] 526\$881 [folha 12]

Despesa do ano de 1836

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trinta e cinco missas da Capelania da mesma Irmandade de que apresentou certidão sendo de esmola de novecentos reis digo novecentos e setenta reis cada uma a quantia de trinta e tres mil e seiscentos reis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** 33\$600

[Total] 48\$080

Despesa do ano de 1837

Abril, 2

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em 3 ½ varas de renda para uma toalha do Altar de Nossa Senhora do Rosario, a mil e seiscentos

³⁰⁴ O africano, da Costa, Felipe, recebeu carta de alforria de sua senhora Floriana Maria Pereira em 12/04/1839, a qual estabelecia que ele se tornaria livre quando do momento de sua morte e em remuneração dos “bons serviços que me tem prestado; e que espero continue a prestar, tendo resolvido que havendo Deus de chamar-me ao Santo Reino sem que eu possa declarar minha última vontade, por esta o deixo forro, e liberto, no momento em que Deus me chamar, e tudo em razão dos muitos serviços que me tem feito”. Felipe foi recebido de herança da falecida mãe da senhora, Lourença Maria de Jesus. A escravista Floriana era analfabeta e pediu que Francisco José da Silva Moura redigisse o documento e assinasse a seu rogo. A carta foi registrada em cartório muitos anos depois, em 21 de abril de 1847, provavelmente ano do falecimento de sua senhora e cumprimento da cláusula restritiva para a liberdade plena de Felipe (APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira – Livros Notariais de Transmissões e Notas, folha 176). [N. do E.]

reis a vara e portanto na quantia de cinco mil e duzentos reis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 5\$200 [folha 12v]

Receita do ano de 1836

Março, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Rogério** Escravo de Dona **Ignacia Joaquina de Almada** a quantia de dois mil duzentos e quarenta reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$240

Abril, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João da Silva Lira** a quantia de dois mil e trezentos réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$300

Maior, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João de Ramos** a quantia de quatro mil quatrocentos e noventa réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 4\$490

Junho, 10

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de uma Catacumba para **Inofre Vieira** a quantia de dezesseis mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier** [a] **Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 16\$000

[Total] 551\$911 [folha 13]

Despesa do ano de 1837

Setembro, 12

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** a quantia de dez mil réis que deu ao **Clemente** para o completo de cinquenta alqueires de Cal para as Catacumbas da mesma Irmandade, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 10\$000

Setembro, 25

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em seis Missas para a Alma do Irmão falecido **Joaquim dos Santos Xavier Marmello**³⁰⁵, de que

³⁰⁵ O alferes Joaquim dos Santos Xavier Marmelo faleceu em 12.09.1837, tendo atuado como escrivão desta irmandade nos anos de 1827 a 1833 e 1835 a 1837 (APERS – Cartório de Orfãos e Ausentes de Cachoeira do Sul, comarca de Rio Pardo, Inventário n° 332). [N. do E.].

apresentou certidão, a quantia de cinco mil setecentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 5\$760

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trinta Missas da Capelania da mesma Irmandade, de que apresentou Certidão, sendo de esmola de novecentos e sessenta réis, cada uma, a quantia de vinte e oito mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 28\$800

[Total] 49\$760 [folha 13v]

Receita do ano de 1836

Junho, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Caetano** Escravo de **Francisco Maxado**, a quantia de mil quatrocentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 1\$440

Julho, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **José Antônio Mina** a quantia de três mil oitocentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$840

Agosto, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Antônio Cardozo**, a quantia de dois mil trezentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$380

Setembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **José** Escravo de **Francisco José da Silva**, a quantia de três mil quatrocentos e sessenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 3\$460

[Total] 563\$031 [folha 14]

Despesas do ano de 1838

Setembro, 20

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em seis missas para a Alma do Irmão falecido **Joaquim Ignacio Xavier** de que apresentou Certidão, a

quantia de cinco mil setecentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 5\$760

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trinta Missas da Capelania da mesma Irmandade, de que apresentou Certidão, sendo de esmola de novecentos e sessenta réis cada uma, a quantia de vinte e oito mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 28\$800

[Total] 34\$560

Despesa do ano de 1839

Janeiro, 12

Pelo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em seis Missas para a Alma da Irmã falecida Dona **Ignacia Joaquina dos Santos** de que apresentou Certidão, a quantia de cinco mil setecentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 5\$760 [folha 14v]

Receita do ano de 1836

Outubro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier**, de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Manoel** Escravo de **Flaviano Prates**, a quantia de quatro mil oitocentos e setenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 7\$870

Novembro, 16

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier**, de esmola de uma Catacumba para a **Anna Gomes Maciel**, a quantia de três mil cento e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$140

Novembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco** Escravo do **Reverendo Vigário**, a quantia de três mil oitocentos e vinte réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$820

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco Simões**, a quantia de quatro mil quinhentos e oitenta

réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Joaquim dos Santos Xavier** [a] **Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 4\$580

[Total] 572\$441 [folha 15]

Despesa do ano de 1839

Fevereiro, 20

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em oitenta Alqueires e uma quarta de Cal para as Catacumbas da Irmandade, a oitocentos e oitenta réis ao Alqueire, a quantia de setenta mil seiscentos e vinte réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 70\$620

Fevereiro, 21

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de passage do Cal no **Passo Carretas** e Jornal aos pretos para a condução, a quantia de oito mil seiscentos e quarenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 8\$640

Março, 2

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em quatro mil tijolos para as Catacumbas da Irmandade, a vinte mil réis cada milheiro a quantia de oitenta mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 80\$000

[Total] 165\$020 [folha 15v]

Receita do ano de 1836

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de joias e anuais que pagaram a quantia de dezesseis mil quatrocentos e sessenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi.

[a] **Joaquim dos Santos Xavier** **Marmello** [a] **João Alberto Xavier** 16\$460

[Total] 565\$901

Aos seis dias do mês de Janeiro de mil oitocentos e trinta e sete em o **Consistório** da Igreja Matriz, desta Villa Nova de São João da **Cachoeira** onde se achava o Muito Reverendo Vigário Capelão e Juiz, e mais oficiais de mesa Velha e Nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, recebeu-se as contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e conferida a receita a folhas quinze verso com a despesa a folhas doze achou-se ficar líquido em benefício da mesma Irmandade a quantia de quinhentos e quarenta e sete mil oitocentos e vinte e um réis, seja a quantia feita na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier** que continua no mesmo Cargo, e para constar faço este termo Eu **Joaquim**

dos Santos Xavier Marmello Escrivão da Irmandade, em que assina o Muito Reverendo Capelão, Juiz e oficiais de mesa comigo Escrivão que o escrevi.

O Vigário [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Joaquim dos Santos Xavier Marmello** [a] **João Alberto Xavier** [folha 16v]

Sinal de Sinal de

Manoel + de Ramos **João** + escravo de **Lourenço Alves**

Sinal de Sinal de

João + de Mello **José** + Escravo de Dona **Ricarda Gomes**

Sinal de Sinal de

Gonçalo + Monteiro **José** + Escravo de Dona **Escolástica**

Sinal de

Cristovão + Pereira

[a] **Iziquiel da Cunha**

[folha 16]

Despesa do ano de 1839

Março, 4

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em dez carretas de tijolos da Olaria para o cemitério a mil duzentos e oitenta réis cada carreta, a quantia de doze mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 12\$800

Março, 22

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em três varas e meia de renda para uma toalha do Altar de Nossa Senhora do Rosário, a oitocentos réis a vara, a quantia de dois mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu Escrivão Candido de Carvalho Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 2\$800

Março, 25

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em vinte carradas de pedra para as Catacumbas da Irmandade a dois mil réis cada carrada, a quantia de quarenta mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 40\$000

[Total] 220\$620 [folha 16v]

Sinal **Manoel + de Ramos**

Sinal + de **Rogério** Escravo de Dona **Ignácia Joaquina**

Sinal de **João** + Escravo de **Lourenço Alves**

Sinal de **João + de Mello** Sinal de **Joze** + Escravo de Dona **Ricarda Gomes**

Sinal de **Gonçalo + Monteiro** Sinal de **Joze** + de Dona **Escolastica**

Sinal de **Cristovao + Pereira**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Transporte 547\$921

Receita do ano de 1837

Janeiro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Felipe** Escravo de **Floriana Maria Pereira** a quantia de quatro mil quatrocentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 4\$480

Janeiro, 28

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Manoel** Escravo de D. **Flora Maria** a quantia de quatro mil e setenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi.

[a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 4\$070

[Total] 336\$371 [folha 17]

Despesa do ano de 1839

Abril, 3

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em vinte carradas de Areia para Catacumbas da mesma Irmandade, a novecentos e sessenta réis cada carrada, a quantia de dezenove mil e duzentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Cândido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 19\$200

Junho, 10

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em três milheiros para as Catacumbas da mesma Irmandade, a vinte mil réis cada milheiro, a quantia de setenta mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Cândido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 70\$000

Junho, 16

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em nove carros dos mesmos tijolos da Olaria para o cemitério a mil duzentos e oitenta cada uma, a quantia de onze mil quinhentos e vinte réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Cândido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 11\$520

[Total] 321\$340 [folha 17v]

Receita do ano de 1837

Março, 21

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Rogério** Escravo de Dona **Ignacia Joaquina de Almada** a quantia de seis mil cento e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 6\$140

Abril, 20

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **José da Silva Lira** a quantia de três mil setecentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$780

Maiο, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João de Ramos** a quantia de dois mil e novecentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 2\$980

[Total] 369\$271 [folha 18]

Despesa do ano de 1839

Agosto, 30

Pelo o que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em três varas e meia de renda para a toalha do Altar da Nossa Senhora da Conceição a mil e duzentos réis a vara, a quantia de quatro mil e duzentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 4\$200

Setembro, 14

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em duas missas pela alma da Irmã **Lucianna Constantina da Conceição**, a quantia de cinco mil setecentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 5\$760

Dezembro, 24

Está a despende o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trezentos tijolos para fechar as Catacumbas, a dois mil réis o cento, a quantia de seis mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 6\$000

[Total] 337\$300 [folha 18v]

Receita do ano de 1837

Junho, 3

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em esmola de uma Catacumba, pela quantia de dez mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 10\$000

Junho, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Caetano** Escravo de **Francisco Machado**, a quantia de dois

duzentos e noventa réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$290

Julho, 21

Pelo o que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em esmola da caixinha tirada pelo Irmão **José Antônio Mina** a quantia de três mil duzentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$240

Julho, 31

Pelo o que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em esmola de uma Catacumba pela quantia de doze mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 12\$000

[Total] 603\$391 [folha 19]

Despesa do ano de 1839

Dezembro, 26

Pelo o que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em uma carreta de trezentos tijolos da Olaria para o cemitério, a quantia de mil duzentos e oitenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Cândido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 1\$280

Dezembro, 26

Pelo o que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o Mestre Pedreiro pelo feitio de dez Catacumbas e serventes e carregamento de Agoas para as mesmas Catacumbas, a dezesseis mil cada uma, a quantia de cento e sessenta mil réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Cândido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 160\$000

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em vinte e duas missas pertencentes à Capitania pela alma dos Irmãos vivos e falecidos a novecentos e sessenta reis cada, a quantia de vinte e um mil cento e vinte réis, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Cândido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 21\$120

[Total] 512\$700 [folha 19v]

Receita do ano de 1837

Agosto, 31

Pelo o que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Antônio Cartago** a quantia de dois mil setecentos e sessenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$760

Setembro, 30

Pelo o que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João** Escravo de **Francisco Jose da Silva Moura**, a quantia de três mil trezentos e vinte réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$320

Setembro, 31

Pelo o que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Manoel** Escravo de Dona **Fabianna Prates de Cardoso**, a quantia de três mil e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$040

Outubro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco** Escravo do Reverendo Vigário **Ignácio Francisco Xavier dos Santos** a quantia de dois mil oitocentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 2\$880

[Total] 615\$291 [folha 20]

1840

Aos seis dias do mês de Janeiro de mil oitocentos e trinta e nove anos em o Consistorio da Igreka. Sem efeito. [a] **Carvalho**

Despesa do ano de 1840

Outubro, 23

Pelo o que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em três varas e meia de renda para a toalha do Altar de Nossa Senhora do Rosário a novecentos e sessenta reis cada uma, a quantia de três mil trezentos e sessenta, e por ter despendido a dita quantia faço esse termo eu **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 3\$360 [folha 20v]

Receita do ano de 1837

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João** Escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, a quantia de três mil setecentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi.

[a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 3\$780

[Total] 619\$171

Aos seis dias do mês de janeiro de mil oitocentos e trinta e oito, em o Consistorio da Igreja Matriz dessa Vila Nova de São João da **Cachoeira**, onde se achava o Muito Reverendo Vigário Capelão, Juiz e mais oficiais da Mesa Velha e Nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, recebeu-se as contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e conferida a receita a

folha 20 e com a despesa a folha 13 achou-se ficar líquido em benefício da mesma Irmandade a quantia de quinhentos e sessenta e cinco mil seiscentos e trinta e um réis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo cargo, e para constar faço esse termo em que assina o Muito Reverendo Capelão, Juiz e oficiais da mesa. Eu **Estevão Candido de Carvalho**, escrivão da Irmandade que escrevi e assinei.

O Vigário [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** [folha 21]

Despesa do ano de 1840

Transporte 6\$880

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em quarenta e sete missas pertencentes a Capelania para a alma dos Irmãos vivos e falecidos, a novecentos e sessenta reis cada uma, a quantia de quarenta e cinco mil cento e vinte réis, e por ter despendido a dita quantia faço este termo. Eu, **Joaquim Gomes de Carvalho**, escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho** 45\$120

[Total] 52\$000

Despesa do ano de 1841

Novembro, 15.

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em uma renda para a toalha do Altar de Nossa Senhora do Rosário, a quantia de cinco mil setecentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço este termo. Eu, **Joaquim Gomes de Carvalho**, escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho** 5\$760 [folha 21v]

[a] **Iziquiel da Cunha**

Sinal + de **Felippe** Escravo de Dona **Florianna Maria Pereira**

Sinal + de **Rogério** Escravo de Dona **Ignácia Joaquina**

Sinal + de **João** Escravo de **Lourenço Alves** Sinal de **João + de Mello**

Sinal + de **João** Escravo de Dona **Benta Maria** Sinal de **Joze** escravo de Dona **Ricarda**

Sinal + de **Gonçalo Monteiro** Sinal + de **João da Silva Lira**

Sinal + de **João Antônio Mina** Sinal + de **João de Ramos**

Transporte: 565\$631

Receita do ano de 1838

Janeiro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco Simoens**, a quantia de três mil quatrocentos e vinte réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$420

Fevereiro, 28

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Domingos** Escravo de **João Pereira Carpis**, a quantia de dois mil seiscentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi.

[a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 2\$680

[Total] 571\$731 [folha 22]

Despesa do ano de 1841

Transporte 5\$760

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trinta e uma missas pertencentes a Capelania, pela alma dos Irmãos vivos e falecidos a novecentos e sessenta réis cada uma, a quantia de vinte e nove mil setecentos e sessenta réis, e por ter despendido a dita quantia faço este termo. Eu, **Joaquim Gomes de Carvalho**, escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Joaquim Gomes de Carvalho** 29\$960

[Total] 35\$520

Despesa do ano de 1842

Dezembro, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em trinta missas pertencentes a Capelania, pela alma dos Irmãos vivos e falecidos, a novecentos e sessenta réis cada uma, a quantia de vinte e oito mil e oitocentos réis, e por ter despendido a dita quantia faço este termo. Eu, **Joaquim Gomes de Carvalho**, escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho** 28\$800 [folha 22v]

Receita do ano de 1838

Março, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João Antônio Ruivo**, a quantia de dois mil e duzentos réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$200

Abril, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Domingos de Mello**, a quantia de três mil cento e vinte réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$120

Maior, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco Nunes**, a quantia de três mil cento e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$180

Maio, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de joias e anuais atrasados, a quantia de sete mil trezentos e sessenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi.

[a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 7\$360

[Total] 587\$391 [folha 23]

Despesa do ano de 1843

Maio, 14

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** por seis missas pela alma da Irman Dona **Antônia Maria dos Santos**, a quantia de sete mil seiscentos e oitenta mil réis, e de como recebo comigo Escrivão abaixo assignado. 7\$680

Dezembro, 22

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** por duas carradas de areia para tapar as Catacumbas dos Irmoens na quantia de dois mil reis cada uma e ambas por quatro mil réis do que para constar faço esse termo e assino. 4\$000

Dezembro, 27

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a festa de Nossa Senhora aos Padres, Sachristão e Fabrica a quantia de dezanove mil duzentos e oitenta reis, e para constar faço esse termo em que assino. 19\$280

Dezembro, 27

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a festa de Nossa Senhora do Rozario para a Muzica a quantia de dez mil reis, e para constar faço esse termo em que assino. 10\$000

Dezembro, 27

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** para a compra das dasanoze libras de Sera a mil duzentos e oitenta reis e tudo a quantia de vinte e quatro mil trezentos e vinte reis, e para constar faço esse termo em que assino.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Nina e Castro** 24\$320

[Total] 65\$268 [folha 23v]

Receita do ano de 1838

Transporte 587\$591

Junho, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Manoel** Escravo de Dona **Flaubianna Pratis** a quantia de dois mil oitocentos e trinta reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 2\$830

Julho, 3

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Francisco** Escravo do **Reverendo Vigário** a quantia de três mil cento e cinquenta reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. 3\$150

Agosto, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **João** Escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho** a quantia de seiscentos e oitenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. \$680

Setembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Antônio Cardozo** a quantia de três mil duzentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 3\$240

[Transporte] 397\$491 [folha 24]

Despesa do ano de 1843

Dezembro, 30

Pelo que despendeu o Thezoureiro **João Alberto Xavier** com quarenta e duas missas por tenção dos Irmãos vivos e falecidos da mesma Irmandade na forma do Compromisso a nove centos e sessenta reis cada uma, conforme a certidão que apresentou o Reverendo Parocho todas na quantia de quarenta mil trezentos e vinte reis, e para constar faço esse termo em que assino. [a] **Iziquiel Rodrigo de Nina e Castro** 40\$320

[Transporte] 105\$600 [folha 24v]

Receita do ano de 1838

Outubro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **José de Ramos** a quantia de quatrocentos e oitenta reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. \$480

Novembro, 5

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de uma Catacumba pela quantia de dezesseis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 16\$000

Novembro, 20

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de uma Catacumba pela quantia de dezesseis mil réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 16\$000

Novembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Felipe** Escravo de **Florianna Maria Pereira** a quantia de quatrocentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** \$440

[Transporte] 630\$411 [folha 25]

Despesa do ano de 1844

Transporte da conta folhas 24 – 105\$600

Fevereiro, 15

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em seis missas pela alma de hua Irmã a **Genoveva Roza do Nascimento** a quantia de sete mil seiscentos e oitenta reis. 7\$680

Julho, 31

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com dez libras de Sera para a festa a preço de mil oito centos e quarenta reis na importancia de dezoito mil e quatrocentos reis. 18\$400

Ao Reverendo Vigário e **Iziquiel** na festa foi gratis.

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** com os dois Sachristaens na festa a quantia de tres mil reis. 3\$000

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a muzica para a Festa a quantia de dez mil réis, e para constar faço esse termo em que assino. [a] **Iziquiel Rodrigo de Nina e Castro** 10\$000

[Transporte] 144\$680 [folha 25v]

Receita do ano de 1838

Dezembro, 15

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de uma Catacumba para um Anjinho pela quantia de quatro mil e oitocentos reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. 4\$800

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Manoel** Escravo de Dona **Flora Maria** a quantia de quinhentos e quarenta réis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei. \$540

Dezembro, 31

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de entrada e anuais de Irmãos a quantia de tres mil e duzentos reis, e por ter recebido a dita quantia assina comigo Escrivão da Irmandade que o escrevi e assinei.

[a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 3\$200

[Transporte] 632\$951

Aos seis dias do mês de Janeiro de mil oitocentos e trinta e nove annos, em o Consistorio da Igreja Matriz dessa Villa Nova de São Joam da **Cachoeira**, onde se achava o Muito **Reverendo Vigario Capelão**, Juiz e mais officiais da Meza Velha e Nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, recenciarão-se as contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade [folha 26v] **João Alberto Xavier** e conferida a receita a 25V e com a despesa a folha 11V achou-se ficar liquido em beneficio da mesma Irmandade a quantia de seis centos e trinta e oito mil novecentos e cinquenta e um reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo cargo, e para constar fis esse termo em que assignarão o Muito Reverendo Capellão, Juiz e officiais da meza. Eu **Estevão Candido de Carvalho**, escrivão da Irmandade que escrevi e assinei.

O Vigário [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Sinal de **Felippe** + Escravo de Dona **Florianna Maria Pereira**

Sinal de **Rogério** + Escravo de Dona **Ignacia Joaquina**

Sinal de **João** + Escravo de **Lourenço Alves**

Sinal de **João** + Escravo de Dona **Benta Maria**

Sinal de **Gonçalo** + **Monteiro**

Sinal de **João** + **Antônio Mina**

Sinal de **João** + **de Mello**

Sinal de **José** + Escravo de Dona **Ricarda**

Sinal de **João** + **da Silva Lira**

Sinal de **João** + **de Ramos**

[folha 26]

Despesa do ano de 1845

Junho, 2

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em três varas e hua quarta de renda para hua toalha do Altar da Nossa Senhora do Rozario a quantia de quatro mil cento e sessenta reis. 4\$160

Outubro, 22

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em seis missas pela alma do Irmão Vigário **Ignácio Francisco Xavier dos Santos** a quantia de seis mil reis.³⁰⁶ 6\$000

Outubro, 22

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em seis missas pela alma da Irmam **Tereza** a quantia de seis mil reis. 6\$000

Outubro, 22

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** em seis missas pela alma da Irmam **Suprianna** a quantia de seis mil reis. 6\$000

Dezembro, 19

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em tres covados, e duas terças de riscado para cobrir o Altar de Nossa Senhora do Rozario a quantia de mil trezentos e trinta reis. [a] **Iziquiel Rodrigo de Nina e Castro** 1\$330

[Transporte] 23\$490 [folha 27]

Despesa do ano de 1845

Dezembro, 28

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em reparo das Catacumbas da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario cinco mil e seiscentos reis. 5\$600

Dezembro, 31

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** em quinze libras e meia de Sera para a Festa de Nossa Senhora do Rozario, a mil seiscentos e oitenta a libra, vinte e seis mil e quarenta reis. 26\$040

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com os Padres e Sachristoens para a Missa Cantada de Nossa Senhora do Rozario na sua festa a quantia de quinze mil reis. 15\$000

³⁰⁶ “Aos trinta de Junho de mil oito centos quarenta e quatro nesta Parochia de Nossa Senhora da Conceição faleceu da vida presente o Reverendo Vigario da Vara e da Igreja **Ignacio Francisco Xavier dos Santos** de molestia interna, idade de setenta e oito anos, natural da Ilha de Santa Catharina; recebeu todos os Sacramentos, fez Testamento, foi sepultado no Cemiterio desta Villa tendo sido encomendado e acompanhado solenemente por mim do que para constar faço este assento. O Parocho [a] **Antonio Homem de Oliveira**”. [N. do E.]

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a Muzica para a festa de Nossa Senhora a quantia de dez mil reis.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Nina e Castro** 10\$000

[Transporte] 80\$130 [folha 27v]

Receita do anno de 1839

Transporte 638\$951

Janeiro, 10

Pelo que recebeo Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** de entrada da Irmãa **Maria Luiza de Carvalho** a quantia de seis centos e quarenta reis; e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que o escrevy. \$640

Junho, 5

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier**, pelo Aluguel de hua digo de Esmola de hua Catacumba, pela quantia de dezasseis mil reis, e por ter recebido, assigna dita comigo Escrivam da Irmandade que o escrevy e assigney. 16\$000

Novembro, 14

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** de Annuaes, a quantia de quatro mil quatro centos e oitenta reis; e por ter recebido a dita quantia, assigna comigo Escrivam da Irmandade que o escrevy.

[a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 4\$480

[Total] 660\$071

Aos seis dias do mes de Janeiro de mil oito centos e trinta e nove annos, digo de 1840, em o Consistório da Igreja Matris dessa Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira** onde se achava o muito Reverendo Vigário Capellão, Juis e mais Officiaes, da Meza Velha, e Nova, da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, recenciarão-se as Contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Chavier**, e conferindo a Receita a folha 27v e com a Despeza a Folha 19 a [Folha 28v] achou-se ficar liquido em beneficio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario a quantia de cento e quarenta mil trezentos e setenta e hum reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Chavier**, que continua no mesmo Cargo. E para constar fiz este Termo; que assignarao o muito Reverendo Capellao, Juis e Officiaes da Meza. Eu **Estevão Candido de Carvalho**, Escrivão da Irmandade que escrevy e assigney.

O Vigário [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Signal de **Francisco + Simoems**

Signal de **Rugério** + Escravo de D. **Ignácia Joaquina**

Signal de **João** + Escravo de **Lourenço Alvez**

Signal de **Manoel + de Ramos**

Signal de **João** + Escravo de **João Pereira Carpes**

Signal de **Jozé** + **Antônio Mina**

Signal de **Manoel** + Escravo de D. **Clara Maria**

Signal de **Jozé** + Escravo de D. **Ricarda Gomez**

Signal de **João** + Escravo de D. **Benta Maria**

Signal de **Manoel** + **Gomez** [Folha 28]

Despeza da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos pretos do anno de
1846 o seguinte

Janeiro, 15

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a Compra de hum Livro para Termos dos Irmaons novos a quantia de tres mil trezentos e sessenta reis. 3\$360

Janeiro, 15

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a paga do Sello para o mesmo Livro a quantia de doze mil reis. 12\$000

Março, 22

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com duas peggas de Durante para as Opaz da Irmandade a quantia de quarenta mil reis. 40\$000

Março, 31

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o Irmão **Francisco de Sá** por se achar doente e não ter meios de subsistir a quantia de sete mil seiscentos e oitenta reis. 7\$680

Junho, 20

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com Retros, e feitio de vinte e duas Opaz a quatrocentos e oitenta a quantia de onze mil quatrocentos e doze mil seiscentos e sessenta reis.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 11\$660

[Total] 74\$700 [Folha 29]

Transporte das despezas da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, feitas no
anno de 1846 lançadas a folha 28

[Transporte] 74\$700

Junho, 22

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o Irmão **Francisco de Sá** por se achar doente e não ter meios de Subsistir, a quantia de sete mil oito centos e quarenta reis. 7\$840

Julho, 30

Pello que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o Irmão **Francisco de Sá** por se achar doente, e não ter meios de Subsistir, athe a sua morte a quantia de sinco mil oitocentos e quarenta reis. 5\$840

Julho, 30

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com dois covados de Belbute para um traveceiro do Esquifé a quantia de nove centos e sessenta reis. \$960

Novembro, 9

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com hua Meza grande e dois bancos para as Secções da Irmandade a quantia de trinta e seis mil, e duzentos e quarenta reis. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 36\$240

[Soma] 125\$420

[Folha 29v]

Receita do anno de 1840

[Transporte] 140\$371

Agosto, 27

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** de esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis; e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que o escrevy e assigney. 16\$000

Setembro, 4

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** de Annuaes de hua Irmã a quantia de seis centos e quarenta reis; e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que escrevy e assiney. \$640

Outubro, 23

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier**, de esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis; e por ter recebido assigna comigo Escrivam da Irmandade que escrevy e assiney. 16\$000

Outubro, 23

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da entrada de hum Irmão a quantia de seis centos e quarenta reis; e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivam da Irmandade que escrevy e assiney. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** \$640

[Total] 173\$651

[Folha 30]

Transporte das despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario feitas no anno de 1846 lançadas a Folhas 29

[Transporte] 125\$420

Novembro, 9

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com duas fexaduras para as gavetas da Meza feitas pelo ferreiro **Santiago Ibernejara** a quatro mil por cada hua e ambas por oito mil reis. 8\$000

Dezembro, 29

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a Muzica para a festa de Nossa Senhora, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Dezembro, 29

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com doze Libras de Sera para a festa a mil e quinhentos reis a libra, ao todo dezoito mil reis. 18\$000

Dezembro, 29

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** ao Vigário e os mais do Altar a quantia de quinze mil reis. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 15\$000

[Total] 182\$420

[Folha 30v]

Receita do anno de 1840

Transporte 173\$651

Novembro, 20

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** pela entrada de hum Irmão a quantia de seis centos e quarenta reis; e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão interino da Irmandade que o escrevi e assignei. \$640

Dezembro, 7

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier**, pela entrada de hum Irmão a quantia de seis centos e quarenta reis; e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que escrevi e assignei. \$640

Dezembro, 28

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** pelo aluguel de huma catacumba, a quantia de desaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que escrevi e assignei.

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 16\$000

[Total] 190\$931

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e hum annos, em o Consistório da Igreja Matriz desta Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira** onde se achava o muito Reverendo [Folha 31v] Vigário Capellão, Juiz e mais Officiaes da Meza velha e nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos

recenciarão-se as contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier**, e conferindo a receita a Folha 30V com a despeza a Folha 21 achou-se ficar liquido em beneficio da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario a quantia de cento e trinta e oito mil nove centos e trinta e um reis cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier** que continua no mesmo cargo. E para constar fiz este Termo que assignarao o muito Reverendo Capellao, Juiz e Officiães da Meza. Eu **Joaquim Gomes de Carvalho**, Escrivão da Irmandade que o escrevi e assignei.

O Vigario [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Signal de **Francisco + Simões**

Signal de **Rugério + Escravo de Dona Ignácia Joaquina**

Signal de **João + Escravo de Benta Maria** [Folha 31]

Despezas que fez a Irmandade de Nossa Senhora do Rosario no anno de 1847 o seguinte Maio, 8

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com vinte Covados de Ganga escarllate que comprou para o Altar da Nossa Senhora a quatro centos e quarenta o Covado tudo oito mil e oito centos reis. 8\$800

Maio, 8

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a compra de tres, e meia varas de fita em creta para goarnecer a cortina por quinhentos e sessenta reis. \$560

Junho, 4

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a compra de tintas para pintar o retabolo seis mil sete centos e oitenta reis. 6\$780

Junho, 18

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a pintura do Retabolo a quantia de sete mil reis.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 7\$000

Dezembro, 20

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o Reverendo Padre **João de Santa Barbara**³⁰⁷ em doze Missas da Esmola de dez tustoens cada

³⁰⁷ O Reverendo Padre Mestre João de Santa Bárbara morreu aos 82 anos de idade, de pneumonia, em Porto Alegre, em 5 de julho de 1868, descrito como *branco*. Em seu testamento redigido em Porto Alegre, em 27.10.1852, Santa Bárbara se apresenta como natural de Laguna (SC), filho de João Inácio do Canto (da cidade do Rio Grande) e Francisca Rosa Gomes (também

hua sendo seis pela alma do Irmão **Antônio Pereira Mafra**³⁰⁸, e outras seis pela alma da preta **Anna** também Irmã³⁰⁹, e todas na importancia de doze mil reis. 12\$000

Dezembro, 24

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro com a compra da Serra para a Festa de Nossa Senhora do Rozario a quantia de dezanove mil e duzentos reis. 19\$200
Soma 54\$340 [Folha 32]

Transporte das despesas feitas no anno de 1847 a Folhas trinta e hua [Transporte] 54\$340

Dezembro, 26

Pelo que despendeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a despeza da Muzica para a Festa na importancia de treze mil cento e vinte reis. 13\$120

Dezembro, 26

Pelo que despendeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a despeza da Missa Cantada ao Vigario, e mais pessoas do Altar quinze mil reis.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 15\$000

Soma 82\$460 [Folha 32v]

Receita do anno de 1847

Janeiro, 4

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de annuaes, e entrada a quantia de seis mil, sete centos e vinte reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 6\$720

de Laguna), ambos falecidos. Ele apontou como sua herdeira a sobrinha e afilhada Gabriela Joaquina de Bittencourt, filha legítima de Jeremias Antônio de Bitencourt e de sua irmã Joaquina Rosa Gomes. Seus testamenteiros foram: 1º seu sobrinho Feliciano Gonçalves Borges, 2º João Hipólito de Lima, 3º João Batista de Aquino. “Livros, opúsculos impressos e papéis manuscritos” pertenceriam ao sobrinho e afilhado Eugenio Francisco de Bittencourt, irmão da herdeira, doados a ele “há muitos anos, havendo reservado para mim o usufruto”. Deixa ao mesmo as suas alfaías de prata e roga um enterro com simplicidade. O monte-mor de seus bens era de 1:362\$560 réis, incluindo 721 volumes de diversas obras eclesiásticas, 8 outras em mau estado, algumas outras bastante usadas e todos os manuscritos (800\$). CHC-SCMPA – Livro nº 7 de óbitos de pessoas livres, reg. 12437; APERS – Cartório da Provedoria de Porto Alegre, Inventário nº 316, Inventariado: João de Santa Bárbara, inventariante: Feliciano Gonçalves Borges, 1868.

³⁰⁸ Antônio Pereira Mafra ingressou na irmandade em 29.12.1834 e faleceu a 27.10.1846. [N. do E.]

³⁰⁹ Em 1847 tivemos o óbito de duas Anas em Cachoeira: em 26.01.1847 faleceu de “cambras de sangue” a africana Ana, com 50 anos de idade, escravizada pelos herdeiros de Caetano Coelho Leal; em 11 de setembro do mesmo ano morreu de moléstias internas a crioula Ana, liberta (Livro 3 de Óbitos de Cachoeira, folhas 115 e 122). [N. do E.]

Fevereiro, 12

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de hua catacumba a quantia de dezaseis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que escrevi e assignei. 16\$000

Abril, 8

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba de Anjinho, a quantia de oito mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que escrevi e assignei. 8\$000

Julho, 12

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier**, de Esmola de huma catacumba a quantia de desaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que escrevi e assignei. 16\$000

Julho, 24

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier**, de esmola de uma catacumba de um Anjinho a quantia de oito mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivão da Irmandade que escrevi e assignei. [a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 8\$000

[Soma] 54\$720

[Folha 33]

1848 [Despeza]

Novembro, 4

Pelo que despenceo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com duas e meia varas de Algodão trancado para tiras do Esquife a quatro centos e quarenta a vara mil e cem reis. 1\$100

Dezembro, 24

Pelo que despenceo o mesmo Thezoureiro com tres Mochos para a Irmandade a dois mil reis cada hum, seis mil reis. 6\$000

Dezembro, 31

Pelo que despenceo o Irmão Thezoureiro com a Cera para a Festa a quantia de dez oito mil sete centos e vinte reis. 18\$720

Dezembro, 31

Pelo que despenceo o Irmão Thezoureiro com a Missa Cantada a Nossa Senhora do Rozario com a Muzica a quantia de sete mil trezentos e sessenta reis. 7\$360

Dezembro, 31

Pelo que despenceo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a Missa Cantada

com o Vigario e mais pessoas do Altar a quantia de quinze mil reis. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 15\$000
[Soma] 48\$180 [Folha 33v]

Receita do anno de 1841

Agosto, 10

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba na importancia de dezaseis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevy e assigno. 16\$000

Novembro, 6

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba a quantia de dezaseis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevy e assigney. 16\$000

Dezembro, 9

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba, a quantia de dezaseis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que escrevy e assigney. 16\$000

Dezembro, 10

Pelo que recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de hum devoto a quantia de dous mil reis, e por ter recebido a dita quantia assignou comigo Escrivao da Irmandade que escrevy e assigney. [a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 2\$000
[Total] 104\$720

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e dous annos, em o consistorio da Igreja Matriz desta Villa Nova de **São João da Cachoeira** aonde se achava o Muito Reverendo Vigario Capellão, Juiz e mais Officiaes da Meza velha e nova da Irmandade da [Folha 34 – Em branco] [Folha 34v] Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, recenciarao-se as contas ao Thesoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e conferindo a receita a folha 33v folha a despeza a 22 folhas achou-se ficar liquido em beneficio da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario a quantia de secenta e nove mil e dusetos reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thesoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo cargo. E para constar fiz este Termo que assignaram o Muito Reverendo Capellao, Juiz e Officiães da Meza. Eu **Joaquim Gomes de Carvalho**, Escrivao da Irmandade que escrevi e assignei.

O vigario [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Signal de **Manoel + de Ramos**

Signal de **João** + Escravo de Dona **Benta Maria**

Antônio + Escravo de **Bento de Moraes**

Matheus + **Nunes**

[Folha 35 – Em branco]

[Folha 35v]

Receita do anno de 1842

Janeiro, 20

Pelo que recebeu o Irmao Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba para hum Anjinho a quantia de oito mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 8\$000

Abril, 16

Pelo que recebeu o Irmao Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Maiο, 15

Pelo que recebeu o Irmao Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Junho, 17

Pelo que recebeu o Irmao Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Julho, 2

Pelo que recebeu o Irmao Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. [a] **João Alberto Xavier** digo [a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 16\$000

[Total] 72\$000

[Folha 36 – Em branco]

[Folha 36v]

Receita do anno de 1842

Transporte 72\$000

Julho, 5

Pelo que recebeu o Irmao Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba, a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Julho, 16

Pelo que recebeu o Irmao Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Agosto, 20

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Agosto, 23

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba, a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Setembro, 5

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba, a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. [a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 16\$000

[Total] 152\$000

[Folha 37 – Em branco]

[Folha 37v]

Receita do anno de 1842

Transporte de 152\$000

Dezembro, 8

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Dezembro, 22

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de huma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. 16\$000

Dezembro, 30

Pelo que recebeu o Irmão Thesoureiro **João Alberto Xavier** de annuáes a quantia de quatro mil e oito centos reis, e por ter recebido a dita quantia assigna comigo Escrivao da Irmandade que o escrevi e assignei. [a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier** 4\$800

[Total] 188\$800

Aos seis dias do mez de Janeiro mil oito centos e quarenta e trez annos, em o consistório da Igreja Matriz dessa Villa Nova de **São João da Cachoeira**, aonde se achavão o muito **Reverendo Vigario Capellao**, Juiz e mais Officiaes da Meza velha e nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, recenciarão-se as contas ao Thesoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e comferindo a Receita a folha 36v com a despeza a 23 Folhas achou-se ficar liquido em [Folha 38

– Em branco] [Folha 38v] beneficio da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario a quantia de cento e secenta mil reis, cuja quantia fica nas maos do mesmo Thesoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo cargo. E para constar fiz este Termo em que assignarão o muito Reverendo Capellão, Juiz, e Officiaes da Meza. Eu **Joaquim Gomes de Carvalho**, escrivao da Irmandade que escrevi e assignei.

O vigario [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Sinal de **Domingos + de Mello**

Francisco + Escravo de **Ignacio Rodrigues de Carvalho**

Sinal de **Reinato** + Escravo do Reverendo Vigário [Folha 39 – Em branco] [Folha 39v]

Transporte do Liquido que existe do anno de 1840 thé 1842, sendo trezentos secenta e oito mil cento e trinta e hum reis, que fica em poder do mesmo Thesoureiro **João Alberto Xavier**. E para constar fiz este Termo que assignei com o mesmo Thesoureiro.

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho** [a] **João Alberto Xavier**

368\$131 [Folha 40 – Em branco] [Folha 40v]

Receita do anno de 1843

Transporte 368\$131

Janeiro, 7

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** pelo aluguel de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis, e por ter recebido a referida quantia assignou comigo Escrivao abaixo assignado escrivao da Irmandade que o escrevy. 16\$000

Janeiro, 11

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis, e por ter recebido a referida quantia assignou comigo escrivao da Irmandade a escrevy. 16\$000

Fevereiro, 12

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis, e por ter recebido assignou comigo escrivao da Irmandade o escrevy. 16\$000

Fevereiro, 14

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola de hua Catacumba para hum Anjo a quantia de oito mil reis, e por ter recebido assignou comigo Escrivao da Irmandade que o escrevy. 8\$000

Março, 1

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis, e de como recebo comigo abaicho assignou o escrivao da Irmandade que o escrevy. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 16\$000

[Total] 440\$131 [Folha 41 – Em branco] [Folha 41v]

Receita do anno de 1843

Transporte 440\$131

Março, 8

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis, e de como recebo comigo abaicho assignou o escrivao da Irmandade o escrevy. 16\$000

Março, 13

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola de hua Catacumba para hum Anjo a quantia de oito mil reis e de como recebo comigo abaicho assignou o Escrivao da Irmandade que o escrevy. 8\$000

Abril, 23

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela entrada de hua Irman a quantia de dez mil reis, e de como recebo comigo escrivao abaicho assignou. 10\$000

Maiο, 13

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de annuaes de varios Irmaons a quantia de doze mil quatro centos e oitenta reis, e de como recebo comigo abaicho assignou o Escrivao da Irmandade o escrevy. 12\$480

Junho, 30

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de hua esmola particular a quantia de dez mil reis, e de como recebo comigo escrivao abaicho assignou.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 10\$000

[Soma] 496\$611 [Folha 42 – Em branco] [Folha 42v]

Receita do anno de 1843

Transporte 496\$611

Julho, 10

Pelo que recebo o Thezoureiro **João Alberto Chavier** pela esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis e de como recebo comigo escrivao abaicho assignou. 16\$000

Outubro, 14

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela esmola de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis, e como recebeo comigo abaicho assignou escrivao da Irmandade. 16\$000

Outubro, 31

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Chavier** pela esmola de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis e como recebeo comigo escrivao abaicho assignou. 16\$000

Dezembro, 8

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** estando reunida a Meza de anuais, Joias e entrada de varios Irmaons a quantia de sincoenta e oito mil e oito centos reis, e de como recebeo comigo escrivao abaicho o assignou. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 58\$800
[Total] 603\$411

Ao primeiro dia do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e quatro annos em o Consistorio da Igreja Matriz desta Villa de **São Joao da Cachoeira**, onde se achava o muito **Reverendo Vigario Capellao**, Juiz e mais Irmaons da Meza nova e velha da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos; e recenciarão-se as contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e comferindo a Receita Supra de Folhas quarenta e duas verso com a Despeza a Folhas [Folha 43 – Em branco] [Folha 43v] Folhas 24 achou se ficar liquido em beneficio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario a quantia de quatro centos e noventa e sete mil oito centos e onze reis, cuja quantia fica na mao do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo cargo e para constar fiz este Termo em que assignarao o Muito Reverendo Parocho Capellao, Juiz e mais officiaes da Meza eu **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**, Escrivao da Irmandade que escrevy e assigney. 497\$811

O vigario [a] **Ignácio Francisco Xavier dos Santos**

O Juis [a] **Celestino Pedro**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Jacob Carlos Sequér**

À rogo de **João de Oliveira**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

À rogo de **Manoel da Roza**

[a] **Jacob Carlos Sequér**

À rogo de **Francisco da Silva**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

[Folha 44 – Em branco] [Folha 44v]

Receita do anno de 1844

Transporte 497\$811

Fevereiro, 7

Pelo que recebeo o Irmao Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela esmola de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis e de como recebeo comigo Escrivao assignou. 16\$000

Março, 18

Pelo que recebeo o Irmao Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela Esmola de hua Catacumba para um innocente a quantia de oito mil reis, e de como recebeo comigo Escrivao assignou. 8\$000

Abril, 14

Pelo que recebeo o Irmao Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela esmola de hua Catacumba para um innocente a quantia de oito mil reis, e de como recebeo comigo Escrivao assignou. 8\$000

Junho, 29

Pelo que recebeo o Irmao Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela esmola de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis e de como recebeo comigo Escrivao assignou. 16\$000

Agosto, 25

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela Esmola de hua Catacumba para hum innocente a quantia de oito mil reis e de como recebeo comigo Escrivao assignou. 8\$000

Dezembro, 28

Pelo que recebeo o Irmao Thezoureiro **João Alberto Xavier** pela entrada de Irmaons, e Anuais que pagarao a quantia de vinte e seis mil e oitenta reis e de como recebeo comigo Escrivao assignou. 26\$080

Dezembro, 31

Pelo que recebeo o Irmao Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Joias dos Irmaons que pagaram a quantia de trinta mil e quatro centos reis e de como recebeo comigo Escrivao assignou. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 30\$400

[Total] 610\$291

[Folha 45 – Em branco]

[Folha 45v]

Ao primeiro dia do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e cinco annos no Consistorio da Igreja Matriz desta Villa da **Cachoeira**, onde se achava o Reverendo Vigario Capelao, Juiz e mais Irmaons da Meza nova, e velha da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos; Recenciarão as Contas do Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier** e comferindo a receita retro de Folhas quarenta e quatro verça, com a despeza de folhas vinte e cinco achou se ficar liquido em beneficio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario a quantia de quatro centos sessenta e cinco mil seis centos e onze reis, cuja quantia fica na mao do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier** que continua no mesmo Cargo. E para constar faço este Termo em que assignou Paracho Capellao, Juiz e mais Officiaes da meza eu **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**, escrivao da Irmandade que escrevi e assignei.
[Total] 465\$611

O Parocho [a] **Antonio Homem de Oliveira**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

À rogos de **Casemiro Penixo**, de **Rogério** [escravizado] de Dona **Ignacia**, de **Antonio** [escravizado] de Dona **Felicia**, de **João Gomes**, de **Rogério Pinto Bandeira**, de **Manoel** [escravizado] de Dona **Margarida**, **Manoel Flaubiano**

[a] **Joaquim Anastacio**

[Folha 46 – Em branco]

[Folha 46v]

Receita do anno de 1845

Transporte 465\$611

Janeiro, 31

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de annuaes, e Joias de varios Irmaons a quantia de vinte e tres mil e quarenta reis, e de como recebeo comigo Escrivao abaicho assignou. 23\$040

Janeiro, 31

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola da Caxinha o escravo de **Manoel Gonçalves** de nome **Joze** a quantia de quatorze mil reis e de como recebeo comigo assignou. 14\$000

Fevereiro, 20

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Fevereiro, 28

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da Caxinha tirada pelo Irmão **Manoel Antônio** Escravo de Dona **Margarida** a quantia de dezaseis mil trezentos e vinte, e de como recebeo comigo assignou. 16\$320

Março, 31

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da Caxinha tirada pelo Irmão **João** Escravo de **Benta Maria de Oliveira** a quantia de treze mil cento e sessenta e de como recebeo comigo assignou.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 13\$160

[Total] 548\$131 [Folha 47 – Em branco] [Folha 47]

[Receita do anno de 1845]

Transporte da folha 47v 548\$131

Abril, 5

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola de hua Catacumba para hum anginho a quantia de oito mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 8\$000

Abril, 24

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola de hua Catacumba a quantia de oito digo a quantia de dezasseis mil reis e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Abril, 30

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Pedro** Escravo de **David Joze de Barcellos** a quantia de dezasseis mil e quatro centos reis e de como recebeo comigo assignou. 16\$400

Maio, 8

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Maio, 26

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola da Caxinha tirada pelo Irmão **Antônio** Escravo de Dona **Olívia** a quantia de onze mil e seis centos reis, e de como recebeo comigo assignou. 11\$600

Junho, 30

Pelo que recebeo o Thezoureiro de Esmola da Cachinha tirada pelo Irmão **Reinato** Liberto a quantia de cinco mil e quarenta reis e de como recebeo comigo assignou.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 5\$040

[Total] 621\$171 [Folha 48 – Em branco] [Folha 48v]

[Receita do anno de 1845]

Transporte da folha 48v 621\$171

Julho, 31

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caxinha a quantia de sete mil setecentos e vinte reis e de como recebeo comigo assignou. 7\$720

Agosto, 20

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro de Esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Agosto, 31

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola da Caxinha a quantia de nove mil e trezentos reis, e de como recebeo comigo assignou. 9\$300

Setembro, 18

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola de hua Catacumba a quantia de dezaseis mil reis e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Setembro, 30

Pelo que rendeo a Caxinha que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** a quantia de dez mil quatro centos e sessenta reis e de como recebeo comigo assignou. 10\$460

Setembro, 30

Pelo que recebeo o Thezoureiro da Esmola da Caxinha de fora tirada pelo Irmão **Rogério** a quantia de quatorze mil e sete centos reis e de como recebeo comigo assignou.

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 14\$700

[Total] 695\$351 [Folha 49 – Em branco] [Folha 49v]

[Receita do anno de 1845]

Transporte da folha 49v 695\$351

Outubro, 28

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmolas da Caxinha de fora tirada pelo Irmão **Manuel de Campos** a quantia de nove mil duzentos e oitenta reis e de como recebeo comigo assignou. 9\$280

Outubro, 31

Pelo que recebeo o Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmolas da Caxinha tirada pelo Irmão **Joaquim Ignácio** a quantia de dez mil e nove centos reis e de como recebeo comigo assignou. 10\$900

Novembro, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caxinha tirada pelo Irmão **Joze Ignácio Xavier** a quantia de tres mil e trezentos reis e de como recebeo comigo assignou. 3\$300

Dezembro, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** pelo aluguel de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Dezembro, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da Caxinha tirada pelo Irmão **Antônio Pereira Mafra** a quantia de quatro mil duzentos e oitenta reis e de como recebeo comigo assignou. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 4\$280

[Soma] 639\$111 [Folha 50 – Em branco] [Folha 50v]

[Receita do anno de 1845]

Transporte da folha 50v 739\$111

Dezembro, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Anuaes a quantia de onze mil oito centos e quarenta reis, e de como recebeo comigo assignou. 11\$840

Dezembro, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Joias, e esmolas para a festa de Nossa Senhora do Rozario a quantia de sessenta e dois mil e duzentos reis, e de como recebeo comigo assignou. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 82\$200

[Total] 813\$151

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e seis em o Consistorio da Igreja Matriz desta Villa de **São João da Caxoeira**, onde se achava o Reverendo Vigario Capellão, Juiz e mais officiaes da Messa velha e nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos; recencenseouce as Contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Chavier** e comferida a receita a folhas sicoenta verça, com a despeza a folhas vinte e sete achou-se ficar líquido em beneficio da mesma Irmandade a quantia de sete centos trinta e tres mil e vinte e hum reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo Cargo e para constar faço esta [Folha 51] [Em branco] [Folha 51v] Este Termo eu **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**, Escrivão da Irmandade que o escrevi e assignei conjuntamente com os membros da Meza.

733\$021

O Pároco [a] **Antônio Homem de Oliveira**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

À rogo dos abaixo assignados

Reinato dos Santos

Rogério de Carvalho

João [escravizado] de **Benta Maria**

Manoel [escravizado] de Dona **Margarida**

Rogério [escravizado] de Dona **Ignácia**

Antônio [escravizado] de Dona **Felicia**

Pedro [escravizado] de **David Barçelos**

Silvestre [escravizado] de Dona **Anna**

Josefa [escravizado] de **Gonsalves**

Manoel de Campos

Vicente [escravizado] de Dona **Inocência**

Francisco [escravizado] de **Ignácio Rodrigues de Carvalho**

Francisco [escravizado] de Dona **Anna Joaquina**

Mateos Nunes

Domingos de Mello

[a] **Carlos da Costa Loureiro** [Folha 52] [Em branco] [Folha 52v]

Receita

1846

Transporte de folha 52V 733\$021

Janeiro, 30

Pello que Recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** das Esmolas da Caixinha tirada pelo Irmão **Manoel de Campos** a quantia de cinco mil e quinhentos reis e de como recebeo comigo assignou. 5\$500

Janeiro, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de annual da Irmã **Ignacia**, e de a quantia de trezentos e vinte reis, e de como recebeo comigo assignou. \$320

Fevereiro, 24

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Aluguel de hua Catacumba para um Anginho a quantia de oito mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 8\$000

Fevereiro, 26

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Aluguel de hua Catacumba para um Anginho a quantia de oito mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 8\$000

Março, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da Caixinha a quantia de quatro mil nove centos e sessenta reis, tirada pelo Irmão **Miguel** escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, e de como recebeo comigo assignou. 4\$960

Abril, 27

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de annuaes da Irmam **Thereza** escrava de **Antônio Xavier da Silva** a quantia de dois mil quinhentos e sessenta reis, e de como recebeo comigo assignou. [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** [a] **João Alberto Xavier** 2\$560

[Total] 762\$361 [Folha 53] [Em branco] [Folha 53v]

[Receita 1846]

Transporte de folha 53V 762\$361

Abril, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto** de Esmola da Cachinha a quantia de cinco mil seis centos e sessenta reis, tiradas pelo Irmão **Vicente** Escravo de Dona **Innocência Coelho Leal**, e de como recebeo comigo assignou. 5\$660

Maiο, 8

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** pelo aluguel de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Maiο, 28

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** pelo Aluguel de hua Aatacumba a quantia de dezasseis mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 16\$000

Maiο, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** das Esmolas da Cachinha a quantia de cinco mil e vinte reis tirados pelo Irmão **Pedro** Escravo de **David José Barcellos**, e de como recebeo comigo assignou. 5\$020

Junho, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** das Esmolas da Caixinha a quantia de onze mil e duzentos reis, e de como recebeo comigo assignou. 11\$200

Julho, 13

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** pelo Aluguel do Esquife a quantia de dois mil reis, e de como recebo comigo assignou.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 2\$000

[Total] 818\$241 [Folha 54] [Em branco] [Folha 54v]

[Receita] 1846

Transporte de folha 53v 818\$241

Julho, 31

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de rendimento da Caixinha a quantia de seis mil quatro centos e oitenta reis e de como recebo comigo assignou. 6\$480

Agosto, 3

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** pelo Aluguel de hua Catacumba para Anginho a quantia de oito mil reis, e de como recebo comigo assignou. 8\$000

Agosto, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro de Rendimento da Caixinha a quantia de onze mil e duzentos reis, e de como recebo comigo assignou. 11\$200

Setembro, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha tres mil e quarenta reis, e de como o recebo comigo assignou.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 3\$040

[Total] 846\$961 [Folha 55] [Em branco] [Folha 55v]

[Receita] 1846

Transporte de folha 54V 846\$961

Outubro, 31

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** dos rendimentos da Caixinha a quantia de quatro mil quatro centos e oitenta reis, e de como recebo comigo assignou. 4\$480

Dezembro, 28

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha a quantia de seis mil e quinhentos reis, e de como recebo comigo assignou. 6\$500

Dezembro, 29

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da entrada de Irmaons, Joias e annuais a quantia de sincoenta e seis mil e oitenta reis, e de como recebo

comigo assignou. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**
56\$080
[Total] 914\$021

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e sete em o Comsistório da Matriz desta Villa de **São João da Cachoeira**, onde se achava o Reverendo Vigario, Juiz e mais Officiaes da Meza velha e nova da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, recenseouce as contas do [Folha 56 – Em branco] [Folha 56v] Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Xavier**, e comferida a receita a folhas sincoenta e cinco verço, na importância de nove centos quatorze mil e vinte e hum reis e abatida as despezas de folhas trinta na importância de cento e oitenta e dois mil quatro centos e vinte reis achou se ficar líquido em beneficio da mesma Irmandade a quantia de sete centos trinta e hum mil reis seis centos e hum reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo cargo. E para constar faço este Termo em que assignarão, eu **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** Escrivão que o escrevi e assignei.

914\$021 [total da receita]

182\$420 [total da despesa]

731\$601 [saldo]

[a] **Antônio Homem de Oliveira**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**

[a] **Leonel Eliziário d'Oliveira Bandeira**

João Alberto Xavier
Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro
Leonel Eliziário d'Oliveira Bandeira
1847

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

[a] **Iziquiel da Cunha**

À rogo de **José** [escravizado] de Dona **Carolina**

Rogério [escravizado] de Dona **Ignácia**

Reinaldo dos Santos

Pedro [escravizado] de **David José Barcelos**

[a] **Carlos da Costa Loureiro** [Folha 57] [Em branco] [Folha 57v]

[Receita] 1847

Transporte da conte de folha 56V 731\$601

Fevereiro, 28

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha a quantia de doze mil quatro centos e oitenta reis, e de como recebeo comigo assignou. 12\$480

Março, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caxinha a quantia de cinco mil e quarenta reis, e de como recebeo comigo assignou. 5\$040

Maio, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha a quantia de quatro mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 4\$000

Junho, 20

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de aluguel do Esquife quatro mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 4\$000

Junho, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha a quantia de seis mil sete centos e quarenta reis, e de como recebeo comigo assignou. 6\$740

Julho, 6

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de aluguel de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis, e de como recebeo comigo assignou.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 16\$000

Soma 779\$861 [Folha 58] [Em branco] [Folha 58v]

[Receita do ano de] 1847

Transporte de folha 57V 779\$861

Julho, 21

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de aluguel de hua Catacumba para Anginho oito mil reis, e de como recebeo comigo assignou. 8\$000

Agosto, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha a quantia de cinco mil cento e vinte reis, e de como recebeo comigo assignou. 5\$120

Setembro, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha quatro mil trezentos e oitenta reis, e de como recebeo comigo assignou. 4\$380

Outubro, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola da Caixinha a quantia de onze mil trezentos e oitenta reis, e de como recebeo comigo assignou.
[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 11\$380

Novembro, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha a quantia de nove mil trezentos e oitenta reis, e de como recebeo comigo assignou.
9\$380

Dezembro, 21

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** para ajuda da festa, vinte oito mil e cem reis, e de como recebeo comigo assignou. 28\$100

Dezembro, 21

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Joias, e Anuais a quantia de vinte e nove mil e oitenta reis, e de como recebeo comigo assignou.
[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 29\$080
Soma 875\$301 [Folha 59] [Em branco] [Folha 59v]

[Receita do ano de] 1847

Transporte de folha 58V 875\$301

Dezembro, 31

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha, onze mil cento e quarenta reis, e de como recebeo comigo assignou.
[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 11\$140
[Soma] 886\$441

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e oito em o Comsistório da Igreja Matriz desta Villa onde se achava o Reverendo Vigario **Antônio Homem de Oliveira**, Juiz, e mais Officiaes da Meza nova, e velha da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, recensioue as Contas da mesma Irmandade apresentadas pelo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, e comferida a receita de folhas sincoenta e sete verça athe folha sicoenta e nove verça supra na importância de oito centos oitenta e seis mil quatro centos e quarenta e hum reis, que abati da despeza de folhas trinta e hua e trinta e duas na importância de oitenta e dois mil quatro centos e sessenta reis e achou-se ficar líquido em beneficio da Irmandade a quantia de oito centos e tres mil e nove centos e oitenta e hum reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, que continua no mesmo cargo. E para constar faço este Termo; e eu **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**, Escrivão o escrevi.
886\$441 [total da receita]
82\$460 [total da despesa]

803\$981 [saldo]

[a] **Antônio Homem d'Oliveira**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

À rogos de **Casemiro Penixo**, de **Miguel** [escravizado] de **Manoel Maxado** [Folha 60], **Rogério** [escravizado] de Dona **Ignacia**, de **Rogério Pinto Bandeira**, de **João Congo**, de **Vicente** [escravizado] de Dona **Inocencia**, de **Joze** [escravizado] de Dona **Carolina**

[a] **Joaquim Anastasio de Souza**

[a] **Carlos da Costa Loureiro** [Folha 60v]

[Receita do ano de] 1848

Transporte de folha 59 verço 803\$981

Janeiro, 16

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Dona **Prodencianna Maria do Carmo** pela esmola deixada por sua Irman **Francisca Rodrigues da Silva** a favor de Nossa Senhora a quantia de trinta e nove mil, e seis centos reis, e de como recebeo comigo assignou. 39\$600

Janeiro, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **João Matheos Prestes** a quantia de doze mil trezentos e sessenta reis, e de como recebeo commigo assignou. 12\$360

Fevereiro, 10

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de aluguel de hua Catacumba dezasseis mil reis, e de como recebeo commigo assignou. 16\$000

Fevereiro, 28

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Manoel** Liberto a quantia de doze mil e oitenta, e de como recebeo commigo assignou. 12\$080

Março, 30

Pelo que recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Esmola da Cachinha tirada pelo Irmão **Antônio dos Santos Falcão** a quantia de dez mil trezentos e sessenta, e de como recebeu commigo assignou. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 10\$360

[Soma] 894\$381 [Folha 61] [Em branco] [Folha 61v]

[Receita do ano de] 1848

Transporte de folha 60V 894\$381

Abril, 6

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Aluguel de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis, e de como recebo comigo assignou. 16\$000

Abril, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da Caixinha [tirada] pelo Irmão **Joze Antônio Melchiades** a quantia de quinze mil e quarenta reis, e de como recebo commigo assignou. 15\$040

Maio 31

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Vicente** [escravizado] de Dona **Inocência [Coelho Leal]** a quantia de sete mil e quinhentos reis e de como recebo commigo assignou. 7\$500

Junho, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Miguel** a quantia de oito mil oito centos e quarenta reis, e de como recebo commigo assignou.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 8\$840

[Soma] 941\$761 [Folha 62] [Em branco] [Folha 62v]

[Receita do ano de] 1848

Transporte de folha 61V 941\$761

Julho, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caxinha tirada pelo Irmão **Manoel de Campos** a quantia de oito mil e oito centos reis, e de como recebo commigo assignou. 8\$800

Agosto, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caxinha tirada pelo Irmão **Francisco** a quantia de sete mil oito centos e vinte reis, e de como recebo comigo assignou. 7\$820

Setembro, 19

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Aluguel de hua Catacumba a quantia de dezasseis mil reis, e de como recebo commigo assignou. 16\$000

Setembro, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Cassimiro Penhixe** a quantia de nove mil nove centos e sessenta reis, e de como recebo commigo assignou. 9\$960

Outubro, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Salustiano dos Santos Chavier** a quantia de nove mil sete centos e sessenta reis, e de como recebo commigo assignou.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 9\$760

[Total] 994\$101 [Folha 63] [Em branco] [Folha 63v]

[Receita do ano de] 1848

Transporte de folha 62V 994\$101

Novembro, 4

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** de Aluguel do Esquife a quantia de tres mil e duzentos reis, e de como recebo comigo assignou. 3\$200

Novembro, 30

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **João** a quantia de sete mil e vinte reis. 7\$020

Dezembro, 31

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier** da Esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Ignácio** Liberto a quantia de nove mil seis centos e vinte reis, e de como recebo assinou. 9\$620

Dezembro, 31

Pelo que recebo o Irmão Thezoureiro de Joias e annuais a quantia de quarenta e nove mil duzentos e oitenta reis, e de como recebo commigo assignou.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro** 49\$280

[Total] 1:063\$221

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil oito centos e quarenta e nove em o Consistorio desta Igreja Matriz desta Villa da **Cachoeira** onde se achava o **Reverendo Vigário Antônio Homem de Oliveira**, Juiz [Folha 64 – Em branco] [Folha 64v], e mais officiaes da Meza nova e velha da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos, Recensiouce as contas da mesma Irmandade apresentadas pelo Thezoureiro **João Alberto Xavier**, e comferida a receita a folhas sessenta verça athe sessenta e tres verça retro na importância de hum conto sessenta e tres mil duzentos, e vinte e hum reis, que abatida a despeza de folhas trinta e ter s do ano mil oitocentos e quarenta e oito na importância de quarenta e oito mil cento e oitenta reis achase

ficar liquido a favor da Irmandade a quantia de hum conto quinze mil, e quarenta e hum reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier** que continua no mesmo Cargo. E para constar faço este Termo em que assignarão eu **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**, o escrevy e assigney.

1:063\$221 [total da receita]

48\$180 [total da despesa]

1:015\$041 [saldo]

O Pároco [a] **Antônio Homem d'Oliveira**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**

Pelo Juiz **Cacimiro Peniz e Miguel Teixeira de Carvalho**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

[a] **Joaquim Anastacio**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

À rogos de **João Matheus e Manoel** [escravizado] de Dona **Flaubiana** [Folha 65]

[a] **Manoel de Campos**

[a] **Joaquim Anastacio**

À rogo de **Luis** [escravizado] de **David Barcelos**

de **Francisco** [escravizado] de **Maria de Campos**

de **Domingos** [escravizado] de **Anna Pereira**

de **Francisco** [escravizado] de **Joaquim Correa**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

Visto em Correição. **Caxoeira** em 20 de novembro de 1849. [a] **Vieira** [Folha 65v]

Receita

Transporte de folha 65v 1:015\$041

1849

Janeiro, 15

Recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** do aluguel de úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Janeiro, 30

Recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier** de esmola da Caixinha, tirada pelo Irmão **Casemiro Peniche** neste mês, a quantia de quatro mil nove centos e quarenta. 4\$940

[Total do mês de janeiro] 20\$940

Fevereiro, 14

Idem. Idem de aluguel de úma catacumba para Anginho, a quantia de oito mil reis. 8\$000

Fevereiro, 27

Idem. Idem de esmola da Caixinha tirada pelo Irmão **Narcizo Peixoto de Oliveira** neste mes, a quantia de sete mil e oitenta reis. 7\$080

Março, 31

Idem. Idem de esmola da Caixinha, tirada pelo Irmão **Miguel Machado de Souza** neste mês, a quantia de sete mil nove centos vinte reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 7\$920

[Total dos meses de Fevereiro e Março] 23\$000

[Soma] 1:058\$981 [Folha 66]

1849. Despeza.

Fevereiro, 10

Despendeo ao actual Thezoureiro **João Alberto Chavier** a quantia de seis mil reis, proveniente de úma portalada para o novo Concistório da Irmandade. O Escrivão interino [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 6\$000

Fevereiro, 10

Idem. Idem a quantia de vinte oito mil reis, proveniente de mil Tijolos, e frete do mesmo para a factura do mesmo Concistorio. 28\$000

Fevereiro, 10

Idem. Idem a quantia de oito mil reis, provenientes de quatro Taboas para a porta do mesmo Concistorio. 8\$000

Fevereiro, 10

Idem. Idem a quantia de mil e seis centos reis, provenientes de uma Carrada de Arêa para a factura do Concistorio. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 1\$600
[Soma] 43\$600 [Folha 66v]

1849. Receita.

Transporte 1:058\$981

Abril, 13

Recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier**, do aluguel de úma Catacumba a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Abril, 17

Idem. Idem do aluguel de úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Abril, 30

Idem. Idem de esmola da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Luis** [escravizado] de **David Jozé de Barcellos**, a quantia de nove mil seis centos e oitenta reis. 9\$680

Maio, 30

Idem. Idem de esmola da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Gaspar Francisco Gonçalves**, a quantia de seis mil e sete centos reis. 6\$700

Junho, 30

Idem. Idem de esmola da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Estevão Candido de Carvalho**, a quantia de seis mil nove centos e oitenta reis.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 6\$980

[Total da folha 66v] 55\$360

[Soma] 1:114\$341 [Folha 67]

1849. Despeza.

Transporte 43\$600

Fevereiro, 10

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier**, a quantia de mil e seis centos reis, provenientes de uma Carrada de Arêa para a tapage das Catacumbas. 1\$600

Fevereiro, 10

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier**, a quantia de cinco mil duzentos digo mil oito centos vinte reis, provenientes de uma feichadura de broca, dobradiças e mais ferragens para a porta do Concistorio da Irmandade. 5\$820

Fevereiro, 10

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier** a quantia de vinte mil reis, provenientes do serviço de Carpinteiro para a factura do Concistorio. 20\$000

Fevereiro, 10

Despende o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier** a quantia de nove mil duzentos e oitenta reis, provenientes de sete alqueires, e uma quarta de Cal para a obra do Concistorio, sendo a mil duzentos e oitenta reis o alqueire.

[a] **Estevão Candido de Carvalho** 9\$280

[Total da folha 67] 36\$700

[Total] 80\$300 [Folha 67v]

1849. Receita

Transporte 1:114\$341

Julho, 30

Recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier**, de esmola da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Francisco**, [escravizado] de **Maria de Campos**, a quantia de dez mil cento e vinte reis. 10\$120

Agosto, 30

Idem. Idem, de esmolla da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Domingos** Escravo de **Anna Pereira da Silva** a quantia de sete mil e oito centos reis. 7\$800

Setembro, 30

Idem. Idem de esmolla da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Ignácio do Nascimento Bandeira**, a quantia de sete mil oito centos e vinte reis. 7\$820

Outubro, 26

Idem. Idem pelo aluguel de uma Catacumba a quantia de dezaseis mil reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 16\$000

[Total da folha 67v] 41\$740

[Total] 1:156\$081 [Folha 68]

1849. Despeza.

Transporte 80\$300

Fevereiro, 16

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier** a quantia de dezaseis mil reis, provenientes do jornal de pedreiro para a factura do Concistorio. 16\$000

Fevereiro, 16

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier**, a quantia de seis mil e quatro centos reis, provenientes de quatro libras de alvaiade, uma quarta de flor de annil, cinco libras de Oleo, duas de roixo terra, e meia de Secante, para pintar o Concistorio. 6\$400

Fevereiro, 16

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier** a quantia de dous mil trezentos e vinte reis; provenientes do jornal do pintor, para pintar o mesmo Concistorio. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 2\$320

[Total da folha 68] 24\$020

[Soma] 105\$020 [Folha 68v]

1849. Receita.

Transporte 1:156\$081

Outubro, 31

Recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier**, de esmolla da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Francisco** Escravo de **Joaquim Correia de Oliveira** a quantia de seis mil nove centos e vinte reis. 6\$920

Novembro, 14

Idem. Idem, do aluguel de uma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Novembro, 30

Idem. Idem de esmolla da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Custodio**, Escravo de Dona **Ricarda Gomes dos Santos**, a quantia de sete mil e quatro centos reis. 7\$400

Dezembro, 27

Idem. Idem, de Joias, e annuaes dos Irmãos; a quantia de trinta e oito mil, sete centos e quarenta reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 38\$740

[Total das receitas da folha 68v] 69\$060

[Soma] 1:225\$148 [Folha 69]

1849. Despeza.

Transporte 105\$020

Abril, 16

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier**, a quantia de quatro mil, reis provenientes do jornal ao pedreiro, para tirar os ossos de oito Catacumbas, e consumi-los. 4\$000

Maio, 13

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier**, a quantia de sete mil seis centos e oitenta reis, provenientes de seis missas, que mandou celebrar pela alma da Irmãa fallecida Dona **Maria Angélica de Oliveira Carpis**. 7\$680

Dezembro, 20

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier** a quantia de dous mil oitocentos e oitenta reis provenientes de tres varas de renda para a toalha do altar. 2\$880

Dezembro, 25

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier**, a quantia de vinte oito mil e oitenta reis, provenientes de dezanove e meia libra de Cera, para a festa de Nossa Senhora do Rozario, a preço de mil quatro centos e quarenta a libra. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 28\$080

[Total das despesas da folha 69] 42\$640

[Soma] 147\$660 [Folha 69v]

1849. Receita.

Dezembro, 31

Recebeo o Irmão Thezoureiro **João Alberto Chavier**, de esmolla da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Vicente** Escravo de Dona **Inocência Coelho Leal** a quantia de oito mil e cem reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 8\$100

[Soma] 1: 233\$241 [Folha 70]

1849. Despeza.

Transporte 147\$660

Dezembro, 28

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier** a quantia de oito mil e duzentos reis, provenientes da muzica para a festa de Nossa Senhora do Rozario. 8\$200

Dezembro, 28

Despendeo o actual Thezoureiro **João Alberto Chavier**, a quantia de quinze mil reis, provenientes da missa cantada para a festa de Nossa Senhora do Rozario. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 15\$000

[Total de despesas da folha 70] 23\$200 [Soma] 170\$860

[Fechamento constante nas folhas 69v e 70]

Aos Sete dias do mes de Janeiro de mil oito centos e cincoenta anos, em o concistorio da Irmandade na Igreja Matris, desta Villa Nova de **Sam João da Cachoeira**, aonde se achavam presentes o Muito Reverendo Vigário Capellão, Juis, e mais Officiaes da Meza Velha, e Vova, da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos pretos, recenciarão se as contas ao Thezoureiro da mesma Irmandade **João Alberto Chavier**, e comferindo a receita de Folha 69v com a Despeza de Folha 70 achou se ficar liquido em beneficio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario a quantia de um conto secenta e dous mil trezentos e oitenta e úm reis, cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Chavier**, que continua no referido cargo; E para constar fis este Termo em que assignarão o Muito Reverendo Capellão, Juis e Officiaes da Meza. Eu **Estevão Candido de Carvalho**, Escrivão interino que o escrevy no impedimento do actual.

Saldo existente no cofre da Irmandade 1:062\$381

O Vigario [a] **Antônio Homem Oliveira**

Pelo Juiz [a] **Francisco** [escravizado] de **Maria de Chaves**

[a] **Iziquiel Rodrigo de Niza e Castro**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Antonio dos Santos Falcão**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

À rogo de **João Gomes**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[Por seu] Escravo Miguel

[a] **Gonçalo Teixeira de Carvalho**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

À rogo de **Rogério Pinto Bandeira**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

À rogo de **Domingo**, Escravo de **Anna Pereira da Silva**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

À rogo de **Pedro**, Escravo de **David Jozé de Barcellos**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

[a] **Estevão Candido de Carvalho** [Folha 71] [Em branco] [Folha 71v]

Receita do anno de 1850.

Transporte da folha 70 1:062\$381

Janeiro, 16

Recebeu o Irmão Thezoureiro **João Alberto Xavier**, por aluguer de uma Catacumba a quantia de Dezaceis mil reis. 16\$000

Janeiro, 31

Recebeu mais o mesmo Thezoureiro a importancia das esmola da Caixinha tiradas pelo Irmão **Manoel Carvalho** durante o mez de Janeiro, a quantia de cinco mil nove centos e quarenta reis. 5\$940

Fevereiro, 28

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmolas da Caixinha tiradas pelo Irmão **Manoel Thomaz**, durante o mez de fevereiro, a quantia de seis mil trezentos e oitenta reis. 6\$380

Março, 31

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmolas da Caixinha tiradas pelo Irmão **Miguel**, Escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, durante o mez de Março a quantia de sette mil e oito centos reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão Interino 7\$800

[Total das receitas da folha 71v] 36\$120

[Soma] 1:098\$501 [Folha 72]

Despeza do anno de 1850

Março, 23

Despendeu o Actual Thezoureiro **João Alberto Xavier** a importancia dada ao Pintor de compor e encarnar a Imagem de Nossa Senhora do Rozario, a quantia de vinte mil reis.

[a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão Interino 20\$000

[Folha 72v]

Receita do anno de 1850

Transporte de folhas 71v 1:098\$501

Abril, 30

Recebeu o actual Thezoureiro a importancia das esmollos da Caixinha tiradas pelo

Irmão **Reinato dos Santos Xavier**³¹⁰, durante o mez de abril a quantia de seis mil sete centos e vinte reis. 6\$720

Maio, 31

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmollas da Caixinha tiradas pelo Irmão **Antônio Monteiro** durante o mez de maio a quantia de quatro mil e trezentos. 4\$300

Junho, 30

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmolos da Caixinha tiradas pelo Irmão **Jozé Gonçalves**, durante o mez de Junho, a quantia de sete mil e seis centos. 7\$600

Julho, 30

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmollas da Caixinha tiradas pelo Irmão **Rogério de Almada** durante o mez de julho, a quantia de quatro mil quatro centos e oitenta reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão interino 4\$480

[Total das receitas da folha 72v] 23\$100

[Soma] 1:121\$601 [Folha 73]

Despeza do anno de 1850

Transporte de folha 71 20\$000

Maio, 26

Despendeu do Actual Thezoureiro **João Alberto Xavier** com o suprimento feito a Irmam falecida **Eufemia** em sua enfermidade a quantia de nove mil quinhentos e vinte reis; sendo dois mil reis suprido a Irmam falecida, um alqueire de Cal para a sepultura por oito centos reis, ao Pedreiro e Servente de feixar a Catacumba dois mil sete centos e vinte reis, e ao Vigário pela emcomendação da falecida quatro mil reis.

[a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão interino 9\$520

[Soma] 29\$520 [Folha 73v]

³¹⁰ **Reinato** era ex-escravizado do Reverendo Vigário **Ignacio Francisco Xavier dos Santos** e ingressou na irmandade em 27.12.1818, ocupando o cargo de Rei em 1836 e 1852, falecendo em 22.05.1856. Em 22.05.1856 foi anotado o óbito do preto forro **Reinato dos Santos**, sem constar a razão da morte, sendo os sacramentos ministrados pelo padre Marcelino Lopes Falcão (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 166v). [N. do E]

Receita do anno de 1850

Transporte de Folha 72v 1:121\$601

Agosto, 31

Recebeu o Actual Thezoureiro Irmão **João Alberto Xavier** a importancia das esmollas da Caixinha tirada pelo Irmão **Pedro** (Escravo de **David Barcellos**) a quantia de quatro mil e quatrocentos reis. 4\$400

Setembro, 30

Recebeu o mesmo Irmão Thezoureiro, a importancia das esmolas de Caixinha tiradas pelo Irmão **Rogério Pinto Bandeira** durante o mez de Setembro, a quantia de mil duzentos e vinte reis. 1\$220

Outubro, 31

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmolas da Caixinha tiradas pelo Irmão **João Matheos** durante o mez de Outubro, a quantia de dois mil seis centos e oitenta reis. 2\$680

Novembro, 30

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmolas da Caixinha, tiradas pelo Irmão **Manoel de Campos** durante o mez de Novembro, a quantia de dois mil trezentos e quarenta reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão interino 2\$340

[Total das receitas da folha 73v] 10\$640

[Soma] 1:132\$241 [Folha 74]

Despeza do anno de 1850

Transporte de Folhas 73 reis 29\$520

Agosto, 9

Despendeu o Actual Thezoureiro **João Alberto Xavier** com a celebração de seis Missas por a alma da Irmã falecida **Eufemia** a quantia de sete mil seis centos e oitenta reis. [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão Interino 7\$680

Agosto, 9

Despendeu mais o mesmo Actual Thezoureiro a importancia de seis Tochas mandadas vir de Porto Alegre, incluzive Caixão, frete, Carretas etc. Trinta e três mil trezentos e vinte reis. 33\$320

Novembro, 26

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com a nova Imagem de Nossa Senhora do Rozario mandada vir da **Bahia**, incluzive Frete, direitos, carretas, etc. Cento e quinze mil e cem reis. 115\$100

Novembro, 26

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com a limpeza de espinhos no terreno do Cemitério junto das Catacumbas, a quantia de dous mil reis. [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** 2\$000

[Total das despesas da folha 74] 158\$100

[Soma] 187\$620 [Folha 74v]

Receita do anno de 1850

Transporte de Folhas 73v 1:132\$241

Dezembro, 20

Recebeu o Actual Thezoureiro o Irmão **João Alberto Xavier** a importancia das esmolas da Caixinha tiradas pelo Irmão **Antônio dos Santos Falcão** durante o mez de dezembro a quantia de sete mil e sete centos reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão interino 7\$700

Dezembro, 22

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia de esmolas rendidas na Caixinha de fora, tiradas pelo Juiz durante o mez de dezembro a quantia de dois mil quinhentos e oitenta reis. 2\$580

Dezembro, 24

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia de esmolas da Caixinha de fora, tiradas pelo Rey para ajuda da Festa, a quantia de seis mil quinhentos e oitenta reis, = digo =, seis mil duzentos e quarenta reis. 6\$240

Dezembro, 24

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia paga pelos Irmãos, de Joias, Anuás e entrada de novos irmãos e tudo na quantia de trinta e dois mil quinhentos e secenta. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** 32\$560

[Total das receitas da folha 74v] 49\$080

[Soma] 1:181\$321 [Folha 75]

Despeza do anno de 1850

Transporte de Folhas 74 187\$620

Novembro, 30

Despendeu o Actual Thezoureiro **João Alberto Xavier** a quantia de dezanove mil e secenta reis, sendo com uma portalada de Ipé, e um barroto para pranxoens a quantia de nove mil e seiscentos reis. 9\$600

Com três táboas de louro para a porta a dois mil reis – seis mil reis. 6\$000

Com uma feixadura, Dobradissas, pregos, e um ferro pedrêz tres mil quatrocentos e secenta reis. 3\$460

19\$060

[a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão interino

Novembro, 30

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro a importancia da obra da porta paga ao Carpinteiro a quantia de vinte mil seis centos quarenta reis. 20\$640

Dezembro, 3

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com a obra da escada de entrada para o Concistorio do Rozario, e sentada das portadas, a quantia de vinte e seis mil duzentos e dez, a saber – com oito Alqueires de cal preta a preço de quatro centos e oitenta reis – tres mil oito centos e quarenta. 3\$840

Com tres carros de areia a mil reis – três mil reis. 3\$000

Com duzentos tijollos, por quatro mil reis. 4\$000

Com hum carro de pedra – mil e seis centos. 1\$600

Com Cincoenta telhas para o telhado – dois mil 250. 2\$250

Com 16 Alqueires de Cal branca a sete centos e vinte. 11\$520

[a] **Miguel Teixeira de Carvalho** 26\$210

[Soma] 253\$530 [Folha 75v]

Receita do anno de 1850

Transporte de Folhas 74v 1:181\$321

Dezembro, 25

Recebeu o Actual Thezoureiro Irmão **João Alberto Xavier** de anuaes dos Irmãos, a quantia de dois mil duzentos e quarenta reis. 2\$240

Dezembro, 25

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro de Anuaes e Joias de dous Irmãos a quantia de dois mil duzentos e quarenta reis. 2\$240

Dezembro, 25

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a entrada do novo Irmão Preto **Filippe**, Escravo de **Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro** a quantia de novecentos e secenta reis. \$960

Dezembro, 25

Recebeu mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia de Anuaes de dous Irmãos, a quantia de seis centos e quarenta reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** \$640

[Total das receitas da folha 75v] 6\$080

[Soma] 1:187\$401 [Folha 76]

Despeza do anno de 1850

Transporte de Folhas 75 253\$530

Dezembro, 16

Despendeu o Actual Thezoureiro Irmão **João Alberto Xavier** a importancia da obra da escrada da entrada do Consistorio paga ao pedreiro a quantia de trinta e dous mil reis. 32\$000

Dezembro, 18

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com os seguintes objetos a quantia de treze mil seis centos quarenta reis – sendo com uma cruz de ouro para o Rozario de Nossa Senhora dois mil seis centos quarenta reis – e com um Armario para fexar a mesma Senhora onze mil reis. 2\$640 [+] 11\$000 [Total] 13\$640

Dezembro, 20

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com um andor que mandou construir e envernizar, a quantia de trinta e dois mil reis. 32\$000

Dezembro, 23

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com os seguintes pertences para o andor a quantia de treze mil e secenta reis – sendo com o feitio de dois Cavallinhos para o assento do andor – quatro mil reis com quatro forquilhas pintadas para o mesmo andor – por tres mil reis – com dezaceis covados de hollanda, linhas e cadaço para capa do mesmo andor – quatro mil e secenta reis, com o feitio da mesma capa – dois mil reis.

[a] **Miguel Teixeira de Carvalho**

4\$000 [+] 3\$000 [+] 4\$060 [+] 2\$000 [Total] 13\$060

[Soma] 344\$230 [Folha 76v]

Receita do anno de 1850

Transporte de Folha 75v 1:187\$401

Dezembro, 26

Recebeu o Actual Thezoureiro Irmão **João Alberto Xavier** a importancia de Anuaes e Joias de Irmaos a quantia de mil nove centos e vinte reis. 1\$920

Dezembro, 31

Recebeu o mais o mesmo Irmão Thezoureiro a importancia das esmollas da Caixinha tiradas pelo Irmão **Antônio dos Santos Falcão** durante o tempo de celebração da festa, a quantia de seis mil cento e quarenta reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivao interino 6\$140

[Total das receitas da folha 76v] 8\$060

[Soma] 1:195\$461 [Folha 77]

Despeza do anno de 1850

Transporte de Folha 76 344\$230

Dezembro, 24

Despendeu o Actual Thezoureiro Irmao **João Alberto Xavier** a importancia de duas Carradas de Areia para o feixo das Catacumbas, no Cemiterio, dois mil duzentos e quarenta. [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão interino 2\$240

Dezembro, 24

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com dezoito e tres quartas libras de Cera em vellas para a festa de Nossa Senhora do Rozario, a preço de 1:440 – vinte e sete mil reis. 27\$000

Dezembro, 24

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro com quatro e meia duzias de Foguetes para a mesma Festa, e procissao a preço de doze mil duzentos e quarenta reis. 12\$240

Dezembro, 31

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro a importancia paga ao Reverendo Vigário pela Celebração da Missa Cantada, e acompanhamento da Procissao a quantia de trinta mil reis. 30\$000

Dezembro, 31

Despendeu mais o mesmo Irmao Thezoureiro a importancia paga ao Reverendo Vigário pelo Sermão da Festa, a quantia de quarenta mil reis.

[a] **Miguel Teixeira de Carvalho** 40\$000

[Total das despesas da folha 77] 111\$480

[Soma] 455\$710 [Folha 77v]

Receita do anno de 1850

Transporte de Folhas 76v

[Soma] 1:195\$461 [Folha 78]

Despeza do anno de 1850

Transporte de Folha 77 456\$710

Dezembro, 31

Despendeu o Actual Thezoureiro o Irmao **João Alberto Xavier** a importancia paga a muzica para a Missa, Procissao etc a quantia de quinze mil e seis centos reis. 15\$600

Dezembro, 31

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro a importancia paga ao Almador pela armação da Igreja para a festa a quantia de seis mil reis. 6\$000

Dezembro, 31

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro a importancia dada ao **Revedo Vigario**

pela Celebração das missas da Capelania e mais obrigaçoens, sendo quarenta e oito mil reis, por quarenta e oito Missas. 48\$000

Dezembro, 31

Despendeu mais o mesmo Thezoureiro a importancia dada ao **Reverendo Vigário** pelos servissos e obrigaçoens feitas a Irmandade na qualidade de seu Capelao, a quantia de dezaceis mil reis. [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** 16\$000

[Total das despesas da Folha 78] 85\$600

[Soma] 541\$310

Saldo em favor da Irmandade existente em Coffre 654\$151

[Soma da Receita] 1:195\$461

Termo de Encerramento [Folhas 78v e 79]

Aos oito dias do mez de Janeiro do anno de mil oito centos e cincoenta e hum, em o Concistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Villa nova de São João da **Cachoeira** aonde se achavão presentes o Juiz, o Thezoureiro e mais Irmaos officiais da Meza nova e velha da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo referido Thezoureiro Irmao **João Alberto Xavier**, e conferindo a Receita de Folha 77v e Despeza de Folha 78 do presente livro, achou-se haver de saldo e ficar líquido e, favor da mesma Irmandade a quantia de seiscentos e cimcoenta e quatro mil, cento e cimcoenta e hum reis (654\$151) cuja quantia fica na mão do mesmo Thezoureiro **João Alberto Xavier** que continua no mesmo cargo no seguinte anno. E para constar fez-se o presente Termo em que assigno eu **Miguel Teixeira de Carvalho** Escrivão interno, o Juiz, Thezoureiro e mais Irmaos Mezarios.

Pelo Juis **Francisco de Campos**

[a] **João Ignacio Xavier**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

João [escravizado] do **Finado Souza**

João Gomez Congo

Manoel Thomas

Miguel [escravizado] de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**

Reinato dos Santos Xavier

Antônio Monteiro

José Gonçalves

Rogério de Almada

[a] **Narcizo Peixoto de Oliveira**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Gaspar Francisco Gonçalves**

[a] **Domingos da Fonceca**

[a] **Constantino Gonçalves**

[a] **Manoel do Espírito Santo**

Francisco [escravizado] de **Joaquim Correia de Oliveira**

[a] **Manoel de Carvalho**

[a] **Manoel de Campos**

[a] **Miguel Teixeira de Carvalho**

Escrivao interino [Folha 79v]

Receita do anno de 1851

Transporte de Folha 78 654\$151

Janeiro, 28

Recebeo o actual Thezoureiro Irmao João Alberto Chavier, a importancia das esmolos da Caixinha tiradas pelo Irmao **Francisco de Chaves** neste mes, a quantia de oito mil sete centos e oitenta reis. 8\$780

Fevereiro, 25

Recebeo mais o mesmo Irmao Thezoureiro, importancia de tres libras de cera em bicos, que se vendeo a mil duzentos e oitenta reis a libra, todas na quantia de tres mil e oito centos e quarenta reis. 3\$840

Fevereiro, 28

Recebeo mais o mesmo Irmao Thezoureiro, a importancia das esmolos da Caixinha, tiradas neste mes, pelo Irmao **João**, Escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, a quantia de seis mil e oitenta reis. 6\$080

[Total das receitas do mês de fevereiro de 1851] 9\$920

Março, 21

Recebeo o mesmo Irmao Thezoureiro de **Joaquim Antônio de Alencastre** a importancia de esmolla particular a quantia de cinco mil cento e vinte reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 5\$120

[Total das receitas da folha 79v] 672\$851 [Folha 80]

Despeza do anno de 1851

Março, 1º

Despendeo o actual Thezoureiro o Irmao **João Alberto Chavier** com o pintor para dar tintas nos portaes e portas do Constorio, esquiife e Armario da Senhora, a quantia de oito mil reis. 8\$000

Março, 10

Despendeo o actual Thezoureiro com o marcineiro por um Almario para goardar as alfaias de Nossa Senhora a quantia de quatorze mil e quinhentos reis. 14\$500

Março, 15

Despendeo o actual Thezoureiro com o pintor de pintar o Almario das Alfaias da mesma Senhora a quantia de dous mil quinhentos e vinte reis. 2\$520

Março, 23

Despendeo o mesmo Thezoureiro com seis e uma quarta Covados de Velio largo para a Sancta do andor da mesma Senhora, a quantia de quatro centos reis ao Covado, e tudo na importancia de dous mil quatro centos e cincoenta reis.

[a] **Estevão Cândido de Carvalho** 2\$450

[Total das despesas da Folha 80] 27\$470 [Folha 80v]

Despeza alias Receita do anno de 1851

Transporte Folha 79v 673\$851

Março, 30

Recebeo o actual Thezoureiro Irmao **João Alberto Chavier** a importancia das esmolas da Caixinha, tiradas neste mes, pelo Irmao **Joaquim Anastacio de Souza**, a quantia de doze mil duzentos e oitenta reis. 12\$280

[Total das despesas do mês de março de 1851] 17\$400

Abril, 30

Recebeo mais o mesmo Thezoureiro importancia das esmolas da Caixinha tiradas neste mes pelo Irmao **Manoel Jozé do Espírito Santo**, a quantia de nove mil e oito centos reis. 9\$800

Maio, 5

Recebeo o actual Thezoureiro pelo aluguel do esquite a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Maio, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, importancia das esmollas da Caixinha tiradas neste mes, pelo Irmao **Constantino** liberto, a quantia de oito mil e duzentos reis. 8\$200

[Total das despesas do mês de maio de 1851] 12\$200

Junho, 26

Recebeo o actual Thezoureiro neste mês, do aluguel de uma Catacumba a quantia de dezaseis mil reis.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 16\$000

[Soma] 712\$251 [Folha 81]

Despeza do anno de 1851

Transporte Folha 80 27\$470

Março, 23

Despendeo o actual Thezoureiro o Irmao **João Alberto Chavier**, com sete varas e tres quartas de Galão largo para o andor da Senhora, a quatro centos reis a vara, na quantia de tres mil e cem reis. 3\$100

[Total das despesas do mês de março de 1851] 30\$570

Junho, 5

Despenseo o mesmo Thezoureiro com seis missas pela Alma da Irmã falecida Donna **Maria Nuncia de Macedo** a mil duzentos e oitenda reis cada huma, todas na importancia de sete mil seis centos e oitenda reis. 7\$680

Junho, 5

Despenseo o mesmo Thezoureiro com seis missas, pela alma do Irmão falecido **Francisco**, Escravo de **Maria de Campos**, a mil duzentos e oitenda reis cada uma, todas na importancia de sete mil seis centos e oitenda reis. 7\$680

Junho, 26

Despenseo o mesmo Thezoureiro com cem tijolos para tapar uma catacumba que foi alugada a quantia de mil e seis centos reis. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 1\$600

[Total das despesas do mês de junho de 1851] 16\$960

[Soma] 47\$530 [Folha 81v]

Receita do anno de 1851

Transporte Folha 80v 712\$251

Junho, 30

Recebeo o actual Thezoureiro importancia das esmollas da Caixinha tiradas neste mes, pelo Irmão **João Roque**, a quantia de oito mil nove centos e oitenda reis.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 8\$980

[Total das receitas do mês de junho de 1851] 24\$980

Julho, 4

Recebeu o actual Thezoureiro importancia do aluguel do Esquife, a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Julho, 30

Recebeo o actual Thezoureiro importancia das Esmollas das Caixinhas, tiradas neste mês, pelo Irmão **Francisco** Escravo de **Joaquim Corrêa de Oliveira**, a quantia de seis mil e oito centos reis. [a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 6\$800

[Total das receitas do mês de julho de 1851] 10\$800

Agosto, 31

Recebeo o actual Thezoureiro importancia das Esmollas da Caixinha tiradas neste mes, pelo Irmão **Januário** Escravo de **Daniel Jozé Marques** a quantia de mil quatro centos e vinte reis. 1\$420

Setembro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro importancia das Esmollas da Caixinha tiradas neste mes, pelo Irmão **Estevão Candido de Carvalho**, a quantia de cinco mil e secenta reis.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 5\$060

[Soma] 754\$511 [Folha 82]

Despeza do anno de 1851

Transporte Folha 81 47\$530

Outubro, 15

Despendeo o actual Thezoureiro o Irmão **João Alberto Chavier**, com dez Florens para o Andor a quantia de treze mil e duzentas reis cada úma, e todos na importancia de cento e trinta e dous mil reis. 132\$000

Outubro, 16

Despendeo o mesmo Thezoureiro com úma feichadura de broca, em lugar de outra que se quebrou, para ser pregada na porta do lado da Sancristia, a quantia de dous mil e quarenta reis. 2\$040

Outubro, 16

Despendeo o mesmo Thezoureiro, com úm ferro, pedres e pregos, e o marcineiro para o pregar, e outros arranjos no Almario das Alfaias na quantia de mil e quarenta reis. 1\$040

[Total das despesas do mês de outubro de 1851] 135\$080

Novembro, 10

Despendeo o mesmo Thezoureiro com seis missas pela Alma da Irmam falecida **Justina Roza de Loureto** a quantia de mil duzentos e oitenta reis cada úma e todas na importancia de sete mil seis centos e oitenta reis. [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 7\$680

[Soma] 190\$290 [Folha 82v]

Receita do anno de 1851

Transporte Folha 81v 754\$511

Outubro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro, a importancia de Esmolas da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Domingos da Fonseca** a quantia de quatro mil duzentos e quarenta reis. 4\$240

Novembro, 8

Recebeo o actual Thezoureiro neste mes, do aluguel de úma Catacumba para Anginho, a quantia de oito mil reis. 8\$000

Novembro, 20

Recebeo o actual Thezoureiro neste anno esmollas particulares de diverços devotos, a quantia de duzentos e onze mil e novecentos reis. 211\$900

Novembro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro neste mes, importancia das Esmolas da Caixinha, tiradas pelo Irmão **Manoel de Campos**, a quantia de nove mil e quatro centos reis. 9\$400

[Total das receitas do mês de novembro de 1851] 229\$300

Dezembro, 26

Recebeo o actual Thezoureiro neste dia de Joias, annuaes, e entradas de Irmaos, a quantia de, oitenta e nove mil cento e oitenta reis.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 89\$180

[Soma] 988\$051 [Folha 83]

Despeza do anno de 1851

Transporte Folha 82 190\$290

Dezembro, 26

Despendeo o actual Thezoureiro o Irmão **João Alberto Chavier** com tres duzias de foguetes para festa da Senhora a tres mil e duzentos reis a duzia, na quantia de nove mil e seis centos reis. 9\$600

Dezembro, 26

Despendeo o mesmo Thezoureiro com dezoito e uma quarta libra de cera, para a mesma festa, a mil e seis centos reis a libra, na quantia de vinte oito mil e oito centos reis. 28\$800

Dezembro, 26

Despendeo o mesmo Thezoureiro com o Vigario, e mais Sacerdotes da Missa Cantada e Porção, feita neste dia, a quantia de trinta e dous mil reis. 32\$000

Dezembro, 26

Despendeo o mesmo Thezoureiro com a Múzica para a mesma festa feita neste dia a quantia digo festa e Porção feita neste dia, a quantia de quinze mil e seis centos reis. 15\$600

[Soma] 276\$290 [Folha 83v]

Receita do anno de 1851

Transporte Folha 82v 988\$031

Dezembro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, neste mes, importancia das Esmolas da Caixinha, tirada pelo Irmão **Manoel Carvalho**, a quantia de seis mil e cem reis.

[a] **João Alberto Xavier** [a] **Estevão Cândido de Carvalho** 6\$100

[Total das receitas do mês de dezembro de 1851] 95\$280

[Soma] 1:083\$331 [Folha 84]

Despeza do anno de 1851

Transporte Folha 83 276\$290

Dezembro, 30

Despendeo o actual Thezoureiro Irmão **João Alberto Chavier**, com seis missas pela Alma do Irmão falecido **Anastacio**, a quantia de mil reis cada uma, e todas na importancia de seis mil reis.

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

6\$000

[Total das despesas] 92\$000

[Total das receitas] 282\$290

Saldo existente em Cofre a favor da Irmandade 801\$041

[Termo de Encerramento – Folhas 83v, 84 e 84v]

Ao primeiro dia do mes de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e dous annos, nesta Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira**, em Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, aonde se achavam presentes os Officiaes da Velha e nova Meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo ex Thezoureiro **João Alberto Chavier**, e comferindo-se a receita de folha 79v a folha 83v com a Despeza de f80 a f84 do presente livro, achou-se de haver saldo e ficar líquido em Cofre da mesma Irmandade a quantia de oito centos e hum mil reis e quarenta e hum reis (801\$041) cuja quantia foi entregue pelo mesmo ex Thezoureiro ao novo Thezoureiro **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, que prezente se achava, e que passa a servir no prezente anno. E para constar fez-se este Termo em que assignam os membros da Nova e Velha Meza, perante mim **Estevão Candido de Carvalho**. Escrivão interirino da Irmandade o escrevy e assigney no impedimento do respectivo.

Pelo **Juis Miguel**, Escravo de **Manoel Machado** assigna **João Ignacio Chavier**

[a] **João Ignacio Xavier**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **João Alberto Xavier**

[a] **Gonçalo Teixeira de Carvalho**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

Pelo Irmão **Rogério Pinto Bandeira**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

Pelo Irmão **Pedro de Barcelos**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

Pelo Irmão **Manoel Joze do Espírito Santo**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

Pelo Irmão **João Gomes**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

Pelo Irmão **Manoel Ignacio de Jaques**

[a] **Carlos da Costa Loureiro**

Sendo-me forçoso partir brevemente para a Villa de **Encruzilhada**, afim de abrir ali a Sessão do Jury, e por falta de tempo não me sendo possível tomar contas a Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Freguezia, por este motivo commetto a tomada dellas ao respectivo Juiz, Provêdor de Capellas e Residuos. Cachoeira, 10 de Abril de 1852.

[a] **Monteiro** [Folha 85 – Em branco] [Folha 85v]

Receita do anno de 1852

Transporte Folha 84 801\$041

Janeiro, 12

Recebido de entrada de um Irmão, a quantia de oito centos mil reis digo de oito centos reis. \$800

Janeiro, 12

Idem de anuais e Joias do Irmão **Joaquim Ignacio de Araujo**, a quantia de cinco mil ecento e vinte reis. 5\$120

Janeiro, 31

Recebido de esmola da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **João** Escravo da Viúva **Lina**, a quantia de cinco mil e oito centos reis. 5\$800

Fevereiro, 2

Recebido de tres libras de Ceras em bicos que se vendeo, a quantia de tres mil oito centos e quarenta reis. 3\$840

Fevereiro, 2

Idem de uma libra e tres quartas de cera em bico que se vendeo a quantia de dous mil quinhentos e vinte reis. O Thezoureiro Interino [a] **Miguel Teixeira de Carvalho**

[a] **Estevão Candido de Carvalho** 2\$520

[Soma das receitas Folha 85v] 819\$121 [Folha 86]

Despeza do anno de 1852

Janeiro, 8

Despendeo-se com o marceneiro para a factura de uma meza pequena com gaveta para abaixo do almario em que está a Imagem da Senhora a quantia de seis mil reis. 6\$000

Janeiro, 15

Idem com o Vigario desta Villa por dizer seis missas pela alma da Irmã **Maria Jozefa**, a quantia de seis mil reis. 6\$000

Fevereiro, 23

Despendeo-se com oito Covados e uma quarta de Belbutina preta para o Esquife, a quantia de oito mil novecentos e dez reis. 8\$910

Fevereiro, 23

Idem com cinco Varas de Gallão largo, para o mesmo Esquife, a quantia de mil e oito centos reis. 1\$800

Fevereiro, 23

Idem com cinco Varas de franja de retros para o mesmo fim, a quantia de seis mil e quinhentos reis.

[a] **Estevão Candido de Carvalho** 6\$500

[Total das despesas da folha 86] 17\$210

[Soma] 29\$210 [Folha 86v]

Receita do anno de 1852

Transporte Folha 85v 819\$121

Fevereiro, 29

Rendimento digo recebido do rendimento da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Miguel** escravo de **Miguel Machado**, a quantia de tres mil novecentos e vinte reis. 3\$920

Março, 8

Recebido do Aluguel de uma Catacumba a quantia de dezasseis mil reis. 16\$000

Março, 31

Recebido de Esmola da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Manoel**, escravo dos herdeiros de Donna **Flaubiana**, a quantia de quatro mil nove centos e oitenta reis. 4\$980

Abril, 30

Recebido de Esmola da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Pedro Barcellos**, a quantia de sete mil seis centos e oitenta reis. O Thezoureiro Interino [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** [a] **Estevão Candido de Carvalho**

7\$680

[Soma com as receitas da Folha 86v] 851\$701 [Folha 87]

Despeza do anno de 1852

Transporte folha 86 29\$210

Março, 8

Despendeo-se com a compra de cento e vinte Tijolos para feicho das Catacumbas a quantia de dous mil cento e secetenta reis.

[a] **Estevão Candido de Carvalho** 2\$160

Abril, 12

Despendeo-se com sete e meia Varas de Gallão largo para o Esquife, a quantia de dous mil e setecentos reis. 2\$700

Abril, 12

Idem com quatro e meia Varas de Algudão azul para o mesmo Esquife a quantia de dous mil quinhentos e secenta digo quinhentos e vinte reis. 2\$520

Maio, 23

Despendeo-se com o alfaiate para fazer as Cortinas do Esquife a quantia de seis mil e oito centos reis.

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

6\$800

[Total das despesas da Folha 87] 43\$390 [Folha 87v]

Receita do anno de 1852

Transporte folha 86v 851\$701

Março, 31

Recebido de Esmolla da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Jozé** escravo de **Roque Franco de Godoy**, a quantia de cinco mil seis centos e vinte reis. 5\$620³¹¹

Junho, 10

Recebido pelo Aluguel de uma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Junho, 30

Recebido de esmola da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Manoel** escravo de Donna **Margarida** a quantia de quatro mil e quinhentos reis. 4\$500

³¹¹ Roque Franco de Godói fez seu testamento “avançado de idade e temendo da morte”, em Cachoeira, em 16.11.1861, dizendo que era da província de São Paulo, filho legítimo de Bartolomeu Franco de Godói e Rita Pires de Moras, já falecidos, que foi casado com Juliana Maria de Souza (falecida), deixando dois filhos: Jacinto Franco de Godói e Maria Franca de Godói, casada com Joaquim dos Santos Carpes (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, testamento nº 62). . [N. do E.]

Julho, 31

Recebido de esmola da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Januario** escravo de **Daniel Jozé Marques**, a quantia de oito mil quinhentos e quarenta reis. O Thezoureiro interino [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** [a] **Estevão Candido de Carvalho**

8\$540

[Soma com as receitas da folha 87v] 886\$361 [Folha 88]

Despeza do anno de 1852

Transporte folha 87 43\$390

Outubro, 19

Despendeo-se com o Vigário desta Villa, por dizer seis missas pela Alma da Irmã **Felicianna Joaquina de Santa Rita**, a quantia de seis mil reis. 6\$000

Novembro, 20

Idem com o Vigário desta Villa por dizer seis missas pela alma do Irmão **Gonçalo Teixeira de Carvalho** a quantia de oito mil seis centos e quarenta reis. 8\$640

Novembro, 29

Idem com tres Varas e úma quarta de renda, para úma toalha do altar, a quantia de dous mil e oitenta reis. 2\$080

Novembro, 29

Idem com tres Varas e duas terças de riscado para cobrir o altar, a quantia de mil cento e setenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 1\$170

[Total das despesas da Folha 88] 61\$280 [Folha 88v]

Receita do anno de 1852

Transporte Folha 87v 886\$361

Agosto, 31

Recebido pelo aluguel de úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Agosto, 31

Idem de Esmola da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Manoel** escravo de **Antonio Ferreira Prestes** a quantia de sete mil duzentos e sesenta reis. 7\$260

Setembro, 7

Recebido pelo aluguel de úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Setembro, 9

Recebido pelo Aluguel de úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Setembro, 30

Recebido de Esmola da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Reinato dos Santos Chavier**, a quantia de sete mil seis centos e oitenta reis.

O Thezoureiro interino [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** [a] **Estevão Candido de Carvalho**

7\$680

[Total das receitas folha 88v] 949\$301 [Folha 89]

Despeza do anno de 1852

Transporte Folha 88 61\$280

Dezembro, 10

Despendeo-se com seis centos e cincoenta tijolos para a factura de úma catacumba a quantia de onze mil e cincoenta reis. 11\$050

Dezembro, 10

Idem com carretos dos mesmos tijolos, a quantia de mil e duzentos e oitenta reis. 1\$280

Dezembro, 10

Idem com dous Carros de Arreia para a factura da mesma Catacumba, a quantia de mil e seis centos reis. 1\$600

Dezembro, 10

Idem com seis e meia Alqueires de Cal branca para a mesma Catacumba a quantia de cinco mil e duzentos reis. 5\$200

Dezembro, 10

Idem com o Pedreiro **Neves** pela factura da referida catacumba a quantia de oito mil reis. 8\$000

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[Total das despesas da Folha 89] 88\$410 [Folha 89v]

Receita do anno de 1852

Transporte folha 88v 949\$301

Setembro, 30

Recebido pelo aluguel de úma Catacumba para Anjinho a quantia de oito mil reis. 8\$000

Outubro, 1

Recebido pelo Aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Outubro, 31

Recebido de Esmola da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Benedicto** Escravo de **Anna Joaquina dos Santos**, a quantia de cinco mil reis.³¹² 5\$000

Novembro, 30

Recebido de Esmola da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Francisco** escravo de **Joaquim Correia de Oliveira**³¹³, a quantia de quatro mil quinhentos e secenta reis. O Thezoureiro interino [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 4\$560

[Total das receitas da folha 89v] 970\$861 [Folha 90]

Despeza do anno de 1852

Transporte Folha 89 88\$410

Dezembro, 10

Despendeo-se com sete e meia duzias de foguetes, para a Festa de Nossa Senhora, a quantia de vinte e hum mil e seis centos reis. 21\$600

Dezembro, 12

Despendeo-se com vinte e huma meia libras de sera de tres em libra, para a mesma Festa, a quantia de trinta mil nove centos e secenta reis. 30\$960

Dezembro, 12

Idem com úma e meia libra de sera, em Vellas de meia libra, a quantia de dous mil e quatro centos reis. 2\$400

Dezembro, 31

Despendeo-se se com o Vigário e mais Empregados da Igreja com a Festa de Nossa Senhora, a quantia de vinte e tres mil e seis centos reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 23\$600

[Total das despesas da folha 90] 166\$970 [Folha 90v]

Receita do anno de 1852

Transporte Folha 89v 970\$861

Dezembro, 31

Recebido de Esmola da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **Manoel Ignacio de Jezus**, a quantia de cinco mil duzentos e quarenta reis. 5\$240

³¹² O preto Benedito, escravizado por Ana Joaquina dos Santos, morreu com a avançada idade de 80 anos em 26.04.1857, sem que fosse identificada a causa exata de sua morte (AHC MCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 174v). [N. do E]

³¹³ O preto Francisco obteve carta de alforria “sem cláusula ou condição” de seu senhor Joaquim Correia de Oliveira em 07/12/1861 (APERS – 2º Tabelionato de Cachoeira do Sul, Transmissões e Notas, livro 9, folha 127, 09.12.1861). [N. do E.]

Dezembro, 31

Idem de Joias, Annuais e Entrada dos Irmãos, a quantia de secenta e sete mil reis. 67\$000

Dezembro, 31

Idem de úma Catacumba que se vendeo para ser sepultada a mulher de **Jozé Carvalho de Aragão e Silva**, a quantia de cincoenta e dous mil seis centos e vinte reis.

O Thezoureiro interino [a] **Miguel Teixeira de Carvalho** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 52\$620

[Total de receitas da folha 90v] 124\$860

[Total das receitas] 1:095\$721 [Folha 91]

Despeza do anno de 1852.

Transporte Folha 90 166\$970

Janeiro, 3 [de 1853]

Despendeo-se com a muzica para a Festa de Nossa Senhora do Rozario a quantia de vinte e cinco mil quatro centos e oitenta. 25\$480

Janeiro, 3 [de 1853]

Despendeo-se mais com tres libras de sera de quarta para a mesma Festa a quantia de quatro mil e oito centos reis.

[a] **Estevão Candido de Carvalho** 4\$800

[Total das despesas do anno de 1852] 197\$250

Saldo em Cofre a favor da Irmandade 898\$471

[Total das receitas] 1:095\$721

[Termo de Encerramento – folhas 90v, 91, 91v e 92]

Aos dezaseis dias do mes de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e tres annos nesta Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira**, em o comcistório da Irmandade do Rozario, a onde se achavão presentes os Officiaes da Velha e Nova meza da mesma Irmandade, recencearão-se as contas apresentadas por **Miguel Teixeira de Carvalho** na qualidade de administrador da Casa de seo finado Pay o ex Thezoureiro **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, e comferindo-se a Receita de folha 85v a folha 90v com a Despeza de Folha 86 a folha 91 do presente Livro, achou-se haver de Saldo e ficar liquido em Coffre da mesma Irmandade a quantia de oito centos e noventa e oito mil e quatro centos e setenta e úm reis; (898\$471), cuja quantia foi entregue pelo mesmo Thezoureiro interino ao novo Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, que presente se achava e que passa a servir no presente anno. E para constar fez-se este Termo em que assignarão os membros da Nova e Velha meza, perante mim **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevy e assigney.

O Thezoureiro Interino [a] **Miguel Teixeira de Carvalho**

O Escrivão [a] **Estevão Candido de Carvalho**
O Procurador [a] **Iziquiel da Cunha**
À rogo de **Manoel Ignacio d’Jesuz**
Domingos da Fonseca
Constantino Gonçalves
João [escravizado] do **Finado Souza**
João [escravizado] de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**
Filippe [escravizado] de **Dona Floriana**
Rogério Antônio d’Almada
João Gomes Congo
Miguel, escravo de **Manoel Machado**
Miguel, escravo de **Dona Flaubiana**
José, escravo de **Roque Franco de Godoy**
Pedro, escravo de **David José de Barcellos**
Reinato dos Santos Xavier
[a] **Leonel Elisiario de Oliveira Bandeira**
O Tezoureiro [a] **Antônio dos Santos Falcão**
O Escrivão [a] **Estevão Candido de Carvalho**
O procurador [a] **Iziquiel da Cunha**
[a] **Leonel Elisiario d’ Oliveira Bandeira**
[a] **Antônio da Costa Rocha**
À rogo de **Manoel Ignacio dJesuz**
[a] **Albino dos Santos Xavier**
À rogo de **Adão** [escravizado] d’ **Dona Inocencia Coelho Leal**
Ide[m] **Reinato dos Santos Xavier**
Ide[m] **Rugério de Almada**
Ide[m] **Manoel Joze do Espirito Santo**
Ide[m] **Lourenço** escravo de **João Lopes**
Ide[m] **Miguel** [escravizado] d’ **Gonçalves Teixeira de Carvalho**
Ide[m] **João Bento**
[a] **Antônio da Costa Rocha**
[a] **João Antônio de Nepomuceno** [Folha 92v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa Cachoeira
Antônio dos Santos Falcão

1853. Receita.

Janeiro, 16

Importancia do Saldo, que recebeo nesta dacta o Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão** a quantia de Oito centos e noventa e oito mil quatro centos e setenta e úm reis. 898\$471

Janeiro, 19

Recebeo o actual Thezoureiro do Aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Janeiro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro do rendimento da Esmola da Caixinha tirada neste mez pelo Irmão **Reinato dos Santos Chavier**, a quantia de cinco mil e oito centos reis. 5\$800

Fevereiro, 24

Idem. Idem do Aluguel de úma Catacumba, para a mulher de **Laurentino Carvalho**³¹⁴, a quantia d’dezaseis mil reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 16\$000

[Soma] 924\$271 [Folha 93]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa de
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1853. Despeza.

Março, 14

Despendo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão** em virtude da Rezolução da Irmandade com suprimento feito a Irmã que se achava na indigencia **Vita do Espírito Santo**, em seis dias thé o dia de seu fallecimento na razão de quatro centos reis diários, a quantia de dous mil e quatrocentos reis. 2\$400

Março, 20

Despendeo o actual Thezoureiro com o Pedreiro **Iziquiel da Cunha**, para fechar a Catacumba em que foi sepultada a Irmã **Vita do Espírito Santo**, a quantia de três mil nove centos e vinte reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 3\$920

[Total das despesas da folha 93] 6\$320 [Folha 93v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa de
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1853. Receita.

Transporte 924\$271

Fevereiro, 28

Recebeo o actual Thezoureiro de rendimento das Esmolas da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Rogério Almada**, a quantia de cinco mil e trezentos reis. 5\$300

³¹⁴ Laurentino Carvalho da Silva faleceu de pneumonia nesta mesma vila da Cachoeira, em 30.06.1881, aos 80 anos de idade, viúvo e natural desta província (AHCMCS – Livro de Óbitos n° 6 de Cachoeira do Sul, p. 59). [N. do E.]

Fevereiro, 22

Recebeo o actual Thezoureiro do Aluguel de úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Março, 27

Recebeo o actual Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha tiradas neste mes pelo irmão **Leonel Elizario de Oliveira Bandeira**, a quantia de cinco mil reis.

[a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 5\$000

Abril, 24

Recebeo o actual Thezoureiro dos rendimentos das Esmolas da Caixinha, tiradas neste mes, pelo irmão **Adão Coelho**, a quantia de seis mil reis. 6\$000

[Soma] 956\$571 [Folha 94]

1853. Despeza.

Transporte 6\$320

Abril, 7

Despendeo o actual Thezoureiro com o Vigario pela encomendação da Irmã **Vita do Espírito Santo** a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Maio, 24

Despendeo o actual Thezoureiro com seis missas pela alma da Irmã **Vita do Espirito Santo**, a quantia de oito mil seis centos e quarenta reis. 8\$640

Setembro, 29

Despendeo o actual Thezoureiro, com Seis Missas pela Alma do preto **Miguel**, irmão da irmandade, Escravo de **Manoel Machado de Souza**, a quantia de oito mil seis centos e quarenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 8\$640

[Soma] 27\$600 [Folha 94v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1853. Receita.

[Transporte] 956\$571

Maio, 16

Recebeu o actual Thezoureiro de Aluguel de úma Catacumba a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Maio, 29

Recebeo o actual Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **João Antônio Nepomuceno**, a quantia de seis mil quinhentos e quarenta. 6\$540

Junho, 26

Recebeo o actual Thezoureiro, do rendimento das Esmollas da Caixinha, tiradas neste mes, pelo irmão **Antônio da Costa Rocha**, a quantia de cinco mil oito centos e oitenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 5\$880

[Transporte] 984\$991 [Folha 95]

1853. Despeza.

Transporte 27\$600

Outubro, 5

Despendeo o actual Thezoureiro com seis missas pela alma da Irmã **Maria Luiza de Carvalho**, a quantia de oito mil seis centos e quarenta reis. 8\$640

Dezembro, 24

Despendeo o actual Thezoureiro, por Ordem da Irmandade nesta dacta que entregou a **Jozé Martins Beltrão**, para mandar vir do **Rio de Janeiro** úma Caixa de Cera, duas dúzias de tocha e tres pessas de tafeté branco para Opas, a quantia de duzentos e cinquenta e seis mil reis. 256\$000

Dezembro, 25

Despendeo o actual Thezoureiro com cinco dúzias de foguetes para a festa de Nossa Senhora, comprados a **Antônio Correia Dias de Moura**, a quantia de vinte mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 20\$000

[Total] 312\$240 [Folha 95v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1853. Receita.

Transporte 984\$991

Julho, 7

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel de úma catacumba a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Julho, 31

Recebeo o actual Thezoureiro do Rendimento das Esmollas da Caixinha tiradas neste mes pelo irmão **Manoel Jozé do Espírito Santo** digo **Manoel Ignacio de Jezus**, a quantia de quatro mil e secenta reis. 4\$060

Agosto, 28

Recebeo o actual Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Joaquim Anastacio de Souza**, a quantia de quatro mil quinhentos e quarenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 4\$540

[Total] 1:009\$591 [Folha 96]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1853. Despeza.

Transporte 312\$40

Dezembro, 25

Despendeo o actual Thezoureiro com dezaseis libras de Cera em Vellas para a Festa de Nossa Senhora do Rozario, compradas a **Miguel Teixeira de Carvalho**, a mil quinhentos e vinte reis por cada libra, e todas na importancia de vinte e quatro mil trezentos e vinte reis. 24\$320

1854. Janeiro, 2

Despendeo o actual Thezoureiro com trinta e duas libras de sera em Vellas para festa da mesma Senhora, compradas á **David Jozé de Barcellos**, á mil quinhentos e secenta reis por cada libra, e todas na importancia de quarenta e nove mil novecentos e vinte reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 49\$920

[Total] 386\$480 [Folha 96v]

O Thezoureiro da Irmandade de N.S. do Rozario da Vila da **Cachoeira Antônio dos Santos Falcão**

1853. Receita.

Transporte 1:009\$591

Setembro, 25

Recebeo o actual Thezoureiro de rendimento das Esmollas da caixinha, tirada neste mês pelo Irmão **Lourenço** Escravo de **João Lopes de Moraes Magalhaens**, a quantia de quatro mil oitocentos e secenta reis. 4\$860

Outubro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **Miguel** Escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, a quantia de cinco mil novecentos e vinte reis. 5\$920

Novembro, 27

Recebeo o actual Thezoureiro dos rendimento das Esmollas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **João Bento**, a quantia de cinco mil e duzentos reis.

[a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 5\$200
[Soma] 1:025\$571 [Folha 97]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1854. Despeza.

Transporte 386\$420

Janeiro, 3

Despendeo o actual Thezoureiro com sete duzias e dous de foguetes, para a festa de Nossa Senhora, comprados á **Manoel Moreira de Carvalho**, na quantia de vinte e oito mil seis centos e secenta e seis reis. 28\$666

Janeiro, 3

Idem. Idem. com o Vigário de pregar o Sermão na Festa da mesma Senhora, a quantia de cincoenta mil reis. 50\$000

Idem. Idem com a Muzica para a Festa da mesma Senhora, a quantia de noventa e seis mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 96\$000

Janeiro, 4

Despendeo o actual Thezoureiro com o Vigario, e mais acolitos para a Festa de Nossa Senhora, a quantia de oitenta e dois mil e quarenta reis. 82\$040

[Soma] 561\$140 [Folha 97v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1853. Receita.

Transporte 1:025\$511

Dezembro, 10

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel de uma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Dezembro, 25

Recebeo o actual Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha neste mes, tirada pelo Irmão **Manoel Jozé do Espírito Santo** a quantia de dez mil e secenta reis. 10\$060

Dezembro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro d'annuaes, Joias e entradas dos irmãos neste dia, a quantia de noventa e seis mil oito centos e quarenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 96\$840

[Soma] 1:148\$471 [Folha 98]

O Thezoureiro da Irmandade de N.S. do Rozario da Villa da **Cachoeira Antônio dos Santos Falcão**

1854. Despeza.

Transporte 561\$146

Janeiro, 4

Despendeo o actual Thezoureiro com **Iziquiel da Cunha** de gratificação d'armação da Igreja para festa de Nossa Senhora, a quantia de vinte mil reis.

[a] **Estevão Candido de Carvalho** 20\$000 102\$040

[Soma] 663\$186

Saldo em Coffre a favor da Irmandade 485\$285

[Soma da receita] 1:148\$471

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[Termo de Encerramento – Folhas 98v, 99 e 99v]

Aos oito dias do mez de Janeiro de mil oitocentos e cincoenta e quatro annos, nesta Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira**, em Concistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, á onde se achavão presentes os Officiaes da Velha e Nova Meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, e comferindo se á Receita a f92v a f97v, com a Despeza de f93 á f98; do presente Livro, achou-se haver de Saldo, e ficar líquido em Coffre a quantia de quatrocentos e oitenta e cinco mil duzentos e oitenta e cinco reis; (485\$285); Cuja quantia fica em poder do mesmo Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, que continua no mesmo Cargo no Corrente anno. E para constar fez-se o prezente Termo em que assignarão os Membros da Velha e Nova Meza, perante mim **Estevao Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escreveu.

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Antônio dos Santos Falcão**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Antônio da Costa Rocha**

[a] **Leonel Elisiário de Oliveira Bandeira**

[a] **João Antônio de [1854] Nepomuceno**

Por **Adão Costodio Coelho**

[a] **Antônio da Costa Rocha**

Por **Rogério Amado**

[a] **João Antônio de Nepomuceno**

Por **Manoel Ignacio de Jezus**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

Por **Lourenço Escravo de João Lopes**

[a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**

Juis [a] **João Antônio de Nepomuceno**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Antônio dos Santos Falcão**

[a] **Iziquiel da Cunha**
 [a] **Celestino dos Santos Xavier**
 [a] **Antônio da Costa Rocha**
 [a] **João Nepomuceno de Souza**
 [a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**
 [a] **Leonel Elisiário de Oliveira Bandeira**
 [a] **Marcos Joze do Canto**
 Por **Velucino de Araújo Bastos**
 [a] **Antônio da Costa Rocha**
 Por **Adão Custodio Coelho, Leonel Bandeira**
 [a] **Raphael Pinto Bandeira**
 Por **Benedito Antônio de Amorim**³¹⁵
 [a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**
 Por **Rogério Pinto Bandeira**
 [a] **Leonel Elisiario de Oliveira Bandeira** [Folha 99v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
 1854. Receita.

Janeiro, 8
 Importancia do Saldo que existe em Coffre, até esta dacta. 485\$285

Janeiro, 8
 Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, da Entrada da preta
Comba, Escrava de **Maria Gomes dos Santos**. \$640

Janeiro, 8
 Idem da preta **Jozefa** Escrava de **Tristão da Cunha e Souza**. 1\$000

Janeiro, 8
 Idem de **Antônio Joaquim de Brito**, a quantia de seiscentos e quarenta reis.
 [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** \$640
 [Total das receitas da folha 99v] 2\$280
 [Soma] 487\$563 [Folha 100]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
 1854. Despeza.

³¹⁵ Benedito Antônio Amorim testemunhou em um processo criminal, em 1846, apresentando-se como solteiro, natural desta vila de Cachoeira, 28 anos, sapateiro, não sabia escrever (APERS – Civil e Crime de cachoeira do Sul, comarca de Rio Pardo, sumário crime n° 2913, autora: justiça, réu: José Antônio Melquiades, 1846). [N. do E.]

Maio, 19

Despendeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, do resto do importe de duzentas e quarenta e sete libras de Velas de Sera de tres em libra; e vinte e quatro Tochas, e cento e dezacete Covados e Uma Terça de Tafeté branco para Opas, o que do Rio de Janeiro mandou buscar **Jozé Martins Beltrão**, para a Irmandade, a quantia de cento e vinte e quatro mil oitocentos e sete reis. Documento n° 1°.

[a] **Estevão Candido de Carvalho** 124\$807 [Folha 100v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1854. Receita.

Transporte 487\$565

Janeiro, 10

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, da importancia de 23 libras de Sera em bicos, que havia sobrado da festa que teve lugar em 23 de Dezembro do ano proximo passado ao 1° de Janeiro do corrente Anno, a preço de mil duzentos e oitenta reis cada uma libra, e todas na importancia de vinte e nove mil quatrocentos e quarenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 29\$440

Janeiro, 11

Recebeo o actual Thezoureiro, da entrada de **Firmina Rocha da Conceição** a quantia de seiscentos e quarenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** \$640

[Total das receitas da folha 100] 30\$080

[Soma] 517\$643 [Folha 101]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1854. Despeza.

Transporte 124\$807

Junho, 20

Despendeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, com **Joaquim Anastacio de Souza**, do feitio de Onze Opas de Tafeté, a preço de seiscentos e quarenta reis cada Uma, e todas na quantia de sete mil e quarenta reis. Documento n° 2°. 7\$040

Setembro, 25

Despendeo o actual Thezoureiro com o Padre **Antônio Homem de Oliveira** por Seis Missas pela alma do Irmao **João** Escravo de **Antônio Ferreira Prestes** a mil e quatrocentos e quarenta reis cada Úma, e todas na quantia de oito mil seiscentos e

quarenta reis. Documento n° 3°. ³¹⁶ [a] **Estevão Candido de Carvalho** 8\$640
[Soma] 140\$487 [Folha 101v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1854. Receita.

Transporte 517\$643
Janeiro, 12

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, da mezada do Irmão **Miguel** Escravo de **Gonçalo Teixeira de Carvalho**, a quantia de mil duzentos e oitenta reis. 1\$280

Janeiro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, do rendimento da Caixinha tirada neste mez pelo Irmão **João Nepomuceno de Souza** a quantia de sete mil e duzentos reis. 7\$200

Fevereiro, 28

Recebeo o actual Thezoureiro, do rendimento das Esmollas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **Antônio da Costa Rocha**, a quantia de quatorze mil novecentos e quarenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 14\$940
[Soma] 341\$065 [Folha 102]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1854. Despeza.

Transporte 140\$487
Setembro, 30

Despendeo o actual Thezoureiro, para a festa da Senhora com dez duzias de foguetes, cento e cincoenta registos, uma Vara de madeira pratiada e pintura de uma Crus, tudo na quantia de cincoenta e hum mil, quatrocentos e vinte reis. Documento n° 4°. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 51\$420

Outubro, 2

Despendeo o actual Thezoureiro com o Reverendo Vigário e mais Ministros do Altar, Sancristaens, e Fabrica para a festa da Senhora, a quantia de cento e oitenta e oito mil reis. Documento n° 5°. 188\$000

³¹⁶ Em 09.09.1843, às 5 horas da tarde, casaram na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, João (escravizado de Antônio Manoel Ferreira Prestes), com Maria Joaquina do Carmo (liberta, que foi escrava de João de Melo Rigo), sendo a cerimônia ministrada pelo Pároco Antônio Homem de Oliveira e tendo como testemunhas Benjamim [Levi] e Ludovico Martins Pinto (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 147v). [N. do E]

Outubro, 2

Idem com **Manoel Homem de Oliveira** da muzica de Vozes e Instrumentos, a quantia de oitenta e oito mil reis. Documento n° 6°. 88\$000

276\$000³¹⁷

[Soma] 191\$907 [Folha 102v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da **Cachoeira Antônio dos Santos Falcão**

1854. Receita.

Transporte 541\$065

Março, 6

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, do aluguel de Uma Catacumba para a mulher de **Vicente do Canto** a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Março, 26

Recebeo o actual Thezoureiro, neste mes, do Rendimento da caixinha, tirada as Esmolas pelo Irmao **Raphael Pinto Bandeira** a quantia de quinze mil seiscentos e quarenta reis. 15\$640

Abril, 30

Recebeo o actual Thezoureiro, neste mez, do rendimento da Esmola da Caixinha, tirada pelo Irmao **Marcos Jozé do Canto** a quantia de seis mil setecentos e secenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 6\$760

[Soma] 579\$465 [Folha 103]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1854. Despeza.

Transporte 191\$907

Outubro, 2

Despendeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão** com **Izaquiel da Cunha**, pela armação da Igreja para a festa da Senhora, a quantia de trinta mil reis.

Documento n° 7°. [a] **Estevão Candido de Carvalho**

[Soma das despesas de 2 de outubro de 1954] 306\$000

Outubro, 4

Despendeo o actual Thezoureiro, com **Narcizo Peixoto de Oliveira** de Uma libra e quarta de incenso para a festa da Senhora na quantia de mil e duzentos reis. Documento n° 8°. 1\$200

³¹⁷ Soma dos dois lançamentos de despesas de 2 de outubro de 1854, que continuarão na folha 103. [N. do E.]

Dezembro, 30

Despenseo o actual Thezoureiro com **Raphael Pinto Bandeira**, das fazendas pretas, Galoens, tochas, o feitio de dous Cachoens grandes e 1 para Anginho, tafeté e morim.

Documento n° 9°. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 107\$540

[Total] 606\$647

[Folha 103v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão

1854. Receita.

Transporte 579\$467

Maio, 28

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, neste mes, do rendimento das Esmolas da Caixinha tiradas pelo Irmao **Vellucino de Araújo Bastos**, a quantia de doze mil oitocentos e quarenta reis. 12\$840

Junho, 30

Recebeo o actual Thezoureiro, neste mes, do rendimento das Esmollas da Caixinha, tiradas pelo Irmao **Celistino dos Santos Chavier**, a quantia de nove mil e vinte reis. 9\$020

Julho, 8

Recebeo o actual Thezoureiro, do aluguel do Esquife, a quantia de quatro mil reis.

[a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho**

4\$000

[Total] 605\$325 [Folha 104]³¹⁸ [Folha 104v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da **Cachoeira Antônio dos Santos Falcão**

1854. Receita.

Transporte 605\$323

Julho, 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, neste mes, do rendimento das Esmollas da Caixinha, tiradas pelo Irmao **Benedicto Antônio de Amorim** a quantia de sete mil quatrocentos e vinte reis. 7\$420

³¹⁸ Na folha 104 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 606\$647 réis. [N. do E.]

Agosto, 20

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel do esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Agosto, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, neste mes do rendimento das Esmolas da Caixinha, a quantia de cinco mil e oitocentos reis, tiradas pelo Irmao **Custodio Manoel Gomes**. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 5\$800
[Soma] 622\$543 [Folha 105]³¹⁹ [Folha 105v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1854. Receita.

Transporte 622\$543

Setembro, 28

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, do aluguel de Uma Catacumba para o finado **Jozé Joaquim Cezar**, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Setembro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro, neste mes, do rendimento das Esmollas da Caixinha, tiradas pelo Irmao **Adão Custodio**, somente a quantia de seis mil e quatrocentos reis. 6\$400

Outubro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, neste mes, no rendimento das Caixinhas das Esmollas, tiradas pelo Irmao **Leonel Elisario de Oliveira Bandeira**, a quantia de sete mil e quatrocentos reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 7\$400
[Soma] 652\$343 [Folha 106]³²⁰ [Folha 106v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1854. Receita.

Transporte 652\$343.

Novembro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão** do rendimento das Esmolas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmao **Rogério Pinto Bandeira**, a quantia de dez mil reis. 10\$000

³¹⁹ Na folha 105 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 606\$647 réis. [N. do E.]

³²⁰ Na folha 106 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 606\$647 réis. [N. do E.]

Dezembro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, do rendimento das Esmollas da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Joaquim Anastacio de Souza**, a quantia de nove mil e secenta reis. 9\$060

Dezembro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro da importancia da subscrição tirada pelo Irmão **Rafael Pinto Bandeira**, para festa da Senhora que teve lugar no 1º de Outubro proximo passado [107v] a quantia de duzentos e vinte mil reis. 220\$000

[Folha 107 sem lançamentos] [Folha 107v]

Dezembro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro, dos annuaes e Joias, pertencentes a Irmandade neste anno, a quantia de quarenta e oito mil trezentos e vinte reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 48\$320

[Soma das receitas de 1854] 939\$725

[Soma das despesas de 1854] 606\$647

Saldo existente em Coffre 333\$078

[Termo de Encerramento – Folhas 107v, 108, 108v e 109]

Aos Seis dias do mes de Janeiro de mil oitocentos e cincoenta e cinco annos, nesta Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira**, em Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, a onde se achavão presentes os Officiaes da Velha e Nova Meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, e conferindo-se a Receita de Folhas noventa e nove verço, a Folhas cento e sete verço, com a Despeza de Folhas cem a Folhas cento e tres, do presente livro, achou-se haver de saldo e ficar liquido em Coffre a quantia de trezentos e trinta e tres mil e setenta e oito reis (333\$078) cuja quantia fica em poder do mesmo Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, que continua no mesmo Cargo, no Corrente anno. E para constar fez-se o presente Termo em que assignarão os membros da Velha e Nova Meza, perante mim **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevy e assigno.

[Assinaturas dos membros da Velha Mesa]

[a] **João Antônio Nepomuceno**

[a] **Antônio dos Santos Falcão**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Leonel Elisario de Oliveira Bandeira**

[a] **Antônio da Costa Rocha**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

Por **Adão Costodio e Velocino de Araujo Bastos**

[a] **Leonel Bandeira**

Por **Rogério Pinto Bandeira**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[Assinaturas dos membros da Nova Mesa]

[a] **Joaquim Gomes de Carvalho**

[a] **Antônio dos Santos Falcão**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **João Antônio de Neponoceno**

Por **Torcato Correa de Oliveira**

[a] **Leonel Elisario de Oliveira Bandeira**

Por **Velocino de Araujo Bastos**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

Por **Valentim Bernardes do Nascimento**

[a] **Leonel Bandeira**

Por **Manoel Barboza**

[a] **Antônio da Costa Rocha**

Por **Antônio Joaquim de Birto**

[a] **João Antônio de Neponoceno** [Folha 109v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1855. Receita.

Janeiro, 6

Importancia do saldo existente em Coffre, até esta data. 333\$078

Janeiro, 8

Recebeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, do aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Janeiro, 8

Recebeo o mesmo Thezoureiro, da venda que fez de 19½ libras de Sera em bico, que sobrose da festa de Nossa Senhora, na quantia de vinte e quatro mil novecentos e secenta reis. 24\$960

Janeiro, 8

Recebeo o mesmo Thezoureiro de entrada de varios Irmaos a quantia de quatro mil duzentos e quarenta reis. 4\$240

Janeiro, 31

Recebeo o mesmo Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **João Antônio Nepomoceno**, a quantia de dez mil seiscentos e vinte reis.

[a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 10\$620
[Soma] 376\$898 [Folha 110]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1855. Despeza.

Outubro, 12

Despendeo o actual Thezoureiro **Antônio dos Santos Falcão**, com a compra de Um Guião³²¹ para a Irmandade conforme a conta número Um, a quantia de duzentos e quarenta e dous mil reis. 242\$000

Novembro, 27

Despendeo o mesmo Thezoureiro com a pintura do altar de Nossa Senhora, conforme o recibo numero dous, a quantia de dez mil reis. 10\$000

Dezembro, 8

Despendeo o mesmo Thezoureiro, com o fecho de Uma Catacumba, em que foi sepultado o Irmão **João Gomes Congo**, conforme o recibo numero tres, a quantia de quatro mil e oitocentos reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 4\$800
[Soma] 256\$800 [Folha 110v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio dos Santos Falcão
1855. Receita

Transporte 376\$898

Fevereiro, 28

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, de duas Catacumbas que alugou neste mes, na quantia de trinta e dous mil reis. 32\$000

Fevereiro, 28

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel do Caixão sem tampa, a quantia de seis mil reis. 6\$000

Fevereiro, 28

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel do Caixão com tampa, na quantia de dezasseis mil reis. 16\$000

³²¹ Guião: “Bandeira que se leva no início das procissões” (SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Tomo 1 e 2. Rio de Janeiro, Oficinas da S. A. Litho-Litotipographia Fluminense, 1922, p. 108). (Edição fac-símile da 2ª edição, de 1813, sendo a 1ª edição de Lisboa, Officina de Simão Thadeo Ferreira, em 1789)

Fevereiro, 28

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do rendimento das Esmolas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **Antonio Joaquim de Brito**, a quantia de dez mil trezentos e oitenta reis.

[a] **Antonio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 10\$380

[Total das receitas da folha 110v] 64\$380

[Soma] 441\$278 [Folha 111]³²² [Folha 111v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao

Transporte 441\$278

1855. Receita

Março, 25

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao** do aluguel de duas vezes do Caixão de tampa, neste mes, a quantia de trinta e dous mil reis. 32\$000

Março, 25

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel de Úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Março, 31

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do rendimento das Esmollas da Caixinha, tiradas neste mes pelo Irmão **Manoel Jozé Barboza**, a quantia de onze mil e quinhentos reis.

[a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 11\$500

[Soma] 500\$778 [Folha 112]³²³ [Folha 112v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao

1855. Receita

Transporte 500\$778

Abril, 13

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do aluguel do Caixão sem tampa, a quantia de seis mil reis. 6\$000

Abril, 13

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel de duas Catacumbas, a quantia de trinta e dous mil reis. 32\$000

³²² Na folha 111 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

³²³ Na folha 112 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

Abril, 13

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel do Caixão de tampa, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Abril, 13

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do aluguel de Úma Catacumba para Anginho, a quantia de oito mil reis. 8\$000

Abril, 13

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel do Esquife, a quantia de quatro mil reis.
[a] **Antonio dos Santos Falcao** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 4\$000
[Total das receitas da folha 112v] 66\$000
[Soma] 566\$778 [Folha 113]³²⁴ [Folha 113v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1855. Receita

Transporte 566\$778

Abril, 30

Recebeo o actual Thezoureiro do algum digo do aluguel do Caixão de Anginho, a quantia de tres mil reis. 3\$000

Abril, 30

Recebeo o mesmo Thezoureiro do rendimento das Esmollas da Caixinha neste mes, tirada pelo Irmão **Vallentim Bernardes do Nascimento**, a quantia de nove mil cento e quarenta reis. 9\$140

Maio, 27

Recebeo o mesmo Thezoureiro da Irmã **Firmianna Romana de Jezus**, por conta de sua Joia de Juíza de Vara de 1854, a quantia de dous mil reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 2\$000
[Soma] 580\$918 [Folha 114]³²⁵ [Folha 114v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1855. Receita

³²⁴ Na folha 113 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

³²⁵ Na folha 114 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

Transporte 580\$918

Maio, 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do rendimento das Esmollas da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **João Nepomuceno de Souza**, a quantia de nove mil reis. 9\$000

Junho, 10

Recebeo o mesmo Thezoureiro, de Annuaes que cobrou o respectivo Procurador de vários Irmãos, a quantia de onze mil duzentos e quarenta reis. 11\$240

Junho, 14

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do aluguel de duas vezes do Caixão de tampa, a quantia de trinta e dous mil reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 32\$000

[Total] 633\$158 [Folha 115]³²⁶ [Folha 115v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1855. Receita

Transporte 633\$158

Junho, 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do rendimento das Esmolas da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Rogério Pinto Bandeira**, a quantia de oito mil e duzentos reis. 8\$200

Julho, 2

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do aluguel do Caixão sem tampa, a quantia de seis mil reis. 6\$000

Julho, 5

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do aluguel de nove Toxas, a quantia de dous mil oito centos e oitenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 2\$880

[Soma] 650\$238 [Folha 116]³²⁷ [Folha 116v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1855. Receita.

³²⁶ Na folha 115 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

³²⁷ Na folha 116 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

Transporte 650\$238

Julho, 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do rendimento das Esmollas da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Torcato Corrêa de Oliveira**, a quantia de onze mil trezentos e quarenta reis. 11\$340

Agosto, 31

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do rendimento das Esmolas da Caixinha, tiradas neste mes, pelo Irmão **Jozé Cabral**, a quantia de seis mil oito centos e secenta reis. 6\$860

Setembro, 17

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel do Caixão de tampa, e de Úma Catacumba, a quantia de trinta e dous mil reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 32\$000
[Total] 700\$438 [Folha 117]³²⁸ [Folha 117v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da **Cachoeira Antonio dos Santos Falcao**

1855. Receita

Transporte 700\$438

Setembro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do rendimento das Esmolas da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Marcos Jozé do Canto**, a quantia de doze mil sete centos e oitenta reis. 12\$780

Outubro, 31

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do rendimento das Esmolas da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Velucino de Araujo Bastos**, a quantia de sete mil duzentos e vinte reis. 7\$220

Novembro, 30

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do rendimento das Esmolas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **Selistino dos Santos Chavier**, a quantia de quatro mil seis centos e vinte reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 4\$620
[Soma] 725\$058 [Folha 118]³²⁹ [Folha 118v]

³²⁸ Na folha 117 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

³²⁹ Na folha 118 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1855.Receita

Transporte 725\$058

Dezembro, 25

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do aluguel de duas vezes do Caixão com tampa, a quantia de trinta e dous mil reis. 32\$000

Dezembro, 30

Recebeo o mesmo Thezoureiro, neste mes do aluguel de vinte e cinco Texas, na quantia de oito mil reis. 8\$000

Dezembro, 30

Recebeo o mesmo Thezoureiro do aluguel de Úma Catacumba, a quantia de oito mil reis. 8\$000

Dezembro, 30

Recebeo o mesmo Thezoureiro, do aluguel de Úma Catacumba, a quantia de dezaseis mil reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 16\$000

[total dos lançamentos de Receitas da folha 118V] 32\$000

[Soma] 789\$058 [Folha 119]³³⁰ [Folha 119v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1855. Receita

Transporte 789\$058

Dezembro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, de annuaes, e entradas, e joias de vários Irmãos, a quantia de trinta e quatro mil oito centos e oitenta reis. 34\$880

Dezembro, 31

Recebeo o mesmo Thezoureiro do rendimento das Esmolas da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Ignacio dos Santos Falcão**, a quantia de dez mil e trezentos reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 10\$300

[Total das receitas da folha 119v] 45\$180

[Soma] 834\$238 [Folha 120]

³³⁰ Na folha 119 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 256\$800 réis (Despesas).
[N. do E.]

1855. Despeza

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao

Transporte 256\$800

[Total das Receitas do ano de 1855] 834\$238

Saldo existente em Coffre 577\$438

[Termo de Encerramento – folhas 119V, 120, 121V e 122]

Aos seis dias do mes de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e seis annos, nesta Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira**, em o Concistório da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário, á onde se achavao presentes os Officiaes da Velha e Nova Meza, da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, e comferindo-se a Receita de Folhas cento e nove verço, a Folhas cento e dezanove verço, do presente livro, digo verço com a Despeza de folhas cento e dez do presente Livro, achou-se a ver de saldo, e ficar líquido em Coffre a quantia de quinhentos e setenta e sete mil quatro centos e trinta e oito reis (577\$438) cuja quantia fica em poder do mesmo Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, que continua no mencionado Cargo no corrente ano. E para Constar fez-se o presente Termo em que assignarão os membros da Velha e Nova Meza, perante mim **Estevão Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade que o escrevy e assigney.

[a] **Antônio dos Santos Falcão**[a] **Raphael Pinto Bandeira**[a] **Estevão Candido de Carvalho**[a] **Ignacio dos Santos Falcão**À rogo de **Manoel Jozé Barboza** por não saber escrever[a] **Ignacio dos Santos Falcão**À rogo d'**Velucino de Araújo Bastos**À rogo d'**Valentim Bernardo do Nascimento**À rogo d'**Torcatto Correa d'Oliveira**À rogo d'**Rogério Pinto Bandeira**

Por não saber escrever

[a] **Raphael Pinto Bandeira** [Folha 121][a] **Antônio dos Santos Falcão**[a] **Raphael Pinto Bandeira**[a] **Estevão Candido de Carvalho**[a] **Ignacio dos Santos Falcão**[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**À rogo de **Manoel Jozé Barboza**À rogo de **Adão** escravo de Dona **Inocencia Coelho Leal**[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

À rogo de **Velucino d'Araújo Bastos** e **Torcato Correa d'Oliveira** e de **José** escravo
de **Roque Franco de Godois**

[a] **Raphael Pinto Bandeira** [Folha 121v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao

1856. Receita

Janeiro, 6

Saldo existente em Coffre até esta data 577\$438

Janeiro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do rendimento das
Esmolas da Caixinha, tirada neste mes pelo Irmão **Joaquim Gomes de Carvalho**,
a quantia de sete mil e duzentos reis. 7\$200

Fevereiro, 29

Recebeo o actual Thezoureiro, do rendimento das Esmolas da Caixinha, tirada
neste mes pelo Irmão **João Nepomoceno de Souza**, a quantia de treze mil cento e
secenta reis. 13\$160

Março, 31

Idem. Idem do rendimento da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Velucino de
Araújo Bastos**, a quantia de onze mil nove centos e oitenta reis. [a] **Antônio dos
Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 11\$980

[Total dos lançamentos da folha 121v] 32\$340

[Total] 609\$778 [Folha 122]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao

1856. Despeza

Fevereiro, 2

Despendeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao** com seis lanternas, e
uma Caixa de folha para goardar o Guião a quantia de vinte e quatro mil reis,
documento n° 1°. 24\$000

Abril, 27

Despendeo o actual Thezoureiro com seis Astias para as lanternas, Um banco para
as mesmas, e conserto de outro banco, a quantia de doze mil reis, documento n° 2.
12\$000

Setembro, 19

Despenseo o actual Thezoureiro com doze Canudos de folha para toxas, a quantia de mil nove centos e vinte reis, documento tres. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 1\$920

37\$920 [Folha 122v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao

1856. Receita

Transporte 609\$779

Abril, 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do rendimento da Caixinha tirada neste mes pelo Irmão **Jozé Cabral**, a quantia de nove mil e sete centos reis. 9\$700

Maio, 18

Idem. Idem do aluguel do Caxão de tampa, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Maio, 31

Idem. Idem do rendimento da Caixinha tirada neste mes, pelo Irmão **Torcato Corrêa de Oliveira**, a quantia de doze mil e cem reis. 12\$100

Junho, 1º

Idem. Idem do aluguel do Caxão de tampa, e de Úma Catacumba, a quantia de vinte e oito mil reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 28\$000

[Soma] 675\$579 [Folha 123]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao

1856. Despeza

Transporte 37\$920

Outubro, 3

Despenseo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, com oito dúzias de foguetes do ár para a Festa da Senhora, a quantia de trinta e dous mil reis, documento nº 4. 32\$000

Outubro, 7

Despenseo o actual Thezoureiro com Uma dúzia de astia de pau para as tochas, e Úma dita para o guião, a quantia de dez mil reis, documento nº 5. 10\$000

Outubro, 13

Despendeo o actual Thezoureiro, com a Provizão e Sello para exposição do Sacramento na festa da Senhora, a quantia de onze mil reis, documento nº 6. 11\$000

Outubro, 13

Idem. Idem de miudezas para festa da Senhora a quantia de mil e duzentos reis, documento nº 7. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 1\$200
[Soma] 92\$120 [Folha 123v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Receita

Transporte 675\$379

Junho, 18

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do aluguel de Úma Catacumba, do Caxão de tampa, e quinze toxas, na quantia de trinta e seis mil e oito centos reis. 36\$800

Junho, 30

Idem. Idem do rendimento da Caixinha, tirada neste mes, pelo Irmão **Manoel Jozé Barboza**, a quantia de nove mil e quatro centos reis. 9\$400

Julho, 10

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel do Caxão de tampa, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Julho, 10

Idem. Idem do aluguel do Caixão sem tampa, a quantia de seis mil reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 6\$000
[Soma] 743\$779 [Folha 124]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Despeza

Transporte 92\$120

Outubro, 14

Despendeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, com dezoito Côvados de Tafeté branco, e tres Cartas de alfinete para o Ornato do andor da Senhora, a quantia de quinze mil reis, documento nº 8. 15\$000

Outubro, 14

Idem. Idem do feitio do talabarte³³¹ do guião, setim, carneira, e gabão, a quantia de dez mil trezentos e quarenta reis, documento Nº 9. 10\$340

Outubro, 14

Idem. Idem de Úma Carta de alfinetes, e onze e meia Vara de renda dourada para o andor da Senhora, a quantia de sete mil quinhentos e secenta reis, documento nº 10. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 7\$560
[Soma] 125\$020 [Folha 124v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Receita

Transporte 743\$779

Julho, 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do rendimento da Caixinha tirada neste mes pelo irmão **Ignacio dos Santos Falcão**, a quantia de seis mil cento e oitenta reis. 6\$180

Agosto, 9

Idem. Idem do aluguel do Caxão de tampa, a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Agosto, 9

Idem. Idem do aluguel do Caxão de tampa a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Agosto, 30

Idem. Idem do Aluguel de uma Catacumba, de vinte e huma toxas, a quantia de vinte e dous mil sete centos e vinte reis. 22\$720
[Soma] 804\$679 [Folha 125]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Despeza

Transporte 125\$020

Outubro, 14

Despendeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, com armação da Igreja para festa da Senhora, a quantia de vinte mil reis, documento nº 11. 20\$000

Outubro, 14

Idem. Idem com a múzica para a festa da Senhora a quantia de secenta mil reis, documento nº 12. 60\$000

³³¹ Talabarte: “Talim, cinturão, boldrié” (SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Tomo 1 e 2. Rio de Janeiro, Oficinas da S. A. Litho-Litotipographia Fluminense, 1922, p. 750). (Edição fac-simile da 2ª edição, de 1813, sendo a 1ª edição de Lisboa, Officina de Simão Thadeo Ferreira, em 1789). [N. do E.]

Outubro, 16

Despendeo o actual Thezoureiro, com o **Reverendo Vigário** e mais acólitos para a festa da Senhora, a quantia de trinta e cinco mil reis, documento nº 13. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 35\$000
[Soma] 240\$020 [Folha 125v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Receita

Transporte 804\$679

Agosto, 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao** do rendimento da Caixinha tirada neste mes, pelo irmão **Antônio Joaquim de Brito**, a quantia de doze mil e oitenta reis. 12\$080

Setembro, 8

Idem. Idem do aluguel do Caxão sem tampa, a quantia de seis mil reis. 6\$000

Setembro, 30

Idem. Idem, do rendimento da Caixinha tirada neste mes pelo irmão **Francisco Gonçalves da Fontoura**, a quantia de oito mil e oito centos reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 8\$800
[Soma] 831\$559 [Folha 126]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Despeza

Transporte 240\$020

Dezembro, 18

Despendeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, com seis missas, pela alma do Irmão falecido **João Alberto Chavier**, a quantia de oito mil e seis centos e quarenta reis; documento nº 14. 8\$640

1857

Janeiro, 5

Despendeo o actual Thezoureiro, com dezoito missas pelas almas dos tres irmãos falecidos, **Firmina Roza da Conceição**, **João Gomes Congo** e **Reinato**³³², escravo que foi do Reverendo Vigário **Ignacio Francisco dos Santos Chavier**, a quantia de

³³² O Rei **Reinato dos Santos** faleceu em 22.05.1856. (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 166v). [N. do E]

vinte e cinco mil nove centos e vinte reis, documento n° 15. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 25\$920
[Soma] 274\$580 [Folha 126v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Receita

Transporte 831\$559

Outubro, 4

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, do aluguel de vinte toxas, a quantia de seis mil e quatro centos reis. 6\$400

Outubro, 31

Idem. Idem do rendimento da Caxinha das esmoladas tirada neste mes, pelo irmão **Antônio Moreira de Carvalho**, a quantia de seis mil e duzentos reis. 6\$200

Novembro, 30

Idem. Idem do rendimento da Caxinha, das esmollas tirada neste mes pelo irmão **Jozé** Escravo de **Roque Franco de Godoy**, a quantia de dez mil duzentos e quarenta reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 10\$240
[Soma] 854\$399 [Folha 127]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1857. Despeza

Transporte 274\$580

Janeiro, 5

Despendeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao** com o enterro do Irmão fallecido **João Gomes Congo**, a quantia de cinco mil cento e vinte reis, documento n° 16. [a] **Estevão Candido de Carvalho** 5\$120
[Soma] 279\$700 [Folha 127v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Receita

Transporte 854\$399

Dezembro, 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao** de entrada, Annuaes, e joias de vários Irmãos, a quantia de cem mil e quatro centos reis. 100\$000

Dezembro, 31

Idem. Idem do rendimento das Esmollas da Caixinha, tirada neste mes pelo irmão **Adão**, Escravo de Donna **Innocencia Coelho Leal**, a quantia de nove mil e seis centos e vinte reis. [a] **Antônio dos Santos Falcão** [a] **Estevão Candido de Carvalho** 9\$620

[Soma] 964\$419 [Folha 128]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Antonio dos Santos Falcao
1856. Despeza

Transporte 279\$700

[Total das receitas de 1856] 964\$419

[Total das despesas de 1856] 279\$700

Saldo existente em Coffre 684\$719

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[Termo de Encerramento – Folhas 127v, 128, 128v e 129]

Aos onze dias do mes de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e sete annos, nesta Villa Nova de **Sam Joam da Cachoeira**, em o Consistório da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário, á onde se achavão presentes os Officiaes da Velha e Nova Meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo Thezoureiro **Antonio dos Santos Falcao**, e comferindo se a Receita de Folhas cento e huma Verço até Folhas cento e vinte e sete verço, com a Despeza de Folhas cento e vinte e duas a Folhas cento e vinte e oito do presente Livro, achou se haver de Saldo e ficar líquido em Coffre a quantia de seis centos e oitenta e quatro mil sete centos e dezanove reis, (684\$719). Cuja quantia passa para o poder do Thezoureiro interino **Estevao Candido de Carvalho**, que passa a servir no corrente anno. E para constar fez-se o presente Termo, em que assignarão os membros da Velha e Nova Meza, perante mim **Estevao Candido de Carvalho** Escrivão da Irmandade de que o escrevy e assigney.

[Assinaturas na folha 128V]

[a] **Antônio dos Santos Falcão**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

À rogo de **Velocino de Araújo Bastos**

[a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**

Dito de **Jozé** escravo de **Roque Franco de Godoes**

[a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**

Dito de **Manoel Joze Barboza**

[a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**

Dito de **Adão Costodio**

[a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**

[Assinaturas na folha 129]

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **João Alves de Oliveira**

[a] **Pedro Vitorino dos Reis**³³³

À rogo **Inosencio da Silva Prado**

[a] **Pedro Vitorino dos Reis**

À rogo **João Batistas Bandeira**

[a] **João Alves Oliveira**

Dito de **Francisco Antônio da Cunha**

[a] **Custodio Manoel Gomes dos Santos**

À rogo de **Domingos** Escravo de **Noe Antônio Ramos**

[a] **Pedro Vitorino dos Reis**

Ditos **Thomais**, Escravo de **Isidorio José** e de **Barcelos**

[a] **Pedro Vitorino dos Reis**

[Folha 129v]

O Thezoureiro Interino da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1857. Receita.

Transporte retro 684\$619

Janeiro, 31

Recebeo o actual Tezoureiro Interino **Estevão Candido de Carvalho**, do Rendimento das Esmolas da Caixinha tirada neste mez pelo Irmão **Vasco Antônio de Goveia**, a quantia de cinco mil duzentos e quarenta reis. 5\$240

Janeiro, 31

Idem. Idem de entradas e anuaes a quantia de dous mil oitocentos e oitenta reis. 2\$880

Fevereiro, 1º

Recebeo o Actual Thezoureiro de Anuaes a quantia de dous mil novecentos e vinte. 2\$920

Recebeo o Actual Thezoureiro da importância de 9 libras e $\frac{3}{4}$ de Sera, em bicos que se vendeu a quantia de doze mil quatrocentos e oitenta. 12\$480

³³³ Pelas onze horas da manhã do dia 16 de março de 1847, na matriz de Cachoeira, contraíram matrimônio, “com palavras de presente”, Pedro Vitorino dos Reis (da França, filho legítimo de João Albino dos Reis e Ana Mineira dos Reis) e Luiza Maria de Jesus (de Santana do Livramento, filha legitima de Manoel Carreira e de Florência Maria de Jesus) (AHCMCS – Livro 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul, folha 197). [N. do E.]

Fevereiro, 1º

Idem. Idem do Caixão com tampa da Irmandade que se vendeu a quantia de cinquenta mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 50\$000

[Total] 758\$439 [Folha 130]

O Thezoureiro Interino da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1857. Despezas

Janeiro, 25

Despendeo o Actual Tezoureiro Interino **Estevão Candido de Carvalho**, com a fatura de quatro Catacumbas no cimiterio desta Villa a quantia de duzentos e dezeceis mil reis, documento nº 1. 216\$000

Janeiro, 25

Idem. Idem metade do preço porque foi tratada a retificação de vinte Catacumbas da Irmandade a quantia de secenta mil reis. Documento nº 2. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 60\$000

Janeiro, 26

Despendeu o Actual Tezoureiro Interino **Estevão Candido de Carvalho** com utensilios para a escrituração da Irmandade a quantia de vinte mil oitocentos e vinte reis. Documento nº 3. 20\$820

Fevereiro, 14

Despendeu o actual Thezoureiro a quantia de secenta mil reis, do restante da compostura que se fez nas Catacumbas da Irmandade a quantia de cecenta mil reis. Documento nº 4. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 60\$000

[Total] 356\$820 [Folha 130v]

Thezoureiro Interino da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Vila da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1857. Receita.

Transporte retro 758\$139

Fevereiro, 28

Recebeo o Actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** das Esmolas tiradas neste mez pelo Irmão **João Baptista Bandeira** a quantia de treze mil seiscentos e secenta reis. 13\$660

Fevereiro, 28

Idem. Idem do Aluguer do esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Março, 31

Recebeo o Actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** dos rendimentos tirados das esmolos pelo Irmão **João Alvares de Oliveira** a quantia de oito mil reis. 8\$000

Abril, 21

Idem. Idem do Aluguer do Caixão com tampa a quantia de dezeceis mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 16\$000
[Total] 799\$799 [Folha 131]

Thezoureiro Interino da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Vila da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1857. Despeza.

Transporte 316\$820

Fevereiro, 8

Despendeo o Auctual Thezoureiro com a compra de trinta e oito Côvados de paninho preto a quantia de cinco mil trezentos e vinte reis. Documento n° 5. 5\$320

Fevereiro, 17

Idem. Idem quatro varas de Corda, toixas e balmares, e feitio de 1 Caixão com tampa a quantia de dezoito mil oitocentos reis Documento n° 6. 18\$800

Fevereiro, 19

Idem. Idem do feitio de uma régua para a escrituração da Irmandade a quantia de quinhentos reis. \$500

Abril, 24

Idem. Idem com 1 Par de Sapatos preto para enterrar o finado Irmão **Antônio Monteiro da Silva** a quantia de dous mil reis. 2\$000

Maio, 1°

Idem. Idem com cal, feixo da Catacumba e servente para sepultar-se o finado Irmão **Antônio Monteiro da Silva** a quantia de quatro mil e oitocentos reis. Documento n°7. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 4\$800
[Soma] 388\$240 [Folha 131v]

O Thezoureiro da Irmandade do Santíssimo, digo de Nossa Senhora do Rozario da Vila da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho**

1857.Receitas.

Transporte retro 799\$799

Abril, 30

Recebeo o Auctual Thezoureiro das esmolas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Inocencio da Silva Prado** a quantia de sete mil e seicentos reis³³⁴. 7\$600

Maio, 31

Idem. Idem das Esmolas da Caixinha tiradas pelo Irmão **Antônio da Costa Rocha** a quantia de treze mil novecentos e secenta reis. 13\$960

Junho, 9

Idem. Idem do Aluguer de diversas Toxas em diversas datas a quantia de treze mil cento e vinte reis. 13\$120

Junho, 30

Idem. Idem das Esmolas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Marcos Joze do Canto** a quantia de seis mil quinhentos e secenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 6\$560

[Total] 841\$039 [Folha 132]

O Thezoureiro da Irmandade do Santíssimo, digo de Nossa Senhora do Rozario da Vila da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho**

1857. Despeza.

Transporte 388\$240

Maio, 3

Despendeo o Auctual Tezoureiro com o interro do finado **Irmão Antônio Monteiro da Silva** a quantia de dez mil reis. Documento n° 8. 10\$000

Maio, 3

Idem. Idem com a condução do caixão do Simitério para o Concistório em diversas vezes a quantia de trezentos e cecenta reis. \$360

Julho, 12

Idem. Idem com cal, servente e feixo da Catacumba para sepultarce o Cadáver da finada Irmã **Rosa** escrava de **Isidoro José de Barcellos** a quantia de quatro mil seicentos e quarenta reis³³⁵. Documento n° 9. 4\$640

³³⁴ Aparece como testemunha em um caso de ferimento ocorrido durante uma corrida de cavalos nos subúrbios de Cachoeira, além do passo do Amorim, em 04.04.1888. Tinha então 49 anos de idade, casado, natural desta província, residente nesta cidade e operário (APERS – Juízo Municipal da Cachoeira, Sumário de Culpa n° 3334, autora: a justiça, réu: João Soares. [N. do E.]

³³⁵ A preta Rosa faleceu em 10.07.1857, sem que fosse anotada a causa de sua morte (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 176). [N. do E.]

Agosto, 30

Idem. Idem com a compra de quatro Còvados de Oleado largo para a meza da Irmandade a quantia de oito mil reis. Documento n° 10. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 8\$000

[Total] 411\$240 [Folha 132v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1857. Receita.

Transporte retro 841\$039

Julho, 15

Recebeo o Auctual Thezoureiro de Aluguer de uma toixa a quantia quinhentos reis. \$500

Julho, 22

Idem. Idem do Aluguer de uma Catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Julho, 31

Idem. Idem das Esmolas da Caixinha tiradas neste mes pelo Irmão **José Cabral** a quantia de oito mil cento e vinte reis. 8\$120

Agosto, 12

Idem. Idem do caixão de tampa da Irmandade que se vendeu a quantia de cinquenta mil reis. 50\$000

Agosto, 18

Idem. Idem do Aluguer do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Agosto, 18

Idem. Idem de anuais a quantia de mil duzentos e oitenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 1\$280

[Total] 920\$939 [Folha 133]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1857. Despeza.

Transporte 411\$240

Agosto, 30

Despendeo o Auctual Tezoureiro com a compostura da banquetta do altar da Senhora que o raio escangalhou a quantia de dous mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 2\$000

[Total] 413\$240 [Folha 133v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho**

1857. Receita.

Transporte 920\$939

Agosto, 31

Recebeo o Auctual Thezoureiro das Esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Pedro Victorino do Reys** a quantia de sete mil setecentos e vinte reis. 7\$720

Setembro, 1º

Recebeo o Auctual Thezoureiro do Aluguer de várias Toxas para o funeral do finado **Fabianno Pereira da Silva** a quantia de oito mil novecentos e ceceenta reis. 8\$960

Setembro, 2

Idem. Idem do Aluguer de uma Catacumba para sepultarce o Cadáver da finada **Constancia Flores**, a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Setembro, 30

Idem. Idem das Esmolas da Caixinha tirada neste mez pelo Irmão **Francisco Antônio da Costa** a quantia de sete mil duzentos e quarenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 7\$240

[Total] 960\$859 [Folha 134]³³⁶

O Thezoureiro da Irmandade do Rozario da Villa da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho**

1857. Despezas.

Transporte 413\$240

[Total das Receitas] 960\$859

Saldo existente 547\$619

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [Folha 134v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho**

1857. Receita.

Transporte reptro 547\$619

Outubro, 2

Recebeo o Auctual Thezoureiro proveniente do Aluguer do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Outubro, 26

Idem. Idem do Aluguer de uma Catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

³³⁶ Na folha 104 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 606\$647 réis. [N. do E.]

Outubro, 27

Idem. Idem de Anuaes da finada Irmã **Rita** a quantia de nove mil novecentos e vinte reis. 9\$920

Outubro, 28

Idem. Idem de Aluguer de um Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000³³⁷

Outubro, 31

Idem. Idem do rendimento das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **João Francisco Peixoto de Oliveira** a quantia de dois mil duzentos e secenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 2\$260 [Total] 583\$799 [Folha 135]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1857.Despeza.

Setembro, 30

Despendeo o auctual Thezoureiro de Varios objectos para factura de um caixão da Irmandade a quantia de secenta e nove mil, trezentos e vinte reis documento nº 11. 69\$320

Novembro, 30

Idem. Idem com tijollos para feixo da Catacumbas, carretos e serventes a quantia de onze mil e novecentos reis Documento nº 12. 1\$900

Dezembro, 31

Idem. Idem com feito e vários preparos para um Caixão da Irmandade a quantia de oitenta e dous mil duzentos e oitenta reis Documento nº 13. 82\$280

1858

Janeiro, 18

Idem. Idem com o Vigário e mais acolictos para a festa do Rozario a quantia de trinta e nove mil novecentos e vinte reis. 39\$920

Janeiro, 18

Idem. Idem com a muzica para a mesma festa a quantia de secenta e quatro mil reis Documento nº 14 e 15. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 64\$000 [Total] 267\$420 [Folha 135v]

³³⁷ Provavelmente este esquife foi usado para conduzir o cadáver do preto Tibúrcio, que sofreu a pena de morte. [N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1857.Receita.

Transporte reptro 583\$799

Novembro, 16

Recebeo o auctual Thezoureiro da venda que fez de um caixão com tampa da Irmandade a quantia de noventa e seis mil reis. 96\$000

Novembro, 16

Idem. Idem do Aluguer de uma catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Novembro, 29

Idem. Idem do Aluguer de uma Caixão de anjinho a quantia de três mil reis. 3\$100

Novembro, 30

Idem. Idem do Rendimento das esmollas da caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Thomaz** escravo de **Izidoro Joze de Barcellos** a quantia de tres mil setecentos e quarenta reis. 3\$740

Dezembro, 17

Idem. Idem do Aluguer de uma catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Dezembro, 20

Idem. Idem de joias e anuaes a quantia de quarenta e cinco mil e duzentos reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 45\$200
[Total] 763\$739 [Folha 136]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1858. Despeza.

Transporte 267\$420

Janeiro, 18

Despendeo o Auctual Thezoureiro com o Aluguer da banquetta, truribulo³³⁸ e Naveta³³⁹ para a festa da Irmandade a quantia de oito mil e quatrocentos reis Documento n° 16. 8\$400

³³⁸ Turíbulo: “O vaso onde se queima incenso, preso por adéias para se mover” (SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Tomo 1 e 2. Rio de Janeiro, Oficinas da S. A. Litho-Litotipographia Fluminense, 1922, p. 774). (Edição fac-símile da 2ª edição, de 1813, sendo a 1ª edição de Lisboa, Officina de Simão Thadeo Ferreira, em 1789) [N. E.].

³³⁹ Naveta: “Vaso em que nas igrejas se serve o incenso para os turíbulos” (SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Tomo 1 e 2. Rio de Janeiro, Oficinas da S. A. Litho-Litotipographia Fluminense, 1922, p. 337). (Edição fac-símile da 2ª edição, de 1813, sendo a 1ª edição de Lisboa, Officina de Simão Thadeo Ferreira, em 1789). [N. do E.]

Janeiro, 18

Idem. Idem com varios obejetos para a mesma festa da Senhora a quantia de oitenta e sete mil reis Documento nº 17. 87\$000

Janeiro, 18

Idem. Idem com varias fazendas e mais objetos para o serviço da Irmandade a quantia de cento e trinta e três mil e novecentos reis Documento nº 18. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 133\$900

[Total] 496\$720 [Folha 136v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1857. Receita

Transporte reptro 763\$739

Dezembro, 31

Recebeo o Auctual Thezoureiro das esmollas tiradas neste mez da Cachinha tiradas pelo Irmão **Domingos** escravo de **Noé Antônio Ramos** a quantia de nove mil seiscentos e quarenta reis. 9\$640

1858.

Janeiro, 30

Idem. Idem Aluguer de um Caixão a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Janeiro, 30

Idem. Idem da venda que fez de sete libras de Cera em bicos a quantia de dez mil e quarenta reis. 10\$040

Janeiro, 30

Idem. Idem de Anuaes e entradas até hoje a quantia de dezenove mil e quatrocentos e quarenta reis. 19\$440

Janeiro, 31

Idem. Idem das Esmollas da Caixinha tirada neste mez pelo Irmão **Antônio Moureira de Carvalho** a quantia de dez e seis mil e seicentos reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 16\$600

[Total] 835\$459 [Folha 137]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1858.Despezas.

Janeiro

Transporte reproto da despesa 496\$720

Saldo existente 338\$739

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[Termo de encerramento – Folhas 137v e 138]

Aos sete dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e cincoenta e oito annos, nesta Villa de **Sam João da Cachoeira** no Concistório da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, onde se achavão presentes os Officiaes da Velha e nova Meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas, apresentadas pelo Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho**, e confirmando-se a receita de Folhas cento e vinte e nove verço, a Folhas cento e trinta e sete, com a Despeza a Folhas cento e trinta a Folhas cento e trinta e sete, do presente livro, conferindo-se achoce haver de saldo e ficar líquido em cofre a quantia de trezentos e trinta e oito mil setecentos e trinta e nove Reis (338\$739). Cuja quantia fica em poder do mesmo Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho**, que passa a servir no corrente anno, e para constar fez-se o presente Termo em que assignão os officiaes da Velha e Nova Meza perante mim **Francisco Gonsalves da Fontoura** Escrivão da Irmandade de que o escrevy e assigno.

[Assinaturas da folha 137v]

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Marcos Jozé do Canto**

À rogo de **Baptista** [a] **Raphael Pinto Bandeira**

À rogo por **Inocencio da Silva Prado** [a] **Raphael**

À rogo de **Domingos** [escravizado] d **Noé Antônio Ramos** [a] **Raphael**

À rogo de **Francisco** [escravizado] de **Liberato**, [a] **Raphael**

À rogo de **João Peixoto de Oliveira** [a] **Raphael**

À rogo de **Thomaz** [escravizado] de **Isidorio Barcellos** [a] **Raphael**

[a] **Raphael Pinto Bandeira**

[Assinaturas da folha 138]

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Antônio Moreira de Carvalho**

[a] **Marcos Jozé do Canto**

À rogo de **Baptista** [escravizado] de **Lourenço Bandeira** [a] **Raphael Pinto Bandeira**

À rogo de **Firmino** [escravizado] de **Liberato** [a] **Raphael**

À rogo de **Paulo Francisco Claro** [a] **Raphael**

À rogo de **Jose** [escravizado] de **Dona Anna** [a] **Raphael**

À rogo de **Sebastião** [escravizado] de **Dona Joséfa** [a] **Raphael**

À rogo de **Miguel de Amorim e Silva** [a] **Raphael**

À rogo de **Benedito Ignacio de Amorim** [a] **Raphael**

À rogo de **Adão** [escravizado] de Dona **Inocencia**, [a] **Raphael**
[a] **Iziquiel da Cunha**
[a] **Raphael Pinto Bandeira** [Folha 138v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1858. Receita.

Transporte reptro 338\$739

Fevereiro, 7

Recebeo o Auctual Thezoureiro de anual e Entrada de Irmãos a quantia de três mil e novecentos reis. 3\$920

Fevereiro, 28

Idem. Idem das esmollas da Cachinha tiradas neste mez pelo Irmão **Adão** escravo de Dona **Inocencia Coelho Leal** a quantia de dez mil cento e quarenta reis. 10\$140

Março, 24

Idem. Idem do aluguer do Caixão com tampa a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Março, 27

Idem. Idem das Madeiras velhas tiradas do Concistório no acto de sua Compostura e que vendeu-se pela quantia de nove mil reis. 9\$000

Março, 28

Idem. Idem das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Velucino Araújo Bastos** a quantia de dez oito mil sete centos e quarenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 18\$740

[Total] 396\$539 [Folha 139]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1858. Despezas.

Fevereiro, 7

Despendeu o Auctual Thezoureiro com o feixo de uma Catacumba, para ser sepultada a Irmã **Rita**, sendo a conta entregue nesta dacta com a dacta de 19 de Dezembro de 1857, a quantia de quatro mil oitocentos reis Documento nº 1º. 4\$800

Fevereiro, 10

Idem. Idem com a encomendação do Corpo da mesma Irmã **Rita**, sendo a conta entregue nesta dacta com a data de 27 de Dezembro de 1857 a quantia de seis mil trezentos e vinte reis, Documento nº 2. 6\$320

Fevereiro, 28

Idem. Idem que se dispendeu neste mez com o Irmão Inválido **Joaquim Anastasio de Souza** para o tratamento de sua Enfermidade a quantia de oito mil reis Documento nº 3. 8\$000

Março, 19

Idem. Idem da Importância de trinta alqueires de Cal para o Concerto do Concistório da Irmandade a quantia de vinte e quatro mil reis Documento Nº 4. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 24\$000
[Total] 43\$120 [Folha 139v]

O Thezoureiro Irmandade de Nossa Senhora do Rosario da Villa da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho**
1858. Receita.

Transporte reptro 396\$539

Abril, 1º

Recebeo o auctual thezoureiro da importância de cincoenta telhas que sobrarão da obra do Concistório da Irmandade que forão vendidas pela quantia de quatro mil reis. 4\$000

Abril, 4

Idem. Idem da importância de oito barricas vazias e que ficarão arruinadas por cauza do depóziro que nelas se achava a cal para o concerto do mesmo Concistório e forão vendidas pela quantia de mil duzentos e oitenta reis todas. 1\$280

Abril, 10

Idem. Idem de duas caixas velhas que servião de depóziro para cera da Irmandade, a mil e seicentos reis cada uma e todas na quantia de três mil e duzentos reis. 3\$200

Abril, 30

Idem. Idem dos rendimentos das esmollas da caixinha tirada neste mez pelo Irmão **Marcos Joze do Canto** a quantia de doze mil trezentos e oitenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 12\$380
[Total] 417\$399 [Folha 140]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario da Villa da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho**
1858. Despeza.

Transporte 43\$120

Março, 20

Dispensado o Auctual Thezoureiro em seis dúzias de ripas para o concerto do Concistório da Irmandade, a quantia de seis mil reis Documento Nº 5. 6\$000

Março, 17

Idem. Idem com dez barrotes para o concerto do Consistório da Irmandade a quantia de vinte seis mil oitocentos e quarenta reis Documento N° 6. 26\$840

Março, 23

Idem. Idem com mais dezeceis Barrotes para o mesmo concerto do concistório a quantia de quarenta e quatro mil reis Documento N° 7. 44\$000

Março, 27

Idem. Idem com ferrages para o mesmo concerto do Concistório a quantia de oito mil e secenta reis Documento N° 8. 8\$060

Março, 27

Idem. Idem com seicentas telhas para o retelho do concistório a quantia de quarenta e oito mil reis Documento N° 9. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 48\$000
[Total] 176\$020 [Folha 140v]³⁴⁰ [Folha 141]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Vila da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1858. Despeza.

Transporte 176\$020

Março, 27

Despendeo o Auctual Thezoureiro com o serviço de Carpinteiro para o concerto do Consistorio da Irmandade a quantia de secenta e oito mil quatrocentos e oitenta reis. Documento N. 10. 68\$480

Abril, 19

Idem. Idem. com o cerviço de pedreiro para o concerto do Consistorio a quantia de cento e cincoenta mil reis. Documento N. 11. 150\$000

Abril, 19

Idem. Idem. com carretos com condução de Madeiras para o comcerto do consistorio a quantia de dous mil reis. 2\$000

Abril, 20

Idem. Idem. aos Cerventes que tirarão o Almario do Consistorio para poder se Compor o mesmo Consistorio a quantia de seicentos e quarenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** \$640
[Total] 397\$140 [Folha 141v]

³⁴⁰ Na folha 140v não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 417\$399 réis (Receita).
[N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1858. Receita.

Transporte da Receita 417\$399

Maio, 18

Recebeo o auctual Thezoureiro da venda de um caixão com tampa, a quantia de cinquenta mil reis. 50\$000

Maio, 18

Idem. Idem. com aluguer de uma Catacumba, a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Maio, 30

Idem. Idem. do rendimento das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **João Baptista Bandeira**, a quantia de onze mil reis. 11\$000

Junho, 4

Idem. Idem. de aluguer de uma catacumba e de um caixão a quantia de trinta e dous mil reis. 32\$000

Junho, 29

Idem. Idem. do rendimento da caixinha das esmollas tiradas neste mez pela Irmã **Jose Argôlo** a quantia de oito mil e setecentos reis. 8\$700

Julho, 8

Idem. Idem. do aluguer de um esquife a quantia de quatro mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 4\$000

[Total] 539\$099 [Folha 142]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1858.Despeza.

Transporte 397\$140

Abril, 30

Despendeu o Auctual Thezoureiro para Compostura e pintura do Consistorio da Irmandade a quantia de cibcoenta e dous mil quatro centos e oitenta reis. Documento N. 12. 52\$480

Maio, 23

Idem. Idem. com doze astias para toxas e canudos e pinturas e bem assim tudo na digo assim trez vidros para uma lanterna tudo na quantia de dez mil e seicentos reis. Documento N. 13. 10\$600

Outubro, 31

Idem. Idem. de cobrir um caixão pequenno e fazendas, e o Importe de um caixão novo, e um dicto de sete palmos tudo na importancia de oitenta e um cinco digo e um mil e cincoenta reis. Documento N. 13. 81\$050

Agosto, 31

Idem. Idem. suprimento feito a Irmãa inferma **Vicencia** a quantia de oito mil reis. Documento N. 14. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 8\$000
[Total] 549\$270 [Folha 142v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1858.Receita.

Transporte da Receita 539\$099

Julho, 22

Recebêo o auctual Thezoureiro de aluguer de um esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Julho, 31

Idem. Idem. das esmollas tiradas da caixinha neste mez pelo Irmão **Paulo Simoens Claro** a quantia de dez mil quatrocentos e oitenta reis. 10\$480

Agosto, 2

Idem. Idem. recebido de Joia de Capitão do Mastro a quantia de dous mil reis. 2\$000

Agosto, 31

Idem. Idem. das esmollas tiradas na caixinha neste mez pelo Irmão **Miguel de Amorim e Silva** a quantia de oito mil e duzentos reis. 8\$200

Setembro, 5

Idem. Idem. pela venda um caixão com tampa a quantia de cento e vinte oito mil reis. 128\$000

Setembro, 5

Idem. Idem do aluguer de dez toxas a quantia de tres mil e duzentos reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 3\$200
[Total] 694\$979 [Folha 143]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, da Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1858. Despesas.

Transporte das despesas 549\$270

Setembro, 30

Despendeu o auctual Thezoureiro com o feito de um caixão para a Irmandade a
quantia de oitenta mil reis. Documento N. 13. 80\$000

Novembro, 13

Idem. Idem com a compra de duzentos e cinquenta tijollos para feixo das catacumbas,
Carretos e condução dos mesmos a quantia de oito mil e sete centos e cinquenta
reis. Documento N. 13. 8\$750

Dezembro, 3

Idem. Idem. de feito de dous Caixoens para a Irmandade na quantia de secenta e
nove mil cento e secenta reis. Documento n. 13. 69\$160

Dezembro, 12

Idem. Idem com a limpeza do cimiterio que tocou a pagar metade a quantia de
vinte mil seicentos reis e seis. Documento N. 15. [a] **Francisco Gonçalves da
Fontoura** 20\$606

[Total] 727\$786 [Folha 143v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho

1858. Receita.

Transporte 694\$979

Setembro, 30 Recebeo o auctual Thezoureiro das esmollas tiradas na Caixinha neste
mez pelo Irmão **Sebastião Gomes dos Santos** a quantia de cinco mil e seiscentos
reis. 5\$600

Outubro, 17

Idem. Idem. de Anoaes recebido a quantia de seicentos e quarenta reis. \$640

Outubro, 26

Idem. Idem da intrada de um Irmão a quantia de dous mil reis. 2\$000

Outubro, 27

Idem. Idem do aluguer de um caixão sem tampa a quantia de seis mil reis. 6\$000

Outubro, 29

Idem. Idem. do aluguer de um caixão sem tampa a quantia de seis mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 6\$000
[Total] 715\$219 [Folha 144]³⁴¹ [Folha 144v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Caixoeira Estevão Candido de Carvalho
1858. Receita

Transporte da receita 715\$219

Outubro, 31

Recebeo o auctual Thezoureiro das esmollas da caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Iziquiel de Figueiredo e Souza** a quantia de onze mil e oitenta reis. 11\$080

Novembro, 8

Idem. Idem de Anuaes recebidos a quantia de mil novecentos e vinte reis. 1\$920

Novembro, 28

Idem. Idem. das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Fermino Antônio da Silva** a quantia de oito mil setecentos e oitenta reis. 8\$780

Dezembro, 8

Idem. Idem do aluguer de um caixão sem tampa a quantia de seis mil reis. 6\$000

Dezembro, 31

Idem. Idem das esmollas tiradas na caixinha neste mez pelo Irmão **Antonio Moureira de Carvalho** a quantia de seis mil trezentos e quarenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 6\$340
[Total] 749\$339 [Folha 145]³⁴² [Folha 145v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho
1858. Receita.

Transporte 749\$339

Dezembro, 31

Recebeo o auctual Thezoureiro de anuaes cobrados a quantia de trinta e um mil septecentos e secenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 31\$760
[Total] 781\$099 [Folha 146]

³⁴¹ Na folha 144 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 727\$786 réis (Despesa). [N. do E.]

³⁴² Na folha 145 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 727\$786 réis (Despesa). [N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira Estevão Candido de Carvalho

1858. Despezas.

Transporte da despeza – 727\$785

[Total da receita do ano de 1858] – 781\$099

Saldo existente em Caixa – 53\$313 [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[Termo de encerramento – Folhas 145v, 146, 146v e 147]

Aos seis dias do mez de Janeiro do anno de mil oitocentos e cincoenta e nove nesta villa da Cachoeira e no Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, aonde se achavão presentes os Officiaes da velha e nova meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho**, e conferindo-se as contas da receita de folhas cento e trinta e oito verço a folhas de cento e quarenta e cinco verço, com as despezas a Folhas cento e trinta e nove a Folhas cento e quarenta e seis do presente livro, conferindo-se achou-se haver de saldo ficar liquido em Cofre a quantia de cincoenta e trez mil trezentos e treze reis, cuja quantia fica em poder do mesmo Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho**, que passa a servir no Corrente anno, do que para Constar passo o presente Termo em que assignaarão os officiaes da velha e nova Meza, perante mim **Francisco Gonçalves da Fontoura** Escrivão da Irmandade de que o escrevy e assigno.

[Assinaturas constantes nas Folhas 145v e 146v]

[a] **Pedro Victorino do Reis**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Antonio Moreira de Carvalho**

À rogo de **Velocino de Araújo Bastos**

[a] **Pedro Vitorino do Reis**

À rogo de **Paulo Joaquim Claro**

[a] **Pedro Vitorino do Reis**

Por **Joze Argôlo** [a] **Rafael**

Por **Adão Custodio** [a] **Rafael**

Por **Baptista Bandeira** [a] **Rafael**

Por **Miguel de Amorim** [a] **Rafael**

Por **Velocino de Araújo Bastos** [a] **Rafael**

Por **Adão Costodio** [a] **Rafael**

Por **Paulo Bandeira Claro** [a] **Rafael**

Por **Firmino** [a] **Rafael**

[Assinaturas constantes nas folhas 147 e 147v]

O Vigário [a] **Jose Teixeira da Cunha Louzada Sobrinho**

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Pedro Victorino do Reis**

[a] **Iziquiel da Cunha**

[a] **Antônio Moreira de Carvalho**

À rogo de **Velucino Bastos**

[a] **Pedro Vitorino do Reis**

À rogo de **Paulo Joaquim Chaves**

[a] **Pedro Vitorino do Reis**

Por **Francisco Jozé Maria** [a] **Rafael**

Por **João Baptista** [a] **Rafael**

Por **Sebastião Alves dos Santos** [a] **Rafael**

Por **Benedito Antonio d'Amorim** [a] **Rafael** [Folha 146v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da **Cachoeira**
1859. Receita.

Saldo existente em cofre como se vê a Folhas cento e quarenta e seis deste livro
53\$313

Janeiro, 29

Recebeo o auctual thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** pela venda de um
Caixão com tampa a quantia de cem mil reis. 100\$000

Janeiro, 29

Idem. Idem pelo Aluguer de uma catacumba a quantia de dezeceis mil reis. [a]
Estevão Candido de Carvalho [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 16\$000
[Total] 169\$313 [Folha 147]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa na **Cachoeira**
1859.Despeza.

Janeiro, 5

Despendeo o Actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** com o Interro do
finado Irmão **João Antônio de Ponnoceno** a quantia de douze mil setecentos e
oitenta reis. Documento N. 1. 12\$780

Março, 23

Idem. Idem com a compra de 12 Tóxas de Cera, um caixão, para as ditas e fretes
das mesmas, a quantia de oitenta e tres mil e duzentos reis. Documento N. 2. 83\$200
[Total] 95\$980 [Folha 147v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario **Estevão Candido de Carvalho**

1859. Receita.

Transporte 169\$313

Janeiro, 30

Recebêo o Actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** de esmolas das Caixinhas tiradas neste mez pelo Irmão **Pedro Vitorino do Reis** a quantia de onze mil setecentos e secenta reis. 11\$760

Janeiro, 30

Idem. Idem de Anual da Irmã **Margarida** escrava de **Antônio Vicente da Fontoura** a quantia de trez e vinte reis de anual.³⁴³ \$320

Fevereiro, 1º

Idem. Idem de Intrada da Irmã **Maria Joze da Silva**, a quantia de dous mil reis.

[a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 2\$000

[Total] 183\$393 [Folha 148]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario **Estevão Candido de Carvalho**

1859. Despeza

Transporte 95\$980

Março, 31

Despendeo o Actual thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho**, com a limpeza da frente das Catacumbas da Irmandade retucar duas e Caiar outras Catacumbas a quantia de sete mil reis. Documento N. 3. 7\$000

Agosto, 31

Idem. Idem. com a compra de Galão largo, balmarios, feixo de Catacumba e feitio de dous Caixoens a quantia de cento e cincoenta e dous mil e duzentos reis. Documento n. 4. 152\$200

³⁴³ Margarida faleceu em 16.06.1866, com 23 anos de idade, escravizada pela viúva do Comendador Antônio Vicente da Fontoura (morto em 20.10.1860) Dona Clarinda Francisca da Fontoura, vitimada por uma peritonite puerperal. No inventário post-mortem do Comendador Fontoura, de 1861, Margarida era descrita como crioula, com 15 anos de idade, pequena e avaliada por 700 mil réis. (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 17v; APERS – I Vara Cível e Crime de Cachoeira do Sul, inventário nº 233, 1861). [N. do E.]

Setembro, 30

Idem. Idem. com o que consta do Documento Numero cinco a quantia de dezeceis mil seicentos e oitenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 16\$680
[Total] 271\$860 [Folha 148v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Receita.

Transporte 183\$393

Fevereiro, 29

Recebeo o Atual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Francisco da Chagas Lima** a quantia de dous mil seicentos e oitenta reis. 2\$680

Março, 5

Idem. Idem de anuaes, Intradas de vários irmãos neste mez a quantia de nove mil e quarenta reis. 9\$040

Março, 29

Idem. Idem. pelo aluguer de uma catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Março, 31

Idem. Idem. das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **João Alves de Oliveira** a quantia de seis mil trezentos e oitenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 6\$380
[Total] 217\$493 [Folha 149]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Despeza.

Transporte da despesa 217\$860

Outubro, 31

Despendeo o Atual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** com que consta do Documento numero seis a quantia de cincoenta e um mil quatrocentos e quarenta reis. 51\$440

Novembro, 8

Idem. Idem. com a compra de douze toxas com quarenta e nove libras de Cera e um caixão para as mesmas conforme o documento Numero sete a quantia de oitenta e cinco mil e trezentos reis. 85\$300

Novembro, 8

Idem. Idem. com a compra de quatro Catacumbas para a Irmandade conforme o Documento numero oito, a quantia de cento e secenta mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 160\$000
[total] 568\$600 [Folha 149v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Receita

Transporte 217\$493

Abril, 4

Recebeo o Auctual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** pela intrada de um Irmão a quantia de dous mil reis. 2\$000

Abril, 11

Idem. Idem. pelo aluguer de um caixão pequenno a quantia de seis mil reis. 6\$000

Abril, 27

Idem. Idem. pelo aluguel de um caixão grande sem tampa a quantia de cinco mil reis. 5\$000

Abril, 30

Idem. Idem. das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Manoel Marques de Castro** a quantia de quatro mil duzentos e quarenta reis. 4\$240

Maió, 6

Idem. Idem. pelo aluguel de uma catacumba a quantia de dezeceis mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 16\$000
[Total] 250\$733 [Folha 150]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Despeza.

Transporte da despesa 568\$600

Novembro, 30

Despendeo o Auctual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** o que consta do Documento numero nove, a quantia de quarenta e trez mil duzentos e oitenta reis. 43\$280

Dezembro, 18

Idem. Idem. o que consta do documento numero dez a quantia de cento e dez mil reis. 110\$000
[Total] 721\$880 [Folha 150v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Receita.

Transporte 250\$733

Maio, 7

Recebeo o Atual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** pelo aluguel de um Caixão com tampa a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Maio, 7

Idem. Idem de anual da Irmã **Marcolina** a quantia de mil e seicentos reis. 1\$600

Maio, 21

Idem. Idem pelo aluguer de um Caixão com tampa a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Maio, 27

Idem. Idem de um aluguer de uma catacumba a quantia de dez e seis reis. 16\$000

Maio, 31

Idem. Idem. de esmolos da caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Iziquiel de Figueiredo da Cunha** a quantia de nove mil trezentos e secenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 9\$360
[Total] 309\$693 [Folha 151]³⁴⁴ [Folha 151v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Receita.

Transporte 309\$693

Junho, 18

Recebeo o Atual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho**, pelo aluguer de uma Catacumba para anginho a quantia de oito mil reis. 8\$000

Junho, 20

Idem. Idem. pelo aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Junho, 30

Idem. Idem. das esmollas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Antônio Mourreira de Carvalho** a quantia de dez mil setecentos e vinte reis. 10\$720

³⁴⁴ Na folha 151 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 721\$880 réis (Despesa).
[N. do E.]

Julho, 5

Idem. Idem de anuaes a quantia mil duzentos e oitenta reis. 1\$280

Julho, 7

Idem. Idem. pelo aluguel do Caixão sem tampa a quantia de seis mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 6\$000
[Total] 339\$693 [Folha 152]³⁴⁵ [Folha 152v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Carvalho digo Estevão Candido de Carvalho
1859. Receita.

Transporte 339\$693

Julho, 31

Recebeo o Actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** das esmolas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Velocino de Araújo Bastos**, a quantia de cinco mil quinhentos e secenta reis. 5\$560

Agosto, 2

Idem. Idem. da venda de um Caixão com tampa para sepultar-ce a mulher de **Delfino Porto** a quantia de secenta e quatro mil reis. 64\$000

Agosto, 2

Idem. Idem. pelo aluguer de 21 Toxas para o Interro da mesma Senhora a quantia de seis mil setecentos e vinte reis. 6\$720

Agosto, 10

Idem. Idem pela venda de um Caixão para sepultar-ce **Delfino Gomes Porto** a quantia de oitenta mil reis³⁴⁶. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 80\$000
[Total] 495\$973 [Folha 153]³⁴⁷ [Folha 153v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Receita.

³⁴⁵ Na folha 152 não constam lançamentos de despesas, apenas a menção ao – Transporte – de 721\$880 réis. [N. do E.]

³⁴⁶ O Capitão Delfino Gomes Porto casou na matriz da Cachoeira pelas 10 horas da manhã de 10.02.1838, com Dona Mariana de Carvalho e Silva, filha legítima do capitão Luiz Carvalho da Silva e Dona Maria Francisca de Aragão, natural do povo de São Miguel, em Missões. O Capitão Delfino era filho legítimo do Tenente José Gomes Porto e de Dona Luzia Maria de Almeida (AHCMCS – Livro 3 de Casamentos de Cachoeira do Sul, folha 102). [N. do E.]

³⁴⁷ Na folha 153 não constam lançamentos de despesas, apenas a menção ao – Transporte – de 721\$880 réis (Despesas). [N. do E.]

Transporte 495\$973

Agosto, 10

Recebeo o Actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** pelo aluguer de 31 Toxas para o Interro de **Delfino Porto**, a quantia de nove mil novecentos e vinte reis. 9\$920

Agosto, 31

Idem. Idem. de esmolas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Paulo Francisco Claro**, a quantia de seis mil setecentos e oitenta reis. 6\$780

Setembro, 11

Idem. Idem. do aluguer do Esquife a quantia de dous mil reis. 2\$000

Setembro, 12

Idem. Idem. de anual do Irmão **Francisco** [escravizado] do **Liberato** [**Vieira da Cunha**], a quantia de trezentos e vinte reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** \$320
[Total] 514\$993 [Folha 154]³⁴⁸ [Folha 154v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Receita.

Transporte da receita 514\$993

Setembro, 22

Recebeo o Actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** do aluguer de doze toxas a quantia de trez mil oitocentos e quarenta reis. 3\$840

Setembro, 30

Idem. Idem do aluguer de um caixão com tampa a quantia de dez e seis mil reis. 16\$000

Setembro, 30

Idem. Idem. das esmolas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Sebastião Gomes dos Santos** a quantia de seis mil e quinhentos reis. 6\$500

Outubro, 18

Idem. Idem. do aluguer de uma Catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

³⁴⁸ Na folha 154 não constam lançamentos de despesas, apenas a menção ao – Transporte – de 721\$880 réis (Despesas). [N. do E.]

Outubro, 26

Idem. Idem do aluguer de uma catacumba a quantia de dezeseis mil reis. 16\$000

Outubro, 26

Idem. Idem, do aluguel de uma Toxa a quantia de trezentos e vinte reis. \$320

Outubro, 26

Idem. Idem pela venda de um Caixão com tampa para sepultar-ce a Mai do Commendador **Fontoura** a quantia de oitenta mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 80\$000

[Total] 653\$653 [Folha 155]³⁴⁹ [Folha 155v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho

1859. Receita.

Transporte da Receita 653\$653

Outubro, 26

Recebeo o Atual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** do aluguer de quarenta e oito toxas a quantia de quinze mil trezentos e cecenta reis. 15\$360

Outubro, 31

Idem. Idem das esmolos tiradas da caixinha neste mez pelo Irmão **Antônio Joaquim de Brito** a quantia de nove mil seicentos e quarenta reis. 9\$640

Novembro, 13

Idem. Idem de anuaes dos Irmãos a quantia de doze mil seicentos e oitenta reis. 12\$680

Novembro, 14

Idem. Idem da Intrada do Irmão **Joze Seriacco** a quantia de dois mil reis. 2\$000

Novembro, 14

Idem. Idem do aluguer de um caixão pequeno a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Novembro, 14

Idem. Idem do aluguer do esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

³⁴⁹ Na folha 155 não constam lançamentos de despesas, apenas a menção ao – Transporte – de 721\$880 réis (Despesas). [N. do E.]

Novembro, 18

Idem. Idem pela venda de um Caixão com tampa a quantia de oitenta mil reis. [a]

Estevão Candido de Carvalho [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 80\$000

[Total] 781\$333 [Folha 156]³⁵⁰ [Folha 156v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da

Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho

1859. Receita.

Transporte da Receita 781\$333

Novembro, 22

Recebeo o atual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** de anuaes do Irmão **Chagas** a quantia de mil duzentos e oitenta reis. 1\$280

Novembro, 25

Idem. Idem do aluguel de um caixão pequeno a quantia de seis mil reis. 6\$000

Novembro, 30

Idem. Idem das esmolas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Selestino dos Santos Xavier** a quantia de cinco mil e oitenta reis digo cinco mil quatrocentos e oitenta reis. 5\$480

Dezembro, 4

Idem. Idem do aluguer de um Caixão pequeno a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Dezembro, 8

Idem. Idem do aluguer de seis toxas para a festa de Santa Barbara a quantia de mil novecentos e vinte reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 1\$920

[Total] 800\$013 [Folha 157]³⁵¹ [Folha 157v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa de **Sam**

João Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho

1859. Receita.

Transporte da receita 800\$013

Dezembro, 19

Recebeo o atual thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** das Esmolas da Caixinha pregada na Igreja a quantia de seis mil e seicentos reis. 6\$600

³⁵⁰ Na folha 156 não constam lançamentos de despesas, apenas a menção ao – Transporte – de 721\$880 réis (Despesas). [N. do E.]

³⁵¹ Na folha 157 não constam lançamentos de despesas, apenas a menção ao – Transporte – de 721\$880 réis (Despesas). [N. do E.]

Dezembro, 19

Idem. Idem do aluguer de um Caixão com tampa a quantia de dezeceis mil reis.
16\$000

Dezembro, 19

Idem. Idem da Intrada da Irmã **Rita Umbelina de Cacia** a quantia de dois mil reis.
2\$000

Dezembro, 20

Idem. Idem do aluguer de uma Catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Dezembro, 25

Idem. Idem do anual do Irmão **Lourenço** [escravizado] de **João Lopes** a quantia
de seicentos e quarenta reis. \$640

Dezembro, 25

Idem. Idem de anuaes de diverços Irmãos a quantia de cinquenta e tres mil e
quatrocentos reis. 53\$400

Dezembro, 31

Idem. Idem das esmolas da caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Francisco Joze
Moureira** a quantia de vinte e ~~um mil quinhentos~~ novecentos e oitenta reis.³⁵² [a]
Estevão Candido de Carvalho [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 20\$980
[Total] 915\$633 [Folha 158]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Villa da
Cachoeira, Estevão Candido de Carvalho
1859. Despeza.

Transporte 721\$880

[Total das Receitas do ano de 1859] 915\$633

Saldo existente em cofre 193\$753 [Folha 158v]

[Termo de encerramento – Folhas 158v e 159]

Ao Primeiro dia do mez de Janeiro de mil oitocentos e cinquenta digo oitocentos e
secenta annos, nesta Villa de Nossa Senhora da Conceição da **Cachoeira** e no
Consistorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário, reunidos a Nova e Velha
Meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo Thezoureiro
Estevão Candido de Carvalho, e conferindo-se as contas da receita de Folhas 146v.
a Folhas 157 verço, com despezas de Folhas 147 a Folhas 158 do presente livro e

³⁵² Anotado na margem da página: “A entre linha diz 900 [a] **Fontoura**.” [N. dos E.]

verificou haver em saldo em cofre a quantia de sento e noventa e trez mil, setecentos e cincoenta e tres reis, cuja quantia passa della a tomar conta o novo Thezoureiro **Antônio Peixoto de Oliveira**, que presente se acha e que passa a servir no corrente anno, do que para constar faço este Termo que assigna a Nova e Velha Meza e tudo dou fé. Eu, **Francisco Gonçalves da Fontoura** Escrivão da Irmandade de que o escrevi e assignamos.

[a] **Estevão Candido de Carvalho**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Francisco das Chagas Lima**

Por **Paulo Joaquim Claro e**

Velocino de Araújo Bastos [a] **Francisco Chagas**

[a] **João Alves de Oliveira**

Por **Antônio de Britto** [a] **João Alves de Oliveira**

[a] **Pedro Victorino dos Reis**

[a] **Iziquiel da Cunha**

Pelo os andadores, **José de Menezes** [escravizado] e **Domingos de Noé** [escravizado]

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [Folha 159]

[a] **Pedro Victorino dos Reis**

O Thezoureiro [a] **Antônio Peixoto de Oliveira**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Francisco das Chagas Lima**

[a] **Narciso Peixoto de Oliveira Filho**

Por **Antônio Joaquim de Brito** [a] **Narciso**

[a] **Francisco Rodrigues Trelha**

Por **Francisco Antônio da Cunha e Velocino de Araújo Bastos**

[a] **Francisco Rodrigues Trelha**

[a] **Joze Seriacó de Lima**

[a] **João Alves de Oliveira**

[a] **Joze Francisco da Silva**

Por **Adão Custodio Leal e Paulo Joaquim Claro**

[a] **Joze Francisco da Silva**

Pelos os andôres

José [escravizado] **de Menezes e Lourenço Lopes** [a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [Folha 159v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira

1860. Receita

Janeiro, 1

Recebeo o Auctual Thezoureiro **Antônio Peixoto de Oliveira** do Saldo existente em cofre do anno passado a quantia de sento e noventa e trez mil setecentos e cincoenta e trez reis. 193\$753

Janeiro, 6

Idem. Idem de anuaes das Irmãs **Rita e Zeferina** a quantia de seicentos e quarenta.
\$540

Janeiro, 6

Idem. Idem da Intrada do Irmão **Delfino Antônio de Ciqueira** a quantia de dous
mil reis. 2\$000

Janeiro, 6

Idem. Idem do Aluguer do esquife. 2\$000

Janeiro, 31

Idem de Esmollas tiradas neste mês pelo Irmão **Rafael Pinto Bandeira**. 13\$520

Fevereiro, 1

Idem. Idem do aluguer do Esquife para uma escrava de Dona **Maria Francisca de
Loureto** a quantia de quatro mil reis.³⁵³ [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a]
Francisco Gonçalves da Fontoura 4\$000

[Total] 215\$915 [Folha 160]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Villa da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Despeza.

Janeiro, 9

Despendeo o actual Thezoureiro com uma chave para uma caixinha de tirar esmolas,
conforme o Documento número um a quantia de dous mil reis. 2\$000

Fevereiro, 7

Idem. Idem a importancia paga a **Rafael Pinto Bandeira** a quantia de onze mil
reis. Documento n° 2. 11\$000

Fevereiro, 12

Idem. Idem conforme a conta pelo Procurador a quantia de oito mil novecentos e
oitenta reis. Documento n° 3. 8\$980

Abril, 26

Idem. Idem com a compostura do telhado do consistório a quantia de onze mil
duzentos e vinte reis. Documento n° 4. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 11\$220
[Total] 33\$200 [Folha 160v]

³⁵³ Provavelmente trata-se da crioula Eufrásia, crioula, de 36 anos de idade, que faleceu em
14.01.1860, de Febre intermitente (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha
9v). [N. do E]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Receita.

Transporte da receita 215\$913

Fevereiro, 5

Recebeo o Actal Thezoureiro de anuaes e Intradadas de diverços Irmaos, conforme a nota do Procurador a quantia de vinte mil e cento e secenta reis. 20\$160

Março, 1

Idem. Idem das esmoladas da Caixinha tiradas neste mez pelo Irmão **Francisco Antônio da Cruz**, no mez de Fevereiro a quantia de dezoito mil seiscentos e quarenta reis. 18\$640

Abril, 1

Idem. Idem das esmoladas tiradas no mez de março pelo Irmão **Francisco da Chagas Lima**, a quantia de dez mil duzentos e vinte reis. 10\$220

Abril, 1

Idem. Idem a importância de um caixão vendido para o Comendador **Antônio Vicente da Fontoura** a quantia de quarenta mil reis. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 40\$000
[Total] 304\$933 [Folha 161]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Despeza.

Transporte da Despeza 33\$200

Abril, 26

Despendeo o Auctual Thezoureiro conforme o documento número cinco, a quantia de novecentos e secenta reis. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** \$960

Abril, 28

Idem. Idem constante do documento nº 6 a quantia de oito mil e secenta reis. 8\$060

Maio, 29

Idem. Idem constante do documento número 7 a quantia de quatro mil e quarenta reis. 4\$040

Junho, 14

Idem. Idem documento nº 8 a quantia de onze mil duzentos e oitenta reis. 11\$280

Junho, 14

Idem. Idem o que consta no documento nº 9 a quantia de cinco mil reis, com data de 21 de Maio. 5\$000

Agosto, 31

Idem. Idem setenta e dous Covados de tafetá branco a oitocentos reis o Côvado comprado a **Joze Martins Beltrão**, tudo importou em cincoenta e sete mil e duzentos reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 57\$600

[Total] 120\$140 [Folha 161v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira

1860. Receita.

Transporte da Receita 304\$933

Maio, 31

Recebeo o Actal thezoureiro **Antônio Peixoto de Oliveira** Esmollas tiradas neste mez pelo irmão **Antônio Joaquim de Brito** a quantia de dez mil cento e quarenta reis. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 10\$140

Maio, 31

Idem. Idem de anuaes do Irmão **Constantino** cinco mil e novecentos reis. 5\$900

Maio, 31

Idem do Aluguer de uma Catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Junho, 8

Idem. Idem das intradas da **Fortunata Maria de Jezus** e **Antônio Joze Vicente** a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Junho, 30

Idem das esmollas tiradas neste mez pelo Irmão **Francisco Rodrigues Trelha** a quantia de oito mil e oitocentos reis. 8\$800

Julho, 22

Idem. Idem da intrada de **Eusebio Antônio Simoens**, dous mil reis. 2\$000

Julho, 22

De anuaes do Irmão **Miguel** escravo do **João Teixeira**, seiscentos e quarenta. \$640

Julho, 31

De aluguel de duas toxas, oitocentos reis. \$800

Julho, 31

Idem das esmolas tiradas neste mez pelo Irmão **Velocino de Araújo Bastos**, doze mil cento e quarenta reis. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 12\$140

[Total] 365\$353 [Folha 162]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Despeza.

Transporte da despeza 120\$140

Agosto, 31

Despenseo o Actal thezoureiro com o que consta do Documento n° 10, a quantia de sete mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 7\$000

Setembro, 30

Idem. Idem com o interro do Irmão **Antônio Joaquim de Brito** e feito de nove opas de Ceda conforme a conta que apresentou o Procurador, a quantia de treze mil e duzentos reis. Documento n° 11. 13\$200

Outubro, 14

Idem. Idem com a conta do Reverendo Vigário para a festa da Irmandade Documento n° 12 a quantia de quarenta e seis mil reis. 46\$000

Outubro, 14

Idem. Idem conforme a conta n° 13 a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Outubro, 14

Idem. Idem com a conta n° 14 a quantia de vinte e quatro mil reis. 24\$000

Outubro, 14

Idem. Idem com a conta n° 15 a quantia de secenta e quatro mil reis. 64\$000

Outubro, 14

Idem. Idem com a conta n° 16 a quantia seis mil cento e vinte reis. 6\$120

Outubro, 14

Idem. Idem com a conta n° 17 a quantia trinta mil e duzentos reis. 30\$200

Outubro, 14

Idem. Idem com a conta n° 18 a quantia de nove mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 9\$000

[Total] 323\$660 [Folha 162v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Receita.

Transporte 365\$353

Agosto, 31

Recebeo o Actal thezoureiro esmollas tiradas neste mez pelo Irmão **Narciso Peixoto de Oliveira** a quantia de vinte mil quatrocentos e oitenta reis, no mez de Abril. 20\$480

Agosto, 31

Idem do Aluguer de um caixao quatro mil reis. 4\$000

Agosto, 31

Da Intrada da Irmã **Maria Luisa**. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 2\$000

Setembro, 1º

Idem. Idem das esmollas tiradas no mez de Agosto pelo Irmão **Joze Ciriaco de Lima** a quantia de oito mil e novecentos reis. 8\$900

Setembro, 1º

Idem da Cachachinha da Igreja a quantia de cetecentos e quarenta reis. \$740

Setembro, 1º

Idem. Idem da intrada do Irmão **Marcos Joze Rois** a quantia de dous mil reis. 2\$000

Setembro, 1º

Idem. Idem de joia de Irmão **Francisco Antônio da Cunha** a quantia de mil duzentos e oitenta reis. 1\$280

Setembro, 2

Idem. Idem de esmollas e anuaes hoje a quantia de quarenta e dous mil e quatrocentos reis. 42\$400

Setembro, 2

Idem. Idem mais a quantia de trezentos e vinte reis. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** \$320

[Total] 447\$473 [Folha 163]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Despeza.

Transporte da Despeza 323\$660

Outubro, 14

Despendeu o Actal Thezoureiro com o que consta a conta número 19, a quantia de mil e seiscentos reis. 1\$600

Outubro, 14

Idem. Idem com a conta nº 20 a quantia de vinte e um mil quatrocentos e oitenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 21\$480

[Total] 346\$740 [Folha 163v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Receita.

Transporte 447\$473

Setembro, 30

Recebeo o Actal Thezoureiro de Joia, Aluguer de um Caixao e esmollas deste mez tiradas pelo Irmão **João Alves** a quantia de dez e seis mil e oitenta reis. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 16\$080

Outubro, 31

Idem. Idem conforme a respectiva nota do Procurador, comprehendendo as esmollas por este tiradas neste mez, secenta e tres mil setecentos e quarenta reis. 73\$740

Novembro, 30

Idem. Idem conforme a respectiva nota do Procurador de esmollas tiradas pelo Irmão **Adão Custodio Leal** a quantia de quarenta e um mil e vinte reis. 41\$020

Novembro, 30

Idem. Idem de joia de Juíza de Dona **Maria Francisca de Loureto** a quantia de dez mil reis. [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** 10\$000

[Total] 578\$313 [Folha 164]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Antônio Peixoto de Oliveira
1860. Despeza.

Transporte da despeza 346\$740

[Total das receitas de 1860] 578\$313

Saldo existente em cofre 231\$573

[Termo de Encerramento – Folhas 164v e 165]

Aos dez e seis dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e secenta annos, nesta Cidade de **Sam João da Cachoeira** e no Consistório da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e reunidas a nova e velha Meza da mesma Irmandade, recenciarão-se as contas apresentadas pelo Thezoureiro **Antônio Peixoto de Oliveira**, conferindo-se as contas a receita de Folhas 159v a Folhas 163v, como verificou-se haver em saldo em cofre a quantia de duzentos e trinta e um mil quinhentos e setenta e trez reis, cujas contas se achão aprovadas com as notas do Procurador, que ficão arquivadas em poder do novo Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura**, que passa a receber o saldo existente acima; e para constar faço este Termo que assigna a Nova e Velha Meza e tudo dou fé: Eu, **Francisco Gonçalves da Fontoura** Escrivão da Irmandade que o escrevy e assignamos.

[a] **Pedro Victorino dos Reis**

[a] **Antônio Peixoto de Oliveira**

[a] **Joze Francisco da Silva**

[a] **Raphael Pinto Bandeira**

[a] **Narcizo Peixoto de Oliveira Filho**

[a] **Francisco Antônio da Crus Narcizo**

Pelo **Paulo Joaquim Claro**

[a] **Antônio da Costa Rocha**

[a] **Velocino de Araújo Bastos**

Por **Adão Costodio Leal**

[a] **Joze Francisco da Silva**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [Folha 165]

À rogo do Juiz **Paulo Joaquim Claro**

[a] **Antônio da Costa Rocha**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Delfino Antônio de Siqueira**

Por **Joze Gonçalves Roque**

Francisco Antônio da Cunha

[a] **Joze Francisco da Silva**

Por **Manoel Joze Barboza**

e **Firmino Antônio da Silva**

e **Bento Francisco de Andrada**

[a] **Antônio da Costa Rocha**

Por **Francisco Antonio Joze de Barcellos, Thomaz Joze da Rosa, Jacintho Manoel de São Felix** [a] **Antônio Peixoto de Oliveira** [Folha 165v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1860. Receita.

Dezembro, 16

Recebeo o Thezoureiro **Francisco Gonsalves da Fontoura** dinheiro existente em cofre entregue pelo ex Thezoureiro **Antônio Peixoto de Oliveira** a quantia de duzentos trinta um mil quinhentos e setenta e tres reis. [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura** e o Escrivão Interino [a] **Antônio da Costa Rocha** 231\$573

Dezembro, 20

Idem. Idem de Anuais, recebido em meza de vários Irmãos a quantia de cinco mil e novecentos reis. 5\$900

Dezembro, 31

Idem. Idem de Ismolos tiradas pelo Irmão **Paulo Joaquim Claro** dezoito mil e trezentos reis. O Escrivão [a] **Antônio da Costa Rocha** 18\$300

[Total] 255\$773 [Folha 166]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Despeza.

Janeiro, 30

Despendeo o atual Thezoureiro com trinta quadros de Folha para a nomeração das Catacumbas a quantia de tres mil e seiscentos reis. 3\$600

Janeiro, 30

Idem mais com a capinação do cemitério a quantia de quatro mil quatrocentos e quarenta reis. Documento número um. O escrivão [a] **Antônio da Costa Rocha** 4\$440

Março, 10

Idem. Idem com cál e cervente para o feixe de uma catacumba a quantia de dois mil duzentos e quarenta reis. Documento número dois. O escrivão [a] **Antônio da Costa Rocha** 2\$240

[Total] 10\$280 [Folha 166v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Receita.

Transporte da Receita 255\$773

Janeiro, 20

Recebeo o Atual Thezoureiro do aluguel de um caixão pequeno a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Janeiro, 28

Idem. Idem a importância de treze fuguetes vendidos a quantia de quatro mil e quatrocentos reis. 4\$400

Janeiro, 28

Idem mais aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Janeiro, 28

Idem mais de sete libras digo libras de Sera em lágrima a quantia de onze mil e duzentos reis. [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura** O Escrivão Interino [a] **Antônio da Costa Rocha** 11\$200
[Total] 279\$373 [Folha 167]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Despeza.

Transporte da despeza 10\$280

Março, 10

Despendeo o actual Thezoureiro com a pintura da numeração dos lembretes das Catacumbas a quantia de quatro mil e oito centos. Documento número treze. 4\$800

Abril, 28

Idem. Idem com o sofráje para a Irmam Imferma **Ignacia Simoes** a quantia de dois mil quinhentos e secenta reis. 2\$560

Maió, 20

Idem. Idem para a capinação do Semitério conforme documento número quatro a quantia de sete mil reis. 7\$000

Setembro, 30

Idem. Idem do que consta da conta e documento número cinco a quantia de novecentos e secenta reis. \$960

Novembro, 24

Idem. Idem com a Incarnação do Croxifixio da banquetta da Irmandade a quantia de dez mil reis conforme o documento número seis. [a] **Antonio da Costa Rocha** Escrivão Interino 10\$000
[Total] 35\$600 [Folha 167v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Receita

Transporte da Receita 279\$373

Janeiro, 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas tiradas neste mez pelo Irmão **Joze Roque** a quantia de onze mil e secenta reis. 11\$600

Janeiro, 31

Idem mais de anoais joias cobradas neste mez oito mil seiscentos e quarenta reis. 8\$640

Fevereiro, 7

Idem. Idem de sete tochas que aluguei a quantia de dois mil duzentos e quarenta reis. 2\$240

Fevereiro, 7

Idem mais do aluguel de um caixão pequeno a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Fevereiro, 7

Idem mais de entrada de um Irmão **Manoel Cardozo** a quantia de dois mil reis. [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura** O escrivão interino [a] **Antônio da Costa Rocha** 2\$000

[Total] 307\$850 [Folha 168]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da

Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1861. Despeza.

Transporte da despeza 35\$600

Dezembro, 26

Despendeo o actual Thezoureiro com a Missa [Cantada] no dia oito de Outubro corrente anno a quantia de cinco mil reis. Documento número sete. 5\$000

Dezembro, 26

Idem. Idem com fita e alfinetes para emfeites do andor de Nossa Senhora a quantia de mil quatrocentos e oitenta reis. Documento número oito. 1\$480

Dezembro, 26

Idem. Idem de dezanove e meia libras de velas de cera a quantia de trinta e cinco mil e cem reis. Documento número nove. 35\$100

Dezembro, 26

Idem. Idem com flores para enfeites do andor comprada em vinte e nove de novembro a quantia de nove mil reis. Documento número dez. 9\$000

Dezembro, 26

Idem. Idem com os fogos e trabalho do fogueiteiro a quantia de oitenta de sete mil e quatrocentos reis. Documento n° onze. 87\$400

Dezembro, 26

Idem. Idem com a Muzica para a Missa e procição a quantia de secenta e quatro mil reis. Documento n° doze. [a] **Antônio da Costa Rocha** 64\$000
[Total] 237\$580 [Folha 168v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Receita.

Transporte da receita 307\$853

Fevereiro, 11

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel de oito tochas a quantia dois mil quinhentos e cecenta. 2\$560

Fevereiro, 11

Idem mais de anuais de vários Irmãos a quantia de oito mil secenta e quarenta reis. 8\$640

Fevereiro, 29

Idem. Idem das esmolas da caixinhas tiradas neste meis pelo Irmão **Francisco Antônio da Silva** a quantia de deis mil e setecentos reis. 10\$700

Fevereiro, 29

Idem. Idem do aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Março, 12

Idem. Idem do aluguel de catorze tochas e um caixão a quantia de vinte mil quatrocentos e oitenta reis. 20\$480

Março, 12

Idem. Idem do aluguel de um esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Março, 31

Idem do aluguel de um caixão sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Março, 31

Idem. Idem das ismolas da Caixinha tirada pelo Irmão **Firmino Antônio da Silva** a quantia de doze mil setecentos e secenta reis. O Thezoureiro [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** Escrivão Interino 12\$760
[Total] 374\$995 [Folha 169]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Despeza.

Transporte 237\$580

Dezembro, 26

Despendeo o actual Thezoureiro com armação da Igreja e aluguel de vestimenta para Anjos a quantia de cento e doze mil reis. Documento n° 13. 112\$000

Dezembro, 26

Idem. Idem cartuxo de confeito para os Anjos a quantia de nove mil reis. Documento n° 14. 9\$000

Dezembro, 26

Idem. Idem com a Provizão para espor o Sacramento a quantia de dois mil e oitocentos reis. 2\$800

Dezembro, 26

Idem. Idem aos padres, acólitos e sacristãos e fabrica a quantia de quarenta mil reis. Documento n° 15. 40\$000

Dezembro, 29

Idem. Idem com que consta do Documento n° 16 a quantia de cinco mil seiscentos e secenta reis. [a] **Antônio da Costa Rocha** 5\$660
[Total] 407\$640 [Folha 169v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Receita.

Transporte 374\$993

Abril, 3

Recebeo o atual Thezoureiro do aluguel de um caixão pequeno a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Abril, 24

Idem. Idem de meia libra de cera vendida por oitocentos reis. \$800

Abril, 24

Idem mais de anual da Irmã **Jacinta** trezentos e vinte reis. \$320

Abril, 24

Idem mais do aluguel do isquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Abril, 30

Idem. Idem das esmolas da caixinha tirada neste meis por promessa o Irmão **Fortunato Carpes** a quantia de doze mil duzentos e quarenta reis. 12\$240

Maio, 6

Idem. Idem de aluguel de uma catacumba para anjo a quantia de oito mil reis. 8\$000

Maio, 22

Idem. Idem de um caixão vendido por secenta mil reis. 60\$000

Maio, 22

De aluguel de uma catacumba a quantia de dezaseis mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 16\$000

[Total] 480\$353 [Folha 170]³⁵⁴ [Folha 170v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1861. Receita.

Transporte 480\$353

Maio, 22

Recebeo o atual Thezoureiro o aluguel de dezoito tochas cinco mil setecentos e secenta reis. 5\$760

Maio, 31

Idem. Idem das esmolas da caixinha tirada neste meis pelo Irmão **Manoel Joze Barboza** a quantia de deis mil setecentos e vinte. 10\$720

Junho, 26

Idem. Idem do aluguel do esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Junho, 26

Idem mais de quatro fuguetes a mil secenta reis. 1\$600

Junho, 30

Idem. Idem das esmolas da caixinha tirada neste meis pelo Irmão **Bento Francisco de Andrade** a quantia de onze mil oitocentos e quarenta reis. 11\$840

³⁵⁴ Na folha 170 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 407\$040 réis (Despesas).
[N. do E.]

Julho, 31

Idem. Idem das esmolas da caixinha tirada neste meis pelo Irmão **Delfino Antônio de Cerqueira** a quantia de doze mil novecentos e quarenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 12\$940

[Total] 527\$213 [Folha 171]³⁵⁵ [Folha 171v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Receita.

Transporte da receita 527\$213

Julho, 30

Recebeo o atual Thezoureiro do aluguel do esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Agosto, 12

Idem. Idem do aluguel de um Caixão pequeno a quantia de dois mil reis. 2\$000

Agosto, 12

Idem mais do aluguel da catacumba para um anjo a quantia de oito mil reis. 8\$000

Agosto, 31

Idem. Idem das esmolas da caixinha tirada neste mez pelo Irmão **Pedro Antônio de Barcellos** a quantia de oito mil quatrocentos e vinte reis. 8\$420

Setembro, 15

Idem. Idem do aluguel de um caixão com tampa a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Setembro, 15

Idem mais do aluguel de trinta e cinco tochas a quantia de onze mil e dozentos reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 11\$200
[Total] 576\$833 [Folha 172]³⁵⁶ [Folha 172v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Receita.

Transporte da receita 576\$833

³⁵⁵ Na folha 171 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 407\$040 réis (Despesas).
[N. do E.]

³⁵⁶ Na folha 172 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 407\$040 réis (Despesas).
[N. do E.]

Setembro, 15

Recebeo o atual Thezoureiro do caixão pequeno a quantia de quatro. 4\$000

Setembro, 22

Idem. Idem de joias e anuaes recebidos em meses a quantia de quatro mil e novecentos reis. 4\$900

Setembro, 30

Idem. Idem das esmolas da caixinha tiradas neste meis pelo Irmão **Joze da Cunha** a quantia de cinco mil quatrocentos e cecenta reis. 5\$460

Setembro, 30

Idem. Idem da intrada de **Mateus** [escravizado] de Dona **Luiza Gomes Pereira** e de **Silvana** [escravizada] de Dona **Inocencia Coelho Leal** a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Setembro, 30

Idem mais de anuaes a quantia de três mil setecentos e secenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 3\$760

[Total] 598\$953 [Folha 173]³⁵⁷ [Folha 173v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Receita.

Transporte 598\$953

Outubro, 31

Recebeo o atual Thezoureiro das esmolas tiradas na Caixinha neste mêz pelo o Irmão **Luiz Joze Pereira** a quantia de nove mil e trezentos reis. 9\$300

Novembro, 2

Idem. idem de anuaes e joias recebido a quantia de quatro mil e cem reis. 4\$100

Novembro, 30

Idem. idem das esmolas para ajuda da Festa dada pelos os empregados da meza segundo consta na Acta lavrada em seu livro competente folha vinte e nove a quantia de quinze mil reis. 15\$000

³⁵⁷ Na folha 173 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 407\$040 réis (Despesas).
[N. do E.]

Idem. idem das esmoladas da caixinha pelo Irmão **Laurenço Lopes de Moraes** a quantia de sete mil novecentos e oitenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** Escrivão Interino 7\$980
[Total] 635\$333 [Folha 174]³⁵⁸ [Folha 174v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da Cachoeira **Francisco Gonçalves da Fontoura**
1861. Receita.

Transporte 635\$333

Dezembro, 1º

Recebeo o actual Thezoureiro de anoaes e joias dos Irmãos a quantia de vinte e nove mil e oitenta reis. 29\$080

Dezembro, 1º

Idem. mais de esmoladas para ajuda da Festa do Irmão **Rogério** a quantia de três mil e seiscentos reis. 3\$600

Dezembro, 1º

E de Irmão **Pedro** a quantia de dois mil e quatrocentos reis. 2\$400

Dezembro, 1º

Do Irmão **Berto** a quantia de dois mil reis. 2\$000

Dezembro, 1º

Do Irmão **Joze Argolo** a quantia de setecentos e vinte reis. \$720

Dezembro 1º

Idem com que contribui o mesmo Thezoureiro a quantia de desaceis mil reis. 16\$000

Dezembro, 22

Idem. idem de anoaes e joias de vários Irmãos a quantia de vinte e quatro mil duzentos e oitenta reis como consta na relação do Procurador nesta data. Thezoureiro [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** Escrivão Interino 24\$280
[Total] 713\$413 [Folha 175]³⁵⁹ [Folha 175v]

³⁵⁸ Na folha 174 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 407\$040 réis (Despesas).
[N. do E.]

³⁵⁹ Na folha 175 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 407\$040 réis (Despesas).
[N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario nesta Cidade da
Cachoeira **Francisco Gonçalves da Fontoura**
1861.Receita

Transporte 715\$413

Dezembro, 26

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel de um caixão com tampa a quantia de desaseis mil reis. 16\$000

Dezembro, 26

Idem. Idem de joias e anuais do Irmão **Francisco Trelha** a quantia quatro mil cento e sessenta. 4\$160

Dezembro, 26

Idem. Idem do aluguel de vistimenta para um anjo dada pelo Irmão **Vasco Goveia** a quantia de onze mil reis. 11\$000

Dezembro, 29

Idem. Idem de joias e anuaes a quantia de dois mil e seiscentos reis. 2\$600

Dezembro, 29

Idem. Idem da esmola do Irmão **Paulo Joaquim Claro** para ajuda da Festa a quantia de vinte e sete mil reis. 27\$000

Dezembro, 29

Idem. Idem das esmolas das cachinhas tiradas neste meis pello Irmão **Jacinto Manoel de São Felis** a quantia deis mil novecentos e vinte reis. 10\$920

Dezembro, 29

Idem. Idem do aluguel de doze tochas a quantia três mil e oito cento e quarenta reis. [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 3\$840
[Total] 788\$933 [Folha 176]³⁶⁰ [Folha 176v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário nesta Cidade da
Cachoeira **Francisco Gonçalves da Fontoura**
1861. Receita.

Transporte 788\$933

Dezembro, 29

Recebeo o Thezoureiro Actual de esmolas tiradas para ajuda da Festa pelo Irmão **Paulo Joaquim Claro** a quantia de trinta e dois mil reis. 32\$000

³⁶⁰ Na folha 176 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 407\$040 réis (Despesas).
[N. do E.]

Dezembro, 29

Idem mais do anual do Irmão **João Baptista** a quantia de trezentos e vinte reis. [a]

Francisco Gonsalves da Fontoura [a] **Antônio da Costa Rocha** \$320

[Total] 821\$253 [Folha 177]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário nesta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1861. Dezpeza

Transporte da dezpeza 407\$040

[Total da receita de 1861] 821\$253

Saldo existente em coffre – 414\$213

[Termo de Encerramento – Folhas 176v, 177, 177v e 178]

Aos vinte nove dias do meis de Dezembro de mil oitocentos e secenta e um annos, nesta Cidade de **Sam João da Cachoeira** e no consistório da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário, hai reunidos a nova e velha meza da mesma Irmandade, recencenciarão as contas apresentadas pelo o Thezoureiro. Conferindose as contas, a receita e despesas a Folhas 176 e 177 e como verificou-se haver em saldo a favor da Irmandade a quantia de quatrocentos e quatorze mil duzentos e treze reis cujas contas se achão comprovadas com as notas do Procurador, que ficão arquivadas no poder do reeleito Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura**, que passa a receber o saldo existente asima mencionado. E para constar faço este Termo que asigna a nova e velha meza. E tudo dou Fé. Eu **Antonio da Costa Rocha** Escrivão Interino da Irmandade que o escrevi e assignamos.

[Assinaturas na folha 177v]

Por **Paulo Joaquim Claro**

[a] **Joze Francisco da Silva**

O Thezoureiro [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

Por **Rogério Almada e Bento Francisco de Andrade**

[a] **Francisco da Silva**

Por **Manoel Joze Barboza e Joze Roque e Pedro Antônio de Barcelos e Jacinto Manoel de Sam Felis e Thomas Joze da Roza**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

O Escrivão Interino [a] **Antônio da Costa Rocha**

[Assinaturas na folha 178]

O Thezoureiro [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Manoel Francisco Cardozo**

[a] **Joze Francisco da Silva**

Por **Paulo Joaquim Claro e Rogério Almada e João Baptista Bandeira e Marcos Joze Roiz** digo Por **Antônio Joze Morais**

[a] **Joze Francisco da Silva**

[a] **Velocino de Araujo Bastos**

Por **Joze Vicente de Barcelos** e **Matheus Gomes Pereira** e **Domingos Francisco Lais**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

O Escrivão Interino

[a] **Antônio da Costa Rocha**

Visto em vizita nesta cidade da **Cachoeira** aos 28 de Fevereiro de 1862. Louvamos muito a Irmandade de N. S. do Rozário pelo cumprimento de seus deveres, e zelo que tem tido em suffragar as almas de seus Irmãos fallecidos. Exhortamos para que tenham um livro destinado unicamente para as certidões de missas a fim de evitar toda e qualquer confusão na vizita futura. **S. Bispo do Rio Grande do Sul.** [Folha 178v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1862.Receita

Janeiro, 1

Recebeo o actual Thezoureiro asima mencionado çaldo existente em cofré a quantia de quatrocentos quatorze mil duzentos e treze reis. 414\$213

Janeiro, 1

Idem. Idem do aluguel de um Esquife a **João Lopes de Morais Filho** a quantia de mil e seiscentos reis, ficando restando dois mil quatrocentos. 1\$600

Janeiro, 2

Idem. Idem do aluguel de um caixão com tampa a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Janeiro, 2

Idem. Idem do aluguel da Catacumba número 10 a quantia de dezaseis mil reis. 16\$000

Janeiro, 11

Idem. Idem por conta do aluguel de um caixão sem tampa para **Fernandes Simoes Teixeira** a quantia de dois mil reis, ficando restando seis mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 2\$000

[Total] 449\$813 [Folha 179]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1862. Despeza

Janeiro, 1

Despendeo o Actual Thezoureiro com o jornal de um Preto para cervir na Festa no dia vinte seis do meis passado a quantia de duzentos e quarenta reis.

\$240

Janeiro, 19

Idem com o sufrajo ao Irmão desvalido **Francisco Correia** a quantia de quatro mil reis, documento N° 1.

Fevereiro, 3

Idem. Idem com um alqueire de cál e um cervente e o feixo da Catacumba N° 20 para o Irmão **Francisco Correia** a quantia de treis mil novecento e vinte reis, documento N° 1. 3\$920

Fevereiro, 3

Idem. Idem com o que consta o documento N° 2 a quantia de cinco mil trezentos e secenta reis. 5\$360

Fevereiro, 11

Idem com o feixo da Catacumba N° 12 para Irmã **Furtunata Maria de Jezus** a quantia de dois mil reis. 2\$000

Fevereiro, 11

Idem com Cál e cervente a quantia de dois mil trezentos vinte reis, documento N° 1. 2\$320

Fevereiro, 11

Idem. Idem com Cál para Caiar as Catacumbas todas da Irmandade a quantia de dois mil novecento secenta reis. [a] **Antônio da Costa Rocha** 2\$960

[Total] 20\$800 [Folha 179v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1862. Receita.

Transporte da receita 449\$813

Janeiro, 29

Recebeo o Actual Thezoureiro do aluguel de secenta Toxa a quantia de dezanove mil e duzentos reis. 19\$200

Janeiro, 31

Idem. Idem das Esmolas da Caixinha tirada neste meis pelo Irmão **Paulo Joaquim Claro** a quantia de oito mil quatrocento e quarenta reis. 8\$440

Fevereiro, 5

Idem. Idem de sete libras de Cera vendida a quantia de oito mil novecento e secenta reis. 8\$960

Fevereiro, 22

Idem. Idem do aluguel de uma Catacumba número 8 a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Fevereiro, 23

Idem. Idem do aluguel da Catacumba N° 17 a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Fevereiro, 28

Idem. Idem das Esmolas da Caixinha tiradas neste meis pelo Irmão **Rogério Almada** a quantia de oito mil novecentos reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 8\$900

[Total] 527\$313 [Folha 180]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1862. Despeza.

Transporte da Despeza 20\$800

Fevereiro, 16

Despendeo o Actual Thezoureiro com o Pedreiro para rebocar e caiar as Catacumba da Irmandade a quantia de cinco mil setecento e quarenta reis. [a] **Antônio da Costa Rocha** 5\$740

Fevereiro, 16

Idem com o jornal de um Preto para lavar o Consistório da Irmandade a quantia de um mil reis. 1\$000

Fevereiro, 17

Idem com a capinação do Simitério a quantia de sete mil reis. 7\$000

Fevereiro, 17

Idem com barris de água, lavage de toalhas e uma vaçoura de Piasaba a quantia de oitocento e secenta reis. Documento N° 1. \$860

Junho, 1

Idem. Idem com que consta do documento N° 2 a quantia de quatro mil quatrocento e quarenta reis. 4\$440

Julho, 31

Idem. Idem com que consta no documento N° 3 a quantia de oito mil quinhentos reis. 8\$500

Agosto, 21

Idem. Idem com cento e oito Missas por Alma dos Irmãos falecido como consta no documento N° 4 a quantia cento e trinta mil duzentos e quarenta reis. 130\$240

Outubro, 6

Idem. Idem com o que consta do documento N° 5 a quantia de seis mil e oitocento reis. [a] **Antônio da Costa Rocha** 6\$800

[Total] 193\$380 [Folha 180v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1862. Receita.

Transporte da receita 527\$313

Março, 19

Recebeo o Actual Thezoureiro os Anuais da Irmanã **Janoaria** [escravizada] de **Feliciano Carvalho Prates**³⁶¹ a quantia de mil e seiscentos reis. 1\$600

Março, 19

Idem mais da entrada do Irmão **Amanco** Escravo de **Lobério da Silva Bandeira** a quantia de mil e seiscentos reis. 1\$600

Março, 31

Idem. Idem da esmola tirada neste meis pelo Irmão **Euzebio Simoes** a quantia de onze mil quatro-cento e vinte reis. 11\$420

Abril, 8

Idem. Idem da Esmola dada pela **Maria** Escrava de **Francisco da Silva Moura** a quantia de oito mil seiscentos reis³⁶². 8\$600

Abril, 8

Idem do aluguel de um [caixão] de Anginho a quantia de dois mil reis. 2\$000.

³⁶¹ Feliciano de Carvalho Prates foi sepultado no cemitério de Cachoeira, em 13 de dezembro de 1881, aos 60 anos de idade, *presumíveis*, descrito com branco, natural desta província e sem causa morte (AHCMCS – Livro de Óbitos n° 6 de Cachoeira do Sul, p. 62v). [N. do E.]

³⁶² Maria, então com 56 anos, faleceu em 10.10.1865, de hipertrofia do fígado, ainda escravizada de Francisco José da Silva Moura (AHCMCS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 14v). [N. do E.]

Abril, 8

Idem de aluguel de vinte e oito Thochas a quantia de oito mil novecento e cecenta reis. 8\$960

Abril, 8

Idem mais do aluguel do Caixão sem tampa seis mil e quatro cento reis. 6\$400

Abril, 8

Idem mais de Anuaes da Irmã **Thereza Maria de Jesus** a quantia de mil novecento e vinte. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 1\$920

[Total] 569\$813 [Folha 181]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1862. Despeza

Transporte da Despeza 193\$380

Novembro, 19

Despendeo o actual Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** com o que consta no documento N° 6 a quantia de dois mil quinhento e vinte reis. 2\$520

Dezembro, 24

Idem. Idem com uma dúzia de Toxa com quarenta e uma libras a mil cecenta reis emportou em cecenta e cinco mil seiscentos reis o que conta o Documento N° 8. [a] **Antônio da Costa Rocha** 65\$600

[Total] 261\$500 [Folha 181v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1862. Receita.

Transporte da Receita 569\$813

Abril, 26

Recebeo o actual Thezoureiro do Aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Abril, 30

Idem. Idem das esmolas da caixinha tirada neste meis pelo Irmão **Joze Francisco da Silva** a quantia de sete mil quatrocento e quarenta reis. 7\$440

Maió, 6

Idem. Idem de seis fuguetes a quantia de dois mil quatrocentos. 2\$400

Maio, 6

Idem o resto da entrada do Irmão **Amanco** a quantia de quatrocentos reis. \$400

Maio, 31

Idem. Idem da esmola da caixinha tirada pelo Irmão **Velocino de Araújo Basto** a quantia oito mil trezentos. 8\$300

Junho, 7

Idem. Idem por conta que devia a Irmandade **Euzebio Simoes** a quantia de mil seiscentos. 1\$600

Junho, 7

Idem. Idem da entrada do Irmão **Ignacio** Escravo de **Izaias Baptista** a quantia de dois mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 2\$000

[Total] 595\$953 [Folha 182]³⁶³ [Folha 182v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1862. Receita.

Transporte da Receita 595\$953

Junho, 14

Recebeo o actual Thezoureiro de aluguel de um caixão pequeno a quantia de dois mil reis. 2\$000

Junho, 14

Idem de Anoaes que devia o Irmão **Manoel** Escravo de **Alexandre Coelho Lial** a quantia de cinco mil cento e vinte reis.³⁶⁴ 5\$120

Junho, 30

Idem das esmolas da caixinha tirada pelo Irmão **Domingo** [escravizado] do **Noé** a quantia treze mil seiscento e cecenta reis. 13\$660

Julho, 13

Idem. Idem do aluguel de quatorze thoxas a quantia de quatro mil quatrocentos e quarenta reis. 4\$440

³⁶³ Na folha 182 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 261\$500 réis (Despesas). [N. do E.]

³⁶⁴ O preto Manoel, crioulo, com 40 anos de idade, e ainda escravizado por Alexandre Coelho Leal, faleceu em 18.07.1862 de alienação mental (AHCMS – Livro 5 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 6v). [N. do E.]

Julho, 13

Idem de trinta e uma thóxas a quantia nove mil novecento e vinte. 9\$920

Julho, 31

Idem das esmolas da cachinha tirada pelo Irmão **Matheus** [escravizado] de **Joaquim Gomes** a quantia de quinze mil seiscento e vinte reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 15\$620
[Total] 646\$713 [Folha 183]³⁶⁵ [Folha 183v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1862. Receita.

Transporte da Receita 646\$713

Agosto, 1

Recebeo o actual Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** de esmola dada pelo Senhor **Joaquim Rabello** a quantia de dezaseis mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 16\$000

Agosto, 31

Idem. Idem das esmolas da caixinha tirada neste meis pelo Irmão **João Baptista Bandeira** a quantia de dezaceis mil trezentos reis. 16\$300

Setembro, 12

Idem. Idem do anual da Irmã **Jacinta Bandeira** a quantia de trezentos e vinte reis. \$320

Setembro, 12

Idem de aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Setembro, 26

Idem. Idem do aluguel de Onze tocha a quantia de três mil quinhento e vinte reis. 3\$520

Setembro, 26

Idem de anuaes da finada Irmã **Anna Francisca Xavier** a quantia de dois mil duzentos e quarenta reis. 2\$240
[Total] 689\$093 [Folha 184]³⁶⁶ [Folha 184v]

³⁶⁵ Na folha 183 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 261\$500 réis (Despesas).
[N. do E.]

³⁶⁶ Na folha 184 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 261\$500 réis (Despesas).
[N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1862. Receita.

Transporte da Receita 689\$093

Setembro, 28

Recebeo o actual Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** das Esmolas da caxinha tirada neste meis pelo Irmão **Manoel Francisco Cardozo** a quantia de deis mil seiscentos e quarenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 10\$640

Outubro, 31

Idem. Idem de Anuaes da Irmã **Joaquina** [escravizada] do Finado **Anastacio** e da Irmã **Anna Francisca de Loreto** e da Irmã **Vicencia Cristina** a quantia de três mil quinhentos e vinte reis. 3\$520

Outubro, 31

Idem do tiramento de Esmolas do Irmão **João Baptista** e de **Francisco da Cunha** a quantia de quatro mil seiscentos reis. 4\$600

Outubro, 31

Idem das Esmolas da caxinha tirada neste meis pelo Irmão **Antônio** [escravizado] **do Firminianno** a quantia de doze mil reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 12\$000
[Total] 719\$853 [Folha 185]³⁶⁷ [Folha 185v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1862. Receita.

Transporte da Receita 719\$853

Novembro, 1º

Recebeo o actual Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** do aluguel de vinte e quatro tochas a quantia de sete mil seiscentos e oitenta reis. 7\$680

Novembro, 30

Idem. Idem da joia do Irmão **Marco Joze Rodrigues** a quantia de mil duzentos e oitenta reis. 1\$280

³⁶⁷ Na folha 185 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 261\$500 réis (Despesas).
[N. do E.]

Novembro, 30

Idem das entradas dos Irmãos **Antônia** [escravizada] **de Antônio Nunis de Castro** e **Bernardo Marques de Souza** a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Novembro, 30

Idem do aluguel do Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Novembro, 30

Idem de esmolas da Caxinha tirada neste meis pelo Irmão **Joze Barcellos** a quantia de treze mil quinhentos e quarenta reis. 13\$540

Novembro, 30

Idem do Anual da Irmã **Albina** a quantia de trezentos e vinte reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** \$320
[Total] 750\$673 [Folha 186]³⁶⁸ [Folha 186v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura

1862. Receita.

Transporte da Receita 750\$673

Recebeo o actual Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** de Joias dos Irmãos **Velucino de Araújo Bastos, Euzebio Simões, de Matheos Gomes, Antônio** [escravizado] **do Firminianno, João Baptista, Joze Vicente** a quantia de sete mil seiscentos e oitenta reis. 7\$680

Idem da Joia do Rei e mais mil duzentos reis por conta da dívida antiga a quantia de sete mil oitocentos reis. 7\$800

Do tiramento de esmola do Irmão **Joze Vicente** e de **Euzebio Simoes** a quantia de quatro mil cento secenta reis. 4\$160

De Anuaes de vários irmãos a quantia de quatro mil trezentos e vinte reis. 4\$320

De tiramento de esmola do Irmão **Vilucino de Araújo Bastos** a quantia dois mil quinhentos e secenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Antônio da Costa Rocha** 2\$560

[Total] 777\$193 [Folha 187]

³⁶⁸ Na folha 186 não constam lançamentos, apenas o – Transporte – de 261\$500 réis (Despesas).
[N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
 1862. Despezas

Transporte da Despezas 261\$500

[Total das Receitas de 1862] 777\$193

Saldo existente em cofre 515\$693

[Termo de Encerramento – Folhas 187v e 188]

Aos trinta e um dias do mez de dezembro de mil oitocentos e sessenta e dous annos nesta igreja matriz e no consistorio da irmandade de N. Sra. do Rozario reunida a nova e velha meza recenciarão as contas apresentadas pello Thezoureiro conferindo-se as contas, a receita e a despesa as Folhas 178 a 187 de cujas contas se achão comprovadas com notas do Procurador que ficão archivadas no poder do reeleito Thezoureiro **Francisco Gonsalves da Fontoura** que passa a receber o saldo existente acima mencionado a quantia de quinhentos e quinze mil seiscentos e noventa e trez reis. Que passa a receber o saldo existente assima mencionado e para constar passo este Termo que assidna a nova e velha meza comigo **Francisco das Chagas Lima** escrivão interino que escrevi e assinei.

[Assinaturas na folha 187v]

O Thezoureiro [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

O Presidente [a] **Joaquim Anastácio de Souza**

Por **Paulo Joaquim Claro** [a] **Francisco Rodrigues Trilha**

Por **Jose Vicente**

Por **Eusebio Antonio Simoes** [a] **Francisco Rodrigues Trilha**

Por **Rogério Almada** e **João Batista Bandeira** e **Matheos** [escravizado] de D. **Luiza Gomes** e **Marcos José Rodrigues**

[a] **Francisco das Chagas Lima**

O escrivão interino [a] **Francisco das Chagas Lima**

[Assinaturas na folha 188]

Juiz [a] **Joaquim Gomes de Carvalho**

O Thezoureiro [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

O procurador [a] **Joaquim Anastacio de Souza**

Por **Rogério Pinto Bandeira** e **Antonio Jose Vicente** e **Jose Gonçalves da Costa** e **Ignacio Batista** [a] **Francisco das Chagas Lima**

Por **Anastacio Bandeira** e **Euzebio Anastacio Simoes**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

Por **Joao Miguel de Barros**

[a] **Pedro Jose de Barcellos**

[a] **Bernardo Marcos de Souza**

[a] **Francisco de Rodrigues Trilha** [Folha 188v]

O Thezoureiro desta irmandade de N. Sra. do Rosário desta cidade **Francisco
Gonçalves da Fontoura**
1863. Receita.

Transporte 217\$493

Janeiro, 10

[Mancha de tinta] Recebeu o atual Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** o saldo existente em cofre na quantia de quinhentos e quinze mil seiscentos e noventa e três. 515\$693

Janeiro, 20

Idem Idem do alluguel de um Caixão sem tampa 12 tochas a quantia de onze mil oitocentos e quarenta reis. 11\$840

Janeiro, 27

Idem. Idem do Alluguel da catacumba numero um e um caixão para ser sepultado o cadaver de Dona **Florinda** a quantia de vinte e oito mil reis. 20\$000

Janeiro, 31

Idem. Idem das esmollas das caixinhas tiradas neste mes pelo irmão **Selestino dos Santos Chavier** quantia de dez mil e trezentos reis. 10\$300

Fevereiro, 4

Idem. Idem do annual das Irmãs **Dometildes** e **Paulina** a quantia de seiscentos e quarenta reis. [a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** \$640 [Soma] 566\$473 [Folha 189]

O Thezoureiro desta irmandade de N. Sra. do Rozario desta Cidade **Francisco
Gonçalves da Fontoura**
1863. Despeza.

Fevereiro, 1

Despendeu o atual Thezoureiro com o encaixotamento da imagem de nossa senhora condução para praia lavagem de duas toalhas e agua para o consistorio a quantia de mil quatrocentos e quarenta reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 1\$440

Fevereiro, 2

Idem. Idem. da Pintura de trinta e seis tochas de pau e seis cabos de lanternas e um mastro de guião e de uma astia da cruz a quantia de seis mil reis documento número 2. 6\$000

Fevereiro, 19

Idem. Idem. 1 peça de galão fino 2 maços de taxas de ferro 1 dito amarelas com o frete da imagem para **Porto Alegre** a quantia de vinte e seis mil trezentos e sessenta

reis documento número 3. O escrivão interino [a] **Francisco das Chagas Lima** 26\$360

Fevereiro, 19

Despendeu o atual Thezoureiro com quarenta e oito missas para diversos irmãos falecidos a quantia de sessenta e um mil quatrocentos e quarenta reis. Documento. nº 4. [a] **Francisco das Chagas Lima** 61\$440
[Soma] 95\$24 [Folha rasgada] [Folha 189v]

O Thezoureiro desta irmandade de N. Sra. do Rozario desta Cidade **Francisco Gonçalves da Fontoura**
1863. Receita.

Transporte 566\$473

Maio 7

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [a] **Francisco das Chagas Lima**
[Soma] 566\$473

Aos sette dias do mes de maio de mil oitocentos e sessenta e tres annos nesta cidade de **Cachoeira** em meu cartorio pelo Thezoureiro da Irmandade do Rozario **Francisco Gonçalves da Fontoura** me foi apresentado este livro 2. Da receita e despesas da mesma irmandade e mais outro assim descrito n. 1. E para constar fiz este Termo que assinou o mesmo Thezoureiro perante mim **Antônio Peixoto de Oliveira** escrivão que escrevi.

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura** [Folha 190]

O Thezoureiro da irmandade de N. Sra. do Rozario desta cidade de São João da
Cachoeira Francisco Gonçalves da Fontoura
1863. Despesa.

Maio 7

Transporte 95\$240

[Soma das despesas] 95\$240
[Soma das receitas] 566\$473
Saldo existente em cofre 471\$233
[a] **Francisco das Chagas Lima**

Conclusão

Aos oito dias do mez de maio de mil oitocentos e sessenta e tres annos nesta cidade da **Cachoeira** em meu Cartorio faço este livro 2º, e o 1º, ambos da receita e despeza da Irmandade da Senhora do Rozario, concluzos ao Provedor de Capellas e Residuos Doutor **Sebastião Jose Pereira Junior**, do que fiz este Termo, eu **Antônio Peixoto de Oliveira** que o escrevi. **Concluza** em 8 de Maio de 1863.

Lavre-se o auto das contas, separando-se os anos desde a data da última prestação, o que feito de-se a vista ao Solicitador de Resíduos e Capellas, apresentando-se todos os documentos que provam as verbas da despeza. **Cachoeira** 8 de Maio de 1863. [a] **Pereira Júnior** [Folha 190v]

Data

Aos oito dias do mez de maio de mil oitocentos e sessenta e trez annos nesta cidade da **Cachoeira** na residencia, digo, em meu Cartorio por parte do Provedor de Capellas e Resíduos, doutor **Sebastião João Pereira Júnior** me forão entregues estes auctos com, digo, entregue este livro com o despacho retro, do que faço este Termo. Eu **Antônio Peixoto Oliveira** que o escrevi.

Certifico que intimei o despacho retro ao Thezoureiro da Irmandade **Francisco Gonçalves da Fontoura** e ao Procurador dos Resíduos **José Joaquim Cidade**, do que ficaram cientes e entendidos. **Caxoeira**, 9 de Maio 1863. [a] **Antonio Peixoto de Oliveira**

[anotado na lateral da Folha]

N 122 Reis 200

Pg. duzentos. Cidade de **Cachoeira** 9 de Maio 1863

[a] **Pereira da Silva** [a] **Soares**

Auto de tomada de contas ao Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da freguezia desta cidade, como abaixo se declara.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Cristo de 1863 [Folha 191] aos trinta dias do mez de Junho nesta Cidade da **Cachoeira** na residencia do Juiz Municipal Provedor de Resíduos e Capellas Doutor **Sebastião José Pereira Junior**, onde eu Escrivão do seu cargo vim, e sendo ai presente **Francisco Gomes da Fontoura** Thezoureiro da Irmandade do Rozario nesta cidade, e o mesmo Ministro tomou a contas ao dito Thezoureiro, pela forma seguinte

Ano de 1831

Receita

Achou o Ministro Provedor ter recebido o Thezoureiro da Irmandade **João Alberto Xavier** no anno de mil oitocentos e trinta e um, segundo consta da sua receita a f 89 a f 92 a quantia de seiscentos e trinta e seis mil e quinhentos e setenta e oito reis. 636\$578

Despesa

Achou o mesmo Ministro ter despendido o mesmo Thezoureiro no referido anno, conforme consta da adição da Folhas 49 a 50 a quantia de cinquenta e noventa mil oitocentos e noventa e oito reis. 59\$898

Achou-se o mesmo Ministro ter ficado líquido a favor da Irmandade no referido anno a quantia de quinhentos e setenta e seis mil seiscentos e oitenta. Líquido 576\$680

E por esta forma deu as contas do presente anno por tomadas. [Folha 191v]

1832

Receita

Achou o Ministro Provedor importar a receita da irmandade do ano de 1832 apresentada pelo Thezoureiro **João Alberto Xavier** na quantia de seiscentos e trinta e dois mil novecentos e quarenta reis conforme consta a f.94 a f.96 do l.1 da receita e despesa.

Receita 632\$940

Despesa

Achou o Ministro Provedor ter importado a despesa do dito ano, conforme consta a Folha 51 do mesmo livro 1º a quantia de trinta e dois mil reis. Despesa 32\$000

Liquido

Achou o Ministro que abatida a despesa na receita ficou liquida em favor da irmandade e em poder do dito Thezoureiro **João Alberto Xavier** a quantia de seiscentos mil novecentos e noventa reis. Liquido 600\$990

E por esta forma deu o juiz as contas deste 1832 por tomadas.

1833

Receita

Achou o Ministro ter importado a receita da Irmandade da Senhora do Rozario no anno de 1833 na quantia de seiscentos e cinquenta mil seiscentos e cinquenta reis, conforme consta da f. a f. do Livro 1º de receita e despesa. = 650\$650

Despesa

Achou o Ministro importar a despesa [Folha 192] do dito, anno, conforme consta a f. 53 na quantia de quarenta e quatro mil seiscentos e quarenta reis. = 44\$640

Liquido

Achou o Juiz Provedor importar a liquido a favor da Irmandade na quantia de seiscentos e dez mil e dez reis. = Liquido 610\$010

E por esta forma deu o Juiz as contas de 1833 por tomadas.

1834

Receita

Achou o Juiz Provedor importar a receita do ano de 1834 conforme consta a f.5 na quantia de seiscentos e oitenta e um mil duzentos e vinte um reis. = 681\$221

Despesa

Achou-se o Provedor importar a despesa do referido ano de 1834 na quantia de duzentos e cinquenta e nove mil setecentos e sessenta reis. = 259\$760

Liquido

Achou-se o Juiz Provedor importar o saldo a favor da irmandade no corrente anno de 1834 na quantia de quatrocentos e vinte e um mil quatrocentos e sessenta e um reis.

Liquido 421\$461

E por esta forma deu o Juiz as contas do anno de 1834 por tomadas.

1835

Receita

Achou o Juiz Provedor ter importado a receita da Irmandade no ano de 1835 na quantia de setecentos [Folha 192v] e cinco mil oitocentos e trinta e um reis. = 705\$831

Despeza

Achou o Ministro Provedor importar a despesa da irmandade no referido anno na quantia de duzentos e cinco mil e oitenta reis. = 205\$080

Liquido

Achou-se o Provedor que deduzindo a despesa da receita ficou um saldo em favor da irmandade do dito ano de 1835 na quantia de quinhentos mil setecentos e cinquenta e um reis. = Liquido 500\$751

1836

Receita

Achou o Juiz importar a receita do anno de 1836 na quantia de quinhentos e noventa e cinco mil e novecentos reis. = 595\$900

Despeza

Achou o Juiz importar a despesa no mesmo anno na quantia de quarenta e oito mil e oitenta reis. = 48\$080

Achou o Juiz haver um saldo em favor da irmandade da quantia de quinhentos e quarenta e sete mil oitocentos e vinte e um reis. Saldo 547\$821

E por esta forma deu o Juiz as contas do ano de 1836 por tomadas.

1837

Receita

Achou o Juiz importar a receita do anno de 1837 na quantia de seiscentos e dezenove mil cento e setenta e um reis. = 619\$171

Despeza

Achou [Folha 193] o Juiz importar a despesa no dito anno na quantia de quarenta e nove mil setecentos e seis reis. = 49\$760

Liquido

Achou o Juiz haver um saldo em favor da Irmandade na quantia de quinhentos e sesenta e cinco mil seiscentos e trinta e um reis. = 565\$631

E por essa forma deu o Juiz as contas do anno de 1837 por tomadas.

1838

Receita

Achou o Juiz importar a receita na quantia de seiscentos e trinta e oito mil novecentos e cinquenta e um reis. = 638\$951

Despesa

Achou o juiz importar a despesa neste referido anno na quantia de trinta e quatro mil quinhentos e sesenta reis. = 34\$560

Liquido

Achou o mesmo Juiz que feita a diferença a Folhas 24 e 26 r. ficou do saldo a favor da Irmandade a quantia de seiscentos e trinta e oito mil, novecentos e cinquenta e um reis.

Liquido 638\$951

E por essa forma deu o Juiz as contas do anno de 1838 por tomadas.

1839

Receita

Achou o Juiz Provedor importar a receita do ano de 1839 na quantia de seiscentos e sescenta mil e setenta e um reis. = 660\$071

Despeza

Achou o mesmo Juiz importar a despesa [Folha 193v] em quinhentos e dezenove mil e setecentos reis. 519\$700

Liquido

Achou o Juiz haver de saldo em favor da irmandade no ano de 1839 a quantia de cento e quarenta mil trezentos e setenta e um reis. = 140\$371

E por esta forma houve as contas do anno de 1839 por tomadas.

1840

Receita

Achou o juiz importar a receita deste anno na quantia de cento e noventa mil novecentos e trinta e um reis. = 190\$931

Despeza

Achou o Juiz importar a despesa na quantia de cinquenta e dois mil reis.

Liquido

Achou o Juiz haver de saldo em favor da Irmandade a quantia de cento e trinta e oito mil novecentos e trinta e um reis. = Liquido 138\$931

1841

Receita

Achou o juiz importar a receita deste anno na quantia de cento e quatro mil setecentos e vinte reis. = 104\$720

Despeza

Achou o Juiz importar a despesa na quantia de trinta e cinco mil quinhentos e vinte reis.

35\$520

Liquido

Achou o Juiz haver um saldo em favor da irmandade na quantia de sessenta e nove mil e duzentos. = Liquido 69\$200

E por esta forma deu o Juiz as contas do anno de 1841 por tomadas. [Folha 194]

1842

Receita

Achou o Juiz importar a receita deste ano na quantia de cento e oitenta e oito mil e oitocentos reis. = 188\$800

Despeza

Achou o Juiz importar a despesa deste anno na quantia de vinte e oito mil e oitocentos reis. = 28\$800

Liquido

Achou o Juiz haver um saldo em favor da irmandade na quantia de cento e setenta mil reis. E por esta forma deu o Juiz as contas deste anno por tomadas.

1843

Achou o Juiz importar a receita deste anno na quantia de seiscentos e três mil quatrocentos e onze reis. = 603\$411

Despesa

Achou o Juiz importar a despesa na quantia de cento e cinco mil e seiscentos reis. = 105\$600

Liquido

Achou o Juiz haver o saldo em favor da irmandade a quantia de quatrocentos e noventa e sete mil oitocentos e onze reis. Saldo 497\$811

E por essa forma deu o Juiz as contas deste anno como tomadas.

1844

Receita

Achou o juiz importar a receita deste anno na quantia de seiscentos e dez mil duzentos e noventa e um reis. = 610\$291

Despesa

Achou o juiz importar a despesa deste anno na quantia de cento e quarenta e quatro mil seiscentos e oitenta reis. = 144\$680

Liquido

Verificou o juiz haver um saldo da quantia de quatrocentos e sessenta e cinco mil seiscentos e onze reis. = 465\$611 [Folha 194v]

E por essa forma deu o Juiz as contas deste anno por tomadas.

1845

Achou o Juiz importar a receita na quantia de oitocentos e treze mil cento e cinquenta e um reis. 813\$151

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de oitenta e um mil cento e trinta reis. 81\$130

Liquido

Achou o Juiz haver um saldo em favor da irmandade na quantia de setecentos e trinta e três mil e vinte e um reis. 733\$021

E por essa forma houve o juiz estas contas por tomadas.

1846

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de novecentos e quatorze mil e vinte e um reis. = 914\$021

Despesa

Achou o Juiz importar a despesa na quantia de cento e noventa e dois mil quatrocentos e vinte reis. = 192\$420

Liquido

Verificou o Juiz haver um saldo na quantia de setecentos e trinta e um mil e seiscentos e um reis. = 731\$631

E por esta forma houve estas contas por tomadas.

1847

Receita

Achou o juiz importar a receita deste anno na quantia oitocentos e oitenta [Folha 195] mil quatrocentos e quarenta e um reis. = 880\$441

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de oitocentos e vinte e quatro mil quatrocentos e sessenta reis. 824\$460

Liquido

Achou o saldo a favor da irmandade a quantia de oitocentos e trez mil novecentos e oitenta e um reis. 803\$981

E por esta forma deu estas contas por tomadas.

1848

Receita

Achou Juiz importar a receita na quantia de um conto e sessenta e trez mil reis duzentos e vinte e um reis. 1063\$221

Despeza

Achou o Juiz importar a despesa na quantia de quarenta e oito mil cento e oitenta reis. 48\$180

Liquido

Achou o Juiz haver um saldo a favor da Irmandade na quantia de um conto e quinze mil e quarenta e um reis. = 1:015\$041

E por essa forma deu o juiz estas contas por tomadas.

1849

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de um conto duzentos e trinta e trez mil duzentos e quarenta e um reis. = 1:233\$241

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de cento e setenta mil oitocentos e sessenta reis. = 170\$860

Liquido

Achou o juiz haver um saldo em favor da [Folha 195v] Irmandade na quantia de um conto sessenta e dois mil trezentos e oitenta e um reis. 1:062\$381

E por esta forma deu o Juiz estas contas por tomadas.

1850

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de um conto cento e noventa e cinco mil quatrocentos e sessenta e um reis. 1:195\$461

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de quinhentos e quarenta e um mil trezentos e dez reis. 541\$310

Liquido

Achou o Juiz importar o saldo a favor da irmandade na quantia de 654\$151.
E por esta forma deu o juiz estas contas por tomadas.

1851

Receita

Achou o Juiz importar a receita na quantia de um conto oitenta e trez mil trezentos e trinta e um reis. 1:083\$331

Despesa

Achou o Juiz importar a despesa na quantia de duzentos e oitenta e dois mil duzentos e noventa reis. 282\$290

Saldo

Achou o juiz haver um saldo da quantia de oitocentos e um mil e quarenta e um reis. 801\$041

1852

Receita

Achou o juiz importar a receita [Folha 196] a quantia de um conto noventa e cinco mil setecentos e vinte um reis. 1:095\$721

Despesa

Achou o Juiz importar a despesa na quantia de cento e noventa e sete mil duzentos e cinquenta reis. 197\$250

Saldo

Verificou o Juiz haver um saldo da quantia de oitocentos e noventa e oito mil quatrocentos e setenta e um reis. 898\$471

E por esta forma deu o juiz estas contas por tomadas.

1853

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de um conto cento e quarenta e oito mil quatrocentos e setenta e um reis. 1:148\$471

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de seiscentos e sessenta e trez mil cento e oitenta e seis reis. = 663\$186

Saldo

Verificou o juiz haver um saldo a favor da irmandade da quantia de quatrocentos e oitenta e cinco mil duzentos e trinta e cinco reis. Saldo 485\$285

E por esta forma deu o Juiz estas contas por tomadas.

1854

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de novecentos e trinta e nove mil novecentos e vinte e cinco reis. 939\$925

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de novecentos e cinco [Folha 196v] mil seiscentos e quarenta e sete reis. 905\$647

Saldo

Achou o juiz haver o saldo a favor da irmandade da quantia de trezentos e trinta e dois mil e setenta e um reis. 332\$071

E por esta forma deu o Juiz estas contas por tomadas.

1855

Achou o juiz importar a receita na quantia de oitocentos e trinta e quatro mil duzentos e trinta e oito reis. 834\$238

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de duzentos e cinquenta e seis mil e oitocentos reis. 256\$800

Saldo

Achou o juiz haver um saldo da quantia de quinhentos e setenta e sete mil quatrocentos e trinta e oito reis. 577\$438

E por esta forma deu o juiz estas contas por tomadas.

1856

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de 964\$419 = 964\$419

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de 279\$400

Saldo

Achou o Juiz haver um saldo da quantia de seiscentos e oitenta e quatro mil setecentos e dezenove reis. 684\$719

E por esta forma deu estas contas por tomadas. [Folha 197]

1857

Achou o juiz importar a receita na quantia de 835\$459

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de 496\$720

Saldo

Achou haver um saldo da quantia de trezentos e trinta e oito mil setecentos e trinta e nove reis. 338\$739

E por esta forma deu estas contas por tomadas.

1858

Achou o juiz importar a receita na quantia de R. 781\$099

Despesa

Achou em pasta a despesa na quantia R. 727\$786

Saldo

Achou haver um saldo de cinquenta e trez mil trezentos e treze reis 53\$313

E por esta forma deu estas contas por tomadas.

1859

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de R. 915\$633

Despeza

Achou o juiz importar a despeza na quantia de R. 721\$880

Saldo

Achou haver em saldo a favor da irmandade da quantia de 193\$753

E por esta forma deu estas contas por tomada.

1860

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de quinhentos e setenta [Folha 197v] e oito mil trezentos e treze reis. 578\$313

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de trezentos e quarenta e seis mil setecentos e quarenta reis. = 346\$740

Saldo

Achou o juiz haver um saldo na quantia de duzentos e trinta e um mil quinhentos e setenta e três reis. = 231\$573

E por esta forma deu o juiz esta conta por tomada.

1861

Achou o juiz importar a receita na quantia de oitocentos e vinte e um mil duzentos e cinquenta e trez reis. = 821\$253

Despesa

Achou o juiz importar a despesa na quantia de quatrocentos e sete mil e quarenta reis. 407\$040

Saldo

Achou o juiz haver um saldo de quantia quatrocentos e quatorze mil duzentos e treze reis. 414\$213

E por esta forma deu o Juiz estas contas por tomadas.

1862

Receita

Achou o juiz importar a receita na quantia de setecentos e setenta e sete mil cento e noventa três reis. = 777\$193

Despeza

Achou o Juiz importar a despeza em quantia de duzentos e sessenta e um mil e quinhentos reis. = 261\$500 [Folha 198]

Saldo

Achou o Juiz importar o saldo a favor da irmandade no ano de 1862 na quantia de quinhentos e quinze mil seiscentos e noventa e trez reis. = 515\$693

E por esta forma deu as contas deste ano por tomadas.

1863

Receita

Achou o Juiz Provedor importar a receita da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario até 7 de Maio do corrente anno na quantia de quinhentos e sessenta e seis mil quatrocentos e setenta e trez reis. 566\$473

Despeza

Achou o Juiz ter despendido a mesma Irmandade no corrente ano ate 7 de Maio comente a quantia de noventa e cinco mil duzentos e quarenta reis. 95\$240

Saldo

Achou o juiz que deve existir em poder do Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura**, o saldo a favor da Irmandade a quantia de quatrocentos e setenta e um mil duzentos e trinta e trez reis. = Saldo 471\$233

E para constar fiz este Auto que assina o Juiz perante mim **Antonio Peixoto de Oliveira** escrivão que escrevi. [a] **Pereira Junior**

Vista

Ao primeiro dia do mez de julho de mil oitocentos e setenta e trez anos nesta cidade da **Cachoeira** em meu Cartorio faço esta prestação de contas com vistas ao Solicitador **Joze Joaquim Cidade**, do que fiz este temo. [Folha 198v] Eu **Antonio Peixoto de Oliveira** que o escrevi.

Com Vistas 1º de julho 1863

Examinando as contas da receita e despesa da irmandade de N. Sra. do Rozario desta cidade do anno de 1831 as achei conforme e por isso digna de aprovação assim como forão por mim examinadas as contas da receita e despesa dos annos desde 1832 a 1863 em que se encontra o saldo a favor da irmandade de R. 471\$233 que requeiro ao Meritissimo Juiz que seja notificado o atual Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** para apresentar o mesmo saldo em juizo e verificado existir sem quebra ou diminuição sejam as mesmas contas aprovadas por estarem conforme. **Caxoeira** 29 de setembro de 1863.

O Solicitador [a] **Jose Joaquim Cidade**

Data

Aos vinte e nove dias do mez de setembro de mil oitocentos e sessenta e trez anos nesta cidade da **Cachoeira** no meu Cartorio pelo Solicitador dos Residuos **Joze Joaquim Cidade** me foi entregue este livro com a resposta supra, do que fiz este Termo, eu **Antonio Peixoto de Oliveira** que o escrevi.

Conclusão

E no mesmo dia, mez e anno, supra declarado faço esta prestação de contas concluza ao Provedor da Capella e Residuos Doutor **Sebastião Pereira Junior**, do que fiz este Termo eu **Antonio Peixoto de Oliveira** que o escrevi.

Concluzos em 29 de Setembro 1863.

Seja apresentado o dinheiro existente do saldo para verificar-se a existencia dele. **Caxoeira**, 20 de Out de 1863. [a] **Pereira Junior** [Folha 199]

Data

Aos vinte dias do mez de outubro de mil oitocentos e sessenta e trez annos nesta cidade da **Caxoeira** em meu Cartorio por parte do Provedor de Capellas e Residuos Doutor **Sebastião Joze Pereira Junior** me foi visto que este livro com o despacho retro, do que faço este Termo. E **Antonio Peixoto de Oliveira** que os escrevi.

Certifico que intimei o Despacho retro Thezoureiro da Irmandade do Rozario **Francisco Gonçalves da Fontoura** do que fica ciente e inteirado. **Caxoeira** 21 de Outubro de 1863 [a] **Antonio Peixoto de Oliveira**

Rs 200

Nº2 Pg. Duzentos. **Caxoeira**, 21 de Outubro 1863

[a] **Pereira da Silva** [a] S... [ilegível]

Auto da apresentação do dinheiro existente no Coffre da Irmandade da Senhora do Rozario como abaixo se declara.

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e trez e aos trinta e um dias do mez de Outubro nesta Cidade da **Caxoeira** na presença do Provedor de Capellas e Residuos **Sebastião Joze Pereira Junior** onde eu Escrivão do seu cargo, onde sendo ai presente O Thezoureiro da Irmandade do Rozario **Francisco Gonçalves da Fontoura**, o Solicitador dos Residuos **José Joaquim** [Folha 199v] **Cidade**, ali o mesmo Thezoureiro apresentou a quantia de quatrocentos e trinta e um mil duzentos e trinta e tres reis do referido saldo examinado conforme consta a Folha 190 deste livro, cuja quantia depois de verificada pelo Juiz, este mandou que ficasse em Juizo e fosse o livro a este concluso. E para constar lavrei este Auto que assinou o Juiz, Thezoureiro e Solicitador perante mim, **Antonio Peixoto de Oliveira** que o escrevi e assignei.

[a] **Pereira Júnior**

[a] **Francisco Gonçalves da Fontoura**

[a] **Jose Joaquim Cidade**

[a] **Antonio Peixoto de Oliveira**

Concluzão.

E logo faço concluzo este livro ao Provedor da Capella Doutor **Sebastião Joze Pereira Junior** de que fiz este Termo eu **Antonio Peixoto de Oliveira** que os escrevi. Concluzos em 31 de Outubro de 1863

Façam-se o inventario das alfaias e bens pertencentes a irmandade, ao qual assistirei no dia 9 de novembro próximo futuro as 10 horas da manhã, fazendo-se o levantamento dos mesmos no livro para este fim destinado. **Caxoeira** 31 de Outº de 1863 [a] **Pereira Júnior**

Data.

Aos trinta e um dias do mez de outubro de mil oitocentos e sessenta e trez nesta cidade da **Caxoeira** em meu Cartorio por parte do Provedor [Folha 200] de Capela e Residuos **Sebastião Joze Pereira Junior** me foi entregue este livro com o despacho

retro, do que fiz este Termo eu **Antonio Peixoto de Oliveira**, que os escrevi.

Certifico que intimei o despacho retro ao Thezoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** e ao Solicitador dos Resíduos **Joza Joaquim Cidade** do que ficarão cientes e inteirados. **Cachoeira** 4 de Novembro de 1863. [a] O escrivão **Antonio Peixoto de Oliveira**

Conclusão

Aos sete dias do mez de Novembro de mil oitocentos e sessenta e trez annos nesta cidade da **Cachoeira** em meu Cartorio faço este livro concluso ao Provedor da Capella e Resíduos Doutor **Sebastião Joze Pereira Junior**, do que faço este Termo eu **Antonio Peixoto de Oliveira** que os escrevi. Concluzos em 7 de Novembro 1863

[anotado na margem direita]

Nº8 RS 200

Pg. duzentos. **Cachoeira**,
4 de Novembro de 1863

[a] **Pereira da Silva** [a] S...[ilegível]

[anotado na Contra capa]

Nº 27

Pagou 4000 reis de selo. **Caxoeira**

29 de Julho de 1834

[a] **Silva**

[a] **Carvalho**

[ANEXO – bilhete – avulso]

QUERIDO VELINHO EU TE ISPEREI TODA A TARDE E TU NÃO APARESEU

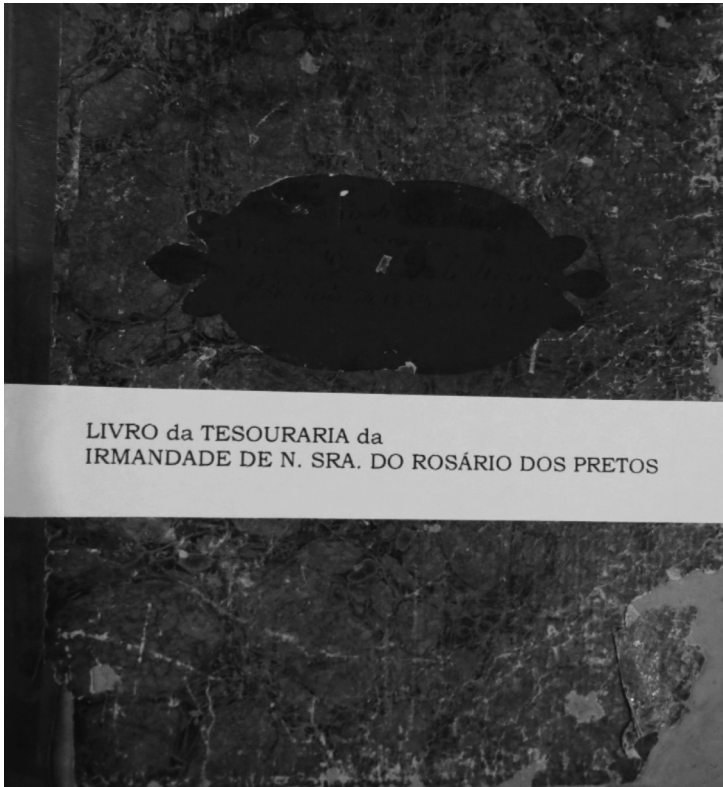
EU ACHO QUE JÁ SE ESQUESIDO POR TI EU VI OJE QUE TU ESTA COM NOVO AMOR MAS NÃO A DE SER NADA EU SEMPRE GUARDO UMA ESPERANSA QUE COM O TEMPO EU AINDA EI DE SER FELIS SIM MAIS ASCEITAS UM BEIJO DES-TA QUE NÃO [LATERAL] TE ESQUECE E TE QUER SEMPRE [CIMA] TOMEI 2 SERVEJAS PARA NÃO PERDER O JUIZO.

[ANEXO – BILHETE 2]

GENEROSA

A MAMÃE ENTENDEU MAL O GOES FOI MANTEU NO MAPAR, A MAROCA ME DISSE Q É DR. PAUTALHÃO VAI HOJE, MAS EU ACHO MELHOR IR PELO ANSEIO EU SEDINDO 120 E A MAMÃE ENTROU CACUAETRO [SIC] Pª XELLO VAI PELO A CANELA.

ANEXO [03]



[Capa] – Livro de Contas Irmandade de N. Sra. do Rozario. Dos anos de 1863 a 1875

Livro da Tesouraria da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Pretos
[Contracapa] Estabelecimento de Fazendas, Livros Miudezas etc. de Joaquim
Alves Leite. Rua da Praia nº 210. Porto Alegre.

[Folha de rosto] 100 [a] **Pereira Junior**

[Verso da folha de rosto] [Termo de abertura] Contem este Livro cem folhas as
quaes vão rubricadas com – [a] **Pereira Junior** – de que uso, e todas vão por mim
numeradas. Cachoeira 7 de Novembro de 1863

[a] **Sebastião Jose Pereira Junior**

Juiz Municipal

Certifico que este Livro paga Sello de 100 Folhas.
Cachoeira 7 de Novembro de 1863

Servindo de Escrivão Interino [a] **Francisco Rodrigues Trelha**

Nº 18 Reis 4\$000

Pago Quatro mil reis.

Caxoeira 7 de Novembro 1863.

[a] **Pereira da Silva**

[a] [assinatura ilegível]

[Folha 1] [2º termo de abertura] Este Livro é destinado ao lançamento das contas da receita e despesa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario. Todas as folhas são por mim rubricadas com a minha rubrica que é = **Pereira Junior** = **Cachoeira** 9 de Novembro de 1863. [a] **Sebastião Jose Pereira Junior** Juiz Municipal

Vistos os Livros de prestação de contas, os de alfaías, de eleições, e de óbitos, bem como os documentos que me forão apresentados e o Livro de compromisso etc. Julgo por sentença as contas prestadas até 7 de Maio deste anno por acha-las regulares e sem cousa, que duvida faça, passe-se quitação aos respectivos thesoureiros se for pedida. Pelo exame dos livros conhece-se que a Irmandade vai em progressiva decadência, e o não tardará a extinguir-se se alguma circunstância não despertar os Irmãos do lethargo em que cahirão, e não fizer reviver o fogo de fé, que parece que foi extinto. É talvez que esse indifferentismo que vão todos mostrando pelo serviço da Igreja, que nem huma providência tomou a Irmandade para conseguir a revogação da Portaria do Excelentíssimo Senhor Bispo suspendendo a Irmandade na parte espiritual. Não pode ser livre de censura esse proceder da Irmandade e cujo fim principal é todo espiritual. Do livro das actas não consta que houvesse reunião da Mesa no dia 30 de Setembro de 1862 entretanto no Livro de Eleições apparece a dos actuaes empregados, como feita d' naquele dia. Não consta do termo dessa eleição o motivo da ausencia do Juiz e Capellão e nem declara-se quem presidio a Mesa, quantos irmãos a ella comparecerão, quantos votos obtiverão os eleitos, deixando-se assim de cumprir não só o compromisso como as terminantes disposições do provimento lançado no Livro de Eleições a folha 3, pelo que annullo a esa eleição feita em 30 de Setembro de 1862 e determino que n primeira Dominga que seguir-se a publicação deste se proceda a nova eleição, na qual devem ser escrupulosamente observadas as disposições do Compromisso e Provimentos existentes. Recommendo muito critério na escolha dos empregados, e principalmente [Folha 1v] destes que depende a prosperidade. Escolhão-se pessoas de sã consciência e animadas de verdadeiro desejo de bem servir. Seja para Escrivão escolhida pessoa habilitada para fazer a escripturação com regularidade e asseio. A vista da letra e espirito do Capitulo 5º do Compromisso deverá ser nomeado Thesoureiro pessoa residente na cidade ou seos mais próximos arrabaldes a fim de poder ser o guarda e conservador das alfaías, e estar prompto para qualquer necessidade de momento, pois o compromisso não authorisa que os eleitos deleguem a outro o cargo que devem servir. Recommendo que haja toda actividade na cobrança das dívidas de

joias e anuaes atrasados. Haja todo possível esforço em conseguir um Capellão para celebração dos officios religiosos. A Irmandade tem por fim principal render cultos a Santíssima Virgem, e desde que este não sejam rendidos com a devida decencia não satisfaz ella o objecto de sua instituição. Sejam entregues os papeis e livros recebidos, assim como a quantia apresentada em juízo, que será recolhida ao cofre da Irmandade. Pague a Irmandade as custas. **Caxoeira**, 9 de Novembro de 1863. [a] **Sebastião José Pereira Junior**

Publicação

Aos nove dias do mez de Novembro de mil oitocentos e sessenta e trez annos n'esta cidade da **Cachoeira** em audiencia publica do Provedor de Capelas e Residuos Doutor **Sebastião José Pereira Junior**, foi publicada a Sentença retro e supra, do que fiz este termo. Eu **Antônio Peixoto d' Oliveira** que o escrevi. [Folha 2]

Certifico que intimei a sentença retro ao Thesoureiro da Irmandade da Senhora do Rosario **Francisco Gonsalves da Fontoura** do que ficou sciente do entendido. **Cachoeira** 9 de Novembro de 1863. O Escrivão [a] **Antônio Peixoto d'Oliveira**

Nº 8 Reis 200

Pago Duzentos reis. **Caxoeira**, 9 de Novembro de 1863.

[a] **Pereira da Silva [Santos]** [a]

Conta

Ao Escrivão

Intimação e deligencias nos Auttos	5\$000
Da tomada de Contas de 30 annos no Livro 2º de Receita e Despeza a 2500 ..	75\$000
Termos 11 no mesmo Livro	2\$200
Intimação e Deligencia de folhas 190v do mesmo Livro	5\$000
Idem Idem de folha 199 do mesmo	4\$000
Idem Idem de folha 200 do mesmo	5\$000
Publicação folha 1v deste Livro de Receita	\$300
Intimação e Deligências folha 2 no mesmo	4\$000
Auttos de aArolamento das Alfaias do Livro competente	4\$000
Citada	3\$000
	107\$500

Ao Solicitador de Reziduos

Da tomada de contas de 30 annos no Livo 2º de Receita e despeza a 300....

Ao Juis

Da tomada de contas desde 1833 a 1863 no Livro 2º de Receita	81\$000
Rubrica de 100 folhas deste Livro.....	8\$000 89\$000
	Reis 286\$500

Continua [Folha 2v]

Transporte 286\$500

A irmandade

Sello deste Livro 1º de receita 6\$000 6\$000

Idem 4 Sellos no Livro 2º e deste	\$800	6\$800
Ao Contador		
Conta		2\$000
Total	Reis	295\$300

Caxoeira 9 de Novembro de 1863 [a] **Almeida**

Termo de entrega

Aos nove dias do mez de Novembro de mil oitocentos e sessenta e trez annos n'esta cidade da **Cachoeira** em meu Cartorio no cumprimento da Sentença retro, eu Escrivão fiz entrega ao Thesoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** da quantia de quatrocentos e setenta e um mil, duzentos e trinta e tres réis, importância do saldo pertencente a Irmandade do Rosario que se achava depositado em juízo. E de como o dito Thesoureiro recebeu a dita quantia assignou este termo perante mim **Antonio Peixoto de Oliveira** Escrivão que os escrevi. [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura**

[Folha em branco] [Folha 3v]

O Thesoureiro da Irmandade de nossa Senhora do Rosario desta Cidade da **Cachoeira Francisco Gonsalves da Fontoura**

1863 – Receita

Saldo existente em cofre: 471\$233

15 de Novembro

Recebeo o actual thesoureiro das esmolas da Caixinha tiradas no mez de Fevereiro pelo o irmão **Rogério Almada** a quantia de sete mil trezentos e secenta reis. 7\$360

15 de Novembro

Idem Idem das esmolas tiradas da caixinha no mez de Março a quantia de tres mil quinhentos e quarenta. 3\$540

15 de Novembro

Idem do aluguel de uma Catacumba para Anjo a quantia de oito mil. 8\$000

15 de Novembro

Idem do aluguel de sincoenta e trez tochas a quantia de dezasseis mil novecentos e secenta. 16\$960

15 de Novembro

Idem Idem do aluguel do esquite no mez de Julho a quantia de quatro mil. 4\$000

15 de Novembro

Idem Idem do aluguel de sete tochas em onze de Agosto a quantia de dois mil e duzentos e quarenta. [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura** [a] **Francisco das Chagas Lima** 2\$240

[Total] 513\$333 [folha 4]

O Thesoureiro da Irmandade de nossa Senhora do Rosario desta Cidade da
Cachoeira Francisco Gonsalves da Fontoura.

1863 – Despesa

15 de Novembro

Despendeo o actual thesoureiro da Irmandade **Francisco Gonsalves Fontoura** com as custas da prestação de contas desta irmandade no Juizo de Capella a quantia de duzentos e oitenta e oito mil e quinhentos reis, Documento numero 52. 88\$500

15 de Novembro

Idem de sellos quatro no livro segundo de receita a quantia de oitocentos reis. \$800

15 de Novembro

Idem com o sello deste livro terceiro de receita a quantia de seis mil reis. 6\$000

15 de Novembro

Idem com a rubrica do livro de sincoenta folhas para certidão de missas a quantia de quatro mil reis tudo isso em moeda legal. 4\$000

15 de Novembro

Idem com o auge da moeda a quantia de dezoito mil quatro centos e quarenta reis. 18\$440

15 de Novembro

Idem com este livro em branco na casa de **Jacinto Francisco de Godoi** a quantia de dois mil reis. 2\$000

[Total] 319\$740

O Thezoureiro [a] **Francisco Gonsalves da Fontoura**

O Escrivão interino [a] **Francisco das Chagas** [Folha 4v]

O Thesoureiro da Irmandade de nossa Senhora do Rosário desta cidade da
Cachoeira Francisco Gonsalves da Fontoura

1863 – Receita

Transporte da receita: 513\$333

Recebeo o actual Thesoureiro do aluguel de uma Catacumba no dia vinte e dous de Agosto a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Idem do aluguel do esquife no dia vinte e quatro de Agosto a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Idem do aluguel de uma catacumba no tres de outubro a quantia de doze mil reis. 12\$000

Idem de um aluguel de um caixão sem tampa no dia quatro de outubro a quantia de quatro mil reis. [a] **Francisco Gosalves da Fontoura** [a] **Francisco das Chagas Lima** 4\$000

[Total] 549\$333 [Folha 5]

O Thesoureiro da Irmandade de nossa Senhora do Rosario desta cidade da
Cachoeira Francisco Gosalves da Fontoura

1863 – Despesa

Transporte da despeza: 319\$740

15 de Novembro

Dependeo o actual thesoureiro com despeza para um caixão e de cobrir o mesmo em quatorze de Fevereiro do corrente anno a quantia de dose mil reis. Documento numero 6. O escrivão interino [a] **Francisco das Chagas Lima** 12\$000

15 de Novembro

Idem Idem com uma peça de galão entrefino com vinte e cinco varas a 1120 reis em por tudo na quantia de vinte e oito mil reis em nove de outubro do corrente anno documento N° 7. 28\$000

15 de Novembro

Idem Idem no dia onze de outubro com **belbutina Olanda** preta e de forrar e quanacer o caixão sem tampa a quantia de nove mil quatro centos e quarenta reis documento numero 8. 9\$440

15 de Novembro

Idem. Idem. com sete libras de sêra na importancia de sete mil reis. Idem de lavar e engomar quatro toalhas grandes e duas pequenas seis centos reis dois baris d'agua oitenta reis documento N° 9. [a] **Francisco das Chagas Lima** 7\$680

[Total] 376\$866 [Folha 5v]

O Thesoureiro da Irmandade de nossa Senhora do Rosario desta cidade da
Cachoeira Francisco Gosalves da Fontoura

1863 – Receita

Transporte da Receita: 549\$333

A deduzir: 377\$360

Saldo: 171\$973 [Folha 6]

O Thesoureiro da Irmandade de nossa Senhora do Rosario desta cidade da
Cachoeira

Francisco Gosalves da Fontoura

1863 – Despesa

Transporte da despeza: 376\$860

Despendeo o actual Thesoureiro com a compostura de uma catacumba que se achava aberta a quantia de quinhentos reis. Documento nº 9. [a] **Francisco das Chagas** \$500

[Total] 377\$360 [Folha 6v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta cidade de **São João da Cachoeira. Estevão Candido de Carvalho**
1864 – Receita

20 de Janeiro

Importansia recebida pelo actual thesoureiro **Estevão Candido de Carvalho** do saldo que existia em poder do ex thesoureiro **Francisco Gonçalves da Fontoura** a quantia de sento e setenta e um mil nove sentos e setenta e três reis. 171\$973

20 de Janeiro

Idem recebido de **Manoel Moureira de Carvalho** a quantia de dois mil quinhentos e sessenta reis. 2\$560

31 de Janeiro

Recebeo o actual Thesoureiro das esmollas da caxinha tiradas neste mês pelo irmão **Selestino dos Santos Xavier** a quantia de cete mil trezentos e oitenta reis. 7\$360

7 de Fevereiro

Recebeo o actual Thesoureiro do aluguel de uma Catacumba a quantia de desasseis mil reis.

7 de Fevereiro

Idem. Idem de vinte e quatro toxas a quantia de sete mil seis sentos e oitenta reis. 16\$000

[a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco das Chagas Lima**

[Total] 205\$593 [Folha 7]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta cidade de **São João da Cachoeira. Estevão Candido de Carvalho**
1864 – Despesa

Janeiro 31

Despendeo o actual Thesoureiro **Estevão Candido de Carvalho** com o pedreiro **Manoel** para abrir e feixar uma catacumba para ser sepultado o irmã **Albina Maria da Conceição**, inclusive, cal, e jornal de um servente (documento N° 1°). [a] **Francisco das Chagas Li** 4\$500

Fevereiro 29

Despendêo o actual Thesoureiro com uma garrafa de tinta de escrever para o expediente da Irmandade, e bem assim com a Lavagem do consistório da mesma Irmandade (Documento N° 2°). [a] **Francisco das Chagas Lima** 2\$400

Março 21

Despendeo o actual Thesoureiro, com uma verga de ferro e uma peça de corda para a cortina do altar da Senhora e cordil para a mesma a quantia de oitocentos e quarenta reis (documento N° 3°). \$840

Março 21

Idem Idem de doze argolas de latão e roldana para cortina do altar a quantia de de mil e sento e vinte reis (Documento N° 4°). 1\$120

Março 21

Idem Idem com uma roldana de latão pulida com dous rodísios e uma peça de Cordil de barquinha a quantia de dois mil reis (Documento N° 5°). 2\$000

Março 21

Idem Idem com um ferro e dous Caximbos para a mesma cortina a quantia de seis sentos e quarenta reis (documento N° 6°) [a] **Francisco das Chagas Lima** \$640
[Total] 11\$500 [Folha 7v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário desta Cidade de São João da Cachoeira. **Estevão Candido de Carvalho**
1864 – Receita

Transporte: 205\$593

Fevereiro 29

Recebeo o actual Thesoureiro **Estevão Candido de Carvalho** do aluguel de uma Catacumba a quantia de deis-aceis mil reis. 16\$000

Fevereiro 29

Idem Idem de vinte e nove tochas, a quantia de nove mil dusetos e oitenta reis. 9\$280

Fevereiro 29

Idem Idem do aluguel de um Esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Fevereiro 29

Idem. Idem das esmollas tiradas da Caixinha neste mês pelo o irmão **Francisco Rodrigues Trelha** a quantia de Onze mil e quinhentos e sessenta reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco das Chagas Lima** 11\$560

Março 31

Recebeo o actual Thesoureiro das esmollas da Caixinha tiradas neste mêz pelo irmão **Rogério Pinto Bandeira**, a quantia de dose mil e quarenta reis. 12\$040

Março 31

Idem Idem das esmollas que depositarão no andôr da Senhora a quantia de mil e dosentos e vinte reis. 1\$220

Abril 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas da Caixinha tiradas neste mêz pelo irmão **Antonio Jose Vicente** a quantia de dose mil sento e vinte reis. 12\$120

Abril 30

Idem. Idem do aluguel de um caixao a quantia de oito mil reis. 8\$000

[a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco das Chagas Lima**

[Total] 279\$813 [Folha 8]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário desta Cidade de São João da Cachoeira. **Estevão Candido de Carvalho**
1864 – Despesa

Transporte: 11\$500

Março 26

Despendeo o actual Thezoureiro com a compustura do mastro do guião da irmandade a quantia de oito sentos reis (Documento N° 7°). \$800

Abril 9

Despendeo o actual Thesoureiro com o concerto da cortina do altar da Senhora, a quantia de um mil reis (Documento N° 8°) 1\$000

Abril 9

Idem Idem com quatro cartas de alfinetes para ornar o andor da Senhora para esta ser recebida no paço geral desta Cidade quando chegou de porto alegre afim de ser condusida em procissão a Igreja a quantia de oito-sento reis. \$800

Abril 19

Despendeo o actual Thesoureiro com a encarnação da imagem da senhora em **Porto Alegre** com seo transporte para esta Cidade a quantia de sento e sessenta mil reis (Documento N° 9°). 160\$000

Abril 30

Despendeo o actual Thesoureiro com subsistencia e emfermidade da irmã pobre **Vicincia** a quantia de oito mil reis (Documento N° 10). 8\$000

Abril 30

Idem Idem com a limpeza do cemitério a quantia de seis mil reis (Documento N° 11). 6\$000

Abril 30

Idem Idem com cem tijollos para feixo das Catacumbas a quantia de Dous mil e quinhentos reis (Documento N° 12°). [a] **Francisco das Chagas Lima** 2\$500
[Total] 190\$600 [Folha 8v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho.**
1864 – Receita

Transporte: 279\$813

Mai 31

Recebeo o actual Thesoureiro das esmollas da caixinha tiradas neste mêz pelo irmão Inocencio da Silva Prado a quantia de onze mil sento e sessenta reis. 11\$160

Mai 31

Idem Idem da irmã **Joaquina** escrava de Dona **Fermina Joaquina da Silva** de um anno de anual a quantia de trezentos e vinte reis. \$320

Junho 30

Recebeo o actual Thesoureiro das esmollas da Caxinha tiradas neste mêz pelo irmão Ignacio de Isaias Baptista a quantia de dose mil e sem reis. 12\$100

Junho 30

Idem Idem com a venda de um caixão a quantia de noventa mil reis. 90\$000

Junho 30

Idem Idem com o aluguel de uma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Julho 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas da Caixinha tiradas neste mês pello o irmão **João Baptista Bandeira** a quantia de treze mil trezentos e sessenta reis. 13\$360

Agosto 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolos da Caxinha tiradas neste mêz pello irmão **Joaquim Anastacio de Souza** a quantia de doze mil e sem reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco das Chagas Lima** 12\$100
[Total] 434\$859 [Folha 9]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira Estevão Candido de Carvalho.**

1864 – Despesa

Transporte: 190\$600

Maio 31

Despendeo o actual Thezoureiro Estevão Candido de Carvalho com a subzistencia e enfermidade da irmã pobre Vicincia a quantia de oito mil reis (Documento N° 13°). 8\$000

Julho 27

Despendeo o actual Thezoureiro com a compra de um caixão para a irmandade a quantia de setenta e cinco mil reis (Documento n° 14). 75\$600

Setembro 29

Despendeo o actual Thezoureiro com quatro libras de sera em Vellas de meia Libra cada uma para festa da Senhora a quantia de sete mil e dosentos reis (Documento N°15). 7\$200

Setembro 29

Idem Idem com seis libras de Cera em vellas de meia quarta cada uma para a festa da Senhora a quantia de onze mil e quatro centos reis (Documento N°16). [a] **Francisco das Chagas Lima** 11\$400

Outubro 10

Despendeo o actual Thezoureiro com o ordenado do Reverendissimo Capellão da irmandade **Thomaz de Sousa Ramos** de dois mezes vencidos de Agosto e Setembro ultimo, a quantia de vinte mil reis (Documento N° 17). 20\$000

[Total] 292\$200 [Folha 9v] ³⁶⁹

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de Sam
João da Cachoeira. **Estevão Candido de Carvalho**

1864. Receita

Transporte: 434\$853

Setembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** das esmollas da Caixinha tiradas neste mêz pello irmão **Delfino Antonio de Silqueira** a quantia de dose mil e sessenta. 12\$060

³⁶⁹ Entre as folhas 9v e 10 estava um pequeno papel manuscrito, com os seguintes dizeres:
“**Camillo**. Peço-te que chegues agora aqui. Teu amo, [a] **Miguel**”.

Setembro 30

Idem Idem que recebeo em meza o procurador da irmandade no dia onze do presente mêz, de annuaes e joias dos irmãos seguintes = **Joaquim Anastacio de Souza, Raphael Pinto Bandeira, Constança Maria Penna, Francisco Rodrigues Trelha, Jose Francisco da Silva, Maria Francisca das Candeas, Velocino de Araujo Bastos, e João Baptista Bandeira**; e todos a quantia de vinte e um mil e oitocentos e quarenta reis. 21\$840

Setembro 30

Idem Idem dos irmãos seguintes = **Barbara** [escravizada] do finado **Fontoura**³⁷⁰, **Rogério Pinto Bandeira, Maria Francisca de Loureto, Francisca Correia de Veiga, Brígida** [escravizada] de **Noé Antonio Ramos**³⁷¹, **Domingos** [escravizada] de **Noé Antonio Ramos, Anna Teixeira de Oliveira, Francisca Joaquina de Oliveira, Balbina da Conceição, Maria Trilha, Paulo Joaquim Claro, Margarida** [escravizada] do finado **Fontoura, Antonio** [escravizado] de **Fermiano Pereira Soares, Teresa Soares, Marcos Jose Roiz, Ignacia** [escravizada] que foi de **Manoel Simoes, Inocencia**, (continuando pelo finado marido) todos na quantia de dezoito mil quinhentos e sessenta reis. 18\$560

[Total] 453\$413 [Folha 10]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de Sam
João da Cachoeira **Estevão Candido de Carvalho**
1864 – Despesa

Transporte: 292\$200

Outubro 1º

Dependeo o actual Thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** com seis duzias de foguetes para a festa da Senhora a quantia de dezessete mil duzentos e oitenta reis (Documento N. 18). [a] **Francisco das Chagas Lima** 17\$280

Outubro 2

Dependeo o actual Thezoureiro com a despesa feita pelo Procurador da irmandade com o servente e flores para a festa da Senhora a quantia de mil e seissentos reis (Documento N°19). 1\$600

³⁷⁰ No inventário post-mortem do Comendador **Vicente Antônio da Fontoura**, de 1861, **Bárbara** era descrita como crioula, com 12 anos, pequena e avaliada por 400 mil réis. (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 17v; APERS – I Vara Cível e Crime de Cachoeira do Sul, inventário n° 233, 1861). [N. do E.]

³⁷¹ A preta **Brígida**, crioula de 66 anos de idade, foi alforriada “pelo zelo e desvelo” com que sempre serviu seu escravizador **Noé Antônio Ramos**, por carta de 07/05/1863, registrada em cartório no dia seguinte (APERS – APERS – 1º Tabelionato de Cachoeira – Livros Notariais de Transmissões e Notas n° 9, folha 1v). [N. do E.]

Outubro 3

Dependeo o actual Thezoureiro com a musica que tocou na festa da Senhora a quantia de trinta e dois mil reis (Documento N° 20). [a] **Francisco das Chagas Lima** 32\$000

Outubro 4

Dependeo o actual Thezoureiro com o Párocho e mais acolitos que assistirão a festa da Senhora, a quantia de vinte e sinco mil reis (Documento N° 21). [a] **Francisco das Chagas Lima** 25\$000
[Total] 388\$080 [Folha 10v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de Sam
João da Cachoeira **Estevão Candido de Carvalho**
1864. Receita

Transporte: 453\$413

Setembro 30

Idem. Idem de **Arão Beiro da Silva** de sua entrada de Irmão a quantia de dois mil reis. [a] **Estevão Candido de Carvalho** [a] **Francisco das Chagas Lima** 2\$000
[Total] 489\$313 [Folha 11]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de Sam
João da Cachoeira **Estevão Candido de Carvalho**
1864 – Despesa

Transporte: 388\$080

Outubro 8

Dependeo o actual Thezoureiro Estevão Candido de Carvalho com armação do altar da Senhora para sua festa, a quantia de dose mil reis (Documento N° 22). [a] **Francisco das Chagas Lima** 12\$000
[Total das despesas] 400\$080
[Total das receitas] 489\$313
Saldo existente em coffre: 89\$233

[a] **Francisco das Chagas Lima** [Folha 11v] [Folha 12]

Ao primeiro dia do mez de Novembro de 1864 no consitorio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da cidade da **Cachoeira**, reunida a mesa para o fim de dar posse a nova meza nomeada foi apresentado este livro de Contas com vinte e dois documentos os quaes depois de examinados e conferidos a meza aprovou as mesmas Contas por achalas conformes. E para contar lavrouse esta atta e eu **Arão Beiro da Silva** Escrivão nomeado para este fim no impedimento do atual o fiz e acinei.

O Vigário [a] **Luis Antonio Gonsalves dos Santos**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[a] **Joze Francisco da Silva**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

Por **Antonio Jose Vicente e Rogerio da Almada**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Delfino Antonio de Siqueira**

[a] **Manoel Francisco Candido**

[a] **Velocino de Araujo Bastos**

Por **Eusebio Antonio Simoes e Antonio Soares**

[a] **Joze Francisco da Silva**

Por **Rugério Pinto Bandeira**

[a] **Arão Beiro da Silva**

Por **Thomaz Barcelos**

[a] **Joaquim Anastacio de Souza**

[a] **Arão Beiro da Silva** [Folha 12v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira**

1864 – Receita

Novembro 3

Importancia recebida pelo actual Thezoureiro **Rafael Pinto Bandeira** do Saldo que existia em poder do ex thezoureiro **Estevão Candido de Carvalho** a quantia de oitenta e nove mil e duzentos e trinta e três. 89\$233

Novembro 3

Idem receby em meza do irmão procurador **Joze Francisco da Silva** de vinte e sete mil e trezentos. 27\$300

Novembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro de esmollas tiradas neste mez pertencentes ao irmão Marcos Jozé do Canto a quantia de dezaceis mil setecentos e vinte reis. 16\$720

Novembro 30

Idem de Alluguel de hum Caxão sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Dezembro 8

Recebeo o athual Thezoureiro das annuais do Irmão **Francisco Antonio** [escravizado] do **Liberato** a quantia de novecentos e cecenta reis. \$960

Dezembro 8

Idem do irmão **Antonio Joze Vicente** a quantia de trezentos e vinte reis. \$320

Dezembro 8

Idem do mesmo Irmão dinheiro que se tinha pago por ele das esmollas tiradas no mêz de Abril de 1864 a quantia de dois mil quinhentos e cecenta reis. [a] **Raphael Pinto Bandeira** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 2\$560

[Total] 141\$093 [Folha 13]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira**

1864 – Despesa

Novembro 3

Despendeo o athual Thezoureiro com o ordenado do Capellão da Irmandade o
Reverendo Padre Thomas da Silva Ramos, do mêz de Outubro a quantia de deis
mil (Documento N° 1). [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Raphael Pinto Bandeira**
10\$000

[Folha 13v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario **Rafael Pinto**
Bandeira desta cidade de São João da **Cachoeira.**

1864 – Receita

Dezembro 8

Transporte: 141\$093

Dezembro 9

Recebeo o athual Thezoureiro de annual da Irmã **Maria Luiza do Rozário** a quantia
de trezentos e vinte reis. \$320

Dezembro 21

Recebeo o athual Thezoureiro da irmandade de uma Caxão com tampa a quantia
de noventa e seis mil reis. 96\$000

Dezembro 21

Idem do alluguel de huma Catacumba a quantia de dezesseis mil reis. 16\$000

Dezembro 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas tiradas neste mêz pello irmão **Joze**
Francisco da Silva a quantia de doze mil quinhentos e cecenta reis. 12\$560

1865

Janeiro 10

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de um Caxão sem tampa a quantia de
quatro mil reis. 4\$000

Janeiro 10

Idem de alluguel de vinte Tochas a trezentos e vinte reis cada huma. [a] **Francisco**
Rodrigues Trelha [a] **Rafael Pinto Bandeira** 6\$400

[Total] 276\$373 [Folha 14]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario **Rafael Pinto**
Bandeira desta cidade de São João da **Cachoeira.**

1864 – Despesa

Novembro 3

Transporte: 10\$000

1865

Janeiro 7

Despenseo o actual Thezoureiro com a Factura de um Caxão com tampa com galões finos a quantia de setenta e cinco mil e ceis centos reis (Documento N° 2). 75\$600

Janeiro 10

Despenseo o actual Thezoureiro com o forramento de hum Caxão velho a quantia de trinta e sete oitocentos e oitenta reis (Documento N° 3). [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 37\$880

[Total] 123\$480 [Folha 14v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozário desta cidade da
Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.

1865 – Receita

Janeiro 10

Transporte: 276\$373

Janeiro 10

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de um Caxão com tampa a quantia de quatro mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Raphael Pinto Bandeira** 4\$000

Janeiro 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas tiradas neste mêz pello o Irmão **Antonio Pinto de Oliveira** a quantia de dezoito mil sete centos e vinte reis. 17\$720

Fevereiro 1

Recebeo o actual Thezoureiro de aluguel de hum Caxão sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Fevereiro 13

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de vinte e três tochas a trezentos e vinte reis cada huma sete mil trezentos e cecenta reis. 7\$360

Fevereiro 22

Recebeo o actual Thezoureiro de duas libras de Sera que vendeo a dois mil reis. 2\$000

Fevereiro 22

Idem de huma libras e trez quartas em lagrimas a novecentos secenta mil ceicentos e oitenta reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 1\$680
[Total] 313\$133 [Folha 15]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade da
Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.
1865 – Despesas

Janeiro 10

Transporte: 123\$480

[a] **Rafael Pinto Bandeira** [a] **Francisco Rodrigues Trelha**
[Folha 15v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da Cachoeira **Rafael Pinto Bandeira.**
1865 – Receita

Fevereiro 22

Transporte: 313\$133

Fevereiro 28

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas tiradas da caixinha neste mêz a quantia
de onze mil e ceiscentos reis. 11\$600

Março 6

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de cincoenta Tochas a trezentos e vinte
reis cada huma dezaceis mil reis. 16\$000

Março 8

Recebeo o actual Thezoureiro dos annuais da Irmã **Francisca Candida de Carvalho**
a quantia de dois mil novecentos e vinte reis. 2\$920

Março 16

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel do esquife a quantia de quatro mil reis.
4\$000

Março 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas da Caxinha tiradas este mêz a quantia
de doze mil e quinhentos reis. 12\$500

Abril 6

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de três tochas a trezentos e vinte reis
novecentos e cecenta. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Raphael Pinto Bandeira**
\$960
[Total] 361\$113 [Folha 16]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Despesa

Janeiro 30

Transporte: 123\$480

[a] **Raphael Pinto Bandeira** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [Folha
16v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Receita

Abril 6

Transporte: 361\$113

Abril 6

Recebeo o actual Thezoureiro de joia do Irmão de meza **Antonio Joze Vicente** a
quantia de mil duzentos e oitenta reis. 1\$280

Abril 6

Idem da Irmã **Maria Luiza do Rozario** annual de hum anno trezentos e vinte reis.
\$320

Abril 21

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de um Caxão com tampa a quantia de
deis mil reis. 10\$000

Abril 21

Idem Cambio da troca da moeda em cobre quatro centos reis. \$400

Abril 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas da Caxinha tiradas neste mêz a quantia
de treze mil e oito centos reis. 13\$800

Maió 11

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de um Caixao sem tampa a quantia de
quatro mil reis. 4\$000

Maió 28

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel do Esquife a quantia de dois mil reis.
2\$000

Maio 28

Recebeo mais do alluguel de vinte e quatro toxas a trezentos e vinte reis cada huma a quantia de sete mil seis e oitenta reis. [a] **Franciso Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 7\$680

[Total] 400\$593 [Folha 17]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Despesas

Janeiro 30

Transporte: 123\$480

Abril 30

Despendeo o actual Thezoureiro com a compra de huma Bacia de Folha para receber a agua que cai da calha trezentos e cecenta reis (Documento N° 4). \$360

Junho 30

Despendeo o actual Thezoureiro dinheiro que deo ao Irmão **Izequiel da Cunha** por deliberação da meza e por se achar em indigencia em sua enfermidade a quantia de deis mil reis (Documento N° 5).

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira**

10\$000

Julho 31

Despendeo o actual Thezoureiro dinheiro que deo ao Irmão disvallido **Izequiel da Cunha** a quantia de deis mil reis.

10\$000

Julho 31

Idem com as despezas de [hum] Enterro segundo a nota dada pelo Procurador Documento n° 6 = a quantia de ceis mil e quatro centos. 6\$400

Agosto 9

Despendeo o actual Thezoureiro com o fecho da Catacumba da Irmã **Barbara** a quantia de três mil reis. 3\$000

Agosto 9

1 alqueire de Cal hum mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira**

1\$000 [Total] 154\$240 [Folha 17v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da Cachoeira. **Rafael Pinto Bandeira**

1865 – Receita

Maio 28

Transporte: 400\$593

Maio 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas tiradas na caxinha neste mez a quantia de onze mil oito centos e quarenta reis. 11\$840

Junho 8

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel do esquife a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Junho 16

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel de quarenta e quatro toxas a trezentos e vinte a quantia de quatorze mil e oitenta reis. 14\$080

Junho 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas da Caxinha tiradas neste mez a quantia de doze mil nove centos e quarenta reis. 12\$940 Cambio da moeda em cobre. \$560

Julho 14

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel do caxao com tampa a quantia de oito mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trilha** [a] **Raphael Pinto Bandeira** 8\$000

[Total] 452\$013 [Folha 18]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Despesa

Agosto 9

Transporte: 154\$240

Agosto 20

Dependeo o actual Thezoureiro com o Fecho da Catacumba do Irmão procurador **Joaquim Anastacio de Souza** a quantia de trez mil reis. 3\$000

Agosto 20

1 alquire de Cal hum mil reis. 1\$000

Agosto 20

4 Vellas de Sera dois mil e quatro centos. [a] **Francisco Rodrigues Trilha** [a] **Raphael Pinto Bandeira** 2\$400 [Total] 160\$640 [Folha 18v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta cidade de São João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Receita

Julho 14

Transporte: 452\$013

Julho 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas da Caixinha tiradas neste mez a quantia de quinze mil duzentos e cecenta reis. 15\$260

Agosto 12

Recebeo o actual Thezoureiro do annual do finado Irmão **Joaquim Anastacio de Souza** a quantia de hum mil reis. 1\$000

Agosto 27

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas tiradas na Caixinha neste mez a quantia de treze mil reis. 13\$000

Setembro 3

Recebeo o actual Thezoureiro de annuaes dos Irmãos que pagarão em meza a quantia de vinte e dous mil cento e cecenta reis. 22\$160

Setembro 17

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de hum Caxão pequeno a quantia de dois mil reis. 2\$000

Setembro 17

Idem de outro a quantia de mil e oito centos. 1\$800

Setembro 22

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de huma Catacumba para criança a quantia de oito mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trilha** [a] **Raphael Pinto Bandeira** 8\$000

[Total] 515\$233 [Folha 19]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta cidade de São João da Cachoeira **Rafael Pinto Bandeira.**
1865 – Despesa

Agosto 20

Transporte: 160\$640

Setembro 17

Despendeo o actual Thezoureiro com a compra de Sera para a Festa e Foguetes a quantia de setenta e oito mil e quatro centos reis. Documento N° 7. 78\$400

Setembro 20

Despendeo o actual Thezoureiro com o levantar do Mastro para a Festa por não se achar no lugar o Capitão do Mastro a quantia de dois mil e oito centos reis.

Documento N° 8. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Raphael Pinto Bandeira**
2\$800

[Total] 241\$840 [Folha 19v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira**
1865 – Receita

Setembro 22

Transporte: 515\$233

Setembro 23

Recebeo o actual Thezoureiro dos annuaes que cobrou dos Irmãos a quantia de
quarenta e hum mil novecentos e cecenta. 41\$960

Setembro 24

Recebeo o actual Thezoureiro de anuaes que lhe entregou o Procurador interino
que recebeo dos Irmãos a quantia de sete mil e duzentos reis. 7\$200

Setembro 30

Recebeo o actual Theoureiro das esmolas tiradas na Caixinha neste mez a quantia
de dezanove mil ceis [centos] e vinte reis. 19\$620

Setembro 30

Cambio da moeda em Cobre. \$600

Setembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de hum Caixão pequeno a quantia de
dois mil reis. 2\$000

Setembro 30

Idem de aluguel de dezacete tochas a 320 reis cinco mil quatro centos e quarenta
reis. 5\$440

Setembro 30

Idem do alluguel de hum Caixão grande a quantia de oito mil reis. 8\$000

Setembro 30

Idem de annuaes dos Irmãos cobrados athé esta dacta a quantia de dezaceis mil
quatrocentos e quarenta reis. 16\$440

Setembro 30

Idem de Joia que deo o Juis da Irmandade a quantia de trinta e dois mil reis. [a]
Francisco Rodrigues Trelha [a] **Rafael Pinto Bandeira** 32\$000

Total: 648\$493 [Folha 20]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira**
1865 – Despesa

Setembro 20

Transporte: 241\$840

Setembro 30

Dependeo o actual Thezoureiro com objectos necessários para a Festa a quantia de sete mil e seis centos reis. Documento N° 9. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 7\$600 [Total] 249\$440 [Folha 20v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira.**
1865 – Receita

Setembro 30

Transporte: 648\$493

Outubro 3

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de um Caixao sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Outubro 3

Idem que recebeo de annual do Irmão **Matheus** a quantia de hum mil reis. 1\$000

Novembro 10

Recebeo o actual Thezoureiro de um Caixao que vendeo a quantia de cecenta e quatro mil reis. 64\$000

Novembro 10

Idem de alluguel de quatro tochas a quantia de mil duzentos e oitenta. 1\$280

Novembro 10

Idem de cinco libras e meia de Cera em bica, a quantia de cinco mil e quinhentos reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 5\$500

Novembro 17

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel do esquife a quantia de dois mil reis. 2\$000

Novembro 17

Idem do alluguel do Caixão pequeno a quantia de dois mil reis. 2\$000

Novembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas tiradas na Caixinha pertencente a este mez a quantia de vinte mil seis centos e cecenta reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha**

[a] **Rafael Pinto Bandeira** 20\$660

[Total] 748\$933 [Folha 21]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira**

1865 – Despesa

Setembro 30

Transporte: 249\$440

Outubro 2

Despendeo o actual Thezoureiro com a conta dada pelo Reverendo Vigário da festa a quantia de cecenta e oito mil e quinhentos reis. Documento N° 10. 68\$500

Outubro 2

Idem com a conta da Muzica a quantia de cecenta e quatro mil reis. Documento N° 11. 64\$000

Outubro 2

Idem com a armação do altar da senhora a quantia de doze mil reis. Documentos N°12. 12\$000

Outubro 12

Despendeo o actual Thezoureiro com hum Caixão que mandou fazer a quantia de cincoenta e quatro mil reis. Documento N° 13. 54\$000

Outubro 14

Despendeo o actual Thezoureiro dinheiro que pagou para Caiar as Catacumbas da Irmandade por estarem em máo estado a quantia de tres mil reis. 3\$000

Outubro 14

Hum alqueire de Cal hum mil reis. 1\$000

Outubro 22

Despendeo o actual Thezoureiro com o Fecho da atacumba da Irmã **Maria Francisca de Loureto** a quantia de quatro mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha**

[a] **Rafael Pinto Bandeira** 4\$000 Total: 455\$940 [Folha 21v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira**

1865 – Receita

Outubro 30

Transporte: 748\$933

Outubro 30

Recebeo o actual Thezoureiro de Cambio da moeda em Cobre a quantia de setecentos e vinte reis. \$720

Outubro 30

Idem de hum Caixão que vendeo a quantia de noventa e seis mil reis. 96\$000

Outubro 30

Idem de alluguel de huma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Outubro 30

Idem de alluguel de treze tochas a quantia de quatro mil cento e cecenta reis. 4\$160

Outubro 30

Idem de hum Caixão sem tampa que alugou a quantia de tres mil oitocentos e oitenta reis. 3\$880

Novembro 5

Recebeo o actual Thezoureiro da entrada da Irmã **Florinda** a quantia de dois mil reis. 2\$000

Novembro 5

Idem da entrada da Irmã **Maria Izabel Francisca** a quantia de dois mil reis. 2\$000

Novembro 5

Idem do alluguel de huma Catacumba a quantia de dezaceis mil reis. 16\$000

Novembro 12

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de huma Catacumba de dezaceis mil reis. 16\$000

Novembro 22

Recebeo o actual Thezoureiro da entrada do Irmão **João Antonio Nepomoceno Filho** a quantia de dois mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 2\$000

[Total] 907\$693 [Folha 22]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira. Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Despesa

Outubro 22

Transporte: 455\$940

Outubro 29

Despendeo o actual Thezoureiro com o arrancar o Mastro da Irmandade a quantia de oitocentos reis. \$800

Outubro 29

Idem do individuo que servio de andador neste mez a quantia de hum mil reis.
1\$000

Novembro 6

Despendero o actual Thezoureiro com hum Caixão pequeno que mandou fazer a
quantia de quatorze mil trezentos e trinta reis. Documento N° 14. 14\$330

Novembro 6

Idem dinheiro que remeteo para o **Rio de Janeiro** para compra da Banqueta e
Opas por authorização da meza a quantia de trezentos e vinte mil reis. 320\$000

Novembro 10

Despendero o actual Thezoureiro com retificar os numeros das Catacumbas da
Irmandade por se acharem impersibivel a quantia de tres mil e trezentos cecenta reis.
3\$360

Novembro 10

Idem serviço de Carpinteiro de por tacos a quantia de oito centos reis. [a] **Francisco
Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** \$800

[Total] 796\$230 [Folha 22v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Receita

Novembro 22

Transporte: 907\$693

Novembro 22

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de quatro tochas a quantia de mil duzentos
e oitenta reis. 1\$280

Novembro 22

Idem do Caixão sem tampa que alugou a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Novembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas da Caixinha tiradas neste mez a quantia
de dezaceis mil trezentos e oitenta reis. 16\$380

Novembro 30

Idem da Caixinha que está collocada na Igreja a quantia de dois mil e oitenta reis.
2\$080

Novembro 30

Cambio da moeda em Cobre ceiscentos e quarenta reis. \$640

Dezembro 10

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de huma Catacumba para crianca a quantia de oito mil reis. 8\$000

Dezembro 10

Idem de alluguel do Caixão sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Dezembro 17

Recebeo o actual Thezoureiro de annuaes do finado Irmão **Roque** a quantia de dois mil nove centos e vinte reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 2\$920

[Total] 946\$993 [Folha 23]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**
1865 – Despesa

Novembro 10

Transporte: 796\$230

Dezembro 17

Despendeo o actual Thezoureiro com o Fecho da Catacumba do Irmão **Roque** a quantia de tres mil reis. 3\$000

Dezembro 17

1 alqueire de Cal hum mil reis. 1\$000

Dezembro 17

Idem com o individuo que servio de andador a quantia de hum mil reis. 1\$000

Dezembro 31

Despendeo o actual Thezoureiro com Serventes que foi persiso para o serviço da Irmandade na véspera da Festa do **Espirito Santo** a quantia de hum mil e quinhentos reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 1\$500

[Total] 802\$730 [Folha 23v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta cidade de São João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**
1865 – Receita

Dezembro 17

Transporte: 946\$993

Dezembro 24

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel do Caixão pequeno a quantia de dois mil reis. 2\$000

Dezembro 31

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas da Caixinha tiradas neste mez a quantia de dezanove mil ceis [centos] e vinte reis. 19\$620

Dezembro 31

Cambio da moeda ceiscentos e quarenta reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** \$640

1866 – Receita

Janeiro 15

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de hum Caixao a quantia de doze mil reis. 12\$000

Janeiro 30

Recebeo o actual Thezoureiro de uma e meia libra de Sera que vendeu a quantia de hum mil e quinhentos reis.

1\$500

Janeiro 30

Idem de esmolas da Caixinha tiradas neste mez a quantia de quinze mil novecentos e ceconta reis.

15\$960

Janeiro 30

Idem do Cambio da moeda em Cobre a quantia de quinhentos e ceconta reis. \$560

Fevereiro 8

Recebeo o actual Thezoureiro de tres varas de renda que vendeo a quantia de mil e ceiscentos reis. 1\$600

Fevereiro 8

Idem de alluguel de Caixão sem tampa a quantia de quatro mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 4\$000

[Total] 1:004\$873 [Folha 24]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**

1865 – Despesa

Dezembro 31

Transporte: 802\$730

1866 – Despesa

Janeiro 25

Despendeo o actual Thezoureiro com a compra de Doze Carradas de pedra para os Muros a tres mil reis cada huma a quantia de trinta e seis mil reis. 36\$000

Janeiro 25

Idem despeza de emparelhar o terreno a quantia de oitocentos reis. \$800

Fevereiro 17

Despendeo o actual Thezoureiro dinheiro que pagou a quem servio de andador a quantia de quinhentos reis. \$500

Fevereiro 27

Despendeo o actual Thezoureiro importe de hum Caxão com gallão fino a quantia de oitenta e oito mil reis. (documento N° 15). 88\$000

Fevereiro 27

Idem de um jogo de portalada que comprou para o Portão do Muro a quantia de ceis mil reis. 6\$000

Fevereiro 27

Idem de huma Contra verga a quantia de hum mil reis. 1\$000

Fevereiro 27

Idem do feitio da Portalada a quantia de sete mil reis (documento N°16). [a]

Francisco Rodrigues Trelha [a] Rafael Pinto Bandeira 7\$000

[Total] 942\$030 [Folha 24v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**

1866 – Receita

Fevereiro 8

Transporte: 1:004\$873

Fevereiro 17

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de huma Catacumba quantia de dez e ceis mil reis. 16\$000

Fevereiro 17

Idem de dezoito Tochas a quantia de cinco mil setecentos e ceenta. 5\$760

Fevereiro 27

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de huma Catacumba a quantia de dezeceis mil reis. 16\$000

Fevereiro 27

Idem das esmollas da Caixinha tiradas neste mez a quantia de quinze mil quatro centos e oitenta reis. 15\$480

Março 1º

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de huma Catacumba a quantidade de dezeceis mil reis. 16\$000

Março 1º

Idem de alluguel de hum Caixão a quantia de doze mil reis. 12\$000

Março 6

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de hum Caixão a quantia de oito mil reis. 8\$000

Março 6

Idem Annual do Irmão **Amancio** a quantia de mil e ceiscentos reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 1\$600

[Total] 1:095\$753 [Folha 25]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**
1866 – Despesa

Fevereiro 27

Transporte: 942\$030

Março 6

Despendeo o actual Thezoureiro com a compra de trez mil Tijolos para o Muro a vinte mil reis cada mil a quantia de cecenta mil reis. 60\$000

Março 6

Carreto do mesmo dose mil reis. Documento N° 17. 12\$000

Março 23

Despendeo o actual Thezoureiro com a factura do Muro segundo a conta. Documento N°18 = a quantia de quarenta mil reis. 40\$000

Março 24

Despendeo o actual Thezoureiro dinheiro que pagou a quem servio de Procurador por duas vezes a quantia de mil reis. 1\$000

Março 24

Idem de duas duzias de Caibros que comprou para a Meia agua que se tem de fazer a quantia de deis mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 10\$000

[Total] 1:065\$030 [Folha 25v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São João da **Cachoeira Raphael Pinto Bandeira.**
1866 – Receita

Março 6

Transporte: 1:095\$713

Março 24

Recebeo o actual Thezoureiro alluguel de quatorze tochas a quantia de quatro mil quatro centos e oitenta e reis. 4\$480

Março 31

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de hum esquife a quantia de dois mil. 2\$000

Março 31

Idem das esmollas da Caxinha tiradas neste mez a quantia de honze mil e oitenta reis. 11\$080

Março 31

Cambio da moeda em Cobre quinhentos e cecenta. \$560

Abril 7

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de hum Caixao sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Abril 7

Idem de alluguel de trinta e oito Tochas, a quantia de dose mil cento e cecenta. 12\$160

Abril 7

Idem de alluguel de hum Esquife a quantia de dois mil reis. 2\$000

Abril 16

Recebeo o actual Thezoureiro de alluguel de hum Caixao sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Abril 16

Idem de outro dito a quantia de nove mil reis. 9\$000 [a] **Francisco Rodrigues Trelha**

[a] **Rafael Pinto Bandeira**

[Total] 1:144\$993 [Folha 26]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São João da Cachoeira **Raphael Pinto Bandeira.**

1866 – Despesa

Março 24

Transporte: 1:065\$030

Março 29

Despendeo o actual Thezoureiro do dinheiro que deo ao Pintor para pintar o portao a quantia de dois mil reis. 2\$000

Abril 8

Despendeo o actual Thezoureiro do dinheiro que pagou a quem servio de Procurador a quantia de hum mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Raphael Pinto Bandeira**

1\$000

[Total] 1:068\$030 [Folha 26v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São João da **Cachoeira Raphael Pinto Bandeira.**

1866 – Receita

Abril 16

Transporte: 1:114\$993

Abril 24

Recebeo o actual Thezoureiro alluguel da Esquife a quantia de dois mil reis. 2\$000

Abril 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas da Caixinha tiradas neste mez a quantia de vinte mil quatro centos e vinte reis. 20\$420

Maio 1

Recebeo o actual Thezoureiro do alluguel de oito Tochas a quantia de dois mil quinhentos e cecenta. 2\$560

Maio 19

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas da Caixinha tiradas em dois Domingos a quantia de sete mil duzentos e vinte reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 7\$220

[Total] 1:177\$193 [Folha 27]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São João da **Cachoeira Raphael Pinto Bandeira.**

1866 – Despesa

Abril 8

Transporte: 1:068\$030

Maio 10

Despendeo o actual Thezoureiro com a compra de mil Tijolos para Muro que conta no documento de N° dezesete a quantia de vinte e quatro mil reis. 24\$000

Maio 19

Despendeo o actual Thezoureiro do dinheiro que pagou a quem servio de Procurador a quantia de hum mil reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** 1\$000

[Total] 1:093\$030 [Folha 27v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**
1866 – Receita

Maio 19

Transporte: 1:177\$193

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **Rafael Pinto Bandeira**

[Folha 28]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Rafael Pinto Bandeira.**
1866 – Despesa

Maio 19

Transporte: 1:093\$030

Saldo Existente em cofre: 84\$163

[a] **Francisco Rodrigues Trilha** [a] **Rafael Pinto Bandeira** [Folha 28v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Cidade de São
João da Cachoeira. **Francisco Rodrigues Trelha**
1866 – Receita

Maio 27

Emportancia recebida em meza pello o atual Thezoureiro **Francisco Rodrigues
Trelha** do saldo que ixtistia do ex thesoureiro **Rafael Pinto Bandeira** a quantia de
oitenta e quatro mil e cento e cecenta e tres reis. 84\$163

Maio 27

Idem mais que recebeo das esmolas da Caxinha que não estava lançadas no livro
por já estar as contas feixadas e assinadas no competente livro e que pertencia a
dita importância Domingo vinte do corrente a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Maio 27

Idem mais pertensente a esmolas da Caxinha do dia vinte e sete do mesmo a quantia
de quatro mil duzentos e cecenta reis. 4\$260

Junho 3

Recebeo o atual Thezoureiro das esmolas da Caixinha tiradas, a quantia de quatro
mil sento e oitenta pertensente a um domingo. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco
Rodrigues Trelha** 4\$180

[Total] 96\$679 [Folha 29 – em branco] [Folha 29v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta cidade de São
João da **Caxoeira. Francisco Rodrigues Trelha**
1866 – Receita

Junho 3

Transporte: 96\$603

Junho 11

Recebeo o atual Thezoureiro de anual da Irmã **Maria Angelica dos Santos** a quantia de seis mil reis. 6\$000

Junho 12

Recebeo o atual Thezoureiro do aluguel de um Caixão com tampa a quantia de dezesseis mil reis. 16\$000

Junho 24

Recebeo o atual Thezoureiro das ismolos tiradas na caixinha de tres Domingas pertensentes a este mez a quantia de onze mil sento e quarenta reis. 11\$140

Julho 22

Recebeo o atual Thezoureiro de anual e jóias do finado Irmão **João** Liberto da falissida **Benta** a quantia de oito mil e sete sentos e vinte. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 8\$720

[Total] 138\$463 [Folha 30]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São João da Caxoeira. **Francisco Rodrigues Trelha**
1866 – Despesa

Junho 16

Dependeo o atual Thezoureiro com o pedreiro para feixar a Catacumba onde foi sepultada a Irmã **Margarida** a quantia de quatro mil e duzentos e oitenta³⁷². [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 4\$280 [Folha 30v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da Cachoeira **Francisco Rodrigues Trelha**.
1866 – Receita

Julho 22

Transporte: 138\$463

Julho 29

Recebeo o atual Thezoureiro das esmolos tiradas da Cachinha pertensente a este mes a quantia de dezoito mil e sete sentos e oitenta. 18\$780

³⁷² **Margarida** faleceu em 16.06.1866, com 23 anos de idade, escravizada pela viúva do Comendador **Antônio Vicente da Fontoura** (morto em 20.10.1860) Dona **Clarinda Francisca da Fontoura**, vitimada por uma peritonite puerperal. No inventário post-mortem do Comendador **Fontoura**, de 1861, **Margarida** era descrita como crioula, com 15 anos de idade, pequena e avaliada por 700 mil réis. (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 17v; APERS – I Vara Cível e Crime de Cachoeira do Sul, inventário nº 233, 1861). [N. do E.]

Julho 30

Recebeo mais o atual Thezoureiro do aluguel de dezoito toxas a quantia de sinco mil sete sentos e sesenta reis. 5\$760

Agosto 8

Recebeo o atual Thesoureiro de duas caradas de pedra que vendeo pertensentes a Irmandade a quantia de seis mil reis. 6\$000

Agosto 18

Recebeo mais o atual Thezoureiro do aluguel de um Caixão sem tampa a quantia de quatro mil reis. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 4\$000
[Total] 173\$003 [Folha 31]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de
São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**
1866 – Despesa

Junho 16

Transporte: 4\$280

Junho 22

Dependeo mais o atual Thezoureiro com o pedreiro para feixar a Catacumba em que foi sepultado o Irmão **João** liberto que foi de D. **Benta** a quantia de quatro mil duzentos e oitenta. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 4\$280
[Total] 8\$560 [Folha 31v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de
São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**
1866 – Receita

Agosto 18

Transporte: 173\$003

Agosto 26

Recebeo o atual Thezoureiro das esmolas tiradas da Caxinha pertensentes a este mês a quantia de quinze mil e querenta reis. 15\$040

Setembro 30

Recebeo o atual Thezoureiro das esmolas tiradas na caxinha pertencentes a este mes na quantia de de quatroze mil e sete sentos reis. 14\$780

Outubro 5

Recebeo o atual Thezoureiro do aluguel de um Caixão com tampa a quantia de doze mil. 12\$000

Outubro 5

Recebeo mais o atual Thezoureiro de aluguel de um Caixão sem tampa a quantia de quatro mil. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 4\$000

[Total] 218\$823 [Folha 32]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1866 – Despesa

Julho 22

Transporte: 8\$560

Outubro 4

Despendeo o atual Thezoureiro com a condusão de mil tijolos a quantia de quatro mil reis. Documento N° 1. 4\$000

Outubro 7

Despendeo o atual Thezoureiro com o pagamento do padre **Izequiel** que ajudou a cantar a missa de Nossa Senhora a quantia de quatro mil reis. Documento N° 2. 4\$000

Outubro 7

Idem mais de duas dúzias de fuguetes a quantia de seis mil e quatro sentos reis. Documento N° 3. 6\$400

Outubro 20

Despendeo o atual Thezoureiro em Chita que comprou para fazer capas dos objetos pertencentes a banqueta a quantia de três mil oito sentos e ceceenta reis. Documento N° 4. 3\$860

Outubro 23

Despendeo o atual Thezoureiro com mais duas dúzias e meia de Fuguetes para festa a quantia de nove mil e quinhentos reis. Documento N° 5. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 9\$500

[Total] 29\$920 [Folha 32v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1866 – Receita

Outubro 6

Transporte: 218\$823

Outubro 7

Recebeo o atual Thezoureiro, de joia da Juíza da Vara a quantia de doze mil reis.³⁷³ 12\$000

³⁷³ Refere-se a Juíza Dona **Maria Aldina de Alencastre**, eleita em reunião realizada em 1º de outubro de 1865, ocorrida no Consistório da Irmandade de **Nossa Senhora do Rosario**. O brigadeiro **Alencastre** faleceu em Cachoeira, em 16.11.1869, e era casado com Dona **Maria Aldina de Alencastre**. Ele era natural desta província, tinha 78 anos, foi vitimado por uma

Outubro 7

Idem que recebeo em meza de joia da irmã **Balbina [das Conceição]** como Juíza do Ramallete a quantia de sinco mil reis. 5\$000

Outubro 7

Idem mais do irmão **Velusino** de anuais a quantia de dois mil reis. 2\$000

Outubro 7

Idem mais que recebeo de anuaes do irmão **João Baptista** a quantia de dois mil reis. 2\$000

Outubro 7

Idem de anuais de mesa do irmão **Constantino Joze Ferreira de Vasconselos** canudos a quantia de dois mil reis. 2\$000

Outubro 7

Idem mais que recebeo de entrada do irmão **João Nipunusseno** a quantia de dois mil reis. 2\$000

Outubro 7

Idem mais de anual da irmã **Florinda** a quantia de um mil reis. 1\$000

Outubro 20

Recebeo o atual Thesoureiro de aluguel de um Caixão de anjinho a quantia de dois mil reis. 2\$000

Outubro 20

Idem que recebeo de duzentos Tijolos que vendeo a quantia de quatro mil e oitocentos reis. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 4\$800

[Total] 231\$623 [Folha 33]³⁷⁴ [Folha 33v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1866 – Receita

gastro-entero-hepato-colite aguda e deixou testamento. Seu cadáver foi encomendado pelo Padre **Antônio Homem de Oliveira** (AHCMCS – Livro 3 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 193v). O brigadeiro e Dona **Maria Aldina** casaram em Cachoeira, pelas cinco horas da tarde, em 19 de março de 1858, ele já viúvo (AHCMCS – Livro de Casamentos n° 4 de Cachoeira do Sul, p. 72). [N. do E.]

³⁷⁴ A folha 133 não contém lançamentos, apenas o – Transporte – de 29\$920 (Despesas) e as assinaturas de **Francisco Rodrigues Trelha** e **João Jozé de Brito**. [N. do E.]

Outubro 20

Transporte: 251\$823

Outubro 28

Recebeo o atual Thezoureiro das Esmollas tiradas na Caixinha neste mes a quantia de onze mil e seicentos reis. 11\$600

Novembro 25

Recebeo o atual Thezoureiro das esmolas tiradas neste mes a quantia de quinze mil e quatrosentos reis. 15\$400

Novembro 25

Idem mais de aluguel de um Caixão com tampa a quantia de des mil reis. 11\$000

Dezembro 30

Recebeo o atual Thezoureiro das emolas da caixinha tiradas este mês a quantia de dezoito mil e quinhentos reis. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 18\$500

1867 – Receita

Janeiro 27

Recebeo o atual Thezoureiro das esmolas da caixinha tiradas este mes a quantia de quatorze mil e quinhentos reis. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha**

14\$500 [Total] 321\$620 [Folha 34]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1866 – Despesa

Outubro 23

Transporte: 29\$920

Despendeo o atual Thezoureiro com o que servio de andador na véspera da festa a quantia de mil e seissentos reis. 1\$600

Outubro 23

Despendeo mais atual Thezoureiro da compra de sera para a festa a quantia de trinta mil quatro sentos reis documento N° 6. 30\$400

Outubro 27

Despendeo o atual Thezoureiro com a mão de obra do muro a quantia de quarenta e sinco mil trezentos e cecenta reis documento N° 7. 45\$360

Outubro 30

Despendeo o atual Thezoureiro com a compra de mil Tijolos para o muro a quantia de vinte e quatro mil reis documento N° 8. 24\$000

Dezembro 28

Despendeo o atual Thezoureiro com a compra de ferajes para os portones a quantia de sete mil e duzentos e vinte reis documento N° 9. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 7\$220

[Total] 138\$500 [Folha 34v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**
1867 – Receita

Janeiro 27

Transporte: 321\$620

Recebeo o atual Thezoureiro de um Caixao com tampa que alugou a quantia de oito mil reis. 8\$000

Janeiro 27

Idem mais de sete toixas que alugou a quantia de dois mil e duzentos e quarenta reis. 2\$240

Fevereiro 24

Recebeo o atual Thezoureiro de aluguel de um Caixão com tampa a quantia de des mil reis. 10\$000

Fevereiro 24

Idem mais que recebeo das esmollas da Caixinha quantia de quatorze mil nove sentos e quarenta. 14\$940

Março 3

Recebeo o atual Thezoureiro do aluguel de um Caixão sem tampa a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Março 3

Idem mais de ismolas tiradas na Caixinha a quantidade de tres mil oito sentos e oitenta. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 3\$880

[Total] 364\$680 [Folha 35]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**
1866 – Despesas

Dezembro 28

Transporte: 138\$500

1867 – Despesas

Janeiro 4

Despendeo o atual Thezoureiro com o que servia de andador a quantia de mil reis. 1\$000

Fevereiro 22

Despenseo o actual Thezoureiro com uma portalada do portão, duas portas para o mesmo e pintura para as mesmas a quantia de quarenta e três mil reis. Documento N° 10. 43\$00

Março 6

Despenseo o actual Thezoureiro com um servente para limpar o pátio da irmandade a quantia de mil duzentos e oitenta reis. [a] **João Jozé de Brito** [a] **Francisco Rodrigues Trelha** 1\$280

[Total] 183\$780

Março 30

Saldo existente em Coffre: 180\$903 [Folha 35v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1867 – Receita

Março 3

Transporte: 364\$683

Março 31

Recebeo o actual thezoureiro das ismolos da caixinha tiradas neste mes a quantia de treze mil reis.

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de Brito**

13\$000

Abril 2

Recebeo o actual Thezoureiro do aluguel de um Caixao com tampa a quantia de doze mil reis. 12\$000

Abril 28

Recebeo o actual Thezoureiro das ismolos tiradas da Caixinha tiradas neste mês a quantia de doze mil sete sentos e vinte. 12\$720

Maio 15

Recebeo o actual Thezoureiro de um esquifi a quantia de quatro mil reis. 4\$000

Maio 26

Recebeo o actual Thezoureiro das esmollas da Caixinha tiradas neste mes a quantia de treze mil nove sentos e quarenta. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de Brito**

13\$940

[Total] 420\$340 [Folha 36]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1867 – Despesa

Março 6

Transporte: 183\$780

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de Brito** [Folha 36v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de
São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1867 – Receita

Maio 26

Transporte: 420\$340

Junho 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolos da Caichinha tiradas neste mes a quantia
de quatorze mil duzentos e quarenta reis. 14\$240

Julho 7

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolos tiradas da Caichinha a quantia de três
mil quatro sentos e cecenta reis. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de
Brito** 3\$460

[Total] 438\$040 [Folha 37]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de
São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1867 – Despesa

Março 6

Transporte: 183\$780

Julho 7

Saldo ixistente em Cofre: 254\$260

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de Brito**

[Total] 438\$040 [Folha 37v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de
São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**

1867 – Receita

Julho 7

Transporte: 438\$040

Julho 28

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolos tiradas pela a Caixinha tiradas em os
dias 14 – 21 – e 28 do corrente mes de Julho – a quantia de treze mil e duzentos reis.

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de Brito** 13\$200

Agosto 25

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolos tiradas pela a Caichinha neste mes a
quantia de vinte mil e novesentos reis. 20\$900

Setembro 8

Recebeo o actual Thezoureiro do Aluguel de um Caixão com tampa a quantia de des mil reis. 10\$000

Setembro 29

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas tiradas pela a Caixinha neste meis a quantia de vinte e quatro mil e sete sentos e oitenta. [a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de Brito** 24\$780

[Total] 506\$920 [Folha 38]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rouzario desta Cidade de São João da **Cachoeira Francisco Rodrigues Trelha.**
1867 – Despesa

Março 6

Transporte: 183\$780

Setembro 29

Saldo ixistente em Cofre: 323\$140

[a] **Francisco Rodrigues Trelha** [a] **João Jozé de Brito**

[Total] 516\$100 [Folha 38v e 39 não consta] [Folha 39v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**
1867 – Receita

Transporte 327\$390

Outubro 31

Recebeo o actual Thezoureiro de esmolas da caixinha tiradas pelo Irmão de Meza Vigario **Luiz Antonio Gonçalves dos Santos.** 14\$080³⁷⁵

Outubro 31

Recebeo mais de esmola que deo o Irmão **Luiz Francisco da Rocha** (1° Notta). 1\$000

³⁷⁵ Neste mesmo ano de 1867, no mês de julho, o vigário colado Luiz Gonçalves dos Santos denunciou as injúrias recebidas por ele durante o enterro, no cemitério público de Cachoeira, de Liberato Vieira da Cunha, “no ato de seu sagrado ministério e de dar sepultura a seu paroquiano”. Ele informou ao arceidiago Vicente Zeferino Dias Lopes que o encarregado do enterro pediu e ele deu a chave do cemitério para fazer o sepultamento, acompanhando o corpo ao campo santo e lá percebeu que “em lugar de uma sepultura simples, havia se feito um carneiro de tijolo e cal”. O vigário então, depois da cerimônia, reclamou, pois não havia dado autorização para este jazigo, e não haviam sido pagos os direitos a fábrica. O encarregado do enterro João Ferreira Barbosa e Silva disse que ia satisfazer esse direito, mas, neste momento, Rafael Antônio de Oliveira prorrompeu em palavras “injuriosas e torpes”, alardeando que ia “cortar a chicote este filho da puta, coroado”. O padre conta que para evitar mais dissabores fez-se “de surdo” e se retirou. O réu Rafael era filho de João Antônio de Oliveira, 34 anos, casado, fazia “balões, velas e sabão”, natural desta província e analfabeto (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.379, processo de injúrias nº 2523, autora: a Justiça, réu: Rafael Antônio de Oliveira, 1867).

Novembro 30

Recebeo mais de esmolos da Caixinha, tiradas pelo Irmão **Francisco Rodrigues Trelha**. 14\$240

Novembro 30

Recebeo mais de aluguel de um esquife. 2\$000

Novembro 30

Idem mais mais do Irmão **Matheus** por conta do que deve á Irmandade (2° Notta). \$800

Dezembro 31

Idem mais de esmolos da caixinha tiradas pelo Irmão **Ismael Pinto da Fonseca e Guimaraes**. 17\$380

Dezembro 31

Idem mais de aluguel do esquife (3° Notta). 2\$000
1868 – Receita

Janeiro 31

Idem mais de esmolos das caixinhas tiradas pelo irmão **Affonso Borges do Canto**. 12\$460

Janeiro 31

Idem mais do aluguel de um caixão com tampa. 10\$000

Janeiro 31

Idem mais de aluguel de 19 tochas. 6\$080

Janeiro 31

Idem mais de aluguel do esquife. 2\$000

[Total] 409\$360 [Folha 40]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**
1867 – Despeza

Novembro 4

Importancia paga de pintura, papel para forro e banquetas, como consta do documento n°1. 48\$000

Novembro 30

Despendeu o actual Thezoureiro para a limpeza do Simitério e Consistório, como consta no documento n° 2. 15\$000

[Total] 63\$000 [Folha 40v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, desta cidade de São
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**
1868 – Receita

Janeiro 31

Transporte 409\$360

Janeiro 31

Recebeo o actual Thezoureiro mais de três libras de cera em bicos, que vendeu (4º Notta). 3\$250

Fevereiro 29

Recebeo mais de esmolos da caixinha tiradas pelo Irmão **Antonio Joze Vicente** (Notta nº 5). 13\$780

Março 31

Recebeu mais de esmolos da caixinha tiradas pelo Irmão **João Baptista Bandeira**. 16\$000

Março 31

Auge da moeda cobre, que se trocou. \$960

Março 31

Importância recebida pelo Irmão **Matheos** por conta do que deve a Irmandade (6º Notta). \$640

Abril 30

Recebeo mais de esmolos da caixinha tiradas pelo Irmão **Thomaz Barcellos**. 12\$080

Abril 30

Auge da moeda de sobre que se trocou. \$820

Abril 30

Aluguel de um caixão pago pelo Irmão **Thomaz Barcellos**. 10\$000

Abril 30

Importancia recebida do Irmão **Matheos** por conta do que deve á Irmandade (7º Notta). 1\$280

Maió 31

Recebeo mais de esmolos da caixinha tiradas pelo Irmão **Jose Vicente de Barcellos**. 16\$120

Maio 31

Agio da moeda cobre, que se trocou. \$380

Maio 31

Esmolas dada pelo Senhor **Leonardo da Costa Carvalho Macedonio**. 71\$120

Maio 31

Importancia recebida do Irmão **Matheos** por conta do que deve á Irmandade (8º Notta). 1\$280

[Total] 557\$370 [Folha 41]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, desta cidade de São João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**
1868 – Despeza

Transporte 63\$000

Março 31

Despeza feita para limpeza do patio do Consistorio, e canetas e pennas d' aço para a escripturação da mesma Irmandade (documento N° 3). 1\$200

Março 31

Importancia paga ao Padre **Nicoláo Albano** pelas missas ditas nos mezes de Março e Abril (Documento N° 4). 16\$000

Junho 4

3 Carretas de arêa pagas a **Firmiano** para obra do muro pertencente a Irmandade (Documento N° 5). 3\$000

Julho 22

Importancia supprida a Irman **Anna Maria da Conceição** (Documento N° 6). 6\$000

Julho 23

Importancia de 24 tochas 1 caixão para as mesmas, frete do vapor carretos de **Porto Alegre** e da praia como consta no documento N° 7. 156\$600

Julho 23

Importancia paga do Padre **Nicolau Albano** pelas missas ditas nos mezes de Junho e Julho (Documento N° 8). 16\$000

Agosto 20

Feitio de 16 tochas (\$800). 12\$800

Agosto 20

Frete ao vapor para **Porto Alegre**. 2\$000

Agosto 20

Carretas de ida e vinda. 1\$320

Agosto 20

Frete ao vapor de Porto Alegre para cá (Documento n° 9). 2\$000

Agosto 21

Importancia supprida a Irmaã **Anna Maria da Conceição** (Documento n° 10).
6\$000

Setembro 19

Importancia paga ao Pedreiro pela mão de obra do muro, agua e 9 alqueires de cal,
como consta no documento n° 11. 26\$520

Outubro 8

Importancia paga ao Padre **Nicolau Albamo** pelas 4 missas distas até 30 de setembro
próximo ao passado (Documento n° 12). 18\$000

[Total] 330\$440 [Folha 41v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos.**

1868 – Receita

Transporte 557\$370

Junho 30

Recebeo de esmolos das caixinhas tiradas pelo Irmão **Torquato Corrêa de Oliveira.**
12\$420

Junho 30

Agio da moeda cobre, que se trocou. \$360

Junho 30

Aluguel de 1 caixao para o Irmão **Antonio da C. R.** 8\$000

Junho 30

Importancia recebida do Irmão **Matheos** por conta do que deve á Irmandade (9°
Notta). \$800

Julho 31

Recebeo mais de esmolos da caixinha tiradas pelo Irmão **João José de Britto.** 10\$100

Julho 31

Agio da moeda cobre, que se trocou (10° Notta). \$620

Agosto 31

Recebeo mais de esmolas da caixinha tiradas pelo Irmão **Amancio Bandeira**. 12\$040

Agosto 31

Agio da moeda cobre, que se trocou. \$780

Agosto 31

Deu de entrada **Julia Maria Cristhina**. 2\$000

Agosto 31

Idem Idem de **Silveria**. 2\$000

Agosto 31

Aluguel de um esquife. 2\$000

Agosto 31

Idem de 14 tochas. 4\$480

Agosto 31

Idem de 1 caixao de anjo (11° Notta). 2\$000

Setembro 30

Recebeo mais de esmolas da caixinha tiradas pelo Irmão **Pedro Barcellos**. 11\$160

Setembro 30

Agio da moeda cobre, que se trocou. \$620

Setembro 30

Aluguel de um caixão com tampa (12° Notta). 8\$000

[Total] 634\$650

Saldo existente em cofre 303\$210

Outubro 31

Esmolas tiradas por conta da Irmandade 1ª Notta. 11\$040

Outubro 31

Importancia de um caixão que se vendeo. 50\$000

Novembro 30

Idem de esmolas por conta da Irmandade. 10\$160

[Total] 374\$410 [Folha 42]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**

1868 – Despeza

Transporte 330\$440

Outubro 18

Importancia dependida para o feitio de uma chave para a caixinha de tirar esmolos
fóra da cidade (Documento nº 13). 1\$000

[Total das despesas – 331\$440]

[Total das receitas –] 634\$650

Saldo existente em cofre: 303\$210

Novembro 30

Importancia de uma haste para a Cruz. [valor ilegível]

Novembro 30

Idem para lavagem das Opas. [valor ilegível]

Novembro 30

Idem para Compostura do [palavra ilegível]. 1\$000

Novembro 30

Idem [trecho ilegível]

Novembro 30

Idem de lavagem e limpeza do [palavra ilegível]

[Total] 5\$100 [Folha 42v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**

1868 – Receita

Transporte 374\$410

Saldo existente em cofre 241\$670

[a] **Velocino de Araujo de Bastos**

[a] **Constantino Joze Ferreira Vasconcellos**

Dezembro 31

Recebeu o actual Thezoureiro das esmolos tiradas no corrente mez por conta da
Irmandade. 7\$120

Dezembro 31

Meia Carrada de pedras, vendida por conta da mesma Irmandade. 1\$200

Dezembro 31

Recebeu mais do irmão **Euzebio Antonio Simoes**. 4\$640

Dezembro 31

Idem do Irmão **Afonso Borges do Canto**. 4\$000

Dezembro 31

Idem da Irmaã **Balbina Maria da Conceição**. 2\$000

Dezembro 31

Idem da Irmaã **Joaquina** [escravizada] de D. **Firmina**. 5\$000

Dezembro 31

Idem da caixa do Rei **Miguel**.³⁷⁶ 4\$640

Dezembro 31

Idem mais por conta da joia da S. M. o Rei. 7\$000

Dezembro 31

Idem mais da Irmaã **Jacinta** [escravizada] do Finado **Bandeira**. 2\$000

Dezembro 31

Idem da Irmaã **Anna Maria da Conceição**. 3\$000

Dezembro 31

Idem da Irmaã **Isabel Francisca da Conceição**. 2\$000

[a] **Velocino de Araujo Bastos** [a] **Constantino Joze Ferreira Vasconcellos**

[Total] 327\$290 [Folha 43]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**
1868 – Despeza

Transporte 5\$100

Novembro 30

Importancia de agua para lavagem. \$500

Novembro 30

Idem de uma vassoura. \$120

Novembro 30

Idem dependido com um caixao para a irmandade. 84\$000

[Total das despesas – 89\$720]

³⁷⁶ Trata-se do rei **Miguel Gonçalves de Carvalho**. [N. do E.]

[Total das receitas] – 374\$410

Saldo existente em cofre 284\$690

[a] **Velocino de Araujo Bastos** [a] **Constantino Joze Ferreira Vasconcellos**

Novembro 30

Despendeu o actual Thezoureiro com missas ao Coadjutor segundo a contracta N° 1. 28\$000

Novembro 30

Idem Idem Idem N° 2. 24\$000

Novembro 30

Idem Idem com o Pedreiro para fechar a catacumba da Irmaã **Florinda** N° 3. 5\$000

Novembro 30

Idem com um caixao sem tampa N° 4. 16\$240

Novembro 30

Idem com a limpeza do Cemitério. 5\$500

Novembro 30

Idem de lavagem do Consistório e para limpar a area do mesmo. 4\$480

Novembro 30

2 Pennas d'aço e 2 cadernos de papel (N°6). \$200

Novembro 30

Despendeu mais com o concerto do telhado do Consistório da Irmandade (N° 6). 6\$880

Novembro 30

Despendeu com a encommendação da Irmaã **Florinda** [escravizada] de Dona **Maria do Carmo** (N°7). 6\$360

Novembro 30

Idem com a limpeza da area do Consistório (N°8). 1\$000

Novembro 30

Idem com 1 vassoura e agua (N°9). 1\$260

Novembro 30

Idem com 1 Sanefa para o andor de Nossa Senhora (N°10). 17\$940

Novembro 30

Idem com 1 cruz de ferro para o Cemiterio (N°11). 10\$000

Novembro 30

Idem mais de 6 grinaldas, 1 ½ varas de fita e feitio das sanefas (N°12). 14\$440

[Total] 141\$320 [Folha 43v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de Sam
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**

1869 – Receita

Transporte 327\$290

Janeiro 31

Recebeo o actual Thezoureiro de esmolas tiradas por conta da Irmandade (N° 2).
7\$920

Fevereiro 28

Recebeo mais de esmolas Idem (N° 3). 8\$560

Março 31

Idem Idem (N°4). 7\$180

Março 31

Idem de aluguel de um Caixao (N° 4). 20\$000

Abril 30

Idem de esmolas por conta da irmandade (N°5). 8\$130

Abril 30

Idem de aluguel do esquife (N°5). 2\$000

Abril 30

Idem do Caixao sem tampa (N°5). 4\$000

Maiio 31

Idem de esmolas. 8\$250

Maiio 31

Aluguel do Caixao sem tampa. 4\$000

Maiio 31

Recebeo mais de termo de uma Irmaã. 2\$000

Maio 31

Idem do Irmão **Manoel** (N° 6). 2\$000

Junho 30

Idem de esmolas (N°7). 8\$220

Julho 31

Idem Idem. 7\$220

Julho 31

Idem do aluguel do Caixao sem tampa. 2\$000

Julho 31

Aluguel de 25 tochas (N° 8) (\$320) 8\$000

Agosto 31

Recebeo mais de esmollas. 8\$640

Agosto 31

Idem cobrado ao Padre **Barrozo** (N° 9). 10\$000

Agosto 31

Idem em Julho de aluguel no semiterio para uma sepultura. 22\$500

Agosto 31

Idem de 9 telhas (N° 10) (\$080). 1\$720

[Total] 468\$630

Saldo existente em cofre 327\$310

[a] **Velocino de Araujo Bastos** [a] **Constantino Joze Ferreira Vasconcellos**

Agosto 31

Recebeu o actual Thezoureiro de esmolas tiradas por conta da Irmandade. 7\$620

[Total] 334\$930 [Folha 44]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de Sam

João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**

1869 – Despeza

[Total das receitas] 468\$630

Transporte 141\$320

Saldo existente em cofre 327\$310

Dispendeu o actual Thezoureiro para a missa cantada de Nossa Senhora. Com flores para o altar da mesma Senhora. 1\$000

Penna e papel (Nota 13^a). \$240

[Total] 1\$240 [Folha 44v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade de São
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**

1869 – Receita

Transporte 334\$930

Recebeu mais de esmolas tiradas pelo Rei. 1\$620

Recebeu de entrada do Irmão **Manoel Zacharias**. 2\$000

Idem do Irmão **Manoel Joze do Nascimento** (Nota 11^a). 2\$000³⁷⁷

[Total] 340\$550

Saldo existente em cofre: 155\$270

[a] **Velocino de Araujo Bastos** [a] **Constantino Joze Ferreira Vasconcellos**

[Folha 45]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta cidade de São
João da **Cachoeira Velocino de Araujo Bastos**

1869 – Despeza

Transporte 1\$240

Dependeo mais com a festa de Nossa Senhora (Nota 14^a). 35\$020

Idem Idem segundo a Notta 15^a – 38\$000

Idem Idem segundo a Notta 16^a – 23\$000

Idem Idem segundo a Notta 17^a – 9\$900

Idem Idem segundo a Notta 18^a – 25\$000

Idem Idem segundo a Notta 19^a – 53\$120

[Total das receitas – 340\$550]

[Total das despesas – 185\$280]

Saldo existente em cofre para fechamento de contas: 155\$270

[a] **Velocino de Araujo Bastos** [a] **Constantino Joze Ferreira Vasconcellos**

[Folha 45v]

Conclusão

Aos dezoito dias do mez de Janeiro de mil oito centos e setenta nesta Cidade da
Cachoeira em meo cartorio faço este Livro concluzo ao provedor de Capellas e

³⁷⁷ **Manoel José do Nascimento** testemunhou em um processo do ano de 1872, relativo a brigas ocorridas durante uma festa de entrudo. Ele foi identificado como *preto liberto*, solteiro, com 50 anos de idade, vivia do seu trabalho, residia nesta cidade e não sabia escrever. No segundo depoimento, dado em juízo, o status de *liberto* não aparece, mas está impressa a sua “cor preta” (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, auto crime nº 3162, autora: a justiça, réu: pardo Vicente, 1872). [N. do E.]

resíduos doutor **Aureliano Azevedo Monteiro**³⁷⁸: e do que fiz esse termo eu **Antonio Teixeira de Oliveira** o escrevi. Concluzos em 18 de Janeiro de 1870.³⁷⁹

Auto de tomada de contas á Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, como abaixo se declara:

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oito centos e setenta aos sete dias do mez de Março nesta cidade da **Cachoeira** na Rezidencia do Juiz Provedor de Capellas e Reziduos Doutor **Aureliano de Azevedo Monteiro** onde eu Escrivão do seo Cargo [palavra ilegível] e sendo a lei propos o Juiz a tomar contas a Irmandade de Nossa Senhora do Rozario pela forma seguinte.

1863

Achou o Juiz ter importado a receita da Irmandade do Rozario no anno de 1863 na quantia de reis 549\$333. [Folha 46]

Achou ter importado a despeza da mesma Irmandade no referido anno na quantia de Reis trezentos sessenta e sete mil trezentos e sessenta, ficando um saldo de Reis cento setenta e um mil novecentos setenta e trez reis. E por esta forma deo o Juiz por tomadas as contas do anno mil oitocentos sessenta e trez; e assignou este auto perante mim **Antonio Peixoto de Oliveira** Escrivão que os escrevi.

[a] **Aureliano de Azevedo Monteiro**

1864 até 19 de maio 1866

Achou o Juiz Provedor de Capellas e residuos ter produzido a receita da Irmandade no anno de mil oito centos e sessenta e quatro a quantia digo nos annos de mil oito centos sessenta e quatro, mil oito centos e setenta e cinco até dezenove de maio de mil oito centos e sessenta e seis a quantia de um conto cento e setenta e sete mil cento e noventa e trez reis. 1:177\$193.

Achou importar a despeza até esta data na quantia de um conto noventa e trez mil e trinta reis, e verificando por consequencia um saldo de [Folha 46v] oitenta e quatro mil centro e sessenta e trez reis. E por essa forma deo o Juiz estas Contas por tomadas e aprovadas e faço este auto, perante mim **Antonio Peixoto de Oliveira** Escrivão que o escrevi.

[a] **Aureliano de Azevedo Monteiro**

De 29 de Maio de 1866 a 30 de Setembro de 1868

Verificou o Juiz Provedor de Capellas e Residuos ter produsido a Receita no tempo decorrido de 29 de Maio de 1866 a 30 de Setembro de 1868, a quantia de seis centos trinta e quatro mil seis centos cincoenta reis, e a despeza a quantia de trezentos

³⁷⁸ Formado em leis pela Faculdade de Direito de Recife (1862) e nomeado Juiz Municipal de Cachoeira em 1868. (SODRÉ, Elaine Leonara de Vargas A Disputa pelo monopólio de uma força (i)legítima: Estado e Administração Judiciária no Brasil Imperial (Rio Grande do Sul, 1833-1871) – Porto Alegre, 2009, p. 414). Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre, PUC/RS, 2009. [N. do E.]

³⁷⁹ Escrito sobre este parágrafo: “sem efeito” [N. do E.]

trinta e um mil quatro centos quarenta reis, resultando um saldo da quantia de reis trezentos e trez mil duzentos e dez reis. E por esta forma deo o Juiz Provedor este auto por findo, e assignou perante mim **Antonio Peixoto de Oliveira** escrivão que o escrevi. [a] **Aureliano de Azevedo Monteiro**

1869

Achou o Juiz Provedor ter [folha 47] importado a receita correspondente ao anno de 1869 na quantia de 340\$550 reis, e a despeza na quantia de 185\$280 reis, resultando um saldo de 155\$270 reis. E por esta forma deo o Juiz estas contas por tomadas, e mandou lavrar este auto que assignou perante mim **Antonio Peixoto de Oliveira** que o escrevi. [a] **Aureliano de Azevedo Monteiro**

Conclusão.

E logo faço este livro Concluzo ao Provedor de Capellas e Residuos Doutor **Aureliano de Azevedo Monteiro**; do que fiz este termo. Eu **Antonio Peixoto de Oliveira** o escrevi.

Concluidos 7 Março 1870

Vista ao Promotor de Capellas. **Cachoeira** 7 de Março de 1870.

[a] **Aureliano de Azevedo Monteiro**

Data

Aos oito dias do mez de Março de mil oito centos setenta anos, nesta cidade da **Cachoeira** no meo Cartório por parte do Provedor de Capellas e Residuos Doutor **Aureliano de Azevedo Monteiro** me forão entregue este Livro com o Despacho supra do que fiz este Termo. Eu **Antonio Peixoto de Oliveira** o escrevi.

Certifico que intimei o Despacho supra ao Provedor de Capelas **José Joaquim Cidade** e ao [folha 47v] Thezoureiro **Marcos Jose de Canto**, os quais ficarão scientes e entendidos. **Cachoeira** 8 de Março de 1870.



O escrivão **Antonio Peixoto de Oliveira**

Vista

E logo faço este livro Concluzo ao Provedor de Capellas **José Joaquim Cidade**; do que faço este termo. Eu **Antonio Peixoto de Oliveira** o escrevi.

Vista em 8 de Março de 1870

Examinando as contas dos annos de 1863 a 1869, constantes do prezente Livro acheias exactas, e conforme com os documentos apresentados, e por isso nada tenho a oppor afim de que seião ellas julgadas por Sentença. **Cachoeira** 10 de Março de 1870.

[a] **José Joaquim Cidade**

Data

Aos dez dias do mez de Março de mil oito centos setenta annos nesta Cidade da **Cachoeira** no meo Cartorio por parte do Provedor de Capellas **Joze Joaquim Cidade** me foi entregue este livro com a resposta supra; do que fiz este termo. Eu **Antonio Peixoto de Oliveira** o escrevi.

Leva o sello [deste livro] no valor de 400 reis que o [palavra ilegível] em 4 folhas [palavra ilegível]. **Cachoeira** 10 de Março de 1870. Escrivão [a] **Oliveira** [Folha 48]

Concluzão

Aos des dias do mez de Março de mil oito centos setenta annos nesta cidade da **Cachoeira** no meo Cartorio faço este livro Concluzo ao Provedor de apelas e Reziduos Doutor **Aureliano de Azevedo Monteiro**; e do que fiz este termo. Eu **Antonio Peixoto d'Oliveira** o escrevi.

Concluzos em 10 de Março de 1870

Julgo por sentença as contas prestadas da receita e despeza da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario dos annos de 1863, a 1864, 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, e por as achar exactas conformando com o parecer do Promotor de Capellas, hei por exonerados d'ellas os respectivos Thesoueiros. O Senhor Thesoueiro faça apresentar a este Juizo um livro competentemente sellado para ser rubricado, aberto e encerrado, afim de servir para lançamento dos recibos e mais documentos da despeza da Irmandade. Recommendo a Meza que na primeira reunião da Irmandade faça nomear uma commissão para rever o atual compromisso, e redigir um novo, que depois de aprovado pelos poderes competentes, melhor preencha os fins a que se destina a mesma Irmandade: recommendo também que todos os annos depois de tomadas as contas aos Thesoueiros pela meza seião os respectivos livros appresentados a este Juizo afim de se tornar effectiva qualquer responsabilidade dos mesmos. Pagas as custas pela Irmandade. **Cachoeira** 11 de Março de 1870. [a] **Aureliano de Azevedo Monteiro**

Publ. em mãos do Escrivão. [Folha 48v]

Data

Aos onze dias do mez de Março de mil oito centos setenta annos nesta Cidade da **Cachoeira**, em meo Cartorio por parte do Juizo de Capellas e Residuos Doutor **Aureliano de Azevedo Monteiro** me forão entregues digo me foi entregue este

livro com a Sentença retro; do que fiz este termo. Eu **Antonio Peixoto de Oliveira** o escrevi.

Certifico que intimei a Sentença retro ao Solicitador **José Joaquim Cidade**, e por carta ao Reverendo Juiz da Irmandade **Marcolino de Maia Firme**, e pessoalmente aos Mesarios **Francisco Rodrigues Trelha**, **Marcos José do Canto**, **João Baptista Bandeira**, **Joze Francisco da Silva**, **Velocino de Araujo Bastos**, **Antonio da Costa Rocha**, **Innocencio da Silva Prado**. Cachoeira 12 de Março de 1870. O escrivão [a] **Antonio Peixoto de Oliveira** [consta selo do Império do Brasil de 200 reis]

Conta		
Do Solicitador		
Tomada de Contas de 6 annos	18\$000	
Do Juis		
Tomada de Contas de 6 annos	16\$200	
Do Escrivão		
Tomada de Contas de 6 annos	15\$000	
Termos diversos de 6 annos	1\$200	
Guia e Sellos fs.	\$600	
[Folha 49]	16\$800	34\$200
Sentença Deligencia e Sellos folha 47	4\$200	
Sentença Deligencia e Sellos folha 48	12\$000	33\$000
Ao Contador		
Conta	2\$000	
		69\$200

Cachoeira 12 de Maio de 1870.

[a] **João Alves de Almeida**³⁸⁰

[Folha 49v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto
1870. Receita.

Maio 15

Recebeo o Thezoureiro **Marcos Joze do Canto** do ex Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, do Sálido existente em seu puder, conforme suas contas a folha 45. 155\$270

³⁸⁰ Em 18.11.1885 João Alves de Almeida estava na casa de negócios do português Inácio Alves, no lugar denominado Lava-Pés –, fazendo a *escrita comercial* do estabelecimento, quando foi agredido com uma facada pelo francês Pedro Sauré. João Alves tinha 50 anos, era casado, filho de João Alves de Almeida, natural desta provincia e empregado público (APERS – Comarca de Cachoeira do Sul, Tribunal do Júri, 1884/1885. Caixa 011.0148, auto: 3279, Autora: Justiça, réu: Pedro Sauré, 1885).

Maio 15

Idem, de esmólas tiradas no mez de Setembro de 1869 –, a quantia de vinte dois mil e nove centos reis. 22\$900

Maio 15

Idem, de esmólas tiradas no mez de Outubro de 1869 – pelo Senhor **Luiz Francisco da Rocha**. 22\$380

Maio 15

Idem, de aluguel de úm caixão sem tampa. 4\$000

Maio 15

Idem, de esmólas tiradas no mez de Novembro de 1869, pelo Senhor **Antonio da Costa Rocha**. 16\$700

Maio 15

Idem, de úm Caixão sem tampa de seu aluguel. 4\$000

Maio 15

Idem, de annuaes, da Senhora **Julia Maria Christina**. 1\$000

Maio 15

Idem, de esmolas tiradas no mez de Dezembro de 1869, pelo Senhor **Velocino de Araujo**. 18\$280

Maio 15

Idem, de entrada de dois Irmãos. 4\$000

Maio 15

Idem, de aluguel de 20 – tóxas. 10\$000

Maio 15

Idem, de esmolas tiradas no mez de Janeiro do corrente anno de 1870. [a] **Manoel Homem de Oliveira** Escrivão [a] **Marcos Joze do Canto** 22\$320
[Total] 280\$850 [Folha 50]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto

1870. Despeza.

Despendêo o actual Thezoureiro com o enterro do finado Irmão **Fermino Vieira da Cunha**. 5\$000

Despendêo o actual Thezoureiro com a Encomendação do Irmão falecido **Joze Vicente de Barcellos**. 6\$500

Idem, com o pedreiro que fechou a Catacumba em que foi Sepultado o mesmo Irmão. 4\$600

Idem, com a capinação do mesmo, digo, do Cemiterio. 8\$000

Idem, com a capinação do consistorio da Irmandade. 1\$280

Despendeo o actual Thezoureiro com a prestação de contas da Irmandade, perante o Juiz de Capellas e Reziduos, que forão julgadas por Sentença em 11 de Março do corrente anno, sessenta e nove mil e duzentos reis. [a] O Escrivão **Manoel Homem de Oliveira** [a] **Marcos Joze do Canto** 69\$200

[Total] 94\$580³⁸¹ [Folhas 50v e 51 em branco]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto
1870. Receita.

Transporte [Total] 280\$850

Maio 15

Recebêo o actual Thezoureiro das esmolas tiradas no mez de Fevereiro do corrente anno, pelo Irmão **Innocencio da Silva Prado**. 18\$400

Maio 15

Idem, do aluguel de úm caixão sem tampa. 4\$000

Maio 15

Idem, do aluguel de úma tócha. 2\$000

Maio 15

Idem, da entrada da Irmã **Frauzina de Oliveira** e de 3 annos de annuaes. 5\$000

Maio 15

Idem, das esmolas tiradas no mez de Março do corrente anno pelo Senhor **Euzebio Simões**. 16\$120

Maio 15

Idem d'aluguel de duas toxas. 4\$000

³⁸¹ [Aqui havia um pequeno papel solto, com uma lista de nomes]

Antônio Simões

Felesbino Neves

Pedro Modesto

João Pelegrino

Saturnino

~~Jose Agostinho~~

Maxemiano Pereira.

Maio 15

Idem, de aluguer de um caixão com tampa. 16\$000

Maio 15

Idem, das esmolas tiradas no mez de Abril do corrente anno pelo Irmão **Thomaz Barcellos**. 17\$440

Maio 15

Idem, d'aluguer de uma tóxa. 2\$000

Maio 31

Idem, das esmolas tiradas n'este mez pelo Senhor **Luciano Gomes Pereira**. 23\$680

Maio 31

Idem, pela venda de 3 libras de bicos de Cêra. 4\$160

Maio 31

Idem, pelo aluguel de um caixão para um Anginho. 2\$000

Maio 31

Idem, d'aluguer d'um caixão sem tampa. [a] **Manoel Homem de Oliveira** Escrivão
[a] **Marcos Joze do Canto** 2\$000
[Total] 397\$650 [Folha 52]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto
1870. Despeza.

Transporte 94\$580

Setembro 22

Despendeo o actual Thezoureiro com a compustura da Corôa da Nossa Senhora do Rozario, documento n° 1. 5\$000

Setembro 26

Despendeo o actual Thezoureiro com a condução de dois muzicos para a festa da Senhora, documento n° 2. 17\$400

Setembro 30

Despendêo o actual Thezoureiro com 14 duzias de foguetes para a festa da Senhora – documento n° 3. 54\$600

Outubro 2

Despendeo o actual Thezoureiro com a muzica da terra e de fóra para a festa de Nossa Senhora – documento n° 4. 168\$000

Outubro 3

Despendeo o actual Thezoureiro com vélas de Cêra e de composição para a festa da mesma Nossa Senhora do Rozario documento n° 5. O Escrivão [a] **Manoel Homem de Oliveira** [a] **Marcos Joze do Canto** 103\$700

[Total] 339\$580 [Folhas 52v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto
1870. Receita.

Transporte 397\$650

Junho 30

Recebeo o actual Thezoureiro das esmolas tiradas neste mez pelo Irmão **Affonso Borges do Canto**. 20\$580

Junho 30

Idem, do aluguer de úm caixão com tampa. 20\$000

Junho 30

Idem, de aluguel de úm esquife. 2\$000

Junho 30

Idem, de 1 caixão sem tampa. 4\$000

Junho 30

Idem, de 1 caixão com tampa. 20\$000

Julho 31

Recebeo o actual Thezoureiro de esmolas tiradas neste mez, pelo Irmão **Francisco**. 28\$510

Agosto 31

Recebeo o actual Thezoureiro de esmolas tiradas no corrente mez pelo Irmão **Marcianno Pereira Bastos**. 20\$900

Agosto 31

Idem, de entrada do Irmão **Manoel Antonio**. 2\$000

Setembro 1

Recebeo o actual Thezoureiro de Joias, entradas e annuâes de vários Irmãos. [a] **Marcos Homem de Oliveira** Escrivão [a] **Marcos Jose do Canto** 69\$200

[Total] 584\$840 [Folha 53]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto
1870. Despeza.

Transporte 339\$580

Outubro 3

Despendeo o actual Thezoureiro com a Armação do Altar de Nossa Senhora e Capéla Mór, e mais 24 e ½ libras de cera para a mesma festa, documento nº 6. 92\$000

Outubro 3

Idem ao Padre **Francisco da Silva Carrão**, das novenas, e missa Cantada na Festa da mesma Senhora documento nº 7. 31\$000³⁸²

Outubro 5

Despendeo o actual Thezoureiro com mais oito duzias de foguetes para a mesma festa – documento nº 8. 30\$400

Outubro 5

Idem, Idem, com o regresso dos muzicos de fóra da terra. 6\$000

Outubro 5

Idem, Idem, com a compra de um Livro para o lançamento dos recibos da despeza da Irmandade, e com o Sello e rubrica do mesmo. 20\$000

Outubro 6

Despendeo o actual Thezoureiro com o Coadjutor **Antonio Albano**, com novenas e missa cantada da festa – documento nº 9. [a] **Manoel Homem de Oliveira** Escrivão [a] **Marcos Joze do Canto** 28\$000
[Total] 622\$680 [Folhas 53v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto
1870. Receita.

Transporte 584\$840

Setembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro de Joias, entradas e annuaes de diversos Irmãos. 51\$000

³⁸² O Padre e professor público Francisco da Silva Carrão foi acusado, alguns anos depois, de estelionato, quando depôs ser filho do Conselheiro João da Silva Carrão, ter 45 anos, estado: celibatário, sacerdote, brasileiro, natural de Curitiba e saber ler e escrever. APERS – Civil e Crime de Cachoeira do Sul – Processo nº 3193, autor: A justiça, Réu Padre Francisco da Silva Carrão, 1876. [N. do E.]

Setembro 30

Idem, Idem das esmoladas da caixinha tiradas n'este mez, pelo Irmão **Joze Francisco da Silva**. 16\$000

Setembro 30

Idem, Idem de alugueis de caixões e esquife. 38\$000

Setembro 30

Idem, Idem de aluguel de úma Catacúmba. 16\$000

Outubro 1

Recebeo o actual Thezoureiro de Joias, entradas e annuâes de diversos Irmãos. [a] **Manoel Homem de Oliveira** Escrivão [a] **Marcos Jose do Canto** 84\$000
[Total] 789\$840 [Folha 54]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Marcos Joze do Canto
1870. Despeza.

Transporte 622\$680

Outubro 6

Despendeo o actual Thezoureiro com o Sacristão pelos serviços que prestou na Festa de Nossa Senhora documento número – 10-. 37\$500

Outubro 6

Idem, despêdo o actual Thezoureiro com cumpustura de Opas da Irmandade. 1\$600

[Total das Despezas] 689\$780

[Total das Receitas] 789\$840

Sálido a favor da Irmandade 100\$060

[a] **Manoel Homem de Oliveira** Escrivão

[a] **Marcos Joze do Canto** [Folhas 54v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1870. Receita.

Outubro 2

Recebeu o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, do ex Thezoureiro **Marcos Joze do Canto** do Saldo existente em seu puder conforme suas contas a folha 54. 100\$060

Outubro 31

Idem de esmoladas tiradas no mez de Outubro de 1870 pelo Irmão **Marcos Joze do Canto**. 34\$230

Outubro 31

Idem de annúaes do Irmão **Lucianno**. 2\$000

Outubro 31

Idem, da entrada da Irmã **Leonor Maria Candida** e seu filho **Francisco**. 4\$000

Outubro 31

Idem, de annúaes do Irmão **Joze Francisco da Silva**. 2\$000

Outubro 31

Idem, de aluguel de úm Caixão. 4\$000

Novembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araújo Bastos** de esmolas tiradas no mez Novembro de 1870 pelo Irmão **Constantino Joze Ferreira de Vasconcellos**. 23\$010

Novembro 30

Idem de aluguel de úm Caixão com tampa. 20\$000

[Total] 189\$300 [Folha 55]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1870. Despeza.

Novembro 30

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com a gratificação ao Irmão Andador, nos mezes de Outubro e Novembro de 1870. 8\$000 [Folha 55v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1870. Receita.

Transporte 189\$300

Dezembro 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmolas tiradas no mez de Dezembro de 1870, pelo Irmão **Luiz Francisco da Rocha**. 21\$580

Dezembro 31

Idem de aluguel de úm Caixãozinho. 2\$500

1871. Receita.

Janeiro 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmolas tiradas no mez de Janeiro corrente pelo Irmão **João Baptista Bandeira**. 22\$350

Janeiro 31

Idem, da entrada da Irmã **Maria**, digo, da Irmã **Bernarda Maria da Conceição**.
2\$000

Janeiro 31

Idem, de annúaes da Irmã **Silveria**. 6\$280

Janeiro 31

Idem d'aluguer d'úm Caixãozinho. 3\$000

Fevereiro 28

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmolas tiradas no
mez de Fevereiro corrente pelo Irmão **Joze Francisco da Silva**. 20\$950

Fevereiro 28

Idem, de annuaes do Irmão **Francisco Antonio da Costa**. 5\$640

Fevereiro 28

Idem, de úm Caixão com tampa. 20\$000

Fevereiro 28

Idem, de úm Caixão sem tampa. 5\$000

Fevereiro 28

Idem da Entrada de duas Irmãs. 4\$000

[Total] 302\$600 [Folha 56]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade desta
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1870. Despeza.

Transporte 8\$000

Dezembro 31

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com a limpeza do
patêo do Consistorio da Irmandade. 1\$000

Dezembro 31

Idem, com a gratificação ao Senhor Andador. 4\$000

1871. Despeza.

Janeiro 31

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com a gratificação
ao Irmão Andador, no mez de Janeiro corrente. 4\$000

Janeiro 31

Idem, com o enterro da Irmã **Silveria** como consta da nota nº 3. 12\$120

Fevereiro 28

Despenseo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com o Irmão Andador no corrente mez. 4\$000

Fevereiro 28

Idem, com o Irmão **Matheus** pelo seo trabalho, como consta da nota nº 5. 3\$200
[Total] 36\$320 [Folha 56v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1871. Receita.

Transporte 302\$600

Março 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmólas tiradas no corrente mez, pelo Irmão **Innocencio da Silva Prado**. 20\$560

Março 31

Idem, de aluguer de úm Caixão com tampa. 20\$000

Março 31

Idem, do aluguer de 26 tóxas a 320. 8\$320

Março 31

Idem, dito de úm Caixão sem tampa. 5\$000

Março 31

Idem, de dito. 3\$000

Março 31

Idem, de úm – dito dito. 4\$000

Abril 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmolas tiradas no corrente mez pelo Irmão **Manoel Joze do Nascimento**. 25\$420

Abril 30

Idem, de aluguer de úm Caixão. 6\$000

Maió 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmolas tiradas no corrente mez pelo Irmão **Affonso Borges do Canto**. 20\$070

Maio 31

Idem d'aluguel de dois Caixões sem tampa. 11\$000

[Total] 425\$970 [Folha 57]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da

Cachoeira Velocino de Araujo Bastos

1871. Despeza.

Transporte 36\$320

Março 31

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com a gratificação do corrente mez ao Irmão Andador. 4\$000

Março 31

Idem, com o irmão **Matheus** constante da nota nº 6. 3\$200

Abril 30

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com a limpeza do Cemiterio. 12\$000

Abril 30

Idem, com a gratificação ao Andador. 4\$000

Maio 31

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com a gratificação ao Irmão Andador. 4\$000

[Total] 63\$520 [Folha 57v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da

Cachoeira Velocino de Araujo Bastos.

1871. Receita.

Transporte 425\$970

Junho 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmolas tiradas no corrente mez, pelo Irmão **João Izidorio**. 19\$380

Junho 30

Idem, d'aluguer d'um Caixão sem tampa. 5\$000

Julho 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmólas tiradas no corrente mez, pelo Irmão **Hilario**, digo, Irmão **Candido Joze Hilario**. 26\$330

Julho 31

Idem, de aluguer d'um Caixão sem tampa. 5\$000

Agosto 31

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, de esmolas tiradas no corrente mez, pelo Irmão **Thomaz Joze Barcellos**. 20\$520

Agosto 31

Idem, aluguer d'um Caixãozinho. 2\$500

Agosto 31

Idem, dinheiro que dêu a Irmã **Julia Christina**. 26\$000

[Total] 430\$700 [Folha 58]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade desta
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1871. Despeza.

Transporte 63\$520

Junho 30

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino de Araujo Bastos**, com a gratificação ao Irmão Andador. 4\$000

Julho 31

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino d'Araujo Bastos**, com o Irmão Andador, por gratificação do presente mez. 4\$000

Julho 31

Idem, com o Irmão **Matheus**, segundo a nota nº 10. 4\$000

[Total] 75\$520 [Folha 58v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos
1871. Receita.

Transporte 430\$700

Setembro 30

Recebeo o actual Thezoureiro **Velocino d'Araújo Bastos** de esmolas tiradas no corrente mez, pelo Irmão **Ismael da Fonseca**. 20\$610

Setembro 30

Idem de annuaes de Irmãos como consta da nota Nº 12. 25\$400

Setembro 30

Idem de Joia do Juiz **Antonio Peixoto de Oliveira**. 20\$000

Setembro 30

Idem de Joia da Juiza. 10\$000

[Total da Receita] 506\$710

[Total da Despesa] 237\$120
Sálido a favor da Irmandade 269\$590

Outubro 31

Recebeo o actual Thesoureiro **Velocino d'Araújo Bastos**, esmollas tiradas no corrente mez, pelo Irmão **Antonio Peixoto d' Oliveira**. 26\$840

Outubro 31

Idem que recebeo do mesmo Irmão **Antonio Peixoto de Oliveira**. 4\$000

Outubro 31

Aluguel de 2 Toxas. 1\$000

Outubro 31

Anuaes que recebeo de diverços Irmãos e Irmãs, como consta da relação N° 1. 35\$320

[Total] 336\$810 [Folha 59]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da

Cachoeira Velocino de Araujo Bastos

1871. Despeza.

Transporte 75\$520

Setembro 30

Despendeo o actual Thezoureiro **Velocino d'Araujo Bastos**, com a compra de noventa e oito Covados de tafetá branco para Opas, nota N° 11-A. 127\$400

Setembro 30

Idem com o feitio de 14 Opas e retroz e colchetes para as mesmas; nota N° 12. 8\$600

Setembro 30

Idem com 12 tôxas, de páu, nota N° 12. 9\$600

Setembro 30

Idem com um Caixão sem tampa, para forrar, nota N° 12. 16\$000

Outubro 31

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araujo Bastos**, com o irmão Andador, com a gratificação que o mesmo Andador tem. 4\$000

Outubro 31

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araujo Bastos**, com o Irmão Andador, com a gratificação que o mesmo Andador, tem nos mezes Agosto e Setembro de 1871. 8\$000

Outubro 31

Idem com papel para o Procurador escrever assentos. \$160

Outubro 31

Despenseo o actual Thesoureiro com a Limpeza do cemiterio. 16\$160

[Total] 28\$320 [Folha 59v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos

1871. Receita.

Transporte 336\$810

Novembro 30

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, rendimento da Caixinha com esmollas tiradas pelo Irmão **João Moreira de Carvalho**. 20\$550

Novembro 30

Aluguel de um Caixão sem tampa. 6\$000

Novembro 30

Idem de um Caixãozinho. 3\$000

Novembro 30

Recebeo mais o actual Thesoureiro da irmã, **Severina** (viúva do **Rogério**) seus anuaes. 1\$600

Dezembro 30

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmollas da Caixinha tiradas pelo irmão **Manoel Joze do Nascimento** no presente mes. 25\$840

Dezembro 30

Recebeo mais, aluguel de um Caixãozinho. 3\$000

Dezembro 30

Anuaes que recebeo, do irmão **Zacarias**. 1\$000

1872. Receita.

Janeiro 30

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmollas da Caixinha tiradas pelo irmão **Eusebio Antonio Simões**.

21\$950

[Total] 419\$750 [Folha 60]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade desta
Cachoeira Velocino de Araujo Bastos

1871. Despeza.

Transporte 28\$320

Novembro 30

Despenseo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com o Andador por gratificação do presente mez. 4\$000

Novembro 30

Idem com 3 varas de renda para uma Toalha – 640. 1\$920

Novembro 30

Flores para o Altar. \$320

Novembro 30

Idem que despenseo com o irmão **Matheos**, pelo seu trabalho de tirar esmollas, pelo irmão **João Moreira de Carvalho**. 3\$200

Dezembro 30

Despenseo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** com o irmão Andador, com a gratificação do no presente mez. 4\$000

1872. Despeza.

Janeiro 30

Despenseo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** com o irmão Andador por gratificação que o mesmo tem no presente mes. 4\$000

[Total] 45\$760 [Folha 60v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

1872. Receita.

Transporte 419\$750

Fevereiro 28

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmollas da Caixinha tiradas pelo irmão **Bernardo Marques de Sousa** no presente mez. 19\$840

Março 30

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmollas da Caixinha tiradas pelo irmão **Manoel Homem de Oliveira** no presente mez. 25\$850

Março 30

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, de aluguel de um Caixão com tampa. 16\$000

Abril 30

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmollas da Caixinha tiradas pelo irmão **Afonço Borges do Canto** no presente mez. 21\$380

Abril 30

Recebeo mais aluguel de 2 Caixãozinhos. 4\$000

[Total] 506\$820 [Folha 61]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da

Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

1872. Despeza.

Transporte 45\$760

Fevereiro 28

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com o irmão Andador com a gratificação que o mesmo irmão tem no presente mez. 4\$000

Fevereiro 28

Idem, com o prêto **Matheus** por tirar as esmollas pelo irmão **Bernardo Marques de Sousa**. 1\$600

Março 30

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com o irmão Andador, pela sua gratificação que tem o Andador. 4\$000

Abril 30

Despendeo o actual Thesoureiro, **Velucino de Araujo Bastos**, com o irmão Andador com a gratificação do mesmo Andador no presente mez. 4\$000

Abril 30

Idem com a limpeza do pateo do Consistorio. 1\$000

Abril 30

Idem ao Irmão **Matheus** pelo seu trabalho de tirar as esmollas pelo irmão **Afonço Borges do Canto** com a importancia de reis. 3\$200

[Total] 62\$900 [Folha 61v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da

Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1872

Transporte – 506\$820

Maio 30.

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmollas do presente mez tiradas pelo irmão **Antonio da Costa Rocha**. 20\$290

Maio 30.

Idem de aluguel de húm Caixão com tampa. 16\$000

Maio 30.

Idem que pagaram os Senhores **Nacimentos** para uma licença para deitarem uma lapida de mármore sobre a cova de Dona **Anna**, mulher de **Liberato Vieira da Cunha**. 13\$000³⁸³

Junho 30.

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmollas do prezente mez tiradas pelo irmão **João Izidorio Pinto**. 24\$810

Junho 30.

Idem de um Caixão sem tampa (aluguel). 4\$000

Junho 30.

Idem de um esquite. 2\$000

[Total] 586\$920 [Folha 62]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1872

Transporte – 62\$900

Maio 30.

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com a Limpeza do Cemiterio.
11\$320

Maio 30.

Idem com a gratificação do irmão Andador. 4\$000

Maio 30.

Idem com Ceis Assuscenas de folhas de Flandres para os Castiçaes do Altar de Nossa Senhora. 3\$000

Junho 30.

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com a gratificação para o irmão Andador. 4\$000

³⁸³ **Liberato Vieira da Cunha** serviu de testemunha em um processo de 1881, quando declarou ter 33 anos, casado, morar em **Cachoeira**, natural desta província e empregado público. Ele fez testamento em Porto Alegre, em 1º de janeiro de 1855, quando se apresentou como filho legítimo de José Vieira da Cunha e Rosa Joaquina de Souza, já falecidos, casado com Dona **Maria Vieira da Cunha**, sem filhos (APERS – Cartório Civil e Crime de Cachoeira do Sul, Inquérito Policial nº 3245, Autora: a justiça, réu: André Lopes de Castro; APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, Testamento nº 24). [N. do E.]

Junho 30.

Idem que despendeo com quem tirou as esmollas pelo irmão **João Izidorio Pinto**, no presente mez. 4\$000

[Total] 89\$220 [Folha 62v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1872

Transporte – 586\$920

Julho 30.

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d’Araújo Bastos**, as esmollas do presente méz tiradas pelo Irmão **João Baptista Bandeira**. 19\$350

Julho 30.

Idem que recebeo de aluguel de úma Catacumba. 16\$000

Julho 30.

Idem que recebeo de aluguel de um Caixão com tampa. 12\$000

Agosto 30.

Recebeo o actual Thezoureiro **Velucino d’Araújo Bastos**, as esmollas do presente mez tiradas pelo Irmão **Vicente Militão da Silva**. 21\$730³⁸⁴

Julho 30.

Idem de um Caixão com tampa (aluguel). 12\$000

Julho 30.

Idem que recebeo, da irmã **Custodia de Amorim** de seus anuaes, athé o corrente anno de 1872 – e 1873. 12\$000

[Total] 680\$000 [Folha 63]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

Despeza. 1872

³⁸⁴ Em 1872 foi processado o pardo livre **Vicente**, oficial marceneiro, por ferimentos causados em **Severino**, escravizado de **Maria do Carmo Carvalho Porto**, defronte da loja de marceneiro de **José Pita Pinheiro**, por não querer jogar o entrudo. Segundo os médicos que o examinaram, **Severino** foi “barbaramente espancado”, sendo descrito como solteiro, com 19 anos de idade, filho de **Mafalda**, escravizada do Capitão **Antônio Pinheiro da Fontoura**, natural desta província e campeiro. Na justiça o réu apresentou-se como **Vicente Militão da Silva**, pais incógnitos, solteiro, marceneiro, natural desta cidade e analfabeto (APERS – Civil e Crime da Vila da Cachoeira, Comarca de Rio Pardo, Caixa: 007.414, auto crime nº 3162, autora: a justiça, réu: pardo Vicente (pardo livre, oficial de marceneiro) – 1872. [N. do E.]

Transporte – 89\$220

Julho 30.

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com a gratificação do irmão Andador. 4\$000

Agosto 30.

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com a gratificação do irmão Andador. 4\$000

Maió 30.

Idem para o irmão **Matheus** de tirar as esmollas pelo irmão **Vicente Militão da Silva**. 3\$200

[Total] 90\$420 [Folha 63v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1872

Transporte – 680\$000

Septembro 30.

Recebeo o actual Thesoureiro **Velucino d'Araújo Bastos**, as esmolos do presente mez, tiradas pelo irmão **Marcos Joze do Canto**. 28\$170

Septembro 30.

Recebeo mais: aluguel de húm Caixão com tampa. 16\$000

Septembro 30.

Idem de úm Caixão sem tampa. 5\$000

Septembro 30.

Recebeo mais o actual Thezoureiro do Senhor **Luis Antonio de Macêdo** de úma licença, para deitar uma Lage sobre a sepultura de uma filha do Senhor **Joze Ferreira Neves**. 5\$000

Septembro 30.

Idem que recebeo, de Dona **Carolina Francisca Severo**, seus anuaes. 2\$000

Septembro 30.

Hum engano que ouve no mez de Fevereiro. 2\$600

[Total receita] 738\$770

Saldo a favor da irmandade existente no Cofre Reis – 640\$350

[Folha 64]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1872

Transporte – 90\$420

Septembro 30.

Despendeo o actual Thezoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com a gratificação que tem o irmão Andador. 4\$000

Septembro 30.

Idem para o Irmão **Matheus** de tirar as esmollas pelo irmão **Marcos Joze do Canto**. 4\$000

[Total] 98\$420

[Total receita] 738\$770

Saldo a favor da Irmandade – 640\$350

O Escrivam [a] **Luis Francisco da Rocha** [Folha 64v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.
Receita. 1872

Septembro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro **Velucino de Araujo Bastos** os Anuaes dos irmãos e Irmãs, como consta da notta juncta, nº 12, e dos Livros, dos irmãos e irmãs. 34\$600

Outubro 30.

Recebeo mais o mesmo Thezoureiro assima, esmollas da Caixinha do presente mez. 22\$490

Outubro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, Joias e anuaes que devia o irmão **Miguel Gonçallo de Carvalho**. 12\$280

Outubro 30.

Recebeo mais o actual Thezoureiro aluguel de 1 Caixão com tampa. 8\$000

Outubro 30.

Recebeo mais o actual Thezoureiro aluguel de 1 Caixão com tampa. 8\$000

Outubro 30.

Recebeo mais o actual Thezoureiro o aluguel de uma Catacumba. 12\$000

[Total receita] 89\$370 [Folha 65]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1872

Outubro 30.

Despendeo o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com a Emconmendação do corpo, do fallecido irmão **Miguel Gonçalo**. 6\$120

Outubro 30.

Idem que despendeo o actual Thesoureiro com a abertura de uma Catacumba, para o irmão assim mencionado. 4\$280

Outubro 30.

Idem que despendeo com o irmão Andador **Bento [de Andrade Neves]**. 4\$000

Outubro 30.

Idem, que despendeo com o irmão **Matheus**, para tirar as esmollas. 3\$200

Novembro 30.

Despendeu o actual Thesoureiro, com o irmão Andador **Bento [de Andrade Neves]**. 4\$000

Novembro 30.

Despendeo o actual Andador para tirar as esmollas. 3\$200

[Total] 24\$600 [Folha 65v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1872

Transporte – 89\$370

Novembro 30.

Recebeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** rendimento das esmollas no prezente mez. 33\$840

Dezembro 31.

Recebeu o actual Thesoureiro, as esmollas tiradas no prezente mez. 32\$600

1873. Receita.

Janeiro 3.

Recebeu o irmão actual Thezoureiro, joia, e anuaes de diverços irmãos e irmãs como consta do Livro dos Irmãos. 20\$000

Janeiro 5.

Recebeu mais o actual Thezoureiro, da Juiza, Dona **Narciza d'Almada**, para aplicar na Festa da nossa Irmandade. 30\$000

Janeiro 10.

Recebeo mais o actual Thesoureiro, do Juis, o Senhor Major **João Thomas de Menezes**, para a Festa. 40\$000

[Total] 245\$810 [Folha 66]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

Despeza. 1872.

Transporte – 24\$600

Dezembro 31.

Despendeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** com o Irmão Andador. 4\$000

Dezembro 31.

Despendeu o actual Thesoureiro, **Velucino de Araujo Bastos** com o Irmão Andador. 4\$000

Dezembro 31.

Despendeu o actual Thesoureiro, com o tirador das esmollas no presente mez. 4\$000
Despeza. 1873.

Janeiro 3.

Despendeu, o actual Thesoureiro para a Capinação no Patio do Consistorio. 1\$280

Janeiro 4.

Despendeu mais o actual Thesoureiro com pequenas despezas, feitas pelo Andador. 1\$360

Janeiro 7.

Despendeu o actual Thesoureiro, com a compostura da Cruz de Metál. \$440

[Total] 35\$680 [Folha 66v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1873.

Transporte – 245\$810

Janeiro 11.

Recebeo o actual Thesoureiro, **Velucino de Araujo Bastos** do Irmão **Marcos do Canto**, de seus anuaes. 8\$000

Janeiro 11.

Recebeu mais o actual Thesoureiro, do irmão **Afonço Borges**, anuaes e Joia. 10\$000

Janeiro 11.

Recebeu mais o actual Thezoureiro de uma Lage que deitou-se em úma sepultura entregue pelo Sacristão, Velho **Macedo**. 1\$330

Janeiro 11.

Recebeu mais o actual Thezoureiro, para a Procissão de Nossa Senhora do Rozario, a quantia de reis, de 91\$000 contribuido por diverços como consta da Nota. 91\$000
[Total] 356\$140 [Folha 67]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1873.

Transporte – 35\$680

Janeiro 30.

Despendeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com o Irmão Andador **Bento**. 2\$000

Fevereiro 28.

Despendeo o atual Thesoureiro com o Irmão Andador, para tirar a esmolla do presente mez. 3\$200

[Total] 40\$880 [Folha 67v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.
Receita. 1873.

Transporte – 356\$140

Fevereiro 28.

Recebeo o actual Thesoureiro, **Velucino de Araujo Bastos** as esmollas do presente mez. 24\$900

Março 5.

Recebeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** o aluguel de hûa Catacumba.
16\$000

Março 5.

Idem, o aluguel de 12 Toxas, a 320 reis cada úma. 3\$840

Março 5.

Recebeu mais o actual Thesoureiro rendimento da Caixinha do presente mez.
25\$376

[Total] 426\$250

Fevereiro 9.

Despendeu o actual Thesoureiro com a Muzica para Festa, como consta do Recibo nº 2 no Livro dos Recibos, ao irmão **Manoel Homem de Oliveira**. SEM EFEITO.
~~280\$000~~

[Folha 68]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1873.

Transporte – 40\$880

Fevereiro 8.

Despendeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com a Muzica para a Festa de Nossa Senhora do Rozario, com a Muzica como consta com o Recibo nº 2. 220\$000

Abril 18.

Despendeu o actual Thesoureiro, **Velucino de Araujo Bastos** com a Cortinas para o altar de Nossa Senhora. 5\$800

Abril 18.

Despendeu o actual Thesoureiro, para tirar-se o Mastro de Nossa Senhora. \$640

Março 1.

Despendeu o actual Thesoureiro com a Armação de Egreja, e Andadores, como consta do Recibo nº 1. 194\$000

[Total] 461\$320 [Folha 68v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.
Receita. 1873.

Por engano, escrevi a despeza no verço desta folha, como se vê e por isso ficou sem efeito. = O escrivão [a] **Luis Rocha**³⁸⁵ [Folha 69]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1873.

Transporte – 461\$320

Abril.

Despendeu o actual Thesoureiro com a importância de 20 libras de Cêra como consta do Recibo nº 3. 33\$000

³⁸⁵ Não transcrevemos o conteúdo da folha 68v, por estar repetido na folha seguinte. [N. do E.]

Abril.

Despendeu o actual Thesoureiro com o Muzico, **Joaquim José da Silva** para tocar na festa como consta do Recibo – nº – 4. 14\$000

Abril.

Despendeu o actual Thezoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com o Muzico **Lino Emogenio** como consta do recibo nº 5. 40\$000

Abril.

Despendeu o atual Thesoureiro com a compra de Registros para a Festa como consta do Livro de Recibos – nº – 7. 58\$000

Abril.

Despendeu o atual Thesoureiro com a compra de Foguetes, e Salvas para a Festa, como consta do Recibo – nº 8. 124\$160

[Total] 730\$480 [Folha 69v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1873.

Transporte – 426\$250

Abril 30.

Recebeu o actual Thezoureiro **Velucino de Araujo Bastos** rendimento da Caixinha. 22\$680

Abril 30.

Recebeo mais o actual Thesoureiro, o aluguel de úm Caixão sem tampa, para os mortos. 4\$000

Abril 30.

Recebeo mais o actual Thesoureiro de uma Lage que deitaram em uma cova no Cimiterio. 5\$000

[Total] 457\$930 [Folha 70]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velcino de Araujo Bastos

Despeza. 1873.

Transporte – 730\$480

Abril.

Despendeu o actual Thesoureiro com o Reverendo Padre **Carrão** para hir a festa de Nossa Senhora – como consta do Recibo – nº 9. 40\$000

Abril.

Despendeu o actual Thesoureiro com o Reverendo Vigario, para a Festa de Nossa Senhora como consta do Recibo – nº 10. 134\$000

Abril.

Despendeu o actual Thesoureiro, **Velucino de Araujo Bastos**, com a compra de 23 libras de Cêra, para a Festa como consta do recibo n° 11. 23\$000

Abril.

Despendeu o actual Thesoureiro, com a Provisão para Sacramento Exposto para a Festa como consta do recibo n° 12. 12\$300

[Total] 839\$780 [Folha 70v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1873.

Transporte – 457\$930

Maio 30.

Recebeu o actual Thesoureiro o rendimento da Caixinha do presente mez. 20\$380

Maio 30.

Despendeu o actual Thesoureiro, com o tirador das esmollas do presente mez.
SEM EFEITO.

Junho 30.

Recebeu o actual Thesoureiro, as esmollas da Caixinha do presente mez. 25\$000

Junho 30.

Recebeu o actual Thesoureiro, os emolumentos de uma Lage sob úma sepultura.
5\$000

Julho 3.

Recebeu o actual Thesoureiro, as esmollas da Caixinha do presente mez. 19\$520

Julho 3.

Recebeu mais o actual Thesoureiro, o aluguel de úm Caixão. 6\$000

[Total] 533\$830 [Folha 71]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

Despeza. 1873.

Transporte – 839\$780

Maio.

Despendeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** com 20 libras de Cêra para a Festa, como consta do Recibo n° 13. 33\$000

Junho 30.

Despendeu o actual Thesoureiro, com o irmão para tirar as esmollas do presente mez. 3\$200

Julho 30.

Despendeu o actual Thesoureiro, com o irmão **Matheus** para tirar as esmollas no presente mez. 4\$000

[Total] 879\$980 [Folha 71v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1873.

Transporte – 533\$830

Agosto 30.

Recebeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, as esmollas da Caixinha do presente mez. 22\$940

Agosto 30.

Recebeu o actual Thesoureiro o aluguel de um Caixão de Tampa (já muito velho) para os mortos. 6\$000

Agosto 30.

Recebeu mais o actual Thesoureiro, joias e anuaes, do Irmão **João Baptista**. 5\$000
[Total] 567\$770

Saldo que ficou em seu poder, como consta, das folhas 63 Verço, a favor da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario.

640\$350

1:208\$120 [Folha 72]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

Despeza. 1873.

Transporte – 879\$980

Agosto 30.

Despendeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** com o tirador das esmollas. 4\$000

Agosto 30.

Despendeu mais o actual Thesoureiro, com a Limpeza do Simiterio, como consta do recibo n° 6. 10\$480

Agosto 30.

Despendeu mais o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** com a festa de Nossa Senhora, segundo consta da nota n° 14, com vários pagamentos de miudezas. 36\$920

[Total] 931\$380 [Folha 72v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da

Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1873.

Transporte – 1:208\$120

Septembro 15.

Recebeu o actual Thesoureiro **Velucino de Araujo Bastos** o aluguel de um Caixão para os mortos. 4\$000

Septembro 15.

Recebeu mais o actual Thesoureiro, os Anuaes da irmã **Balbina da Conceição**. 3\$000

Agosto 30.

Recebeu mais o actual Thesoureiro, o rendimento da Caixinha do presente mez. 16\$660

[Total das receitas] 1:231\$780

[Total das despesas] 945\$380

Saldo a favor da Irmandade Reis 286\$400

O Escrivão [a] **Luis Francisco da Rocha**Passa para as folhas 73 Verço. O Escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 73]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Despeza. 1873.

Transporte – 931\$280

Septembro 30.

Despendeu o actual Thezoureiro **Velucino de Araujo Bastos** com a missa de Nossa Senhora do dia 5 de Outubro, segundo o Recibo do Reverendo Vigario nº 14. 10\$000

Septembro 30.

Idem, com o aluguel de um frontal para ser Collocado no Altar da mesma Senhora no dia da Missa. 4\$000

[Total das receitas] 1:231\$780

[Total das despesas] 945\$380

Saldo a favor da Irmandade Reis 286\$400

O Escrivão [a] **Luis Francisco da Rocha**Passa para as folhas 74. O escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 73v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1873.

Transporte – 1:231\$780

Outubro 15.

Recebeo o actual Thesoureiro, as esmollas, mandadas tirar pelo irmão de meza o Major **João Thomaz de Menezes**, no presente mez. 27\$580

Novembro.

Recebeo o actual Thezoureiro as esmollas, mandadas tirar pelo irmão de Meza
Luis Francisco da Rocha no presente mez. 25\$780

Dezembro 31.

Recebeo o actual Thezoureiro as esmollas mandadas tirar pelo irmão de Meza,
Sebastião Domingos dos Santos no presente mez. 21\$270

[Total das receitas] 1:306\$410

Passa para as folhas 74 Verço. O escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 74]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1873.

Transporte – 945\$380

Outubro 30.

Despendeo o actual Thezoureiro, com o tirador das esmollas no presente mez,
como consta da nota n° 1. 3\$200

Novembro 30.

Despendeo o actual Thezoureiro com a irmã **Manoella Maria Tavares** por falta de
recurço na sua doença. 3\$000

Novembro 30.

Idem, com a emconmendação da mesma irmã, ao Reverendo Parocho. 5\$120

Novembro 30.

Idem, com a abertura de uma Catacumba, e feixamento da mesma, e pedreiro.
7\$000

Novembro 30.

Idem de úm prêto levar o caixão. \$200

[Total] 963\$900

Passa para as folhas 75. O Escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 74v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.
Receita. 1874.

Transporte – 1:306\$410

Janeiro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro as esmollas, mandadas tirar, pelo irmão de Meza
Bernardo Marquez de Souza no presente mez n° 4. 39\$250

Fevereiro 28.

Recebeo o actual Thezoureiro, às esmollas, mandadas tirar pelo irmão de Meza
João Baptista Bandeira no presente mez n° 5. 21\$880

Março 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, as esmolas, mandadas tirar pelo irmão **João Izidorio Pinto**, como consta da notta n° 6. 24\$380

Abril 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, as esmollas, mandadas tirar pelo irmão de Meza, **Marcos Jozé do Canto**, conforme a notta n° 7. 22\$270

Maio 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, as esmolas, mandadas tirar pelo irmão de meza **Manoel Zacarias da Cunha**³⁸⁶, notta n° 8. 26\$456

[Total] 1:440\$640

Passa para as folhas 75 Verço. O Escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 75]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1874.

Transporte – 963\$900

Janeiro 30.

Despendeo o actual Thezoureiro com o pagamento, a quem tirou as esmollas, como consta da nota n° 4. 4\$000

Março 30.

Despendeo o actual Thezoureiro com o tramento das esmollas do presente mez como consta pela notta n° 6. 4\$000

Abril 30.

Despendeo o actual Thezoureiro com o mandar tirar as esmollas no presente mez como consta da notta n° 7. 3\$200

[Total] 974\$100

Maio. Passa para as folhas 76. O Escrivão [a] **Luis Rocha**

[Folha 75v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.
Receita. 1874.

Transporte – 1:440\$640

Junho 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, as esmollas, mandadas tirar pelo irmão, **Francisco Rodrigues Alves** no presente mez, como consta da notta n° 9. 20\$290

³⁸⁶ Ele testemunha em um processo de 1873, onde aparece como *pardo*, 17 anos, solteiro, seleiro, desta provincia e morador em Cachoeira.

Julho 8.

Recebeo o actual Thesoureiro, o aluguel de úm Caixão para os mortos (adulto).
8\$000

Julho 12.

Idem do aluguel de úm Caixão pequeno para Anjos. 3\$000

Agosto 6.

Recebeo o actual Thesoureiro o aluguel de úm Caixão, para defuntos (já velho).
4\$000

Agosto 6.

Idem, o aluguel de úm Caixão pequeno para úm Anjo. 3\$000

Septembro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro as esmollas, mandadas tirar pelo irmão de Meza no
prezente mez. 18\$830

Septembro 30.

Idem do aluguel de úm Caixão com tampa para úm defunto. 8\$000

[Total] 1:505\$760

Passa para ás folhas 76 Verço. [Folha 76]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1874.

Junho. Transporte – 974\$100

Julho 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com o tiramento das esmollas no prezente mez
pago ao tirador das ditas esmollas. 3\$200

Agosto 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com o tiramento das esmollas no prezente mez
como da notta n° 11. 4\$000

Septembro 30.

Despendeo o actual Thesoureiro, com quem tirou as esmollas no prezente mez.
3\$200

[Total] 984\$500

Maior. Passa para as folhas 77. O Escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 76v]

O Thesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.
Receita. 1874.

Transporte – 1:505\$760

Outubro 30.

Recebeo o actual Thesoureiro, ás esmollas tiradas pelo, digo, mandadas tirar pelo irmão de meza, digo, mandadas tirar, pela Irmandade. 35\$600

Novembro 30.

Recebeo o actual Thesoureiro, as emollas, mandadas tirar por conta da Irmandade no presente mez. 23\$670

Dezembro 31.

Recebeo o actual Thesoureiro as esmollas mandadas tirar por conta da irmandade no presente mez. 23\$280

[Total] 1:588\$310

Passa para as folhas 77 Verço. O Escrivão [a] **Luis Rocha**

Passa para as folhas 77 Verço, e se continúa a escripturação do anno d'1875. O Escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 77]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1874.

Junho. Transporte – 984\$500

Outubro 30.

Despendeo o actual Thesoureiro, com o enterramento do irmão **Euzebio Antonio Simões** a saber:

com o Reverendo Parocho. 5\$620

Com uma Catacumba, e com o pedreiro. 5\$000

Idem, para levarem o Caixão. \$560

Outubro 30.

Despendeo o actual Thesoureiro, com o irmão, o prêto velho **Matheos** para hir tirar as esmollas no presente mez. 2\$400

Novembro 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com o **Amaro**, e o velho **Matheos** para tirarem as esmollas no presente mez. 4\$300

Dezembro 31.

Despendeo o actual Thesoureiro com o Enterramento de **Roza Coêlho**:

Ao Reverendo Parocho. 5\$620

Idem com um Pedreiro. 5\$000

Idem Carrêto do Caixão. \$320

Dezembro 31.

Idem ao Prêto **Matheos** para tirar as esmollas no presente mez. 4\$000

[Total] 1:017\$320

Passa as folhas 78 e continua a escripturação do anno de 1875. O Escrivão [a] **Luis Rocha**

[Folha 77v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1875.

Transporte – 1:588\$310

Janeiro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, as esmollas, mandadas tirar por conta da Irmandade
no presente mez. 36\$250

Fevereiro 28.

Recebeo o actual Thezoureiro, as esmollas mandadas tirar por Conta da irmandade
no presente mez. 31\$050

Fevereiro 28.

Recebeo o atual Thezoureiro, as joias e annuaes dos irmãos abaixo mencionados: a
saber:

Eduardo Coelho Vianna annuaes até o Corrente anno de 1875 5\$000

Idem de **Bonifacio Joaquim dos Santos**, Joia. 2\$000

Idem de **Jozefa Mina** (Joia). 2\$000

Claudina [escravizada] de Dona **Bazilia** (Joia). 2\$000

Ismael Bemfica (annuaes 1875). 2\$000

Andreza Maria (Joia). 2\$000

Bento Lamrangeira (Joia). 2\$000

Gertrudes Maria das Dores (annuaes). 2\$000³⁸⁷

Firmina, escrava de Dona **Benta Porto** (Joia). 2\$000

Laura, escrava de Dona **Margarida** (annuaes). 2\$000

[Total] 1:677\$560 [Folha 78]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

Despeza. 1875.

Transporte – 1:017\$320

Janeiro 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com o tirar as esmollas, no presente mez. 4\$000

³⁸⁷ A paulista Gertrudes Maria das Dores faleceu em 18 de agosto de 1881, em Cachoeira, aos 39 anos de idade, solteira e a causa de sua morte não foi anotada pelo padre (AHCMCS – Livro de Óbitos nº 6 de Cachoeira do Sul, p. 61). [N. do E.]

Fevereiro 28.

Despenseo o actual Thesoureiro com quem tirou as esmollas no presente mez. 3\$200

Fevereiro 28.

Despenseo o actual Thezoureiro, com a limpeza feita no Cimiterio, como consta do Livro de Recibos, folhas 4 e n° 16 de Novembro de 1874. 20\$000

Fevereiro 28.

Idem com a gratificação do irmão Andador e procurador de 1 anno (1874) como consta do Recibo n° 17 folhas 4 do Livro de Recibos. 48\$000

Fevereiro 28.

Idem com a gratificação do irmão Andador e procurador, como consta no Livro dos Recibos, folhas 4 Verço, dois mezes vencidos em 1874. 8\$000

Fevereiro 28.

Idem, com a pintura da banquetta e concerto da mesma, 6 Castiças e imagem de Christo, ao Senhor **Luis Francisco da Rocha**, como consta do Livro dos Recibos, folha 4, n° 19 verço. 14\$000

[Total] 1:114\$520 [Folha 78v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1875.

Transporte – 1:677\$560

Fevereiro 28.

Recebeo o actual Thesoureiro, úma deixa feita pela Fallecida Dona **Francisca Carolina de Carvalho** a Irmandade de Nossa Senhora do Rozario. 100\$000

Março 3.

Recebeo o actual Thesoureiro, as emollas, mandadas tirar por conta da irmandade, do presente mez N° 6. 17\$200

Abril 30.

Recebeo o actual Thesoureiro, as esmollas mandadas tirar pela irmandade no presente mez n° 7. 22\$730

Maió 30.

Recebeo o actual Thesoureiro, as esmollas mandadas tirar pela irmandade no presente mez. 16\$280

Maio 30.

Recebeo o actual Thesoureiro, ás Joias dos irmãos, a saber: **Espírito Santo**, e sua mulher nº 8. 4\$000

Junho 30.

Recebeo o actual Thesoureiro, ás esmollas mandadas tirar pela irmandade no prezente mêz. 17\$300

[Total] 1:855\$670 [Folha 79]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rostzario da Cidade da

Cachoeira Velucino de Araujo Bastos

Despeza. 1875.

Transporte – 1:114\$320

Fevereiro 28.

Despendeo o actual Thesoureiro com a limpeza do Cemiterio como consta, do Livro dos Recibos, folhas 4 Verço – nº 20. 6\$000

Fevereiro 28.

Despendeo o actual Thesoureiro com a deixa que fês a fallecida Dona **Carolina Francisca de Carvalho**, com a Colletoria e Sello. 20\$200

Março 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com a pessoa que tirou as esmollas no prezente mêz, Nº 6. 3\$200

Abril 29.

Despendeo o actual Thesoureiro com o enterro da irmã **Vicencia** escrava de Dona **Christina**, a saber:

6 pessoas para Carregar o Corpo. 6\$000

Idem para abertura de uma Catacumba. 5\$000

Idem da condução do Caixão. \$500

Abril 30.

Idem com os irmãos para tirar as esmollas, como consta da notta nº 7. 4\$600

Abril 30.

Compostura da Caixinha. 1\$000

[Total] 1:161\$060 [Folha 79v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da

Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1875.

Transporte – 1:855\$670

Julho 30.

Recebeo o actual Thesoureiro as esmollas mandadas tirar pella irmandade no presente mez. 15\$570

Julho 30.

Recebeo mais o actual Thesoureiro de **Lorenço Pinto Bandeira** de seos annuaes. 2\$000

Julho 30.

Recebeo mais o aluguel de úm Caixão. 6\$000

[Total] 1:879\$240 [Folha 80]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rostzario da Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Despeza. 1875.

Transporte – 1:161\$060

Maio 30.

Despendeo, o actual Thesoureiro segundo a deliberação da irmandade, como consta da nota n° 11, a saber:

1 Caixão grande e fino, para os mortos. 94\$000

1 Dito grande regular para os mortos. 60\$000

1 Dito pequeno para Anginhos. 20\$000

Com postura do assoálho do Consistorio. 2\$500

Uma feixadura para o portão e Concerto do portão. 1\$500

Maio 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com a irmã Tia – **nica** – por seo estado de pobreza, e doente. 3\$000

Maio 30.

Idem com o prêto **Simião** para tirar as esmollas no presente mez. 3\$000

Maio 30.

Idem ao prêto **Matheos**. \$800

Junho 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com o Enterro da Tia – **nica** –, como consta da notta n° 9. 5\$620³⁸⁸

[Total] 1:351\$480 [Folha 80v]

³⁸⁸ No livro 6 de registros de óbitos de **Cachoeira do Sul**, que compreende o período de 1873 a 1886, não encontramos nenhum registro de óbito neste dia 30 de junho de 1875. O falecimento feminino mais próximo foi o da preta **Maria Cecília**, forra, com 50 anos de idade, que faleceu de uma lesão orgânica no coração em 12.06.1875. Antes dela, em 03.06, morreu **Ana Maria da Conceição**, com 90 anos e tantos de idade, sem assistência médica (AHCMCS – Livro 6 de Óbitos de Cachoeira do Sul, folha 10v). [N. do E.]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1875.

Transporte – 1:879\$240

Julho 30.

Recebeo mais o actual Thesoureiro, por úma licença para deitar na Sepultura da
finada mulher do Senhor **Zeferino**. 7\$500

[Total das receitas] 1:886\$740

[Total das despesas] 1:395\$880

Saldo existente a favor da Irmandade Reis 490\$860

O Escrivão [a] **Luis Francisco da Rocha**

Thezoureiro [a] **Velucino de Araujo Bastos** [Folha 81]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Despeza. 1875.

Transporte – 1:351\$480

Julho 30.

Despendeo o actual Thesoureiro com o irmão Andador, para sua gratificação como
consta do recibo n° 21. 32\$000

Julho 30.

Idem com quem tirou as esmollas no mêz de Junho n° 10. 4\$000

Julho 30.

Idem para o pedreiro abrir uma Catacumba para Tia – **nica**. 3\$000

Julho 30.

Idem para um prêto conduzir o Caixão para o Consistorio. \$400

Julho 30.

Idem com quem tirou as esmollas no mêz de Junho, como consta da nota n° 9.
4\$000

Julho 30.

Despendeo o actual Thesoureiro, com úm prêto, para abrir uma Sepultura para o
filho da irmã **Lucianna**. 1\$000

[Total das receitas] 1:886\$740

[Total das despesas] 1:395\$880

Saldo existente a favor da irmandade Reis 490\$860

O Escrivão [a] **Luis Francisco da Rocha**

Thezoureiro [a] **Velucino de Araujo Bastos** [Folha 81v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos.

Receita. 1875.

Julho 30. Transporte – 1:886\$740

Agosto 31.

Recebeo o actual Thezoureiro as esmollas tiradas no presente mez por conta da Irmandade. 11\$240

Agosto 31.

Recebeo o actual Thezoureiro o aluguel de um Caixão inferior para os defuntos. 5\$000

[Total] 1:902\$980

Passa as folhas 82 Verço. O Escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 82]

O Thezoureiro da Irmandade do Rozário, **Velucino de Araujo Bastos.**

1875 – Receita

Agosto 30. Transporte: 1:902\$980

Setembro

Recebeo o actual Thezoureiro mais 1\$ reis do rendimento das Esmollas no mês de setembro que por emgano deixou-se de Lançar-se nº 12. 1\$000

Setembro

Recebeo o actual Thezoureiro de um aluguel de 1 caixão para defuntos. 12\$000

Setembro

Recebeo o actual Thezoureiro o rendimento das esmollas do presente mês. 15\$240

Setembro

Recebeo o actual Thezoureiro mais 3\$Reis, que foi por emganno Lançado no mez de Abril, (em vez de 3\$Reis) para os Carregadores da irmã **Vicencia** tendo sido Lançado em despeza

6\$000 Reis – 3\$000

[Total] 1:934\$220

Passa as folhas 83 Verço. O Escrivão [a] **Luis Rocha** [Folha 82v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos

1875 – Despesa

Julho 30. Transporte 1:394\$880

Setembro 1º

Despendeo o actual Thezoureiro pela pintura que se está fazendo no interior de toda a Igreja, a quantia de 80\$ Reis cuja entregue ao Senhor Provedor das Irmandades do **Santíssimo Sacramento** e **Nossa Senhora da Conceição**, membro da Comissão da referida pintura. 80\$000

Septembro 1º

Despendeo o actual Thesoureiro com um caixãozinho para Anginho como consta na nota nº11 de 20 de Maio do que rege. 14\$000

Septembro 1º

Despendeo o actual Thesoureiro no mês de Agosto como consta nota nº 12 com o tirar as esmollas. 3\$000

Septembro 1º

Idem, com o emterro, digo com esmola para emfermo irmão **Matheos**. 2\$880
1:494\$760

Passa as folhas 83 [a] **Luis Rocha** [Folha 83]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario desta Cidade da
Cachoeira, Velucino de Araujo Bastos
Despeza. 1875.

Transporte – 1:494\$760

Agosto 30.

Despendeo o actual Thesoureiro, com a gratificação com o irmão Andador dos mezes Agosto e Setembro. 9\$000

Agosto 30.

Idem com o enterro do irmão **Matheos**, a saber:

Com a Mortalha. 2\$800

Emcommendação ao Parocho. 5\$620

Catacumba: ao Pedreiro. 3\$000

Carrêto do Caixão. \$560

Agosto 30.

Idem com o irmão tirar as esmollas no presente mez. 4\$000

Setembro.

Despendeo o actual Thesoureiro com a compra de 2 Livros e Sellos para a Irmandade. 24\$700

Setembro.

Idem com a Rubrica dos ditos Livros ao Senhor Juiz Municipal. 20\$000

Setembro 31.

Despendeo o actual Thesoureiro com o Emcarregado do Cemiterio como consta do Recibo. 5\$000

[Total] 1:568\$240

Passa as folhas 84. O Escrivão [a] **Rocha** [Folha 83v]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, **Velucino de Araujo Bastos**.

Receita. 1875.

Setembro 30. Transporte – 1:934\$320

Setembro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro o restante de úm Aluguel de um Caixão, para a Fallecida **Joaquina Vieira dos Santos**. 7\$000

Outubro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro **Velucino de Araujo Bastos** o aluguel de úma Catacumba de Dona **Brigida Pereira Fortes**. 16\$000

Outubro 30.

Idem de úm Esquifi para os mortos. 2\$000

Outubro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, as esmollas da caixinha no prezente mez. 13\$990

Novembro 30.

Recebeo o actual Thezoureiro, o aluguel de úm Caixão (velho) para os mortos. 4\$000

Novembro 30.

Idem ás esmollas da caixinha no prezente méz. 14\$980

Dezembro 31.

Recebeo o actual Thezoureiro as esmollas da caixinha do prezente mez. 16\$200

[Total] 2:009\$090

O Escrivão [a] **Luis Rocha**

Passa para o Livro novo a receita e despeza. [Folha 84]

O Thezoureiro da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario, **Velucino de Araujo Bastos**

Despeza. 1875.

Transporte – 1:568\$940

Setembro 30.

Despendeo, mais o actual Thezoureiro, com o Senhor Provedor da Irmandade do **Santíssimo Sacramento**, Membro das obras de pintura da Igreja Matriz por deliberação da meza. 20\$000

Outubro 30.

Despendeo o actual Thezoureiro **Velucino de Araujo Bastos**, com quem tirou as esmollas no prezente mez. 3\$000

Outubro 30.

Despendeo o actual Thezoureiro com a gratificação ao irmão **Luis Francisco da Rocha** como Zelador do Cemiterio no prezente mez. 5\$000

Novembro 30.

Despendeo o actual Thezoureiro com quem tirou esmollas no prezente mez. 3\$000

Dezembro 31.

Despendeo o actual Thezoureiro com quem tirou as esmollas no prezente mez.
3\$000

[Total] 1:602\$940

O Escrivão [a] **Luis Rocha**

[anexo verso]

19.550

10.200

24.200

12.970

16.800

21.625

8.400

20.060

36.000

61.350

234.155

[Esta correspondência estava solta no interior do livro, entre a Folha 50v.
e Folha 51]

Cachoeira, 29 de Abril de 1910.

Illmo. Senhor **Henrique Salermo**. M. D. Provedor da Irmandade do Rozario.

Tenho a subida honra de communicar-vos que, na qualidade de Imperador da Festa do Divino Espirito Santo, venho à vossa presença pedir-vos o auxilio da Irmandade de que sois muito digno Provedor, afim de que compareçam a todas as solemnidades religiosas os Irmãos da referida Irmandade.

Certo de que attendereis o meu pedido, desde ja, vos agradeço e, me subscrevo com à mais alta Consideração e estima.

De V. Exa.

Attento Venerador e Criado

[a] **Andre Bello de Castro**

Imperador do Divino

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. *O Império do Divino*. Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.
- ABREU, Martha; VAINFAS, Ronaldo. Entrevista com João José Reis. Religiosidade, rebelião e identidade afro-baiana. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 255-260, 2001.
- ACIOLI, G.; MENZ, M. Resgate e mercadorias: uma análise comparada do tráfico luso-brasileiro de escravos em Angola e na Costa da Mina (Século XVIII). *Afro-Ásia*, n. 37, p. 43-73, 2008.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Milagrário Pessoal*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. (Coleção Ponta de Lança).
- AL-ALAM, Caiúá Cardoso. *Palácio das misérias*. Populares, delegados e carcereiros em Pelotas, 1869-1889. Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.
- AL-ALAM, Caiúá. *A Negra Força da Princesa*: Polícia, Pena de morte e Correção em Pelotas. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH / UNISINOS, São Leopoldo, 2007.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação*: Abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra. A vala comum da ‘raça emancipada’: abolição e racialização no Brasil, breve comentário. *História Social*, n. 19, segundo semestre de 2010.
- ALENCASTRO, L. F. *O trato dos viventes*. Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA, Djaimilia Pereira. *Esse Cabelo*. São Paulo: Todavia, 2022.
- ALMEIDA, Vinicius Furquim de. *Das Prateleiras da Alcidiana*. Os livros, a leitura e a escrita na trajetória intelectual de Alcides Cruz. Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.
- ANDREWS, George Reid. *Negros en la Nación Blanca*: Historia de los afro-uruguayos, 1830-2010. Montevideo: Libreria Linardi y Risso, 2010.
- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. “*Sua Majestade o Imperador, ordenou o esquecimento do passado*”. Coleção Varela Documentos sobre a Guerra Civil Farroupilha, 1835-1845. ANAIS do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. V. 24. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Documentos da escravidão*. Compra e venda de escravos: acervo dos tabelionatos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2010. Folhas 100 e 127.

ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Documentos da escravidão*. Compra e venda de escravos: acervo dos tabelionatos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, CORAG, 2010.

ARRIADA, Eduardo. *A Educação Secundária na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. A Desoficialização do Ensino Público. Tese (Doutorado em Educação) – Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

ASSMANN, Aleida. Arquivo. In: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011. p. 367-371.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco*. O Negro no Imaginário das Elites – Século XIX. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

BAKOS, Margaret Marchiori. *RS: escravismo e abolição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BAKOS, Margaret Marchiori. Regulamentos sobre o serviço dos criados: um estudo sobre o relacionamento Estado e Sociedade no Rio Grande do Sul (1887-1889). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 94-104, mar. 1984.

BAIRROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Estudos Feministas*, v. 3, n° 2, 1995.

BARBOSA, Carla Adriana da Silva. “José casou com Maroca e Antônio casou-se com Fina”. Relações de gênero e violência afetivo-sexual no Sul do Brasil (RS, 1889-1930). Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2015.

BARCELLOS, Daisy Macedo de (e outros). *Comunidade Negra de Morro Alto*. Historicidade, Identidade e Territorialidade. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004. (Série Comunidades Tradicionais)

BEATTIE, Peter M. *Tributo de sangue*. Exército, honra e nação no Brasil, 1864-1945. São Paulo: Edusp, 2009.

BERUTE, Gabriel Santos. *Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c. 1825*. Dissertação (Mestrado em História) PPGH / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BERUTE, Gabriel Santos. Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790 – c. 1830: tráfico negreiro e conjunturas atlânticas. (1740-1777).

BETHELL, Leslie. *A Abolição do comércio brasileiro de escravos*. Brasília: Senado Federal/ Conselho Editorial. 2002. Disponível em: <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/bitstream/id/1063/4/621762.pdf>>.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BITTENCOURT JÚNIOR, Iosvaldir Carvalho. Os Percursos do Negro em Porto Alegre: Territorialidade negra urbana. In: VILASBOAS, Ilma Silva; BITTENCOURT JÚNIOR, Iosvaldir Carvalho; SOUZA, Vinicius Vieira de. *Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre*. Porto Alegre: Vinicius Vieira de Souza, 2010. p. 9-74.

BLAY, Eva Alterman. *Feminismos e masculinidades*. Novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

- BOHRER, Felipe Rodrigues. *A música na cadência da história: raça, classe e cultura em Porto Alegre no pós-abolição*. Dissertação (Mestrado em História) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- BOM, Matheus Batalha. *Porosas Fronteiras*. Experiências de Escravidão e Liberdade nos Limites do Império (Jaguarão – Segunda Metade do Século XIX). Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.
- BORGES, Célia Maia. *Escravos e libertos nas irmandades do Rosário*. Devoção e solidariedade em Minas Gerais – século XVIII e XIX. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- BORUCKI, Alex; CHAGAS, Karla; STALLA, Natalia. *Esclavitud y Trabajo*. Un estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya, 1835-1855. Montevideo: Pulmón Ediciones, 2004.
- BORUCKI, Alex. The “African Colonists” of Montevideo: New Light on the Illegal Slave Trade to Rio de Janeiro and the Río de la Plata (1830-42). *Slavery and Abolition*, v. 30, n° 3, p. 427-444, sep. 2009.
- BOSSLE, Batista. *Dicionário Gaúcho Brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1999.
- BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e a política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.
- BOXER, Charles R. *O império marítimo português – 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRUNSWICK, Henrique. *Novo Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, s/d.
- CAMILO, Nathan. *“É Preferível bom Nome a Muitas Riquezas”*: Dinâmica das práticas de nomeação no extremo sul do Brasil entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, PPGH / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.
- CASAS, Lincoln R. Maiztegui. *Orientales*. Una Historia Política del Uruguay. Tomo 1. De los orígenes a 1865. 2. ed. Montevideo: Planeta, 2010.
- CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Das Cores do Silêncio*. Os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil – século XIX). Rio de Janeiro, Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 1995.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Prefácio. In: MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia*. Um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

- CATROGA, Fernando. *O céu da Memória*. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal, 1756-1911. Coimbra: Livraria Minerva, 1999.
- CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como poética da ausência. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 12, n° 20, p. 163-182, jan./jun. 2010.
- CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil Oitocentista*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). *Revista de História Social*, n. 19, 2010.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessarias para Uso das Famílias*. V. 2. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.
- CHIZIANE, Paulina. *Alegre Canto da Perdiz*. Porto Alegre: Dublinense, 2018.
- COMISSOLI, Adriano. *A serviço de Sua Majestade: administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (1808c.-1831c.)*. Tese (Doutorado em História) – Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História da virilidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. V. 2: O triunfo da virilidade: o século XIX.
- CORD, Marcelo Mac. *O rosário de D. Antônio*. Irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife. Recife: Ed. UFPE, 2005.
- CORREA, Norton Figueiredo. Panorama das Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul. In: ORO, Ari Pedro (org.). *As Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.
- COSTA, Ana Paula do Amaral. *Criados de servir*. Estratégias de sobrevivência na cidade do Rio Grande (1880-1894). Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.
- COSTA, Emília Viotti da. Estruturas versus Experiência. *Revista ANPOCS*, Rio de Janeiro: Vértice, n° 29, 1990.
- COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue*. A rebelião dos escravos de Demerara em 1823. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- COSTA, Miguel Ângelo Silva da. *Entre a Flor da Sociedade e a Escória da População: A experiência de homens livres pobres no eleitorado de Rio Pardo (1850-1880)*. Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.

COSTA, Miguel Ângelo Silva da. *Entre “a intolerância política” e a “sede ardente de mando”*. Família, poder e facções no tempo dos cunhados José Joaquim de Andrade Neves e João Luís Gomes da Silva (c.1845 c.1870). Tese (Doutorado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011.

COSTA, Vitor da Silva. *Trajetórias e Memórias de Famílias Negras no Pós-Abolição*. A família Baptista da Silva (c.1849-tempo presente). Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2020.

COUTO, Mia. *Jesusalem*. 9. ed. Lisboa: Ed. Caminho, 2009.

CHRISTILINO, Cristiano Luís. *Estranhos em seu próprio chão*. O processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul (o Vale do Taquari no período de 1840-1889). Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, UNISINOS, PPGH, 2004.

DAMASCENO, Karine Teixeira. *Para serem donas de si*. Mulheres negras lutando em família (Feira de Santana, Bahia,1871-1888). Tese (Doutorado em História) – Salvador, Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2019.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. Novas Perspectivas. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1992. p. 200-216.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Paulo. *A Outra Festa Negra*. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). *Festa*. Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa. V. 2. São Paulo: Hucitec / Editora da Universidade de São Paulo / Fapesp / Imprensa oficial, 2001. p. 859-890.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ETCHEVERRIA, Marcelo. *Rua da Praia ou Rua da Morte?* A pena de morte e a sua representação na Porto Alegre do século XIX (1818-1857). Dissertação (Mestrado em História) – Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FAGUNDES, Rosicler Maria Righi. *Esfaqueamento no Púlpito*. O comércio e suas elites em Cachoeira do Sul na segunda metade do séc. XIX (1845-1865). Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

FARIA, Octavio Augusto. *Dicionário geográfico, histórico e estatístico do Estado do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre / Santa Maria: Livraria do Globo, 1914.

FARINATTI, Luís Augusto. *Confins Meridionais*. Famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

FERREIRA, Gabriela Nunes. *O Rio da Prata e a consolidação do Estado Imperial*. São Paulo: Hucitec, 2006.

FERREIRA, R. Dinâmica do comércio intra-colonial. Geribitas, panos asiáticos e guerra no tráfico angolano de escravos (século XVIII). In: FRAGOSO, João;

BICALHO, M. F.; GOUVÊA, M. de F. (orgs.). *O antigo regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (Séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 339-378.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência. Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

FERREIRA, Roquinaldo Amaral. “Fazendas” em troca de escravos: circuitos de crédito nos sertões de Angola, 1830-1860. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 32, p. 75-96, dez., 1997.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras. Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FLORES, Giane Caroline. *Sob a farda da polícia: controle social trabalho, cor e prestígio (Porto Alegre, fins do século XIX)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2018.

FLORES, Moacyr. *Contrabando de Escravos*. Porto Alegre: Pradense, 2013.

FLORY, Thomas. *El juez de paz y el jurado en el Brasil imperial*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

FORTES, Amyr Borges; WAGNER, João Baptista Santiago. *História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1963.

FORTES, Amyr Borges; WAGNER, João Baptista Santiago. *História administrativa, judiciária e eclesiástica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1963.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1988.

FRANCO, Sérgio da Costa. Os enforcados em Porto Alegre: execuções da pena capital entre 1821 e 1857. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: IHGRGS, 2002. p. 19-39.

FRAIZ, Priscila. A Dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 11, n. 21, 1998.

GAGNÉ, John. Un Mundo de Papel: el aspecto material de la pérdida de documentos em la era premoderna. In: LYONS, Martyn; MARQUILHAS, Rita (orgs.). *Un Mundo de Escrituras*. Aportes a la historia de la cultura escrita. Buenos Aires: Ampersand, 2018.

GAMA, Alexandre de Oliveira. *Reflexões sobre a Diáspora Libanesa*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) – Brasília, Universidade de Brasília, 2020.

GARCIA, Elisa F. *As diversas formas de ser índio*. Políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa. Tese (Doutorado em História) – Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2007.

GIL, Tiago Luís. *Infêis Transgressores*. Os contrabandistas da fronteira (1760-1810). Dissertação (Mestrado em História) – Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

- GILROY, Paul. *Entre Campos. Nações, Culturas e o Fascínio da Raça*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GIMENO, Alejandro Jesus Fenker. *Apropriações e Comércio de Terras na Cidade de Cachoeira no contexto da Imigração Europeia (1850-1889)*. Dissertação (Mestrado em História) – Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2014.
- GINZBURG, Carlo. Provas e Possibilidades à margem de “Il ritorno de Martin Guerre”, de Natalie Davis. In: *A Micro-História e Outros Ensaios*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1991.
- GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1989.
- GINZBURG, Carlo. O inquisidor como antropólogo. In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- GINZBURG, Carlo. El juez y el historiador. *Acotaciones al margen del caso Sofri*. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1993.
- GREEN, James. O Pasquim e Madame Satã, a “rainha” negra da boemia brasileira. *Topoi*, v. 4, n. 7, p. 201-221, jul./dez. 2003.
- GRIGIO, Ênio. A Irmandade do Rosário e os conflitos gerados no processo de centralização clerical em Santa Maria/RS. *Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas*, Universidade Federal de Santa Maria, v. 16, p. 33-46, 2003.
- GRIGIO, Ênio. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Santa Maria (1873-1915). In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira (org.). *Nova História de Santa Maria: outras contribuições recentes*. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2012.
- GROSSO, José Luis. *Indios Muertos, Negros Invisibles*. Hegemonía, Identidad y Añoranza. Córdoba: Encuentro Grupo Editor, 2008.
- GUZZELLI, Cesar Augusto B. *O Horizonte da Província – A República Rio-Grandense e os caudilhos do Rio da Prata*. Porto Alegre: Linus Editores, 2013.
- GUIMARÃES, A. S. A. A República de 1889: utopia de branco, medo de preto (a liberdade é negra; a igualdade, branca e a fraternidade, mestiça). *Contemporânea, Dossiê Relações Raciais e Ação Afirmativa*, n. 2, p. 17-36, jul./dez. 2011.
- GUTIERREZ, Ester J. B. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2. ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.
- HAACK, Marina Camilo. *Sobre silhuetas negras*. Experiências e agências de mulheres negras escravizadas (Cachoeira, 1850 / 1888). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.
- HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe*. Uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação*, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

HARTMAN, Saidiya. O fim da supremacia branca. In: DU BOIS, W. E. B. *O Cometa*. São Paulo: Fósforo, 2021.

HEINZ, Flavio M. Elites, estado y reforma en Uruguay y Brasil meridional: castilhismo y batllismo en perspectiva comparada. El caso de las elites de Rio Grande do Sul en la transición del siglo XIX al XX. In: REGUERA, Andrea (coord.). *Los rostros de la modernidad*. Vías de transición al capitalismo. Europa y América latina siglos XIX-XX. Rosario: Prohistoria, 2006.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduo. Uma reflexão sobre Arquivos Pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, CPDOC-FGV, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 1997.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.16, p. 193-210, jan./abr. 2015.

HOOKS, Bell. *Anseios*. Raça gênero e políticas culturais. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. *E Eu não sou uma Mulher?* Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850*. Descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional. Porto Alegre: D. C. Luzzatto/EDUNI-SUL, 1986.

ISOLA, Ema. *La esclavitud en el Uruguay*. Desde sus comienzos hasta su extinción (1743-1852). Publicación de la Comisión Nacional de Homenaje del sesquicentenario de los hechos históricos de 1825, 1975.

IZECKSOHN, Vítor. *O Cerne da Discórdia*. A Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército. Dissertação (Mestrado em História) – Rio de Janeiro, IUPERJ, 1992.

KLEIN, Herbert. *O Tráfico de escravos no Atlântico*. Novas abordagens para as Américas. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2004.

KRAAY, H. *Política racial, Estado e Forças Armadas na época da Independência*: Bahia, 1790-1850. São Paulo: Hucitec, 2011.

KÜHN, Fábio; COMISSOLI, Adriano. Administração na América portuguesa: a expansão das fronteiras meridionais do Império (1680-1808). *Revista de História* (USP), v. 169, p. 53-81, 2013

KÜHN, Fábio. “Um corpo, ainda que particular”: irmandades leigas e Ordens Terceiras no Rio Grande do Sul colonial. *História Unisinos*, São Leopoldo, 14(2):121-134, maio/ago. 2010.

KUHN, Fabio. Clandestino e ilegal: o contrabando de escravos na Colônia do Sacramento (1740-1777). XAVIER, Regina Célia Lima. *Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 179/205.

KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira*: Família, Sociedade e Poder no Sul da América Portuguesa – Século XVIII. Tese (Doutorado em História) – Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2006.

- KÜHN, Fábio. *O projeto reformador da diocese do Rio de Janeiro*. As visitas pastorais no Rio Grande de São Pedro (1780-1815). Dissertação (Mestrado em História) – Porto Alegre, UFRGS, 1996.
- LANGAARD, Theodoro J. H. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. V. 3, 2. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1872.
- LARA, Sílvia. *Fragmentos setecentista*. Escravidão, cultura e poder na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LAYTANO, Dante de. *Folclore do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS; Porto Alegre: EST/Martins Livreiro, 1984.
- LEITE, Ilka Boaventura. *O legado do testamento*. A Comunidade de Casca em perícia. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: NUER/UFSC, 2004.
- LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no sul do Brasil*. Invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
- LEITMAN, Spencer. *Raízes Sócio-Econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- LELLO UNIVERSAL. *Novo Dicionário-Enciclopédico Luso-Brasileiro*. V. 1. Porto: Lello & Irmão, s/d..
- LIMA, Espada H. Sob o domínio da precariedade: escravidão e o significado da liberdade de trabalho no século XIX. *Revista Topoi*, v. 6, n. 11, p. 289-326, jul./dez. 2005.
- LIMA, Espada H. Sob o longo arco da emancipação: trajetórias individuais e protagonismo público em uma história de família – Desterro, 1826 – Florianópolis, 2007. In: MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana; MAMIGONIAN, Beatriz (org.). *Pós-Abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras*. Salvador: Saggá, 2020. p. 249-273.
- LIMA, Rafael Peter de. *Andrés Lamas e a atuação da Legação Oriental na Corte imperial brasileira: escravidão e relações internacionais (1847-1869)*. Tese (Doutorado em História) – PPGH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- LODY, Raul. *O negro no Museu Brasileiro: Construindo Identidades*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- LOPES, Nei. Cultura Banta no Brasil: uma introdução. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Cultura em movimento*. matrizes africanas e ativismo negro no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2014. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, volume 2).
- LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- LOPES, Vicente Zeferino Dias. *Nótulas sobre a história eclesiástica do Rio Grande do Sul – 1737-1891*. Cachoeira do Sul, 1891.
- LYONS, Martyn; MARQUILHAS, Rita (orgs.). *Un Mundo de Escrituras*. Aportes a la historia de la cultura escrita. Buenos Aires: Ampersand, 2018.
- MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues; ZUBARAN, Maria Angélica. Representações racializadas de negros nos museus: o que se diz e o que se ensina.

MATTOS, Jane Rocha de. *Museus e Africanidades*. Porto Alegre: Edições Museu Julio de Castilhos, 2013. p. 137-156.

MACHADO, Maria Helena P. T.; BRITO, Luciana da Cruz; VIANA, Iamara da Silva; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Ventres livres? Genero, maternidade e legislação*. São Paulo: Unesp, 2021.

MAGGIE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos Livre*. A abolição do tráfico de escravos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MANGUEL, Alberto. *Encaixotando minha biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MARQUES, Eliane. Exu, o Herói Denegado. *Zero Hora*, p. 5, 11 e 2 de junho de 2022.

MARQUES, Leticia Rosa Marques. *O Maestro Joaquim José de Mendanha*. Música, devoção e mobilidade social na trajetória de um pardo no Brasil Oitocentista. Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões*. Medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MATHEUS, Marcelo Santos; MOREIRA, P. R. S. As Matrículas de Escravos da Capitania de São Pedro do Rio Grande: análise da população cativa das freguesias de Mostardas, Cachoeira e Triunfo – 1787 / 1788. *Anais do 6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Florianópolis: UFSC, 2013. p.1-21.

MATHEUS, Marcelo dos Santos. *A Produção da Diferença*. Escravidão e desigualdade social ao sul do Império brasileiro (c.1820-1870). São Leopoldo: Oikos/IFRS, 2021.

MATHEUS, Marcelo dos Santos. *A produção da diferença*. Escravidão e desigualdade social ao sul do Império brasileiro (Bagé, c.1820-1870). Tese (Doutorado em história) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto de História – Programa de Pós-Graduação em História Social: Rio de Janeiro, 2016.

MATTOS, Jane Rocha de. *Museus e Africanidades*. Porto Alegre: Edições Museu Julio de Castilhos, 2013.

MEDEIROS, Maria Ricken de; WITT, Nara Beatriz. Trilhando investigações sobre o quadro de Aurélio Viríssimo de Bittencourt. In: MATTOS, Jane Rocha de. *Museus e Africanidades*. Porto Alegre: Edições Museu Julio de Castilhos, 2013. p. 121-136.

MEIRELLES, Pedro Von Mengden. *Os Filhos da Mãe Santíssima*. Os Terceiros das Dores e os Irmãos da Misericórdia na Porto Alegre do século XIX (1800-1850). Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

MELLO, Marcelo Moura. *Caminhos Criativos da História*. Territórios da Memória em uma Comunidade Negra Rural. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A História, Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 34, 1992.

MOREIRA, P. R. S. Voluntários Negros da Pátria. O recrutamento de escravos e libertos na Guerra do Paraguai. In: *Gente de Guerra e Fronteira*. Estudos de História Militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2010. p. 175-198.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. “E se fazendo a adivinhação da peneira caíra no preto acusado”: lideranças etno-religiosas numa sociedade escravista (Porto Alegre, XIX). In: GOMES; Flávio; COSTA, Valéria (orgs.). *Religião e Religiosidade negras no Brasil*. Da escravidão e pós-emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2015. p. 100-130.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. O Aurélio era preto: Trabalho, associativismo e capital relacional na trajetória de um homem pardo no Brasil Imperial e Republicano. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUC/RS, v. 40, p. 85/127, 2014:.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. *Entre o Deboche e a Rapina*. Os cenários sociais da criminalidade popular em Porto Alegre. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; RIBEIRO, José Iran; MUGGE, Miquéias Henrique. *A Morte do Comendador*. Eleições, crimes políticos e honra (Antonio Vicente da Fontoura, Cachoeira, RS, 1860). São Leopoldo: Oikos/Editora da Unisinos, 2016.

MOREIRA, P. R. S.; MUGGE, Miquéias Henrique. Todos de bons costumes e amantes do culto do Divino: devoção negra em uma zona de imigração europeia (a irmandade do Rosário e São Benedito de São Leopoldo, RS). In: *Do tráfico ao pós-abolição*. Trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 392-422.

MOREIRA, P. R. S.; MUGGE, Miquéias Henrique; CARDOSO, Raul Róis Schefer. “Gozam no mercado da fama de bem morigerados e obedientes”: Trajetórias mercantis no oitocentos (Barão de Guaíba / de Lisboa ao Brasil Meridional). In: *História, Cultura & Patrimônio*: experiências de pesquisa. 2. ed. Porto Alegre: Editora FI, 2019. p. 161-196.

MORRISON, Toni. *Compaixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MUGGE, Miquéias; COMISSOLI, Adriano (org.). *Homens e Armas*. Recrutamento Militar no Brasil. Séc. XIX. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 113-143.

MUGGE, Miquéias Henrique. *Senhores da Guerra*. Elites militares no Sul do Império do Brasil (Comandantes Superiores da Guarda Nacional – 1845-1873). Tese (Doutorado em História) – Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Programa de Pós-Graduação em História Social, 2016.

MÜLLER, Liane Susan. *“As Contas do Meu Rosário são Balas de Artilharia”*. Irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

MULLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*: irmandade, jornal e sociedades negras em Porto Alegre 1889-1920. Dissertação (Mestrado em História) – Porto Alegre, PPGH/PUCRS, 1999.

NASCIMENTO, Mara Regina do. *As irmandades no meio urbano: práticas funerárias e religiosidade entre os leigos*. Porto Alegre (1780-1850). Tese (Doutorado em História) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

NEDEL, Leticia Borges. *Um Passado Novo para uma História em Crise*. Regionalismo e Folcloristas no Rio Grande do Sul (1948-1965). Tese (Doutorado em História) – Brasília, Universidade de Brasília, 2005.

NEUMANN, Eduardo. “Uma fronteira tripartida: a formação do continente do Rio Grande – século XVIII”. In: *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 25-46.

OLIVEIRA, Anderson José Machado. *Devoção negra*. Santos pretos e catequese no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2008.

OLIVEIRA, Renata Saldanha. *Cativos Julgados: Experiências Sociais Escravas de Autonomia, Sobrevivência e Liberdade em Cachoeira do Sul na Segunda Metade do Século*. Dissertação (Mestrado em História) – Santa Maria, PPGH/Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira. *Sobre Águas Revoltas: cultura política maruja na cidade portuária de Rio Grande/RS (1835-1864)*. Tese (Doutorado em História). PPGH-UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. *De Manoel Congo a Manoel de Paula*. Um africano ladino em terras meridionais (meados do século XIX). Porto Alegre: EST Edições, 2006.

ORO, Ari Pedro (org.). *As Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

OSÓRIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. V. 2, 3. ed. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1998.

OSÓRIO, Helen. *O império português no sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PACHECO, Henrique Melatti; MOREIRA, Paulo; HAACK, Marina. *Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul – RS)*. (In)visibilidade negra, devoção, memória e as artes da resistência. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PACHECO, Henrique Melatti. *As Cores da Devoção*. Um estudo relacional sobre as cores, os lugares sociais e os nomes inscritos em documentos de irmandades leigas da vila da Cachoeira (do Sul – RS, Séc XIX). Dissertação (Mestrado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2022.

PEIXOTO, José Luiz. *Em teu ventre*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PERUSSATTO, Melina Kleinert; WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Problematizando Raça a partir da Guerra Civil de 1893-1895. In: VARGAS, Jonas (org.). *Belicosas fronteira*. Contribuições recentes sobre política, economia e escravidão em sociedades americanas (século XIX). Porto Alegre: Editora Fi, 2017. p. 305/322.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora NÓS, 2017.

PINTO, Natália Garcia. *A benção Compadre: experiências de parentesco, escravidão e liberdade em Pelotas, 1830/1850*. Dissertação (Mestrado em história) – PPGH / Unisinos, São Leopoldo, 2012.

PINTO, Natália; MOREIRA, Paulo; AL-ALAM, Caiuá. *Os Calhambolas do General Manoel Padeiro. Práticas quilombolas na Serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835)*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PINTOS, Aníbal Barrios. *Historias privadas de la esclavitud: um processo criminal em tempo de la Cisplatina*. In: BARRAN, José Pedro; CAETANO, Gerardo; PORZECANSKI, Teresa. *Historias de la Vida Privada em el Uruguay*. Montevideu: Ediciones Santillana, 1996. p. 173-195.

PIRES, Karen Daniela. *Compadrio, Parentesco e Família*. Escravizados, libertos e livres na paróquia de São José de Taquari/Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Taquari, Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, 2021.

PIROLA, Ricardo. *Escravos e Rebeldes nos Tribunais do Império*. Uma história social da lei de 10 de Junho de 1835. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.

PORTO ALEGRE, Achylles. *História Popular de Porto Alegre*. Porto Alegre: Unidade Ed., 1994.

PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e Ensaio de Promessa*. Um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil. Tese (Doutorado em Música – Etnomusicologia) – Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

QUERINO, Manoel. *A Arte Culinária na Bahia*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957. (Coleção de Estudos Brasileiros).

REGINALDO, Lucilene. *Os rosários dos angolas*. Irmandades de africanos e crioulos na Bahia setecentista. São Paulo: Alameda, 2011.

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angola*. Irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista. Tese (Doutorado em História) – Campinas: Unicamp, 2005.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil*. A História do levante dos Malês em 1835. Edição revista e aumentada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REIS, João José. “Magia jeje na Bahia: a invasão do calundu do Passo de Cachoeira, 1785”. *Revista Brasileira de História*, v. 8, n. 16, p. 57-81, 1988.

RIBEIRO, João Luiz. *No meio das galinhas as baratas não têm razão: a Lei de 10 de junho de 1835: os escravos e a pena de morte no Império do Brasil: 1822-1889*. Rio de Janeiro: Renovar, 2005.

RIBEIRO, José Iran. O fortalecimento do Estado Imperial através do recrutamento militar no contexto da Guerra dos Farrapos. *Revista Brasileira de História* (Impresso), v. 31, p. 70-90, 2011.

RIBEIRO, José Iran. *Quando o serviço os chamava: os milicianos e os guardas nacionais gaúchos (1825-1845)*. Santa Maria: EDUFMS, 2005.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos. Departamento de Arquivo Público. *Documentos da escravidão: inventários: o escravo deixado como herança*. 4 vol. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2010. (Coordenação Bruno Stelmach Pessi).

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Administração e Recursos Humanos. Departamento de Arquivo Público. *Documentos da escravidão*. Catálogo Seletivo de cartas de liberdade. Acervo dos Tabelionatos de municípios do interior do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: CORAG, 2006. II Volume. Disponível em: <<http://www.apers.rs.gov.br>>.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*. Tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1997.

RODRIGUES, Jaime. *De Costa a Costa*. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

RODRIGUES, Jaime. *O Infame Comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas: Unicamp, 2000.

RODRIGUES, José Honório (org.). *Anais do Conselho de Estado*. Brasília: Senado Federal, 1979.

RODRÍGUEZ, José A. Victoria. *Evolución Histórica de la policia uruguaya*. Tomo 1. Montevideu: Biblos, 2005.

RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul*. V. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul*. V. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

RUBIÃO, Fernanda Pires. *Os negros do Rosário*. Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950-2009). Dissertação (Mestrado em História Social) – Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2010.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. *Escravos e libertos no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai*. Escravidão e Cidadania na Formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SANTIAGO, Silvana Santiago. *Tal Conceição, Conceição de Tal*. Classe, gênero e raça no cotidiano de mulheres pobres no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Dissertação (Mestrado em História) – Campinas, PPGH/Unicamp, 2006.

SANTOS, S. Boaventura. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS, Jocélio Teles dos. De Pardos disfarçados a brancos pouco claros: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX. *Afro-Ásia*, v. 32, p. 115-137, 2005.

SCHERER, Jovani de Souza. *Experiências de busca pela liberdade*. Alforria e comunidade africana (Rio Grande, século XIX). Dissertação (Mestrado em História) – PPGH / Uniisnos, São Leopoldo, 2008.

SCHMACHTENBERG, Ricardo. *A arte de governar*. Redes de poder e relações familiares entre os juizes almotacés na Câmara Municipal de Rio Pardo/RS, 1811-c. 1830. Tese (Doutorado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso. Complexificando a interseccionalidade: Perspectivas queer sobre o mundo do trabalho. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 10, n. 19, p. 31-41, Edição Especial 2018.

SCOTT, James C. *A Dominação e a Arte da Resistência*. Discursos Ocultos. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2013.

SILVA, Maciel Henrique Carneiro da. *Domésticas criadas entre textos e práticas sociais*. Recife e Salvador (1870-1910). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Maciel Henrique Carneiro da. O trabalho doméstico livre e a lei nos anos finais da escravidão no Brasil. In: *6º Encontro escravidão e liberdade no Brasil Meridional*, Universidade Federal de Santa Catarina, Maio, 2013.

SILVA DE CARVALHO, Veruska Lauriana da. *A cidade e a masculinidade*. Tornar-se homem em Parnaíba-PI de 1900 a 1950. Dissertação (Mestrado em História) – Teresina-PI, Universidade Federal do Piauí, 2011.

SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Tomo 1 e 2. Rio de Janeiro: Oficinas da S. A. / Litho-Litotipographia Fluminense, 1922. (Edição fac-símile da 2ª edição, de 1813, sendo a 1ª edição de Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, em 1789).

SILVA, Augusto da. *Rafael Pinto Bandeira: de bandoleiro a governador* – Relações entre os poderes privado e público no Rio Grande de São Pedro. Dissertação (Mestrado em História) – Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS, 1999.

SILVA, Giovana de Oliveira. *Entre a Ordem e a Insolência*. Agência e subalternidade das trabalhadoras domésticas (Cachoeira, RS, 1880 / 1900). Trabalho de Conclusão (Curso de Graduação em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2021.

SILVA, Jonathan Fachini da. *A assistência e a exposição de crianças na formação de um território* (Rio Grande de São Pedro, séculos XVIII e XIX). Tese (Doutorado em História) – São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2018.

SOARES, C. E. L.; GOMES, F.; GOMES, J. B. F. *No Labirinto das Nações*. Africanos e Identidades no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, Século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SÔNIGO, Aline. “*Sob a condição que continue em nossa companhia*”. As décadas finais da escravidão e a transição para o trabalho livre em um município Rio-grandense (Cachoeira 1871/1889). Dissertação (Mestrado em História) – Passo Fundo, PPGH – Universidade de Passo Fundo, 2011.

SÔNEGO, Aline. “*Correspondemos a uma Aspiração de Nossa Classe*”. O pós-abolição a partir do jornal O Astro (Cachoeira e Rio Pardo, RS). Tese (Doutorado em História) – Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria / UFSM, 2022.

SOUZA, Flavia Fernandes de. *Criados, Escravos e Empregados*. O serviço doméstico e seus trabalhadores na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2017.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. História de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Marina de Mello e. História, Mito e Identidade nas Festas de Reis Negros no Brasil – Séculos XVIII e XIX. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). *Festa. Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*. V. I. São Paulo: Hucitec / Editora da Universidade de São Paulo / Fapesp / Imprensa Oficial, 2001.

SOUZA, Susana Bleil de; PRADO, Fabrício. Brasileiros na fronteira uruguaia: economia e política no Século XIX. In: GRIJÓ, Luiz Alberto [et al]. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SPITZER, Leo. *Vidas de Entremeio*. Assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

STAKONSKI, Michelle Maria. *Da Sacristia ao Consistório*. Tensões da romanização no caso da Irmandade de Nossa senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos – Desterro/Florianópolis (1880/1910). Itajaí, UDESC / Casa Aberta, 2008.

STUDER, Elena F. S. de. *La trata de negros em el Rio de la Plata durante el siglo XVIII*. Montevideu: Libros de Hispanoamérica, 1984.

SWEET, James H. *Recriar a África*. Cultura, Parentesco e Religião no Mundo Afro-Português (1441-1770). Lisboa: Edições 70, 2007. (Lugar da História, 69).

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades Religiosas, Devoção e Ultramontanismo em Porto Alegre no Bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

TELLES, Lorena Féres da Silva. *Libertas entre sobrados*. Contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TENÓRIO, Jeferson. *O Averso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

THOMPSON FLORES, Mariana. *Contrabando e Contrabandistas na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (1851-1864)*. Dissertação (Mestrado em história) – PPGH / UFRGS, Porto Alegre, 2007.

TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho S/A, 1988.

VARGAS, Jonas Moreira. *Pelas Margens do Atlântico*: Um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX). Tese (Doutorado em História) – PPGH / UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

VENÂNCIO, Giselle Martins. *Oliveira Vianna entre o espelho e a máscara*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clío: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 13, p. 90-109, set./dez. 2014.

VIANA, Larissa. *O idioma da mestiçagem*. As irmandades de pardos na América Portuguesa. Campinas: Unicamp, 2007.

VIANA, Larissa. *O Idioma da Mestiçagem: as irmandades de pardos na América Portuguesa*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Editora da USP, 2010.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2018.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *Felisberta e sua gente: consciência histórica e racialização em uma família negra no pós-emancipação rio-grandense*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Alguém falou em teoria quare? Pensando raça e sexualidade a partir da crítica de intelectuais LGBTQIA + negres norte-americanes à teoria queer. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 41, n. 88, 2021.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *Os nomes da liberdade: Ex-escravos na serra gaúcha no pós-abolição*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. *A gente da Felisberta*. Consciência histórica, história e memória de uma família negra no litoral rio-grandense no pós-emancipação (c. 1847-tempo presente). Tese (Doutorado em História) – Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2013.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Tia Maria Tereza, os fantasmas e o pote de ouro. Estruturas e reavaliações funcionais de narrativas míticas sobre a escravidão entre descendentes de cativos. Osório, século XX. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 11, p. 379-392, 2014.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. “Frescos” e “valentes”: As homossexualidades masculinas entre subalternos no Rio Grande do Sul (década de 1930). In: RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço; VERAS, Elias Ferreira; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Clío sai do armário*. Historiografia LGBTQIA+. São Paulo: Letra e Voz, 2021a. v. 1, p. 79-95.

WITTER, Nikelen Acosta; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. “O Exercício de Curar Supõe o Hábito e Costume de o Fazer”: boticas e boticários no oitocentos no Brasil meridional. *História em revista*, Universidade Federal de Pelotas, v. 26/1, dez. 2020. Pelotas: Editora da UFPEL, 2020.

XAVIER, Regina Célia Lima. *Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 207-228.

ZABIELA, Eliane. *A presença brasileira no Uruguai e os tratados de 1851 de comércio e navegação, de extradição e de limites*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH / UFRGS, Porto Alegre, 2002.

Nelacino de Araújo Bastos
Francisco de Vilhena Soares

Lino Hersonogeanio dos Santos

Miguel + Gerardo de Gonzalo Pestalari

José de Almeida da Silva da Paço

J. C. C. + Bento Barbosa

Triziviel da Cunha

A escravidão é o avesso do acolhimento, a insistência na subalternização, na desumanização, no desrespeito, no investimento na construção de alteridades negativas. Se a escravidão é o avesso do acolhimento, espaços como o Consistório da irmandade do Rosário, construído e mantido como território comunal e de comunhão de devotos negros, congregou parcerias, engendrou lembranças compartilhadas, serviu de local educativo e politizador, onde se forjaram e consolidaram lideranças étnico-raciais.

